Universidade de São Paulo – USP
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

GABRIEL DOS SANTOS FRADE

Entre Renascimento e Barroco:
os Fundamentos da Arquitetura Religiosa e a Contrarreforma – o *De*
Fabrica Ecclesiae de Carlos Borromeu.

São Paulo, 2016

GABRIEL DOS SANTOS FRADE

Entre Renascimento e Barroco:

os Fundamentos da Arquitetura Religiosa e a Contrarreforma – o *De Fabrica Ecclesiae* de Carlos Borromeu.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo, como requisito para a
obtenção do grau de Doutor em Ciências,
Programa de Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo

Orientador: Professor Doutor Benedicto Lima de Toledo

São Paulo, 2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Email do autor: fradegab@gmail.com

Frade, Gabriel dos Santos

F799e Entre renascimento e barroco: os fundamentos da arquitetura religiosa e a contrarreforma – o *De Fabrica Ecclesiae* de Carlos Borromeu / Gabriel dos Santos Frade. -- São Paulo, 2016.

550 p. : il.

Tese (Doutorado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUUSP.

Orientador: Benedicto Lima de Toledo

1.Edifícios religiosos 2.Barroco 3.Contrarreforma 4.Renascimento
5.Borromeu, Carlos, 1538-1584 I.Título

CDU 726

FOLHA DE APROVAÇÃO

FRADE, Gabriel dos Santos

Entre Renascimento e Barroco: os Fundamentos da Arquitetura Religiosa e a Contrarreforma – o *De Fabrica Ecclesiae* de Carlos Borromeu.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo, como requisito para a
obtenção do grau de Doutor em Ciências,
Programa de Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo

Banca Examinadora

Aprovado em:

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

À Deus,
à minha esposa e filhos,
minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo ao meu orientador e amigo, o Prof. Dr. Benedicto Lima de Toledo, de quem aprendi sapiência e generosidade.

À Suzana Toledo, por sua delicadeza e prontidão em ajudar.

Ao Prof. Dr. Gregório Karl Lutz, que sem sua preciosa ajuda, paciência e atenção, este trabalho não existiria.

Aos amigos Padre Giovanni Cosimati, Padre Beniamino Resta, Pe. Massimo Casaro, a meu irmão Décio Frade e à amiga Simone Duarte: incansáveis “mineradores” de obras estrangeiras que ajudaram a compor este trabalho.

Aos Professores Doutores Maria Helena Flexor, amiga da primeira hora; Mário Henrique d’Agostino, professor inspirador e admirado pela erudição; Deusa Boaventura, que me acompanhou nos primeiros passos; Ney de Souza, amigo de excelentes observações e contribuições.

À minha mulher e filhos que se sacrificaram para que o marido e pai pudesse trabalhar nesta obra.

Aos meus pais, que souberam inculcar aos filhos o gosto pelo saber

Aos funcionários da FAUUSP pela atenção e pelo carinho.

A toda Companhia de Jesus – Jesuítas pela formação recebida.

EPÍGRAFE

*“Est ergo in nobis quaedam, ut ita dicam,
docta ignorantia, sed docta spiritu Dei
qui adiuvat infirmitatem nostram”*

S. Augustinus (Ep. 130,28)

*“Portanto existe em nós, por assim dizer,
uma ignorância douta, mas douta pelo Espírito de Deus,
que vem em auxílio de nossa fraqueza”*

S. Agostinho (Ep. 130, 28)

RESUMO

Entre Renascimento e Barroco:

os Fundamentos da Arquitetura Religiosa e a Contrarreforma – o *De Fabrica Ecclesiae* de Carlos Borromeu. 2016. 550 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

A arquitetura religiosa da época do Renascimento apresentou criações balizadas pela reflexão teórica florescida nesse período, por meio das elaborações dos Tratados de arquitetura. No contexto histórico conturbado do início da idade moderna, as questões religiosas envolvendo a contestação do protestantismo e a reação da contrarreforma por parte da Igreja Católica, principalmente por meio do evento emblemático do Concílio de Trento (1545-1563), trouxeram influências nas artes figurativas desse período. No campo da arquitetura religiosa, a influência também se faz sentir. Carlos Borromeu (1538-1584), arcebispo da cidade de Milão, expoente do pensamento contrarreformista, produz aquela que é considerada a única obra desse campo de ideias no que diz respeito à arquitetura religiosa, trata-se das suas *Instructionum Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo* (1577). Por meio da ação de seu arquiteto de confiança, Pellegrino Tibaldi (1527-1596), o Borromeu introduz um amplo programa de transformações no espaço arquitetônico, privilegiando aspectos funcionais relativos ao decoro do culto, correspondendo em grande medida às ideias postuladas pelo Tridentino. Este trabalho visa dar conhecimento desse texto do Borromeu por meio de uma tradução inédita do texto original latino para a língua portuguesa.

Palavras-chave: Arquitetura religiosa, Barroco, Carlos Borromeu, Contrarreforma, Renascimento

ABSTRACT

Between Renaissance and Baroque:

the Religious Architecture Fundamentals and Protestant Reformation- o De Fabrica Ecclesiae Carlos Borromeo. 2016. 550 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

The religious architecture of the Renaissance period presented creations buoyed by growing up theoretical reflection in this period, through elaborations of architecture treaties. In the troubled historical context of the early modern age, religious issues involving the contestation of Protestantism and the reaction of Protestant Reformation by the Catholic Church, particularly through the flagship event of the Council of Trent (1545-1563), brought influences in the figurative arts of this period. In the field of religious architecture, the influence is also felt. Charles Borromeo (1538-1584), archbishop of Milan, exponent of Protestant Reformation though, produces that which is considered the only work of this field of ideas with regard to religious architecture, it is their *Instructionum Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo* (1577), also known as *De Fabrica Ecclesiae*. Through the action of his trusted architect Pellegrino Tibaldi (1527-1596), the Borromeo introduces a comprehensive transformation program in architectonic space, focusing on functional aspects of the service decorum, corresponding largely to the ideas postulated by Tridentine. This work aims to inform this Borromean text through an unpublished translation of the original Latin text into Portuguese.Language.

Key-words: Religious Architecture, Baroque, Charles Borromeo, Protestant Reformation, Renaissance

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Canonização de Carlos Borromeu na Basílica de São Pedro, incisão de Giovanni Maggi, 1610. In: TUZI, Stefania. Le Colonne e il Tempio di Salomone. Roma: Gangemi, 2002, p. 185.

Fig. 2: Retrato do Imperador Carlos V feito por Tiziano, 1548. Alte Pinakothek, Munique – Alemanha. Disponível in: https://it.wikipedia.org/wiki/Ritratto_di_Carlo_V_seduto acesso, 07.08.2014.

Fig. 3: Papa Paulo III tem a visão do concílio de Trento, pintura de Sebastiano Ricci, 1687-1688, Museu cívico, Piacenza - Itália. Disponível in: http://www.wikiwand.com/it/Concilio_di_Trento acesso, 07.08.2014.

Fig. 4: Papa Júlio III, pintura de anônimo romano, século XVI; Palazzo Spada, Roma - Itália. Disponível in: http://catalogo.fondazionezeri.unibo.it/scheda.jsp?decorator=layout_resp&apply=true&ti po_scheda=F&id=71756&titolo=Anderson+%2C+Roma.+Giulio+III+-+Scipione+Pulzone+Palazzo+Spada+-+insieme acesso 03.08.2013.

Fig. 5: Estátua de Pio IV abençoando. Obra de Angelo Marini, chamado de “Siciliano”, mármore, 1567, Duomo de Milão - Itália. Disponível in: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwimnveTy-nPAhXEgpAKHcxdA0wQjxwIAw&url=http%3A%2F%2Fwww.lombardiabeniculturali.it%2Ffotografie%2Fschede%2FIMM-3a010-0007267%2F&v6u=https%3A%2F%2Fs-v6exp1-ds.metric.gstatic.com%2Fgen_204%3Fip%3D177.139.60.33%26ts%3D1476973519567080%26auth%3Dnzoqpahdvn4f5aq4jiq7qsyd5q5z3aeo%26rndm%3D0.33654035645455327&v6s=1&v6t=3822&bvm=bv.136499718,d.Y2l&psig=AFQjCNESSON3v2WqewXINNRZ4MnuEeu_Hw&ust=1477059919500637 acesso 03.08.2013.

Fig. 6: Sessão conclusiva do concílio de Trento. Pintura atribuída a Nicolò Dorigatti, 1711. Museu diocesano tridentino. Disponível in: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwilyqe_y-nPAhVCDZAKHQtBBqwQjxwIAw&url=https%3A%2F%2Fcommons.wikimedia.org%2Fw

iki%2FFile%3ANiccol%25C3%25B2Dorigatti_AperturaConcilioTrento.jpg&bvm=bv.136499718,d.Y2I&psig=AFQjCNHMEEnAKBG3lGZeaJHeltU-Ob1KfTQ&ust=1477060004152552 acesso, 05.06.2013.

Fig. 7: Nota com as datas de nascimento de Frederico, Vitaliano e Carlos Borromeu. Isola Bella, Archivio Borromeo. In: AA. VV. *Il Grande Borromeo tra Storia e Fede*. Milano: Cassa di Risparmio, 1984, p. 10.

Fig. 8: Carlos Borromeu menino. Autor ignoto, Coleção privada da família Borromeu. In: AA. VV. *Il Grande Borromeo tra Storia e Fede*. Milano: Cassa di Risparmio, 1984, p. 12.

Fig. 9: Carlos Borromeu, jovem cardeal. Pintura de Carlo Dolci, 1659, detalhe, Palácio Pitti, Florença. Disponível in <http://necspenecmetu.tumblr.com/post/9285905680/carlo-dolci-saint-carlo-borromeo-1659> acesso 07.08.2013.

Fig. 10: Academia das Noites Vaticanas, incisão de J.A. Saxius, Milão, 1748. Disponível in <http://www.horti-hesperidum.com/show.php?item=230> acesso 08.08.2013.

Fig. 11: Entrada solene do Borromeu em Milão. Pintura de Filippo Abbiati, 1670-80. Duomo de Milão. Disponível in <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwiJ66LOzOnPAhVDvZAKHc--B1cQjxwIAw&url=http%3A%2F%2Fwww.to.chiesadimilano.it%2Ffor4%2Ffor%3Fuid%3DADMlesy.main.index%26oid%3D365532&bvm=bv.136499718,d.Y2I&psig=AFQjCNEql2Bf9EvBqPbo9TnlkWNHitK0-w&ust=1477060311350335> acesso 08.08.2013.

Fig. 12: Mapa feito por ocasião da visita pastoral de Carlos Borromeu a Cesano em 1566. Conservado no Arquivo da Cúria arcebispal de Milão. Disponível in https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwj6oouSzenPAhUHH5AKHTMKA3UQjxwIAw&url=http%3A%2F%2Fwww.storiadimilano.it%2FRepertori%2Fcasine%2Fcasineweb.htm&bvm=bv.136499718,d.Y2I&psig=AFQjCNEbwfvNyWipzYnND-E_dPCLrnYo1Q&ust=1477060453108414 acesso 08.08.2013.

Fig. 13: Carlos Borromeu milagrosamente salvo do atentado. Giovanni Battista della Rovere, 1670-80, Duomo de Milão. Disponível in https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwiXvpW3zenPAhXFi5AKHcdUCa0QjxwIAw&url=http%3A%2F%2Fviaggiatoricheigno.rano.blogspot.com%2F2014%2F09%2Fho-sparato-alla-schiena-di-carlo.html&bvm=bv.136499718,d.Y2l&psig=AFQjCNEqyIM2E-rG4J_gYAGa_4mqwqcZ-A&ust=1477060533898474 acesso 08.08.2013.

Fig. 14: Máscara mortuária de Carlos Borromeu. Convento de Porta Monforte, Milão. Disponível in <http://www.chiesadimilano.it/news/arte-cultura/arte-anno-2010/san-carlo-appunti-francescani-1.37185> acesso 08.08.2013.

Fig. 15: Incisão: Carlos Borromeu circundado por suas fundações, Autor ignoto, Século XVII, Biblioteca Ambrosiana, Milão. Apud: AA. VV. *La Città Rituale*. Milano: Franco Angeli, 1982, p. 13.

Fig. 16. Afresco representando a Igreja antes de Carlos Borromeu. Autoria de Alessandro Gorla, 1620. Foto: acervo pessoal.

Fig. 17. Planta de Alberti para a igreja de San Sebastiano, Mântua, Itália. Disponível in <https://www.pinterest.com/pin/466192998899640401/> acesso 09.07.2016.

Figs. 18 e 19. À esquerda, Planta do Pantheon de Roma e planta de Santa Maria degli Angeli, de Filippo Brunelleschi, Florença. À direita estado atual da “Rotonda de Brunelleschi”. Disponível in http://www.wikiwand.com/it/Rotonda_del_Brunelleschi acesso 09.07.2016.

Fig. 20. Planta de igreja em forma de cruz. Pietro Cataneo. Disponível in <http://www.gettyimages.com/photos/pietro-cataneo> acesso 09.07.2016.

Fig. 21. Plantas dos Oratórios das confrarias leigas de Roma, anteriores a Trento. Apud: BENEDETTI, Sandro. *Aspetti e Connessioni nell'Architettura della Riforma Cattolica tra Roma e Milano*. In. AA. VV. *Studia Borromaica*. Milano: Ambrosiana, 1997, p. 15

Fig. 22: Planta da cidade de Milão. Nunzio Galiti, 1578. Milão, Civica Raccolta delle Stampe Achille Bertarelli. Apud: AA. VV. *La Città Rituale*. Milano: Franco Angeli, 1982, p. 11.

Fig. 23. Autorretrato de Pellegrino Tibaldi.s. d., Florença. Apud: TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Il San Fedele di Milano*. Milano: Nodolibri, 1994 . p. 21.

Fig. 24. Desenho de Pellegrino Tibaldi para o Batistério do Duomo, Milão. Disponível in <http://www.disegniduomomilano.it/disegni/detail/170/>, acesso 09.08.2016.

Fig. 25. Batistério do Duomo de Milão. Estado atual. Foto: REPISHTI, Francesco. *Un primo progetto per il nuovo Battistero del Duomo di Milano*. In: AA. VV. *Studia Borromaica*. Milano: Ambrosiana, 1997, p. 186.

Fig. 26. Coro do Duomo de Milão. Projeto de Pellegrino Tibaldi. Foto: SCOTTI, A. *Un disegno di architettura militare di Pellegrino Pellegrini e qualche riflessione a margine di alcuni fogli*. In: AA. VV. *Studia Borromaica*. Milano: Ambrosiana, 1997, p. 124.

Fig. 27. Desenho para o teto do *scurolo*. Projeto de Pellegrino Tibaldi. Disponível in <http://www.disegniduomomilano.it/disegni/detail/170/>, acesso 09.08.2016.

Fig. 28. Detalhe do trabalho de estuque no teto do *scurolo*, situação atual. Projeto de Pellegrino Tibaldi, Duomo de Milão. Foto: SCOTTI, A. *Un disegno di architettura militare di Pellegrino Pellegrini e qualche riflessione a margine di alcuni fogli*. In: AA. VV. *Studia Borromaica*. Milano: Ambrosiana, 1997, p. 125.

Fig. 29. Desenho para o pavimento do *scurolo*. Projeto de Pellegrino Tibaldi. Disponível in <http://www.disegniduomomilano.it/disegni/detail/170/>, acesso 09.08.2016.

Fig. 30. Projeto de Pellegrino Tibaldi para o *scurolo* do Duomo. Disponível in <http://www.disegniduomomilano.it/disegni/detail/170/>, acesso 09.08.2016.

Fig. 31. Desenho de Pellegrino Tibaldi para a colocação do tabernáculo no Duomo. Disponível in <http://www.disegniduomomilano.it/disegni/detail/170/>, acesso 09.08.2016.

Fig. 32. Projeto de Pellegrino Tibaldi para o tabernáculo do Duomo de Milão. Disponível in <http://www.disegniduomomilano.it/disegni/detail/170/>, acesso 09.08.2016.

Fig. 33. Tabernáculo do Duomo de Milão. Situação atual. Foto: SCOTTI, A. *Un disegno di architettura militare di Pellegrino Pellegrini e qualche riflessione a margine di alcuni fogli*. In: AA. VV. *Studia Borromaica*. Milano: Ambrosiana, 1997, p. 127.

Fig. 34. Planta da primitiva San Fedele e sua posição hipotética em relação à disposição da planta atual. In: TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Op. cit.* p. 123

Fig. 35. Planta centralizada de San Fedele. In: TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Op. cit.* p. 119

Fig. 36. Projeto de Pellegrino Tibaldi para a fachada de San Fedele. In: TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Op. cit.* p. 139

Fig. 37. Seção Longitudinal de San Fedele. Pellegrino Tibaldi. In: TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Op. cit.* p. 140

Fig. 38. Corpo lateral de San Fedele. Pellegrino Tibaldi. In: TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Op. cit.* p. 141.

Fig. 39. San Fedele. Vista interna. Foto: ACKERMAN, J. S. *Pellegrino Tibaldi, Carlo Borromeo e l'Architettura Ecclesiastica*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 584.

Fig. 40. Projeto de Pellegrino Tibaldi para a igreja votiva de San Sebastiano. PELLEGRINI, Pellegrino. *L'Architettura*. Milano: Il Polifilo, 1990, p. 37.

Fig. 41. Planta de Pellegrino Tibaldi para a igreja de San Sebastiano. PELLEGRINI, Pellegrino. *L'Architettura*. Milano: Il Polifilo, 1990, p. 38.

Fig. 42. Igreja de San Sebastiano. Incisão de Marco Antonio del Re, Milão (Álbum Vedute di Milano, 1697-1766). In: ZEPPEGNO, Luciano. *Le chiese di Milano*. Roma: New Compton, 1981, p. 161.

Fig. 43. Igreja de San Sebastiano. Estado Atual. Fotografia disponível in: <http://www.panoramio.com/photo/106962392> acesso, 09.08.2016.

Fig. 44. Incisão do Lazzaretto. Nunzio Galiti, 1578. GRASSI, Liliana. *La chiesa di San Carlo al Lazzaretto*. Fig. 10. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 641.

Fig. 45. Vista do Lazzaretto. Incisão de Giovanni Francesco Brunetti, 1630. GRASSI, Liliana. *La chiesa di San Carlo al Lazzaretto*. Fig. 12. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 641.

Fig. 46. Projeto de Pellegrino Tibaldi para o Lazzaretto com o autógrafo de Carlos Borromeu. GRASSI, Liliana. *La chiesa di San Carlo al Lazzaretto*. Fig. 1. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 641.

Fig. 47. Projeto de Pellegrino Tibaldi. Prospectiva lateral. GRASSI, Liliana. *La chiesa di San Carlo al Lazzaretto*. Fig. 27. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 641.

Fig. 48. Projeto de Pellegrino Tibaldi para a igreja de San Carlo al Lazzaretto. GRASSI, Liliana. *La chiesa di San Carlo al Lazzaretto*. Fig. 28. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 641.

Fig. 49. San Carlo al Lazzaretto. Estado atual. Foto disponível in: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1497363&page=2> acesso, 09.08.2016.

Fig. 50. Frontispício da primeira edição das Instruções de Carlos Borromeu. Imagem disponível in: <http://www.alai.it/classici-italiani/l-architettura-dopo-il-concilio-di-trento-1577> acesso 09.08.2016.

Fig. 51. Planta do *scurolo* do Duomo de Milão. BASCAPÈ, Giacomo e MEZZANOTTE, Paolo. *Milano, il Duomo*. Milano: Bestetti, 1952, p. 140.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. O CONTEXTO HISTÓRICO DE CARLOS BORROMEU	22
1.1 O Concílio de Trento e a Contrarreforma	22
1.2 Carlos Borromeu	33
1.3 Arcebispo de Milão	43
2. CARLOS BORROMEU E A ARQUITETURA RELIGIOSA SEU TEMPO	58
2.1 Alguns elementos sobre a arquitetura religiosa do século XVI	62
2.2 A atividade de Carlos Borromeu na Arquitetura religiosa de Milão	80
2.3 Pellegrino Tibaldi em Milão	86
2.3.1 A igreja de San Fedele	101
2.3.2 A igreja votiva de San Sebastiano	109
2.3.3 A igreja de San Carlo al Lazzaretto.	115
2.3.4 Outras atividades de Pellegrino Tibaldi	122
3. POSSIBILIDADES DE LEITURA DAS <i>INTRUÇÕES</i> DE CARLOS BORROMEU	123
4. CONCLUSÃO	128
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134
5.1 Fontes	134
5.2 Bibliografia	136
6. ANEXOS	146
6.1 Anexo 1	147
6.2 Anexo 2	354
6.3 Anexo 3	548

INTRODUÇÃO

O Senhor, o único capaz de fazer grandes maravilhas, fez conosco coisas magníficas nestes últimos tempos... elegendo do seio da santa Igreja romana Carlos, sacerdote fiel, servo bom, modelo do rebanho e modelo dos pastores. Ele, com efeito, com múltiplo fulgor de obras santas e iluminando toda a Igreja, brilha diante dos sacerdotes e do povo, como Abel, por sua inocência; como Enoque, por sua pureza; como Jacó, por sua resistência diante das fadigas; como Moisés, por sua mansidão; como Elias, por seu zelo ardente. Ele, em sua pessoa mesma, mostra imitar, em meio à abundância das riquezas, a austeridade de Jerônimo, a humildade, nos mais altos graus, de Martinho, a solicitude pastoral de Gregório, a liberdade de Ambrósio, a caridade de Paulino; e finalmente nos permite ver com os nossos próprios olhos, e de tocar com as nossas mãos um homem que, enquanto o mundo lhe sorri com as maiores adulações, vive crucificado para o mundo, vive no espírito pisando as coisas terrenas e buscando continuamente os ideais do céu¹.

Com essas elogiosas palavras, o romano pontífice Paulo V (1552-1621) descrevia a figura do Cardeal Carlos Borromeu (1538-1584) durante sua canonização na basílica de São Pedro². A cerimônia ocorre no ano de 1610 com um aparato suntuoso e que havia sido montado na venerável basílica para a ocasião, de modo a se obter toda a pompa possível, conforme narrou uma testemunha da época:

[Da grande cúpula de São Pedro] calavano con grosse funi [...] quattro Regie Corone di diametro di palmi venti l'una, riccamente indorate [...]. Et sopra ogni foglia delle Corone, ardeva un cereo di libre trè, e meza; e di sotto [...] vi era appesa una lampada bianca toccata d'oro, con un altro simile cereo, che compiva al numero di trentadue per ogni Corona. Calando poi nel mezo di ciascuna Corona un nobilissimo stendardo [...] con l'Imagie del Santo in mezo da ambedue le parti³.

¹ Papa Paulo V, Bula *Unigenitus Aeterni Patris*, por ocasião da Canonização de Carlos Borromeu. Roma, 01 de novembro de 1610.

² As canonizações de santos, depois da diátribe protestante, retomarão vigor a partir do papa Sisto V (1521 - 1590). A basílica de São Pedro, pivô da discórdia luterana, surgirá como o palco ideal para a propaganda católica em torno dos santos, como forma de legitimação do papel da Igreja e do papado frente à crítica protestante. Nesse sentido, a canonização de Carlos Borromeu se insere nesse viés. Para o uso dos santos e das relíquias como propaganda contra a reforma protestante, veja-se: CASALE, Vittorio. *La basilica di S. Pietro nelle cerimonie di beatificazione e di canonizzazione del seicento*. In: MORELLO, Giovanni. A cura di. *La Basilica di San Pietro: fortuna e immagine*. Roma: Gangemi Editore, 2012. pp. 445ss. e GHILARDI, Massimiliano. *Forceps ferreus seu instrumentum ad torquendum martires: la tenaglia del Vaticano – tra devozione, apologetica e propaganda controriformista*. In: AA. VV. *Miscellanea Bibliothecae Apostolicae Vaticanae*, XVI, Città del Vaticano, 2009, pp. 153-196.

³ “desciam com grossas cordas [...] quatro Coroas Régias com um diâmetro de vinte palmos cada uma, ricamente douradas [...]. E acima de cada folha das Coroas, ardia um círio de três libras e meia; e embaixo [...] aí estava

Tempo relativamente breve⁴ para os padrões da época, pois entre a morte do arcebispo e a sua canonização, se passaram pouco mais de 25 anos⁵. De fato, consta que o processo canônico começara oficialmente no dia 26 de fevereiro de 1601, por iniciativa dos padres oblato, uma congregação criada pelo próprio Borromeu com a finalidade de ser um dos tantos instrumentos de reforma tridentina na igreja de Milão⁶. No texto da Bula de canonização, o papa, usando o linguajar da época, traça várias comparações da pessoa do Borromeu com virtuosas figuras bíblicas veterotestamentárias (Abel, Enoque, Jacó e Moisés) e santos de grande importância para o mundo católico (São Jerônimo, São Martinho de Tours, São Gregório Magno, Santo Ambrósio de Milão e São Paulino de Nola). É com essas expressões eloquentes que Paulo V oferece a figura do Arcebispo Borromeu como modelo de santidade e “*norma cleri, spes gregis*” para toda a Igreja católica⁷. Por detrás das palavras do

pendurada uma lâmpada branca levemente dourada, com outro círio similar, o qual compunha o número de trinta e dois [círios] por Coroa. Pendurado no meio da parte baixa de cada Coroa havia um nobilíssimo estandarte [...] com a Imagem do Santo no meio de ambas as partes”. GRATTAROLA, M. Aurelio. *Sucessi meravigliosi della veneratione di S. Carlo, cardinale di Santa Prassede e arcivescovo di Milano. Dati in luce da M. Aurelio Grattarola oblato della Congreg. de' ss. Ambrogio e Carlo*. Milano per l'Herede di Pacifico Pontio & Gio. Battista Piccaglia, impressori archiepisc., MDCXVI, p. 227. (Trad. nossa). Sobre essa descrição do padre oblato Marco Aurélio Grattarola, ver abaixo a fig. 1.

⁴ Basta recordar que o processo de Santo Inácio de Loyola (1491-1556) levou 66 anos.

⁵ Apesar do tempo breve, o processo de canonização não foi simples pois, “A Roma la causa incontrò qualche ostacolo, essendo ancora viventi molte persone che non avevano condiviso il suo rigore nell'applicazione delle norme conciliari” (“Em Roma a causa [da canonização] encontrou algum obstáculo, sendo que ainda viviam ainda muitas pessoas que não haviam compartilhado com o seu rigor na aplicação das normas conciliares [do concílio de Trento]”). MAJO, Angelo. *San Carlo, vita e azione pastorale*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2004, p. 42 (Trad. nossa). Ainda sobre o caráter inflexível de Carlos Borromeu, o qual lhe procurara muitos inimigos, vale a expressão lapidária e eloquente do historiador milanês Enrico Cattaneo: “Quando morì, il 3 novembre 1584, moltissimi piansero, tuttavia molti pensarono che, alla fine, è meglio un protettore in cielo che un tormento in terra” (“Quando [Carlos Borromeu] morreu, no dia 03 de novembro de 1584, muitíssimos choraram, todavia, muitos pensaram que, ao final, é melhor um protetor no céu do que um tormento na terra”). CATTANEO, Enrico. *Il Duomo nella vita civile e religiosa di Milano*. Milano: Nuove Edizioni Duomo, 1985, p. 112 (Trad. nossa). Finalmente, sobre o relevo da canonização de Carlos Borromeu para a Igreja Tridentina, veja-se o escrito de ALBERIGO, Giuseppe. *Carlo del mito, Carlo della storia*. In: AA. VV. *Il Grande Borromeo tra storia e fede*. Milano: Cassa di Risparmio delle Provincie Lombarde, 1984, pp. 129-221.

⁶ Cfr. NAVONI, Marco. *Carlo Borromeo*. Profilo di un vescovo santo. Milano: Centro Ambrosiano, 2010, pp. 7ss.

⁷ Interessantíssima a discussão sobre a canonização do Borromeu como modelo de bispo para toda a Igreja e as dificuldades, que paradoxalmente se apresentavam justamente nesse ponto, para o contexto eclesiológico da época. Ao que parece, naquele momento, não havia interesse algum por parte da cúria romana em valorizar demasiadamente a figura do bispo com sua respectiva autonomia. Nesse ponto, a figura do Borromeu criava algum ruído: é sintomática, por exemplo, a aprovação de uma das primeiras biografias oficiais do Borromeu – aquela do Barnabita Carlo Bascapé – somente mediante a censura relativa à publicação de determinados episódios da vida do Borromeu que salientavam essa particular potestade e autonomia do bispo em sua diocese. Analogamente é

pontífice, o reconhecimento da importância do Borromeu como um dos maiores motores da tão desejada reforma⁸ - tanto da cabeça como dos membros da Igreja⁹ - e proposta, de fato, pelo concílio de Trento.

Apesar das elogiosas palavras do papa - que revelam uma construção idealizada da pessoa do Borromeu - o estudo crítico do contexto histórico do século XVI e, principalmente, da biografia do santo, coloca em evidência não só as qualidades do

interessante a constatação que, do ponto de vista iconográfico, o Borromeu seja mais representado como um 'santo cardeal', revestido com a púrpura distintiva da sua pertença ao colégio cardinalício, do que como 'santo bispo'. Aliás, sobre a questão da iconografia do Borromeu, são muito interessantes as observações de Emile Mâle sobre os desafios dos artistas terem de apresentar um santo modelar, como era o santo arcebispo de Milão, calcado na realidade fisionômica do Borromeu que, como se sabe, não era nem um pouco atraente ao olhar; cfr. a este propósito MÂLE, Emile. *El arte religioso de la contrarreforma*. Madrid: Encuentro, 2001, pp. 86ss. O problema do centralismo curial e do redimensionamento da potestade episcopal se apresentou também, em alguma medida, para outros grandes bispos da época, como o Arcebispo de Bolonha, o Cardeal Gabriele Paleotti (1522 – 1597), autor da famosíssima obra *“Discorso intorno alle immagini sacre e profane”*. Coevo do Borromeu, também ele chegou a ter alguns problemas com o Santo Ofício no que dizia respeito a alguns aspectos do seu modo de governar a Igreja em Bolonha. Cfr. PRODI, Paolo. *Il Cardinale Gabriele Paleotti (1522 – 1597)*, 2 vol., Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1959; FIORELLI, Vittoria. *I Sentieri dell'Inquisitore – Sant'Uffizio, periferie ecclesiastiche e disciplinamento devozionale (1615-1678)*. Napoli: Guida Editore, 2009 e PROSPERI, Adriano. *L'inquisizione Romana – Letture e ricerche*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2003. Para as interpretações da canonização do Borromeu e para o papel dos bispos na eclesiologia tridentina, Cfr. TURCHINI, A. *La Fabbrica di un Santo – Il processo di canonizzazione di Carlo Borromeo e la Controriforma*. Casale Monferrato: Marietti, 1984; MAZZONE, Umberto. *Governare lo Stato e Curare le Anime – La Chiesa e Bologna – Dal Quattrocento alla Rivoluzione Francese*. Padova: Libreria Universitaria, 2012, pp. 76ss e ALBERIGO, Giuseppe. *I Vescovi Italiani al Concilio di Trento (1545-1547)*. Firenze: Sansoni, 1959. Sobre a biografia produzida pelo Bascapé, cfr. BASCAPÈ, Carlo. *Vita et rebus gestis Caroli S. R. E. Cardinalis tituli S. Praxedis Archiepiscopi Mediolani Libri septem*. Ingolstadt: Ex officina typographica Davidis Sartorii, 1592. Uma versão italiana dessa obra foi publicada e acrescida com os comentários de Enrico Cattaneo: BASCAPÈ, Carlo. *Vita e opere di Carlo arcivescovo di Milano cardinale di S. Prassede*. Milano: Veneranda Fabbrica del Duomo, 1965.

⁸ Sobre os termos “reforma”, “contrarreforma”, “reforma protestante” e “reforma católica”, ver o ensaio fundamental de JEDIN. Hubert. *Riforma Cattolica o Controriforma?* Brescia: Morcelliana, 1974³. Apesar de termos ciência das limitações do termo “contrarreforma”, em nosso escrito manteremos o seu uso, já que ainda há uma discussão em ato sobre a melhor terminologia a ser usada para indicar o fenômeno de reforma dentro da Igreja católica. Aliás, a necessidade de uma reforma dentro da Igreja católica antecede em muito ao período do século XVI; e muito antes de Lutero, durante os séculos XV e XVI, como se sabe, houve tentativas de reforma, ainda que limitadas. Para uma panorâmica relativa às tentativas de reforma que antecederam ao protestantismo Cfr. DE MAIO, Romeo. *Riforme e miti nella Chiesa del Cinquecento*. Napoli: Guida Editori, 1973; VILLOSLADA, Ricardo G. *Causas y factores historicos de la ruptura protestante*. Vizcaya: Editorial Angeles de las misiones, 1961; MARTINA, Giacomo. *História da Igreja – De Lutero aos nossos dias*. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1997, pp. 197ss.; ISERLOH, Erwin, GLAZIK, Josef e JEDIN, Hubert. *Storia della Chiesa – Riforma e controriforma: Crisi, consolidamento, diffusione missionaria (XVI-XVII secolo)*. Milano: Jaca Book, 2001⁵, pp. 518ss.

⁹ A expressão é em muito anterior ao século XVI, como releva nosso professor Jos Vercruysse: *“Already in 1311 the french bishop William Durandus the younger launched at the Council of Vienne the famous appeal for ‘reform in head and members’ (Reformatio tam in capite, quam in membris)” (“Em meados de 1311 o bispo francês William Durandus, o jovem, lançou no Concílio de Vienne o famoso apelo para a ‘reforma da cabeça e dos membros’...”)*. VERCRUYSSSE, Jos E. *Luther as reformer within Christendom* In: AA. VV. *Studia Missionalia Religious Reformers*. Vol. 34, Roma: Università Gregoriana Editrice, 1985, p. 351 [Trad. Nossa].

arcebispo de Milão, mas também as suas limitações¹⁰ e os desafios por ele enfrentados¹¹ quando da introdução de uma nova mentalidade como era aquela oferecida pela reforma tridentina e aplicada concretamente à igreja milanesa. Nessa aplicação, haverá uma correlação entre a *reformatio* da Igreja, enquanto comunidade vivente em seus diversos aspectos, e a *reformatio* da arquitetura das igrejas¹², que sofrerão influência direta da tradução dos cânones tridentinos feita pela *mens* de Carlos Borromeu¹³ e colocadas em prática pelo seu arquiteto Pellegrino Tibaldi (1527-1596)¹⁴, como poderemos aferir ao longo deste escrito.

¹⁰ Sobre esse aspecto, vale a expressão do bispo de Verona, o Cardeal Agostinho Valier - profundo admirador o Borromeu, e autor de uma das primeiras biografias do santo, escrita em 1586 – a propósito da santidade do arcebispo: “Tutto ciò che i santi hanno compiuto, è da ammirare con venerazione, ma non è detto che debba anche essere imitato [...] (“Tudo aquilo que os santos fizeram, deve ser admirado com veneração, *mas não está dito que isso deva também ser imitado...* [grifos meus])” VALIER, Agostino. *Apud*: NAVONI, Marco. *Op. cit.*, p. 74 (trad. nossa). Para a biografia escrita por Valier, cfr. VALIER, Agostino. *Vita Caroli Borromei Card. S. Praxedis Archiepiscopi Mediolani Item Opuscula Duo*. Veronae: *Apud* Hieronymum Discipulum, 1586. Ainda em relação às dificuldades que o Borromeu enfrentou no seu relacionamento com o governo de Milão, as considerações do Jedin: “D'altra parte, bisogna considerare che Borromeo aveva una concezione quasi medioevale del rapporto fra i due poteri laico ed ecclesiastico, ma soprattutto che egli riteneva l'illimitato esercizio della giurisdizione vescovile, non solo sul clero, ma in una certa misura anche sui laici, il presupposto di una efficiente attività pastorale” (“De outra parte, é preciso considerar que o Borromeu tinha uma concepção quase medieval da relação entre os dois poderes, leigo e eclesiástico, mas, sobretudo, que ele considerava o ilimitado exercício da jurisdição episcopal, não somente sobre o clero, mas em certa medida também sobre os leigos, o presuposto de uma eficiente atividade pastoral”). JEDIN, Hubert. *Carlo Borromeo*. Roma: Istituto Della Enciclopedia Italiana, 1971, p. 32 (Trad. nossa). Finalmente, vale destacar as considerações de Agnoletto sobre a atividade de Carlos Borromeu como inquisidor, atividade esta profundamente criticada por alguns historiadores: Cfr. AGNOLETTI, Attilio. *Religione popolare, folklore e magia nei documenti borromaici*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo tempo* – Atti del Convegno Internazionale del IV centenario della morte (Milano, 21-26 maggio 1984), 2 vol. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, pp. 867-888, vol. 2.

¹¹ Alguns dos problemas podem ser vistos no escrito de Zardin: ZARDIN, Danilo. *Riforma Cattolica e resistenze nobiliari nella diocese di Carlo Borromeo*. Milano: Jaca Book, 1983.

¹² Essa correlação entre a igreja construção e igreja comunidade, para além dos antecedentes verificáveis já no Novo Testamento e nos escritos da Patrística, pode ser vista na famosa pintura de Giotto na Basílica superior de Assis e conhecida como “O Sonho do papa Inocêncio III”. A pintura representaria um episódio narrado pela *Legenda Major* (III, 10), escrito de São Boaventura sobre a vida de S. Francisco. Nesse relato o papa em sonho via a figura de São Francisco de Assis sustentando toda a construção da basílica de São João de Latrão com seu próprio corpo, preconizando a sustentação que toda a ordem franciscana daria a toda a Igreja.

¹³ Para a influência do Borromeu na arquitetura da cidade de Milão, cf. AA. VV. *La Città Rituale* – La città e lo Stato di Milano nell'età dei Borromeo. Milano: Franco Angelo, 1982.

¹⁴ Sobre o Pellegrino Tibaldi, cf. GIULIANI, Marzia. *Nuovi documenti per la biografia e la formazione culturale di Pellegrino Pellegrini*. In: AA. VV. *Studia Borromaica*, vol. 11. Milano: Biblioteca Ambrosiana, 1997.

Fig. 1: Canonização de Carlos Borromeu na Basílica de São Pedro, incisão de Giovanni Maggi, 1610. Note-se a ausência do famoso Baldaquim de Bernini.

Capítulo I

O CONTEXTO HISTÓRICO DE CARLOS BORROMEU

Pode-se dizer muitas coisas a propósito do século XVI, menos que tenha sido um século tranquilo¹⁵. A civilização europeia passou por várias, e às vezes traumáticas, transformações num período de tempo relativamente curto. Para a religião cristã ocidental e seu campo de influência, as mudanças da modernidade foram carregadas de contrastes¹⁶. O advento, primeiro do humanismo, e depois do protestantismo levou a um repensamento de toda a estrutura eclesial, também no tocante às artes e à arquitetura. Para compreender a obra de Carlos Borromeu é, portanto, preciso conhecer as coordenadas postas pela história e que norteiam suas ações.

1.1 O Concílio de Trento e a Contrarreforma.

Sobre a contrarreforma da Igreja, ainda que em linhas gerais, cabe traçar aqui alguns elementos relativos ao concílio de Trento¹⁷, como forma de introduzir e melhor compreender a ação reformadora de Carlos Borromeu na Milão do século XVI.

Como é notório, o 19º concílio ecumênico da igreja católica foi celebrado na cidade imperial de Trento¹⁸, no norte da Itália e longe do domínio dos Estados

¹⁵ Interessante a análise que Delumeau faz dos fatos desse período, procurando verificar as contradições dos “sonhos” e “pesadelos” presentes nesse século. Cf. DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2004, pp. 277-304

¹⁶ “La historia de la Iglesia en estos ultimos siglos se nos presenta así, en su dialéctica interna y en su auténtica realidade, a médio caminho entre el triunfalismo de algunos – como en la primera edición de la Historia [da Igreja] de Lortz: ‘Nunca fue ella lucha tan gigantesca ni la victoria tan impresionante’ – Y el pesimismo de otros, como Rogier, que en el cuarto volumen de la *Nueva Historia de la Iglesia* traza un cuadro prevalentemente negativo”. MARTINA, Giacomo. *La Iglesia. De Lutero a Nuestros dias*. Madrid: Cristiandad, 1974. P. 20.

¹⁷ Para uma análise histórico-crítica do Concílio de Trento e de seus antecedentes, ver a obra clássica de JEDIN, Hubert. *Storia del Concilio di Trento*. 4 vol. Brescia: Morcelliana, 1973. Ver também: PALLAVICINO, Sforza. *Istoria del Concilio di Trento. Scritta dal padre Sforza Pallavicino della Compagnia di Gesù poi Cardinale della Santa Romana Chiesa*. Milano: Tipografia e libreria Pirotta e C., 1844. Ver também a obra de Paolo Sarpi, publicada em 1619 e, a seguir, colocada no *index* por seu caráter mais favorável ao protestantismo: SARPI, Paolo. *Istoria del Concilio Tridentino*. Torino: Einaudi, 1974, disponível in http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_6/t147.pdf, acesso 22.07.2015. Para os textos e deliberações do concílio de Trento, ver ISTITUTO PER LE SCIENZE RELIGIOSE, *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*, Bologna: 2002².

pontifícios. Foi, com muita probabilidade, um dos concílios mais complexos, mais longos e mais difíceis da história da Igreja ocidental: além das dificuldades políticas externas - como o quase permanente estado de guerra entre a França e o Império de Carlos V (1500-1558) - havia internamente no tecido eclesial uma grande resistência à convocação de um concílio por parte da cúria romana e do papado¹⁹. Afinal, não havia muito tempo que a igreja havia deixado o atoleiro do conciliarismo²⁰ e por isso, um profundo temor em perder o controle da assembleia conciliar reinava entre os membros da cúria e o papa Clemente VII (1523-1534)²¹. É apenas com o advento do papado de Paulo III (1534-1549) que os esforços de Carlos V alcançarão resultado, pois o papa intui que a convocação de um concílio era algo inevitável frente à pressão da opinião pública e as necessidades de mudança dentro da Igreja.

¹⁸ Para esta descrição sumária do concílio de Trento, além das obras já citadas anteriormente, cfr. JEDIN, Hubert. *Breve storia dei concili*. Roma – Brescia: Herder – Morcelliana, 1986⁷; MARTINA, Giacomo. *História da Igreja – De Lutero aos nossos dias*. Vol I. São Paulo: Loyola, 1997; GALUZZI, Alessandro (A cura di). *La Chiesa all'Epoca del Concilio di Trento (1545-1563)*. Torino: Editrice SAIE, 1981 e ZAGHENI, Guido. *A Idade Moderna – Curso de História da Igreja*, vol. 3. São Paulo: Paulus, 1999.

¹⁹ Uma análise sobre as várias coordenadas que dificultavam a atuação de uma reforma dentro da Igreja católica pode ser encontrada no texto de ALBERIGO, Giuseppe. *Carlo del mito e Carlo della Storia*. in: AA. VV. *Il grande Borromeo tra storia e fede*. Milano: Cassa di Risparmio delle Provincie Lombarde, 1984, pp. 129 ss.

²⁰ Ver uma visão sintética do problema no verbete CONCILIARISMO. In: IAMMARRONE, G. *Lexicon*: Dicionário teológico enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003. p. 125; ver também o verbete PAPA/PAPADO. In: SEMERARO, M. *Idem*, pp. 565s.

²¹ O papa Clemente VII colocava o problema da divisão entre Carlos V e Francisco I como o motivo para a não convocação de um concílio, pois dizia que seria impossível ter um número suficiente de bispos e prelados para a realização da assembleia conciliar. Essa relação do papa com os poderosos e a sua posterior tomada de partido – Clemente entraria no dia 22 de maio na liga de Cognac, enfurecendo Carlos V – se traduziu na catástrofe da tomada de Roma e de seu Saque pelos lansquenetes em 1527. Cfr. Galuzzi, Alessandro, *Op. cit.*, pp. 338-339. Para o triste episódio do saque de Roma, ver CHASTEL, André. *Il Sacco di Roma – 1527*. Torino: Einaudi, 1983.

Fig. 2: Retrato do Imperador Carlos V feito por Tiziano, 1548. Alte Pinakothek, Munique – Alemanha.

A primeira convocação do concílio de reforma fora marcada para a cidade imperial de Mântua aos 23 de maio de 1537, infelizmente o surgimento de uma nova guerra entre Francisco I (1494-1547) da França e o imperador Carlos V, bem como as exigências pecuniárias de Frederico Gonzaga (1500-1540), o Duque de Mântua, para sustentar o pequeno exército de participantes do concílio²², fizeram com que no dia 8 de outubro de 1537 o papa pedisse a transferência da assembleia conciliar para a cidade de Vicenza. Diante das dificuldades, a reabertura foi adiada para o dia 21 de maio de 1539. Nesse ínterim, novas tratativas foram iniciadas pela cúria romana com os

²² Embora os padres conciliares fossem poucos - Jedin diz que na última Sessão do Concílio, ao todo firmaram as atas 199 bispos, 7 abades e 7 gerais das Ordens -, o montante geral de pessoas – além dos padres conciliares, computando-se o número de teólogos, religiosos, serviçais, etc. – seria estimado entre cinco e seis mil. Basta lembrar que nesse mesmo período, 6 mil pessoas era o provável número de toda a população da cidade de Trento, onde se desenvolveria o concílio. Cfr. JEDIN, Hubert. *Breve storia dei concili*. Roma – Brescia: Herder – Morcelliana, 1986⁷, pp. 133 e 161.

protestantes, com a expectativa de se firmar um diálogo, sem a necessidade de um concílio, mas perante o fracasso desses colóquios, Paulo III não vê outra solução senão a de convocá-lo novamente. Isso ocorrerá em 1542, e a cidade imperial de Trento se apresenta como a sede viável para a assembleia conciliar²³; porém, novos problemas²⁴ inviabilizariam a chegada dos padres conciliares, de modo que nova convocação será feita pelo papa por meio da Bula *Laetare Jerusalem*, datada de 19 de novembro de 1544. No ano seguinte, finalmente haverá lugar a abertura²⁵ e a primeira fase do concílio. Nessa fase, oito sessões serão realizadas na cidade de Trento²⁶.

Fig. 3: Papa Paulo III tem a visão do concílio de Trento, pintura de Sebastiano Ricci, 1687-1688, Museu cívico, Piacenza - Itália.

²³ Trento era uma cidade que estava sujeita ao império e, ao mesmo tempo, se situava em território italiano, foi uma solução de compromisso que visava agradar tanto ao papa quanto a Carlos V.

²⁴ Segundo Sarpi, os problemas foram devidos às relações belicosas entre o Imperador e o rei da França que impediam o envio dos padres para Trento Cf. SARPI, Paolo. *Op. cit.*, pp. 176-181.

²⁵ O concílio foi efetivamente aberto no dia 13 de dezembro de 1545.

²⁶ Outras duas Sessões serão realizadas na cidade de Bolonha, mas sem aprovação de alguma decisão dogmática ou disciplinar, já que muitos padres conciliares haviam permanecido em Trento por causa da oposição do Imperador. Na primeira fase do concílio foram tomadas decisões no âmbito da doutrina e que diziam respeito à Sagrada Escritura, as tradições, o pecado original, a justificação e os sacramentos do Batismo e da Confirmação. Cf. ISTITUTO PER LE SCIENZE RELIGIOSE, *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*, Bologna: 2002², p. 657.

Parecia que finalmente a reforma iria se concretizar de fato na Igreja, no entanto, no dia 11 de março de 1547, diante de uma epidemia de tifo que se abateu na superpovoada cidade, se decide pela transferência do concílio para uma localidade mais segura. A escolha se dará pela cidade de Bolonha, que na ocasião, pertencia aos domínios do papa. No entanto, essa transferência de sede contrariava o tabuleiro do xadrez político do imperador²⁷, o qual elevou veemente protesto junto ao papa. Paulo III não teve outro remédio senão o de suspender as reuniões da assembleia conciliar no período bolonhês do concílio. Em 1551, o sucessor de Paulo III, o papa Júlio III (1550-1554), conforme o desejo de Carlos V - e das pressões protestantes sobre o imperador -, faz reabrir o concílio no dia 1 de maio novamente na cidade de Trento²⁸. Nesse período compareceram as delegações dos protestantes, mas sem um avanço no diálogo e com a deflagração de uma nova guerra entre os príncipes protestantes e o imperador, o concílio, sem grandes avanços práticos, é suspenso no dia 28 de abril de 1552. Diante dos problemas para a reabertura, o papa Júlio III considerou até mesmo retomar os trabalhos que haviam sido feitos pelos padres conciliares até aquele momento e publicá-los como sob a forma de uma grande Bula de reforma, mas morre antes de chegar a essa solução.

²⁷ Para as políticas do imperador, cfr. CHABOD, Federico. *Carlos V y su imperio*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003³.

²⁸ No segundo período do concílio (Sessões XI a XVI) junto a decisões de reforma, foram tomadas decisões relativas à definições dos sacramentos (eucaristia, penitência, extrema-unção). Cf. *Idem*.

Fig. 4: Papa Júlio III, pintura de anônimo romano, século XVI; Palazzo Spada, Roma - Itália.

O brevíssimo pontificado do papa Marcelo II - entre 09 de abril de 1555 e 01 de maio de 1555 – e a eleição sucessiva de Paulo IV²⁹ (1555-1559) ao sólio pontifício, não redundaram em avanços para a assembleia conciliar. Apenas com a eleição de Pio IV³⁰ (1559-1565), a solução do concílio aparece novamente na ordem do dia como algo factível³¹, de modo que o papa escreverá a Bula de convocação do concílio em 29 de dezembro de 1560.

²⁹ “Em princípio saudado como reformador, Paulo IV logo se mostrou um papa ao velho estilo medieval: autoritário, triunfalista, severo e intolerante. Criou o Index de Livros proibidos. [...] Ele se opunha fortemente à convocação do concílio de Trento, porque achava que, sozinho, podia combater os protestantes com maior eficiência. [...] Seu senso de ortodoxia era tão extremo que mandou prender em Castel Sant’Angelo um inocência como o Cardeal Giovanni Morone, acusado de heresia”. MCBRIEN, Richard P. *Os Papas – Os pontífices: de São Pedro a João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 2004, pp. 291s. Ainda sobre Paulo IV, interessante é o testemunho do ânimo de Santo Inácio de Loyola, o qual teria dito que “todos os ossos de seu corpo tremeram” ao saber da eleição do Cardeal Giovanni Pietro Carafa ao papado. Cf. JEDIN, H. (Org.) *Manual de Historia de la Iglesia*. Vol. 5. Barcelona: Herder, 1972, pp. 620 e 661ss.

³⁰ O Cardeal Giovanni Angelo de’ Medici, tio de Carlos Borromeu, muito diferente de seu antecessor, era caloroso e amável. Uma de suas primeiras ações será a libertação do Cardeal Morone, o qual iria ter um papel fundamental como legado na última fase do concílio de Trento. Cf. MCBRIEN, Richard P. *Op. cit.*, pp. 292 ss.

³¹ O papa temia a convocação de um concílio pelos franceses e um consequente distanciamento da França em relação à Igreja católica. Cfr. GALUZZI, Alessandro (A cura di), *Op.cit.*, pp. 574 ss.

Na sua terceira e última fase (1562-1563)³², a reunião inaugural ocorreria apenas em 18 de janeiro de 1562, novamente na cidade de Trento; e já nas primeiras sessões a assembleia se mostraria profundamente tensa³³, pois na pauta, havia sido finalmente colocada uma das discussões mais problemáticas de todo o concílio: a figura do bispo – bem como sua relação com o primado do papa - e seu dever de residência na diocese³⁴. Com a morte dos dois legados pontifícios³⁵ e a chegada de um novo legado,

³² Sessões XVII a XXV. Aí foram concluídas as afirmações doutrinárias relativas aos sacramentos, se esclareceram algumas questões relativas à fé e se desenvolveu a reforma eclesial. Também na última Sessão, o concílio dedicará afirmações em relação à arte sacra. Cfr. ISTITUTO PER LE SCIENZE RELIGIOSE, *Op. cit.*, p. 658. Nunca será demais lembrar, que é justamente nesta última fase do concílio, que o cardeal sobrinho Carlos Borromeu terá uma participação, agindo indiretamente para a boa conclusão do evento conciliar. Cfr. RIVOLTA, Adolfo. *San Carlo Borromeo* – Note biografiche: studio sulle sue lettere e sui suoi documenti. Milano: ARA, 1938, pp. 59-114.

³³ Para se ter uma ideia dos ânimos durante as Sessões, numa das ocasiões em que se discutia sobre a justificação pela fé “Gli umori dei prelati erano bellicosi e pronti a scatenarsi a ogni sospetto; bastava insistere troppo sulla fede e subito si pensava a Lutero. Il 17 luglio, il vescovo di Cava di Tirreni Tommaso Sanfelice aveva strappato ciuffi di barba a Dionigi Zanettini, detto il grechetto, ringhioso e intrigante seminatore di accuse: e Sanfelice, confinato in un convento dovette subire l’onta della scomunica e del processo” (“os humores dos prelados estavam belicosos e prontos para o alvoroço diante de qualquer suspeita; bastava insistir demasiadamente sobre a fé e imediatamente se pensava em Lutero. Aos 17 de julho, o bispo de Cava dei Tirreni [Itália], Tommaso Sanfelice tinha arrancado tufo da barba de Dionigi Zanettini, chamado de Grechetto, [bispo de Mylopotamos e Querônissa, na ilha de Creta, daí o apelido ‘Grechetto’] raivoso e intrigante semeador de acusações: e Sanfelice, confinado num convento teve que sofrer a nódoa da excomunhão e do processo [canônico]”. PROSPERI, Adriano. *L’Eresia del libro grande: storia di Giorgio Siculo e della sua setta*. Milano: Giangiacomo Feltrinelli, 2000, p. 87 [Trad. Nossa].

³⁴ “Ma furono necessari quattro mesi di discussioni talora burrascose, un rinvio dei voti decisivi e soprattutto l’azione del nuovo legato Morone, per avere infine buon esito dopo altre settimane di negoziati. L’idea di Morone, che seppe negoziare con i vescovi francesi, era ragionevole: utilizzare formule tali da non condannare nessuna opinione e non recare alcun danno all’autorità della Santa Sede” (“Foram necessários quatro meses de discussões, às vezes violentas, um adiamento dos votos decisivos e, sobretudo, a ação do novo Legado Morone [o Cardeal Giovanni Gerolamo Morone (1509-1580), Legado pontifício] para, por fim, obter um bom êxito depois de outras semanas de negociações. A ideia de Morone, que soube negociar com os bispos franceses, era razoável: utilizar fórmulas tais que não condenassem nenhuma opinião e não trouxessem algum dano à autoridade da Santa Sé”). BEDOUELLE, Guy. *La riforma del cattolicesimo (1480-1620)*. Milano: Jaca Book, 2003, p. 89s (trad. nossa). Na verdade, esse foi um dos pontos mais “quentes” do concílio, pois subjacente à questão da residência, se digladiavam dois modelos de eclesiologia: num, queria se afirmar o poder e a autonomia dos bispos – um modelo mais horizontal de Igreja –, e noutro, queria se defender a primazia do papado – a linha romana que acabou por prevalecer por meio de um modelo monárquico e vertical. Não é um acaso que o Jedin (*Breve Storia dei Concili...*, p. 156) classificará esse período do tridentino como “a crise do concílio”, e não era para menos, pois a questão era tão incandescente que seria retomada, ainda que sob outros aspectos, no concílio Vaticano I (1869-1870) e no concílio Vaticano II (1962-1965) e, poderíamos dizê-lo, ainda apresenta algumas lacunas no que diz respeito à, assim chamada, colegialidade episcopal e sua relação com o papado. Cfr. ALBERIGO, Giuseppe. *Concezioni della chiesa al concilio di Trento e nell’età moderna*. In: MARCOCCI, Massimo; SCARPATI, Claudio; ACERBI, Antonio; ALBERIGO, Giuseppe. *Il Concilio di Trento – Istanze di riforma e aspetti dottrinali*. Milano: Vita e Pensiero, 1997, pp. 117-157.

³⁵ Muito tocante o texto de Cassese sobre os dois legados pontifícios, os Cardeais Seripando e Ercole Gonzaga, que morreram durante os tantos trabalhos do concílio: “Il Cardinale continuò nel suo lavoro tra malferma salute, asperità delle dispute, resoconti a Roma di altri in cui, a suo dire, si scrivono ‘...cose vere et non vere, et alle volte sono tenute le non vere per vere, et le vere per il contrario’, notti insonni. Pur con la piena fiducia nell’aiuto di Dio e il pieno abbandono nella sua volontà, tutte queste asperità lo stoncavano; a queste si aggiungeva la morte di

o cardeal Morone³⁶, houve uma distensão e foi possível o encaminhamento para a conclusão do concílio³⁷.

alcuni padri che erano a lui più vicini [...] [...] soprattutto la morte del primo presidente Ercole Gonzaga, a vvenuta il 2 marzo 1563. Dopo aver chiesto al Borromeo di provvedere ad inviare un nuovo presidente delle assise, 'che sappia et voglia governarla bene', ritenendosi lui personalmente 'non esser atto in modo alcuno a poter reggere questo peso né a poter in ciò servire a S. B.ne', da allora la fibra del Seripando non resse più. L'otto marzo lo colpì um 'gravissimo morbo' di angina, con forte febbre; morì il 17 marzo tra il pianto e le lodi di molti [...]" ("O Cardeal [Seripando] continuou em seu trabalho entre uma saúde débil, asperezas das disputas e no dar satisfações a Roma de outros que, em seu dizer, escrevem '...coisas verdadeiras e não verdadeiras; e às vezes, são consideradas as não verdadeiras como verdadeiras, e as verdadeiras como falsas', noites insones. Ainda que com plena confiança em Deus e no pleno abandono a sua vontade, todas essas asperezas o atingiam; a estas, se somavam a morte de alguns padres que lhe estavam mais próximos [...] [...]sobretudo a morte do primeiro presidente [o cardeal] Ercole Gonzaga, ocorrida aos dois de março de 1563. Depois de ter pedido ao [Cardeal] Borromeu de prover ao envio de um novo presidente das reuniões [do Concílio], 'que saiba e queira governá-la bem', considerando-se pessoalmente 'não estar apto de modo algum a sustentar esse peso, nem conseguir servir bem à Sua Beatitude [o papa]'; desde então a fibra do Seripando não aguentou mais. No dia oito de março ele foi atingido por um 'gravíssimo mal' de angina, com forte febre; morreu aos 17 de março entre o choro e os louvores de muitos [dos padres conciliares]" [Trad. Nossa]. CASSESE, Michele. *G. Seripando, il Concilio di Trento e la Riforma della Chiesa*. In: CESTARO, Antonio (a cura di). *Geronimo Seripando e la Chiesa del suo tempo – Nel V centenario della nascita*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1997. pp. 222-223.

³⁶ Cfr. FIRPO, Massimo e NICCOLI, Ottavia. *Il cardinale Giovanni Morone e l'ultima fase del concilio di Trento*. Milano: Il Mulino, 2010.

³⁷ Basicamente a questão da relação dos bispos com o papado era o tema que havia emperrado a última fase do concílio. Morone ao assumir a direção do mesmo, intuiu que com os padres conciliares não se avançaria muito mais. Toma então a decisão de conversar com instância superior, que neste caso era o Imperador Ferdinando I, e sem avisar ninguém, vai até Innsbruck. Ali chegando, convence o imperador a chamar à razão os bispos dele dependentes, pois se a autoridade dos bispos fosse demasiadamente exaltada, eles não teriam somente mais poderes em relação à Igreja, mas também em relação ao Estado, coisa não desejada pelo imperador. Naturalmente essa estratégia do Morone surtiu o efeito desejado. Cf. MONTANELLI, Indro e GERVASO, Roberto. *L'Italia della controriforma (1492-1600)*. Milano: Rizzoli, 1971²⁰, p. 473. Sobre as diferentes visões ou eclesiologias norteadoras das reformas havidas na Igreja Cf. GALLI, Carlos Maria e SPADARO, Antonio (edd.). *La Riforma e le Riforme nella Chiesa*. Brescia: Queriniana, 2016; para as diferentes visões dentro da assembleia tridentina, Cf. AA. VV. *Il concilio di Trento: istanze di riforma e aspetti dottrinali*. Milano: Vita e Pensiero, 1997.

Fig. 5: Estátua de Pio IV abençoando. Obra de Angelo Marini, chamado de “Siciliano”, mármore, 1567, Duomo de Milão - Itália.

Nesta última fase do concílio houve a participação, ainda que indireta, do Cardeal Carlos Borromeu, que nesse momento desempenhava a função de cardeal sobrinho do papa na cúria romana³⁸, um dos cargos mais sensíveis na hierarquia curial e que lhe possibilitaria ter uma visão única do processo da reforma eclesial, devido às funções exercidas pelo cargo:

[...] il cardinale soprintende e sottoscrive le lettere secrete che sono formate e gli vengono messe innanzi dal segretario et vanno alli nuntii et ad altri o ministri, o personaggi, o principi, o quali in nome del papa fa o scrive o col suo sigillo si espediscono. A lui scrivono li nuntii et da lui dipendono et con lui in voce et in scritto trattano gli ambasciatori de principi et de cardinali et altri ministri di negotii, et sopra ciò fa quanto vuole, appartate, lunghe et spesse audienze di N. S.^{re} [...].³⁹

³⁸ “I papi del renascimento, erano obbligati di accordare alle negoziazioni diplomatiche una grandissima parte della loro attività: avevano soprattutto una politica italiana, da cui dipendeva la libertà e la dignità esteriore della Santa Sede. Avevano bisogno di potersi riposare delle minuzie degli affari, su veri uomini di fiducia. La vecchia organizzazione delle Corti di Roma non forniva loro tali uomini. Cercarli nel sacro Collegio era impossibile. Siccome Roma era un centro di intrighi politici, tutti i cardinali si tenevano stretti, per la loro nascita, per la loro creazione o per la loro volontà, ad alcune fra le famiglie che si dividevano in essa influenza. [...] Il nipote, al contrario, era la creatura del papa, gli doveva tutto, e non poteva restare affezionato ad altri che a lui; così avvenne che ai nipoti venne affidata la gestione degli affari”. CELIER, Leonzio. *San Carlo Borromeo (1538-1584)*. Roma: Desclée & C., 1912, pp. 39-40. Segue nossa tradução: “Os papas da Renascença eram obrigados a destinar às negociações diplomáticas uma grandíssima parte de suas atividades: tinham sobretudo uma política italiana, da qual dependia a liberdade e a dignidade exterior da Santa Sé. Tinham necessidade de descansar das minúcias dos negócios, passando-as para verdadeiros homens de confiança. A velha organização da Corte de Roma não lhes fornecia tais homens. Buscá-los no sacro Colégio [dos Cardeais] era impossível. Haja vista que Roma era um centro de intrigas políticas, todos os cardeais mantinham estreitos laços, em função de seu nascimento, de sua criação ou de própria vontade, com algumas dentre as famílias que dividiam entre si essa influência. [...] O [cardeal] sobrinho, pelo contrário, era a criatura do papa, lhe devia tudo, e não podia ficar ligado à outros senão somente à ele; assim ocorreu que aos sobrinhos fosse confiada a gestão dos negócios”.

³⁹ Segue nossa tradução “[...] o cardeal superintende e firma as cartas secretas que se formaram e lhe são colocadas diante pelo secretário e que vão para os Núncios e para outros ministros, ou personagens, ou príncipes, ou quais em nome do papa confecciona ou escreve, ou com o seu selo se expedem. A ele escrevem os núncios, e dele dependem, e com ele, a voz ou por escrito, tratam os embaixadores dos príncipes e dos cardeais, e outros ministros de negócios, e sobre isso [o cardeal sobrinho] faz quanto quer, apartadas, longas e frequentes audiências com Nosso Senhor [o papa]”. CARGA, G. *Informatione del segretario et secreteria di Nostro Signore et di tutti gli offitii che da quella dipendono....*, 1574, pubbl. In: LAEMMER, H. *Monumenta Vaticana historiam ecclesiasticam saeculi XVI illustrantia...*, Friburgi Brisgoviae, 1861, p. 467. *Apud*: BORROMEO, Agostino. *San Carlo Borromeo Arcivescovo di Milano e la Curia Romana*. p.238 (Trad. nossa).

Como já acenado, a chegada de Carlos Borromeu na cúria ocorre após a elevação de seu tio, o Cardeal Giovanni Angelo de' Medici, ao papado⁴⁰. Assumindo o nome de Pio IV, o cardeal Médici foi eleito inesperadamente depois de um conclave difícil⁴¹ e é coroado papa no dia 06 de janeiro de 1560⁴². Como uma das primeiras ações do seu papado, faz uso do duvidoso costume de nepotismo⁴³, chamando a Roma seus sobrinhos para desfrutar daquilo que os vértices da cristandade poderiam oferecer. É nesse contexto que o jovem Carlos Borromeu irá desempenhar importantíssimo papel, primeiro como Cardeal Sobrinho e, depois, como arcebispo da prestigiosa diocese de Milão como um dos principais fautores da reforma tridentina⁴⁴.

⁴⁰ Aqui valem as palavras de Montanelli e Gervaso: “Ma, fortunato in tutto, questo Papa lo fu anche nei parenti. Quel giovanotto era Carlo Borromeo, un santo, di fronte al quale la Curia non poté che inchinarsi” (“Mas, sortudo em tudo, este papa também teve sorte nos parentes. Aquele juvenzinho era Carlos Borromeu, um santo, diante do qual a Cúria não pode que inclinar-se”). MONTANELLI, Indro e GERVASO, Roberto. *Op. cit.*, p. 470 [Trad. Nossa].

⁴¹ Após o funeral do severo Paulo IV, a plebe romana respondeu à morte do papa com tumultos e com a invasão das prisões romanas e com a consequente libertação dos que haviam aí sido colocados pelo papa, após a sua condenação por heresia. Além disso, o conclave - iniciado no dia 05 de setembro de 1559 -, iria durar três meses e vinte e um dias, devido aos impasses criados pelo poder de veto dos príncipes católicos e às dificuldades políticas que se apresentavam naquele momento. Diante da animosidade do povo romano, que exigia a eleição do papa, o cardeal Medici, futuro Pio IV, representou uma espécie de solução de compromisso, já que não se conseguia chegar a um acordo entre os nomes mais cotados no conclave. De fato, até aquele momento, o cardeal Giovanni Angelo de' Medici era pessoa de segundo plano, e é precisamente nesse sentido, que se deve compreender a forma depreciativa como era chamado, enquanto cardeal: o “Medichino”. Cf. GALUZZI, Alessandro (A cura di). *Op. Cit.*, pp. 565-570.

⁴² Conforme no gosto da época, um dos primeiros biógrafos de Carlos Borromeu, o Possevino, anotarà a seguinte curiosidade em torno da figura de Pio IV: “Fu questo um gloriosissimo Pontefice per molti capi; sì per essere egli nato in dì di Pasqua; creato papa la notte seguente il dì di Natale, e coroato il dì dell'Epifania, solennità maggiori di tutto l'anno”. POSSEVINO, Giovanni Battista. *Discorsi della vita et attioni di Carlo Borromeo, Prete Cardinale di Santa Chiesa del titolo di Santa Prassede, Arcivescovo di Milano. Al molto illustre e Reverendissimo Monsignor Cesare Speciano, Vescovo di Cremona*. In Roma, Appreso Iacomo Tornieri, 1591, p. 12. Segue nossa tradução: “Este foi um gloriosíssimo Pontífice por muitos aspectos; seja pelo fato dele ter nascido no dia de Páscoa; criado papa na noite seguinte ao dia de Natal, e coroado no dia da Epifania, as maiores solenidades [que ocorrem ao longo] de todo o ano”.

⁴³ À confirmação que nem todos aprovavam o nepotismo do papa, segue a afirmação de Sala sobre a eleição do jovem Carlos Borromeu ao cardinalato: “A exaltação de um juvenzinho de vinte e dois anos, pois era quantos anos tinha Carlos Borromeu, à honra da púrpura e à dignidade arcebispal de uma diocese como a aquela de Milão, foi censurada então por muitos, e foi entendida como efeito daquele amor que se impunha aos sobrinhos e que tantas vezes foi reprovado aos Pontífices”. SALA, Antonio. *Biografia di San Carlo Borromeo*. Milano: Ditta Boniardi-Pogliani di Ermenegildo Besozzi, 1858, p. 7.

⁴⁴ O perfil diferenciado de Carlos Borromeu em relação ao tema da reforma da Igreja e à sua própria conduta de vida, devem ser entrevistados num conjunto de relações e de fatos. A morte inesperada de seu irmão, ocorrida em 1562, certamente deverá ter exercido uma influência no que dizia respeito a certas escolhas imediatas do Borromeu: por exemplo, sua preferência pelo celibato e pela vida eclesiástica, ao invés de se casar e tomar o posto de chefe da família, como esperava - e incentivava - até mesmo seu tio, o papa Pio IV. No entanto, outros fatos devem ter incidido positivamente para a formação de sua espiritualidade e de suas visões reformistas, principalmente no que tangia ao ideal de bispo. Nesse sentido, é preciso recordar que sua época estava marcada

Fig. 6: Sessão conclusiva do concílio de Trento. Pintura atribuída a Nicolò Dorigatti, 1711. Museu diocesano tridentino.

pelo surgimento de novas espiritualidades e de novos santos – Santo Inácio de Loyola e os jesuítas, São Caetano de Tíene e os teatinos, Santo António Maria Zaccaria e os barnabitas, São Felipe Néri e os padres do oratório, etc. – com quem o Borromeu travou contatos pessoais que o marcariam positivamente. Também algumas figuras de bispos reformadores foram importantes para o Borromeu completar seu quadro de bispo ideal: Gian Matteo Giberti (1493-1543), bispo de Verona (Itália) e Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), bispo dominicano de Braga (Portugal), com quem o Borromeu travara amizade por ocasião de sua vinda de Portugal para participar no concílio de Trento. Cf. CATTANEO, Enrico. *L'Intensità di una Vita*. In: AA. VV. *Il Grande Borromeo tra Storia e Fede*. Milano: Cassa di Risparmio, 1984. Para as relações com as novas ordens, Cf. PASTOR, Ludovico Von. *Storia dei Papi*. Vol 7. Roma: Desclée & C. Editori, 1928, p. 92.

1.2 São Carlos Borromeu

Carlos nasceu na Rocca di Arona – uma colina situada na margem piemontesa do Lago Maggiore - na noite de 02 de outubro de 1538⁴⁵ da família dos Borromeu⁴⁶. Era o quarto filho do Conde Gilberto II Borromeu, com sua esposa Margherita Médici⁴⁷. Ainda muito jovem, ele perde a sua mãe⁴⁸ e seguindo os costumes da época, não

⁴⁵ Para a situação das biografias do Borromeu, uma visão geral se poderá ser encontrada nos artigos de Marcora e Rimoldi: Cfr. MARCORA, Carlo. *La storiografia dal 1584 al 1789*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo...* Vol. 1. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 19886, pp. 37-75 e RIMOLDI, Antonio. *La storiografia dei secoli XIX e XX*, In: *Idem*, pp. 77-131. Quanto à biografia e escritos sobre a vida do Borromeu, e que nos foram possíveis consultar, além dos já mencionados textos, arrolamos as seguintes obras: GIUSSANO, Pietro. *Vita di S. Carlo Borromeo Prete Cardinale del Titolo di Santa Prassede Arcivescovo di Milano. Scritta dal Dottore Gio. Pietro Giussano, Sacerdote nobile milanese; nella quale oltre le attioni e miracoli fatti in vita da esso santo, si descrivono anco quelli operati dopò la morte, & canonizatione sua*. In Brescia: Per Batolomeo Fontana, 1612; CASTIGLIONE, Giovanni Battista. *Sentimenti di San Carlo Borromeo intorno agli spettacoli; a sua Altezza Reverendissima Monsignor Cristoforo De' Migazzi, Arcivescovo di Vienna, e Principe del S. R. I. ec.* In Bergamo: Appresso Pietro Lancellotti, 1759; PANIGAROLA, Francesco. *Orazione Funerale del R. P. F. Francesco Panigarola. In morte dell'illustrissimo, e Reuerendiss. Carlo Borromeo, Cardinale di Santa Presedia, e Arcivescovo di Milano. Al Serenissimo Carlo Emanuele Duca di Savoia*. In Firenze: Appresso Francesco Tosi, e' Compagni, 1585; BORROMEO, Carlo. *Libretto dei ricordi al popolo della città et diocesi di Milano, dati dell'illustriss. Card. Di S. Prassede, Arcivescovo, per il vivere christiano, communemente à ogni stato di persone, et particolarmente à Padri, et Madri di fameglia, Mastri, o' Capi di boteghe et lavoratori*. In Milano: Per Pacifico Pontio, impressore di Monsignor Illustrissimo, & Reverendiss. Cardinale di Santa Prassede, 1578; TIZZONI, Francesco. *Ricordi ouvero ammaestramenti di S. Carlo Borromeo, Card. & Arc. di Milano*. In Roma: s. e., 1679; DECANO, Francesco Penia. *Relatione Sommaria della vita, santità, miracoli & atti della canonizatione di S. Carlo Borromeo, Cardinale del Titolo di Santa Prassede, Arcivescovo di Milano*. In Roma: Nella Stâperia della Com. Apostolica, 1610; SALA, Aristide. *Documenti circa la vita e le gesta di S. Carlo Borromeo*. Milano: Tipografia e Libreria Arcivescovile Ditta Boniardi-Pogliani di Ermenegildo Besozzi, 1861.

⁴⁶ Sobre a origem do nome "Borromeu" algum autor que ver seu surgimento num episódio com contornos de lenda: "[...] l'Imperatore Giustiniano, preoccupato, manda uno dei suoi migliori capitani, um descendente di Vitaliano: Giovanni. Questi da buon soldato combatte con forza tenacia e fortuna. Salva la città Eterna che lo aclama come suo salvatore e i cittadini a perpetuarne la riconoscenza lo chiamano col nomignolo, che rimarrà perpetuo nella sua famiglia, di Bonus Romanus, quindi in quello di Bonromeo e da ultimo per assimilazione Borromeo". RIVOLTA, Adolfo. *Op. Cit.*, p. 1 Segue nossa tradução: "[...] o imperador Justiniano, preocupado, manda um de seus melhores capitães, um descendente de Vitaliano: Giovanni. Este, como bom soldado, combate com força, tenacidade e sorte. Salva a cidade Eterna que o aclama como seu salvador e os cidadãos para perpetuar o seu reconhecimento o chamam com o apelido, que permanecerá perpétuo em sua família, de *Bonus Romanus*, logo naquele de Bonromeu e por último, por assimilação, Borromeu".

⁴⁷ "Il padre suo fu il conte Giberto, figliuolo del conte Federigo Borromeo, nobilissimo melanese; e a madre Margherita de Medici, sorella carnale di Gio. Iacomo de Medici, Marchese di Melegnano, famosissimo capitano dell'Imperatore Carlo Quinto & Generale alcuna volta del suo essercito; e del Cardinale Gio. Angelo de Medici, che assunto al Pontificato si chiamò Pio Quarto". GIUSSANO, Pietro. *Op. Cit.*, p. 2. Segue nossa tradução: "O seu pai foi o Conde Giberto, filho do Conde Federigo Borromeo, nobilíssimo milanês; e a mãe Margherita de Medici, irmã carnal de Giovanni Giacomo de Medici, Marquês de Melegnano, famosíssimo capitão do Imperador Carlos V e alguma vez General do seu exército; e do Cardeal Giovanni Angelo de Medici, que elevado ao Pontificado, se chamou Pio IV".

⁴⁸ Margherita morreu no ano de 1547, quando Carlos tinha apenas nove anos. Além de Carlos, o casal teve outros quatro filhos: a primogênita Isabella (1533? 1534?), Frederico (1535), Vitaliano (1537, que morreu logo a seguir) e Camila (1544? 1545?). O pai se casará uma segunda vez com Taddea dal Verme, viúva do Conde Lucrécio Gambará, a qual se tornará mãe de Gerolama (1548), Ana (1550), Hortência (1551? 1552?). Taddea morrerá no ano de 1552,

sendo o primogênito, Carlos ingressa na vida eclesiástica⁴⁹ assumindo a abadia dos Santos Gratiano e Felino⁵⁰ como abade comendatário.

Fig. 7: Nota com as datas de nascimento de Frederico, Vitaliano e Carlos Borromeu. Isola Bella, Archivio Borromeo.

de modo que o pai do Borromeu contrairá ainda um terceiro casamento no ano de 1553 com a Condessa Aurélia Vistarini. Em 1558 morrerá o Conte Giberto. Cfr. CATTANEO, Enrico. *L'Intensità di una vita* In: *Op. cit.*, p. 11.

⁴⁹ "Com sete anos, no palácio Borromeu de Milão, ele recebeu a tonsura e o hábito clerical das mãos do bispo de Lodi, cardeal Giovanni Simonetta [...]". MAJO, Angelo. *Op. cit.*, p. 29 (Trad. nossa).

⁵⁰ Cfr. SALA, Antonio. *Op. Cit.*, p. 6.

Após um breve período, ele ingressará na faculdade de Pavia⁵¹, onde se diplomará *in utroque iure*. Durante vinte anos ele se formará num ambiente – entre Arona e Pavia - que poderia ser caracterizado como provincial⁵², o que estaria de acordo com a posição de uma família nobre mediana, de um ponto de vista econômico, como revelam algumas cartas trocadas entre o jovem estudante e seu pai, o Conde Gilberto:

[...]Vorrei che V. S. mi inviassse del danaro al più presto perchè è un'onta per una persona della mia condizione di portare um gabbano sotto uma pelliccia, come sono stato obbligato di fare nei giorni scorsi.⁵³

[...] Ho una grande onta: i creditori mormorano così che io non so da qual parte voltarmi. Vostra Signoria sa bene che là dove non si è conosciuti, si ha poco credito”.⁵⁴

⁵¹ “Nel 1552 Carlo si iscrisse alla facoltà di diritto dell’Università di Pavia, dove il 6 dicembre 1559 ricevette dalle mani del grande umanista milanese e futuro cardinale Francesco Alciati la laurea *in utroque iure*”. MAJO, Angelo. *Op. cit.*, p. 30. Segue nossa tradução: “Em 1552 Carlos se inscreveu na faculdade de direito da Universidade de Pavia, onde, aos 6 de dezembro de 1559 receberá das mãos do grande humanista milanês e futuro cardeal Francesco Alciati o diploma *in utroque iure* [direito civil e canônico]”. Segundo o seu biógrafo Giussano, Carlos Borromeu mais tarde, enquanto cardeal sobrinho, teria feito as articulações necessárias para premiar seu antigo professor elevando-o à dignidade cardinalícia. Cfr. GIUSSANO, Pietro. *Op. cit.*, p. 6.

⁵² “Come cadetto di una famiglia di modesta nobiltà, Carlo è destinato alla carriera ecclesiastica e pertanto viene inviato a Pavia per seguire i corsi di diritto civile e canônico presso la locale università. Sono scelte ovvie, guidate da criteri di profilo medio-basso, tant’è vero che l’orizzonte di questo Giovane lombardo resta circoscritto alla routine familiare, senza apprezzabili cenni alla dinamica storica di anni nei quali si stabilizza il dominio spagnolo in Lombardia, tocca il suo apice il Rinascimento, cominciano a farsi sentire in Europa le conseguenze delle grandi scoperte geografiche, divampa la lotta confessionale, inizia la celebrazione del concilio di Trento. L’abbondante epistolario giovanile [...] è del tutto sordo e insensibile, egemonizzato da piccole circostanze”. ALBERIGO, Giuseppe. *Carlo del mito e Carlo da storia*. In: *Op. Cit.*, pp. 144-145. Segue nossa tradução: “Como cadete de uma família de modesta nobreza, Carlos está destinado à carreira eclesiástica e, portanto, é enviado para Pavia para seguir os cursos de direito civil e canônico junto à universidade local. São escolhas óbvias, guiadas por critérios de um perfil abaixo da média, tanto é verdade, que o horizonte deste jovem lombardo permanece circunscrito à rotina familiar, sem grandes acenos à dinâmica histórica: os anos nos quais se estabiliza o domínio espanhol na Lombardia, o Renascimento, que toca seu ápice, começam a se fazer sentir na Europa as consequências das grandes descobertas geográficas, explode a luta confessional, inicia a celebração do concílio de Trento. O abundante epistolário [do Carlos] juvenil [...] está totalmente surdo e insensível [a estes grandes fatos], sendo hegemonizado pelas pequenas circunstâncias [do dia a dia]”.

⁵³ Trecho da carta de do jovem Carlos Borromeu endereçada ao seu Pai, o Conde Gilberto Borromeu, datada de 10 de abril de 1553 e 21 de junho de 1553, *Apud*: RIVOLTA, Adolfo. *Op. cit.*, p. 15. Segue nossa tradução: “[...] Quisera que V. S. me enviasse algum dinheiro, o mais rápido, porque é uma desonra para uma pessoa da minha condição endossar um capote sob um casaco de peles, como fui obrigado a fazer nestes dias passados [...]”.

⁵⁴ Trecho da carta do jovem Carlos Borromeu endereçada ao seu Pai, o Conde Gilberto Borromeu, datada 21 de junho de 1553, *Idem*. Segue nossa tradução: “[...] Tenho uma grande desonra: os credores murmuram tanto que eu não sei para onde eu possa ir. Vossa Senhoria sabe muito bem que, lá onde não se é conhecido, há pouco crédito [...]”.

Compreende-se logo, que o efeito da notícia de um tio papa deve ter exercitado sobre Carlos, um estudante que tinha que lidar com a falta constante de dinheiro, um grande fascínio para além de toda medida, como fica evidente numa carta escrita para um de seus parentes ao longo da viagem que ele faz para Roma, a convite do tio papa:

“[...] Avevo deciso di passare per Firenze, ma pensando poi che questi pranzi e queste finezze sarebbero molto più frequenti se io passassi per lo Stato della Chiesa, ho deciso di andare per le Romagne e così sono già arrivato a Imola [...] Sono stanco di tante visite. Non credevo di avere dei parenti che a Milano e ne ho trovato una quantità infinita a Bologna. Ma che vi dirò della cortesia che mi hanno usato ieri a Reggio? Ho trovato una casa molto bene adorna: attraverso la mia persona non si poteva onorare maggiormente il Papa... credo che se fossi un corpo santo e ci manca poco... le popolazioni non sarebbero accorse con più premura di quello che fanno per vedermi [...]”⁵⁵.

Fig. 8: Carlos Borromeu menino. Autor ignoto, Coleção privada da família Borromeu

⁵⁵ “[...] Tinha decidido de passar por Florença, mas depois pensando que estes banquetes e estas finezas seriam muito mais frequentes se eu passasse pelo Estado da Igreja, decidi ir pelas Romagne e assim, já cheguei em Ímola [...]. Estou cansado de tantas visitas. Acreditava que tinha parentes apenas em Milão e encontrei uma quantidade infinita em Bolonha. Mas o que vos posso dizer da cortesia que me fizeram ontem em Reggio? Encontrei uma casa muito bem decorada: através da minha pessoa não se poderia honrar mais o Papa... creio que se fosse um corpo santo, e falta pouco... as pessoas não teriam concorrido com mais carinho do que aquilo que fazem para me ver [...]”. Carta de Carlos Borromeu, escrita para o Conde Guido de Ímola, datada de 6 de janeiro de 1560, *Apud*: RIVOLTA, Adolfo. *Op. Cit.* p. 29. (Trad. nossa). Também o Giussano intui o estado de ânimo do Borromeu: “[...] il nostro Carlo però, che più d’ogni altro ragionevolmente sentir doveva al suo cuore gioia infinita; massimamente per li sommi honori a lui preparati, come in somiglianti casi, a chi è nipote caro del Pontefice, avvenir suole [...]”. GIUSSANO, Pietro. *Op. Cit.*, p. 9. Segue nossa tradução: “[...] o nosso Carlos porém, mais do que qualquer outro razoável sentir, devia ter em seu coração alegria infinita; principalmente pelas sumas honras para ele preparadas, como costuma ocorrer, em casos semelhantes, a quem é sobrinho querido do Pontífice [...]”.

Uma vez em Roma, aos 31 de janeiro de 1560, Carlos e outro primo, Giantonio Serbelloni⁵⁶ – que era já bispo de Foligno – foram nomeados como Cardeais pelo tio, o papa Pio IV, no entanto, foi o sobrinho Carlos quem recebeu as graças do Pontífice:

“Onde senza porvi dimora alcuna, lo fece [a Carlos] per primo Protonotario participante, e dipoi Referendario; e l'ultimo giorno di Gennaro 1560 lo creò cardinale del Titolo de' Santi Vito e Modesto, che mutò poi fra poco tempo in quello di S. Martino ne' Monti: et alli otto del seguente mese di Frebraro gli conferì il Titolo dell'Arcivescovado di Milano [...]”.⁵⁷.

Iniciava-se assim um novo capítulo na história do agora Cardeal Carlos Borromeu. Se, em princípio, as atitudes do papa em relação aos sobrinhos se distanciavam em muito das necessidades do ideal de reforma da Igreja⁵⁸, paradoxalmente será esse mesmo papa quem reabrirá o concílio de Trento⁵⁹, instrumento efetivo para as mudanças necessárias dentro da Igreja. Essa reabertura do concílio pelo tio, o papa Pio IV, e o consequente conhecimento da necessidade de reforma na Igreja, mais o conhecimento pessoal de personagens de grande estatura,

⁵⁶ Cfr. JEDIN, Hubert. *Carlo Borromeo...*, p. 7.

⁵⁷ GIUSSANO, Pietro. *Op. Cit.*, p. 9. Segue nossa tradução: “Onde sem demora alguma, o tornou [a Carlos] primeiramente Protonotário participante, e depois Referendário; e no último dia de Janeiro de 1560 o criou Cardeal do Título dos Santos Vito e Modesto, que depois, em pouco tempo, mudou para aquele de S. Martino ne' Monti: e aos oito do mês seguinte de Fevereiro, lhe conferiu o Título do Arcebispado de Milão [...]”. Mais tarde, em 1564, o Borromeu trocará o seu Título pelo Título mais prestigioso de Santa Praxedes.

⁵⁸ Pio IV comportou-se como um papa renascentista, cumulando os sobrinhos de honrarias e títulos que se revertiam em fontes de renda. Carlos, além dos Títulos já mencionados, recebeu as comendas de mais de dez abadias, foi nomeado Legado da Romagna, protetor do Reino de Portugal e dos Países Baixos, Protetor de várias ordens religiosas: Franciscanos, Carmelitas, Humiliatas, Hierosolimitanos e da Ordem de Cristo, de Portugal. Foi também nomeado Arcipreste da Basílica de Santa Maria Maior e Grande Penitenciário. Embora houvesse mais sobrinhos, o papa deu os títulos mais cobiçados aos irmãos Borromeu: seu irmão Frederico fora colocado pelo papa como Capitão Geral do exército Pontifício e ele, Carlos, recebeu o título de Cardeal Sobrinho, o qual seria – como já acenado – equivalente ao que seria hoje a função do Cardeal Secretário de Estado. Cfr. JEDIN, Hubert. *Carlo Borromeo...*, p. 8.

⁵⁹ Ao contrário de quanto afirmado por alguns autores mais antigos, “È una legenda che Pio IV abbia riaperto e concluso il concilio di Trento per sollecitazione del nipote. [...] il papa Medici sapeva troppo bene che la richiesta sempre più urgente e pressante di una riforma della Chiesa, effettiva e non puramente verbale, poteva essere soddisfatta solo da un concilio”. JEDIN, Hubert. *Carlo Borromeo...*, p. 9. Segue nossa tradução: “É uma lenda aquela na qual Pio IV tenha reaberto o concílio de Trento a pedido do sobrinho [Carlos Borromeu]. [...] O papa Médici sabia muito bem que a necessidade sempre mais urgente e premente de uma reforma da Igreja, efetiva e não puramente verbal, poderia ser satisfeita apenas por um concílio”. JEDIN, Hubert. *Carlo Borromeo...*, p. 9.

como o Cardeal Giovanni Morone⁶⁰, e de círculos mais espiritualizados⁶¹, provavelmente levaram o Borromeu a traçar paulatinamente uma nova rota, que aos poucos o irá levando ao distanciamento da vida mundana da corte papal⁶². De fato, no caso do Borromeu, os biógrafos narram seu gosto apurado pelos estudos⁶³ e sua participação em debates intelectuais refinados na assim chamada *Academia das Noites Vaticanas*⁶⁴:

⁶⁰ A propósito da grande figura do Morone, e da sua condenação por Paulo IV como herege e, posteriormente de sua reabilitação por Pio IV, cfr. FIRPO, Massimo. *Inquisizione romana e Controriforma. Studi sul cardinal Giovanni Morone (1509-1580) e il suo processo d'eresia*. Brescia: Morcelliana, 2005.

⁶¹ Em sua estadia romana, além do Morone, Carlos travou conhecimento com os dominicanos Girolamo Vielmi, Egidio Foscarari e, principalmente, com o dominicano e bispo português Bartolomeu dos Mártires. Com este último, como já acenado, nasceria uma amizade profunda e duradoura: o Borromeu ficaria por muito tempo impressionadíssimo pelo ideal de bispo encarnado pelo dominicano. Cfr. WALZ, Angelus. *I domenicani al concilio di Trento*. Roma: Herder, 1961 e, principalmente, ROLO, Raul de Almeida. *S. Carlo Borromeo, discepolo e protettore del bracarense Bartolomeu dos Mártires*. In: AA. VV. *San carlo e il suo tempo...*, pp. 1135-1164. Além disso, Mons. Nicolò Ormanetto, o padre escolhido para representar Carlos Borromeu como seu vigário diante da Arquidiocese de Milão nos primeiríssimos tempos de seu governo pastoral, fora criado na escola do bispo de Verona, Matteo Giberti e fora igualmente colaborador do Cardeal inglês Reginald Pole; a este propósito cfr. CATTANEO, Enrico. *Il primo concilio milanese (A. 1565)*. In: AA. VV. *Il concilio di Trento e la riforma tridentina. Atti del convegno storico internazionale – Trento, 2-6 settembre 1963*. Roma: Herder, 1965, pp. 215-216; PROSPERI, Adriano. *Tra evangelismo e controriforma: Gian Matteo Giberti (1495-1543)*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2011 e SIMONCELLI, Paolo. *Il caso Reginald Pole: Eresia e santità nelle polemiche religiose del cinquecento*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1977. Também não se deve menosprezar os contatos do Borromeu com os jesuitas, os teatinos e com os padres do Oratório de São Felipe Néri.

⁶² Em geral, os biógrafos afirmam que em nenhum momento Carlos deixou se corromper profundamente pelas atrações da vida mundana oferecidas pela Roma *del cinquecento*, no entanto “[...] nelle Terme svolgeva la sua ricreazione maggiore, la caccia. I suoi biografi saranno presi da sconcerto pudore nel dirlo, tutti compresi di incauta coerenza per gli sviluppi della cosiddetta conversione ascetica del cardinale, fatto a loro eroica immagine. La caccia, come gli esercizi accademici delle *Notti Vaticane*, gli rompevano l’assedio disumano di una fatica di piombo, incessante, politica, raramente religiosa, ambigua, disgustosa. Appena potrà la lascerà volando”. DE MAIO, Romeo. *Carlo Borromeo e Michelangelo*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo tempo...*, p. 998. Segue nossa tradução: “[...] nas Termas [Carlos] fazia a sua maior recreação: a caça. Os seus biógrafos serão tomados por desconfortante pudor em dizê-lo, todos, inclusive os de incauta coerência em favor da assim chamada conversão ascética do cardeal, tornada por eles imagem heroica. A caça, assim como os exercícios acadêmicos das *Noites Vaticanas*, quebravam o assédio desumano de um cansaço, pesado como o chumbo, incessante, político, raramente religioso, ambíguo e repugnante. Assim que pôde, a abandonou imediatamente”.

⁶³ Cfr. GALBIATI, Giovanni. La cultura di San Carlo Borromeo. Discorso alla 25ª assemblea generale dei sacerdoti svizzeri, già alunni dei seminari milanesi. Bürglen (Uri) [Suíça], il 05 novembre 1956. Disponível in: file:///C:/Users/User/Downloads/zfk-001_1957_51_a_003_d.pdf, acesso em 05.02.2014.

⁶⁴ Considerada como uma das mais interessantes criações daquela época, nessa Academia participavam personagens de certo peso: “Simonetta, che doveva essere uno dei Legati di Pio IV al Concilio, e Francesco Gonzaga, il secondo Cardinale di Mantova. Fra gli accademici, otto o dieci altri dovevano presto ricevere la porpora. Fra essi possiamo rammentare i nomi di Ugo Boncompagni che cinse la tiara sotto il nome di Gregorio XIII, di Francesco Alciati, l’antico maestro di San Carlo a Pavia, allora Datario del Papa, di Silvio Antoniano, altro amico personale del nostro santo, suo segretario [...] uno dei migliori latinisti del suo tempo, di Carlo Visconti, che servì alla Corte di Roma da informatore officioso durante il Concilio, di Tolomeo Galli, allora arcivescovo di Manfredonia, futuro segretario di Stato, e di Carlo Conti che apparteneva ad una illustre famiglia romana [...]. Accanto a questi

Fu sempre molto studioso questo Signore, & in gioventù sua studiando in Pavia, & dipoi fatto cardinale sino alla morte: onde procurò sempre havere in casa sua huomini schietti e singolari come in virtù, così anco in lettere: a talche, come ben disse lodandolo il Rev. Padre Panigarola: sì come Roma era una scelta di principali huomini del Mondo, così la casa del Cardinale di Santa Prassede sarà la midolla di Roma. Introdusse sino da principio in casa sua (come s'è detto) un'Accademia d'huomini eccellenti in ogni sorte di lettere nella quale si esercitavano & in voce & in scritto: & esso stesso Cardinale riusciva sì bene quanto qual si voglia altro, come si può vedere frà le altre cose da un bellissimo, e molto lungo discorso della Charità che esso allhora compose. Da questa Accademia sono poi riusciti huomini segnalatissimi in ogni sorte di virtù, e anco in dignità, molti Prelati, e molti Cardinali. Ha poi sempre continuato il Signor Cardinale di havere in casa sua huomini letterati, e dovunque andava, procurarne e mantenergli non solo facendone quella stima e conto che si deve alla virtù, ma inanimandoli anco con grosse provisioni: che in questo fu veramente questo signore uno specchio di liberalità, e unico Mecenate e fautore di studiosi.⁶⁵

futuri cardinali, l'Accademia delle Notti Vaticane riuniva anche un Giovanni Delfino, uno dei più belli spiriti che contasse la diplomazia pontificia, uno Sperone Speroni [...] [con] sua fama già antica di fine letterato e di incomparabile oratore; finalmente un Paolo Sfrondati, fratello del futuro papa Gregorio XIV". CELIER, Leonzio. *San Carlo Borromeo* (1538-1584) Roma: Desclée & C., 1912, pp. 57-58. Segue nossa tradução: "Simonetta, que devia ser um dos Legados de Pio IV no Concílio [de Trento], e Francesco Gonzaga, o segundo Cardeal de Mântua. Dentre os demais acadêmicos, oito ou dez deveriam logo receber a púrpura [cardinalícia]. Dentre esses, podemos recordar os nomes de Ugo Boncompagni, que endossou a tiara sob o nome de Gregório XIII, de Francesco Alciati, o antigo mestre de São Carlos em Pavia, então Datário do papa, de Silvio Antoniano, outro amigo pessoal do nosso santo, seu secretário, [...] um dos melhores latinistas de seu tempo; de Carlo Visconti, que serviu à corte de Roma como informante não oficial durante o Concílio [de Trento]; de Tolomeo Galli, então bispo de Manfredônia, futuro secretário de Estado; e de Carlo Conti que pertencia a uma ilustre família romana [...]. Junto destes futuros cardeais, a Academia das Noites Vaticanas reunia também alguém como Giovanni Delfino, um dos mais belos espíritos com que a diplomacia pontificia podia contar; alguém ainda como Sperone Speroni [...] com antiga fama de lúcido literato e de incomparável orador; finalmente havia alguém como Paolo Sfrondati, irmão do futuro papa Gregório XIV".

⁶⁵ "Foi sempre muito estudioso este Senhor [Carlos Borromeu], & na juventude sua, estudando em Pavia, & depois criado cardeal até à morte: onde procurou sempre ter em sua casa homens sinceros e singulares, assim como nas virtudes, também nas letras: A tal finalidade, como bem disse, louvando-o o Rev. Padre Panigarola: já que Roma era uma seleção dos principais homens do mundo, assim a casa do Cardeal de Santa Praxedes era a medula de Roma. Introduziu desse o princípio em sua casa (como se disse) uma Academia de homens excelentes em toda sorte de letras nas quais se exercitavam & a voz & por escrito: & esse mesmo Cardeal era tão capaz quanto qualquer outro, como se pode ver entre, dentre outras coisas, de um belíssimo, e muito longo discurso sobre a Caridade que ele então compora. Desta Academia saíram depois homens assinaladíssimos por toda sorte de virtude, e também em dignidade, muitos Prelados, e muitos Cardeais. Continuou sempre o Senhor Cardeal [Carlos Borromeu] a ter em sua casa homens letrados, e em qualquer lugar fosse, procurava destes e os mantinha, não somente procurando-lhes aquela estima e conta que se deve à virtude, mas animando-os também com grandes provisões: que nisto foi verdadeiramente este senhor um espelho de liberalidade, e único Mecenas e fautor de estudiosos" POSSEVINO, Giovanni Battista. *Op. Cit.* p. 37 (Trad. nossa). O Giussano ainda nos revela o motivo do nome dado a essa Academia pelo Borromeu: "Chiamò questi esercitii Accademici, com titol di Notti Vaticane. Notti, percioche vi si attendeva di notte, non le concedendo commodità di farlo di giorno le sue gravi, e continue occupationi. Vaticane, perchè si facevano nel Palagio Pontificio, che si chiama il Vaticano". *Idem*, p. 14. Segue nossa tradução: "Chamou estes exercícios acadêmicos com o título de Noites Vaticanas. Noites, porque se esperava a noite [para que elas ocorressem], já que as suas graves e contínuas ocupações não lhe permitiam a comodidade para fazer durante o dia. Vaticanas porque se faziam no Palácio Pontifício, que se chama o Vaticano". A participação do Cardeal

Ainda durante o período romano, Carlos mostra-se não só como um excelente administrador, interessado pela arquitetura da urbe, mas também como alguém preocupado em organizar e conservar os documentos de caráter histórico:

Se fin dal primo anno del pontificato di Pio IV si vide rifiorire Roma, rinnovarsi l'edifici, formarsi acquedotti, monumenti antichi dissotterrarsi, eleggersi cardinali uomini insigni per probità di vita, scienza, erudizione, tutto ciò fu per insinuazione del cardinale Borromeo. Ai primi anni di Carlo in Roma, va attribuita la prima costituzione dell'Archivio Segreto Vaticano, mentre da arcivescovo di Milano imporrà al suo clero l'obbligo della istituzione de' singoli archivi parrocchiali per la conservazione delle memorie storiche locali ⁶⁶.

Entrementes, em 1562 se abate uma tragédia sobre os Borromeu, através da morte inesperada do irmão primogênito de Carlos, Frederico Borromeu, como narra o Giussano:

[...] e tutti lo piansero assai, eccetto Carlo, il quale, rappresentandosele auanti gli occhi nell'acerba morte del prosperoso fratello vivamente la instabilità, & volubilità delle vane ombre di queste fallaci cose humane, comprimendo il gran dolore, che di quella morte sentiva il suo debole senso, con una virtù meravigliosa di animo [...] ritirandosi in se stesso, si mise a pensare seriamente, che si moriva, e che alla morte riparo nissuno ritrovare poteva. E passando più oltre considerò, che è gran pazzia quella dell'huomo ragionevole, che pone affetto alla vanità de' beni apparenti di questa vita mortale [...] ⁶⁷.

Borromeu na Academia estava de acordo com o seu status de cardeal sobrinho. Ao que parece, as reuniões dessa Academia começam já em 1560 e continuam durante toda a estadia romana do Borromeu com discussões de elevado caráter humanista e clássico; a partir de 1562-63, há notícias sobre a mudança dos conteúdos das discussões, que a partir desse ano, seriam de caráter eminentemente religioso. Para a questão da Academia cfr.: LOSITO, Maria. *Villa Pia e l'Accademia delle Noctes Vaticanae*. La cultura umanistica do San Carlo Borromeo. In: BORGHESE, Daria (a cura di). *La casina di Pio IV in Vaticano*. Torino: U. Allemandi, 2010, pp. 96-106.

⁶⁶ MANUZIO, P. *Epistolae*, lib. VI, 8, 1561. *Apud*: SCADUTO, Mario. *Scuola e cultura a Milano nell'età borromaica*. In: San Carlo e il suo tempo..., p. 965. Segue nossa tradução: "Se desde o primeiro ano do pontificado de Pio IV se viu o reflorescer de Roma, o renovar-se das estradas, a formação de aquedutos, monumentos antigos desenterrados, a eleição, como cardeais, de homens insígnies pela vida proba, ciência, erudição, tudo isso foi por insinuação do cardeal Borromeu. Atribui-se aos primeiros anos de Carlos em Roma, a primeira constituição do Arquivo Secreto Vaticano; enquanto arcebispo de Milão imporá ao seu clero a obrigação da instituição dos arquivos paroquiais para a conservação das memórias históricas locais". A propósito do interesse do Borromeu pelos arquivos e pelos "*Status animarum*" cf.: PALESTRA, Ambrogio. *La legislazione del Car. Carlo Borromeo per gli archivi ecclesiastici della Provincia metropolitana milanese*. In: AA. VV. *Palaographica diplomatica et archivistica*. Studi in onore di Giulio Battelli. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979, pp. 593-616.

⁶⁷ GIUSSANO, P. *Op. Cit.*, p. 14. Segue a tradução: "[...] e todos o choraram assaz, exceto Carlos, o qual, representando diante dos olhos, através da amarga morte do rico irmão, vivamente a instabilidade & a volubilidade das sombras vãs destas falazes coisas humanas, comprimindo a grande dor que daquela morte sofria o seu sentido débil, com uma virtude maravilhosa de ânimo [...] retirando-se em si próprio, se pôs a pensar seriamente que se morresse, que diante da morte refúgio algum ele poderia encontrar. E indo mais além, considerou que é uma

Fig. 9: Carlos Borromeu, jovem cardeal. Pintura de Carlo Dolci, 1659, detalhe, Palácio Pitti, Florença.

Com a morte do irmão mais velho, abriu-se o problema da continuidade do nome da família. Esperava-se Carlos assumir o lugar do irmão e procurar-se um casamento como forma de perpetuar a família. O próprio papa considerava essa como a melhor opção e já estava pronto para conceder ao Borromeu as devidas dispensas⁶⁸. Porém, Carlos decide não seguir o óbvio e continua no cardinalato, recebendo em seguida o

grande loucura aquela do homem racional, que coloca o afeto nas vaidades dos bens aparentes desta vida mortal [...]"

⁶⁸ Cfr. SALA, Antonio. *Op. cit.*, p. 9.

sacramento da ordem com o vínculo do celibato⁶⁹. Essa atitude é vista pelos biógrafos como o grande ponto de viragem na vida de Carlos, em que ele se decide por uma vida ascética⁷⁰ e voltada para a reforma da Igreja⁷¹.

⁶⁹ Ele será ordenado presbítero no dia 17 de julho de 1563 na igreja de S. Pietro in Montorio; o episcopado viria no dia 07 de dezembro do mesmo ano, no dia de Santo Ambrósio, o grande bispo Milanês e padroeiro da diocese de Milão. A obrigação do celibato ele já a havia contraído quando recebera a ordenação subdiaconal no dia 21 de dezembro de 1560, porém, com a ordenação presbiteral a dispensa para esse vínculo era mais complicada. Cfr. NAVONI, Marco. *Op. cit.*, p. 17.

⁷⁰ A propósito da mudança operada em Carlos Borromeu, um contemporâneo relata como a atividade reformadora do cardeal sobrinho estava mudando toda a cidade de Roma: “Di Roma, non atendendo a nuove, non so che me Le dire, se non che quell’acconcia stagni e candelieri ha tolto a rifarla tutta: e non gli basta Roma, che vuol fare il medesimo per tutto”. *Trecho de carta de Annibal Caro, secretário do Cardeal Farnese, endereçada a Torquato Conti, duque de Poli, governador de Anagni e general das tropas pontifícias*, datada de 22 de julho de 1564 In: NAVONI, Marco. *Op. cit.*, p. 22. Segue uma nossa tradução mais livre: “Em Roma não há novidades, não sei o que lhe dizer, a não ser que aquele arruma supelétriles de estanho e candelabros [São Carlos Borromeu], decidiu refazer toda a cidade: e não lhe basta Roma, quer fazer o mesmo com todo [o mundo]”.

⁷¹ Naturalmente não se deve esperar que a morte do irmão tenha sido a única causa da conversão, como dão a entender as fontes antigas, o mais provável é que a perda de Frederico tenha representado para Carlos um ponto relevante dentro de um processo mais longo de maturação espiritual. O contato com as várias correntes de reforma católica, como já acenado, a responsabilidade do cargo de Cardeal sobrinho, enfim, outras variantes devem ter contribuído sobremaneira para a decisão convicta de Carlos. Cfr. ALBERIGO, Giuseppe. Carlo Borromeo e il suo modello di vescovo. In: AA. VV. *San Carlo e il suo tempo...*, pp. 192-193.

Fig. 10: Academia das Noites Vaticanas, incisão de J.A. Saxius, Milão, 1748.

1.3 Arcebispo de Milão.

Após receber a ordenação episcopal das mãos do Cardeal Gian Antonio Serbelloni, em 1563 na capela Sistina⁷², no dia 12 de maio de 1564, Carlos seria nomeado oficialmente arcebispo de Milão⁷³. Pouco tempo depois, no dia 23 de

⁷² É preciso também lembrar que em dezembro de 1563 chegava ao fim o concílio de Trento e muitos dos seus participantes foram até Roma. Dentre estes, como já acenado, destaca-se o bispo e frei dominicano Bartolomeu dos Mártires que apoiará fortemente a decisão de Carlos deixar a cúria romana para assumir a diocese de Milão. Para Trento, e particularmente para Bartolomeu, o bispo é “como que o fundamento da vida da Igreja local, que deve ser amada com a dedicação de um esposo fiel e cercada de cuidados constantes, através do empenho contínuo da residência estável nela, no anúncio da doutrina e na guia do caminho religioso do rebanho da diocese, bem como na proximidade caridosa a todos aqueles que se encontram na necessidade”. ZARDIN, Danilo. *La vita e i miracoli di San Carlo Borromeo*, Milano: Jaca Book, 2010, p. 12.

⁷³ Já antes dessa nomeação oficial, o Borromeu havia sido indicado como administrador dessa diocese em 1560, por ocasião de sua elevação ao cardinalato. É por isso que desde esse ano ele envia emissários para se informar a propósito da situação da diocese; é assim que terão papéis importantes Mons. Geronimo Ferragatta e Nicolò Ormanetto. Cfr. SALA, Aristide. *Op. Cit.*, pp. 10-11.

setembro de 1565, o cardeal Carlos Borromeu fazia sua entrada triunfal na cidade de Milão como arcebispo⁷⁴, como ele mesmo narra:

[...] Fino a Milano le strade erano sempre state piene di una folla di gente e di onoratissimi cavalieri, che venivano encontro a me; essi mi hanno tutti accompagnato. Essi manifestavano col loro viso e con le loro parole una così grande contentezza di vedermi che io non poteva fare altrimenti che godere infinitamente della loro allegrezza. Non voglio omettere di dire che a Marignano [oggi Melegnano] fui ricevuto dal Card. di Aragona e dal Marchese suo fratello, con tutte le cortesie... Questa sera, dormirò a l'Abazia di Chiaravalle per fare domani, domenica, la mia entrata solenne in Milano. [...] Domenica sera, giorno 23, dopo i vesperi, entrai solenemente in Milano, come era stato deciso: fui ricevuto com tutti gli onori possibili; l'immenso concorso e la grande venerazione di tutto il popolo mi hanno reso felice, al di sopra di tutte le espressioni. Feci la mia entrata come Arcivescovo in cappa e mitra, montato sopra un cavallo bianco e non punto come Legato⁷⁵.

Ao entrar em sua diocese, o Borromeo encontrará uma realidade no mínimo contraditória, pois assim como havia algumas iniciativas no espírito da reforma católica já em ato na cidade⁷⁶, havia, por outro lado, uma imensa realidade necessitada de transformações⁷⁷.

⁷⁴ Apesar de Pio IV ter nomeado o sobrinho como *legato a lettere* para toda a Itália, desse modo lhe aumentava o prestígio e garantia o seu retorno a Roma quando assim desejasse, o Borromeu escreve a Monsenhor Ormanetto explicitando seu desejo de entrar em Milão não como Legado pontifício, mas como simples arcebispo. Aqui há um provável indício da importância da figura do bispo, delineada no concílio de Trento e encarnada pelo Borromeu. Cfr. RIVOLTA, Adolfo. *Op. cit.*, p. 127.

⁷⁵ Segue nossa tradução: [...] Até Milão as estradas estavam sempre cheias de uma multidão de pessoas e de honradíssimos cavaleiros, os quais vinham ao meu encontro; eles todos me acompanharam. Com o seu rosto e com suas palavras eles manifestavam uma tão grande alegria em me ver que eu não podia fazer outra coisa senão gozar infinitamente da alegria deles. Não quero omitir em dizer que em Marignano [hoje Melegnano] foi recebido pelo Card. de Aragona e pelo Marquês seu irmão, com todas as cortesias... Esta noite dormirei na Abadia de Chiaravalle para fazer amanhã, domingo, a minha entrada solene em Milão. [...] Domingo à noite, dia 23, depois das vésperas, entrei solenemente em Milão, como havia sido decidido: fui recebido com todas as honras possíveis; o imenso acorrer e a imensa veneração de todo o povo me tornaram feliz, acima de todas as expressões. Fiz minha entrada como Arcebispo, com capa e mitra, montado em cima de um cavalo branco e não, portanto, como Legado". BORROMEU, Carlos. *Trechos de Carta escrita e endereçada ao bispo de Como*, 1565. *Apud*: RIVOLTA, A. *Op. cit.*, pp. 127-128

⁷⁶ "Sin dalla fine del quattrocento, il beato Giovanagelo Porro, dei Servi di Maria, è stato interessato nei giorni di festa, di radunare i giovani per sottrarre loro ai pericoli di una vita sulla strada e dare loro i rudimenti della dottrina cristiana. Un'iniziativa che è stata accolta e migliorata nella prima metà del cinquecento da un prete intelligente di origine comasca, Castellino da Castello, a cui è dovuta l'organizzazione di vere e proprie scuole, che, insieme con gli elementi essenziali del catechismo, si insegnava anche a leggere e scrivere [...]". NAVONI, Marco. *Op. cit.*, pp. 52-53. Segue nossa tradução: "Desde o final do quatrocentos, o bem aventurado Giovanagelo Porro, dos Servos de Maria, se preocupava nos dias festivos, em reunir os jovens para subtraí-los aos perigos de uma vida pela estrada e transmitir-lhes os rudimentos da doutrina cristã. Uma iniciativa que foi acolhida e aperfeiçoada, na primeira metade do quinhentos por um padre inteligente de origem comasca, Castellino da Castello, ao qual se deve a

Por vezes, essas mudanças em prol de uma *reformatio* demandavam medidas drásticas, como testemunha uma carta sua, escrita a seu vigário, Mons. Ormanetto em 1565:

[...] Circa l'abuso di quei preti che dicono più messe in una mattina, è necessario estirparlo in ogni modo; però mi pare che dobbiate farli metter in prigione, et esaminare diligentemente se lo hanno fatto senza licenza, se sforzati dalla povertà, se sono invecchiati in questo peccato, se sono stati soliti di dir più messe doppo essersi purificati alla prima, et altre simili circostanze che possono far più et men grave l'error loro et soprattutto, se havessero anco fallato in altro oltre questo, essendo verisimile che questi tali siano huomini di mala vita, et di tutto potrete da minutamente aviso, et all'ora portà haversi consideratione del castigo che sia conveniente secondo la qualità del delitto, si per punitione loro, come per terrore degli altri ⁷⁸.

organização de verdadeiras e próprias escolas, nas quais, junto com os elementos essenciais do catecismo, ensinava-se também a ler e escrever [...]". NAVONI, Marco. *Op. cit.*, pp. 52-53.

⁷⁷ Em 1498 havia sido eleito para a diocese de Milão o Cardeal Hipólito I d'Este, irmão do Duque de Ferrara. Ele assumira apenas com interesses econômicos, como era relativamente comum na época. Em 1519 ele renuncia à diocese e lhe sucede o sobrinho, Hipólito II – que tinha na época apenas 10 anos de idade. Ao que parece, ele nunca pôs o pé na cidade. Ao todo, Milão havia ficado cerca de 50 anos sem a presença de um bispo. O clero, muitas vezes apresentava traços de uma vida dissoluta, mais preocupados com o dinheiro e com os prazeres que com seus deveres espirituais. Cfr. GIANNINI, Massimo Carlo. *Uma Chiesa senza arcivescovo*. Identità e tensioni politiche nel governo ecclesiastico a Milano (1546-1560). Disponível in: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/1196/17141_D12.pdf?sequence=1, acesso 05.03.2015.

⁷⁸ BORROMEU, Carlos. *Trecho de Carta escrita em Roma e endereçada ao Mons. Ormanetto, datada de 03 de fevereiro de 1565*. In: SALA, Aristide. Documenti circa la vita e le gesta di S. Carlo Borromeo. Milano: Tipografia e libreria arcivescovile Ditta Boniardi-Pogliani di Ermenegildo Besozzi, 1861, p. 332. Segue nossa tradução: “[...] Acerca do abuso destes padres que dizem mais missas numa manhã, é necessário que ele seja extirpado de todos os modos; porém me parece que vós deveis colocá-los na prisão, e examinar diligentemente se o fizeram sem licença, se foram forçados a isso pela pobreza, se envelheceram neste pecado, se se acostumaram a dizer mais missas depois de terem se purificado antes, e outras circunstâncias similares, que podem tornar mais ou menos grave o seu erro, e sobretudo, se tivessem também falhado em outra coisa, além disto, já que é verosímil que estes tais sejam homens de má vida; e de tudo podereis dar minuciosa notícia, e então se poderá ter em consideração o castigo que seja conveniente conforme a qualidade do delito, se para a sua punição, como para o terror dos outros”. A atitude drástica do Borromeu está alinhada com o pensamento da época e relativo ao decoro do culto, o qual deveria envidar todos os esforços possíveis para eliminar qualquer ação que diminuísse a dignidade da celebração. Sua atitude corresponde principalmente aos preceitos tridentinos, já que o concílio, em seu *Decretum de observandis et vitandis in celebratione missarum* (Decreto sobre o que se deve observar e evitar na celebração da missa), elaborado durante a XXII Sessão do concílio, rezava: “[...] *Atque ut multa paucis comprehendantur in primis quod ad avaritiam pertinet cuiusvis generis mercedum conditiones pacta et quidquid pro missis novis celebrandis datur necnon importunas atque illiberales eleemosynarum exactiones potius quam postulationes alia que huiusmodi quae a simoniaca labe vel certe a turpi quaestu non longe absunt omnino prohibeant*. Segue nossa tradução: “[...] Retomando, antes de tudo, para o que diz respeito à avareza, eles [os bispos] deverão proibir absolutamente toda condição ou pacto relativo a um honorário [pela celebração da missa] de qualquer natureza [...]; proibirão também quaisquer pedidos de esmola que pareçam mais taxas insistentes e indecorosas, e outras coisas similares, que não estão muito longe do pecado de simonia [i.e., a venda dos sacramentos] [...]”. O decreto continua especificando uma série de situações a serem evitadas: celebração da missa por um padre desconhecido; proibição da celebração da missa nas casas privadas; proibição de músicas lascivas durante a celebração; comportamento adequado dentro da igreja; eliminação de aspectos supersticiosos dentro da missa, como o

Tendo compreendido a necessidade de reforma da Igreja como poucos, o Borromeu se esforçará em cumprir fielmente as determinações do concílio de Trento, e é precisamente no ideal de bispo, delineado pelo concílio, que ele procurará sempre se espelhar:

Cum praecepto divino mandatum sit omnibus quibus animarum cura commissa est oves suas agnoscere pro his sacrificium offerre verbi que divini praedicatione sacramentorum administratione ac bonorum omnium operum exemplo pascere pauperum aliarum que miserabilium personarum curam paternam gerere et in cetera munia pastoralia incumbere quae omnia nequaquam ab his praestari et impleri possunt qui gregi suo non invigilant neque assistunt sed mercenariorum more deserunt: sacrosancta Synodus eos admonet et hortatur ut divinorum praeceptorum memores facti que forma gregis in iudicio et veritate pascant et regant. Ne vero ea quae de residentia sancte et utiliter iam antea sub felicis recordationis Paulo tertio sancita fuerunt in sensus a sacrosanctae Synodi mente alienos trahantur ac si vigore illius decreti quinque mensibus continuis abesse liceat: illis inhaerendo declarat sacrosancta Synodus omnes patriarchalibus primatialibus metropolitanis ac cathedralibus ecclesiis quibuscumque quocumque nomine et titulo praefectos etiam si sanctae Romanae Ecclesiae cardinales sint obligari ad personalem in sua Ecclesia vel dioecesi residentiam ubi iniuncto sibi officio defungi teneantur neque abesse posse nisi ex causis et modis infrascriptis⁷⁹.

Certamente ele sentia essas obrigações propostas pelo tridentino como suas, provavelmente ainda mais agravadas pelo fato de Milão ter permanecido sem um bispo residente por muito tempo, o que levou à paulatina degradação do ambiente

número de velas, etc. A este propósito, veja-se: *CONCILIUM TRIDENTINUM, Sessio XXII, Decretum de observandis et vitandis in celebratione missarum*. In: *Op. cit.*, p. 736s.

⁷⁹ *CONCILIUM TRIDENTINUM, XXIII Sessio, Decreta super reformatione, canon I*. In: *Op. cit.*, p. 744. Segue nossa tradução: “Com preceito divino foi mandado a todos aqueles encarregados pelo cuidado das almas de conhecer as próprias ovelhas, de oferecer por estas o sacrifício [da Missa] e de apascentá-las por meio da pregação da palavra divina, a administração dos sacramentos e o exemplo de toda boa obra, de ter um cuidado paterno pelos pobres e pelos outros necessitados e de se incumbir de todos os outros deveres pastorais. Todos estes atos não podem ser cumpridos por aqueles que não vigiam e não assistem ao próprio rebanho, mas o abandonam como mercenários, portanto o sacrossanto sínodo os admoesta e os exorta para que, lembrados dos divinos preceitos e se tornando modelos para o rebanho, o apascentem e o governem na sabedoria e na verdade. Para que as santas e úteis disposições sobre a residência [...], não sejam interpretadas de modo totalmente estranho à intenção do sacrossanto sínodo, [...]: o sacrossanto concílio, reafirmando-as, declara que todos aqueles que, [...] estão postos como cabeça de igrejas patriarcais, primaciais, metropolitanas, catedrais, ainda que cardeais da santa romana igreja, estão obrigados à residência pessoal em sua igreja ou diocese, onde são obrigados a cumprir a ofício a eles confiado, e não podem se ausentar, senão pelos motivos e nos modos indicados em seguida”.

eclesiástico⁸⁰. Diante desse quadro, suas ações pastorais, em geral, buscarão sempre inspiração e legitimação no concílio de Trento⁸¹. É por isso que um de seus primeiros atos na diocese será a convocação de um concílio provincial, como estipulado pelo tridentino:

Provincialia concilia sicubi omissa sunt pro moderandis moribus corrigendis excessibus controversiis componendis aliis que ex sacris canonibus permissis renouentur. Quare metropolitani per se ipsos seu illis legitime impeditis coepiscopus antiquior intra annum ad minus a fine praesentis concilii et deinde quolibet saltem triennio post octavam paschae resurrectionis Domini nostri Iesu Christi seu alio commodiori tempore pro more provinciae non praetermittat synodum in provincia sua cogere quo episcopi omnes et alii qui de iure vel consuetudine interesse debent exceptis iis quibus cum imminente periculo transfretandum esset convenire omnino teneantur. [...] Synodi quoque diocesanae quotannis celebrentur [...] ⁸².

Durante esse primeiro concílio provincial⁸³ o Borromeu deu claras mostras que a reforma da Igreja não era, no dizer de um contemporâneo, “*solum verbo, sed*

⁸⁰ “Muitos sacerdotes não se demonstravam à altura de suas tarefas, tendo muita dificuldade até mesmo para a leitura dos livros litúrgicos e para a explicação dos rudimentos do catecismo. A ignorância em campo religioso devia ser difusa e o obséquio formal aos deveres da prática cristã (a missa festiva, a comunhão por ocasião da Páscoa) se misturava, em muitos casos, ao sincretismo das crenças mágico-supersticiosas, com um forte entrelaçamento entre a realidade do sagrado e exigências profanas ligadas à pressão dos liames familiares, às relações de promiscuidade social, à festa, à busca de defesas contra a doença e o medo da morte”. ZARDIN, Danilo. *Op. cit.*, p. 13.

⁸¹ Segundo o grande historiador, Ludwig von Pastor, a este propósito o concílio de Trento foi para Carlos Borromeu “Carne e Sangue”. Cf. PASTOR, Ludovico Von. *Storia dei Papi*. Vol. 9 Roma: Desclée & C. Editori, 1928, p. 66.

⁸² “Se in algum lugar foi omitido, seja restabelecido o uso de convocar os concílios provinciais para regular os costumes, corrigir os abusos, compor as controvérsias e para as outras questões contempladas pelos sacros cânones. [...] A ele devem absolutamente participar todos os bispos e os outros que por direito ou por costume são obrigados a aí intervir, excetuados somente aqueles que tivessem que enfrentar uma travessia marítima que apresente iminente perigo. [...] Os sínodos diocesanos se celebrem a cada ano”. *Idem*, XXIV Sessio, *Decretum de reformatione generali, canon II*. *Op. cit.*, p. 761 (Trad. nossa). A ideia de reunir regiões eclesiásticas em sínodos ou concílios provinciais é em muito anterior ao período da reforma católica. No entanto, nem sempre esses princípios foram observados, de modo que o concílio de Trento retoma a antiga disciplina eclesiástica da exigência de reuniões anuais. O precedente legislativo imediato a Trento, encontra-se no concílio medieval do Latrão, realizado em 1215: *Sicut olim a sanctis patribus noscitur institutum, metropolitani singulis annis cum suis suffraganeis provincialia non omittant concilia celebrare, in quibus de corrigendis excessibus et moribus reformandis, praesertim in clero, [...]*. “Como antigamente fora estabelecido pelos santos padres, os metropolitas não deixem de celebrar a cada ano com os seus sufragâneos os concílios provinciais; neles trate-se diligentemente, no temor do Senhor, da correção dos abusos e da reforma dos costumes, especialmente do clero [...]”. *CONCILIUM LATERANENSE IV, Constitutiones, 6*. *Idem*, p. 236 (Trad. nossa).

⁸³ O último concílio provincial milanês havia sido realizado em 1311. Para uma visão geral do evento provocado pelo Borromeu, cfr. CATTANEO, E. *Il primo concilio provinciale milanese* (a. 1565), In: *Il Concilio di Trento e la riforma tridentina*. Atti del convegno storico Internazionale. Trento 2-6 settembre, 1963. Roma: Herder, 1965, pp. 215-275.

exemplo”⁸⁴, isto é, não era apenas uma retórica, mas algo a ser exemplarmente cumprido de fato:

[...] Si atende con molta diligenza alla riforma et il Cardinale nostro la fa in Decreti et in esecutione che ha fatto dismettere tutti li vasi d'argento che si adoperavano et ridotto la tavola sua a singular frugalità et se fosse stato possibile ridurre la persona sua a più abstinenza et esemplarità l'haveria fatto, ma è stato da molti anni in uqa et sempre tanto continente et esemplare che non vi ha potuto aggiungere se non il celebrare ogni giorno, il che ha cominciato et continuato da otto giorni in qua. Lunedì si fece la prima sessione che continuò il dì seguente la mattina sino a 19 hore et dalle 20 sin'a notte si attese a legger' li decreti del concilio di Trento et tutti li padri giurarno poi la professione della fede, a 2, 3 giorni di questo si farà la seconda sessione et fra tanto si fanno continue congregazioni, che durano tutto il giorno et gran parte de la note di modo che tutti si stracano excetto il Card.le Borromeo, il quale miracolosamente resiste con tanta fortaleza e di animo et del corpo a queste continue fatiche che ognuno ne stupisce [...] ⁸⁵.

⁸⁴ ANTONIANO, Silvio. *Citação de sua carta escrita ao Cardeal Sirleto e datada de 20 de outubro de 1565. Apud: Idem*, p. 243.

⁸⁵ “[...] Espera-se com muita diligência à reforma e o nosso Cardeal [Borromeu] a faz por meio de Decretos e por meio de sua execução, fez despedir todos os serviços de prata que se usavam e reduzido a sua mesa a singular frugalidade e, se lhe tivesse sido possível reduzir a sua pessoa a maior abstinência e exemplaridade o teria feito, mas já há tantos anos e desde então, sempre foi tão continente e exemplar que ele não pôde adicionar a isso senão o celebrar todos os dias, o que já começou e continuou de oito dias para cá. Segunda-feira fez a primeira sessão que continuou no dia seguinte pela manhã até às 19 horas e das 20 até à noite se ficou a ler os decretos do concílio de Trento e todos os padres juraram depois a profissão da fé, daqui a 2 ou 3 dias se fará a segunda sessão e entretanto se fazem contínuas congregações, que duram todo o dia e grande parte da noite, de modo que todos se exaurem, exceto o Cardeal Borromeu, o qual milagrosamente resiste com tanta fortaleza de animo e de corpo a estas contínuas fadigas que todos se maravilham [...]”. FERRI, Teopompo. *Trecho de carta endereçada ao Cardeal Sirleto, datada de 17 de outubro de 1565. Apud: ibidem*, p. 244 (Trad. nossa).

Fig. 11: Entrada solene do Borromeu em Milão. Pintura de Filippo Abbiati, 1670-80. Duomo de Milão.

Além dos concílios locais e sínodos⁸⁶, onde se discutiam as medidas e decretos a serem tomados para a reforma da igreja milanese, outro ponto importantíssimo da ação pastoral borromeana foram as visitas pastorais que imprimiram um efeito duradouro na vida da diocese milanese. Também essas visitas ao território diocesano, haviam sido preconizadas pelo Tridentino:

Patriarchae primates metropolitani et episcopi propriam dioecesim per se ipsos aut si legitime impediti fuerint per suum generalem vicarium aut visitatorem si quotannis totam propter eius latitudinem visitare non poterunt saltem maiorem eius partem ita tamen ut tota biennio per se vel visitatores suos compleatur visitare non praetermittant. [...] Visitationum autem omnium istarum praecipuus sit scopus sanam orthodoxam que doctrinam expulsis haeresibus inducere bonos mores tueri praevarios corrigere populum cohortationibus et admonitionibus

⁸⁶ De 1565, ano de sua chegada em Milão como Arcebispo, até 1584, o ano de sua morte, Carlos Borromeu realizou nada menos que 11 sínodos e 6 concílios provinciais.

ad religionem pacem innocentiam que accendere cetera prout locus tempus et occasio feret ex visitantium prudentia ad fidelium fructum constituere⁸⁷.

Ainda que fossem prescrições do concílio, certamente Carlos Borromeu conferiu à essas visitas características próprias, do momento que ele estava convencido que o seu exemplo pessoal era a melhor ferramenta para a *reformatio* de sua diocese⁸⁸. Por isso, sempre que possível, fará pessoalmente as visitas pastorais e nelas, não faltaram exemplos de abnegação e de heroísmo, que acabaram impressionando toda a população da época:

Quando nel 1574 era a Cannobio, sul lago Maggiore, voleva compiere la Visita a Cavaglio, piccolo villaggio della riva piemontese, allora di pertinenza dell'Arcivescovo di Milano. Il sentiero, giacchè non era affatto una strada, era pericoloso; il Borromeo si avvia tranquillo e in pace cavalcando la sua mula, quando l'animale mette un piede in fallo e il Nostro cade a terra, sopra di lui il quadrupede. Accorrono i compagni di viaggio. Se lo vedono già nel burrone, massacrato per la caduta, in un lago di sangue. Nulla di tutto ciò. Tanto il cardinale, quanto la cavalcatura sono lì, sani e salvi sul ciglio del precipizio⁸⁹.

⁸⁷ “Os patriarcas, os primazes, os metropolitas e os bispos não deixarão de visitar pessoalmente a própria diocese; caso fossem legitimamente impedidos, o façam por meio de seu vigário geral ou de um visitador. Se não pudessem visitá-la completamente a cada ano, por causa de sua extensão, visitem pelo menos a maior parte, de modo tal, porém, que ao longo de dois anos, ou pessoalmente ou por meio de seus visitadores, a visita esteja completada. [...] Finalidade de todas estas visitas deve ser a de expor a doutrina pura e ortodoxa, depois de ter expulsado as heresias, de salvaguardar os bons costumes e corrigir aqueles corrompidos, de inflamar o povo, com exortações e admoestações à piedade, à paz e à pureza, e de estabelecer, conforme a prudência dos visitadores, todas as outras coisas que, considerado o lugar, o tempo e a ocasião, possam trazer fruto aos fiéis”. *Idem, canon III. Op. cit.*, pp. 761-762 (Trad. nossa).

⁸⁸ Um dos maiores exemplos que o Borromeu deu foi durante a peste de 1576. Enquanto muitos fugiam da cidade para evitar a contaminação, Carlos Borromeu aí permaneceu acudindo ao povo e, principalmente, os doentes. Desse seu grande testemunho é possível ter uma ideia de seu zelo na sua obra dedicada ao povo milanês: BORROMEU, Carlos. *Libretto dei ricordi al popolo della città et diocese di Milano, dati dall'illustriss. Card. di S. Prassede, arcivescovo, per il vivere christiano, commumente à ogni stato di persone, et particolarmente à Padri, et Madri di fameglia, Mastri, ò capi di botteghe et lavoranti*. In Milano per Pacifico Pontio, impressore di Monsignor illustrissimo, & Reverendiss. Cardinale di Santa Prassede, 1578.

⁸⁹ “Quando em 1574 estava em Cannobio, no Lago Maggiore, queria fazer a Visita a Cavaglio, pequena aldeia da margem piemontesa, e que naquela época pertencia ao Arcebispo de Milão. O caminho, já que não se tratava realmente de uma estrada, era perigoso; Borromeu por aí se dirige tranquilo e em paz, cavalgando a sua mula, quando o animal põe uma pata em falso e o Nosso [Borromeu] cai por terra, sobre ele cai ainda o quadrúpede. Acodem os companheiros de viagem. Já o imaginam no abismo, massacrado pela queda, numa poça de sangue. Nada disso, ao invés. Tanto o cardeal quanto a montaria estavam ali,ãos e salvos na beira do precipício”. RIVOLTA, Adolfo. *San Carlo Borromeo*. Note Biografiche. Studio sulle sue lettere e sui suoi documenti. Milano: ARA, 1938, p. 158. (Trad. nossa). Outro episódio análogo de queda durante uma viagem se encontra na obra “*Nonnulla praeclara gesta beati Caroli Borromaei*”, provavelmente de autoria do religioso Cesare Bonino e publicada em Milão em 1610. Nessa obra – composta por 53 incisões de caráter mais popular com as respectivas legendas – na legenda da incisão número 21, lê-se: “Andando da Novara a Vercelli il carroziero riuersò la carrozza in uma fossa piena di fango, nella quale casco il cardinale, et imbrattatosi dimostra la virtù ella pazienza, defende, et mosso a pietà

Por meio desses instrumentos, concílios provinciais, sínodos diocesanos e visitas pastorais, Carlos Borromeu ia dando efetividade à reforma em sua diocese e, pouco a pouco, tal qual *sapiens architectus*⁹⁰ ia conduzindo Milão à uma espécie de “vitrine” da reforma católica⁹¹.

Fig. 12: Mapa feito por ocasião da visita pastoral de Carlos Borromeu a Cesano em 1566. Conservado no Arquivo da Cúria arcebispal de Milão.

escusa il carrozzeria”. In: ZARDIN, Danilo (A cura di). *Op. cit.*, pp. 106-107. Segue nossa tradução: “Enquanto ia de Novara a Vercelli, o cocheiro tombou a carruagem [onde se encontrava o Borromeu] numa poça cheia de lama, na qual o cardeal não pode evitar a queda; mas mesmo ficando sujo, ele demonstra a virtude da paciência, revelando-se compreensivo, e movido pela piedade desculpa o cocheiro [inábil]”. Sobre a impressão que causavam as visitas do Borromeu, alguns históricos relevam o fato que até hoje várias localidades italianas e suíças que receberam a visita do santo trazem ainda a sua marca através de algumas nomenclaturas que fazem referência ao santo. Uma simples pesquisa na *internet* (com as palavras “Fontana di San Carlo”, por exemplo) comprovam que muitas aldeias italianas e suíças conservam, ainda na atualidade, suas tradições locais relativas a algum sítio onde provavelmente o Cardeal Borromeu fez paragem para beber água.

⁹⁰ A expressão é de um padre jesuíta, Achille Gagliardi, e um dos tantos colaboradores do Cardeal Borromeu. Cfr. MARCOCCHI, Massimo. *L’Immagine della Chiesa in Carlo Borromeo*. In: *San Carlo e il suo tempo...*, p. 209.

⁹¹ Emblemáticas são as palavras do Cardeal de Como, Tolomeo Gallio, que substituiu Carlos junto a Pio IV, no que dizia respeito à atenção que as ações pastorais do Borromeu em Milão suscitavam: “lei può ben credere, che non Roma sola, ma quase tutta la buona Europa sta hora fissa et intenta”. *Apud*: CATTANEO, E. *Op. cit.* p. 216. Segue nossa tradução: “o Senhor pode bem crer, que não somente Roma, mas quase toda a boa Europa, está agora fixa e atenta”.

Naturalmente, toda essa atividade tinha também uma preocupação muito concreta: o problema do protestantismo. Milão tinha uma posição estratégica na península itálica; do ponto de vista do Borromeu, o território milanês se apresentava como uma espécie de cabeça de ponte capaz⁹² de deter o avanço do protestantismo proveniente do norte. Não é de se espantar que a ação do Borromeu visasse a instauração de uma ordenada *civitas christiana* como um baluarte de defesa⁹³, para isso ele devia exigir uma reordenação e um disciplinamento, principalmente de seu clero secular e religioso⁹⁴.

É de se imaginar que essas atitudes do Borromeu não poderiam passar sem provocar reações contrárias⁹⁵. Internamente, o auge da reação e da obstaculização ao Borromeu pode ser individuado no atentado contra a sua vida e perpetrado pela poderosa congregação dos humiliatas:

Si è narrato di sopra come quei Prepositi delli Frati Humiliati tentarono molte vie per ritornare al pristino stato non piacendo loro la nuova riforma di quella Religione fatta da San Carlo lor Protettore. Hora veggendo eglino che le diligenze humane riusciano tutte vane per l'ostacolo che gli veniu fatto

⁹² “Em 1549 vennero scoperti preti e frati eretici a Como, dove l’Inquisizione sequestrò anche dodici balle di libri protestanti che dovevano essere distribuiti in tutta l’Italia. Numerosi protestanti, noti e meno noti, lasciarono lo Stato di Milano per sottrarsi all’azione repressiva, sempre più intensa [...]” VINAY, Valdo. *La Riforma Protestante*. Brescia: Paideia, 1982, p. 364. Segue a tradução: “Em 1549 foram descobertos padres e frades hereges em Como, onde a inquisição sequestrou doze fardos de livros protestantes que deviam ser distribuídos em toda a Itália. Numerosos protestantes, conhecidos e menos conhecidos, deixaram o Estado de Milão para escapar da ação repressiva, cada vez mais intensa [...]”.

⁹³ Nessa linha, se poderia dizer que a atividade do Borromeu foi mais propositiva do que propriamente persecutória. É interessante notar sua contraposição – compartilhada pelos magistrados milaneses e pelos bispos italianos - às autoridades civis espanholas que desejavam a todo custo instaurar a inquisição espanhola da cidade. Borromeu estava convencido que apenas uma enérgica ação de disciplinamento e controle poderia por fim na ameaça protestante. Cf. BOTTONI, Ricardo. *Eretici ed ebrei nei concili e nei sinodi di San Carlo Borromeo*. In: AA. VV. *Studia Borromaica*. Milano: Ambrosiana, 1997, pp. 242-245. Cf. também ULIANICH, Boris. *Carlo Borromeo e i protestanti*. In AA. VV. *San Carlo e il suo tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, pp. 133-163.

⁹⁴ “Il cardinale Carlo Borromeo cercò di rinnovare la vita cattolica e di ristabilire la disciplina ecclesiastica, specialmente nei conventi. Ma trovò incredibili resistenze nel clero, anche nei vescovi, e nel governatore spagnolo di Milano. Il cardinale, che fu l’anima della restaurazione cattolica e della Controriforma in Italia, fu accusato di favorire il luteranesimo col suo eccessivo rigore”. VINAY, Valdo. *Op. cit.*, p. 364. Segue a tradução: “O cardeal Carlos Borromeu buscou renovar a vida católica e restabelecer a disciplina eclesiástica, especialmente nos conventos. No entanto, ele encontrou resistências absurdas no clero, até mesmo nos bispos e no governador espanhol de Milão. O cardeal, que foi a alma da restauração católica e da Contrarreforma na Itália, foi acusado de favorecer o luteranismo com o seu rigor excessivo”.

⁹⁵ Sobre essas reações em geral, remetemos às obras já citadas relativas à biografia do Borromeu. Aqui relataremos apenas dois episódios que ilustram as dificuldades enfrentadas pelo Arcebispo.

dall'autorità, e costanza di lui diedero adito alcuni d'essi alle maligni suggestioni del diavolo, il quale si pensò di fare un pessimo colpo, per torsi da gl'occhi chi gli distruggea il suo tiranico Imperio [...]. Congiurarono adunque insieme per tal fine trè di quei Prepositi; cioè Girolamo Presposito della Chiesa di Santo Christoforo di Vercelli, Lorenzo Preposito in Caravaggio, & Clemente Preposito di Santo Bartolomeo di Verona; e dopo varij discorsi risolverono d'affettuare quest'opera di tanto empia di voler far' amazzare il cardinale, comunicando il fatto ancora con altri di quella Religione. E per esecutore d'una tal sceleragine, si servirono d'un Frate dell'istesso ordine, che era Sacerdote, dimandato per nome Girolamo Donato, e soprannome il Farina, il quale s'essibì d'essequir volétieri il pessimo trattato, mentre gli havessero dato comodità di danari. La onde imitando egli Giuda pessimo mecante, vendè il Sangue di questo innocente Servo di Dio, per il prezzo di quaranta scudi, contendendosi di tanta summa, per mercede dell'iniquità sua. [...] Alla fine poi deliberò di far' il colpo nell'Oratorio dell'arcivescovado. [...] A questo luogo vène l'empio Farina un mercoledì, alli 26 d'Ottobre dell'istesso anno 1569 [...]. [...] lo scelerato micidiale, postosi in habito secolare sopra la porta dell'Oratorio, nõ più lontano dal cardinale di quattro braccia, circa mez'hora di notte, sul principio dell'oratione, sparò l'archibugio⁹⁶.

Desnecessário dizer que o que se seguiu foi uma grande correria pelo susto do barulho provocado pelo disparo. A colocar ordem na situação fora o próprio Borromeu, que milagrosamente havia escapado do atentado sem um arranhão sequer e instara para que todos os presentes voltassem para os seus lugares. Segundo ainda o relato do Giussano, o atirador fugiu sem deixar pistas. Na origem do funesto gesto dos religiosos, estava a não aceitação da ingerência do Borromeu na condução dos negócios da congregação.

⁹⁶ “Narrou-se acima como aqueles Prepósitos dos Frades Humiliatas tentaram muitos caminhos para voltarem ao antigo estado, já que eles não gostavam da nova reforma daquela Religião feita por São Carlos, seu Protetor. Agora, eles vendo que as diligências humanas resultavam todas vã em função do obstáculo que lhes era feito pela autoridade e constância dele [Borromeu], deram ouvidos, alguns deles, às malignas sugestões do diabo, o qual pensou em fazer um péssimo golpe para tirar de diante dos olhos quem [o Borromeu] lhe destruíra o seu tirânico império [...]. Conjuraram então para tal fim três daqueles Prepósitos; isto é, Girolamo, Prepósito da Igreja de São Cristóvão de Vercelli; Lorenzo, Prepósito em Caravaggio, & Clemente, Prepósito de São Bartolomeu de Verona; e depois de várias conversas resolveram efetuar esta obra tão ímpia de querer mandar matar o Cardeal, comunicando o fato com outros daquela Religião. E por executor de uma tal celerada ação, se serviram de um Frade da mesma ordem, que era sacerdote, chamado por nome de Girolamo Donato, e alcunha o Farinha, o qual lhes mostrou querer executar com muita boa vontade o péssimo trato, se eles lhe dessem uma boa quantia em dinheiro. Assim ele imitava Judas, péssimo mercador: vendeu o Sangue deste inocente Servo de Deus, pelo preço de quarenta escudos, contentando-se desta soma como dom de sua iniquidade. [...] Ao final, deliberou de disparar o golpe [de um arcabuz] no Oratório do Arcebisbado. [...] A este lugar veio o ímpio Farinha numa quarta-feira, aos 26 de outubro do mesmo ano de 1569 [...]. [...] O celerado assassino, pondo-se em hábito secular na porta do Oratório, não distante do Cardeal mais do que quatro braças, cerca de meia noite, no início da oração, disparou o arcabuz [...]”. GIUSSANO, Pietro. Op cit., pp-104-105 (Trad. nossa).

Fig. 13: Carlos Borromeu milagrosamente salvo do atentado. Giovanni Battista della Rovere, 1670-80, Duomo de Milão

Depois do atentado, somente após muitas investigações e oferecimento de recompensas e, finalmente, a proposição de uma excomunhão pelo papa, os culpados foram presos:

Pio Quinto [...] fulminò una scomunica grandissima contro chi havesse saputo qualche cosa di questo fatto, & non havesse rivelato [...] finalmente perche fù sempre verissimo che nihil occultum quod non reueletur (Math. 10, Luc. 8), ne mai si pose bruttezza alcuna sotto grande quantità di neve, che sopraggiunga il sole non si scoprisse; vennero due de' congiurati mossi dalla propria conscientia a rivelare non sò che del fatto, mà tacendo quello che più importava, che essi fussero stati partecipi di quei consigli fatti [...]. [...] forno di quelli sette ch'erano stati congiurati insieme contro Carlo, dati quattro al braccio secolare, quale parte ne fece impiccare, parte decapitare: algi altri tre perche in fatti non si trovarono colpevoli, & si erano ritirati da gli altri, fù perdonato⁹⁷.

⁹⁷ "Pio V [...] fulminou uma grandíssima excomunhão contra quem tivesse sabido de algo deste fato [o atentado contra o Borromeu], & não tivesse revelado [...] finalmente, porque sempre foi grande verdade que não há nada de oculto que não seja revelado (Mat. 10; Luc 8) e, nunca se colocou sujeira debaixo de uma grande quantidade de neve que, ao chegar do sol, não se descobrisse, vieram dois dos conjurados, movidos pela própria consciência, a

Os biógrafos afirmam que Carlos ficou pesaroso pela condenação dos culpados, e havia se posicionado pelo perdão, mas ao final, além da condenação dos culpados, a congregação dos humilhados foi suprimida pelo papa Pio V.

Também externamente as ações do Borromeu tiveram consequências drásticas. Não foram poucas as vezes que o arcebispo entrou em rota de colisão com as autoridades locais espanholas⁹⁸. Outro ponto saliente dessa difícil relação – que para além do Borromeu e dos governantes locais, envolvia a corte de Espanha e a Santa Sé – pode ser entrevisto nos episódios relativos à ação do Governador Antonio Guzman y Zuniga, marquês de Ayamonte, e que de algum modo iam contra a autoridade religiosa do Borromeu⁹⁹. O primeiro embate ocorreu logo após a peste, quando o Borromeu, convencido que a epidemia havia sido um castigo divino em virtude dos muitos pecados da cidade, resolve antecipar o fim do carnaval civil¹⁰⁰ para que o início da quaresma ambrosiana pudesse ser retomado conforme os dados da história, já que há algum tempo o Borromeu fazia a reforma do rito ambrosiano. O Ayamonte, que já tinha uma indisposição pelo Borromeu¹⁰¹, se negou em atender ao pedido do arcebispo e a crise religiosa, assumiu proporções políticas. A piorar a situação, houve a controvérsia sobre os ritos. Carlos Borromeu, em sua obra de restauração do culto da igreja de Milão, à

revelar não só algo daquele fato, mas calando sobre o que mais importava: que eles tinham participado daquela trama [...]. [...] Daqueles sete que haviam conjurado juntos contra Carlos, quatro foram dados ao braço secular, o qual, uma parte fez enforcar, e a outra parte decapitar: aos outros três, porque de fato não haviam sido declarados culpados, pois haviam se afastado dos outros, foram perdoados”. POSSEVINO, Giovanni Battista. *Op. Cit.*, pp. 152-153.

⁹⁸ Para os problemas do Borromeu com os governadores espanhóis da Milão do século XVI, além do reportado pelas várias biografias, ver ANNONI, Ada. *Carlo Borromeo e la società secolare*. In: *San Carlo e il suo tempo...*, pp. 889-960.

⁹⁹ Para a descrição destes episódios, utilizo o escrito do historiador Enrico Cattaneo: CATTANEO, E. *Op. cit.*, pp. 68-75.

¹⁰⁰ A propósito do carnaval milanês, cfr. CASTIGLIONE, G. B. *Sentimenti di S. Carlo Borromeo intorno agli spettacoli*. In Bergamo: appresso Pietro Lancellotti, 1759.

¹⁰¹ Interessante a notícia reportada pelo Cattaneo, quando da ocasião da apresentação do Ayamonte ao arcebispo. Nesse momento o governador Ayamonte teria dito ao arcebispo: “È troppo penoso il vedere che tutti vi amano a Milano: ivi voi siete adorato ed io, che sono il ministro del più potente Re, non sono gradito alla maggior parte di questa città”. *Apud*: CATTANEO, E. *Op. cit.*, p. 68. Segue nossa tradução: “É demasiadamente penoso para mim ver que todos lhe amam em Milão: aqui vós sois adorado e eu, que sou o ministro do Rei mais potente, não sou bem vindo para a maior parte desta cidade”

saber, o rito ambrosiano¹⁰², se sentiu diminuído em sua autoridade, em virtude do privilégio que o Ayamonte havia obtido do Papa Gregório XIII, através de um Breve¹⁰³, de celebrar o rito romano em qualquer igreja da cidade. A resposta do cardeal à essa ação não se fez esperar; por meio de uma carta escrita para o seu agente em Roma, mons. Speciano, o Borromeu dá a conhecer sua insatisfação para que ele leve ao conhecimento do papa:

Sono tanti i rispetti et gli obblighi miei nell'osservanza, che io porto a N. S., che può esser certo, ch'io avrò sempre per bene ogni cosa, che da lui sia ordinata. Ma pure mi sento obbligato ricordargli il disservitio di Dio, che io vedo manifestamente dover risultare dalle rissolutioni estorteli, poco sinceramente, da chi vi ha dentro fini poco conformi alla buona volontà di Sua Santità. Questo dico in occasione del Breve concesso, secondo che mi scrivete, al Governatore quì, di far celebrare in ogni Chiesa quì, dove anderà nel rito Romano. Alla qual concessione se Nostro Signore non pone rimedio, stimo che sia per partorire molti inconvenienti. [...] Sono in questa città tante Chiese regolari, dove si può udir Messa Romana. Già S. Santità gli haveva concesso licenza nel suo Oratorio. Nè io mai glie l'ho negata, in simili luoghi ¹⁰⁴.

A carta do Borromeu continua dizendo em não saber o porquê de tal solicitação do governador ao papa e explicitando os inconvenientes de tal autorização, aduzindo um fato do passado recente:

Ma quando la concessi una volta in S. Ambrogio di Milano, in luogo pur occulto e secreto, cioè nel Scurolo, per devotione di un religioso, ne fu fatto tanto strepito, et contraddittione, che io fui sforzato revocarla subito, et non lasciarla haver effetto [...] ¹⁰⁵.

¹⁰² A propósito do rito ambrosiano e Carlos Borromeu, ver o artigo do liturgista Enrico Cattaneo (não confundir com o homônimo historiador): CATTANEO, E. *Il restauro del culto cattolico*. In: *San Carlo e il suo tempo...*, pp. 424-457.

¹⁰³ Sobre a controvérsia envolvendo a disputa política em relação aos ritos romano e ambrosiano cf. RIVOLTA, Adolfo. *San Carlo Borromeo – Note Biografiche*. Milano: G. Gasparini, 1938, pp. 405-422.

¹⁰⁴ “São tantos os respeitos e as obrigações minhas na obediência que trago a Nosso Senhor [o papa], que pode estar certo que eu terei sempre por bem cada coisa que seja ordenada pelo Senhor. Mas igualmente me vejo obrigado a lhe recordar o desserviço de Deus, que eu vejo manifestamente dever resultar das resoluções que lhe foram obtidas com engano, pouco sinceramente, por quem tem dentro fins pouco conformes à boa vontade de Sua Santidade. Isto eu digo em relação ao Breve que foi concedido, conforme vós me escrevestes, ao Governador daqui, dele poder celebrar em toda Igreja daqui, onde irá, no rito Romano. A esta concessão, se Nosso Senhor [o papa] não colocar remédio, creio que ela fará nascerem muitos inconvenientes. [...] Existem nesta cidade tantas Igrejas regulares onde se pode ouvir a Missa Romana. Já sua Santidade lhe havia concedido licença em seu Oratório [para celebrar a missa romana]. Nem eu nunca lhe neguei, em tais lugares”. BORROMEU, Carlos. *Trecho de carta escrita a Mons. Cesare Speciano aos 12 de novembro de 1578* (Trad. nossa) .

¹⁰⁵ *Idem*. Segue nossa tradução: “Mas quando eu concedi [a missa romana] uma vez em Santo Ambrósio de Milão, num lugar, ainda que oculto e secreto, isto é no *Scurolo* [isto é, na cripta], para a devoção de um religioso, fizeram

O término da carta é feito com um pedido ao agente para que o papa:

Sua Santità subito havuta questa informatione, debba rimediarli, così anco perché non so se essa concessione sia conditionata, o limitata, o come sia. [...] Parlerete, in conformità di questa lettera, a Nostro Signore, e procurate rimedio da questa concessione [...] ¹⁰⁶.

O papa Gregório XIII revoga a concessão do Breve, mas ao mesmo tempo, o Borromeu deverá ir a Roma para prestar esclarecimentos sobre a difícil situação criada. Finalmente, depois destes acontecimentos novamente a questão do carnaval havia se colocado entre arcebispo e governador, desta vez, com a excomunhão do arcebispo lançada sobre o governador. Apesar de todos os esforços junto a Roma, o arcebispo levou a melhor. Como represália, o governador invadiu militarmente Arona, propriedade e lar dos Borromeus, e lançou vários panfletos difamando a figura do arcebispo. Ao final, o impasse só terminaria mediante uma doença grave do governador. Essa enfermidade fez com que o Borromeu fosse até ele, Ayamonte, em Brescia e levasse o consolo da absolvição e dos sacramentos, de modo que o governador morreu serenamente nos braços do arcebispo no dia 20 de abril de 1580.

Quanto ao Borromeu, depois de uma incessante atividade pastoral, que duraria ainda mais quatro anos após a morte de Ayamonte, se aproximou o fim. Sua morte, ocorrida no dia 03 de novembro de 1584 em Milão, se deu depois de alguns ataques de febre (provavelmente malária) e depois de ter visitado o santuário do Sacro Monte de Varallo.

tanto barulho, que me contradisseram, que fui forçado a revogar imediatamente [a permissão] e de não deixar que ela fosse levada a efeito”.

¹⁰⁶ *Ibidem*. Segue nossa tradução: “[...] Sua Santidade imediatamente obtida esta informação, deva sanar [a concessão], mesmo porque, não sei se esta concessão seja condicionada, ou limitada, ou como seja. [...] Falareis, em conformidade com esta carta, a Nosso Senhor [o papa] e procurareis remédio a esta concessão [...]”.

Fig. 14: Máscara mortuária de Carlos Borromeu. Convento de Porta Monforte, Milão.

As fontes narram com certa riqueza de detalhes o passamento do santo e, no discurso fúnebre feito pelo padre Panigarola, diante de centenas de milaneses, aparece a convicção da perda de uma das grandes personagens de uma época:

Et ecco, ò Milanesi che il vostro e mio Cardinale è morto. Ecco che la Corona vostra è caduta, che è sparito [sic] la tramontana mostra, che il nostro lume è spento [...] & ecco adempito l'augurio, & ecco, quomodo sedet sola civitas, che è senza se bene è, piena popolo, & questa sposa Mediolanense chiesa, che per sommo splendore pareva Domina Gentium, hora perduto te è fatta quasi vidva [sic], e come vedova tutta piena di lagrime e pianto [...] ¹⁰⁷.

¹⁰⁷ PANIGAROLA, Francesco. *Orazione Funerale del R. P. F. Francesco Panicarola. In morte dell'illustrissimo, e Reuerendiss. Carlo Borromeo, Cardinale di Santa Presedia, e Arcivescovo di Milano. Al Serenissimo Carlo Emanuele Duca di Savoia*. In Firenze: Appresso Francesco Tosi, e' Compagni, 1585, pp. 3-4. Segue nossa tradução: "E eis, ó milaneses, que o vosso, e o meu cardeal está morto. Eis que a vossa coroa caiu, desapareceu o nosso vento norte, a nossa luz apagou-se [...] [...] & eis cumprida a profecia, & eis, como está sentada solitária aquela cidade, que está sem ti, ainda que esteja cheia de gente, & che aquela esposa que é a igreja milanesa, que em sumo esplendor parecia Senhora das gentes, agora que te perdeu, se tornou quase que viúva, e como viúva, toda cheia de lágrimas e choro [...]".

Capítulo II

CARLOS BORROMEU E ARQUITETURA RELIGIOSA DE SEU TEMPO.

Fig. 15: Incisão: Carlos Borromeu circundado por suas fundações, Autor ignoto, Século XVII, Biblioteca Ambrosiana, Milão.

Durante sua estadia à frente da diocese de Milão, o Borromeu se deparou também com a questão da arquitetura das suas igrejas. Para ele, a questão da

restauração do culto e o seu decoro deveriam ser tratados *pari passu* à restauração da arquitetura¹⁰⁸. Em algumas ocasiões ele chega a enfatizar esse liame:

Hoc est opus, fratres inter maiora huius ecclesiae praecipuum; totus enim fructus in decretorum executione consistit, de qua hic agendum. Vos oculi mei estis, vos aures, vos manus, vos huius Cathedrae et Ecclisiae bases ac fulcimenta validiora¹⁰⁹.

Dentro dessa visão, ele, ao organizar a vida eclesiástica internamente na cidade de Milão, se aproveitará da conformação da própria urbe para estabelecer um organismo vivo¹¹⁰, provavelmente baseado primeiramente na inspiração do texto bíblico paulino, o qual já via a igreja como um corpo formado por uma cabeça e membros¹¹¹. Em certo momento, a própria cidade de Milão lhe deverá ter aparecido como um imenso desafio a ser organizado nos moldes de uma Jerusalém celeste¹¹².

¹⁰⁸ O Giussano considera o Cardeal Borromeu como “uomo di gran giudizio in materia d’architettura”. GIUSSANO, P. *Op. Cit.*, p. 65. Segue nossa tradução: “homem de grande julgamento em matéria de arquitetura”.

¹⁰⁹ “Esta é a obra mais importante meus irmãos, entre os maiores desta igreja, a principal porque ela consiste toda em ser fruto na execução dos decretos, dos quais aqui é para serem tratados; pois Vós sois os meus olhos, vós os ouvidos, vós as mãos, vós desta cátedra sois as bases e os sustentáculos mais válidos”. BORROMEU, Carlos. Homilia datada de 18 de janeiro de 1584 dirigida aos prefeitos regionais, aos visitantes diocesanos e aos vigários forâneos. *Apud*: MARCOCCHI, Massimo. *L’Immagine della chiesa in Carlo Borromeo*. In: *San Carlo e il suo tempo...*, p. 210 (Trad. nossa). Nas suas *Instructionum Fabricae et supellectilis ecclesisticae*, o termo arquitetônico “fulcimenta” (sustentáculos, apoios) aparecerá reiteradas vezes.

¹¹⁰ “Al centro l’arcivescovo è affiancato da um efficiente gruppo di collaboratori che provengono in gran parte da fuori, perché siano estranei al gioco degli interessi locali. La città è divisa in sei settori (le porte), rette da sei ecclesiastici; il contado è organizzato in sei regioni, e ogni regione in vicariati foranei, raggruppamenti di parrocchie, i cui responsabili, scelti accuratamente dall’arcivescovo, devono trasmettere ai parroci le direttive e controlarne l’esecuzione”. MARCOCCHI, Massimo. *Op. cit.*, p. 209. Segue nossa tradução: “No centro o arcebispo está ladeado por um eficiente grupo de colaboradores que são provenientes, em grande parte, de fora, para que sejam estranhos ao jogo dos interesses locais. A cidade está dividida em seis setores (as portas) [da cidade], regidos por seis eclesiásticos; o condado está organizado em seis regiões, e cada região em vicariatos forâneos, agrupamentos de paróquias, dos quais, os responsáveis – escolhidos acuradamente pelo arcebispo – devem transmitir aos párocos as relativas diretrizes e controlar a sua execução”.

¹¹¹ Em sua primeira carta à comunidade de Corinto, o Apóstolo Paulo descreve a comunidade como um corpo formado por muitos membros e ligados à única cabeça que é o Cristo. Cfr. 1Cor 12.

¹¹² O termo e a ideia de “Jerusalém celeste” se encontram no livro do Apocalipse (Ap 21, 10 ss). Com o advento da peste, a Milão de Carlos Borromeu apresentou uma série de cruzeiros ao longo de suas estradas que deveriam marcar percursos rituais. Além disso, a construção de edifícios religiosos dentro da urbe reforçam a ideia de uma Milão ritual. Cfr. FALZONE, Patrizia. *Le trasformazioni nell’immagine della città rituale*. In: AA. VV. *La città rituale – La città e lo Stato di Milano nell’età dei Borromeo*. Milano: Franco Angeli Editore, 1982, pp. 135-179.

Fig. 16. Afresco representando a Igreja antes de Carlos Borromeu. A autoria de Alessandro Gorla, 1620. Igreja dos Santos Pedro e Paulo, Biasca (Cantão Ticino – Suíça). Abaixo a legenda: “Vescovi no visitano le sue pecore i curati dormano i vitii crescono gli eretici oscurano il sole della verità” (“Bispos não visitam as suas ovelhas. Os padres dormem, os vícios crescem e os hereges obscuram o sol da verdade. Ao fundo, demônios e hereges destroem a igreja”).

Posteriormente, em suas visitas pastorais ele próprio pode constatar como o culto, e o edifício onde este se realizava, encontrava-se em situação lastimável:

Ho veduto il Santissimo Corpo di Nostro Signore Gesù Cristo rinchiuso in vasi pieni di polvere e lasciato per sei mesi e più in tabernacoli sordidi. In una chiesa ho dovuto fremere di orrore alla vista dei frammenti del Corpo adorabile rosicchiati per la decomposizione e attaccati parte ad un calice rotto, parte a un purificatoio ¹¹³.

Diante da situação deplorável constatada por ocasião dessas visitas pastorais¹¹⁴, ocorreu-lhe que seria necessária uma medida mais sistemática para a restauração dos edifícios religiosos em toda a diocese. É provavelmente que tenha sido neste contexto de penúria¹¹⁵ que se conceberá o texto dedicado a fábrica¹¹⁶ da igreja e às suas alaias.

¹¹³ “Vi o Santissimo Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo encerrado em vasos cheios de pó e deixado por seis meses ou mais em tabernáculos sórdidos. Numa igreja, me arrepiei de horror à vista dos fragmentos do Corpo adorável [do Cristo] roídos pela decomposição e colados, uma parte a um cálice quebrado e outra num sanguíneo”. BORROMEU, Carlos. *Trecho de Carta datada de 05 de novembro de 1572*. In: RIVOLTA, Adolfo. *Op. cit.*, p. 160 (Trad. nossa). Na Biblioteca ambrosiana encontra-se o seguinte depoimento, no processo de canonização do Borromeu: “Le chiese della città e della diocesi di Milano furono tutte rifatte o restaurate o almeno abbellite per le premure del Cardinale Borromeo ed esse furono ugualmente arricchite ed ornate di nobili e graziose decorazioni: queste furono completamente eseguite a suo carico o pagate a mezzo di doni magnifici che seppe ottenere. Dallo stato di sporcizia e di ruina in cui si trovavano la maggior parte, egli le fece passare a quello stato di eleganza e di splendore nel quale noi le vediamo”. Biblioteca Ambrosiana, Ms. f. 37. *Depositione per la canonizzazione* 75, 80, 104 e 150, *Apud: Idem*, p. 161. Segue nossa tradução: “As igrejas da cidade e da diocese de Milão foram todas refeitas, ou restauradas, ou, pelo menos, embelezadas pelos desvelos do Cardeal Borromeu e elas foram igualmente enriquecidas e ornadas de nobres e graciosas decorações: estas foram completamente executadas por seu encargo, ou pagas por meio de magníficas doações que ele soube obter. Do estado de sujeira e de ruína em que se encontravam a maior parte, ele as fez passar àquele estado de elegância e de esplendor no qual agora nós as vemos”. Ver, neste sentido, o afresco da igreja de Biasca (Suíça) e reproduzido aqui neste escrito.

¹¹⁴ Assim pensam também Castiglioni e Marcora: “Fruto da experiência que São Carlos estava adquirindo na visita das igrejas e dos altares foi a obra: *Instructionum Fabricae et supellectilis ecclesisticae libri duo* [...]”. CASTIGLIONI, Carlo e MARCORA, Carlo. *Arte Sacra*. Monza: Tipografia sociale, 1952, p. 8 ss.

¹¹⁵ Tanto do ponto de vista espiritual do culto, como material: a confecção do texto deve ter ocorrido durante a tragédia da peste de 1576, como o próprio Borromeu faz referência na introdução de suas *Instructiones*.

¹¹⁶ A história do termo “fábrica” para indicar ora o instituto à frente da construção e manutenção do edifício sagrado, ora a própria obra de construção, é bastante complexo. Ao que tudo indica, o uso seria assaz antigo; algum pesquisador vê suas origens no século V nas ações dos Papas Simplicio (468-483) e Gelásio (492-496). Segundo essa visão, estes papas teriam disposto a divisão das rendas da igreja, para fins de facilitar a sua administração, em quatro partes: 1) a *quarta episcopi*: renda com finalidade de manutenção do bispo e da sua “família”, em sentido alargado; 2) a *quarta cleri*: fundo destinado para a manutenção do clero; 3) a *quarta pauperum*: renda destinada à assistência dos pobres e 4) a *quarta fabricae*: dinheiro destinado para dois fins: a manutenção dos *sacra tecta*, isto é, do edifício sagrado, e para os *luminaria ecclesiae*, ou seja, para tudo aquilo que dizia respeito ao exercício do culto. Cf. MORONI, Gaetano. *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica: da San Pietro sino ai nostri giorni*. Venezia: Emiliana, 1840-1861, Vol. XXII (1843), pp. 253-254. Ver também as definições encontradas nos verbetes *Fábrica*, *Fabricador* e *Fabriqueiro* presentes no Bluteau: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario*

Esse texto será conhecido pelo seu título abreviado de “*De fabrica ecclesiae*”¹¹⁷. Como se verá em seguida, à diferença dos tratados de arte e arquitetura vigentes na época do Borromeu¹¹⁸, ele apresentará um texto que tem a preocupação de propor observações no campo da arquitetura, na medida em que esta é funcional ao culto católico, reformado pelas diretrizes tridentinas.

2.1 Alguns elementos da arquitetura religiosa do século XVI.

Para melhor entender o contexto da arquitetura religiosa da época de Carlos Borromeu, é importante, ainda que *en passant*, verificar as grandes transformações que ocorrem na arquitetura do período, especialmente em relação à sua concepção teórica.

As grandes elaborações da arquitetura medieval - então compreendida como simples *ars mechanica*¹¹⁹ - principalmente em torno de sua produção religiosa, primeiro

Portuguez e Latino – Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico... . Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713, Vol. 04.

¹¹⁷ BORROMEU, Carlos. *Instructionum Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo*, Caroli S. R. E. Cardinalis tituli S. Praxedis, Archiepiscopi iussu, ex provinciali decreto editi ad provinciae Mediolanensis usum, apud Pacificum Pontium Typographum, Mediolani, 1577. O texto também é conhecido como *De Fabrica Ecclesiae* (*Sobre a fábrica da igreja*). Provavelmente, a ideia de elaborar um texto sobre a arquitetura religiosa deve ter ocorrido ao Borromeu já por volta de 1573, posto que no III Concílio Provincial, no capítulo dedicado aos “Assuntos pertinentes ao ornato e ao culto nas igrejas” (*De iis quae pertinent ad ornatum et cultum ecclesiarum*) se intuiu a necessidade de uma compilação que apresentasse diretrizes para a manutenção e construção de tudo o que diz respeito ao patrimônio eclesiástico. Cf. CASTIGLIONI, Carlo e MARCORA, Carlo. *Op. Cit*, Prefazione.

¹¹⁸ Basta citar aqui o único tratado da antiguidade clássica que chegou até nós, o tratado de Vitruvius (*De Architectura, decem libri*). Este texto foi “redescoberto” durante o renascimento e serviu de base para os demais tratados que surgiram posteriormente, como o “*De re aedificatoria*” (1472) de Leon Battista Alberti; “*I quattro primi libri di architettura*” (1554) de Pietro Cataneo; “*I quattro libri dell’architettura*” (1570) de Andrea Palladio, dentre outros, como os escritos de Sebastiano Serlio (1475-1554) e Jacopo Barozzi, chamado de Vignola (1507-1573). A propósito de alguns destes tratados ver: BAROCCHI, Paola. *Trattati d’arte del Cinquecento*. Fra manierismo e controriforma. 3 vol. Bari: La terza, 1960-1962. Cf. também: VITRÚVIO, Marcos Polião. *Tratado de Architectura*. Tradução de Manuel Justino Pinheiro Maciel. Lisboa: Ist Press, 2009; ALBERTI, Leon Battista. *Da Arte de Construir: Tratado de Arquitetura e Urbanismo*. Tradução de Sérgio Romanelli. São Paulo: Hedra, 2012; CATANEO, Pietro Senese.; *I Quattro primi libri di architettura di Pietro Cataneo Senese*. In Vinegia: In casa de’ figliuoli di Aldo, 1554. Disponível in: <https://archive.org/details/iquattroprimilib00cata> acesso 07.06.2015; PALLADIO, Andrea. *I quattro libri dell’architettura*, In Venetia: Appresso Dominica de’ Franceschi, 1570. Disponível in: http://www.liberliber.it/mediateca/libri/p/palladio/i_quattro_libri_dell_architettura/pdf/palladio_i_quattro_libri_dell_a.pdf acesso 07.06.2015.

¹¹⁹ Para uma visão sintética das ciências no período medieval, cf. MACLUHAN, Marshall. *O Trivium Clássico*. Campinas: É realizações, 2012.

com o estilo românico¹²⁰ e depois, com o estilo de *Île-de-France*¹²¹, paulatinamente vão cedendo lugar à nova concepção¹²² que tem seu ponto de partida no primeiro humanismo surgido na península itálica e que se desenvolve durante todo o Renascimento¹²³. Em 1416, em S. Galo, o famoso humanista Poggio Bracciolini (1380-1459), encontra o *Codex Harleianus* e com esta descoberta, há início um interesse e uma difusão, até então incomum, pelo famoso tratado de arquitetura de Vitrúvio¹²⁴.

Sem aprofundar os problemas relativos ao texto de Vitrúvio e suas traduções, bem como sua recepção¹²⁵, basta lembrar que um nome de grande importância para os

¹²⁰ KRAUTHEIMER, Richard. *Architettura Sacra Paleocristiana e Medievale*. Torino: Bollati Boringhieri, 1993 e GRABAR, Andre. *Los orígenes de la estética medieval*. Madrid: Siruela, 2007.

¹²¹ Cf. PANOFKY, Erwin e Panofsky-Soergel, Gerda. *Abbot Suger on the Abbey Church of St.-Denis and Its Art Treasures*. New Jersey: Princeton University Press, 1979.

¹²² “Durante o século XV, o papel do arquiteto se modifica principalmente na Itália [...]. Esse é um período em que os artistas, literários e cientistas estão todos contemporaneamente ocupados em pôr em discussão os princípios da cultura tradicional. É particularmente forte a ligação entre a pintura da arquitetura e a arquitetura realizada; os monumentos antigos são objetos de estudo, começam a ser visitados, medidos, desenhados em todos os seus detalhes. Mas é o próprio arquiteto quem toma o passo decisivo: a combinação dos vários aspectos que caracterizam suas competências, entre eles a teoria geométrica da perspectiva, as referências aos elementos padronizados da Antiguidade, as técnicas de construção a invenção de máquinas extraordinárias, a realização de maquetes, o controle dos materiais; enfim, um método de trabalho baseado no estudo, na pesquisa, na contínua elaboração das fontes”. CALABI, Donatella. *A Cidade do primeiro Renascimento*. São Paulo: Perspectiva, 2008, pp. 165-166.

¹²³ Dentre tantos estudos clássicos sobre o Renascimento, citamos o texto interessantíssimo de Peter Burke, que busca situar o fenômeno dentro da compreensão da sociedade italiana do tempo: cf. BURKE, Peter. *El Renacimiento italiano – cultura y sociedade en Italia*. Madrid: 2014. Cf. também: BATTISTI, Eugenio. *Renascimento e Maneirismo*. Lisboa: Verbo, 1984; BLUNT, Anthony. *Teoria Artística na Itália, 1450-1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001; BURKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009;; BYINGTON, Elisa. *O Projeto do Renascimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009; CHABOD, Federico. *Escritos sobre el Renacimiento*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990; CHASTEL, André. *La Grande Officina. Arte italiana 1460-1500*; Milano: Rizzoli, 1979; DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2011; HAUSER, Arnold. *Maneirismo*. São Paulo: Perspectiva, 1976; HUIZINGA, Johan. *Le problème de la Renaissance. s. I.*: Casimiro, 2015; LOTZ, Wolfgang. *Arquitetura na Itália 1500-1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998; WÖLFFLIN, Heinrich. *Renascença e Barroco*. São Paulo: Perspectiva, 2012;

¹²⁴ A história que atribui a Poggio Bracciolini a descoberta, ainda em 1415, de um manuscrito de Vitrúvio na biblioteca dos monges beneditinos em Montecassino, e de um Vitruvio dramaticamente ignorado por todo o período medieval, parece ser uma lenda. Cf. MURRAY, Peter. *Architettura del Rinascimento*. Milano: Electa, 1972, p. 53. Para uma breve história do tratado de arquitetura de Marco Vitruvio Polião (*De Architectura*), sua recepção no período medieval e sua “redescoberta” por Poggio Bracciolini, cf. KRUFF, Hanno-Walter. *Storia delle teorie architettoniche – Da Vitruvio al Settecento*. Roma-Bari: Laterza & figli, 2009, pp. 17-32. Ver também o ensaio sintético, mas de grande erudição, do arquiteto e historiador Mário Henrique D’Agostino: D’AGOSTINO, Mário H. *Vitrúvio, De Architectura*. In: LOEWEN, Andrea, D’AGOSTINO, Mário e AZEVEDO, Ricardo (Orgs.). *Preceptivas arquitetônicas*. São Paulo: Annablume, 2015, pp. 15-38.

¹²⁵ A esse propósito, cf.: D’AGOSTINO, Mário Henrique. *A Beleza e o mármore*. O Tratado *De Architectura* de Vitruvio e o Renascimento. São Paulo: Annablume, 2011; LOEWEN, Andrea, D’AGOSTINO, Mário e AZEVEDO, Ricardo (Orgs.). *Preceptivas arquitetônicas*. São Paulo: Annablume, 2015 e PEDRO, Ana Paula Giardini. *A ideia de Ordem: Symmetria e Decor nos Tratados de Filarete, Francesco di Giorgio e Cesare Cesariano*. São Paulo: Edusp, 2014.

desdobramentos posteriores relativos ao texto vitruviano, e para o consequente surgimento de uma teoria sobre a arquitetura, é aquele de Leon Battista Alberti¹²⁶ (1404-1472). Dentre as obras produzidas por Alberti - sempre de grande erudição¹²⁷ -, se destacam seu tratado sobre a pintura (*Della pittura di Leon Battista Alberti libri tre*, 1436), seu tratado sobre a escultura (*De statua*, 1464?) e uma obra destinada a impactar grandemente o fazer arquitetônico: o tratado intitulado *De Re aedificatoria*. Este texto, começado em torno de 1450 e terminado definitivamente por ocasião de sua morte, em 1472¹²⁸, trata de maneira sistemática da arquitetura, tomando por inspiração, como já mencionado, o tratado de Vitruvius.

No *De Re aedificatoria*, pela primeira vez, após séculos de uma visão restritiva medieval a propósito da função do arquiteto, Alberti apresenta a sua figura, não como alguém dedicado ao trabalho manual, mas como uma personagem que deve se dedicar ao estudo conceitual e que deve ser equiparada aos grandes estudiosos de outras ciências:

[...] considero útil esclarecer o que, a meu ver, deva-se entender por arquiteto. No momento não tomarei certamente em consideração um carpinteiro para compará-lo com os mais qualificados representantes das outras disciplinas: o trabalho do carpinteiro é, de fato, instrumental em relação ao do arquiteto. Chamarei de arquiteto aquele que com um método e um procedimento determinados e dignos de admiração tenha estudado o modo de projetar teoricamente e também realizar praticamente, mediante o deslocamento dos pesos e mediante a reunião e conjunção dos corpos, obras que se adaptem de uma forma harmônica às necessidades dos homens. Para que isso aconteça,

¹²⁶ Para a figura de Alberti, cf. MANCINI, Girolamo. *Vita de Leon Battista Alberti*. Roma: Bardi Editore, 1971; BURNS, Howard. *Leon Battista Alberti*. In: FIORE, Francesco Paulo (a cura di). *Storia dell'Architettura Italiana: il quattrocento*. Milano: Electa, 1998, pp. 114-165; LOEWEN, Andrea Buchidid. *Lux Pulchritudinis – Sobre beleza e ornamento em Leon Battista Alberti*. São Paulo: Annablume, 2012. Além de Alberti e de suas obras, outro fato emblemático destinado a mudar a concepção relativa à figura do arquiteto é a construção da cúpula da catedral de Florença (1418-1436). Tida como obra impossível, face as tecnologias da época, Filippo Brunelleschi (1377-1446), contemporâneo de Alberti, após estudar algumas obras remanescentes da arquitetura romana do período imperial, elaborou um sistema construtivo com tecnologia inovadora, capaz de elevar a imensa cúpula em alvenaria de Santa Maria del Fiore. Pela primeira vez, após séculos de construções religiosas coletivas propiciadas pelos canteiros medievais, um único homem dominava todo o processo de construção. Cf. CHASTEL, André. *Arte e humanismo em Florença*. São Paulo: Cosac & Naify: 2012, pp. 197ss.

¹²⁷ O grande mérito de Alberti não é aquele de produzir escritos que contenham as técnicas necessárias para pintar, esculpir ou projetar em arquitetura, respectivamente, mas, rompendo com as concepções medievais que consideravam a arte como uma atividade manual ou *mechanica*, ele apresenta princípios para essas artes, elevando-as a uma categoria intelectual. Cf. ARGAN, Giulio C. *Storia dell'arte italiana*. Vol. 2. Firenze: Sansoni, 1978², p. 75.

¹²⁸ Em relação à datação, seguimos aquela proposta por Blunt: Cf. BLUNT, Anthony. *Teoria artística na Itália. 1450 – 1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 18.

ele precisa dominar os conhecimentos mais excelsos e adequados. Tal deverá ser então o arquiteto¹²⁹

Com essa constatação no prólogo de seu tratado, Alberti oferece um indicativo sobre as mudanças de concepção que ocorrem na passagem, não indolor¹³⁰, do mundo medieval para o mundo moderno, principalmente no que tange às artes¹³¹ e aos artistas¹³². Mas Alberti não foi apenas um teórico erudito: como ótimo arquiteto, produziu um conjunto de obras¹³³ que, dentre outros fins, serviram como exemplares passíveis de uma análise comparativa com seus textos.

Nessas obras, de modo coerente aos seus postulados, ele demonstra todo seu empenho em reviver a arquitetura da Antiguidade, conjugando a linguagem desta, de modo novo e lógico¹³⁴, principalmente –para o que interessa à esta breve análise – no

¹²⁹ Prólogo do *De re aedificatoria*, in: ALBERTI, Leon Battista. *Da arte de construir*. São Paulo: Hedra, 2012, p. 29.

¹³⁰ “[...] o Renascimento teve um parto doloroso, e isto deve ser sublinhado. Nasceu no meio de epidemias, de fomes e guerras, no terror criado pela Peste Negra, quando se massacrava os judeus considerados responsáveis pelas desgraças, quando as procissões de flagelantes passavam pelas ruas com os seus sangrentos cortejos. Mas houve renascimento porque a humanidade ocidental conseguiu ultrapassar a adversidade e soube tirar partido dela”. DELUMEAU, Jean. *A civilização do renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 68.

¹³¹ “Quanto a Leon Battista Alberti, é aos seus contemporâneos Brunelleschi, Donatello, Ghiberti, etc., que atribui o renascimento das artes plásticas. De qualquer forma, era evidente para os italianos esclarecidos do século XV que a sua época tinha visto a arte renascer das cinzas. Era o que afirmavam também humanistas de renome ao sublinharem o sincronismo entre esta ressurreição e a das belas-letras. Marsilio Ficino proclamava, não sem algum chauvinismo: ‘É, sem dúvida, uma idade de ouro que voltou a trazer à luz as artes liberais antes quase desaparecidas: gramática, eloquência, pintura, arquitetura, escultura, música. E tudo isto em Florença’”. *Idem*, p. 74.

¹³² Ao se olhar para o Renascimento italiano, é realmente algo assombroso constatar a existência de uma quantidade significativa de artistas prodigiosos vivendo numa mesma época e numa mesma porção geográfica. Talvez uma das explicações mais sensatas para o fato continue sendo aquela fornecida pelo Vasari: “È costume della natura, quando ella fa una persona molto eccellente in alcuna professione, molte volte non la far sola, ma in quel tempo medesimo, e vicino a quella, farne un'altra a sua concorrenza, a cagione che elle possino giovare l'uno all'altra nella virtù e nella emulazione”. VASARI, Giorgio. *Vita di Masaccio da S. Giovanni di Valdarno, pittore*. In: VASARI, Giorgio. *Le vite dei più eccellenti pittori, scultori e architetti [edizione “Giuntina” di 1568]*. Roma: Newton Compton, 2012, p. 321. Segue nossa tradução: “É costume da natureza, quando ela cria uma pessoa de grande excelência em alguma profissão, muitas vezes não criá-la sozinha, mas naquele mesmo tempo e próximo a essa, criar outra, como sua concorrente, dando ocasião a que elas possam favorecer uma à outra na virtude e na emulação”.

¹³³ Algumas de suas obras na cidade de Florença são icônicas, como a fachada de Santa Maria Novella, o *Pallazzo Rucelai* e o *Templeto do Santo Sepulcro*, na igreja de São Pancrácio. Em Rimini, a pedido de Sigismondo Pandolfo Malatesta (1417-1468), reformula a igreja de São Francisco para ser um templo à glória da família Malatesta – infelizmente esse projeto ficou inconcluso – e, em Mântua, há duas igrejas de sua autoria comissionadas pela família Gonzaga: a igreja de São Sebastião e a basílica de Santo André.

¹³⁴ Apenas a título de exemplo, em 1446 é iniciado o projeto da igreja de S. Francisco em Rimini – o templo malatestiano. Nessa igreja, Alberti traduz a linguagem arquitetônica do arco romano triunfal para a arquitetura de uma igreja. Percebe-se também na arquitetura desse templo o deslocamento de um eixo teocentrista, para um eixo de caráter mais antropocentrista: “A igreja de S. Francesco é, de fato, conhecida pelo nome de Templo de

que tange sua arquitetura religiosa, pois tanto em seu aspecto conceitual, quanto factual, se observa a utilização da linguagem clássica pagã em arquitetura como, por exemplo, o elemento da planta centralizada. Uma breve explanação sobre este elemento, ajudará a compreender a futura polêmica envolvendo as *Instruções* do Borromeu.

Alberti, no sétimo livro do *De Re aedificatoria*, inicia o seu texto, dedicado à construção dos edifícios sacros, com um parágrafo que tece louvores às formas do círculo e da esfera. Seu interesse sobre as formas circulares parece ter origem na própria observação da natureza, que propende a se utilizar desses feitos para engendrar várias de suas criações:

Tudo o que no universo perdura, gera-se ou se transforma, manifesta que na natureza prevalece a forma circular. É inútil lembrar o globo terráqueo, as estrelas, as árvores, os animais e seus esconderijos, etc., todas as coisas que a natureza fez redondas. Mas constatamos também que à natureza agradam até as formas hexagonais: já que as abelhas e os zangões, e os insetos em geral, aprenderam a fazer a construção de suas celas exclusivamente hexagonal.¹³⁵

Ao considerar a forma circular como a mais apropriada para a construção de templos¹³⁶, Alberti segue as influências da filosofia¹³⁷ e de algumas novas

Malatesta [Sigismondo Pandolfo], e em sua fachada foi gravada uma inscrição, em letras grandes, com o nome de Sigismondo, a data, e nada mais [*Sigismundus Pandulfus Malatesta Pandulfi filius voto fecit anno MCCCCCL* – Sigismondo Pandolfo Malatesta, filho de Pandolfo, fez, conforme voto, ano 1450]. Compare-se esta inscrição com a que encima a igreja medieval de St. Hubert, em Troyes: ‘*Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam*’ [citação do salmo 115] – e se terá a quintessência da mudança ocorrida de uma época para outra”. PEVSNER, Nikolaus. *Panorama da Arquitetura Ocidental*. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 189. Ainda sobre a história do templo malatestiano, cf. CHASTEL, A. *Arte e Humanismo em Florença*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012, pp. 452ss.

¹³⁵ ALBERTI, Leon Battista. *De Re aedificatoria*, Livro VII, cap. 4. Trad. de Sergio Romanelli.

¹³⁶ Um dos melhores estudos sobre a questão da planta central é aquele de WITTKOWER, R. *Principi architettonici dell’Umanesimo*. Torino: Einaudi, 1994.

¹³⁷ No campo da filosofia, a importância de Marsilio Ficino [1433-1499] foi muito importante, graças à suas traduções dos hinos atribuídos a Orfeu, a Homero, os hinos de Proclo, a Teogonia de Hesíodo, as versões do *Corpus Hermeticum* e, principalmente, a tradução dos diálogos de Platão e das Eneíades de Plotino. Com essas obras traduzidas, seus comentários produziram um grande efeito nos artistas e arquitetos como, por exemplo, Alberti. Cf. GENTILE, Sebastiano e TOUSSAINT, Stéphane. *Marsilio Ficino: fonti, testi, fortuna*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2006. A título de exemplo, sobre a influência de Ficino na concepção da planta circular, citamos um trecho de seu “Livro do amor”, obra de 1491: “E non sanza proposito gli antichi teologi posono la bontà nel centro, e nel cerchio la bellezza: dico certamente la bontà in uno centro e in quatro cerchi la bellezza. Lo unico centro di tutte le cose è Iddio, e quatro cerchi che intorno a Dio continuamente si rivolgono sono la mente, l’anima, la natura e la materia”. FICINO, Marsilio. *Il Libro dell’amore*, Cap. III, disponível in: http://www.classicitaliani.it/ficino/ficino_libro_amore.htm, acesso 18.03.2015. Segue nossa tradução: “E não sem propósito, os antigos teólogos colocam a bondade no centro, e a beleza no círculo: digo, certamente a bondade

considerações sobre a matemática¹³⁸ que vão se desenvolvendo em sua época. Há que se considerar também, que talvez ele siga o influxo de uma teologia elaborada nesse período¹³⁹. Além disso, o gosto pelo antigo faz com que os olhares de Alberti se voltem para as construções remanescentes da Roma imperial como outro grande referencial inspirador¹⁴⁰.

num centro e em quatro círculos a beleza. O único centro de todas as coisas é Deus, e quatro círculos que se voltam continuamente em torno a Deus são a mente, a alma, a natureza e a matéria”.

¹³⁸ “Per Cusano [Nicolau de Cusa, 1400 (1401?)-1464], la matematica è il veicolo necessario per penetrar la conoscenza di Dio, il quale dev’essere configurato per mezzo del simbolo matematico. Cusano sviluppando qui una formula pseudo-ermetica, visualizza Dio come la figura geometrica meno tangibile e nello stesso tempo più perfetta, come centro e circonferenza del cerchio; poiché, nell’infinito cerchio o nella sfera infinita, centro, diametro e circonferenza sono una stessa cosa. Analogamente[Marsilio] Ficino, fondandosi sull’autorità di fonti ermetiche e su Plotino, considera Dio come il vero centro dell’universo, ciò che di più intimo vi è in ogni cosa, ma nello stesso tempo come circonferenza dell’universo, che travalica ogni cosa incommensurabilmente”. WITTKOWER, Rudolf. *Op. cit.*, p. 30. Segue nossa tradução: “Para [o] Cusano, a matemática é o veículo necessário para adentrar no conhecimento de Deus, o qual deve ser configurado por meio do símbolo matemático. Cusano, desenvolvendo aqui uma fórmula pseudo-hermética, visualiza Deus como a figura geométrica menos tangível e, ao mesmo tempo, mais perfeita, como centro e circunferência do círculo; porque, no infinito círculo ou na esfera infinita, centro, diâmetro e circunferência são uma mesma coisa. Analogamente Ficino, fundamentando-se na autoridade de fontes herméticas e em Plotino, considera Deus como o verdadeiro centro do universo, aquilo que de mais íntimo há em cada coisa, mas, ao mesmo tempo, como circunferência do universo, que ultrapassa toda coisa incomensuravelmente”.

¹³⁹ É a tese de Wittkower. Para ele, as igrejas produzidas pela Renascença não devem ser vistas como uma reação contrária ao cristianismo, mas como uma visão nova, motivada por uma teologia que põe o acento não no *Christus patiens*, mas no Cristo *Pantocrator*. Um favorecimento dessa tese de Wittkower, em nossa humilde opinião, deveria ser entrevisto também na existência de outros modelos de planta central anteriores à Renascença e que exerceram um fascínio no imaginário cristão ocidental, referimo-nos principalmente à rotunda da *Anastasis*, o monumento constantiniano de Jerusalém, que marcava o local da ressurreição do Cristo, e ao Domo da Rocha, edifício octogonal feito pelos islâmicos no século VII, sobre a esplanada do antigo Templo de Jerusalém, por desígnio do califa Abdel el-Malek: por um tempo essa construção foi transformada em igreja cristã pelos cruzados, alimentando erroneamente a imaginação dos peregrinos que aí chegavam e a consideravam como o Templo de Salomão. Essa tradição, de um Templo de Jerusalém circular, era ainda bem viva entre os séculos XV e XVI. Veja-se, por exemplo, a pintura na Capela Sistina de Pietro Perugino (1452-1523) da entrega das chaves à São Pedro: executada entre 1481-82, ao fundo é visível um Templo de Jerusalém com planta centralizada; igual temática de fundo é utilizada pelo mesmo autor na sua pintura sobre o Esposálício da Virgem (1501-1504). Cf. WITTKOWER, R. *Op. cit.*; TUZI, Stefania. *Le Colonne e il Tempio di Salomone*. La storia, la legenda, la fortuna. Roma: Gangemi, 2002; SALVARONI, Renata. *La fortuna del Santo Sepolcro nel Medioevo*. Spazio, liturgia, architettura. Milano: Jaca Book, 2008.

¹⁴⁰ Em termos de edifícios construídos com planta central, Roma oferecia ainda algumas construções que haviam sobrevivido à destruição do período medieval, bastante emblemáticas e que traduziam uma série de conteúdos simbólicos que foram captados pelos primeiros arquitetos renascentistas: “È così che il gusto per la monumentalità e la ricerca di forme distintive che alla fine caratterizza la scelta di una progettazione rivolta alla pianta centrale, circolare oppure ottagonale, finisce per concentrarsi inevitabilmente là dove queste forme hanno avuto maggior peso mediático, percettivo, emblematico. Evidentemente diviene il caso di Roma che introduce nello *skyline* della città imperiale ricercate ed elegante forme cilindriche: Colosseo, Pantheon, Esedra del foro di Traiano diventate nel tempo simboli di particolari funzioni alla fine emblematiche nella percezione di una civiltà. Nel contesto di una ricerca sulle origini della prassi edificatoria occidentale si è soliti fare riferimento anche in questo caso al complesso esempio della *Domus Aurea*, sorta sul Palatino, tra il 64 e il 68. In un sistema assai articolato l’architetto imperiale

Fig. 17. Planta de Alberti para a igreja de San Sebastiano, Mântua, Itália

O fato, é que a partir de Alberti¹⁴¹, as igrejas construídas com planta central vão se revelando como uma das grandes aspirações do Renascimento¹⁴², quase como que uma espécie de marca característica da arquitetura religiosa desse período¹⁴³.

Severus e il suo collaboratore Celere propongono in posizione strategica la prima sala ottagonale della storia dell'architettura romana di circa 14 m di diametro al livello della cupola, prototipo delle coperture esferiche in calcestruzzo. [...] Arriviamo così al IV secolo con le prime forme cristiane di S. Costanza, del Mausoleo di S. Elena accanto alla basilica dei SS. Pietro e Marcellino, e infine il bellissimo S. Stefano Rotondo, monumenti tutti 'riscoperti' dagli architetti rinascimentali, da Giuliano da Sangallo al Palladio". VOLTA, Valentino (A cura di). *Rotonde d'Italia: analisi tipologica della pianta centrale*. Milano: Jaca Book, 2008, p. 14. Segue nossa tradução: "É assim que o gosto pela monumentalidade [no período da Roma imperial] e a busca de formas distintivas que ao final caracterizam a escolha de um projetar dirigido à planta central, circular ou octógona, termina por se concentrar ali onde estas formas tiveram maior peso distintivo, perceptivo, emblemático. Evidentemente é o caso de Roma que introduz no skyline da cidade imperial preciosas e elegantes formas cilíndricas: Coliseu, Panteão, Exedra do foro de Trajano, que se tornaram ao longo do tempo símbolos com particulares funções com finalidades emblemáticas na percepção de uma civilização. No contexto de uma pesquisa sobre as origens da prática edificatória ocidental, normalmente se faz referência, mesmo neste caso, ao complexo exemplo da Domus Aurea, surgida sobre o Palatino entre 64 e 68. Num sistema extremamente articulado, o arquiteto imperial Severus, e o seu ajudante Celere, propõem em posição estratégica a primeira sala octógona da história da arquitetura romana, com cerca de 14 m de diâmetro, no nível da cúpula, protótipo das coberturas esféricas em alvenaria. [...] Chegamos assim no IV século com as primeiras formas cristãs de S. Constância, do Mausoléu de S. Helena, junto da basílica dos Santos Pedro e Marcelino, e, finalmente, o bellissimo Santo Stefano Redondo, todos monumentos 'redescobertos' pelos arquitetos renascentistas, de Giuliano da Sangallo a Palladio".

¹⁴¹ Embora Alberti lance as bases teóricas para a justificativa da construção de igrejas com planta central, a primeira igreja que se tem notícia é aquela projetada e iniciada por Filippo Brunelleschi em Florença. Trata-se da *Rotonda di Santa Maria degli Angeli*, um projeto datado de 1434 e previsto para ser uma capela anexa ao Mosteiro Camaldulense. Infelizmente esse projeto nunca foi terminado por Brunelleschi, muitos de seus detalhes ficaram perdidos com a morte do arquiteto. Cf. SCALZO, Marcello. La volta che non c'è: Brunelleschi e la Rotonda di Santa Maria degli Angeli a Firenze. In: AA. VV. *Disegnare il templo e l'armonia: il disegno di architettura osservatorio dell'universo*. Firenze: Università degli studi di Firenze: 2010, pp. 240-244.

¹⁴² Segundo Wittkower, a maior parte das igrejas com planta central foram produzidas entre 1490 e 1530. Cf. Wittkower, Rudolf. *Op. cit.* p. 32.

¹⁴³ Não caberia aqui fazer todo um histórico do sucesso relativo às igrejas com planta centralizada no Renascimento, desde das teorias de Alberti, passando pelos arrojados desenhos de Leonardo da Vinci, ou Antonio de Averlino, o Filarete, pelas realizações de Bramante, de Miquelângelo, de Palladio e outros. Remetemos a questão ao excelente trabalho, já citado, do professor Rudolph Wittkower.

Figs. 18 e 19. À esquerda, Planta do Pantheon de Roma e planta de Santa Maria degli Angeli, de Filippo Brunelleschi, Florença. À direita estado atual da “Rotonda de Brunelleschi”.

Fonte: http://www.wikiwand.com/it/Rotonda_del_Brunelleschi

No entanto, num momento sucessivo, esse tipo de planta cai em desuso, sendo bem menos utilizado e cedendo espaço novamente ao desenho da planta longitudinal em forma de cruz latina¹⁴⁴. Os motivos para essa mudança devem ser entrevistados em diversos fatores¹⁴⁵, anteriores mesmo ao período da contrarreforma¹⁴⁶. Porém, a

¹⁴⁴ Interessante é a defesa da planta de cruz latina feita por Pietro Cataneo (1510?-1569(73)?), aduzindo motivações de caráter teológico: “Ancor che dagli antichi fusse data al principal tempio della città forma circolare, ovale, quadrangulare, ottangula, & di più & meno anguli o lati, noi nondimeno giudichiamo che, essendo per noi Cristiani morto il figliuol di Dio sopra il legno della croce, dopo tal morte per commemoratione della nostra redentione, volendo servare il decoro della religione cristiana, si conveniva, si conviene, & sempre si converrà anco a crociera fabricare il principal tempio della città. CATANEO, Pietro. *I Quattro primi libri di architettura di Pietro Cataneo Senese*. In Vinegia: In casa de’figliuoli di Aldo, 1554, Libro III, cap. I, p. 35. Segue nossa tradução: “Ainda que pelos antigos fosse dada ao principal templo da cidade a forma circular, oval, quadrangular, octógona, e com mais ou menos ângulos ou lados, nós não menos julgamos que, tendo morrido por nós, cristãos, o filho de Deus sobre o madeiro da cruz, depois de tal morte, por comemoração à nossa redenção, querendo manter o decoro da religião cristã, se convinha, se convém e sempre será conveniente que também [em forma d] o cruzeiro se construa o principal templo da cidade”.

¹⁴⁵ “Lo shock, in primo luogo della riforma protestante, poi del sacco di Roma nel 1527, generò nella chiesa romana una ripresa di devozione e un’ondata riformistica che ispirarono, nella progettazione architettonica, un conservadorismo il quale, a sua volta, sfociò in uno stile di costruzione delle chiese che chiamerei ‘a scatola’, con navate simili a capannoni, soffitti di legno piatti, file di cappelle laterali e un presbiterio”. ACKERMAN, James S. *La Chiesa del Gesù alla luce dell’architettura religiosa*. In: WITTKOWER, Rudolf e JAFFE, Irma B. *Architettura e arte dei gesuiti*. Milano: Electa, 1992, p. 20. Segue nossa tradução: “O choque, em primeiro lugar da reforma protestante, e depois do saque de Roma em 1527, gerou na igreja romana uma retomada da devoção e uma onda reformista que inspiraram, no projetar arquitetônico, um conservadorismo que, por sua vez, desembocou num estilo de construção de igrejas que eu chamaria de ‘caixa’, com naves similares a galpões, tetos de madeira planos, filas de capelas laterais e um presbitério”. Certamente, a catástrofe do saque da cidade de Roma, colocada a ferro e fogo pelas tropas dos lansquenets, deverá ter sido um dos principais despertadores para a necessária reforma da igreja e a consequente mudança repentina no modelo de igreja que até então se instaurava. A propósito da brutalidade do saque e suas consequências para a arte cf. CHASTEL, André. *Il Sacco di Roma - 1527*. Torino: Einaudi, 2010.

¹⁴⁶ Assim pensa também Sandro Benedetti, ao considerar a influência das várias pequenas igrejas, contruídas com uma planta muito deposjada após o saque de Roma de 1527, corresponderiam ao desejo de reforma da Igreja já

retomada mais enfática de um modelo de igreja longitudinal, livre de obstáculos para permitir a visualização do culto e a escuta da pregação, não abandona totalmente as ideias presentes no ideário de Alberti, antes, parece que essa retomada visa à síntese, desenvolvendo uma solução espacial mais adequada à liturgia celebrada nessas igrejas, que necessitava de um espaço longitudinal, com o grande ideal da beleza da forma circular. Aliás, a quanto parece, a busca por uma solução desse tipo já se apresenta na obra do próprio Alberti¹⁴⁷.

Fig. 20. Planta de igreja em forma de cruz. Pietro Cataneo

A ênfase na planta longitudinal começa, portanto - como bem intuiu Ackerman - antes do Concílio de Trento¹⁴⁸, encontrando seus antecedentes em movimentos

antecipado pelas várias fraternidades e instituições laicais presentes na cidade de Roma. Cf. BENEDETTI, Sandro. *Aspetti e connessioni nell'Architettura della Riforma Catolica tra Roma e Milano*. In: AA. VV. *Studia Borromaica*, vol. 11. Milano: Ambrosiana, 1997, pp. 13-45.

¹⁴⁷ "Do ponto de vista prático [da celebração da liturgia], essas igrejas de plano central são, sem dúvida, pouco funcionais. Assim, desde o começo, pode-se perceber tentativas de combinar o tradicional plano longitudinal com características centrais, esteticamente mais agradáveis. S. Spirito [Florença] é exemplo disso. A construção mais destacada, no entanto, é S. Andrea, em Mântua. Aqui o arquiteto [Alberti] substitui a disposição tradicional de nave principal e naves laterais por uma série de capelas laterais que tomam o lugar das naves laterais e que se ligam à nave principal, alternadamente, por aberturas altas e largas e por aberturas baixas e estreitas". PEVSNER, Nikolaus. *Panorama da Arquitetura Ocidental*. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 197.

¹⁴⁸ "Sembra evidente, ormai, che gli storici dell'arte hanno sopravvalutato il concilio quale forza propulsiva della controriforma: il suo principale esito fu di codificare pratiche e principi già accettati da una generazione". ACKERMAN, James S. *Op. cit.*, p. 20. Segue nossa tradução: "Parece já evidente, que os historiadores da arte tenham

anteriores à própria contrarreforma tridentina¹⁴⁹. No entanto, com o advento do concílio tridentino e suas propostas de reforma ampla para todo o conjunto da própria Igreja, o campo da arte religiosa acabaria por entrar na agenda da assembleia dos padres conciliares¹⁵⁰, a qual se pronunciará a esse propósito em sua XXV Sessão, ocorrida entre 3 e 4 de dezembro de 1563¹⁵¹:

superestimado o concílio [de Trento] como força propulsora da contrarreforma: o seu principal êxito foi o de codificar práticas e princípios já aceitos há uma geração". O Borromeu será vítima dessa hipervaloração, como se verá a seguir.

¹⁴⁹ A atividade pastoral do bispo reformador, da cidade de Verona, Gian Matteo Giberti (1495-1543), incidiu também sobre alguns aspectos arquitetônicos das igrejas de seu território eclesiástico: cf. ZAMPERINI, Alessandra. *Lo specchio della riforma: gli interventi sull'architettura religiosa di Giberti attraverso i verbali delle visite pastorali*. Disponível in: https://www.academia.edu/5813573/Lo_specchio_della_riforma_gli_interventi_sullarchitettura_religiosa_di_Giberti_attraverso_i_verbali_delle_visite_pastorali. Acesso 22.01.2016. É preciso dizer que também na famosa obra do Vasari já se verificam indícios de uma mentalidade reformista: em meados de 1565, Vasari intervém no espaço litúrgico de Santa Maria Novella, a pedido da família Médici, eliminando a *Schola cantorum* do meio da nave: "E perché il Signor Duca [Francesco de' Medici], veramente in tutte le cose eccellentissimo si compiace non solo nell'edificazioni de' palazzi, città, fortezze, [...], ma anco sommamente in far di nuovo e ridurre a miglior forma e più bellezza, come cattolico prencipe, i templi e le sante chiese di Dio, a imitazione del gran re Salomone, ultimamente ha fattomi levare il tramezzo della chiesa di Santa Maria Novella, che gli toglieva tutta la sua bellezza, e fatto un nuovo coro e ricchissimo dietro l'altare maggiore, per parere quella una nuova chiesa bellissima, come è veramente" VASARI, Giorgio. *Op. cit.*, p. 1384. Segue nossa tradução: "E porque o Senhor Duque, verdadeiramente excelentíssimo em todas as coisas, se compraz não somente nas edificações de palácios, cidades, fortalezas [...], mas também sumamente em fazer novamente e conduzir à melhor forma e maior beleza, como príncipe católico, os templos e as santas igrejas de Deus, à imitação do grande rei Salomão, ultimamente me encarregou de tirar o muro transversal da igreja de Santa Maria Novella, o qual lhe tirava toda sua beleza, e feito um novo e riquíssimo coro atrás do altar-mor, para retirar aquele que ocupava no meio, grande parte daquela igreja; isso fez parecer aquela uma nova igreja bellissima, como é realmente". Um pouco antes, Vasari havia feito análoga sistematização em outra igreja: "[Già intorno al 1560] Giorgio Vasari, 'mosso da Cristiana pietà', interviene nella pieve medievale di Santa Maria in Arezzo, rimuovendo i diaframmi murari richiesti dalla liturgia medievale, che interrompono la continuità spaziale dell'aula, e spostando il 'coro, che essendo dinanzi occupava gran parte della chiesa' dietro l'altare maggiore, che nel rinnovato assetto si erge isolato, con le reliquie raggiungibili attraverso due grate e un tabernacolo visibile anche dalla parte del coro". TURCO, Maria Grazia. Cesare Baronio e i dettami tridentini nelle sistemazioni presbiteriali romane. In: TOSINI, Patrizia (a cura di). *Arte e Committenza nel Lazio nell'Età di Cesare Baronio*. Roma: Gangemi, 2007, p. 88. Segue nossa tradução: "[Já por volta de 1580] Giorgio Vasari, 'movido por piedade cristã', interveio na *plebs* medieval de Santa Maria em Arezzo, removendo os muros diafragmas necessários à liturgia medieval, que interrompiam a continuidade espacial da sala e, transferindo o 'coro, que estando na frente, ocupava grande parte da igreja' para trás do altar-mor, que na renovada estruturação ergue-se isolado, com as relíquias acessíveis através de duas grades e um tabernáculo visível também da parte do coro".

¹⁵⁰ É coisa sabida que os padres conciliares - ou, pelo menos, boa parte deles - não tinham intenção alguma de tratar diretamente das questões relativas à arte, nem mesmo aquelas relativas à arte sacra. A necessidade premente de fechamento do concílio em vista dos problemas relativos à política eclesiástica na relação entre papado e o imperador com Carlo V e a urgência de colocar em funcionamento o programa de reforma proposto pelo concílio, tornavam inviáveis algumas discussões que tomariam tempo por sua complexidade, como seria o caso das artes. No entanto, a discussão entrou na agenda do concílio devido a uma questão circunstancial vivenciada pelos bispos de língua francesa; estes pressionaram a fim de obter um instrumento do concílio para combater o calvinismo iconoclasta que assolava sua região. O influxo da contrarreforma católica na arte deve, ao

Mandat sancta Synodus omnibus episcopis et ceteris docendi munus curam que sustinentibus ut iuxta catholicae et apostolicae Ecclesiae usum a primaevis christianae religionis temporibus receptum sanctorum que patrum consensionem et sacrorum conciliorum decreta: in primis de sanctorum intercessione invocatione reliquiarum honore et legitimo imaginum usu fideles diligenter instruant docentes eos sanctos una cum Christo regantes orationes suas pro hominibus Deo offerre; bonum atque utile esse suppliciter eos invocare et ob beneficia impetranda a Deo per filium eius Iesum Christum dominum nostrum qui solus noster redemptor et salvator est ad eorum orationes opem auxilium que confugere; illos vero qui negant sanctos aeterna felicitate in coelo fruentes invocandos esse; aut qui asserunt vel illos pro hominibus non orare vel eorum ut pro nobis etiam singulis orent invocationem esse idolatriam vel pugnare cum verbo Dei adversari que honori unius mediatoris Dei et hominum Iesu Christi; vel stultum esse in coelo regnatibus voce vel mente supplicare: impie sentire¹⁵².

Como se vê, o decreto – em forte dissensão com as posições protestantes nessa matéria - após ter assegurado o valor da intercessão dos santos e a única mediação de Cristo, continua dando indicações sobre o culto relativo às relíquias dos santos¹⁵³:

Sanctorum quoque martyrum et aliorum cum Christo viventium sancta corpora quae viva membra fuerunt Christi et templum Spiritus Sancti ab ipso ad aeternam vitam suscitanda et glorificanda a fidelibus veneranda esse per quae multa beneficia a Deo hominibus praestantur: ita ut affirmantes sanctorum

invés, ser procurado no conjunto dos decretos emanados pelo tridentino. Cf. MARCORA, Carlo. *Il Concilio di Trento e l'Arte Sacra*. In: FIGINI, Carlo. *Miscellanea*. Milano: La Scuola Cattolica, 1964, pp. 253-271.

¹⁵¹ CONCILIIUM TRIDENTINUM, *Sessio XXV, 3-4 Dec. 1563, De invocatione, veneratione et reliquiis sanctorum, et de sacris imaginibus* [A invocação, a veneração e as relíquias dos santos e as sagradas imagens]. In: ISTITUTO PER LE SCIENZE RELIGIOSE, *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*. Bologna: EDB, p. 773-774.

¹⁵² Segue nossa tradução: “O Santo Sínodo ordena a todos os bispos e àqueles que possuem o ofício de ensinar e a cura de almas, de, antes de tudo, instruir diligentemente os fiéis segundo o uso da igreja católica e apostólica, transmitido desde os primeiros tempos do cristianismo, conforme a opinião unânime dos santos padres e dos decretos dos sacros concílios, sobre a intercessão dos santos, sobre a sua invocação, sobre a honra devida às relíquias, e sobre o uso legítimo das imagens. Dever-se-á ensinar que os santos, reinando com Cristo, oferecem a Deus suas orações pelos homens; que é coisa boa e útil invocá-los humildemente e recorrer às suas orações, ao seu poder e ajuda para obter de Deus os benefícios de Deus, por meio do seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, que é o único salvador e redentor. Serão declarados ímpios aqueles que negam o dever de invocar os santos que gozam no céu a eterna felicidade, ou a sua intercessão pelos homens; aqueles que definem como idolatria o invocá-los para que intercedam também por cada um e nós, ou que consideram tal coisa em contraste com a Palavra de Deus e com a honra devida ao único mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo; aqueles que consideram tolice rezar com palavras ou com a mente àqueles que reinam nos céus”.

¹⁵³ Nesse quesito, Carlos Borromeu, traduzindo a afirmação conciliar, dedicará vários parágrafos de suas *Instruções* sobre o cuidado com a identificação das relíquias dos santos – provavelmente para evitar os exageros medievais e, assim, não oferecer matéria para a crítica protestante -, o seu acondicionamento, o culto e a honra devidos à essa matéria. Cf. BORROMEUS, Carolus. *Instructionum Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo, Caroli S. R. E. Cardinalis tituli S. Praxedis, Archiepiscopi iussu, ex provinciali decreto editi ad provinciae Mediolanensis usum, Apud Pacificum Pontium Typographum, Mediolani, 1577*. Caput XVI. Cf. nossa tradução neste trabalho: BORROMEU, Carlos. *Instruções sobre a Fábrica e as Alfasias Ecclesiásticas*, Cap. 16.

reliquiis venerationem atque honorem non deberi vel eas alia que sacra monumenta a fidelibus inutiliter honorari atque eorum opis impetrandae causa sanctorum memorias frustra frequentari: omnino damnandos esse prout iam pridem eos damnavit et nunc etiam damnat Ecclesia¹⁵⁴.

Em seguida, o decreto do concílio nega todo e qualquer valor apotropaico inerente às imagens sacras e retoma o ensinamento contra o iconoclasmo, estabelecido pelo concílio de Niceia II (787), e que afirma o valor das imagens enquanto representações veneráveis de seus “protótipos”¹⁵⁵:

Imagines porro Christi deiparae virginis et aliorum sanctorum in templis praesertim habendas et retinendas eis que debitum honorem et venerationem impertiendam non quod credatur inesse aliqua in iis divinitas vel virtus propter quam sint colendae vel quod ab eis sit aliquid petendum vel quod fiducia in imaginibus sit figenda veluti olim fiebat a gentibus quae in idolis spem suam collocabant: sed quoniam honos qui eis exhibetur refertur ad prototypa quae illae repraesentant: ita ut per imagines quas osculamur et coram quibus caput aperimus et procumbimus Christum adoremus et sanctos quorum illae similitudinem gerunt veneremur. Id quod conciliorum praesertim vero secundae Nicaenae synodi decretis contra imaginum oppugnatores est sancitum¹⁵⁶.

Destaca ainda, na continuação, a importância dos bispos no papel do ensinamento da reta “leitura” das obras de arte por parte dos fiéis:

Illud vero diligenter doceant episcopi per historias mysteriorum nostrae redemptionis picturis vel aliis similitudinibus expressas erudiri et confirmari populum in articulis fidei commemorandis et assidue recolendis; tum vero ex

¹⁵⁴ Segue nossa tradução: “Dever-se-á ainda ensinar que os fiéis devem venerar os santos corpos dos mártires e dos outros que vivem com Cristo, corpos que um tempo eram membros vivos do próprio Cristo e templo do Espírito Santo, e que serão por ele ressuscitados para a vida eterna e glorificados, por meio dos quais Deus concede aos homens muito benefícios. Por isso aqueles que afirmam que às relíquias dos santos não se devem nem venerar, nem honrar, e que os fiéis inutilmente honram tais relíquias ou outras sacras recordações e, em vão, frequentam os lugares consagrados à memória deles para obter a ajuda, todos estes são absolutamente condenáveis, como já outrora a igreja os condenou e os condena agora”.

¹⁵⁵ Para o conteúdo dos cânones de Niceia II, cf. DENZIGER, Heinrich. *Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum – Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral*. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2007, pp. 218-219.

¹⁵⁶ Segue nossa tradução: “Além disso, as imagens do Cristo, da Virgem mãe de Deus e dos outros santos devem se encontrar e ser conservadas sobretudo nas igrejas; a elas se deve atribuir a devida honra e a veneração, certamente não porque se crê que nelas haja alguma divindade ou poder que justifique esse culto ou porque se deva pedir algo a estas imagens ou colocar nelas confiança, como outrora faziam os pagãos, que colocavam suas esperanças nos ídolos, mas porque a honra que lhes é prestada se refere aos protótipos que elas representam. Portanto, por meio das imagens que nós beijamos e diante das quais descobrimos a cabeça e nos prostramos, nós adoramos Cristo e veneramos os santos, dos quais elas mostram as imagens. Tudo isso já foi sancionado pelos decretos e pelos concílios, principalmente pelo segundo concílio de Niceia, contra os adversários das sacras imagens”.

omnibus sacris imaginibus magnum fructum percipi non solum quia admonetur populus beneficiorum et munerum quae a Christo sibi collata sunt sed etiam quia Dei per sanctos miracula et salutaria exempla oculis fidelium subiiciuntur ut pro iis Deo gratias agant ad sanctorum que imitationem vitam mores que suos componant excitentur que ad adorandum ac diligendum Deum et ad pietatem colendam. Si quis autem his decretis contraria docuerit aut senserit: a[nathema] s[ic]it¹⁵⁷.

Finalmente, depois de reconhecer a bondade e o valor instrutivo das imagens em relação aos mistérios, o concílio faz afirmações no sentido de salvaguardar a doutrina e o decoro que, necessariamente, devem ser expressos pelas imagens sacras:

In has autem sanctas et salutes observationes si qui abusus irrepserint: eos prorsus aboleri sancta Synodus vehementer cupit ita ut nullae falsi dogmatis imagines et rudibus periculosi erroris occasionem praebentes statuatur. Quodsi aliquando historias et narrationes Sacrae Scripturae cum id indoctae plebi expediet exprimi et figurari contigerit: doceatur populus non propterea divinitatem figurari quasi corporeis oculis conspici vel coloribus aut figuris exprimi possit. Omnis porro superstitio in sanctorum invocatione reliquiarum veneratione et imaginum sacro usu tollatur omnis turpis quaestus eliminetur omnis denique lascivia vitetur ita ut procaci venustate imagines non pingantur nec ornentur; et sanctorum celebratione ac reliquiarum visitatione homines ad commensationes atque ebrietates non abutantur quasi festi dies in honorem sanctorum per luxum ac lasciviam agantur. Postremo tanta circa haec diligentia et cura ab episcopis adhibeatur ut nihil inordinatum aut praepostere et tumultuarie accommodatum nihil profanum nihil que inhonestum appareat cum domum Dei deceat sanctitudo. Haec ut fidelius observentur statuit sancta Synodus nemini licere ullo in loco vel Ecclesia etiam quomodolibet exempta ullam insolitam ponere vel ponendam curare imaginem nisi ab episcopo approbata fuerit. Nulla etiam admittenda esse nova miracula nec novas reliquias recipiendas nisi eodem recognoscente et approbante episcopo. Qui simulatque de his aliquid compertum habuerit adhibitis in consilium theologis et aliis piis viris ea faciat quae veritati et pietati consentanea iudicaverit. Quodsi aliquis dubius aut difficilis abusus sit extirpandus vel omnino aliqua de his rebus gravior quaestio incidat: episcopus antequam controversiam dirimat metropolitani et comprovincialium episcoporum in concilio provinciali sententiam exspectet ita tamen ut nihil inconsulto sanctissimo Romano Pontifice novum aut in Ecclesia hactenus inusitatum decernatur¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Segue a tradução: “Os bispos ensinarão diligentemente que através da história dos mistérios da nossa redenção, expressa por pinturas e por outros modos, o povo é instruído e confirmado na fé, recebendo os meios para recordar e meditar assiduamente os artigos de fé; além disso, explicarão que de todas as imagens sacras se extrai grande fruto, não só porque são recordados para povo os benefícios e dos dons que lhes foram feitos pelo Cristo, mas também porque através dos santos, os olhos dos fiéis podem ver as maravilhas e os exemplos salutareis de Deus, de modo a agradecê-lo, de modo a modelar a vida e os costumes na imitação dos santos, a adorar e amar Deus e exercitar a piedade. Se alguém ensinar ou crer coisas contrárias a estes decretos, seja anátema”.

¹⁵⁸ Segue a tradução: “Caso se tenham difundido abusos nestas práticas santas e salutareis, o santo Sínodo deseja ardentemente eliminá-los. Portanto não será exposta nenhuma imagem que favoreça doutrinas errôneas e para as pessoas simples seja ocasião de erros perigosos. Caso sejam às vezes expressas e figuradas as histórias e as narrativas da Sagrada Escritura, como convém ao povo pouco instruído, se lhe ensine que nem por isso se pretende representar a divindade, como se esta pudesse ser vista com os olhos do corpo ou expressa em cores ou figuras. Na

Como se vê, no que tange às artes figurativas, o concílio dedica uma preocupação motivada pela doutrina, pelo culto e pelo decoro que essas artes devem apresentar, e se limita a estabelecer alguns princípios gerais sobre essas questões¹⁵⁹. Sobre a arquitetura religiosa, embora o concílio não dedique sequer uma linha¹⁶⁰, as transformações que incidirão sobre esta deverão ser buscadas no conjunto das considerações conciliares.

invocação dos santos, na veneração das relíquias e no uso sagrado das imagens, deverá ser banida toda superstição, eliminada toda torpe ganância, evite-se, enfim, toda indecência de modo a não pintar ou adornar as imagens com audaciosa beleza. Do mesmo modo, os fiéis não devem se aproveitar das celebrações das festas dos santos e da visita das relíquias para se abandonarem a festas e bebedeiras, como se tais festas tivessem que ser celebradas na dissipação e na libertinagem. Para obter uma observância mais fiel destas normas, o santo Sínodo estabelece que ninguém pode colocar ou fazer colocar em lugar algum da igreja, mesmo se isenta, nenhuma imagem insólita sem a prévia aprovação do bispo. Tampouco admitam-se novos milagres ou se recebam novas relíquias senão depois do julgamento e da aprovação do bispo. Este, apenas tendo tido notícia de fatos do gênero, após consulta dos teólogos e de outras pessoas piedosas, tomará aquelas iniciativas que julgar conformes à verdade e à piedade. Caso, finalmente, se apresentasse algum abuso perigoso ou difícil de extirpar, ou se junto à estes problemas nascesse uma questão de maior gravidade, o bispo, antes de decidir, espere a opinião do metropolitano e dos bispos da região reunidos no concílio provincial. De todo modo, na igreja não se deverá estabelecer nada de novo ou inusitado sem antes ter consultado o santíssimo romano pontífice”.

¹⁵⁹ Uma tentativa de detalhar as questões relativas às artes no período da contrarreforma, como já acenado, poderá ser encontrada na obra de PALEOTTI, Gabriele. *Discorso Intorno alle Immagini Sacre e Profane – 1582*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2002. Cf. também: PRODI, Paolo. *Arte e Pietà nella Chiesa Tridentina*. Bologna: Il Mulino, 2014. Aqui mencionamos o caso do pintor Paolo Veronese (1528-1588), até onde se sabe, único caso em que a inquisição (ou os Dominicanos, como pensa Filippo Pedrocco), partindo dos princípios do tridentino, fez um processo a um pintor. Cf. PEDROCCO, Filippo. *Veronese*. Firenze: Giunti, 2014.

¹⁶⁰ A tradução do espírito do tridentino caberá a Carlos Borromeu, como releva Blunt: “[...] São Carlos Borromeu [...] é o único autor a aplicar o decreto tridentino à arquitetura”. BLUNT, Anthony. *Teoria Artística na Itália, 1450-1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 168.

Fig. 21. Plantas dos Oratórios das confrarias leigas de Roma, anteriores a Trento. A) Oratório do Gonfalone; B) Oratório primitivo da Trinità dei Pellegrini; C) Oratório dos Ss. Cosma e Damiano deis Barbieri; D) Oratório de S. Celso.

Nesse sentido, um dos marcos mais emblemáticos desse período talvez seja, de fato, a construção da igreja del Gesù, projeto de planta longitudinal de 1568-69, do arquiteto Giacomo Barozzi da Vignola (1507-1573)¹⁶¹. É provável que a ênfase no projeto de igreja longitudinal esteja ligada não somente às exigências do culto eucarístico, mas também à insistência que o tridentino concede à pregação nas igrejas:

¹⁶¹ Giacomo della Porta (1532-1602), como se sabe, foi o responsável pela icônica fachada da igreja del Gesù. Esta, provavelmente inspirada na fachada albertiana de Santa Maria Novella de Florença ou em alguma de suas imitações, como a igreja de Santo Agostino, em Roma. Cf. KOSTOF, Spiro. *Historia de la arquitectura*, vol. 2, Madrid: Alianza, 1997, particularmente p. 890s; MURRAY, Peter. *Arquitettura del Rinascimento*, Milano: Electa, 1972, p. 227. Para um histórico del Gesù, além do supramencionado ensaio de Ackerman, cf. PIRRI, Pietro. *Giovanni Tristano e i primordi della architettura gesuitica*. Roma: Institutum Historicum, 1955 e SALE, Giovanni. *Pauperismo architettonico e architettura gesuitica*. Milano: Jaca Book, 2001.

Praedicationis munus quod episcoporum praecipuum est cupiens sancta Synodus quo frequentius possit ad fidelium salutem exerceri: canones alias super hoc editos sub felicitis recordationis Paulo III aptius praesentium temporum usui accomodando mandat ut in Ecclesia sua ipsi per se aut si legitime impediti fuerint per eos quos ad praedicationis munus assument in aliis autem ecclesiis per parochos sive iis impeditis per alios ab episcopo impensis eorum qui eas praestare vel tenentur vel solent deputandos in civitate aut in quacumque parte dioecesis censebunt expedire saltem omnibus dominicis et solemnibus diebus festis tempore autem ieiuniorum quadragesimae et adventus domini quotidie vel saltem tribus in hebdomada diebus si ita oportere duxerint sacras scripturas divinam que legem annuntient et alias quotiescumque id opportune fieri posse iudicaverint. Moneat que episcopus populum diligenter teneri unumquemque parochiae suae interesse ubi id commode fieri potest ad audiendum Verbum Dei. Nullus autem saecularis sive regularis etiam in ecclesiis suorum ordinum contradicente episcopo praedicare praesumat. Idem etiam saltem dominicis et aliis festis diebus pueros in singulis parochiis fidei rudimenta et obedientiam erga Deum et parentes diligenter ab iis ad quos spectabit doceri curabunt et si opus sit etiam per censuras ecclesiasticas compellent. Non obstantibus privilegiis et consuetudinibus. In reliquis ea quae de praedicationis munere sub eodem Paulo III decreta fuerunt suum robur obtineant¹⁶².

Um eco bastante importante em relação à essa problemática, encontramos numa carta escrita ao Vignola por parte do grande mecenas que custeou as obras del Gesù, o cardeal Alessandro Farnese (1520-1589):

È stato qui il padre Polanca [o padre jesuíta Juan Alfonso Polanco] mandatomi dal General del Jesù [Francisco de Borgia] et expostomi alcune considerationi, che li sonno occorse circa la fabrica de la chiesa [o Gesù]. A che poi che non vi siete reitrovato presente per intenderle, vi ho voluto sriver quel che mi occorre, conforme però in gran parte a quello che haviamo altre volte discorso, et deliberato. Et è questo [...] il disegno della chiesa sia tale, che non excedendo la

¹⁶² CONCILIIUM TRIDENTINUM, *Sessio XXIV, 11 Nov. 1563, Canon IV*. In: ISTITUTO PER LE SCIENZE RELIGIOSE, *Conciliarum Oecumenicorum Decreta*. Bologna: EDB, p. 763. Segue nossa tradução: “O santo sínodo, desejando que o ministério da pregação, principal dever dos bispos, seja exercitado com a maior frequência possível para a salvação dos fiéis, adequa ainda mais às necessidades dos tempos presentes os cânones emanados com este propósito sob [o pontificado] de Paulo III, de feliz memória. Prescreve aos bispos a proclamação das Sagradas Escrituras e da lei divina pessoalmente em sua igreja ou, em caso de impedimento legítimo, por meio daqueles que eles designaram como pregadores; nas outras igrejas proverão por meio dos párocos, ou, caso estes estivessem impedidos, por meio de outros pregadores designados pelo bispo, tanto na cidade, como em qualquer outra parte da diocese; para as despesas de sua manutenção, proverão aqueles que tem a obrigação ou, que as tem por costume. Dever-se-á pregar, pelo menos, todos os domingos e nas festas solenes; durante a quaresma e o advento do Senhor, ao invés, se pregará todos os dias ou, pelo menos, três vezes na semana, se o considerarem oportuno, e, aliás, todas as vezes que o julgarem útil. O bispo admoestará diligentemente ao povo que, cada fiel, para escutar a Palavra de Deus, deve se achegar na própria paróquia, se o puder fazer facilmente. Mas ninguém, nem secular ou regular, nem mesmo nas igrejas da própria ordem, poderá pretender pregar se o bispo se opuser. Os próprios bispos proverão também para que, pelo menos nos domingos, e nas outras festas em cada paróquia, as crianças sejam diligentemente instruídas nos rudimentos da fé e na obediência a Deus e aos genitores, por meio de adequados encarregados que, caso seja necessário, poderão compelir a isso por meio de censuras eclesásticas. Tudo isso, não obstante os privilégios e costumes contrários. Para o resto, tenham vigor as disposições aprovadas sob o [pontificado do] próprio Paulo III sobre o dever da pregação”.

detta summa venghi bem proportionata ne le misure di longhezza, larghezza et alteza, secondo le regole buone de la Architettura, et sia la chiesa non di tre navate, ma di una sola, con capelle da una banda et da l'altra. [...] et che si habbia da coprire di volta, et non altramente, se bene a questo fanno certe difficoltà per conto de le prediche, che da quella forma responderia, come credano, più che dal palco. Il che a me non par verisimile, con l'exempio di altre chiese etiam di molto maggiore capacità, che si veggano bene atte a la voce de predicatori, at al Auditorio [...]"¹⁶³.

Essa informação dada pelo cardeal é extremamente interessante, na medida em que revela a questão da pregação, uma das preocupações do tridentino, transposta para o campo da arquitetura religiosa. Também Carlos Borromeu, apesar de suas dificuldades pessoais no falar em público¹⁶⁴, demonstrará grandes preocupações em cumprir a prescrição do concílio de Trento sobre a pregação¹⁶⁵ como instrumento de

¹⁶³ CARTA DO CARDEAL ALESSANDRO FARNESE, s. d. In: PIRRI, Pietro. *Giovanni Tristano e i primordi della Architettura Gesuitica*. Roma: Institutum Historicum, 1955, pp. 228-229. Ainda sobre o texto da carta, o autor constata algumas variantes, em função das diversas correções feitas pelo cardeal, o que indicaria uma grande reflexão por parte do Farnese nesse ponto. Por exemplo, ao invés de “se bene a questo fanno certe difficoltà per conto de le prediche, che da quella forma responderia, come credano, più che dal palco”, o cardeal havia escrito: “...per conto de la voce del predicator assendo (parendoli che) farebbe ecco (la voce resonerebbe) com ecco poco intelligibile per causa del ecco, che da quella forma più tonda responderia, come credano, più che da palco...”; (“Palco”, neste caso, deve ser compreendido como “soffitto”, isto é, o teto plano). Em resumo, o cardeal dava conta ao Vignola sobre os temores que os Jesuítas depositavam num teto arqueado: este seria não condizente à pregação, por oferecer eco. Segue nossa tradução do trecho da carta acima: “Esteve aqui o padre Polanco, me foi mandado pelo Geral dos jesuítas, e expôs a mim algumas considerações que lhe ocorreram a propósito da fabrica da igreja. Haja vista que vós não estáveis presente para entendê-las, eu quis escrever-vos sobre o que me ocorre, conforme porém, àquilo que já havíamos discutido e deliberado em grande parte em outras ocasiões. E é isto [...] o desenho da igreja seja tal, que não exceda a mencionada soma e seja bem proporcionada nas medidas de comprimento, largura e altura, conforme as regras boas da Arquitetura, e seja a igreja não de três naves, mas de uma só, com capelas de um lado e d'outro. [...] e que seja coberta com arco, e non d'outra forma, embora sobre isto coloquem certas dificuldades [os jesuítas] por conta das pregações, parecendo-lhes que a voz ressoe pouco inteligível por causa do eco, que daquela forma emanaria, como creem, mais que do palco [=teto plano]. O que a mim não parece verossímil, pelo exemplo de outras igrejas até mesmo de muito maior capacidade que se percebem bem adequadas tanto à voz dos pregadores quanto ao auditório”.

¹⁶⁴ “Nonostante l'istintiva avversione al parlare in pubblico, la scarsa potenza della voce e un difetto di pronuncia che ostacolava in parte la comprensione delle sue parole, San Carlo vinse infine la sua titubanza e giunse a predicare anche tre o quattro volte al giorno, ogni volta preparando un sermone adatto alle circostanze”. O'MALLEY, John W. *San Carlo Borromeo ed il “Praecipuum Episcoporum Munus”*. In: BUZZI, Franco e ZARDIN, Danilo (A cura di). *Carlo Borromeo e l'opera della “Grande Riforma”*. Milano: Silvana, 1997 p. 61. Segue nossa tradução: “Apesar da instintiva aversão ao falar em público – [em função d]a escassa potência da voz e um defeito de pronúncia que em parte colocava obstáculo à compreensão de suas palavras – São Carlos venceu finalmente a sua hesitação e chegou a pregar até três ou quatro vezes ao dia, toda vez preparando um sermão adequado às circunstâncias”.

¹⁶⁵ Sobre a pregação de Carlos Borromeu, cf. também GIOMBI, Samuele. La predicatione di San Carlo: fonti, método, stili. In: BUZZI, Franco e ZARDIN, Danilo (A cura di). *Carlo Borromeo e l'opera della “Grande Riforma”*. Milano: Silvana, 1997, pp. 69-80. Como se verá neste trabalho, o Borromeu em suas *Instruções sobre a Fábrica e as Alfaias Eclesiásticas* dedica uma preocupação particular sobre o espaço destinado à pregação nas igrejas: o ambão e o púlpito.

consolidação da contrarreforma junto ao povo, chegando até mesmo a compor uma obra sobre esse tema¹⁶⁶. Essas preocupações de caráter pastoral levam o Borromeu a confeccionar uma série de instruções, normativas e visitas pastorais, com a finalidade de instaurar o espírito da contrarreforma em toda a igreja de Milão e consolidar não só a reforma dos costumes como combater o protestantismo em território milanês.

Fig. 22: Planta da cidade de Milão. Nunzio Galiti, 1578. Milão, Civica Raccolta delle Stampe Achille Bertarell

¹⁶⁶ BORROMEU, Carlos. *Instructiones Praedicationis Verbi Dei, et confessoriorum, olim a S. Carolo ex praescripto Concil. prouinc. editae. Nunc vero iussu illustriss. & reuerendiss. d.d. Marini Georgii episcopi brixien. Ad vsum concionatorum, parochorum, & confessoriorum huius ciuitatis, & Dioecesis denuo impressae. ...Adiecta est Martini Fornarii ex Societ. Iesu ..., Brixiae, apud Io. Baptistam Bozzolam, 1621.* A obra foi impressa pela primeira vez em 1576 e conheceu várias reimpressões.

2.2 A atividade de Carlos Borromeu na arquitetura religiosa de Milão.

Para a melhor compreensão da gênese do texto de Borromeu de suas *Istruções sobre a Fábrica e as Alfaías Eclesiásticas*, cabe verificar primeiramente a sua atividade tectônica no território milanês, principalmente por meio de seu arquiteto de confiança. Essa verificação é importante na medida em que nos pode oferecer uma chave de leitura interpretativa desse texto, verdadeiro *hápax legómenon*, da arquitetura tridentina.

A chegada de Carlos Borromeu na arquidiocese de Milão, como já acenado, envolvia uma tarefa pastoral hercúlea e desafios enormes. Uma ideia do problema, nos é fornecida por meio da descrição feita por um dos biógrafos do Borromeu da situação da arquidiocese:

Le chiese poi che sono sotto la giurisdizione assoluta dell'arcivescovo, ascendono al numero di due mila duecento venti; tra le quali ci sono circa cinquanta collegiate e più di ottocento parrochiali. Il clero di questa Chiesa passa il numero di tre mila duecento. I monasteri delle monache ed altre donne di clausura, non son meno di settanta, oltre a quelli che estinse san Carlo, che furono circa venti. I conventi de' claustrali arrivano a cento; e le anime in tutto entro a' confini di tutta la diocese, si tiene che siano intorno a sei cento mila. [...] Dal che si può agevolmente conoscere la grandezza di questa Chiesa, la quale era stata più di ottanta anni senza la presenza de suo arcivescovo; essendo governata sì gran mole da um solo vicario, uomo molte volte di poca disciplina, il quale la minor parte del tempo spendeva nel dovuto regime"¹⁶⁷.

Neste ponto, ao descrever o número de igrejas presentes no imenso território diocesano, o biógrafo discorre sobre os mosteiros femininos acrescentando uma pequena nota curiosa: "...oltre a quelli che estinse san Carlo, che furono circa venti". De fato, o tridentino havia estipulado regras bastante draconianas sobre a vida monacal

¹⁶⁷ GIUSSANO, Pietro. *Op. cit.*, p. 78. Segue nossa tradução: "As igrejas que estão sob a jurisdição absoluta do arcebispo, somam o número de duas duzentas e vinte; dentre as quais há cerca de cinquenta Colegiadas e mais de oitocentas paroquiais. O clero desta Igreja passa do número de três mil e duzentos. Os mosteiros das monjas e de outras mulheres de clausura, não menos que setenta, além daqueles que São Carlos extinguiu, que foram cerca de vinte. Os conventos dos claustrais chegam a cem; e o total das almas dentro dos confins de toda a diocese, se considera que sejam em torno de seiscentos mil. [...] Do que se pode facilmente conhecer o tamanho desta Igreja, a qual havia ficado mais de oitenta anos sem a presença de seu arcebispo; sendo governada tão grande Igreja por um único vigário, homem muitas vezes de pouca disciplina, o qual, a menor parte do tempo gastava no devido governo".

feminina¹⁶⁸, regras que resultaram numa severa intervenção do Borromeu¹⁶⁹, que obrigara à clausura *stricta* todas as monjas presentes em sua circunscrição eclesiástica, oferecendo precisos ordenamentos para a construção ou readequação dos mosteiros de clausura¹⁷⁰. O problema do monaquismo feminino no período da contrarreforma conheceu tristes lances¹⁷¹ e, ao que parece, este seria resolvido apenas muito tempo depois¹⁷².

Ainda no que se refere à descrição da situação da arquidiocese de Milão, o biógrafo continua seu texto afirmando:

La vita e conversazione degli ecclesiastici non poteva essere nè più scandalosa, nè di esempio peggiore; poichè vivevano una vita mondana e sensuale, peggio assai de' secolari; vestivano secolarmente, portavano armi pubblicamente,

¹⁶⁸ Cf. CONCILIUM TRIDENTINUM, *SessioXXV, Decretum de regularibus et monialibus, Caput V*. IN: *Op. cit.*, p. 777. Como já foi acenado, é preciso lembrar que no tempo de Carlos Borromeu, havia a prática de destinar ao mosteiro feminino aquelas filhas de famílias nobres que não herdariam algum tipo de poder – o qual esperava, em geral, aos primogênitos. Naturalmente, a entrada de monjas sem vocação nos mosteiros era, às vezes, um problema para essas comunidades que tinham que lidar com situações do relaxamento dos costumes por parte dessas integrantes. Uma imagem dessa prática, e do decaimento dos costumes, foi imortalizada sob a pena do Manzoni quando elabora a triste personagem da “Monaca di Monza”, presente no romance “Os noivos”. A criação desta personagem foi baseada na história verídica de Marianna de Leyva y Marino (1575 – 1650) que, obrigada pela família, após assumir os votos como Irmã Virgínia Maria, teve relações com o Conde Gian Paolo Osio, resultando daí o nascimento de dois filhos estando ela ainda no mosteiro. Uma vez descoberta a história, o cardeal Frederico Borromeo mandou instaurar um processo canônico que culminou com a condenação de Virgínia Maria à pena de ser emparedada viva. Após 21 anos, sobrevivendo num cubículo de 1,50 x 2,50, ela foi libertada. Cf. MANZONI, Alessandro. *I Promessi Sposi*. Milano: Mondadori, 1992; FARINELLO, Giuseppe e PACCAGNINI, Ermanno (A cura di). *Vita e processo di suor Virginia Maria de Leyva, Monaca di Monza*. Milano: Garzanti, 1989.

¹⁶⁹ Um estudo sobre as questões problemáticas impostas pela Reforma tridentina aos mosteiros femininos e a atividade do Borromeu nesse quesito pode ser encontrado em CREYTENS, Raimondo. *La Riforma dei Monasteri Femminili*. In: AA. VV. *Il Concilio di Trento e la Riforma Tridentina*. Roma: Herder, 1965. Ver também o caso curioso do convento das Dominicanas junto à Porta Ludovica: nesse convento, onde viviam três monjas, irmãs de seu tio, o papa Pio IV, o Borromeu impôs igualmente a severidade da contrarreforma. As monjas, contrariadas, ameaçam recorrer ao irmão papa, o que força o Borromeu a escrever-lhes uma carta tentando contornar o problema. Cf. FRANCESCHI, Dairio. *San Carlo Borromeo 1538-1584*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1938, pp. 143-144.

¹⁷⁰ Em suas *Instruções sobre a Fábrica e as Alfaias*, o Borromeu dedicará dois capítulos sobre a igreja e o mosteiro das monjas de clausura. A arquitetura proposta pelo Borromeu, acaba se tornando o símbolo visível das mudanças impostas pelo tridentino, assinalando um novo sistema de relações internas no mosteiro.

¹⁷¹ Como aquele de uma inteira comunidade de monjas terciárias, sob a ameaça de se tornarem enclausuradas preferiram cometer suicídio. Cf. CREYTENS, Raimondo. *Op. cit.*, p. 67.

¹⁷² “Ci vorrà ora molto tempo prima che la Chiesa riconosca di nuovo i ‘monasteri aperti’ tra le sue istituzioni religiose femminili. Questo tempo verrà quando, a causa dei cambiamenti nella vita sociale e religiosa dei secoli XVII-XVIII, la Chiesa sarà obbligata di fare appello a delle ‘religiose’ che si dedicano all’insegnamento pubblico ed alle opere di carità”. Cf. CREYTENS, Raimondo. *Op. cit.*, p. 78. Segue nossa tradução: “Seria necessário transcórrer muito tempo antes que a Igreja reconhecesse novamente os ‘mosteiros abertos’ entre as suas instituições religiosas femininas. Este tempo virá quando, por causa das mudanças na vida social e religiosa dos séculos XVII-XVIII, a Igreja será obrigada a fazer apelo a ‘religiosas’ que se dediquem ao ensinamento público e às obras de caridade”.

giacevano per lo più in pubblici ed invecchiati concubinati; non risiedevano a' loro titoli benefiziati, nè cura veruna avevano delle cose del culto divino; onde peggio assai e con maggiore indecenza tenevano le chiese ed i luoghi e cose sacre che le profane stesse. Era tale poscia la loro ignoranza, che molti curati d'anime non sapevano nè manco la forma sacramentale della confessione, nè che ci fossero i casi e le censure riservate; ed in alcune parti della diocesi cosa lagrimevole a sentirla, l'ignoranza era passata tant'oltre, che i curati d'anime non si confessavano mai, credendo eglino di non essere obbligati alla confessione perchè confessavano gli altri; e molte altre miserie deplorande si vedevano pubblicamente nello stato clericale, che lo rendevano vilissimo e quase abbominevole appresso i laici, onde era venuto questo comune proverbio: se vuoi andare all'inferno, fatti prete [...] ¹⁷³.

Como se vê, pela descrição do Giussano, a reforma do clero¹⁷⁴ deveria ser um dos grandes pontos da revolução pastoral que o Borromeu faria na arquidiocese. De fato, sobre o aspecto da confissão sacramental, um dos pontos narrados no texto pelo biógrafo, uma das ações do Borromeu foi a de emanar uma instrução para o seu clero a esse propósito¹⁷⁵.

Continuando sua explanação sobre a situação da diocese, Giussano fala dos leigos, relevando o seu nível de ignorância religiosa tanto em matéria doutrinal, como nos maus costumes que haviam se instaurado entre estes:

L'ignoranza poi delle cose di Dio era tal, massime ne' plebei, che non aveano quasi cognizione alcuna de' fondamenti e principii della fede cattolica, non sapendo eglino recitare l'orazione domenicale, nè la salutatione angélica, nè appena farsi il segno della santa croce; e molto meno poi aveano notizia degli articoli della fede e de' divini precetti. I giorni sacri erano profanati da' spettacoli,

¹⁷³ GIUSSANO, Pietro. *Op. cit.*, pp. 78-79. Segue nossa tradução: "A vida e as conversas dos eclesiásticos não podiam ser nem mais escandalosas e nem de pior exemplo; pois viviam uma vida mundana e sensual, muito pior que a vida dos seculares; vestiam-se à maneira secular, portavam armas publicamente, e, além do mais, jaziam em públicos e envelhecidos concubinos; não residiam em seus títulos beneficiados, nem cuidado algum tinham pelas coisas do culto divino; nisso, muito pior e com maior indecência, mantinham as igrejas, os lugares e as coisas sacras, do que as [coisas] profanas. Depois, era tal a sua ignorância, que muitos curas de almas não sabiam nem mesmo a fórmula sacramental da confissão, nem que houvesse os casos e as censuras reservadas [ao bispo e à Santa Sé]; e em algumas parte da diocese, coisa lacrimosa de se ouvir, a ignorância havia ido tão além, que os curas de almas não se confessavam nunca, crendo que eles mesmos não fossem a isso obrigados porque confessavam os outros; e muitas outras misérias deploráveis que se percebiam publicamente no estado clerical, que o tornavam vil e quase abominável junto aos leigos, donde vinha este provérbio comum: se quiseses ir para o inferno, torna-te padre[...]".

¹⁷⁴ A este propósito, cf. MASELLI, Domenico. *L'Organizzazione della Diocesi e il Clero Secolare*. In: AA. VV. San Carlo e il suo tempo. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, pp. 413-425.

¹⁷⁵ BORROMEU, Carlos. *Avvertenze di Monsignore Illustriss. Cardinale Borromeo, Cardinale di Santa Prassede, Arcivescovo di Milano, a i confessori nella città, et diocesi sua*. In Milano, per Paolo Gottardo Pontio, 1574. Também nas *Instruções sobre a Fábrica e as Alfaias Eclesiásticas*, vários números serão dedicados ao Confessionário.

giuochi, balli [...]. Come parimente si tenevano in pochissima riverenza i luoghi sacri; poichè nelle chiese si trattavano i negozi soliti delle piazze anche nel tempo de' divini officii, se sentiva ne' conventicoli ridere dissolutamente, cicalare ad alta voce, si passeggiava, come se gli uomini vi stessero per diporto; e ciò che è molto peggio, in alcuni luoghi della diocesi, facevano feste e balli, nelle medesime chiese, profanandole ancora com battervi dentro il grano e le biade, senza averne alcuno scrupolo per l'abuso pessimo introdotto dalla mala consuetudine¹⁷⁶.

É interessante o olhar que o biógrafo lança sobre o espaço sagrado, relacionando-o aos temas caros à contrarreforma como, por exemplo, o decoro necessário às construções dedicadas ao culto, e ao necessário comportamento, igualmente decoroso, que as pessoas aí deveriam ter¹⁷⁷. Nesse sentido, o espaço se torna uma imagem do ideal da Igreja da contrarreforma. Talvez seja por essa percepção do espaço sacro, como um elemento favorável à propaganda contrarreformista¹⁷⁸, que o Borromeu dedicará à arquitetura religiosa um tratamento importante dentro de sua

¹⁷⁶ GIUSSANO, Pietro. *Op. cit.*, pp. 79-80. Segue nossa tradução: “A ignorância sobre as coisas de Deus era tal, especialmente nos plebeus, que quase não tinham conhecimento algum dos fundamentos e princípios da fé católica, não sabendo eles a oração dominical [o pai-nosso], nem a saudação angélica [a oração do *ângelus*], nem mesmo traçar o sinal da santa cruz sobre si próprios; e muito menos ainda tinham notícia dos artigos da fé e dos divinos preceitos. Os dias sacros eram profanados por espetáculos, jogos, bailes [...]. Igualmente tinham em pouquíssima reverência os lugares sacros, posto que nas igrejas se tratavam dos negócios que normalmente se faziam nas praças, mesmo durante o tempo dos ofícios divinos se ouvia nos pequenos grupos o riso dissoluto, o tagarelar em voz alta, se passeava, como se os homens aí estivessem por esporte; e aquilo que é muito pior: em alguns lugares da diocese, faziam festas e danças dentro das igrejas, profanando-as ainda com o joeirar o trigo e os cereais, sem ter algum escrúpulo pelo péssimo abuso introduzido pelo mau costume”.

¹⁷⁷ O próprio Borromeu já em 1578 havia prescrito aos seus súditos como deveria ser esse comportamento: “In chiesa sta con riverenza & timor di Dio, stà nel luoco tuo, non in quello ne de i chierici, ne deputato ad altro stato di persona: non sedere irreverentemente, con le spalle voltate al Santissimo Sacramento: non t'accostare alli gradi, ne dentro cancelli de gl'altari, fuggi in chiesa di parlare, et ogni moto, gesto, et atto irreverente, ò indecente”. BORROMEO, Carlo. *Libretto dei Ricordi al popolo della Citta et Diocese di Milano. Dati dall'illustriss. Card. di S. Prassede, arcivescovo per il vivere Christiano, communemente à ogni stato di persone, et particolarmente, à Padri, et Madri di fameglia, Mastri, ò capi di botteghe, et lavoranti*. In Milano per Pacifico Pontio, impressore di Monsignor Illustrissimo, & Reverendiss. Cardinale di Santa Prassede, 1578, p. 20. Segue nossa tradução: “Na igreja, permaneça com reverência e temor de Deus, permaneça em seu lugar, não naquele dos clérigos e nem naquele deputado a outro estado de pessoa [nobres, por exemplo]; não sentar de modo irreverente, com as costas voltadas para o Santíssimo Sacramento; não se aproxime das grades e nem [permaneça] dentro dos cancelos dos altares; na igreja, foge do falar e de todo movimento, gesto e ato irreverente ou indecente”.

¹⁷⁸ Por exemplo, ao falar da basílica de São Pedro e sua relação com o tecido urbano de Roma, Argan justifica as dimensões colossais da ampliação da nave por Carlo Maderno e da colunata de Bernini, relacionado-as ao desejo de difusão da contrarreforma: “A política religiosa da Contrarreforma baseia-se na propaganda e no culto de massa”. ARGAN, Giulio Carlo. *Clássico anticlássico*. O Renascimento de Brunelleschi a Bruegel. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p. 73.

atividade pastoral¹⁷⁹. Prova dessa preocupação, é o convite que ele fará a Pellegrino dei Pellegrini, ou Pellegrino Tibaldi (1527-1596)¹⁸⁰, antes mesmo de tomar posse da diocese, para que ele desenvolva a atividade de arquiteto¹⁸¹ em seus domínios esclesiásticos¹⁸².

¹⁷⁹ Ao que parece, o interesse do Borromeu pela arquitetura começou cedo: logo após ter sido criado cardeal, com 23 anos de idade, segundo algumas informações, visitava com certa frequência Miquelângelo. Apesar de Pio IV, tio do Borromeu, ter passado à história como o censor da obra do Juízo final, ao que parece, a relação entre estes não era tão negativa. A igreja de “Santa Maria degli Angioli nelle Terme Diocleziane” é uma obra de Miquelângelo, como nos faz saber o Vasari, desejada por Pio IV e feita naquela que era então, uma propriedade do cardeal Carlos Borromeu, na qual, até onde se sabe, este praticava, como já acenado, sua recreação predileta: a caça. Para a construção dessa igreja houve certamente a necessidade da anuência do Borromeu. Para a relação de Pio IV com Miquelângelo, cf. VASARI, Giorgio. *Vita di Michelagnolo Buonarroti*. In: *Op. cit.*, especialmente à p. 1252. Ver também: MANCINELLI, Fabrizio, COLALUCCI, Gianluigi e GABRIELLI, Nazzareno. *Michelangelo - Il giudizio universale*. Firenze: Giunti, 1994, pp. 20ss. Para a relação do Borromeu com Miquelângelo, cf. DE MAIO, Romeo. *Carlo Borromeo e Michelangelo*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, pp. 995-1011. Dentro da polêmica relativa à apreciação negativa da obra de Miquelângelo na capela Sistina durante o espírito da contrarreforma, é de particular interesse, principalmente na relação entre o Borromeu e Miquelângelo, a afirmação do De Maio, segundo a qual: “Per Carlo il metro del decoro moralistico era angusto a giudicare Michelangelo. La storiografia non gli ha fatto giustizia. Non è vero che alla luce delle norme tridentine negasse l’autonomia dell’artista, perché norme tali non furono mai emanate, né a Trento dai Padri né da lui a Milano”. DE MAIO, Romeo. *Op. cit.*, p. 1007. Segue nossa tradução: “Para Carlos [Borromeu] o metro do decoro moralístico era estreito para julgar Miquelângelo. A historiografia não lhe fez justiça. Não é verdade que à luz das normas tridentinas [o Borromeu] negasse a autonomia do artista, até porque, tais normas nunca foram emanadas, nem pelos Padres de Trento e nem por ele em Milão”.

¹⁸⁰ “Come hanno esaurientemente dimostrato le ricerche del Merzario, Pellegrino Pellegrini nacque nel 1527 a Puria di Valsolda, allora feudo civile oltre che ecclesiastico dell’arcivescovo di Milano. Tale notizia trova conferma anche dalla scritta autografa *Peregrinus Tibaldi Bonon. [iensis] Faciebat anno aetatis suae XXII MDXLVIII* (Pellegrino, figlio di Tibaldo Bolognese, faceva all’età di 22 anni nel 1549) da lui posta sul quadro dell’ Adorazione dei pastori alla Galleria Borghese, scritta che trasse in inganno molti storici riguardo al suo cognome, facendo ritenere che fosse Tibaldi. Per tutta la sua vita invece nelle lettere, nei diversi atti, nei numerosissimi documenti riguardanti la Fabbrica del Duomo di Milano, sempre firmò e fu chiamato Pellegrino, Pellegrino Pellegrini, *Peregrinus de peregrinis*, mentre soltanto nel primo periodo della sua attività, come ricorda il Milizia, ‘fu soprannominato de’ Tibaldi, perché suo padre ch’era un Muratore nativo della Terra di Valsolda nel Milanese, chiamavasi Mastro ‘Tibaldo’. Da questa valle il padre, secondo la tradizione, presto dovette partire per recarsi a Bologna, dove esercitò l’arte della pittura”. MAZZOTTA, Adele Buratti. *Introduzione*. In: PANIZZA, Giorgio e MAZZOTTA, Adele B. (a cura di) *Pellegrino Pellegrini. L’Architettura*. Milano: Il Polifilo, 1990, p. XIII. Segue nossa tradução: “Como demonstraram de maneira exaustiva as pesquisas de Merzario, Pellegrino Pellegrini nasceu em 1527, em Puria di Valsolda, então feudo civil e eclesiástico do arcebispo de Milão. Tal notícia encontra confirmação também na escrita de própria mão *Peregrinus Tibaldi Bonon. [iensis] Faciebat anno aetatis suae XXII MDXLVIII* (Pellegrino, filho de Tibaldo Bolonhês, fazia com a idade de 22 anos em 1549) colocada por ele no quadro da *Adoração dos pastores* na Galeria Borghese; escrita que induziu ao erro muitos historiadores em relação ao seu sobrenome, fazendo crer que fosse Tibaldi. Ao invés, por toda sua vida, nas cartas, em diversos registros, em numerosíssimos documentos da Fábrica do Duomo de Milão, sempre assinou e foi chamado de Pellegrino, Pellegrino Pellegrini, *Peregrinus de peregrinis*, enquanto que somente no primeiro período da sua atividade, como nos lembra o Milizia, ‘foi alcunhado dos Tibaldi, porque seu pai, que era um pedreiro nativo da terra de Valsolda no [território] Milanês, se chamava Mestre Tibaldo’. Deste vale o pai, segundo a tradição, logo teve que partir para ir até Bolonha, onde exercitou a arte da pintura”.

¹⁸¹ Sem a pretensão de nomear todas os feitos de Pellegrino Tibaldi, em linhas gerais, suas obras em arquitetura poderiam ser sintetizadas assim: Colégio Borromeu em Pavia (1564-1569); o pátio da Canônica (1565-1572); em

2.3 Pellegrino Tibaldi em Milão.

A escolha do Borromeu¹⁸³ pelo Tibaldi deve ter sido pautada pela qualidade dos seus trabalhos¹⁸⁴, como o Vasari, em sua famosa obra, nos dá a entender:

Milão. Em 1566 o encontramos residente em Milão; como arquiteto do Duomo (a partir de 1567), Tibaldi projeta a reestruturação do presbitério (com o projeto do *scurolo*, a recolocação do tabernáculo e o coro); a igreja de São Fidélis (San Fedele) para os jesuítas é projetada e executada entre 1569-1579. Em 1575 executa um projeto para o santuário de Caravaggio (posteriormente muito modificado) e desenvolve trabalhos no Palácio Ducal de Milão; a partir de 1575 o encontramos como arquiteto militar, desenvolvendo trabalhos nas praças fortes de Alessandria e Pizzighetone até 1586; depois da peste de 1576, elabora o projeto da igreja votiva de São Sebastião (San Sebastiano, terminada em 1617) e a igreja del Lazzaretto (1580). Em 1577 refaz a igreja de São Gaudêncio em Novara; no ano seguinte, em 1578, projeta a fachada do santuário de Saronno e, em 1584, faz o projeto para a igreja da Madonna degli Oblati de Rho; em 1585 trabalha na Cappella Maggiore e comunica sua intenção de partir para a Espanha. Em 1587 (para outros historiadores, essa data é 1586), em seu último período como arquiteto em Milão, o encontramos trabalhando na decoração da capela e no teto da biblioteca do Escorial na Espanha, a pedido de Felipe II. Em 1596 retorna a Milão onde morrerá no dia 27 de maio desse mesmo ano. Para as datas de sua atividade como arquiteto, cf. PERER, Maria Luisa Galli. *Le opere e i giorni di Pellegrino Pellegrini, detto il Tibaldi e il rinnovamento dell'arte Cristiana*. In: SCOTTI, Aurora e ZUCCHI, Cino. *Arte Lombarda*. Milano: Vita e Pensiero, 1990, pp. 7-8.

¹⁸² “Durante il soggiorno nelle Marche, o, secondo alcuni, a Bologna, il Pellegrini conobbe Carlo Borromeo che, all'elezione dello zio Gian Angelo Medici al papato (6 gennaio 1560), lo aveva seguito a Roma per ricoprire l'incarico di segretario di Stato, diventando inoltre legato pontificio per Bologna, la Romagna e la Marca di Ancona. Creato in quello stesso anno dal papa cardinale ed arcivescovo di Milano, subito egli pensò a una riorganizzazione della diocesi e, ancor prima di prenderne possesso, decise di erigere un collegio per i giovani studenti a Pavia, dove egli stesso si era laureato dottore *in utroque iure* (1559). Della progettazione fu incaricato il Pellegrini”. MAZZOTTA, Adele Buratti. *Introduzione*. In: PANIZZA, Giorgio e MAZZOTTA, Adele B. (a cura di) *Pellegrino Pellegrini. L'Architettura*. Milano: Il Polifilo, 1990, p. XVII. Segue nossa tradução: “Durante a estadia nas Marche, ou, segundo alguns, em Bolonha, o Pellegrini conheceu Carlos Borromeu que, por ocasião da eleição do tio Gian Angelo Medici ao papado (6 de janeiro de 1560), o havia seguido até Roma para assumir o encargo de secretário de Estado, se tornando, além disso, legado pontificio para Bolonha, Romanha, e Marca de Ancona. Criado cardeal e arcebispo de Milão naquele mesmo ano pelo papa, imediatamente ele pensou numa reorganização da diocese e, antes mesmo de tomar posse, decidiu erigir um colégio para os jovens estudantes em Pavia, onde ele mesmo havia se diplomado como doutor *in utroque iure* (1559). Do projetar foi encarregado o Pellegrini”.

¹⁸³ “Usava uno scrupolo estremo nella scelta degli uomini, applicandosi esclusivamente a mettere in ciascun posto la persona che fosse più adatta ad occuparlo, senza aver riguardo alle raccomandazioni di chichessia. Nello stesso tempo, sapeva benissimo ascoltare le ragioni. In tutto quello che dipendeva da lui, non si decideva mai, finchè non avesse bem riflettuto: ove se ne fosse dato il caso, si rimetteva al parere di persone sagge, e non si appoggiava soltanto nella propria intelligenza”. CELIER, Leonzio. *San Carlo Borromeo (1538-1584)*. Roma: Desclée & C., 1912, p. 51. Segue nossa tradução: “Tinha um escrúpulo extremado na escolha dos homens, aplicando-se exclusivamente a colocar em cada cargo a pessoa fosse mais apta para ocupá-lo, sem levar em consideração as recomendações de quem quer que seja. Ao mesmo tempo, sabia muito bem escutar as razões [de outros]. Em tudo aquilo que dependia dele, nunca se decidia até que não tivesse refletido muito bem: onde fosse o caso, se submetia ao parecer de pessoas sábias, e não se apoiava apenas na própria inteligência”.

¹⁸⁴ Como já foi dito, o Padre Giovanni Piero Giussano, seu biógrafo havia afirmado que o Cardeal Borromeu era “huomo di gran giudicio in materia d'architettura” (“homem de grande julgamento em matéria de arquitetura”). GIUSSANO, P. *Op. Cit.*, p. 65. A escolha pelo Pellegrino, que naquele período trabalhava na corte pontifícia de Pio IV, havia já algum tempo, demonstra a fineza do Borromeu e, provavelmente, o desejo de cumprir grandes obras arquitetônicas no território milanês, sob a égide não só da contrarreforma, como também dos modos de Miquelângelo. Sobre a presença de Pellegrino Tibaldi na corte pontifícia, cf. TORRE, Stefano della e SCHOFIELD,

Ora, con l'occasione dell'abate e degli altri Bolognesi, de' qualli si è in fin qui fatto menzione, dirò alcuna cosa di Pellegrino bolognese, pittore di somma aspettazione e di bellissimo ingegno. Costui dopo avere ne' suoi primi anni atteso a disegnare l'opere del Vasari, che sono a Bologna nel refettorio di San Michele in Bosco, e quelle d'altri pittori di buon nome, andò a Roma l'anno 1547, dove attese insino all'anno 1550 a disegnare le cose più notabili, lavorando in quel mentre e poi in Castel Sant'Agnolo alcune cose d'intorno all'opere che fece Perino del Vaga. Nella chiesa di San Luigi de' Francezi fece nella cappella di San Dionigi in mezzo d'una volta una storia a fresco d'una battaglia, nella quale si portò di maneira, che ancor che Iacopo del Conte pittore fiorentino e Girolamo Siciolante da Sermoneta avessero nella medesima cappella molte cose lavorato, non fu loro Pellegrino punto inferiore, anzi pare a molti che si portasse meglio di loro nella fierrezza, grazia colorito e disegno dei quelle sue pitture, le quali poi furono cagione che monsignor Poggio si servisse assai di Pellegrino; perciò che avendo in sul monte Esquilino, dove aveva una sua vigna, fabricato un palazzo fuor della porta del Popolo, volle che Pellegrino gli facesse alcune figure nella facciata, e che poi gli dipignesse dentro una loggia, che è volta verso il Tevere, la quale condusse com tanta diligenza, che è tenuta opera molto bella e graziosa. In casa di Francesco Formento, fra la strada del Pellegrino e Parione, fece in un cortile una facciata e due altre figure, e con ordine de' ministri di papa Giulio Terzo lavorò in Belvedere un'arme grande con due figure, e fuora della porta del Popolo alla chiesa di Santo Andrea, la quale avea fatto edificare quel Pontefice, fece un San Piero et un Santo Andrea, che furono due molto lodate figure; il disegno del quale San Piero è nel nostro libro con altre carte disegnate dal medesimo con molta diligenza¹⁸⁵.

Richard. *Pellegrino Tibaldi Architetto e il San Fedele di Milano*. Invenzione e costruzione di uma chiesa exemplare. Milano: Nodolibri, 1994, p. 24 e 63. Para o miquelangismo e a classificação do Tibaldi nessa corrente, cf. ARGAN, Giulio Carlo. *Clássico anticlássico*. O Renascimento de Brunelleschi a Bruegel. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p. 336.

¹⁸⁵ VASARI, Giorgio. *Vita di Francesco Primaticcio*. In: *Op. cit.*, p. 1281. Segue nossa tradução: “Ora, com a ocasião do abade [Francesco Primaticcio] e de outros bolonheses, dos quais até aqui se fez menção, direi alguma coisa de Pellegrino bolonhês, pintor de suma esperança e de bellissimo engenho. Ele, depois de ter em seus primeiros anos se dedicado a desenhar obras do Vasari, que estão em Bolonha no refeitório de San Michele in Bosco, e aquelas de outros pintores de bom nome, foi para Roma no ano de 1547, onde se dedicou até o ano de 1550 a desenhar as coisas mais notáveis, trabalhando nisso durante esse tempo e, depois, no Castelo Santângelo em algumas coisas relativas às obras do Perino del Vaga. Na igreja de San Luigi dos Franceses fez na capela de São Dionísio, no meio de uma abóbada uma história em afresco de uma batalha, na qual se comportou de maneira tal que mesmo Iacopo del Conte, pintor florentino e Girolamo Siciolante de Sermoneta tivessem trabalhado em muitas coisas na mesma capela, não lhes foi inferior Pellegrino, antes, pareceu a muitos que ele se comportasse melhor que eles na bravura, graça, colorido e desenho naquelas pinturas suas, as quais, deram depois motivo para que monsenhor Poggio [Cardeal Giovanni Poggio, 1493-1556] se servisse muitas vezes de Pellegrino; pois que, tendo sobre o monte Esquilino, onde ele tinha uma vinha, fabricado um *palazzo* fora da porta del Popolo, quis que Pellegrino lhe fizesse algumas figuras na fachada, e que depois lhe pintasse dentro uma *loggia* que está voltada par ao Tibre, a qual fez com tanta diligência, que é considerada obra muito bela e graciosa. Na casa de Francesco Formento, entre a estrada do Pellegrino e Parione, fez num *cortile* uma fachada e duas outras figuras, e com a ordem dos ministros do papa Júlio III, trabalhou no Belvedere num grande brasão com duas figuras, e fora da porta del Popolo na igreja de Santo Andrea, a qual tinha feito edificar aquele Pontífice, fez um São Pedro e um Santo André, essa duas figuras foram assaz louvadas; sendo que o desenho de tal São Pedro está em nosso livro com outros papéis desenhados pelo Pellegrino com muita diligência”.

Após relatar alguns aspectos relativos à atividade romana do Pellegrino enquanto pintor, Vasari continua seu relato observando a sua atividade em Bolonha e Ancona. Particularmente interessante, é a informação que o Vasari faz sobre o desenvolvimento dos dotes de arquiteto do Pellegrino na cidade de Ancona:

[...] Ultimamente avendo preso a fare Pellegrino nella medesima città d'Ancona la loggia de' mercanti, che è volta da una parte sopra la marina e dall'altra verso la principale strada della città, ha adornato la volta, che è fabrica nova, con molte figure grandi di stucco e pitture. Nella quale opera perché ha posto Pellegrino ogni sua maggior fatica e studio, ell'è riuscita in vero molto bella e graziosa, perciò che oltre che sono tutte le figure belle e ben fatte, vi sono alcuni scorti d'ignudi bellissimi, nei quali si vede che ha imitato l'opere del Buonarruoto, che sono nella cappella di Roma, con molta diligenza. E perché non sono in quelle parti architetti, né ingegni di conto e che più sappiano di lui, ha preso Pellegrino assunto di attendere all'architettura et alla fortificazione de' luoghi di quella provincia; e come quelli che ha conosciuto la pittura più difficile e forse manco utile che l'architettura, lasciato alquanto da un lato il dipignere, ha condotto per la fortificazione d'Ancona molte cose, e per molti altri luoghi dello stato della Chiesa, e massimamente a Ravenna¹⁸⁶.

Logo em seguida, ao término de seu relato sobre o Tibaldi, Vasari menciona muito brevemente o contato com o Borromeu, que se dá por ocasião da encomenda da construção do colégio Borromeu em Pavia, primeira obra comissionada ao Pellegrino:

Finalmente ha dato principio in Pavia per lo cardinale Bonromeo a un palazzo per la Sapienza, et oggi, perché non ha però del tutto abbandonata la pittura, lavora in Ferrara nel refettorio di San Giorgio ai monaci di Monte Oliveto una storia a fresco che sarà molto bella, della quale mi ha esso Pellegrino mostrato non ha molto il disegno, che è bellissimo. Ma perché è giovane di trentacinque anni, e va tuttavia maggiormente acquistando e caminando alla perfezzione, questo di lui basti per ora¹⁸⁷.

¹⁸⁶ *Idem.* p. 1282. Segue nossa tradução: “[...] Ultimamente tendo iniciado a fazer na mesma cidade de Ancona a *loggia dei mercanti*, que está voltada numa parte acima da marina e na outra em direção à principal estrada da cidade, ele adornou a abóbada, que é de recente confecção, com muitas figuras grandes de estuque e pinturas. Nessa obra, já que o Pellegrino havia colocado suas maiores fadigas e estudo, saiu verdadeiramente muito bela e graciosa, por isso mais do que outras, todas as figuras são belas e bem feitas, há alguns escorços de *ignudi* belíssimos, nos quais se vê que ele imitou as obras de [Miquelângelo] Buonarruoto, que estão na capela de Roma [a Sistina], com muita diligência. E porque não existem naquelas partes arquitetos, nem engenhos de conta e que soubessem mais do que ele, Pellegrino tomou a decisão de se dedicar à arquitetura e à fortificação dos lugares daquela província; e como aqueles que conheceram a pintura mais difícil e talvez menos útil que a arquitetura, deixada por um tempo de lado a pintura, ele fez para a fortificação de Ancona muitas coisas, e para muitos outros lugares do estado da Igreja, e maximamente em Ravena”.

¹⁸⁷ *Idem.* Segue a tradução: “Finalmente, ele iniciou em Pavia, para o cardeal Bonromeo, um *palazzo* para la Sapienza, e hoje, porque não abandonou de todo a pintura, trabalha em Ferrara no refeitório de San Giorgio nos monges de Monte Oliveto, uma história em afresco que será muito bela, da qual ele, Pellegrino, me mostrou não

Como já acenado, é extremamente provável que o convite do Borromeu feito a Pellegrino Tibaldi para ir trabalhar em Milão estivesse justificado também em função do interesse pessoal que o Borromeu tinha pelo valor da arquitetura, afinal, ocupando o posto de cardeal sobrinho na Roma renascentista, ele, mais do que qualquer outro, tinha acesso privilegiado às informações relativas às transformações que os papas, por meio de seus programas arquitetônicos, tinham imposto à *Urbs*, conferindo-lhe nova dignidade e significado¹⁸⁸.

há muito tempo, o desenho, que é belíssimo. No entanto, haja vista que é um jovem de trinta e cinco anos e, todavia, ainda vai mormente adquirindo e caminhando para a perfeição, dele, isto baste por ora”.

¹⁸⁸ Já o papa Nicolau V (1447-1458), tendo Leon Battista Alberti ao seu lado, havia previsto um plano de reurbanização para Roma. Nele, por exemplo, previa-se a reconstrução das basílicas patriarcais e de outras igrejas, uma série de outras obras importantes tendo como ponto crucial a basílica de S. Pedro. O papa Sisto IV (1471-1484) chega a ser chamado de *Restaurator Urbis*, do momento que faz várias intervenções na cidade em função do Jubileu de 1475. No século XVI, os papas continuam as obras de reestruturação da cidade, como forma de resgatar a grandeza da antiga capital imperial romana. Nesse sentido, o pontificado de Júlio II (1503-1513) talvez use como nunca, a arquitetura em seu favor, para impor sua visão “reformista” à cidade por meio da construção da nova basílica de São Pedro. Nesse sentido, valem as palavras de Argan: “[...] a basílica [de São Pedro] que pretende representar não paenas a autoridade, mas o fundamento histórico da autoridade espiritual da Igreja”. Também Pio IV (1559-1565) se dedicará ao tema da arquitetura e urbanismo: a Porta Pia, projeto de Miquelângelo, a Casina de Pio IV, obra de Pirro Ligório e a construção da Via Pia (atual via del Quirinale), como forma de melhorar o acesso à colina do Quirinal, então lugar da sede do palácio papal são indicativos de suas atividades tectônicas e urbanistas. Cf. ARGAN, Giulio Carlo. *Clássico anticlássico*. O Renascimento de Brunelleschi a Bruegel. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p. 72; CALABI, Donatella. *A Cidade do Primeiro Renascimento*. São Paulo: Perspectiva, 2008, pp. 179-182; ANTINORI, Aloisio. *La magnificenza e l’Utile*. Progetto Urbano e Monarchia Papale nella Roma del Seicento. Roma: Gangemi, 2008, p. 43 e BORGHESE, Daria (a cura di). *La casina di Pio IV in Vaticano*. Torino: U. Allemandi, 2010 e KOSTOF, Spiro. *Los papas como planificadores: Roma, 1450-1650*. In: Idem, *Historia de la arquitectura*. Madrid: Alianza, pp. 841-886.

Fig. 23. Autorretrato de Pellegrino Tibaldi, s. d., Florença.

É bem possível que o Borromeu, talvez até mais do que resolver os problemas relativos à condição decadente das igrejas de sua diocese, tivesse em mente a utilização dos serviços arquitetônicos de Pellegrino como ressignificação de toda a cidade de Milão através de um projeto de intervenção no tecido urbano¹⁸⁹, transformando a cidade numa espécie de “cidade ritual”¹⁹⁰.

¹⁸⁹ A este propósito, são significativas as palavras de Lotz: “Sob vários aspectos, a relação de Carlo Borromeo com seu arquiteto Pellegrino Pellegrini (1527-1596) assemelha-se à de Domenico Fontana com Sixto V”. LOTZ, W. *Arquitetura na Itália, 1500-1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998, p. 140.

¹⁹⁰ “[...] giunge a Milano nel 1565 il nuovo arcivescovo Carlo Borromeo, il cui fervore nel costruire chiese, conventi e strutture religiose e nel tentativo di connotare cristianamente l’immagine della città va forse visto non solo in relazione ad un indubbio impeto religioso, ma anche quale modo d’inteloquire dialeticamente con un potere civile che andava delineando troppo pesantemente la stessa immagine urbana, il cui valore culturale era giustamente considerato rilevante per la formazione e la mentalità di ogni cittadino. La storiografia ha finora prevalentemente sottolineato la dimensione ‘rituale’ della Milano borromea, caratterizzata dall’intento ‘di trasformare la città intera in una scena destinata alla rappresentazione di una cerimonia religiosa’, soprattutto attraverso processioni,

Nesse sentido, a atividade do Pellegrino foi de grande importância. No ano de 1567 ele foi nomeado como arquiteto da Fábrica do Duomo de Milão¹⁹¹, dentre outros ofícios, ele teve a tarefa primeira de repensar uma solução para a cripta e o presbitério da igreja¹⁹², que envolvia a sistematização do coro e do famoso tabernáculo, obra de Pirro Ligório (1512-13(?)-1583), presente ofertado pelo papa Pio IV¹⁹³; também se dedicou ao projeto do Batistério do Duomo.

croci stazionali e immagini di devozione, mentre andrebbe più attentamente valutato il significato propriamente architettonico degli interventi compiuti da San Carlo attraverso l'architetto di fiducia Pellegrino Tibaldi". ROSSI, Marco. *Architettura e immagine urbana nella Milano spagnola tra cinque e seicento*. In: CASCETTA, Annamaria e CARPANI, Roberta (a cura di). *La Scena della Gloria – drammaturgia e spettacolo a Milano in età spagnola*. Milano: Vita e pensiero, 1995, p. 38. Segue nossa tradução: "[...] chega em Milão em 1565 o novo arcebispo Carlos Borromeu, cujo fervor em construir igrejas, conventos e estruturas religiosas e na tentativa de caracterizar como cristã a imagem da cidade, deve ser talvez visto não somente em relação a um ímpeto, sem dúvida, religioso, mas também como modo de interlocução dialético com um poder civil que ia delineando muito pesadamente a própria imagem urbana, cujo valor cultural era justamente considerado relevante para a formação e a mentalidade de cada cidadão. A historiografia até agora sublinhou prevalentemente a dimensão 'ritual' da Milão borromea, caracterizada pela tentativa de 'transformar a cidade inteira numa cena destinada à representação de uma cerimônia religiosa', sobretudo através de procissões, cruzeiros estacionais e imagens de devoção, enquanto deveria ser mais cuidadosamente avaliado o significado propriamente arquitetônico das intervenções feitas por São Carlos através de seu arquiteto de confiança Pellegrino Tibaldi". Sobre a tese de Milão como "cidade ritual", cf. AA. VV. *La Città Rituale*. La città e lo Stato di Milano nell'età dei Borromeo. Milano: Franco Angeli, 1982 e o escrito do Borromeu, em que prescreve uma série de comportamentos religiosos aos cidadãos de Milão após o episódio da peste: BORROMEO, Carlo. *Libretto dei Ricordi al popolo della Città et Diocese di Milano. Dati dall'illustriss. Card. di S. Prassede, arcivescovo per il vivere Christiano, communemente à ogni stato di persone, et particolarmente, à Padri, et Madri di fameglia, Mastri, ò capi di botteghe, et lavoranti*. In Milano per Pacifico Pontio, impressore di Monsignor Illustrissimo, & Reverendiss. Cardinale di Santa Prassede, 1578.

¹⁹¹ As relações do Borromeu com a Fábrica do Duomo certamente não foram fáceis. Esse organismo laical havia trabalhado na construção do Duomo de Milão por cerca de um século e meio sem a necessidade de prestar contas a um bispo, do momento que a ausência e bispos residentes em Milão havia se tornado uma regra. O Borromeu, após 36 dias de sua chegada à cidade, resolveu participar, no dia 5 de novembro de 1565, na reunião do Conselho da Fábrica. Logo ficou clara a vontade reformadora do arcebispo que, no dia 8 de dezembro do mesmo ano, ordenou à Fábrica que se fizesse o inventário de todas as alfaias e, quase que seis meses depois, no dia 25 de junho de 1566, o Borromeu pessoalmente faria a visita pastoral ao Duomo. Dessa visita, dentre outras coisas, se constatou a existência de 23 altares menores, construídos no Duomo pelas várias fraternidades e confrarias sem muito decoro. Diante disso, seguindo o espírito tridentino, o arcebispo dá ordem de demolir alguns desses altares. Invariavelmente, a Fábrica se sentiu ultrajada e tentou bloquear as ações do Borromeu. A resposta deste: a imposição à Fábrica da eleição, no dia 07 de julho de 1567, de seu homem de confiança, o arquiteto Pellegrino Tibaldi, como arquiteto da venerável Fábrica do Duomo. Cf. CATTANEO, Enrico. *Il Duomo nella vita civile e religiosa di Milano*. Milano: NED, 1985, pp. 99-102.

¹⁹² Curiosamente, na descrição desses trabalhos, o biógrafo Giussano, atribui a mão do Borromeu na criação das soluções adotadas. Esse é mais um indicativo de como o Borromeu se interessasse pessoalmente pela questão da arquitetura. Cf. GIUSSANO, P. *Op. cit., Libro II, cap. X*, pp. 136-140.

¹⁹³ "Carlo Borromeo, mentre era a Roma in attesa di venire a prendere possesso della sua Chiesa, aveva posto subito la sua preoccupata attenzione al Duomo. Suggerì allo zio Pio IV, il milanese Giovan Angelo de' Medici, di regalare lo splendido tabernacolo eucaristico che ebbe tanta influenza nell'architettura degli altari Lombardi [...]". CATTANEO, Enrico. *Op. cit.*, p. 86. Segue nossa tradução: "Carlos Borromeu, enquanto estava em Roma na expectativa de tomar posse da sua Igreja, tinha voltado imediatamente sua preocupada atenção para o Duomo.

Fig. 24. Desenho de Pellegrino Tibaldi para o Batistério do Duomo, Milão.

Sugeriu ao tio Pio IV, o milanês Giovan Angelo de' Medici, de presentear o esplêndido tabernáculo eucarístico que teve tanta influência na arquitetura dos altares lombardos [...]". Para a história do tabernáculo cf. o artigo: BENEDETTI, S. *Un'aggiunta a Pirro Ligorio: il tabernacolo di Pio IV nel Duomo di Milano*. In: *Palladio*, a. XXV, 1, 1978, pp. 45-64.

Fig. 25. Batistério do Duomo de Milão. Estado atual.

Para a cripta, Pellegrino não seguirá em conformidade com a arquitetura do Duomo, mas fará escolhas baseadas provavelmente em sua experiência romana, e que levam a uma nova leitura, um verdadeiro programa que se desenvolverá primeiro na própria cripta e, sem seguida, nas outras intervenções, como a do coro e a da instauração do conjunto do tabernáculo¹⁹⁴. Particular interesse suscita a sistematização

¹⁹⁴ “Il rifiuto di agire in un rapporto di pura conformità con i propri modelli e la scelta di operare una loro riattualizzazione e continuazione spiega meglio anche le scelte architettoniche adottate da Pellegrini nello scurolo: il vano circolare scandito in due nuclei come gli antichi *martyria* fu voltato non con copertura a botte (come nei deambulatori antichi) e neppure con semplici volte a crociera conformi a quelle ogivali del Duomo, ma con un

Pellegriniana¹⁹⁵ do tabernáculo: essa solução espacial provocará uma influência em boa parte das igrejas projetadas durante, e após, o período da contrarreforma¹⁹⁶.

elastico incastrarsi di volte ribassate che concretavano la tensione centripeta del vano e che ricordavano, nelle soluzioni ad unico livello di copertura, alcune delle scelte dell'architettura tardogotica, rielaborando i diversi spunti in unità. In sintonia con il dispiegarsi e con lo svilupparsi di un preciso programma iconografico e formale del coro anche la decorazione della volta dello scurolo cambiò di disegno dopo il 1572". SCOTTI, Aurora. *Un disegno di Architettura militare di Pellegrino Pellegrini e qualche riflessione a margine di alcuni fogli*. In: AA. VV. *Studia Borromaica*. Milano: Ambrosiana, 1997, p. 123. O texto da autora segue informando que a mudança na decoração do *scurolo* (forma dialetal milanese para *scuro*, escuro, portanto, a cripta) acentua os elementos eucarísticos presentes na parte superior do presbitério, graças ao tabernáculo aí colocado. Segue nossa tradução: "A rejeição de agir numa relação de pura conformidade com os próprios modelos e a escolha de fazer uma reatualização e continuação destes, explica melhor também as escolhas arquitetônicas adotadas pelo Pellegrini no *scurolo*: o vão circular ritmado em dois núcleos, como nos antigos *martyria*, foi abobadado com abóbadas de berço (como nos antigos deambulatórios) e nem mesmo com simples abóbadas em cruzeiro, conformes àquelas ogivais do Duomo, mas com um encaixar-se elástico de abóbadas rebaixadas que tornavam concreta a tensão centripeta do vão e que recordavam, nas soluções num único nível de cobertura, algumas das escolhas da arquitetura gótico-tardia, reelaborando as diversas insinuações numa unidade. Em sintonia com o desdobrar-se e o desenvolver-se de um preciso programa iconográfico e formal do coro, também a decoração da abóbada do *scurolo* mudou de desenho depois de 1572".

¹⁹⁵ "Le trasformazioni da lui [Pellegrino] portate al tabernacolo, spostando la grata della teca al peristilo dorico e allineando la fronte del tabernacolo e lo sportello dell'ostensorio sul tema della Crocifissione mostrano una coerente lettura del tabernacolo come tomba, come sepolcro, anzi, in ripresa del suggerimento dello scurolo, come santo sepolcro circondato da angeli inginocchiati, simbolo sì di morte ma anche di risurrezione secondo quanto insegna la quotidiana liturgia cattolica. Ma, a ulteriore sviluppo cristiano e gerosolimitano di questo tema attorno al tabernacolo tomba si ergeva un sacello rotondo, un tempietto commemorativo e celebrativo di otto colonne corinzie scanalate, reggenti un coronamento decorato da angeli con i simboli della passione e con cupola sormontata da um Cristo risorto". SCOTTI, Aurora. *Op. cit.*, pp. 125-126. Segue a tradução: "As transformações feitas por ele [Pellegrino] ao tabernáculo, mudando a grade da teca para o peristilo dórico e, alinhando a frente do tabernáculo e da porta do hostensório com o tema da Crucificação, mostram um acoerente leitura do tabernáculo como tumba, como sepulcro, antes, como retomada da sugestão do *scurolo*, como santo sepulcro circundado por anjos ajoelhados, certamente símbolo da morte, mas também da ressurreição, conforme ensina a quotidiana liturgia católica. Mas, como desenvolvimento cristão e hierosolimitano ulterior deste tema em torno do tabernáculo tumba, se erguia um sacelo redondo, um templete comemorativo e celebrativo de oito colunas coríntias estriadas, que apoiam um coroamento decorado por anjos com símbolos da paixão e com cúpola coroada por um Cristo ressuscitado.

¹⁹⁶ Para as questões relativas à variação da localização da reserva eucarística na igreja ao longo da história da liturgia, ver nosso estudo FRADE, Gabriel. *Arquitetura Sagrada no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2007, pp. 159-162.

Fig. 26. Coro do Duomo de Milão. Projeto de Pellegrino Tibaldi.

Em 1567, aproximadamente, o Pellegrino projeta um novo batistério para o Duomo. Esse projeto será objeto de fortes polêmicas por parte do arquiteto Martino Bassi (1542-1591), que após um forte debate em 1569 no capítulo da Fábrica do Duomo, publica um texto endereçado à Fábrica em 1572, intitulado *Dispareri*¹⁹⁷, onde dá vazão, agora publicamente, às suas críticas voltadas ao conjunto da obra Pellegriniana no Duomo:

¹⁹⁷ BASSI, Martino. *Dispareri in Materia di Architettura, et Perspettiva. Con pareri di eccellenti, et famosi Architeti che li risolvono*. In Bressa. Per Francesco & Pie. Maria Marchetti Fratelli, MDLXXII.

[...]chiunque, a cui piacerà di leggerlo [questo libbretto] troverà la vera narratione delle cose da me esposte, sopra l'opera innovata nel pezzo del marmo, che va collocato sul a porta settentrionale del nostro Duomo; et nell'edificio del nuovo Battistero; et nel nuovo Tempio sotterrâneo detto lo scurolo; & nel coro; & altrove. Vi troverà le ragioni, ch'io addussi per dimostrazione delle mie opinioni. Vi troverà la sentenza, che da alcuni fu data, le deciosioni dgli autori, & degli huomini (come ho detto) stimati tra i più famosi di questo secolo [...]¹⁹⁸.

Apesar das críticas, Pellegrino continua como o arquiteto de confiança do Cardeal na Fábrica do Duomo.

Fig. 27. Desenho para o teto do *scurolo*. Projeto de Pellegrino Tibaldi

¹⁹⁸ *Idem.* p. 18. Segue nossa tradução: “[...] qualquer um, que desejar lê-lo [este livreto], encontrará a verdadeira narração das coisas por mim expostas, acima a inovação no pedaço de mármore, que deve ser colocado na porta setentrional do nosso Duomo; e no edifício do novo Batistério; e no novo Templo subterrâneo chamado de scurolo; & no coro; & em outros lugares. Aqui encontrará as razões, que eu aduzi para a demonstração das minhas opiniões. Aqui encontrará a sentença, que por alguns foi dada, as decisões dos autores, & dos homens (como havia dito) estimados dentre os mais famosos deste século [...]”. Os homens famosos a que se refere o Bassi são Andrea Palladio, Iacopo Barozzi da Vignola, Giorgio Vasari. De certo modo, a presença de textos desses autores, apenas mostra a importância dada a figura de Pellegrino Tibaldi. Sobre o Battistério e o escrito de Martino Bassi, cf. REPISHTI, Francesco. *Un primo progetto per il nuovo Battistero del Duomo di Milano*. In: AA. VV. *Studia Borromica*. Milano: Ambrosiana, 1997, pp. 179-192

Fig. 28. Detalhe do trabalho de estuque no teto do *scurolo*, situação atual. Projeto de Pellegrino Tibaldi, Duomo de Milão.

Fig. 29. Desenho para o pavimento do *scurolo*. Projeto de Pellegrino Tibaldi.

Fig. 30. Projeto de Pellegrino Tibaldi para o *scurolo* do Duomo

Fig. 31. Desenho de Pellegrino Tibaldi para a colocação do tabernáculo no Duomo

Fig. 32. Projeto de Pellegrino Tibaldi para o tabernáculo do Duomo de Milão

Fig. 33. Tabernáculo do Duomo de Milão. Situação atual.

2.3.1 A igreja de San Fedele

Outra grande intervenção do Pellegrino foi a igreja dos jesuítas, dedicada a San Fedele (São Fidélis). As cartas que os padres jesuítas trocam entre si no ano de 1567 a propósito do projeto primitivo dessa igreja revelam uma evolução da planta dessa igreja:

Già credo che V. R. haverà inteso come siamo risoluti di fabricar una chiesa poichè questa che habbiamo non si può comodamente acconciare, che possa corrispondere ad uma chiesa nostra per Milano. [...] Hora mando il detto disegno, et credo che le piacerà assai, perché a noi tutti piace più di qualunque altro si ha visto, ancorché l'Architetto ne habbia fatti altri tre; et lui stesso si sodisfa molto di questo, et è homo di raro giuditio, et è quel che governa la fabrica del collegio di Pavia et tutte le altre del Cardinale. [...] ¹⁹⁹

A carta segue, evidenciando um particular de grande importância em relação à primeira planta da igreja projetada pelo Pellegrino:

Scrissi ben io l'altro giorno, che havevamo sito lungo 50 passi, et largo 24, et pensavo che l'Architetto volesse fare la chiesa longa come haveva fatto anche um disegno: ma in effetto s'è trovato che il sito di larghezza non basta, et che bisogneria nascondere um terzo della facciata, et di più bisogneria rovinare la casa comprata dal Cotega, la quale è molto buona, et l'affitiamo 62 scudi, donde che la necessità ci costringe di farla in questa maniera overo quadra [...] ²⁰⁰

¹⁹⁹ *Carta do Padre Lionetto ao Padre M.o Benedetto Palmio, Milão 16 de dezembro de 1567.* In: PIRRI, Pietro. *Giovanni Tristano e i primordi della architettura gesuitica*. Roma: Institutum Historicum, 1955, p. 226. Segue nossa tradução: “Creio já que V. R. terá entendido como estamos decididos em fabricar uma igreja, pois esta que temos não pode ser restaurada com cômodo, de modo a poder corresponder a uma nossa igreja para Milão. [...] Agora mando tal desenho, e creio que lhe será bem aprazível, pois a nós pareceu aprazível mais do que qualquer outro se tenha visto, haja vista que o Arquitecto tenha feito outros três; e ele mesmo está muito satisfeito com este, e é um homem de raro juízo, e é ele quem governa a fábrica do colégio de Pavia e todas as outras do Cardeal [trata-se, portanto, certamente do Pellegrino Pellegrini e do cardeal Borromeu] [...]”.

²⁰⁰ Idem. Nossa tradução: “Eu bem lhe havia escrito outro dia, [dizendo] que tínhamos um lugar [com] 50 passos de comprimento e [com] 24 de largura, e pensei que o Arquitecto quisesse fazer a igreja longa [com planta longitudinal] como tinha feito num desenho: mas efetivamente, encontrou que a largura do lugar não basta, e que seria necessário esconder um terço da fachada, e mais: seria necessário arruinar a casa comprada do Cotega, a qual é muito boa e a alugamos [por] 62 escudos, daí que a necessidade nos obriga a construí-la neste modo, ou seja, quadra [grifos meus, isto é, com planta centralizada] [...]”.

Mais uma vez se invoca o problema da pregação e do eco em relação à escolha da forma, mas, ao contrário do que havia sido para il Gesù, aqui trata-se de uma planta centralizada para a igreja jesuítica milanesa:

Si crede che 'l nostro M.o Giovanni non potrà far di non lodar il disegno, ancorché alcuni di qua dicono che non gli piacciono le chiese tonde, parendogli specialmente che impedisca la voce per l'Echo, et però si dubitano che metta qualche difficoltà. Se così sarà (che nol credo) V. R. gli potrà dir che questo Architetto l'assicura, che questa chiesa è in miglior forma che si possa desiderar per predicare, et che non impedirà punto la voce [...]²⁰¹.

Ainda mais impressionante é a resposta do Padre Polanco a essa missiva dos jesuítas de Milão, o qual não proíbe absolutamente a planta centralizada em favor do *modo nostro*:

[...]Qui si manda a V. R. il disegno de la sua Chiesa di Milano et presuposta la qualità del sito, pare sta bene: tuttavia annota M.o Giovanni nostro tre punti, il primo è che la porta della Chiesa si potrebbe fare un poco più dentro, come vederà in un segno notato [...], il 2º è che si potriano far altre porte in quelli fianchi dove sono fatti doi segni con la penna, perché ad ogni modo al tempo del predicare, per il strepito, non sarebbono troppo quieti detti luogi (sic), il 3º che il pergolo si potrebbe fare un poco più verso il mezo, dove è anche fatto un segno com la penna [...]; dato questo avviso facciasi di là il meglio che parerà [...]²⁰².

²⁰¹ Idem. Nossa tradução: “Crê-se que o nosso *Maestro* Giovanni [Tristano] não poderá outra coisa senão louvar o desenho, haja vista que alguns por aqui dizem que a ele não são apazíveis as igrejas redondas, parecendo-lhe especialmente que [elas] impeçam a voz devio ao eco, e por isso duvida [acreditando] que isso ponha alguma dificuldade. Caso seja assim (o que não creio) V. R. lhe poderá dizer que este Arquitecto o assegura, que esta igreja está na melhor forma que se possa desejar para a pregação, e que não impedirá, portanto, a voz [...]”.

²⁰² *Carta do Padre Giovanni Polanco ao Padre Lionetto Chiavone Reitor de São Fidélis em Milão. Roma, 17 de janeiro de 1568.* In: PIRRI, Pietro. *Giovanni Tristano e i primordi della architettura gesuitica*. Roma: Institutum Historicum, 1955, p. 227. Segue nossa tradução: “[...]Aqui se envia a V. R. o desenho da sua Igreja de Milão e, pressuposta a qualidade do lugar, parece que esteja bem: todavia, anota o nosso M.o Giovanni três pontos, o primeiro é que a porta da Igreja se poderia fazer um pouco mais para dentro, como verá num sinal anotado [no desenho] [...], o 2º é que se poderiam fazer portas naquelas laterais onde estão feitos dois sinais com a pena, porque de todo modo, durante o tempo da pregação, pelo barulho, não seria muito silencioso aqueles lugares, o 3º é que o púlpito poderia ser feito um pouco mais em direção ao meio, onde se fez também um sinal com a pena [...]; dado esta advertência, faça-se lá o melhor que parecer [...]”.

Fig. 34. Planta da primitiva San Fedele e sua posição hipotética em relação à disposição da planta atual.
In: TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Op. cit.* p. 123

Como se sabe, esse projeto não foi realizado e acabou-se por se definir pela atual planta longitudinal no ano de 1569. Os motivos para essa mudança de concepção não estão claros, há uma série de hipóteses formuladas pelos historiadores²⁰³ que tentam justificar a escolha por essa planta, até mesmo a necessidade da inserção de um maior número de capelas, como forma de custear a igreja, foram aduzidas para explicar a preferência por uma planta longa²⁰⁴. O fato é que, uma vez definida a escolha

²⁰³ Algumas hipóteses, para compreender o longo processo de gestação de São Fidélis, foram formuladas por Stefano della Torre e Richard Schofield. Cf. TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Pellegrino Tibaldi Architetto e il San Fedele di Milano*. Invenzione e costruzione di una chiesa esemplare. Milano: Nodolibri, 1994, pp. 137-155

²⁰⁴ Essa hipótese foi feita no já citado texto de Stefano Torre e Richard Shofield. Também James S. Ackerman, em relação à concepção do espaço das igrejas, na *mens* do Borromeu, vai um pouco nessa direção: “La configurazione típica della chiesa rinascimentale con la navata affiancata da collane di cappelle (come a Santo Spirito in Sassia nel Borgo Vaticano fondata poco prima del 1540) fu concepita in origine coll’intenzione di pagare le spese di costruzione, vendendole col diritto di utilizzarle in parte per monumenti sepolcrali della famiglia e in parte per la celebrazione dei loro santi protettori. Perfino chiese prive di influenze secolare come il Gesù di Roma, perpetuarono questa tradizione fino ai giorni di S. Carlo ed oltre”. ACKERMAN, James S. *Pellegrino Tibaldi, San Carlo Borromeo e l’Architettura del loro tempo*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 577. Há que se dizer, no entanto, que além da justificativa de Ackerman, outro motivo para a proliferação das capelas nas igrejas estava ligado à legislação eclesiástica, que proibia a celebração de mais de uma missa ao dia sobre o mesmo altar. Cf. AROCENA, Félix Maria. *El altar cristiano*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2006; NEUNHEUSER, Burkhard. *A história da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007. Segue nossa tradução: “A configuração típica da igreja renascentista com a nave ladeada por um colar de capelas (como em Santo Espírito em Sassia, no Borgo Vaticano, fundada um pouco antes de 1540) foi concebida

pelo plano longitudinal, a engenhosidade do Pellegrino foi reconhecida mais vezes na composição dessa igreja²⁰⁵.

Fig. 35. Planta centralizada de San Fedele
In: TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Op. cit.* p. 119

originalmente com a intenção de pagar os gastos da construção, vendendo-as com o direito de utilizá-las em parte para monumentos sepulcrais da família e em parte para a celebração dos seus santos protetores. Até mesmo as igrejas que não tinham influências seculares, como o Gesù em Roma, perpetuaram esta tradição até os dias de São Carlos e além”.

²⁰⁵ Famoso é o desenho em perspectiva da igreja de S. Fedele feito por Andrea Pozzo. Cf. TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Op. cit.*, p. 13.

Fig. 36. Projeto de Pellegrino Tibaldi para a fachada de San Fedele.

Fig. 38. Corpo laterale de San Fedele. Pellegrino Tibaldi

Fig. 39. San Fedele. Vista interna.

2.3.2 A igreja votiva de San Sebastiano

No ano de 1577, data da publicação pelo Borromeu das *Istruções sobre a Fábrica e as Alfaias eclesiásticas*, Pellegrino Tibaldi projeta a nova igreja de San Sebastiano (São Sebastião), igreja comissionada pela cidade de Milão como uma forma de agradecimento a Deus pela libertação da peste²⁰⁶. A escolha do Pellegrino recai sobre a planta circular, talvez sugerida pelo significado votivo do edifício ou, quem sabe, por influência do escrito de Palladio, que elogiava a forma circular como a mais perfeita para indicar a presença divina²⁰⁷:

Per servare il Decoro circa la forma de' Tempj, eleggeremo la più perfetta, & più eccellente; e conciosia che la Ritonda sia tale, perche sola tra tutte le figure è semplice, uniforme, eguale, forte, e capace, faremo i Tempj ritondi; à quali si conviene massimamente questa figura, perché essendo essa da un solo termine rinchiusa, nel quale non si può nè principio, nè fine trovare, nè l'uno dall'altro distinguere; & havendo le sue parti simili tra di loro, e che tutte partecipano della figura del tutto e finalmente ritrovandosi in ogni sua parte l'estremo igualmente lontano dal mezzo; e attissima a dimostrare la Unità, la infinita Essenza, la Uniformità, & la Giustizia di Dio ²⁰⁸.

É possível que, sendo uma construção comissionada pela cidade, o Pellegrino tenha se sentido mais à vontade para propor uma planta circular, no entanto, como se

²⁰⁶ “Durante la peste del 1576, san Carlo aveva esortato i milanesi ad affidarsi al martire Sebastiano prometendo una particolare devozione mediante digiuni e processioni, nonché la riedificazione di una chiesa a lui dedicata. Il 6 settembre del 1577 il Borromeo stesso benedisse la prima pietra dell'edificio, che doveva sorgere a spese della città di Milano, nel luogo dell'antica chiesetta di San Tranquillino in cui era un altare dedicato a San Sebastiano” FIORIO, Maria Teresa (a cura di). *Le Chiese di Milano*. Milano: Electa, 1985, p. 340. Segue nossa tradução: “Durante a peste de 1576, São Carlos tinha exortado os milaneses a se confiarem ao mártir Sebastião, prometendo uma particular devoção mediante jejuns e procissões, e ainda, a reedificação de uma igreja a ele dedicada. No dia 6 de setembro de 1577, o próprio Borromeu abençoou a pedra fundamental do edifício, que devia surgir custeada pela cidade de Milão, no lugar da antiga igreja de São Tranquilino, na qual havia um altar dedicado a São Sebastião”. Paolo Mezzanotte e Giacomo C. Bascapé, nos informam que essa igreja antiga tinha origens anteriores ao IX século. Cf. MEZZANOTTE, Paolo e BASCAPÉ, Giacomo C. *Milano nell'Arte e nella Storia*. Milano/Roma: Carlos Bestetti, 1968, p. 106.

²⁰⁷ Assim pensa Adele Buratti Mazzotta. In: *Op. cit.*, p. 37.

²⁰⁸ PALLADIO, Andrea. *I quattro libri dell'architettura*, In Venetia: Appresso Dominica de' Franceschi, 1570, Lib. IV, cap. II. Segue nossa tradução: “Para observar o Decoro acerca da forma dos Templos, elegeremos a mais perfeita, e mais excelente; pois a Redonda é tal, porque única dentre todas as figuras é simples, uniforme, igual, forte, e capaz [por isso] faremos os Templos redondos, aos quais convém maximamente esta figura, pois sendo esta fechada por um único termo, no qual não se pode encontrar nem princípio e nem fim, e nem um do outro distinguir; e tendo as suas partes similares entre si, e que todas partilham da figura no seu todo e finalmente encontrando-se em toda sua parte o extremo igualmente afastado do centro; e muito adequada para demonstrar a Unidade, a infinita Essência, a Uniformidade e a Justiça de Deus”.

verá, esta não foi a única igreja com planta centralizada projetada pelo Pellegrino. Além do mais, não há notícia de alguma objeção por parte do Borromeu em relação a esse projeto. Infelizmente o projeto originário do Pellegrino foi alterado, já que a construção se estendeu por longos anos²⁰⁹. O projeto originário previa uma planta circular com capelas inseridas na espessura das paredes, além disso havia a previsão de uma cobertura com cúpula hemisférica com caixotões; pelo desenho dessa cúpula, parece haver uma clara referência ao Pantheon de Roma. Parece que o desvirtuamento da planta originário de Pellegrini talvez tenha sua origem também na interpretação mais legalista que se fará posteriormente das *Instruções*²¹⁰.

²⁰⁹ “[...]L’Hoffmann crede riconoscere in primo luogo la maniera di Martino Bassi [...]. Fabio Mangoni continuò le opere ai tempi del secondo Borromeo, a partir del 1617. Al piano inferiore furono soppresse le lunette sottostanti agli otto archi in cui si comparte il perimetro: il superiore subì un arretramento ma ebbe maggior sviluppo in altezza: un attico fu intercalato fra i due piani raccordati con volute. Nell’interno la cupola fu innalzata su di un tamburo illuminato da aperture che sostituiscono le finestre del Pellegrini. Il rapporto fra larghezza e altezza ch’era nel disegno del Pellegrini di 4:5, fu portato a 4:7. Non sodisfacendo la piccola abside nella quale doveva trovar luogo l’altare, si aggiunse un coro che si sviluppò in una edicola separata”. MEZZANOTTE, Paolo e BASCAPÉ, Giacomo C. *Milano nell’Arte e nella Storia*. Milano/Roma: Carlo Bestetti, 1968, p. 106. Segue a tradução: “Hoffmann crê reconhecer em primeiro lugar o modo de Martino Bassi [...]. Fabio Mangoni continuou as obras durante o tempo do segundo Borromeu, a partir de 1617. No plano inferior foram suprimidas as lunetas subjacentes aos oito arcos em que estpa dividido o perímetro: o superior sofreu um estreitamento, mas teve um maior desenvolvimento na altura: um ático foi intercalado entre os dois planos, rodeados com volutas. Na parte interna, a cúpula foi elevada sobre um tambor iluminado por aberturas que substituem as janelas de Pellegrini. A relação entre largura e altura, que no desenho de Pellegrini era de 4:5, foi elevada a 4:7. Não satisfazendo a pequena abside na qual deveria estar o altar, se adicionou um coro que acabou por se desenvolver numa edícula separada”.

²¹⁰ Assim como o tridentinismo interpretará o concílio de Trento, às vezes de maneira mais redutiva àquilo que o próprio concílio de Trento se propunha (Cf. ZAGHENI, Guido. *A Idade Moderna*. Curso de História da Igreja III. São Paulo: Paulus, 2014, p. 191-199), aparentemente o mesmo se dará com a legislação do Borromeu: “[...]morti il Borromeo e il suo architetto, i loro successori, attenendosi in modo eccessivamente schematico alle ‘Instructiones Fabricae’, non colsero il significato simbolico di tempio votivo espresso dal primo progetto del San Sebastiano [fatto dal Pellegrino] e inserirono modifiche tali da snaturare la concezione originaria[...]”. FIORIO, Maria Teresa (a cura di). *Le Chiese di Milano*. Milano: Electa, 1985, p. 341. Sendo que o desvirtuamento, para esta autora, teria sido a ampliação da abside como capela para um altar mor. Segue nossa tradução: “[...] mortos o Borromeu e o seu arquiteto, os seus sucessores, atendo-se de modo excessivamente esquemático às ‘Instructiones Fabricae’, não captaram o significado simbólico de templo votivo expresso pelo primeiro projeto do São Sebastião [feito pelo Pellegrino] e inseriram modificações tais, a ponto de desvirtuar a concepção originária [...]”.

Fig. 40. Projeto de Pellegrino Tibaldi para a igreja votiva de San Sebastiano.

Fig. 41. Planta de Pellegrino Tibaldi para a igreja de San Sebastiano

Fig. 42. Igreja de San Sebastiano. Incisão de Marco Antonio del Re, Milão (Álbum Vedute di Milano, 1697-1766)

Fig. 43. Igreja de San Sebastiano. Estado Atual.

2.3.3 A igreja de San Carlo al Lazzaretto.

Em 1580, Pellegrino Tibaldi é encarregado pelo Cardeal Carlos Borromeu a estudar e projetar uma igreja para o Lazzaretto da cidade²¹¹. Que tenha sido o Pellegrino a fazer o projeto, se deduz de um documento datado de 1590 e escrito por Giovanni Filippo Gherardini, então secretário do Tribunal da Saúde de Milão:

Allora aveva il Cardinale Borromeo ordinato, che niuna Chiesa si facesse di novo, o si riformasse, senza il suo parere, & consenso: onde fu forzato il Tribunale haver ricorso dal Cardinale, dal quale non dimandò questa, o quella forma, ma solamente gli espose il bisogno che si aveva di una chiesa, conosciuto pur troppo bene nell'occasione della precedente peste. Di modo che se poi il Cardinale fece visitare, & farne disegno da domino Pelegrino, & stabili com firma di sua propria mano quello che poi si è fatto edificare non ne à il tribunale né colpa, né laude²¹².

Em 13 de maio de 1580 o Cardeal Borromeu firma o projeto que, com toda probabilidade é do Pellegrino Tibaldi. O decreto de aprovação consta dos seguintes dizeres:

Carolus S. R. E. Presb. Cardinalis tituli S. Praxedis Archiepiscopus Sanctae Mediolanensis Ecclesiae etc. – Ecclesiae Sancti Gregorii del Lazzaretto

²¹¹ “La prima idea di costruire uno speciale ricovero per ammalati di peste o infetti di Milano risale a quando i capitani della Repubblica Ambrosiana donarono (1451) a tale scopo all’Ospedale Maggiore case e terreni a Cusago. Ma tali edifici non erano adeguati. Anche il progetto presentato nel 1468 da Lazzaro Cairati, notaio di Milano, a Galeazzo Maria Sforza non ebbe seguito [...] Nel 1488 fu affidata la direzione dei lavori a Lazzaro Palazzi. La costruzione, a forma di quadrilatero, era costituita da 288 camerette a forma di casette, prospettanti, all’interno, verso il portico e all’esterno su un fossato che circondava il Lazzaretto. Al centro dell’area fu costruita una cappella [...]” GRASSI, Liliana. *La Chiesa di San Carlo al Lazzaretto*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 636. Segue nossa tradução: “A primeira ideia de construir um internato especial para os doentes de peste ou infectados de Milão se refaz a quando os capitães da República Ambrosiana haviam doado (1451) com tal finalidade para o Hospital Maior casas e terrenos em Cusago. Mas tais edifícios não eram adequados. Também o projeto apresentado em 1468 por Lazzaro Cairati, tabelião de Milão, a Galeazzo Maria Sforza, não teve prossecução [...] Em 1498 foi confiada a direção dos trabalhos a Lazzaro Palazzi. A construção, em forma de quadrilátero, estava constituída por 288 quartos em forma de casinhas, com prospectiva, na parte interna, para o pórtico e, para o externo, sobre um fosso que circundava o Lazzaretto. No centro da área havia sido construída uma capela [...]”.

²¹² O texto encontra-se reproduzido em GRASSI, Liliana. *La Chiesa di San Carlo al Lazzaretto*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 634. Segue a tradução: “Tinha então o Cardeal Borromeu ordenado que nenhuma igreja se fizesse de novo, ou se reformasse, sem o seu parecer, e consenso: onde foi forçado o Tribunal recorrer ao Cardeal, do qual não pediu esta ou aquela forma, mas somente lhe expôs a necessidade que se tinha de uma igreja, [coisa] infelizmente bem conhecida durante a ocasião da precedente peste. De modo que se depois o Cardeal fez visitar, e fazer-lhe o desenho pelo senhor Pelegrino, e estabeleceu com firma de sua própria mão aquilo que depois se edificou, o Tribunal não tem nem culpa nem louvor”.

nuncupatae extra Portam Orientalem Mediolani formam ac designationem hac pictura de Architeti periti concilio expressam et a nobis diligenter inspectam cum nostrarum instructionum fabricae ecclesiae rationibus congruentem comprobamus ad eiusque praescriptae omnis designationis typum formanque illius Ecclesiae aedificationem fieri et confici adhibita consultatione R. di Domini Ludovici Monetae et mostra, si quando opus sit aedificationis progressu, his nostris litteris, concedimus. Datum Mediolani ex aedibus nostris Archiepiscopalibus, die XIII Maii MDLXXX Carolus Car.lis Tit. S.tae. Praxedis Archieps²¹³.

Do momento que se tratava de uma igreja com planta central, é extremamente interessante que este projeto de igreja seja considerado pelo próprio Borromeu como “conforme às normas por nós dadas para a construção de igrejas”.

Fig. 44. Incisão do Lazzaretto. Nunzio Galiti, 1578

²¹³ O texto encontra-se reproduzido em GRASSI, Liliana. *Op. cit.*, p. 635. Segue nossa tradução: “Carlos Cardeal Presbítero da Santa Romana Igreja, com o título de S. Praxede, Arcebispo da Santa Igreja Milanese, etc. Aprovamos o projeto da igreja de São Gregório, chamada do Lazzaretto, fora da Porta Oriental de Milão: projeto delineado neste desenho, executado sob o conselho do arquiteto perito, por nós diligentemente examinado e encontrado conforme às normas por nós dadas para a construção de igrejas; e concedemos com este escrito que ela seja edificada conforme cada particular seu previsto e conforme o tipo e a forma contidas naquelas normas, depois de ter consultado o Reverendo Senhor Ludovico Moneta e nós mesmos, caso isso fosse necessário ao longo do progresso da obra. Milão, do nosso palácio Arquiepiscopal, aos 13 de maio de 1580. Carlos cardeal, com o título de Santa Praxede, Arcebispo”.

Quanto à ideia de se colocar essa capela no centro do Lazzaretto, parece que não é algo que nasça com o Pellegrino. Aparentemente essa ideia já estava nas discussões do século XV sobre a confecção do Lazzaretto. A escolha deliberada pela planta central talvez tenha se dado em função da própria configuração espacial do Lazzaretto. De fato, no projeto originário não se previam paredes, de modo que quando o padre celebrasse a missa, todos os ocupantes dos quartos do Lazzaretto daí poderiam acompanhar o desenrolar da liturgia. Nesse sentido a igreja serviria como uma espécie de “panóptico” a serviço do culto da missa. Do projeto originário do Pellegrino houve transformações, por exemplo, os vãos serão fechados no início do século XIX, e em 1884, no dia 31 de outubro a igreja será dedicada a São Carlos Borromeu²¹⁴.

Fig. 45. Vista do Lazzaretto. Incisão de Giovanni Francesco Brunetti, 1630

²¹⁴ Para uma história do Lazzaretto, cf. também CAVENAGO, Vincenzo. *Il Lazzaretto – Storia di un quartiere di Milano*. Milano: Fondazione Pro Sacris Locis, 2013.

Fig. 46. Projeto de Pellegrino Tibaldi para o Lazzaretto com o autógrafo de Carlos Borromeu

Fig. 47. Projeto de Pellegrino Tibaldi. Prospectiva lateral.

Fig. 48. Projeto de Pellegrino Tibaldi para a igreja de San Carlo al Lazzaretto.

Fig. 49. San Carlo al Lazzaretto. Estado atual.

2.3.4 Outras atividades de Pellegrino Tibaldi.

Além da sua obra no campo das artes figurativas, da projeção arquitetônica e da superintendência das construções, Pellegrino Tibaldi também produziu no campo teórico. Sua obra, *L'Architettura*²¹⁵, publicada postumamente, é um conjunto de textos, provavelmente escritos com a finalidade de compor um verdadeiro e próprio tratado sobre o argumento. Nesses escritos, Pellegrino retoma as concepções de Alberti e de Vitruvius, tecendo considerações sobre a figura do arquiteto e sua obra²¹⁶. Como já acenado, a fama de Pellegrino lhe granjeou o convite de Felipe II para trabalhar em seu palácio-mosteiro, o Escorial²¹⁷. Ao que parece, com a saída de Pellegrino do Duomo e a substituição de seu posto como arquiteto da Fábrica do Duomo pelo seu desafeto, Martino Bassi, colaboraram para que o Pellegrino fosse caindo no esquecimento do circuito arquitetônico milanês. Seu retorno em Milão, ocorrido provavelmente apenas em 1596, seu protetor, o Cardeal Borromeu já havia falecido há pouco mais de uma década. Apesar de ainda cultivar relações com a família Borromeu, e com isso, a esperança de retomar a importância e o prestígio do passado – o Cardeal Frederico Borromeu havia sido designado arcebispo de Milão em 1595 pelo papa Clemente VIII – Pellegrino Tibaldi morre em 27 de maio de 1596. Certa animosidade em relação ao Pellegrino é perceptível no fato do primeiro projeto de seu túmulo nunca ter chegado à conclusão, apenas em 1604 a Fábrica do Duomo concederá uma inscrição ao Pellegrino, mas muito mais modesta, e a pedido de seu filho, Lucio Baldo²¹⁸.

Ao que parece, o “esquecimento” em relação à obra e à pessoa de Pellegrino Tibaldi, no final de sua vida, se dá também pela mudança no gosto arquitetônico e artístico. No final do século XVI, o barroco já se anunciava no horizonte como o sucessor do primeiro período severo da contrarreforma²¹⁹.

²¹⁵ PELLEGRINI, Pellegrino. *L'Architettura*. Edizione critica a cura di Giorgio Panizza. Milano: Il Polifilo, 1990. Cf. SCOTTI, A. *Pellegrino Tibaldi e il suo “Discorso d'Architettura”* In: AA. VV. *Fra Rinascimento Manierismo e Realtà*. Firenze: Giunti Barbera, 1984, pp. 114-127.

²¹⁶ Cf. MAZZOTTA, Adele Buratti. *Introduzione*. In: PELLEGRINI, Pellegrino. Op. cit.

²¹⁷ Cf. CALÍ, Maria. *De Miguel Angel a el Escorial*. Madrid: Akal, 1994.

²¹⁸ Cf. MAZZOTTA, Adele Buratti. Op. cit., p. 58.

²¹⁹ “L'Esito delle idee di san Carlo e del Tibaldi [...] negli anni dopo la morte dell'uno e la partenza da Milano dell'altro, fu um pò malinconico. I grandi architetti del Seicento si dimostrano più disposti a elaborare i motivi tradizionali. [...] Si potrebbe dire, insomma, che le *Instructiones* avessero esercitato la loro massima influenza solo

POSSIBILIDADES DE LEITURA DAS INSTRUÇÕES DE CARLOS BORROMEU

Após verificarmos algumas das obras feitas no campo da arquitetura eclesiástica de Milão, se faz necessário oferecer algumas pistas para a leitura do texto de Carlos Borromeu²²⁰, iniciado em 1573²²¹ e publicado em 1577, com o título de *Instructionum fabricae et supellectilis ecclesiasticae libri duo*²²² (*Instruções sobre a Fábrica e as Alaias Eclesiásticas – Dois Livros*; também conhecido pelo seu título abreviado: *De Fabrica Ecclesiae*). Texto de importância ímpar do momento que sua influência foi importante e duradoura na concepção do espaço voltado para o culto católico²²³.

nei pochi anni che cominciano con la loro stampa e terminano con la partenza del Tibaldi per la Spagna nel 1587. Da quel tempo in poi, però, le forme iniziate sotto l'influenza di quel libro, stimolarono uno spirito nuovo nell'architettura ecclesiastica che contribuì a rompere il potere delle tradizioni rinascimentali, e a suggerire nuove possibilità per gli architetti del Barocco". ACKERMAN, James S. *Pellegrino Tibaldi, Carlo Borromeo e l'Architettura Ecclesiastica*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, pp. 584-585. Segue nossa tradução: "O êxito das ideias de São Carlos e de Tibaldi [...] nos anos depois do primeiro e a partida de Milão do segundo, foi um pouco melancólico. Os grandes arquitetos do Seiscentos se demonstram mais dispostos a elaborar os motivos tradicionais. [...] Se poderia dizer, em suma, que as *Instructiones* tivessem exercitado a sua máxima influência somente nos poucos anos que começam com a sua publicação e terminam com a partida de Tibaldi para a Espanha em 1587. Daquele tempo em diante, porém, as formas iniciadas sob a influência daquele livro, estimularam um espírito novo na arquitetura eclesiástica que contribuiu para quebrar o poder das tradições renascentistas, e a sugerir para os arquitetos do Barroco novas possibilidades".

²²⁰ O texto traduzido na íntegra poderá ser encontrado no Anexo I deste trabalho.

²²¹ "A ideia da obra deveria existir desde o ano de 1573, pois já no concílio Provincial III, ocorrido portanto naquele ano, no capítulo '*De iis quae pertinent ad ornatum et cultum ecclesiarum*' [sobre as matérias que pertencem à ornamentação das igrejas e ao culto], deixa entender claramente a necessidade de uma obra que contenha como uma síntese completa o quanto já estava prescrevendo nos vários decretos da visita pastoral [...]" CASTIGLIONI, Carlo e MARCORA, Carlo. *Arte Sacra – De Fabrica Ecclesiae*. Monza (Itália): Tipografia Sociale, 1952. p. 8.

²²² BORROMEI, Caroli. *Instructionum Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae Libri II*. In: SODI, Manlio e TRIACCA, Achille Maria. (Orgs.). *Monumenta Studia Instrumenta Liturgica*. Vol. 8. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000. Esta edição é cópia da edição original foi estampada em 1577 na tipografia de Pontius Pacificus; Cf. CASTIGLIONI, Carlo e MARCORA, Carlo. *Arte Sacra – De Fabrica Ecclesiae*. Monza (Itália): Tipografia Sociale, 1952. p. 8. Ver também BAROCCHI, Paola. *Trattati d'arte del Cinquecento*. Fra manierismo e controriforma. Vol 3. Bari (Itália): La terza, 1962. Além de outras traduções no idioma italiano, temos conhecimento de duas traduções em espanhol e inglês respectivamente: BORROMEI, Carlos. *Instrucciones de la fábrica y del ajuar eclesiásticos*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1985 e VOELKER, Evelyn Carol. *Charles Borromeo's Instructiones Fabricae et Supellectilis ecclesiasticae 1577*. A translation with commentary and analysis. Syracuse University Ph. d. 1977; Ann Arbor (Michigan - USA): University Microfilms International, 1981. Em nosso trabalho utilizaremos a reprodução do original, acima citado, organizada por Massimo Marinelli e publicada pela Libreria Editrice Vaticana.

²²³ Bastaria dizer que na Arquidiocese de Milão, esse documento teve sua validade até o início do Concílio Vaticano II, em 1859. O primeiro Código de Direito Canônico (1917), em seu livro terceiro, segunda parte, ao tratar dos *loci sacra* (lugares sagrados) retoma algumas expressões do *De Fabrica Ecclesiae*: Cf. CODEX IURIS CANONICI *diei 27 maii 1917, Pii X Pontificis Maximi iussu digestus, Benedicti Papae XV auctoritate promulgatus*; in AAS, IX-2 (1917), pp. 11-521. Alguns ecos do texto borromaico parecem se encontrar também nas Constituições Primeiras do

Ao se tomar conhecimento do texto em si, é possível se deparar com um conjunto extremamente consistente de princípios e normas que, ao visarem a funcionalidade da ordem do culto, criam consequentemente uma maior clareza e ordenação do espaço eclesiástico para desenvolvimento dos ritos. Na leitura desse texto, é perceptível o esforço do Borromeu de se fazer compreender pelos mais simples – neste caso, a imensa maioria do clero, que em 1577 possuía pouquíssima formação cultural –, do momento que comparecem mais vezes termos italianos ou italianizados, tirados do uso comum. Sobre a autoria, é extremamente possível que o texto tenha saído da mente do próprio Borromeu²²⁴, talvez tenha sido ajudado apenas na redação final pelo seu secretário Lodovico Moneta:

Et ordinò una perfetta reforma, sì di tutte le parti delle chiese, sì ancora de i vasi, e paramenti sacri, e d'ogni supellettille ecclesiastica, restituendoli a somma monditia, e decoro. Et a fine che vi fosse una forma certa la quale servisse per tutte le fabbriche della sua Provincia uniformemente, diede in luce um libro intitolato *Istruttione della fabrica*. Che contiene tutte le cose necessarie per il culto Divino, e per la fabrica materiale; e deputò Lodovico Moneta, nominato di sopra, a soprintendervi, con titolo di Prefetto delle fabbriche Ecclesiastiche²²⁵

Em virtude da preocupação mais pastoral do Borromeu relativa ao culto, uma possível leitura das *Instruções* mostra que o foco do autor converge para a arquitetura enquanto lugar de celebração litúrgica reformada pelo espírito do Tridentino, não se detendo muito na questão dos problemas formais em si. Ao se considerar este ponto de vista, resulta mais clara a preocupação do Borromeu em dar indicações particularizadas

Arcebispo da Bahia: VIDE, Dom Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia*. (Impressas em Lisboa no ano de 1719, e em Coimbra em 1720. São Paulo): Tip. 2 de Dezembro, 1853. Também encontramos uma influência direta do Borromeu no âmbito espanhol; no Sínodo de Aliaga, realizado em 1631, foi produzido um escrito intitulado “*Advertencias para los edificios y fábricas de los Templos y para diversas cosas de las que en ellos sirven al Culto Divino y a otros ministerios*” (Valencia, 1631), APUD: POVEDA, Antonio Benlloch. *Tipologia de Arquitectura Religiosa: um Tratado Valenciano del Barroco* (1631), disponível in: <http://centros.uv.es/web/departamentos/D235/data/informacion/E129/PDF53.pdf>, acesso 03/03/2014. Para uma visão panorâmica da legislação eclesiástica reenviamos à obra de Mariani: MARIANI, Goffredo. *La legislazione Ecclesiastica in Materia d’Arte Sacra*. Roma: Libreria Francesco Ferrari, 1945.

²²⁴ Assim pensa, por exemplo, a pesquisadora Aurora Scotti.

²²⁵ GIUSSANO, P. Op. cit., Livro VIII, p. 548. Segue nossa tradução: “E ordenou uma perfeita reforma, também de todas as partes das igrejas, também ainda dos vasos e paramentos sacros, e de toda alfaia eclesiástica, restituindo-lhes a suma pureza e decoro. E com a finalidade de que existisse uma forma certa que servisse uniformemente para todas as fábricas da sua Província, deu à luz um livro intitulado *Instrução da fábrica*, o qual contém todas as coisas necessárias para o culto Divino e para a fábrica material; e deputou Lodovico Moneta, nomeado de cima, como superintendente [dessas coisas], com o título de Prefeito das fábricas eclesiásticas”.

e repetitivas sobre os mais variados objetos e espaços litúrgicos: a finalidade era conferir princípios basilares de ordem para um ambiente mais apto à recepção desse culto litúrgico renovado²²⁶.

Por outro lado, na leitura do texto são perceptíveis outros níveis de compreensão, inclusive de caráter mais teórico e ideológico. É assim que o Borromeu, não abandonando de resto a mentalidade da igreja antiga e, principalmente, medieval, invocará os significados alegóricos e simbólicos presentes na arquitetura e nas alfaias²²⁷.

Em relação à ideologia da Contrarreforma, a distribuição do espaço revela um forte sentido hierárquico da Igreja: o presbitério é composto como o espaço principal e mais importante, quase uma espécie de palco onde devem se desenrolar os sacros mistérios, apenas visualizados pelo povo. A liturgia, na concepção tridentina, e também borromeica, é quase que uma exclusividade do clero. No entanto, nem por isso, o Borromeu deixa de se preocupar de algum modo com a presença do povo na igreja: daí resulta, por exemplo, a formulação sobre a quantidade de espaço necessária para cada fiel dentro da igreja; a preocupação com o lugar da pregação, esta voltada para os fiéis; a normativa – talvez a tratativa mais longa das *Instruções* – sobre o lugar da confissão, onde os fiéis poderiam alcançar a graça do perdão, etc. Finalmente, há que salientar a preocupação dada à presença do tabernáculo sobre o altar mor: essa novidade, corroborada pelo Borromeu, convergia àquele ideal de culto católico sobre a eucaristia, um dos pontos mais nevrálgicos das discussões teológicas entre católicos e protestantes, assumido plenamente pelo espírito da Contrarreforma.

A ideia de ordem e decoro no culto, acaba se tornando realidade visível e emblemática da reforma que Carlos Borromeu procurou imprimir em todos os setores

²²⁶ O caráter mais prático-pastoral das *Instruções* e menos teórico está no fato delas serem utilizadas pelos visitantes do Arcebispo, por ocasião de suas visitas nas paróquias. Nessas ocasiões, cumpria-se um verdadeiro *check-list* para verificar se as construções e os objetos litúrgicos correspondiam às instruções emanadas pelo Cardeal. Cf. ACKERMAN, James S. *Pellegrino Tibaldi, Carlo Borromeo e L'Architettura Ecclesiastica*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 580.

²²⁷ Ao invocar esse sentido, percebe-se uma fonte medieval das *Instruções* no *Rationale Divinorum Officiorum*, de Durand de Mende, escrito do século XIII. À diferença que o Borromeu, revelando um espírito moderno, não ficará prisioneiro dessa leitura alegorizante medieval, que procura um significado místico ou mistérico em absolutamente todos os componentes da igreja.

da a sua diocese. Na medida em que a reconstrução ou reforma da igreja espiritual ia ocorrendo, a igreja visível refletia esse ideal:

Onde in progresso di tempo si sono viste tutte le Chiese di questa città e diocesi, ò fabricate di nuovo, ò ristorate, e riformate almeno & insiememente arricchite di suppellettille ecclesiastica ricca e pretiosa, fin nelle Ville, e nelle parti povere, e montuose; essendosi forzato ongi Popolo di rinovare & ornare la sua chiesa, e fornirla di ricchi paramenti, massime perche così gli ordinava il Cardinale nelle visite, che faceva di tutte le Chiese²²⁸.

Da leitura das Instruções, emerge um Carlos Borromeu pragmático, aderente a uma eclesiologia da *salus animarum* que encontra na arquitetura e nas alfaias um instrumental válido para atingir esse fim da salvação das almas. Esperamos que a tradução desse texto - até onde pudemos aferir, inédita - para o português, possa trazer mais luzes sobre um capítulo da história da arquitetura que teve desdobramentos importantes também para arquitetura religiosa colonial brasileira²²⁹.

²²⁸ GIUSSANO, P. Op. cit. , p. 549. Segue nossa tradução: “Onde, com o passar do tempo, se viram todas as igrejas desta cidade e diocese, ou fabricadas como novas, ou restauradas, e, pelo menos, reformadas; juntamente enriquecidas com alfaia eclesiástica rica e preciosa, até mesmo nas Aldeias, e nas partes pobres e montanhosas; sentindo-se forçado cada povo de renovar e ornar a sua igreja, e fornecê-la de ricos paramentos, principalmente, porque assim ordenava o Cardeal, nas visitas que fazia a todas as igrejas”.

²²⁹ Nesse sentido, parece-nos notável a afirmação das pesquisadoras italianas Fulvia Bazoli e Laura Daglio: “Sarebbe necessario, inoltre, ad ulteriore ed immediata conferma, cercare edizioni delle Istruzioni attraverso un’indagine approfondita nelle biblioteche americane degli ordini monastici e nei loro inventari. Si tratta di una ricerca sul campo, già iniziata da C. Voelker per l’America Settentrionale, che andrebbe approfondita [...]”.BAZOLI, Fulvia e DAGLIO, Laura. *Le Chiese del Borromeo e le Chiese Latinoamericane: Un’Ipotesi di Lettura*. In: SODI, Manlio e TRIACCA, Achille Maria. (Orgs.). *Monumenta Studia Instrumenta Liturgica*..., p. 385. Segue nossa tradução: “Seria necessária, além do mais, como forma ulterior e imediata de confirmação [da influência do *De Fabrica Ecclesiae* nas Américas], buscar edições das *Instruções* através de pesquisa aprofundada nas bibliotecas americanas das ordens monásticas e em seus inventários. Trata-se de pesquisa de campo, já iniciada por C. Voelker na América setentrional, que deveria ser aprofundada [...]”.

INSTRVCTIONVM
FABRICAE,

ET SVFELLECTYLIS ECCLESIASTICAE
LIBRI II.

CAROLI

*S. R. E. Cardinalis tituli s. Praxedis,
Archiepiscopi iussu,
ex prouinciali Decreto
editi*

ad prouincia Mediolanensis usum.

MEDIOLANI,

Apud Pacificum Pontium, Typographū Illustriss.
Cardinalis S. Praxedis Archiepiscopi 1577.

Fig. 50. Frontispício da primeira edição das Instruções de Carlos Borromeu

CONCLUSÃO

*Non ti fidar mai del proprio giudizio, & parere, ma
rimetti te facilmente al parer d'altri consigliandoti spesso.*

Carlos Borromeu²³⁰

A historiografia, em geral, descreveu o Borromeu como um dos mais árdus defensores da arquitetura eclesiástica contrarreformista, classificando-o como um defensor inflexível²³¹ da planta longitudinal ou cruciforme, como o melhor modelo interpretativo dos cânones tridentinos para a arquitetura religiosa. Essa interpretação se

²³⁰ BORROMEU, Carlo. *Libretto dei Ricordi al popolo della Citta et Diocese di Milano. Dati dall'illustriss. Card. di S. Prassede, arcivescovo per il vivere Christiano, communemente à ogni stato di persone, et particolarmente, à Padri, et Madri di fameglia, Mastri, ò capi di botteghe, et lavoranti*. In Milano per Pacifico Pontio, impressore di Monsignor Illustrissimo, & Reverendiss. Cardinale di Santa Prassede, 1578, p. 8. Tradução: “Não confies nunca em teu próprio julgamento e parecer, mas facilmente te submetas ao parecer de outros, tomando frequentemente aconselhamentos”.

²³¹ “[...] com Pio IV (1555-1565), assistido por Carlos Borromeu, arcebispo de Milão, asceta e espírito inflexível, modelo de um novo tipo de santos ao mesmo tempo enérgicos e místicos”. CHASTEL, André. *A arte italiana*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 424. Também Maria Calí, reservou julgamentos bastante severos sobre a figura do Borromeo como, por exemplo: “Pero mientras Borromeo Y Paleotti no permitían la más mínima concesión a la imaginación del artista [...]” ou “Em suma, el monumento no era sino la aplicación de la regla por él dictada y el arquitecto no debía ser sino el ejecutor, un simple instrumento al servicio de la Iglesia: lo contrario, pues, de lo que supone Gatti Perer. El testimonio ya citado de los jesuitas es la mejor prueba del hecho de que Borromeo dejase escasas posibilidades a la iniciativa de quien trabajaba para él”. CALÍ, Maria. *De Miguel Angel a el Escorial*. Madrid: Akal, 1994, p. 60 e p. 53. Naturalmente não se trata aqui de fornecer uma imagem edulcorada do Borromeu, mas talvez em reconhecer que o contexto polêmico em que o Borromeu se encontrava, por vezes dificultou uma análise mais serena e mais objetiva por parte dos historiadores, em relação ao caráter do arcebispo, como nota Giuseppe Alberigo: “La decadenza aveva una forza enorme e trovava ovunque partigiani e sostenitori. La lotta per stroncarla e estirparla dalla vita della chiesa era tanto urgente quanto ardua e di esito incerto. Il posto privilegiato d'osservazione di cui disponeva il cardinale-nepote non poteva consentirgli illusioni in proposito. [...] Sono convinto che la ben nota severità del Borromeo risalga in larga misura alla consapevolezza che la spirale della decadenza era sempre in agguato. [...] Nel suo complesso questa esperienza [di lotta contro gli abusi] ha condotto il giovane ecclesiastico milanese al cuore di uno dei nodi più intricati e decisivi del suo tempo, spingendolo a uscire da una passiva accettazione della situazione esistente e a rendersi conto che l'avvenire della chiesa non poteva consistere che nel superamento della decadenza tardo-medievale e nella conquista di un volto rinnovato. Il passato non costituiva un progetto”. ALBERIGO, Giuseppe. *Carlo Borromeo e il suo Modello di Vescovo*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 206. Segue a tradução: “A decadência tinha uma força enorme e encontrava em todo lado partidários e apoiadores. A luta para destruí-la e extirpá-la da vida da igreja era tão urgente quanto árdua e de incerto êxito. O posto privilegiado de observação que dispunha o cardeal-sobrinho não podia dar-lhe [ao Borromeu] ilusões a esse propósito. [...] Estou convencido que a bem conhecida severidade do Borromeu se refaça, em grande medida, à consciência de que a espiral da decadência estava sempre em atalaia. [...] Em seu conjunto, esta experiência [de luta contra os abusos] conduziu o jovem eclesiástico milanês ao coração de um dos nós mais intrincados e decisivos de seu tempo, impelindo-o a sair de uma passiva aceitação da situação existente e a se dar conta que o futuro da igreja não podia consistir senão na superação da decadência tardo medieval e na conquista de um rosto renovado. O passado não constituía um projeto”.

baseia mormente na leitura de suas *Instruções*, consideradas erroneamente por alguns como um verdadeiro tratado de arquitetura²³². O problema é que esse escrito não pode ser compreendido como um tratado²³³, mas muito mais como um texto contendo instruções sobre a arquitetura e as alfaías, com caráter talvez mais “pastoral”, do momento que o destinatário desse texto é o seu clero. A visão de um Borromeu condenador da planta circular na arquitetura eclesiástica, talvez tenha sido iniciada na historiografia contemporânea pelo escrito de Antony Blunt, onde ele considera:

Para entender o significado das instruções de Borromeo para a construção de igrejas pode ser útil compará-las com as daqueles arquitetos da metade do século XVI nos quais sobreviveram as ideias do Alto Renascimento. As formas de planta de Igreja que desenvolveram também se baseavam em princípios religiosos, mas sua teologia era de outro tipo. Borromeo condenava as igrejas circulares porque eram pagãs. Palladio as recomenda porque o círculo é a mais perfeita forma e, portanto, adequada à casa de Deus. Além do mais, o círculo simboliza a união de Deus, Sua essência infinita, Sua uniformidade e Sua justiça. Depois do círculo, a forma mais perfeita e portanto a planta mais adequada é o quadrado. Finalmente vem a cruz, que é apropriada porque simboliza a crucificação. Borromeo teria aprovado esse argumento, apesar de que ficaria chocado com o baixo posto que ele concedeu à igreja cruciforme. Ele ficaria ainda mais chocado com a observação de Palladio, num capítulo posterior, de que as regras para a construção de igrejas são as da construção

²³² Por exemplo, assim são consideradas por Giovanni Sale: “Subito dopo il concilio inoltre vennero pubblicati diversi trattati che si occupavano espressamente della funzione religiosa e sociale dell’arte. Fra i più importanti ricordiamo quello del cardinale Paleotti, dei padri gesuiti Possevino e Bustamante; mentre in campo architettonico ebbero grande rilevanza le celebri *Instructiones* che l’arcivescovo di Milano Carlo Borromeo scrisse per la sua diocesi. Questi trattati insegnano che il fine principale dell’opera d’arte non è tanto alletare lo spirito (come ritenevano i trattatisti rinascimentali) quanto ammaestrare e nutrire di buoni propositi l’anima [...]”. SALE, Giovanni. *Pauperismo Architettonico e Architettura Gesuitica*. Milano: Jaca Book, 2001, p. 31. Segue a tradução: “Além disso, imediatamente depois do concílio [de Trento] foram publicados diversos tratados que se ocupavam expressamente da função religiosa e social da arte. Dentre os mais importantes, recordamos o do cardeal Paleotti, o dos padres jesuítas Possevino e Bustamante; enquanto que no campo arquitetônico tiveram grande relevância as célebres *Instructiones* que o arcebispo de Milão, Carlos Borromeu escreveu para a sua diocese. Estes tratados ensinam que o fim principal da obra de arte não é tanto alegrar o espírito (como o consideravam os tratadistas renascentistas) quanto ensinar e nutrir de bons propósitos a alma [...]”.

²³³ “Non si tratta di un testo di architettura in senso stretto, ma di una enumerazione di punti che l’arcivescovo di Milano deve osservare nelle sue visite ecclesiastiche e nei progetti edilizi. Tuttavia le *Instructiones* danno una chiara idea della posizione controriformista nel problema della costruzione delle chiese”. KRUFF, Hanno-Walter. *Storia delle teorie architettoniche*. Da Vitruvio al Settecento. Bari: Laterza, 2009, p. 108. Segue nossa tradução: “Não se trata de um texto de arquitetura em sentido estrito, mas de uma enumeração de pontos de o arcebispo de Milão deve observar nas suas visitas eclesiásticas e nos projetos das edificações. Todavia, as *Instructiones* dão uma clara ideia da posição contrarreformista no problema da construção das igrejas”. Ainda em relação à natureza do conteúdo do texto das *Instruções*: “O estilo das *Instructiones* é característico de Borromeo: conciso e claro, totalmente relacionado a objetivos práticos e compreensível até mesmo para um padre do campo”. LORTZ, W. *Op. cit.*, p. 139.

de templos, com algumas ligeiras modificações que permitam a introdução de uma sacristia e de um campanário²³⁴.

Diante dos exemplos que aqui anteriormente expusemos, sobre a atividade arquitetônica do Borromeu por meio de seu arquiteto Pellegrino Tibaldi, verificamos que as afirmações de Blunt são, no mínimo, complicadas de serem aceitas em sua totalidade. Embora faça muito sentido invocar a perspectiva teológica para justificar a aceitação de determinada forma para as plantas das igrejas, argumentar que o Borromeu condenaria uma igreja de planta circular porque de origem pagã, seria uma postura duvidosa, ou pouco aceitável, até mesmo para o próprio Borromeu: como ele poderia condenar, por exemplo, a igreja mais emblemática de toda cristandade, a basílica de São Pedro, que até aquele momento mantinha o projeto de planta central de Miquelângelo? Parece-nos que a leitura que Blunt faz das *Instruções* do Borromeu são um pouco forçadas, do momento que a afirmação do Borromeu, no que diz respeito à questão tal qual formulada pelo Blunt, tem o seguinte teor:

Atque haec quidem breviter de ecclesiae situ: sequitur illius exaedificandae forma. Quae cum multiplex esse possit, ad eam sane deligendam, pro situs ratione proque aedificationis amplitudine, architecti periti consilium Episcopus adhibere debet. At vero illa huius aedificii ratio, iam inde ab apostolicis fere usque temporibus ducta, potior est quae crucis formam exhibet, ut plane ex sacris basilicis Romanis maioribus, ad eum modum extractis, perspicitur. Illa porro aedificii rotundi species olim idolorum templis in usu fuit, sed minus usitata in populo christiano. Ecclesia igitur omnis, ac illa praesertim, quae insignem structurae speciem requirit, ita exaedificanda potius erit, ut crucis instar sit: quae cum multiplex, tum oblonga esse potest; haec in frequentiori usu, reliquae minus usitatae sunt. Ea igitur, quae crucis oblongae similitudinem prae se fert, aedificatio, ubi potest, in omni ecclesia, vel cathedrali, vel collegiata, vel parochiali, quae extruenda est, servetur. Ubi vero situs, de consilio architecti, aliam potius quam longam aedificii formam postulat, ad illius praescriptum modum, Episcopi iudicio comprobatum, eiusmodi structura ecclesiae fieri poterit²³⁵.

²³⁴ BLUNT, Anthony. Teoria artística a Itália 1450-1600. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 170. A primeira edição do escrito de Blunt é de 1940.

²³⁵ BORROMEUS, Carolus. *Instructionum Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo*, Caroli S. R. E. Cardinalis tituli S. Praxedis, Archiepiscopi iussu, ex provinciali decreto editi ad provinciae Mediolanensis usum, Apud Pacificum Pontium Typographum, Mediolani, 1577. Caput II, 5. Segue nossa tradução constante neste trabalho: BORROMEU, Carlos. *Instruções sobre a Fábrica e as Alfaias Ecclesiásticas*, Cap. II, 5: “É isso o que temos a dizer sobre a localização da igreja; a seguir a forma como edificá-la. Já que esta *pode ser múltipla* [grifos meus], para bem escolhê-la, em razão da localização e do tamanho da edificação, o bispo deverá *recorrer ao conselho de um arquiteto perito* [grifos meus]. No entanto, a melhor forma para tal edificação, é quase sempre, desde os tempos apostólicos, a cruciforme, como claramente se observa nas sacras basílicas romanas maiores, assim edificadas. Todavia, aquele tipo de edifícios redondos era em uso antigamente nos templos dos ídolos, *mas é menos usado*

Como se vê, o texto do Borromeu presta-se a interpretações não tão radicalizadas. Aliás, a interpretação mais flexível desse texto²³⁶ é aquela que melhor nos permite compreender como o Borromeu possa ter aprovado as plantas circulares das igrejas presentes em sua arquidiocese, mesmo após a deliberação, como já acenado, do III Concílio Provincial de 1573 e a publicação das *Instruções*, em 1577. Apesar disso, permanece ainda como problemática a interpretação de Blunt em relação ao texto do Borromeu²³⁷. Uma pista que talvez ajude a justificar essa interpretação, possa ser encontrada na pertinente observação de Wolfgang Lotz:

Desde o século XVIII, o nome de Andrea Palladio (1508-1580) foi sinônimo de perfeição arquitetônica. [...] Nenhum outro arquiteto da Renascença teve a mesma profusão de pesquisas dedicadas à sua obra, nas últimas gerações, e isso não pode ser explicado exclusivamente por sua qualidade e fama. Se é que existe um interesse geral no Cinquecento, ele se reduz a poucos estudos, e o nosso conhecimento sobre Pellegrini ou Alessi permaneceu em geral estacionário, enquanto que as recentes publicações sobre Palladio abasteceriam uma pequena biblioteca²³⁸.

Portanto, o estado da questão sugere máxima cautela em relação a afirmações de caráter mais definitivo no que tange a obra de arquitetura religiosa produzida sob o episcopado de Carlos Borromeu. O que se apresenta é um cenário muito mais rico, diríamos multiforme. A simples comparação das *Instruções* do Borromeu com as igrejas projetadas e construídas pelo Pellegrino, mostra - como tentamos evidenciar, fazendo

pelo povo cristão [grifos meus]. Portanto, toda igreja, e sobretudo aquela que requer um tipo insigne de estrutura, de preferência, seja edificada de modo que tenha a forma de cruz; pode ser múltipla ou alongada; esta de uso mais frequente, as demais são menos usadas. Por conseguinte, *a construção com planta de cruz alongada seja observada, enquanto possível*, [grifos meus] na construção de toda igreja, seja catedral, colegial ou paroquial. *Porém, quando por conselho do arquiteto, o lugar exige outra forma de construção que não a da cruz alongada, então a estrutura da igreja poderá ser feita de acordo com o modo prescrito por aquele, depois de aprovado pelo julgamento do bispo* [grifos meus]”.

²³⁶ Coisa feita pelo próprio Borromeu, ao aprovar projeto da igreja de planta centralizada para o Lazzaletto, escrevendo de próprio punho: “projeto delineado neste desenho, executado sob o conselho do arquiteto perito, por nós diligentemente examinado e encontrado conforme às normas por nós dadas para a construção de igrejas”. Cf. nota mais acima.

²³⁷ É preciso dizer, por exemplo, que já na época de Blunt havia já uma tradução do texto do Borromeu para a língua inglesa: BORROMEO, St. Charles. *Instructions on Ecclesial Building*. Trans. George J. Wigley. London: C. Dolman, 1857.

²³⁸ LOTZ, W. *Arquitetura na Itália 1500-1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998, p. 147. A primeira edição do texto de Lotz é de 1974.

menção à alguns exemplares por ele produzidos - que apesar da importância das afirmações borromaicas, estas talvez devam ser interpretadas muito mais no seu viés de coibir abusos, e da funcionalidade do espaço em função do culto, do que como um escrito que tivesse algum pretensão objetivo de ser um férreo controle sobre as manifestações relativas ao engrandecimento do culto cristão católico no campo da arquitetura.

Dadas as coordenadas históricas, a própria figura do Borromeu se verifica como que assinalada pela polêmica: por um lado, se apresenta o Borromeu severo e inflexível, o bispo necessário para levar adiante a obra da grande reforma tridentina²³⁹; por outro lado, se ele fosse tão despótico e severo, como gostariam alguns, como explicar a quantidade dos longos Sínodos e concílios locais, nos quais o Borromeu, muitas vezes, se dedicava a colher a opinião e o parecer de um grande número de vozes²⁴⁰ para depois tomar sua decisão? Haveria ainda que se mencionar, como forma de aduzir mais um elemento para uma leitura mais aderente à realidade no que tange a

²³⁹ Excelente a intuição de Alberigo sobre essa tensão presente no Borromeu: “Lo spartiacque, cioè il punto di non-ritorno dell’evoluzione romana è stato il Tridentino, la sua celebrazione, la sua conclusione, la sua approvazione. Senza questo perno l’intera fisionomia episcopale di Carlo Borromeo si frantuma e si dissolve, non esiste. Lungo tutta la sua vita egli sarà *per* il concilio, contro il pre-concilio e l’anti-concilio”. ALBERIGO, Giuseppe. *Carlo Borromeo e il suo Modello di Vescovo*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 206. Nossa tradução: “O divisor de águas, isto é, o ponto de não retorno da evolução romana foi o Tridentino, a sua celebração, a sua conclusão e a sua aprovação. Sem este gonzo, toda a fisionomia episcopal de Carlos Borromeu se pulveriza e se dissolve, não existe. Ao longo de toda a sua vida ele será *pró* concílio, contra o pré-concílio e o anti-concílio”.

²⁴⁰ “A me pare che sarebbe necessario rovesciare l’interpretazione: undici sinodi e sei concili già di per sè costituiscono una massa conciliare così imponente da non avere riscontro in nessun altro vescovo cattolico [...]. Si tratta di una visione conciliare della chiesa cui si aggiunge il fatto che i visitatori delle sei circoscrizioni, in cui era divisa la diocesi, dovevano riunire tre volte all’anno il clero della loro circoscrizione, così come dovevano fare i sei prefetti delle Porte della città. La voce della base poteva quindi giungere al Cardinale che una volta al mese si incontrava con i suoi dodici rappresentanti [...] Si è tante volte detto che i concilii e sinodi borromaici erano in realtà luoghi in cui far risuonare l’autoritaria voce del presule. Mi chiedo che senso avesse allora l’aver fornito quei concilii, nella traccia dei concilii generali e universali [...]” MASELLI, Domenico. *L’Organizzazione della Diocesi e il Clero Secolare*. In: AA. VV. *San Carlo e il suo Tempo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986, p. 417. Segue a tradução: “Parece-me que seria necessário inverter a interpretação: onze sínodos e seis concílios já constituem de per si uma massa conciliar tão imponente a ponto de não conhecer paralelo em nenhum outro bispo católico [...]. Trata-se de uma visão conciliar da igreja à qual se adiciona o fato que os visitantes das seis circunscrições eclesíásticas, nas quais estava dividida a diocese, deviam reunir três vezes ao ano o clero da sua circunscrição, do mesmo modo deviam fazer os seis prefeitos das Portas da cidade. A voz da base podia, portanto, chegar até o Cardeal que, uma vez por mês se encontrava com os seus doze representantes [...]. Falou-se tantas vezes que os concílios e sínodos borromaicos eram na realidade lugares nos quais se fazia ressoar a voz autoritária do prelado. Eu me pergunto que sentido teria então, o ter fornecido aqueles concílios, no seguimento dos concílios gerais e universais [onde havia discussão dentro da assembleia] [...]”.

figura do Borromeo, que a simpatia popular e o culto em relação à sua memória continuam com forte vigor até hoje.

Como um verdadeiro paradoxo, Carlos Borromeu, o homem descrito justamente como o defensor da arquitetura da contrarreforma e, menos justamente, como um detrator da planta centralizada, tem sua sepultura dentro do Duomo de Milão; repousa dentro do *scurolo*, a cripta de planta circular, projetada pelo seu arquiteto de confiança, Pellegrino Tibaldi. Logo acima de seus depojos, está o templete circular, onde estão os anjos idealizados pelo Pellegrino, que sustentam o tabernáculo, também em forma circular, de Pirro Ligório.

Fig. 51. Planta do *scurolo* do Duomo de Milão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

BASCAPE, Carlo. *Vita et rebus gestis Caroli S. R. E. Cardinalis tituli S. Praxedis Archiepiscopi Mediolani Libri septem*. Ingolstadii: Ex officina typographica Davidis Sartorii, 1592.

BASSI, Martino. *Dispareri in Materia di Architettura, et Prospettiva. Con pareri di eccellenti, et famosi Arcchitetti che li risolvono*. In Bressa. Per Francesco & Pie. Maria Marchetti Fratelli, 1572.

BORROMEO, Carlo. *Libretto dei ricordi al popolo della città et diocese di Milano, dati dell'illustriss. Card. Di S. Prassede, Arcivescovo, per il vivere christiano, communemente à ogni stato di persone, et particolarmente à Padri, et Madri di fameglia, Mastri, o' Capi di boteghe et lavoratori*. In Milano: Per Pacifico Pontio, impressore di Monsignor Illustrissimo, & Reverendiss. Cardinale di Santa Prassede, 1578.

BORROMEU, Carlos. *Avvertenze di Monsignore Illustriss. Cardinale Borromeo, Cardinale di Santa Prassede, Arcivescovo di Milano, a i confessori nella città, et diocese sua*. In Milano, per Paolo Gottardo Pontio, 1574.

BORROMEU, Carlos. *Instructiones Praedicationis Verbi Dei, et confessoriorum, olim a S. Carolo ex praescripto Concil. prouinc. editae. Nunc vero iussu illustriss. & reuerendiss. d.d. Marini Georgii episcopi brixien. Ad vsum concionatorum, parochorum, & confessoriorum huius ciuitatis, & Dioecesis denuo impressae. ...Adiecta est Martini Fornarii ex Societ. Iesu ..., Brixiae, apud Io. Baptistam Bozzolam, 1621.*

BORROMEU, Carlos. *Instructionum Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae libri duo, Caroli S. R. E. Cardinalis tituli S. Praxedis, Archiepiscopi iussu, ex provinciali decreto editi ad provinciae Mediolanensis usum, apud Pacificum Pontium Typographum, Mediolani, 1577.*

BREMOND, Gabrielle. *Viaggi fatti nell'Egitto superiore et inferiore. Nel monte Sinay, e luoghi più conspicui di quella regione: in Gerusalemme, Giudea, Galilea, Sammaria, Palestina, Fenicia, Monte Libano & altre provincie di Siria: quello della Meka, e del sepolcro de Mahometto com esatte, e curiose osservationi intorno i costumi, leggi, riti & habiti de' turchi, degli arabi e nationi convicine*. In Roma, per Paolo moneta, 1679.

CASTIGLIONE, Giovanni Battista. *Sentimenti di San Carlo Borromeo intorno agli spettacoli; a sua Altezza Reverendissima Monsignor Cristoforo De' Migazzi, Arcivescovo di Vienna, e Principe del S. R. I. ec.* In Bergamo: Appresso Pietro Lancellotti, 1759.

CATANEO, Pietro Senese. *I Quatro primi libri di architettura di Pietro Cataneo Senese*. In Vinegia: In casa de' figliuoli di Aldo, 1554.

DA GRAÇA, Frei Manoel. *Cerimonial e Ordinário Monástico. Dirigido e disposto conforme as leis da Igreja Romana, e os Antigos e Louváveis Costumes da Sagrada e Real Congregação de Nosso Padre S. Jeronymo de Portugal*. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade, Anno de 1794, com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o exame e censura dos Livros

DA VIDE, Sebastião Monteiro. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, feitas, e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide. Arcebispo do dito arcebispado, e do Conselho de sua Majestade. Propostas e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de junho do ano de 1707*. São Paulo: Na Typographia 2 de dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853

DECANO, Francesco Penia. *Relatione Sommaria della vita, santità, miracoli & atti della canonizatione di S. Carlo Borromeo, Cardinale del Titolo di Santa Prassede, Arcivescovo di Milano*. In Roma: Nella Stäperia della Com. Apostolica, 1610.

DURANTI, Guillelmi. *Rationale Divinorum Officiorum – Libri I et III*, 1286. Testo latino secondo Edizione Brepols. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.

EUSEBIO DE CESAREA, *Vida de Constantino*. Madrid: Gredos, 1994.

GIUSSANO, Pietro. *Vita di S. Carlo Borromeo Prete Cardinale del Titolo di Santa Prassede Arcivescovo di Milano. Scritta dal Dottore Gio. Pietro Giussano, Sacerdote nobile milanese; nella quale oltre le attioni e miracoli fatti in vita da esso santo, si descrivono anco quelli operati dopò la morte, & canonizatione sua*. In Brescia: Per Batolomeo Fontana, 1612.

GRATTAROLA, M. Aurelio. *Sucessi maravigliosi della veneratione di S. Carlo, cardinale di Santa Prassede e arcivescovo di Milano. Dati in luce da M. Aurelio Grattarola oblato della Congreg. de' ss. Ambrogio e Carlo*. Milano per l'Herede di Pacifico Pontio & Gio. Battista Piccaglia, impressori archiepisc., 1616.

INNOCENZO III. *Il Sacrosanto Mistero dell'Altare (De Sacro Altaris Mysterio -1197)*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2002.

ISTITUTO PER LE SCIENZE RELIGIOSE, *Conciliarum Oecumenicorum Decreta*, Bologna: 2002².

Onuphrii Panvini Veronensis, Fratris Eremitae Augustiniani. *De praecipuis urbis Romae sanctioribusque basilicis quas septem Ecclesias vulgo vocant, Liber*. Coloniae, apud Maternum Cholinum, Anno 1583.

PALEOTTI, Gabriele. *Discorso intorno alle imagini sacre e profane. Diviso in cinque libri, dove si scuoprono varii abusi loro e si dichiara il vero modo che cristianamente si doveria osservare nel porle nelle chiese, case et in ogni luogo. Raccolto e posto insieme ad utile delle anime per comissione di Monsignore illustriss. e Reverendiss. Card. Paleotti Vescovo di Bologna. Al popolo della città e diocesi sua. In Bologna, per Alessandro Benacci, 1581.*

PALLADIO, Andrea. *I quattro libri dell'architettura*, In Venetia: Appresso Dominica de' Franceschi, 1570.

PALLAVICINO, Sforza. *Istoria del Concilio di Trento. Scritta dal padre Sforza Pallavicino della Compagnia di Gesù poi Cardinale della Santa Romana Chiesa*. Milano: Tipografia e libreria Pirota e C., 1844.

PANIGAROLA, Francesco. *Orazione Funerale del R. P. F. Francesco Panigarola. In morte dell'illustrissimo, e Reverendiss. Carlo Borromeo, Cardinale di Santa Presedia, e Arcivescovo di Milano. Al Serenissimo Carlo Emanuele Duca di Savoia*. In Firenze: Appresso Francesco Tosi, e' Compagni, 1585.

POSSEVINO, Giovanni Battista. *Discorsi della vita et attioni di Carlo Borromeo, Prete Cardinale di Santa Chiesa del titolo di Santa Prassede, Arcivescovo di Milano. Al molto illustre e Reverendissimo Monsignor Cesare Speciano, Vescovo di Cremona*. In Roma, Appreso Iacomo Tornieri, 1591.

SARPI, Paolo. *Istoria del Concilio Tridentino*. Torino: Einaudi, 1974.

TIZZONI, Francesco. *Ricordi ouvero ammaestramenti di S. Carlo Borromeo, Card. & Arc. di Milano*. In Roma: s. e., 1679.

VALIER, Agostino. *Vita Caroli Borromei Card. S. Praxedis Archiepiscopi Mediolani Item Opuscula Duo*. Veronae: Apud Hieronymum Discipulum, 1586.

VASARI, Giorgio. *Le vite dei più eccellenti pittori, scultori e architetti [edizione "Giuntina" di 1568]*. Roma: Newton Compton, 2012.

Bibliografia:

- AA. VV. *Disegnare il tempio e l'armonia: il disegno di architettura osservatorio dell'universo*. Firenze: Università degli studi di Firenze: 2010.
- AA. VV. *Il Concilio di Trento e la Riforma Tridentina*. Roma: Herder, 1965.
- AA. VV. *Il grande Borromeo tra storia e fede*. Milano: Cassa di Risparmio delle Province Lombarde, 1984.
- AA. VV. *La Città Rituale – La città e lo Stato di Milano nell'età dei Borromeo*. Milano: Franco Angelo, 1982.
- AA. VV. *Miscellanea Bibliothecae Apostolicae Vaticanae, XVI*, Città del Vaticano, 2009.
- AA. VV. *Palaographica diplomatica et archivistica*. Studi in onore di Giulio Battelli. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979.
- AA. VV. *San Carlo e il suo tempo – Atti del Convegno Internazionale del IV centenario della morte (Milano, 21-26 maggio 1984)*, 2 vol. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1986.
- AA. VV. *San Carlo Borromeo nel III° centenario della canonizzazione*. Milano: Amministrazione della Scuola cattolica, 1910
- AA. VV. *Studia Borromaica*, vol. 11. Milano: Biblioteca Ambrosiana, 1997.
- AA. VV. *Studia Missionalia Religious Reformers*. Vol. 34, Roma: Università Gregoriana Editrice, 1985.
- ALBERIGO, Giuseppe. *Carlo del mito, Carlo della storia*. In: AA. VV. *Il Grande Borromeo tra storia e fede*. Milano: Cassa di Risparmio delle Province Lombarde, 1984
- ALBERIGO, Giuseppe. *I Vescovi Italiani al Concilio di Trento (1545-1547)*. Firenze: Sansoni, 1959.
- ALBERTI, Leon Battista. *Da Arte de Construir: Tratado de Arquitetura e Urbanismo*. Tradução de Sérgio Romanelli. São Paulo: Hedra, 2012.
- ANTINORI, Aloisio. *La magnificcenza e l'Utile*. Progetto Urbano e Monarchia Papale nella Roma del Seicento. Roma: Gangemi, 2008.
- ARGAN, Giulio C. *Storia dell'arte italiana*. Vol. 2. Firenze: Sansoni, 1978².
- ARGAN, Giulio Carlo. *Clássico anticlássico*. O Renascimento de Brunelleschi a Bruegel. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- AROCENA, Félix Maria. *El altar cristiano*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2006.

- BAROCCHI, Paola. *Trattati d'arte del Cinquecento*. Fra manierismo e controriforma. 3 vol. Bari: La terza, 1960-1962.
- BASCAPE', Carlo. *Vita e opere di Carlo arcivescovo di Milano cardinale di S. Prassede*. Milano: Veneranda Fabbrica del Duomo, 1965.
- BATTISTI, Eugenio. *Renascimento e Maneirismo*. Lisboa: Verbo, 1984.
- BEDOUELLE, Guy. *La riforma del cattolicesimo (1480-1620)*. Milano: Jaca Book, 2003.
- BERNARDI, Claudio. *La Drammaturgia della Settimana Santa in Italia*. Milano: Vita e Pensiero, 1991.
- BLUNT, Anthony. *Teoria Artística na Itália, 1450-1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- BORGHESE, Daria (a cura di). *La casina di Pio IV in Vaticano*. Torino: U. Allemandi, 2010.
- BORROMEO, Carlos. *Instrucciones de la fábrica y del ajuar eclesiásticos*. México: Universidad Nacional Autonoma de México, 1985.
- BORROMEO, Charles. *Istructiones Fabricae et Suppellectilis Ecclesiasticae, 1577*. A translation with commentary and analysis. Syracuse University Ph. D. 1977; Ann Arbor (Michigan – USA).
- BORROMEO, St. Charles. *Instructions on Ecclesial Building*. Trans. George J. Wigley. London: C. Dolman, 1857.
- BURKE, Peter. *El Renacimiento italiano – cultura y sociedade en Italia*. Madrid: 2014.
- BURKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- BUZZI, Franco e ZARDIN, Danilo (A cura di). *Carlo Borromeo e l'opera della "Grande Riforma"*. Milano: Silvana, 1997.
- BYINGTON, Elisa. *O Projeto do Renascimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CALABI, Donatella. *A Cidade do Primeiro Renascimento*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CALÍ, Maria. *De Miguel Angel a el Escorial*. Madrid: Akal, 1994.
- CASCETTA, Annamaria e CARPANI, Roberta (a cura di). *La Scena della Gloria – drammaturgia e spettacolo a Milano in età spagnola*. Milano: Vita e pensiero, 1995.
- CASTIGLIONI, Carlo e MARCORA, Carlo. *Arte Sacra*. Monza: Tipografia sociale, 1952.
- CATTANEO, Enrico. *Il Duomo nella vita civile e religiosa di Milano*. Milano: Nuove Edizioni Duomo, 1985.

- CAVENAGO, Vincenzo. *Il Lazzaretto* – Storia di un quartiere di Milano. Milano: Fondazione Pro Sacris Locis, 2013.
- CELIER, Leonzio. San Carlo Borromeo (1538-1584). Roma: Desclée & C., 1912.
- CESTARO, Antonio (a cura di). *Geronimo Seripando e la Chiesa del suo tempo* – Nel V centenario della nascita. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1997.
- CHABOD, Federico. *Carlos V y su imperio*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003³.
- CHABOD, Federico. *Escritos sobre el Renacimiento*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- CHASTEL, André. *A arte italiana*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- CHASTEL, André. *Arte e humanismo em Florença*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- CHASTEL, André. *Il Sacco di Roma – 1527*. Torino: Einaudi, 1983.
- CHASTEL, André. *La Grande Officina*. Arte italiana 1460-1500; Milano: Rizzoli, 1979.
- D'AGOSTINO, Mário Henrique. *A Beleza e o mármore*. O Tratado *De Architectura* de Vitruvius e o Renascimento. São Paulo: Annablume, 2011.
- DE MAIO, Romeo. *Riforme e miti nella Chiesa del Cinquecento*. Napoli: Guida Editori, 1973.
- DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- DENZIGER, Heinrich. *Enchiridion Symbolorum, Definitiorum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum* – *Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral*. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2007.
- DÖLGER, Franz Joseph. *Paganos Y cristianos. El debate de la Antigüedad sobre el significado de los símbolos*. Madrid: Encuentro, 2013.
- FARINELLO, Giuseppe e PACCAGNINI, Ermanno (A cura di). *Vita e processo di suor Virginia Maria de Leyva, Monaca di Monza*. Milano: Garzanti, 1989.
- FIGINI, Carlo. *Miscellanea*. Milano: La Scuola Cattolica, 1964.
- FIORE, Francesco Paolo (a cura di). *Storia dell'Architettura Italiana: il quattrocento*. Milano: Electa, 1998.
- FIORELLI, Vittoria. *I Sentieri dell'Inquisitore* – Sant'Uffizio, periferie ecclesiastiche e disciplinamento devozionale (1615-1678). Napoli: Guida Editore, 2009.
- FIORIO, Maria Teresa (a cura di). *Le Chiese di Milano*. Milano: Electa, 1985.

- FIRPO, Massimo e NICCOLI, Ottavia. *Il cardinale Giovanni Morone e l'ultima fase del concilio di Trento*. Milano: Il Mulino, 2010.
- FIRPO, Massimo. *Inquisizione romana e Controriforma. Studi sul cardinal Giovanni Morone (1509-1580) e il suo processo d'eresia*. Brescia: Morcelliana, 2005.
- FRADE, Gabriel. *Arquitetura Sagrada no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2007.
- FRANCESCHI, Dairio. *San Carlo Borromeo 1538-1584*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1938.
- GALLI, Carlos Maria e SPADARO, Antonio (edd.). *La Riforma e le Riforme nella Chiesa*. Brescia: Queriniana, 2016.
- GALUZZI, Alessandro (A cura di). *La Chiesa all'Epoca del Concilio di Trento (1545-1563)*. Torino: Editrice SAIE, 1981.
- GASPANI, Adriano. *Astronomia e geometria nelle antiche chiese alpine*. Torino: Priuli & Verluccha, 2000.
- GENTILE, Sebastiano e TOUSSAINT, Stéphane. *Marsilio Ficino: fonti, testi, fortuna*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2006.
- GEERTMAN, Herman. *Hic fecit basilicam*. Studi sul *Liber Pontificalis* e gli edifici ecclesiastici da Silvestro a Silverio. Leuven/Paris/Dudley: Peeters, 2004.
- GRABAR, Andre. *Los origenes de la estética medieval*. Madrid: Siruela, 2007.
- HAUSER, Arnold. *Maneirismo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- HUIZINGA, Johan. *Le problème de la Renaissance. s. I.*: Casimiro, 2015.
- HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
- IAMMARRONE, G. *Lexicon: Dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.
- ISERLOH, Erwin, GLAZIK, Josef e JEDIN, Hubert. *Storia della Chiesa – Riforma e controriforma: Crisi, consolidamento, diffusione missionaria (XVI-XVII secolo)*. Milano: Jaca Book, 2001⁵.
- JEDIN, H. (Org.) *Manual de Historia de la Iglesia*. Vol. 5. Barcelona: Herder, 1972.
- JEDIN, Hubert. *Breve storia dei concili*. Roma – Brescia: Herder – Morcelliana, 1986⁷.
- JEDIN, Hubert. *Carlo Borromeo*. Roma: Istituto Della Enciclopedia Italiana, 1971.
- JEDIN, Hubert. *Storia del Concilio di Trento*. 4 vol. Brescia: Morcelliana, 1973.
- JEDIN, Hubert. *Riforma Cattolica o Controriforma?* Brescia: Morcelliana, 1974³.

KOSTOF, Spiro. *Historia de la arquitectura*, vol. 2, Madrid: Alianza, 1997.

KRAUTHEIMER, Richard. *Arquitectura Paleocristiana y Bizantina*. Madrid: Catedra, 2005³.

KRAUTHEIMER, Richard. *Architettura Sacra Paleocristiana e Medievale*. Torino: Bollati Boringhieri, 1993.

KRUFT, Hanno-Walter. *Storia delle teorie architettoniche – Da Vitruvio al Settecento*. Roma-Bari: Laterza & figli, 2009.

LOEWEN, Andrea Buchidid. *Lux Pulchritudinis – Sobre beleza e ornamento em Leon Battista Alberti*. São Paulo: Annablume, 2012.

LOEWEN, Andrea, D'AGOSTINO, Mário e AZEVEDO, Ricardo (Orgs.). *Preceptivas arquitetônicas*. São Paulo: Annablume, 2015.

LOTZ, W. *Arquitetura na Itália, 1500-1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

LOTZ, Wolfgang. *Arquitetura na Itália 1500-1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

MACKINLEY, Daniel. *Pinna and her silken beard: a foray into historical misappropriations*. Winnipeg: Charles Babbage Research Centre, 1998

MACLUHAN, Marshall. *O Trivium Clássico*. Campinas: É realizações, 2012.

MAJO, Angelo. *San Carlo, vita e azione pastorale*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2004.

MÂLE, Emile. *El arte religioso de la contrarreforma*. Madrid: Encuentro, 2001.

MANCINELLI, Fabrizio, COLALUCCI, Gianluigi e GABRIELLI, Nazzareno. *Michelangelo - Il giudizio universale*. Firenze: Giunti, 1994.

MANCINI, Girolamo. *Vita de Leon Battista Alberti*. Roma: Bardi Editore, 1971.

MANZONI, Alessandro. *I Promessi Sposi*. Milano: Mondadori, 1992.

MARCOCCI, Massimo; SCARPATI, Claudio; ACERBI, Antonio; ALBERIGO, Giuseppe. *Il Concilio di Trento – Istanze di riforma e aspetti dottrinali*. Milano: Vita e Pensiero, 1997.

MARIANI, Goffredo. *La legislazione ecclesiastica in materia d'arte sacra*. Roma: Francesco Ferrari, 1945.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja – De Lutero aos nossos dias*. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1997.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja – De Lutero aos nossos dias*. Vol I. São Paulo: Loyola, 1997.

MAZZONE, Umberto. *Governare lo Stato e Curare le Anime – La Chiesa e Bologna – Dal Quattrocento alla Rivoluzione Francese*. Padova: Libreria Universitaria, 2012.

MCBRIEN, Richard P. *Os Papas – Os pontífices: de São Pedro a João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 2004.

MEZZANOTTE, Paolo e BASCAPÉ, Giacomo C. *Milano nell'Arte e nella Storia*. Milano/Roma: Carlos Bestetti, 1968.

MONTANELLI, Indro e GERVASO, Roberto. *L'Italia della controriforma (1492-1600)*. Milano: Rizzoli, 1971²⁰.

MORELLO, Giovanni. A cura di. *La Basilica di San Pietro: fortuna e immagine*. Roma: Gangemi Editore, 2012.

MORONI, Gaetano. *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica: da San Pietro sino ai nostri giorni*. Venezia: Emiliana, 1840-1861, Vol. XXII (1843).

MURRAY, Peter. *Architettura del Rinascimento*. Milano: Electa, 1972.

MURRAY, Peter. *Arquitettura del Rinascimento*, Milano: Electa, 1972.

NAVONI, Marco. *Carlo Borromeo*. Profilo di un vescovo santo. Milano: Centro Ambrosiano, 2010.

NEUNHEUSER, Burkhard. *A história da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007.

PACI, Sara Piccolo. *Storia delle vesti liturgiche*. Milano: Ancora, 2008.

PANIZZA, Giorgio e MAZZOTTA, Adele B. (a cura di) *Pellegrino Pellegrini. L'Architettura*. Milano: Il Polifilo, 1990.

PANOFSKY, Erwin e Panofsky-Soergel, Gerda. *Abbot Suger on the Abbey Church of St.-Denis and Its Art Treasures*. New Jersey: Princeton University Press, 1979.

PASTOR, Ludovico Von. *Storia dei Papi*. Vol 7. Roma: Desclée & C. Editori, 1928.

PEDRO, Ana Paula Giardini. *A ideia de Ordem: Symmetria e Decor nos Tratados de Filarete*, Francesco di Giorgio e Cesare Cesariano. São Paulo: Edusp, 2014.

PEDROCCO, Filippo. *Veronese*. Firenze: Giunti, 2014.

PEVSNER, Nikolaus. *Panorama da Arquitetura Ocidental*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PIRRI, Pietro. *Giovanni Tristano e i primordi della architettura gesuitica*. Roma: Institutum Historicum, 1955.

POGGIASPALLA, Ferminio. *La vita comune del clero*. Dalle origini alla riforma gregoriana. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1968

PRODI, Paolo. *Arte e Pietà nella Chiesa Tridentina*. Bologna: Il Mulino, 2014.

PRODI, Paolo. *Il Cardinale Gabriele Paleotti (1522 – 1597)*, 2 vol., Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1959.

PROSPERI, Adriano. *L'Eresia del libro grande*: storia di Giorgio Siculo e della sua setta. Milano: Giangiacomo Feltrinelli, 2000.

PROSPERI, Adriano. *L'inquisizione Romana – Letture e ricerche*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2003.

PROSPERI, Adriano. *Tra evangelismo e controriforma*: Gian Matteo Giberti (1495-1543). Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2011.

RAPONI, Nicola e TURCHINI, Angelo (a cura di). *Stampa, libri e letture a Milano nell'età di Carlo Borromeo*. Milano: Vita e Pensiero, 1992.

RIVOLTA, Adolfo. *San Carlo Borromeo – Note biografiche*: studio sulle sue lettere e sui suoi documenti. Milano: ARA, 1938.

SALA, Antonio. *Biografia di San Carlo Borromeo*. Milano: Ditta Boniardi-Pogliani di Ermenegildo Besozzi, 1858.

SALA, Aristide. Documenti circa la vita e le gesta di S. Carlo Borromeo. Milano: Tipografia e Libreria Arcivescovile Ditta Boniardi-Pogliani di Ermenegildo Besozzi, 1861.

SALE, Giovanni. *Pauperismo architettonico e architettura gesuitica*. Milano: Jaca Book, 2001.

SALVARONI, Renata. *La fortuna del Santo Sepolcro nel Medioevo*. Spazio, liturgia, architettura. Milano: Jaca Book, 2008.

SCOTTI, Aurora e ZUCCHI, Cino. *Arte Lombarda*. Milano: Vita e Pensiero, 1990.

SEBASTIAN, Santiago. *Contrarreforma y Barroco*: lecturas iconograficas e iconologicas. Madrid: Alianza, 1989.

SIMONCELLI, Paolo. *Il caso Reginald Pole*: Eresia e santità nelle polemiche religiose del cinquecento. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1977.

SODI, Manlio et TRIACCA, Achille Maria. *Monumenta Studia Instrumenta Liturgica. Instructionum, Vol. 8*, Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000.

TORRE, Stefano della e SCHOFIELD, Richard. *Pellegrino Tibaldi Architetto e il San Fedele di Milano*. Invenzione e costruzione di una chiesa esemplare. Milano: Nodolibri, 1994.

TURCHINI, A. *La Fabbrica di un Santo – Il processo di canonizzazione di Carlo Borromeo e la Controriforma*. Casale Monferrato: Marietti, 1984.

TUZI, Stefania. *Le Colonne e il Tempio di Salomone*. La storia, la leggenda, la fortuna. Roma: Gangemi, 2002.

VILLOSLADA, Ricardo G. *Causas y factores historicos de la ruptura protestante*. Vizcaya: Editorial Angeles de las misiones, 1961.

VINAY, Valdo. *La Riforma Protestante*. Brescia: Paideia, 1982.

VITRÚVIO, Marcos Polião. *Tratado de Arquitectura*. Tradução de Manuel Justino Pinheiro Maciel. Lisboa: Ist Press, 2009.

VOLTA, Valentino (A cura di). *Rotonde d'Italia: analisi tipologica della pianta centrale*. Milano: Jaca Book, 2008.

WALZ, Angelus. *I domenicani al concilio di Trento*. Roma: Herder, 1961.

WITTKOWER, R. *Principi architettonici dell'Umanesimo*. Torino: Einaudi, 1994.

WITTKOWER, Rudolf e JAFFE, Irma B. *Architettura e arte dei gesuiti*. Milano: Electa, 1992.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Renascença e Barroco*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ZAGHENI, Guido. *A Idade Moderna – Curso de História da Igreja*, vol. 3. São Paulo: Paulus, 1999.

ZARDIN, Danilo. *La vita e i miracoli di San Carlo Borromeo*, Milano: Jaca Book, 2010.

ZARDIN, Danilo. *Riforma Cattolica e resistenze nobiliari nella diocesi di Carlo Borromeo*. Milano: Jaca Book, 1983.

Dicionários:

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero...* Coimbra: No Collegio das artes da Companhia de JESU, anno de 1712.

- FAZIO, Michelangelo. *Dizionario e manuale delle unità di misura*. Bologna: Zanichelli, 1985.
- FERREIRA, Antonio Gomes. *Dicionário de Português – Latim*. Porto: Editora Porto, 1991.
- FERREIRA, Emmanuelts Josephi. *Magnum lexicon novissimum latinum et lusitanum*. Parisiis, Apud V^{am} J. P. Aillaud Guillard et S^{em}, 1833.
- FONSECA, Pedro José da. *Diccionario Portuguez e Latino*. Lisboa: Na Typographia de José Baptista Morando, 1861.
- MAGNE, Augusto. *Dicionário Etimológico da língua latina*. Riio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.
- OTADUY, Javier; VIANA, Antonio e SEDANO, Joaquim. *Diccionario General de Derecho Canonico*, 6 vol., Navarra (Espanha): Editorial Aranzadi, 2012.
- SILVA, Jorge Henrique Pais e CALADO, Margarida. *Dicionário de termos de Arte e Architectura*. Lisboa: Presença, 2005.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. Porto: Editora Porto, 1982.

ANEXOS

Advertência

Apresentamos a seguir, em forma de anexos:

- a) o texto contendo nossa tradução das *Instruções* de Carlos Borromeu;
- b) o texto original latino das *Instruções* borromaicas;
- c) datas consideradas importantes para o conjunto histórico que propiciou a confecção desse texto pelo Borromeu.

Em nossa tradução, no Anexo I, acrescentamos algarismos arábicos. O mesmo fizemos no texto original. Essa numeração, como bem se entende, visa apenas facilitar ao leitor a localização do trecho traduzido na obra original, como forma de possibilitar a comparação dos textos.

ANEXO I

CARLOS BORROMEU

INSTRUÇÕES SOBRE A FÁBRICA E AS ALFAIAS²⁴¹ ECLESIÁSTICAS

DOIS LIVROS

CARLOS

**CARDEAL DA S. [anta] R. [omana] IGREJA COM O TÍTULO DE SANTA PRAXEDE²⁴²,
ARCEBISPO DA SANTA IGREJA MILANESA:**

²⁴¹ O termo latino “supellex, supelectilis”, usado nas *Instruções* de São Carlos Borromeu, embora encontre a equivalente “supellectile” na língua portuguesa, foi traduzido frequentemente por “alfaia”. Enquanto tal, *alfaia*, aparece em documentos eclesiásticos antigos e é palavra usada ainda hoje em documentos contemporâneos, nas suas versões para a língua portuguesa, como é o caso do *Código de Direito Canônico* e o *Catecismo da Igreja Católica*. Por esses motivos, optamos pelo seu uso. Sobre os documentos eclesiásticos antigos, ver, por exemplo: BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez e Latino*, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... Vol. 1, verbete *alfaia*, Coimbra: No Collegio das artes da Companhia de JESU, anno de 1712, p. 239; DA VIDE, Sebastião Monteiro. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, feitas, e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide. Arcebispo do dito arcebispado, e do Conselho de sua Majestade. Propostas e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de junho do ano de 1707. São Paulo: Na Typographia 2 de dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853. DA GRAÇA, Frei Manoel. *Cerimonial e Ordinário Monástico*. Dirigido e disposto conforme as leis da Igreja Romana, e os Antigos e Louváveis Costumes da Sagrada e Real Congregação de Nosso Padre S. Jeronymo de Portugal. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade, Anno de 1794, com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o exame e censura dos Livros.

²⁴² Em sua juventude, Carlos assinava suas cartas como “Carlo Buon Romeo”, talvez como maneira de sublinhar os laços romanos de sua família. Posteriormente assinará como *Carlo Borromeo*. A partir de 1575, renunciando ao brasão da família – do qual conservará apenas a palavra *Humilitas*, humildade – São Carlos passa a assinar como Carlo, cardeal de Santa Praxedes. Cf. AA. VV. *San Carlo Borromeo nel III° centenario della canonizzazione*. Milano:

AO CLERO E AO POVO DA NOSSA PROVÍNCIA, SAUDAÇÃO NO SENHOR.

Como consta no decreto por nós publicado no III Concílio Provincial²⁴³, damos à luz estas Instruções sobre a fábrica e as alfaias eclesiásticas; com efeito, nelas prescrevemos sobretudo aquelas coisas que vimos oportunas e apropriadas para o uso e ornamento mais frequente das igrejas de nossa província, tanto sobre a construção de edifícios sagrados, capelas, altares, oratórios, batistérios, sacrários e outras coisas deste gênero que devam ser construídas, quanto acerca das vestes igualmente sacras, ornamentos, vasos e qualquer outro aparato eclesiástico que deva ser confeccionado.

De propósito omitimos, além daquele imenso aparato de alfaias preciosas, aquelas formas múltiplas de edifícios eclesiásticos, como também suas partes e várias espécies de ornamentos que raramente e só por acaso são usados, sobretudo nesta nossa província eclesiástica ou que certamente requeiram, de modo necessário, o julgamento ou o conselho dos professores da arte arquitetônica²⁴⁴.

Naquele sínodo provincial, por conselho de nossos co-bispos, foi estabelecido que esta obra deveria ser confeccionada sob o nosso cuidado. Por isso somente tivemos em consideração a isto: cuidar diligentemente que as nossas constituições provinciais e os nossos decretos deste gênero se colocassem em uso conforme a norma de edificação, ornato e aparato eclesiástico de uma forma determinada, mostrada através de nós, conforme as razões dos padres; e prover para o esplendor e para o culto, no futuro, de todas as igrejas, particularmente das paroquiais.

E, portanto, como já nos dávamos conta de que esta obra era necessária, percebíamos também que ela, em muitos aspectos, complicada e difícil, necessitava de nossa parte uma demorada

Amministrazione della Scuola cattolica, 1910, p. 42 e CELIER, Leonzio. *San Carlo Borromeo (1538-1584)*. Roma: Desclée & C., 1912, pp. 177-178. Sobre a importância que São Carlos atribuía ao brasão da família em juventude, cf. FRANCESCHI, Dario. *San Carlo Borromeo (1538-1584)*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1938, p. 56.

²⁴³ Concilium Provinciale III (1573): *Quae pertinet ad ornatum et cultum ecclesiarum* (*Acta Ecclesiae Mediolanensis*, ed. A. Ratti, vol. II, col. 265-267).

²⁴⁴ Essa simples afirmação oferece um indício de que seria bem possível que o Borromeu não desconhecesse os problemas postos pelos Tratados de arquitetura da época; aqui há uma consciência clara de que as Instruções não devem ser lidas como um tratado, mas como um conjunto de regras sobre arquitetura, com escopo eminentemente pastoral. A propósito da sensibilidade do Borromeu para a arquitetura, como acenado mais vezes, o biógrafo Giussano dizia: “[...] essendo egli stato huomo di gran giudizio in materia de architettura” ([...] tendo sido ele [Borromeu] homem de grande julgamento em matéria de arquitetura. Trad. Nossa.). GIUSSANO, Giovanni Pietro. *Vita di San Carlo Borromeo, prete cardinale del Titolo di Santa Prassede, Arcivescovo di Milano*. In Brescia: Francesco Tebaldino, 1613, p. 73.

diligência, bem como de muitíssimo tempo livre, do qual carecíamos em outras ocasiões, ocupados em diversos serviços arcebispaís. Tal ócio nos falta sobretudo agora nestes tempos, nos quais devemos, com toda a paterna solícitude, cuidar, vigiar e socorrer continuamente à saúde de nossa grei, que sofre da doença contagiosa da peste²⁴⁵. De consequência, se quiséssemos incluir todas as coisas, teríamos que retardar muito mais a edição destas nossas instruções. Porém, causas superiores, assim como, em primeiro lugar, o devido empenho para a realização das nossas constituições provinciais e da visita apostólica, nos impulsionaram tão claramente que não poderíamos prorrogar por mais tempo esta coisa necessária da realização das constituições e decretos, já que é evidente a conveniência de que se façam ou de que se preservem por meio daqueles mesmos decretos, as construções de altares, de batistérios e de outras partes da igreja, e do aparato de alfaias, de acordo com os critérios expostos nestas nossas instruções.

Por isso, as demos à luz e nelas incluímos, como em seguida narramos, as coisas que percebemos como melhores e mais comuns para o uso de nossa província. Porém, com respeito às muitas outras coisas que pertencem à augustíssima arte das sacras basílicas²⁴⁶ e ao esplendor de toda edificação eclesiástica, e que foram tratadas, sábia, copiosa e utilmente por escritores de arte arquitetônica, julgamos que seja oportuno seguir o conselho de arquitetos peritos²⁴⁷. Da mesma maneira propomos que nisso se imite, aquela antiga piedade e religião dos fieis, estimulada desde os tempos apostólicos, e que brilhou maravilhosamente nestas construções de templos sacros e no admirável aparato das sagradas alfaias. Pois bem,

²⁴⁵ Em agosto de 1576 a cidade de Milão foi assolada pela peste; esta durou por quase todo o ano de 1577. Alessandro Manzoni, em sua famosa obra “I Promessi Sposi” (na versão brasileira, “Os Noivos”), faz alusão a esse evento. Para a ação do Borromeu durante a peste, cf. GEMELLI, A. *Un importante documento riguardante l’opera di San Carlo durante la peste del 1576-77*. In: AA. VV. *San Carlo Borromeo nel III° centenario della canonizzazione*. Milano: Amministrazione della Scuola Cattolica, 1910, pp. 324-330.

²⁴⁶ Em relação às basílicas romanas cristãs, em 1570 havia surgido a primeira edição de uma obra que havia causado certo impacto, trata-se do escrito de do Frei Onofrio Panvinio: Onuphrii Panvini Veronensis, Fratris Eremitae Augustiniani. *De praecipuis urbis Romae sanctioribusque basilicis quas septem Ecclesias vulgo vocant, Liber*. Coloniae, apud Maternum Cholinum, Anno MDLXXXIII. Durante o processo eclesiástico para a canonização de Carlos Borromeu, em 1603 aparece o testemunho de Ottaviano Abbiate Forerio, por meio desse testemunho sabemos que, em 1575, quando o Borromeu se encontrava em Roma, ele: “andava a molte chiese antiche dentro e fuori della città per riconoscere gli Amboni, i Battisteri, i campanili ed altre parti della chiesa per finire il libro che fece poi stampare dall’Istruttore delle fabbriche ecclesiastiche”. Manoscritto della Biblioteca Ambrosiana, S. Q. – II, 28 (fol. 423v). Apud: CASTIGLIONI, Carlo e MARCORA, Carlo. *Arte Sacra*. Milano: Tipografica Sociale, 1952, p. 10. Segue nossa tradução: “ia a muitas igrejas antigas, dentro e fora da cidade [de Roma], para reconhecer os Ambões, os Batistérios, os campanários e outras partes da igreja, para terminar o livro do Instrutor [sic] das fábricas eclesiásticas, que depois fez publicar”.

²⁴⁷ É interessante recordar que, também em 1570 Andrea Palladio havia publicado seus quatro livros sobre a arquitetura, obra destinada a dar influência duradoura à teoria arquitetônica. Cf. PALLADIO, Andrea. *I Quattro Libri dell’Architettura*. In Venetia, apresso Dominico de Franceschi, 1570.

antigamente se levantou uma ingente estrutura e uma multidão de igrejas, como indicam os vestígios que se apreciam nestes tempos; além de uma ingente e preciosíssima abundância de indumentárias e vasos sagrados. Sabemos que os cálices, os candelabros e muitíssimas outras coisas deste gênero feitas de ouro e prata, dedicadas ao uso eclesiástico, assim como os paramentos, ora dourados, ora cobertos de ouro ou prata, e toda a alfaia eclesiástica, não só em Roma, em Jerusalém e em Constantinopla, mas - e isto deve ter muitíssimo vigor para inflamar nossa piedade - até mesmo em Milão eram de tão grande valor, que nosso pai e patrono, o santíssimo Ambrósio, por suma e urgente necessidade, teve aí o bastante para, algumas vezes, resgatar prisioneiros, ou sustentar os pobres²⁴⁸. Do mesmo modo, São Jerônimo transmitiu que antigamente foram escritos livros e códices sacros, dourados e guarnecidos com púrpura e bisso²⁴⁹, cinzelados em ouro e prata, e alguns com caracteres unciais de ouro e prata. Aceitai, pois, com benevolência estas nossas instruções que queremos vos dar acerca da fábrica e das alfaias eclesiásticas na medida em que vos dais conta de quão numerosos e grandes eram os efeitos destes mesmos princípios no passado, já que fostes incitados pelos exemplos externos, mas também pelos domésticos, nesta antiga piedade e liberdade religiosa que merece ser sempre tomada como exemplo. Não vos esqueçais de dar sequência a estas nossas prescrições, seguindo-as a tal ponto, que nós possamos louvar ao Senhor por este vosso empenho piedoso e que vós, portanto, possais receber de Deus, remunerador de todos os bens um riquíssimo e sempiterno prêmio.

Deus vos abençoe.

²⁴⁸ Cf. AMBROSIUS, *De Officiis Ministrorum*, Liber II, nn. 137-143.

²⁴⁹ O *bisso* é uma substância produzida pela concha marinha *Pinna nobilis*, considerada a maior concha do Mediterrâneo. A concha produz longos filamentos dourados com os quais o molusco consegue se ancorar firmemente ao fundo marinho. Esses filamentos eram recolhidos e trabalhados de maneira meticulosa, com a finalidade de produzir o *bisso*, ou a “seda do mar”. O tecido assim produzido tinha propriedades particulares, como a de produzir um brilho dourado quando exposto à luz solar, e custava cerca de cem vezes mais que a seda. Em virtude de seu alto custo, nem sempre a palavra *bisso*, usada nos textos antigos, se referirá ao *bisso* verdadeiro, mas aos tecidos preciosos em geral, como a seda, brocados e adamascados. Cf. MACKINLEY, Daniel. *Pinna and her silken beard: a foray into historical misappropriations*. Winnipeg (Canadá): Charles Babbage Research Centre, 1998. Disponível in <http://www.muschelseide.ch/it/bibliographie/Monographien.html> acesso, 20.08.2015.

[Livro I das Instruções]

CAPÍTULO I

LOCALIZAÇÃO DA IGREJA

[1]

Quando se deve edificar uma igreja, primeiramente deve se escolher o lugar mais apropriado para esta edificação, de acordo com o julgamento do bispo e sob o conselho de arquiteto por ele designado e aprovado.

Em tal coisa, observe-se bem que, onde quer que ela seja construída, isso seja feito num lugar um pouco elevado.

Porém, se o lugar onde se deva construir a igreja for totalmente plano, escolha-se aí, pelo menos, um lugar que se sobressaia, em modo que, uma vez construída a igreja, a ela se ascenda mediante três ou no máximo cinco degraus²⁵⁰. Caso a natureza do lugar nem mesmo isso permita, por não ter nenhuma parte que se sobressaia desse modo, proporcione-se tal auxílio pela estrutura das bases da igreja, de modo que uma vez construídas superem aquela planície natural do lugar, de tal forma que se ascenda ao pavimento da igreja através daqueles três ou cinco degraus.

Além disso, a fim de que a igreja seja tida em maior veneração, se providencie enquanto possível, que a mesma esteja longe de todo barulho que causa perturbação aos ofícios divinos; ao eleger o lugar, também há que se utilizar desta precaução: que a sua posição seja num lugar distante de todo lodo, lama, sujeira e de toda classe de imundície; de estábulos, apriscos, tabernas, ferrarias, mercados e de toda praça onde haja vendas; e que nem esteja perto de uma região que tenha lugares dessa natureza.

Tenha-se também a precaução de que seja escolhido um lugar tal onde a igreja possa ser edificada como uma ilha, isto é, desunida e separada, com um intervalo de alguns passos, das paredes das outras edificações, como se mostra abaixo ao falar-se do pátio, de como se trate

²⁵⁰ Já Vitruvius em seu *De Architectura*, afirmava que os degraus de um templo deveriam ser em número ímpar: *De architectura, Liber III, caput IV, 4*. Cf. POLIÃO, Marco Vitruvius. *Tratado de Arquitetura, Decem libri*. Tradução de M. Justino Maciel. Coimbra: Ist press, 2009³, p. 119.

de um antigo costume e de como a razão certamente o pede. Isso porém, se pode fazer em todo lugar, e com mais facilidade nas aldeias e lugares onde não há muitas edificações.

A proximidade e a ligação dos edifícios eclesiásticos com o lugar da igreja.

[2]

No entanto, não é contrário à razão da edificação eclesiástica que de algum lado se encontrem as moradias dos ministros da igreja, sobretudo dos bispos, dos cônegos e dos párocos. Não, porém, de modo a aderirem às paredes do edifício da igreja, mas ligadas mediante muros construídos que atravessam o espaço daquela área ou distância, e próximas ao lugar dos edifícios sagrados, como previsto pelo cânon do Concílio de Cartago²⁵¹.

A moradia dos ministros, que são chamados de guardiões ou sacristãos, pode ser construída junto à igreja ou à sacristia, ou em lugar acima da sacristia, como é o caso em algumas igrejas, para que as coisas eclesiásticas confiadas ao seu cuidado estejam mais seguras de todo perigo de sacrilégio, roubo ou incêndio. Em tal construção se deve observar o seguinte: primeiro, que a vista da igreja não seja impedida ou prejudicada pela estrutura dessa habitação, nem se tire ou diminua a luz das janelas da igreja, ou se lhes ocasione algum impedimento.

Em segundo lugar, que em tal habitação não se faça alguma abertura ou janela da qual se possa olhar para dentro da igreja. Além disso, que não haja uma porta pela qual se abra um caminho ou uma entrada através da igreja, para uso privado e quotidiano de trazer e levar as coisas domésticas, mas somente uma pela qual eles entrem na igreja para realizar os ofícios divinos e suas tarefas.

A área da igreja

[3]

Além disso, se deve ter o cuidado para que a área da igreja não seja escolhida em um lugar úmido ou pantanoso e nem mesmo próxima a colinas ou a lugares em declive, de onde uma torrente ou outra água que desça com força possa ocasionar dano ao edifício.

²⁵¹ CONCILIO CARTHAGINENSIS IV, Can. 14 (*De cellula sacerdotis*). Este concílio foi realizado no ano de 398.

Quando, alguma vez, for necessário que se edifique em um declive, faça-se ali através do trabalho de homens, uma área plana que corresponda ao tamanho da futura igreja: na sua parte de trás e do seu lado, haja um espaço igualmente plano de doze côvados²⁵² ou mais, conforme a exigência da construção, até a rocha escavada ou talhada e esta seja ainda reforçada por um muro sólido; além disso, se escavem aqui e acolá canais pelos quais a água, que às vezes aí conflui, seja desviada.

A amplitude da área da igreja

[4]

Além disso, a amplitude da área da igreja deve ser de tal modo que possa conter, não só a multidão do povo que habita no lugar onde ficará a futura edificação da igreja, seja paroquial, colegial ou catedral, mas que também possa conter a frequência de pessoas que às vezes acorrem às solenidades. Neste contexto não se deve negligenciar que cada pessoa tenha tanto espaço quanto um côvado e oito onças²⁵³ de cada lado e isso afora do espaço que as colunas ou pilares e as paredes ocupam.

CAPÍTULO II

A FORMA DA IGREJA

[5]

²⁵² Sobre o côvado, simplesmente não há um consenso sobre essa medida. Para alguns, o côvado Milanês seria equivalente a 0,415 m. Nas edições das *Acta Ecclesiae Mediolanensis*, onde está reproduzido o texto das Instruções, chega-se a dizer no final da reprodução do livro segundo chega-se a dizer: “Cubiti, qui ex unciis vigintiquattuor constat, dimidia pars unciatim delineata, haec est”. O que corresponderia a 0,22 m. Na edição das *Acta* de Achille Ratti, confere-se ao cúbito a medida de 44 cm. A edição de 1843, das mesmas *Acta* interpreta o côvado como tendo 20,8 cm. De todo modo, Marcora e Castiglioni pensam que as medidas não devem ser entendidas como taxativas, mas apenas como exemplificativas. Cf. CASTIGLIONI, Carlo e MARCORA, Carlo. *Arte Sacra*. Milano: Tipografica Sociale, 1952, p. 106.

²⁵³ A onça era uma antiga unidade romana – *uncia* – se servia para a mensuração de pesos e distâncias. Na Itália, a medida e equivalia, em geral, à duodécima parte do côvado. Ainda hoje no italiano moderno subsiste a expressão “un’oncia” para dizer uma pequeníssima quantidade. Cf. FAZIO, Michelangelo. *Dizionario e manuale delle unità di misura*. Bologna: Zanichelli, 1985, p. 155.

É isso o que temos a dizer sobre a localização da igreja; a seguir a forma como edificá-la. Já que esta pode ser múltíplice, para bem escolhê-la, em razão da localização e do tamanho da edificação, o bispo deverá recorrer ao conselho de um arquiteto perito. No entanto, a melhor forma para tal edificação, é quase sempre, desde os tempos apostólicos, a cruciforme, como claramente se observa nas sacras basílicas romanas maiores, assim edificadas. Todavia, aquele tipo de edifícios redondos era em uso antigamente nos templos dos ídolos, mas é menos usado pelo povo cristão²⁵⁴.

Portanto, toda igreja, e sobretudo aquela que requer um tipo insigne de estrutura, de preferência, seja edificada de modo que tenha a forma de cruz; pode ser múltíplice ou alongada; esta de uso mais frequente, as demais são menos usadas.

Por conseguinte, a construção com planta de cruz alongada seja observada, enquanto possível, na construção de toda igreja, seja catedral, colegial ou paroquial. Porém, quando por conselho do arquiteto, o lugar exige outra forma de construção que não a da cruz alongada, então a estrutura da igreja poderá ser feita de acordo com o modo prescrito por aquele, depois de aprovado pelo julgamento do bispo.

O modo de construir uma igreja em forma de cruz

[6]

E esta mesma igreja em forma de cruz, que terá só uma, ou três, ou cinco, como dizem, naves, pode ter vários outros desenhos e medidas, ou esta única forma: quer dizer, que sejam construídas fora do ingresso da capela mor, duas capelas, uma de cada lado, à semelhança de dois braços, feitas de modo que se sobressaíam da amplitude de todo o edifício da igreja e também um pouco por fora em proporção arquitetônica.

CAPÍTULO III

AS PAREDES EXTERNAS E O FRONTISPÍCIO.

[7]

²⁵⁴ O Borromeu certamente conhecia as antigas igrejas romanas de Santo Estêvão e de Santa Constância, ambas de planta circular. Para as igrejas Paleocristãs, cf. KRAUTHEIMER, Richard. *Arquitectura Paleocristiana y Bizantina*. Madrid: Catedra, 2005³.

No entanto, tudo que pertença ao gênero da estrutura, ao bom material das paredes e a sua firmeza, ao reboco ou obra dos tetos e demais coisas, determine-se com a maior diligência, de acordo com o julgamento do bispo e com o conselho do arquiteto, conforme a maneira em que a igreja deva ser edificada e segundo a condição da região ou do lugar. Nas paredes externas tenha-se esta norma: nas laterais e na parede do fundo não se represente nenhuma imagem. Ao invés, a frente apresentará um aspecto tanto mais decente e majestoso quanto mais se ornará de imagens sagradas ou de pinturas que expressem feitos da história sagrada.

Por conseguinte, no pio ornamento do frontispício, de acordo com o estilo da estrutura eclesiástica e com a magnitude do edifício, o arquiteto cuide para que nada de profano apareça, e aquilo que convenha à santidade do lugar se represente de acordo com as possibilidades.

Porém, mais do que em outras coisas, empenhe-se nisto: que no frontispício de cada igreja, sobretudo se for paroquial, na parte superior da porta maior, por fora, seja pintada ou esculpida decorosa e religiosamente a imagem da Bem Aventurada Virgem Maria, com seu filho Jesus em seus braços; do lado direito da Virgem seja representada a efígie do santo ou santa com cujo nome aquela igreja é chamada; igualmente, de seu lado esquerdo, se represente a imagem do santo ou da santa pelo qual, o povo daquela paróquia tenha a maior veneração, ou, pelo menos, caso não seja possível se fazer o tríptico conjunto das imagens, faça-se somente a figura do santo ou santa com cujo nome a própria igreja é denominada. Se a igreja tem como título ou dia festivo a Anunciação, ou a Assunção²⁵⁵, ou a Natividade de Santa Maria, que seja representada a imagem da beatíssima Virgem que seja mais conveniente para exprimir o mistério. No entanto, para que a imagem seja perpetuamente protegida contra a chuva e a inclemência do tempo, o arquiteto deverá prever diligentemente pelo modo de construir.

As demais coisas, sejam elas esculturas ou obras de pintura, e outros ornamentos nobres e simples, que tornam a majestade do frontispício da igreja augusta e religiosa, o bispo, se for necessário, assistido pelo arquiteto, decidirá conforme exige o tipo de edifício eclesiástico que se constrói.

²⁵⁵ Um dado histórico. O Dogma da Assunção só seria proclamado oficialmente por Pio XII no dia 1º de novembro de 1950 por meio da constituição *Munificentissimus Deus*. Havia muita discussão entre os teólogos e não existia acordo sobre a validade dessa crença. No entanto, nos setores mais populares e naqueles que tinham uma piedade mariana muito acentuada, era comum favorecer as manifestações relativas à essa visão. Aqui o Borromeu, com boa probabilidade, ao afirmar esta devoção denota sua piedade pessoal, mas também se verifica uma nota de acentuação da identidade católica contra o protestantismo, que não aceitava essas ideias e que foi se tornando um fenômeno comum à contrarreforma.

CAPÍTULO IV

O ÁTRIO, O PÓRTICO E O VESTÍBULO.

[8]

Além do mais, o átrio seja feito na frente do edifício sacro segundo a razão da área e conforme a estrutura do edifício eclesiástico, sob o conselho do arquiteto, circundado por dentro e por todos os lados com pórticos e adornado com outra obra decorosa de arquitetura.

Porém, se a causa da estreiteza do lugar ou devido a uma falta de recursos, este não possa ser edificado, procure-se construir na frente, de modo semelhante, pelo menos um pórtico. Este pórtico, erigido com colunas de mármore, ou pilastras de pedra ou de tijolo, se adapte exatamente pelo comprimento à largura da igreja. Porém, sua largura e sua altura devem ser tais que respondam reta e convenientemente em proporção à sua longitude.

Desta forma, convém que um pórtico se sobressaia em cada igreja paroquial. Se, a causa de pobreza, nem isto se pode executar, em todo caso se cuide pelo menos que diante da porta maior se levante um vestíbulo construído de tal modo que, somente com duas colunas ou pilastras, um pouco distantes da porta, fique edificado em forma quadrada; e que haja tanto espaço, que seja um pouco mais amplo que a porta da igreja.

CAPÍTULO V

O TETO

[9]

Deve-se pensar bem no teto, pois ele protege a todo o edifício e se ele for mal feito e mal sustentado, a madeira se apodrece, as paredes se estragam e lentamente se arruína toda a estrutura; certamente ao cobrir a igreja que se constrói para a perpetuidade, para as sagradas imagens, todo pio ornato e aparato religioso, exige-se uma diligente e singular solicitude do arquiteto.

Qualquer que seja a forma do teto, o arquiteto deve escolher a mais adequada para o edifício: ou inclinado, ou abobadado, ou artesoadado²⁵⁶. Veja em primeiro lugar que a matéria lígnea empregada, isto é, os caibros, as tesouras, os barrotes e outras coisas deste gênero, que compõem o telhado e todo o madeiramento, sejam bem firmes. Porém, como a maneira de cobrir o telhado é diferente conforme o costume das regiões e a forma dos edifícios, o arquiteto veja qual é o que melhor corresponde à construção da igreja. Ao cobrir os telhados das igrejas que se edificam com estrutura insigne e estão providas de muito dinheiro, convém usar telhas, se não de bronze, como antigamente, pelo menos de chumbo.

Construir tetos artesoados nas igrejas nos ensina o uso de algumas basílicas romanas, e aconselha o significado do mistério²⁵⁷; mas, construir em forma de abóbada, para que os edifícios estejam mais a salvo de incêndio, não será estranho, conforme o uso de determinados lugares; tais tetos abobadados se podem bem observar nas basílicas insignes e antigas na cidade e na província de Milão.

Porém, se deve tomar cuidado para que a projeção do telhado seja de modo tal que a água da chuva fique afastada da parte baixa das paredes ou fique longe delas; o arquiteto deve cuidar para que isso seja feito, na medida do possível, de forma adequada e decente, conforme determinada obra de estrutura.

Igualmente para que as paredes não recebam dano das cornijas, por causa do gotejamento constante, lá onde seus fundamentos saem da terra, sejam feitos pavimentos de pedra²⁵⁸ bem consolidados que levem as águas embora e a terra ali amontoada seja definitivamente removida para longe.

²⁵⁶ Abóbada, teto ou intradorso de arco guarnecido de ornato entre molduras. O teto artesoadado é aquele formado por painéis delimitados por molduras salientes à maneira de vigas articuladas. Cf. SILVA, Jorge Henrique Pais e CALADO, Margarida. *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Presença, 2005, p. 45.

²⁵⁷ Muitas vezes o Borromeu invocar o significado místico de alguns elementos presentes em seu texto. Em geral ele se refere àquelas que foram, com boa probabilidade, suas fontes para a confecção das *Instruções*: o *Rationale Divinorum Officiorum*, texto que interpreta alegoricamente a arquitetura religiosa, produzido por Guilherme, bispo de Mende, entre os anos de 1286 e 1291; o *De sacro Altaris Mysteriorum*, obra sobre a missa feita pelo papa Inocêncio III (1161-1216) e o *Mitrato*, uma obra em 9 volumes sobre a liturgia e considerada de grande importância no período medieval; foi escrita pelo bispo Sicardo de Cremona (1155-1215). Cf. CATTANEO, Enrico. La cultura di San Carlo. San Carlo e la cultura. In: RAPONI, Nicola e TURCHINI, Angelo (a cura di). *Stampa, libri e letture a Milano nell'età di Carlo Borromeo*. Milano: Vita e Pensiero, 1992, p. 25.

²⁵⁸ A palavra empregada por São Carlos Borromeu no texto latino é provavelmente um neologismo: *Litostrados*. *Listóstrotos* vem do grego λιθόστρωτον e designa o pavimento calçado com pedras (ver, por exemplo, o uso dessa palavra no texto original grego do evangelho de João – Jo 19,13).

Além disso, para que as paredes não sejam penetradas por goteiras da chuva - se talvez telhas ou telhas canais se corrompessem -, em seu topo, debaixo das traves do telhado deve-se fazer uma estrutura ou cimalha de tijolos com cornijas proeminentes, que ajudará também na projeção do telhado.

CAPÍTULO VI

O PAVIMENTO

[10]

E isto baste para o que diz respeito ao teto; agora segue sobre o pavimento, cujo qual na igreja não se disponha em forma de espiga de trigo²⁵⁹, nem será de ladrilhos cozidos e nem de outro tipo de ladrilho, a menos que seja vitrificado. Porém, numa igreja insigne, e nas capelas maiores, e em outras de preclara estrutura, o pavimento seja de mármore, ou de outra pedra sólida, calcetado²⁶⁰, ou em forma de xadrez, polidamente confeccionado, ou também em mosaico. Porém, em outras igrejas ou capelas onde isto não é possível, confeccione-se o pavimento com pedras duras²⁶¹ bem alisadas ou com ladrilhos de barro cozidos. Seja qual for o pavimento, nele não se exprima, nem com pintura, nem com escultura a cruz; como tampouco alguma imagem ou história sagrada, ou outra, que leve algum símbolo alusivo a um sacro mistério.

CAPÍTULO VII

AS PORTAS

[11]

Sobre as portas e os pára-ventos dos sacros edifícios, foram escritas por sábios arquitetos muitas coisas que devem ser observadas acuradamente conforme o tipo de igreja a ser edificado e conforme o modo de sua estrutura. Cuide-se, no entanto, que na parte superior, não

²⁵⁹ O Borromeu quer dizer aquilo que hoje chamaríamos de “espinha de peixe”.

²⁶⁰ Literalmente *tessellato*. A tessela é a laje de pedra para revestir pisos internos ou cada uma das pequenas peças do mosaico. Talvez ele se refira ao piso em mosaico calcetado. Cf. SILVA, Jorge Henrique Pais e CALADO, Margarida. *Dicionário de termos de Arte e Architectura*. Lisboa: Presença, p. 354.

²⁶¹ No original, literalmente, *sílex*.

sejam arqueadas, - pois devem ser diferentes das portas das cidades - mas sim quadrangulares, como se observa nas basílicas mais antigas. E que também não sejam mais baixas do que uma estrutura humilde, mas sim duas vezes mais altas que sua largura, como pede a razão arquitetônica.

Na parte superior pode-se acrescentar uma cornija de obra decente, da qual se sobressaia um elemento curvo, similar a um hemicíclo ou oval²⁶², onde as sacras imagens – como acima se descreveu - possam ser esculpidas ou pintadas, como se observa nas antigas e nas mais insignes basílicas milanesas.

Na fachada da igreja construam-se as portas e, naturalmente, em número ímpar, tantas, quantas são as naves da igreja. Se a igreja tem várias naves, a nave central - quando a sua amplitude o permitir - terá na frente três portas; mas se tem uma só nave, também terá na frente três portas, pois as basílicas romanas mostram que a entrada das igrejas deve estar aberta por várias portas, por muitos motivos, como, por exemplo, a separação entre os homens e as mulheres

A porta central deve distinguir-se das demais, pelas suas ombreiras e principalmente pelo ornato, sobretudo na basílica catedral onde convém orná-la com escultura de leões, a exemplo do templo de Salomão, o qual ordenou que estes fossem esculpidos nas bases, para que indicassem a vigilância dos prelados; e é isto mesmo que se observa, com magnificência, em várias portas assim construídas nas basílicas catedrais nesta província milanesa.

As folhas das portas da igreja devem ser de tal modo que ostentem mais solidez do que ornamento. Para tanto seria conveniente que fossem feitas de cipreste ou de cedro; se não, quando se possa, de nogueira; ornadas com obra de artesão que não imite a tenuidade da pintura, mas, como uma escultura representada piedosamente, fique saliente por certo tempo. Mas seria mais conveniente ornar com lâminas de bronze e com obras cinzeladas de imagens sagradas, as folhas das portas das igrejas mais insignes, já que, como transmitiu a memória, as folhas das portas de basílicas romanas, não eram somente de bronze, mas às vezes de prata ou revestidas de prata.

Estas folhas das portas da entrada estejam firmemente munidas por dentro com ferrolhos, travas e chaves um tanto grandes, mas por fora, não deve haver de modo algum [esses dispositivos]. Porém, onde isso for alguma vez necessário, é permitido construir nas folhas de

²⁶² *Scaphae, scafo*, literalmente esquite, em referência ao bojo do barco, nicho.

uma única porta, que fica ao lado da porta maior²⁶³, uma pequena portinhola, munida e consolidada firmemente com os mesmos dispositivos na parte de fora. No entanto, na parte de trás e também não dos lados, seja construída porta alguma da igreja, a não ser uma que seja necessária para entrar na sacristia, ou no campanário, ou no cemitério, ou nas moradas dos ministros da igreja.

Do mesmo modo, nenhuma [porta] deve existir próxima ao altar, ou de sua região lateral, ou de outro lugar semelhante, que deixe ver diretamente o altar e de onde possa surgir alguma vez o perigo de impedimento ou de irreverência, ou perturbação para os sacros ministérios.

CAPÍTULO VIII

AS JANELAS

[12]

Seja isto suficiente sobre as portas, já que muitas outras coisas sejam deixadas para o juízo do perito arquiteto. Resta tratar acerca das janelas as quais serão construídas nas igrejas e nas capelas conforme a razão de sua arquitetura e segundo o modo e a magnitude do edifício. E aqui não há porque ensinar algo a propósito de sua altura e largura, ou de muitas coisas acerca de sua forma, devendo-se melhor tomar orientações deste gênero, da arte arquitetônica.

No entanto, nas janelas dos edifícios sagrados conservou-se muitas vezes esta forma: que na parte superior apareçam um pouco arredondadas; nas laterais, um pouco mais largas no interior que no exterior, conforme recomenda também a razão do mistério, mostrada pelos Padres.

Na nave central da igreja, quando seja possível por causa da altura do teto mais elevado, assim como também nas naves inferiores, se farão janelas laterais, e estas serão ímpares de ambos os lados; e construídas sempre no meio de cada intercolúnio, de tal ordem, que se correspondam simetricamente, e não distem muito do *zoóforo*²⁶⁴ ou do *epistilo*²⁶⁵ do teto. Mas de onde a igreja ou a capela mor recebem o maior volume de luz, pode-se construir uma janela *orbicular*²⁶⁶, ampla conforme o modo da igreja, à semelhança de um olho, na parte da frente,

²⁶³ Ele quer dizer, em apenas numa das portas laterais.

²⁶⁴ O friso com motivos animais ou vegetais.

²⁶⁵ A arquitrave.

²⁶⁶ Isto é, o óculo da igreja.

acima da porta maior, e por fora adornada conforme o estilo da igreja. Nas outras naves, sejam feitas igualmente no frontispício, de forma oval conforme julga o arquiteto.

No entanto, também se pode receber luz para uso da capela e da igreja, da cúpula, quer dizer, a partir do ponto mais alto da abóbada²⁶⁷, com janelas feitas em todos os lados.

Na capela mor, e também em cada uma das menores, conforme sua magnitude e medida se construam janelas de ambos os lados; que sejam feitas de modo que se ofereça luz dos dois lados. Mas, se de maneira alguma se pode receber luz dos lados, e não é suficiente aquela que entra pelo orbicular, ou por outras janelas do frontispício, ou ainda, de outro lado, seja ela recebida da parede do fundo da capela.

Mas tome-se cuidado para que as janelas não ocupem algumas das partes de qualquer altar, nem sequer uma mínima: sobretudo que não apareçam diretamente alinhadas com o altar que está próximo da parede mesma, ou até, de algum modo, estejam diretamente acima do altar.

Além disso, se por nenhuma parte se pode ter cômoda e adequadamente luz, então a janela, que necessariamente deve ser construída por cima do altar, tenha por baixo um peitoril saliente para fora, um pouco em declive, recoberta com obra de ladrilho ou com uma tábuia sólida marmórea ou de bronze, de tal modo que a água se desvie completamente para fora; para dentro, ao invés, nem sequer uma gota penetre.

Também se deve ter a precaução de que, se acontecer de a igreja ser edificada num lugar montanhoso ou outro, onde a força dos ventos costuma ser muito grande, façam-se as janelas de todos os lados, sobretudo no lado norte, como manda a arquitetura, de tal modo que por nenhuma parte surja deterioração para a igreja, nem perigo para os sacros ministérios, nem incômodo para os fieis que rezam.

Construam-se as janelas, em geral, no alto, e de tal modo que alguém que está fora, daí não possa olhar para dentro. Porém, onde alguma vez for necessário construir uma janela menos alta do que se prescreve, o que facilmente venha a ser o caso na reforma de igrejas antigas, ela seja guarnecida com lâminas de vidro, que de maneira alguma possam ser abertas, para que não se possa olhar para dentro.

²⁶⁷ Literalmente o Borromeu diz: *ex umbilico scilicet fastigiatae fornicis*, isto é: a partir do umbigo da abóbada... entendemos que ele se refira à lanterna, ou ao lanternim, da cúpula.

Por outro lado, todas as janelas, quaisquer sejam, tenham, se possível, caixilhos de ferro e também vidro translúcido, não pintado por nenhuma parte, a não ser com a imagem do santo, com cujo nome a igreja ou capela é chamada, a fim de que se receba mais claramente a luz para uso daquela capela ou igreja. Também sejam protegidas por fora, de todos os lados, com fios metálicos²⁶⁸ em forma de rede. Tal trabalho em vidro, ou sua proteção em rede, pode ser melhor adornado, conforme o modo do edifício. No entanto, nas igrejas em que, por sua pobreza, não se possam fazer janelas com vidro, pelo menos se deveriam fazer telas. Mas independentemente do tipo ou das características [das janelas], em todo caso, devem ser de tal modo que alguma vez possam se abrir ou ser tiradas para as exalações de todo vapor encerrado no âmbito da igreja ou da capela.

CAPÍTULO IX.

A ESCADA E AS GRADES DA IGREJA

[13]

Agora será oportuno dar alguma instrução sobre a escada e os degraus que são necessários para subir até a igreja, se ela foi construída num lugar mais elevado.

Assim, pois, se o terreno no lugar onde a igreja deve ser construída sobressai da planície, de tal modo que seja necessária uma escada que conste de numerosos degraus, então ela seja construída de mármore ou, pelo menos, de pedra sólida, ampla em proporção à largura da igreja, com tantos degraus quantos são necessários para subir com comodidade. Nisso se deve prestar atenção para que eles existam em número ímpar; e no quinto, ou também no terceiro, degrau haja um plano²⁶⁹ que tenha, em razão da subida, uma largura conveniente de mais ou menos três côvados.

Porém, se por causa da altitude da subida devessem ser colocadas várias ordens de degraus, é necessário levar ainda em conta que eles sejam em número ímpar. Os diversos degraus tenham uma altura de oito onças e aproximadamente um côvado de largura, ou um pouco mais amplos conforme requer o tipo da estrutura.

²⁶⁸ Bronze, ou cobre, ou latão.

²⁶⁹ Um patamar.

CAPÍTULO X

A CAPELA MOR

[14]

Porém, agora, já que quase tudo o que foi explicado se refere ao exterior da construção, segue que se fale do interior e, em primeiro lugar, da capela e do altar mor.

A localização desta capela deve ser escolhida no fundo²⁷⁰ da igreja, no lugar mais elevado em relação à porta principal [de entrada]; sua parte posterior esteja direcionada para o oriente, também quando em sua parte traseira houver os domicílios do povo. E nunca esteja dirigida para o oriente solsticial, mas sim para o equinocial²⁷¹.

Porém, se de nenhum modo é possível tal posição, a sua edificação poderá ser voltada para outra parte, conforme o juízo do bispo e sua expressa autorização; e então, pelo menos se cuide disto: que não esteja virada para o setentrião, mas bem para o meridião, se é possível. De fato, ela deverá se construir voltada para o ocidente, onde, segundo o rito da igreja, o sacerdote costuma fazer o sacrifício da missa no altar mor, com o rosto voltado para o povo²⁷². Esta capela seja abobadada; além disso, seja adornada com decoro mediante obra de mosaico, ou mediante outra espécie de pintura ou estrutura ilustre, conforme o tipo e dignidade da igreja que se edifica.

Seu pavimento seja construído mais alto que o solo da igreja, e igualmente conforme o tipo de igreja: se é paroquial, no mínimo com oito onças mais alto, ou um côvado no máximo; se colegiada ou catedral, ou paroquial realmente insigne, que esta altura não seja menor de um côvado, mas tampouco maior de um côvado e dezesseis onças. Porém, quando na capela maior está embaixo o lugar que se nomeia confissão²⁷³, a medida do pavimento a ser construído mais alto corresponda à altura deste lugar de modo adequado e decoroso.

²⁷⁰ Literalmente o Borromeu diz “na cabeça da Igreja”.

²⁷¹ O uso de construir uma igreja voltada simbolicamente para o sol nascente é muito antigo. Nesse sentido, cf. o estudo clássico de Franz Joseph Dölger sobre a apropriação que os cristãos fazem do simbolismo solar pagão: DÖLGER, Franz Joseph. *Paganos Y cristianos. El debate de la Antigüedad sobre el significado de los símbolos*. Madrid: Encuentro, 2013. Também são deveras interessantes as considerações de Adriano Gaspani sobre a astronomia que justificariam essa informação do Borromeu sobre o “oriente verdadeiro”. Cf. GASPANI, Adriano. *Astronomia e geometria nelle antiche chiese alpine*. Torino: Priuli & Verlucca, 2000.

²⁷² Como era o caso da basílica de São Pedro no Vaticano.

²⁷³ Segundo Herman Geertman a confissão, era uma estrutura com colunas construída sobre o altar e que unia o ambiente da basílica com a tumba do mártir. Poderia designar também apenas o túmulo que estava sob o altar. Cf.

Os degraus para se subir à capela mor, sejam feitos com mármore ou pedra sólida, ou, onde não haja recursos para pedra ou mármore, de ladrilho; e os mesmos em número ímpar, quer dizer, um, três ou cinco, ou mais, em proporção à altura. Que a altura de cada um destes degraus não seja maior que oito onças; ao invés, a largura não menor que dezesseis, e também não maior que um côvado.

Se a altura do pavimento da capela é um pouco menor de um côvado, se construam três degraus para a subida, iguais em altura. Porém, se esta altura excede um pouco [de] um côvado, sejam cinco degraus; mas se ela é muito maior por causa do lugar da confissão, se façam tantos quantos sejam necessários para subir, porém em número ímpar; e cada um deles tenha uma altura igual, conforme o número de onças que o pavimento da capela tem de altura; mas nunca seja maior que aquelas oito onças.

CAPÍTULO XI

O ALTAR MOR

[15]

O altar mor pode ser colocado na sua capela de tal modo que do seu degrau mais baixo até os cancelos com que ela foi ou deve ser protegida haja um espaço de oito côvados, e onde isso é possível mais, onde a amplitude da igreja o exige por motivo de decoro; e que o espaço seja cômodo e adequado para um clero abundante que alguma vez se reúna para a celebração de uma missa solene e para uma celebração solene dos ofícios divinos. E por isso, em caso de necessidade, se atrás da capela, por fora, houver lugar onde se possa prolongar o espaço da mesma, que seja prolongado até aí, a fim de dar à capela tanto espaço quanto acima se demonstrou; se isto não é possível e, diante da exiguidade e estreiteza do lugar, a capela desse altar não tem tanto espaço nas igrejas paroquiais ou colegiadas, então aquele lugar interposto entre o degrau inferior do altar e a grade deve ter uma extensão de, pelo menos, quatro côvados, a fim de que, pelo menos na celebração de uma missa solene, segundo o tipo de cerimônias que devem ser executadas, haja espaço adequado para o sacerdote celebrante, o diácono, o subdiácono e outros clérigos que nele ministrem. Para dar a essa estreita e curta capela na parte anterior um espaço ou intervalo de pelo menos quatro côvados, pode-se seguir

GEERTMAN, Herman. *Hic fecit basilicam*. Studi sul *Liber Pontificalis* e gli edifici ecclesiastici da Silvestro a Silverio. Leuven/Paris/Dudley: Peeters, 2004, pp. 99-100.

a regra: que o seu plano e os seus degraus sejam ou se remendem²⁷⁴ de tal forma, que excedendo a própria capela e por fora, com decoro, um pouco proeminentes, apresentem forma octogonal ou hexagonal. Ao invés, se por fora dos limites dela houver intercolúnios, e se a amplitude da igreja o exige, poderá se arranjar, ou se obter aquele mesmo espaço, prolongando as paredes da capela mesma até aqueles primeiros intercolúnios. E finalmente onde, por causa dos limites do lugar, e do local estreito, não se pode haver um espaço exíguo ou quase nenhum, em todo caso pelo menos se faça isto: que o altar seja colocado mais próximo da parede que lhe está por detrás; e se não pode haver aquela distância de quatro côvados dos cancelos, fique distante o máximo possível, conforme o lugar permite, mas de maneira que permaneça pelo menos um côvado e meio distante também da mesma parede.

Ao invés, o altar mor, desde a superfície do supedâneo, tenha de altura dois côvados e oito onças, e no máximo dez; de profundidade cinco côvados e mais, segundo o tamanho da igreja ou da capela; de largura, por sua vez, dois côvados e doze onças e mais, sempre conforme a relação da amplitude do lugar.

Os degraus do altar mor

[16]

Além disso, se dos lados e na frente se dá suficiente espaço, se façam três degraus, um, naturalmente, que é o próprio supedâneo, depois, mais abaixo do supedâneo, dois outros. Estes dois devem ser feitos de mármore ou de pedra sólida, ou, se isto não é possível, de ladrilho; de largura tenham, no mínimo, dezesseis onças, ou vinte, se é possível, ou ainda mais, onde isso possa ser feito com decoro em relação ao espaço disponível. O terceiro degrau, por sua vez, que é o próprio supedâneo, deve ser de tábuas de madeira. Mas o supedâneo, na frente do altar se estenda por dois côvados e também dos lados seja estendido por dezesseis onças, de modo a abraçar o altar em três lados. E a altura de cada um dos degraus seja de oito onças. Mas onde, pela amplitude da igreja e do altar mor, pode haver mais degraus, aí poderão se construir cinco com a largura e altura que acabamos de prescrever.

O lugar da imagem do crucificado

²⁷⁴ Assim está, literalmente. O sentido provável é que sejam acrescentados degraus.

[17]

Embaixo do mesmo arco abobadado da capela mor, seja reproduzida e devidamente colocada em todas as igrejas, sobretudo paroquiais, a imagem da cruz e de Cristo Senhor nela fixado, pia e decorosamente apresentado em madeira ou outro material. Se não é possível colocá-la nesse lugar por causa da pouca altura do arco ou da abóbada, seja afixada, por fora, na parede que está acima do próprio arco, debaixo do teto artesado ou diretamente em cima da abertura dos cancelos de grade da capela.

CAPÍTULO XII

O CORO

[18]

Além do mais, o lugar do coro, fechado e por cancelos com grades separado do lugar povo, como mostra a antiga estrutura e por motivo da disciplina,

O lugar do coro, separado do lugar do povo, como quer o antigo costume e por motivo de disciplina, é fechado por cancelos. Posto que deva circundar o altar mor, seja da parte anterior - como é costume antigo -, ou por trás, porque a localização da igreja ou a posição altar ou o costume da região o exige, deve estar aberto ao largo e ao longo quando pode pelo espaço do lugar. Também pode ser em hemicírculo ou em outra forma, pelo estilo da capela ou da igreja de modo como o arquiteto julga; para que responda adequadamente à amplitude e ao ornato decente e dignidade da igreja e à multidão do clero.

CAPÍTULO XIII

O TABERNÁCULO DA SANTÍSSIMA EUCARISTIA

[19]

Já que, de acordo com o decreto provincial, é necessário que o tabernáculo da Santíssima Eucaristia se coloque no altar mor, convém agora dar alguma instrução a seu respeito.

Primeiramente, nas igrejas mais insignes, quando é possível, é conveniente fazê-lo de lâminas de prata ou de bronze, douradas, ou de mármore mais precioso. Este tabernáculo, elegantemente elaborado e adequadamente bem composto em seu conjunto, esculpido também com piedosas imagens dos mistérios da Paixão do Cristo Senhor, e decorado, conforme o parecer de um homem perito, com artifícios de ouro em certos lugares, apresente a forma de ornato religioso e venerável. Por dentro, ao invés, deve ser forrado completamente com tábuas de choupo, ou de outra madeira semelhante, para que a Santíssima Eucaristia com aquele revestimento seja preservada completamente da humidade que sai do metal ou do mármore. Onde o tabernáculo não se pode fazer desse modo, então seja construído com tábuas, não de nogueira ou outras que geram humidade, mas sim de choupo ou similares, elegantemente elaboradas e adornadas com escultura de imagens religiosas, como acima, e as mesmas douradas.

Amplo, conforme a dignidade e o tamanho, ou tipo, da igreja em cujo altar mor deva ser colocado. A forma: octogonal, ou hexagonal, ou quadrada, ou redonda, na medida em que pareça mais decorosa e religiosamente apropriada à forma da igreja. Na parte superior do tabernáculo esteja a imagem de Cristo, ressurgindo gloriosamente ou mostrando as sagradas chagas; ou, se no altar de alguma pequena igreja, o tabernáculo ocupa o espaço que convém para a cruz - que, doutras vezes, se colocaria em cima dele -, seja ela, em lugar de outra sacra imagem, decorosamente colocada no topo do tabernáculo, ou perpetuamente fixada, ou, para poder ser levada em alguma procissão, móvel, com a sacra imagem de Cristo crucificado.

Além do mais, o mesmo tabernáculo esteja bem apoiado sobre o altar, como base e ornada firmeza, ou sustentado pelos firmes degraus do altar confeccionados decorosamente, ou com estátuas de anjos, ou outros sustentáculos que exibam um adorno religioso, inamovível, e ainda também seja bem provido com fechadura;

Do limite anterior do altar, seja colocado à distância de não menos de um côvado e dezesseis onças, de modo que se possa bem estender o corporal, e colocar a píxide comodamente no altar, se alguma vez venha a ser usada; mas também não esteja tão longe do limite que o sacerdote precise ainda, para retirar a sagrada Eucaristia, de um estrado de madeira; a não ser que o local e a sua estrutura exijam outra coisa.

Nas igrejas mais insignes, todavia, pode ficar mais afastado, sobretudo onde atrás do altar está o coro, e onde o altar é bastante amplo em relação à estrutura dessas igrejas; porque da parte posterior do coro, a sagrada Eucaristia pode cômoda e decentemente ser retirada do

tabernáculo. Neste caso, se faça do lado do coro outra pequena porta na forma prescrita. E debaixo do tabernáculo não haja nenhum pequeno armário e não haja algum lugar para guardar livros ou os objetos de culto da igreja.

Quando o tabernáculo todo não pode ser colocado ou apoiado no altar, por causa da sua estreiteza, de tal forma, como acima, ele seja apoiado, no todo ou em parte, em bases colocadas na parte de trás, ou em outros sustentáculos bem firmes; mas de tal forma e critério: que nem por quanto for exíguo o espaço entre o altar e a parede, se impeça que o altar possa ser rodeado.

Por dentro seja por todos os lados forrado e decorado com pano de seda de cor vermelha se a igreja é de rito ambrosiano, ou de cor branca, quando romano.

Haja uma pequena porta na parte da frente, tão ampla que outro pequeno tabernáculo, que se inclui dentro dele, possa fácil e comodamente ser introduzido e retirado; além disso, arrumada de tal modo para abrir que, quando está totalmente de lado²⁷⁵, na frente, não impeça o braço ou a mão do sacerdote que retira daí a sagrada Eucaristia. Seja ainda ornada com a sagrada imagem do Cristo Senhor crucificado, ressuscitando ou apresentando o peito ferido, ou ainda, com outra imagem piedosa.

CAPÍTULO XIV

AS CAPELAS E OS ALTARES MENORES

[20]

Isso seria, brevemente, o que deve ser dito do altar e da capela maior e seus anexos. Resta ainda outra instrução acerca das capelas e dos altares menores, além daquilo que, como foi mostrado em seu lugar, se pode dizer do mesmo modo das capelas ou dos altares maiores e menores.

Em primeiro lugar, por conseguinte, quando é necessário construir vários altares e a igreja, construída em forma de cruz, conste de abside e tenha como que dois braços, então na

²⁷⁵ Isto é, totalmente aberta.

cabeceira de um e de outro braço haverá lugar apto e conveniente para edificar dois altares, um à direita e outro à esquerda, contanto que haja espaço, de acordo com a dimensão abaixo determinada.

Este lugar, se aí se quer construir uma capela com altar, deve ser largo pelo menos nove côvados e oito onças. Mas se for necessário fazer uma concavidade na parede em forma de hemicíclo onde o altar será colocado, a largura deste lugar deve ser de pelo menos seis côvados e dezesseis onças.

Qualquer igreja que tem três naves, ou somente uma, fora do espaço de sua capela maior, de ambos os lados, no fundo, tem um lugar²⁷⁶, como acima há pouco predefinimos, tão extenso para que, num e noutro lado, na forma e na maneira prescritas, capela e altar possam ser construídas decorosa e aptamente; ou se pode fazer, pelo menos, uma concavidade na parede, a modo de hemicíclo, onde o altar seria colocado.

Quando em tal igreja devem ser construídas outras capelas com altares, além daquelas duas que estão nos braços, poderão ser edificadas no fundo de ambos os seus lados, a não ser que fiquem demasiadamente próximas àquelas que estão nas cabeceiras dos braços, contrariamente àquilo que se prescreve abaixo.

Cada uma dessas capelas, seja no lado direito, seja no lado esquerdo, se construam de tal forma que, onde há várias naves, estejam no meio da nave em cujo fundo se encontram. Mas onde a igreja consta de uma só nave se construa no meio do espaço da parede que há entre a capela maior e o ângulo da igreja, mas de tal forma que esta fique distante da capela maior em pelo menos dois côvados, contanto que o tipo do edifício não exija um espaço maior pela gravidade da carga que sustenta e pela forma da estrutura.

Mas se o altar deve ser colocado numa parede côncava em forma de hemicíclo, também isso deve ser feito naquele meio, ou da nave, ou do espaço interposto, como acima [descrito], mas de tal modo que não seja construído muito perto do altar mor afim de que o sacerdote celebrando num, não possa ser impedido, ou perturbado por aquele que celebra no outro [altar].

Tudo isso, portanto, que acaba de ser prescrito acerca das capelas e altares, que devem ser construídos do mesmo modo em cada um dos lados, na cabeceira da igreja, pode ter lugar nas igrejas onde a capela mor erigida, e o altar aí situado, seja de tal forma que por dentro haja um espaço de, pelo menos, quatro côvados.

²⁷⁶ No original, literalmente, “um lugar cabeça”.

No entanto, naquelas igrejas em que o altar mor não tem capela, por causa da estreiteza do lugar, ou se a tem, mas é tão exígua que o altar nela erigido avança para dentro da igreja²⁷⁷ e de onde se veem facilmente os altares que estão dos lados; nesse caso, por essas partes ou lados que estão na sua cabeceira, ainda quando houvesse um espaço apta e amplamente interposto, segundo o tipo de edificação acima prescrito, todavia não se deverão fazer altares, seja porque se apresentariam menos decentes, seja quanto porque num altar um sacerdote ao celebrar a missa, impediria ou perturbaria, pela proximidade, o outro sacerdote que celebra no outro altar.

Onde há necessidade de muitos altares, um terceiro lugar será adequado, portanto, para a sua edificação: ambos os lados da igreja, quer dizer, um voltado para o meridiano e o outro voltado para o setentrião. Nesses dois lados se poderão construir altares que ficam fora do corpo da igreja, mas em sua construção estas normas deverão ser observadas: que as capelas sejam edificadas equidistantes entre si e que haja tanto espaço interposto entre elas, que em cada capela, dos dois lados, possam ser construídas janelas de onde a luz, adequada e abertamente, será recebida.

Mas, se não podem ser construídas assim distantes entre si, sejam feitas juntas, de modo que apresentem entre si, na parte de fora, um espaço que sobressaia em forma de semicírculo ou de semi-octógono por onde a luz possa ser recebida pelos lados.

Numa igreja que consta de várias naves, as capelas estejam perfeitamente alinhadas com os intercolúnios, para que seu prospecto não seja impedido pelas suas colunas ou pilastras. Ao invés, numa igreja que tem somente uma nave, as capelas estejam bem no meio que há entre um e outro arco ou viga que sustentam ou apoiam o teto abobadado ou artesoadado; ou, se a largura da capela supera a largura do espaço, de tal modo que isto não se possa fazer, o topo do arco da capela seja apoiado pela trave perpendicular. Todas as capelas menores tenham uma e a mesma largura, comprimento e altura; e finalmente, sob todos os aspectos, até onde isso é possível fazer, correspondam entre si. Porém, as que estão na cabeceira dos braços da igreja que tem forma de cruz, podem ser, em razão do lugar, um pouco mais amplas do que as outras e ter também uma forma mais nobre, contanto que entre si elas se correspondam em todas as outras partes.

²⁷⁷ Isto é, sobressai para fora da parede, em direção à assembleia.

De nenhuma maneira se construam capelas ou altares menores debaixo do lugar elevado de onde soa o órgão, ou se proclama o evangelho ou a epístola, ou se faz a pregação, ou de onde se canta.

Na entrada da igreja, logo em seu início, entre a primeira pilastra ou coluna, ou arco, ou viga, que sustentam o teto, e o lado interno da parede da fachada da igreja, não se construa capela alguma, a não ser apenas aquela que, nas igrejas com cura de almas, deve ser construída por causa, ou motivo, do batistério que deve aí ser colocado, sem altar. De nenhum modo se construam altares ou capelas na parede [interna] da fachada da igreja oposta ao altar mor, como tampouco em outro lugar onde o sacerdote celebrante volte as costas à capela mor.

A largura de uma capela menor poderá ser de nove côvados, ou onze, ou mais, conforme a amplitude do espaço da igreja, mas, não menos do que sete côvados. A profundidade, no entanto, da entrada até a parede atrás do altar, parece não poder ser menor do que sete côvados, para que haja espaço suficiente para o ministrante²⁷⁸ e para que os cancelos não invadam alguma parte do espaço da igreja ou da nave. Tampouco maior, para que o povo que assiste a santa missa seja impedido pelos lados das capelas de ver, de quase todas as partes da igreja, o sacerdote celebrante. Se não é possível dar tanto espaço para as capelas menores, se lhes poderá reduzir a sua profundidade, a saber, a cinco côvados e oito onças. Quando esta proporção, evidentemente, não exista naquelas capelas que estão na cabeceira da igreja, ao lado da capela mor, pode-se então permitir que sua profundidade seja um pouco maior em relação às outras. Se, pela estreiteza do espaço, em certas igrejas não será possível construir capelas que saiam completamente para fora com a medida e forma determinadas, elas poderão ser construídas, pelo menos, salientes ao máximo, e proeminentes para fora, como permite a situação do lugar. Mas, se a condição do lugar é tal, que não podem ser edificadas capelas salientes e proeminentes, como está prescrito, então em ambos os lados da igreja poderão ser feitos somente os altares necessários na concavidade da parede, em seus nichos hemicíclicos que sobressaiam para fora com decoro, conforme permite o lugar.

Mas se nem mesmo de modo algum se podem construir em forma de hemicíclo, então, altares encostados à parede, poderão ser feitos somente em caso de necessidade, ou erguendo duas colunas, ou outros sustentáculos decentes, por dentro da igreja, salientes um pouco da parede, um do lado direito, outro do lado esquerdo.

²⁷⁸ Trata-se aqui do ministro que acompanha o padre.

Estas duas colunas estejam entre em si, em sua parte superior, ligadas por uma espécie de abóbada ou algo semelhante, ou por hemicírculos, expressos, pelo menos, por meio de pintura, à guisa de ornato e de modo decoroso.

E finalmente, todos os altares que, pelas causas acima expostas, se constroem ou foram construídos naqueles lugares onde, pela estreiteza do espaço, não podem ser edificadas capelas no tamanho prescrito, de modo que os cancelos e as grades devem sobressair para fora da linha reta da parede, aí cada um deles poderá ser reduzido a um espaço tão estreito que não exceda um côvado e dezesseis onças; e não se faça nenhum degrau para eles, de modo que eles e os cancelos sobressaiam o mínimo possível para fora. Mas os cancelos desses altares estejam distantes pelo menos um côvado e oito onças do escabelo ou do supedâneo, de modo que se dê espaço suficiente para o clérigo que serve na santa missa.

Finalmente, se a amplitude da igreja em sua largura o permite, ela poderá ficar mais estreita pela construção de capelas em ambos os lados, na longitude, altitude e na forma acima prescritas. Se, dada a grande amplitude interna da igreja, o lugar ocupado pelas capelas, construídas como acima definido, o permite, haja entre elas um espaço que corresponda também à altura da igreja.

O pavimento das capelas menores deve se construir oito onças mais alto do que o chão da igreja, mas às vezes se poderia permitir mais alto, como se dirá abaixo.

O limiar de cada capela menor, onde for possível, deve ser de mármore ou de pedra sólida, e com dezesseis, ou no máximo vinte, onças de largura. Portanto, será de tal modo que o ingresso tenha um degrau e ele corresponda ao pavimento da capela. E se construa somente este único degrau para o acesso à capela. E, fora do degrau do limiar, é permitido fazer dois outros inferiores, conforme exige a situação do lugar e a grandeza da capela, quando a maior for construída com mais degraus, se não forem de mármore, pelo menos sejam de pedra sólida ou, finalmente, sejam feitos de ladrilho. A sua largura seja a mesma que foi demonstrada acima pelo degrau do limiar; sobre a altura seja observado o mesmo que foi dito dos degraus da capela mor.

Cada capela, como foi dito da mor, seja construída com abóbadas. Os altares sejam construídos no meio de cada capela, e não dos lados. Cada um destes altares menores seja

construído dois côvados e oito onças acima do escabelo que chamam de *bradella*²⁷⁹ ou da superfície do chão. Sejam longos quatro côvados e meio, mas não menos de, pelo menos, quatro côvados; a sua largura seja de dois côvados. O escabelo ou estrado do altar seja feito de tábuas ou sarrafos de madeira, sua largura seja de dois côvados, sua altura oito onças. Além disso, ele se estenda mais do que o altar, de modo que cada lado dele sobressaia em dezesseis onças, mas não mais do que um côvado; ou o cinja em todos os lados se, pela estreiteza da capela, esta largura não impede o clérigo ministrante, nesse caso não exceda o altar, mas apenas o acompanhe.

CAPÍTULO XV

COISAS COMUNS DAS CAPELAS OU ALTARES MORES E MENORES

[21]

Depois de ter dado explicações por esta breve instrução sobre as capelas e altares menores, seguem algumas coisas comuns sobre as capelas ou altares mores e menores que se devem observar na construção.

Os altares não devem ser feitos de madeira, mas de pedras ou ladrilhos; e devem estar fechados de todos os lados, assim que por nenhuma parte se deixe neles um pequeno nicho ou abertura, onde alguma coisa possa ser guardada ou ocultada. Nem por isto, se proibem altares sustentados com quatro ou mais colunas pequenas de pedra ou pilastras angulares, como as que se veem em uso na Província Milanesa.

É ainda conveniente que os altares construídos em alvenaria tenham nos cantos destas pilastras, para que a parte ungida pelo crisma, se for de ladrilho, não seja facilmente desincrustada e caia. Nem se guarde absolutamente nada debaixo destes.

Os diferentes altares que não são cobertos no lugar do sacerdote celebrante com abóbadas, mas com um teto artesado, ou que são construídos com uma abóbada tão alta que ela não

²⁷⁹ Assim está no original. Provavelmente trata-se de neologismo do Borromeu, tomado da palavra italiana “predella” para designar o escabelo, ou o supedâneo, ou ainda, um estrado.

pode ser fácil e frequentemente limpada, devem ser também cobertos com um assim chamado *capocelum*²⁸⁰ (sobrecéu).

E este pode ser feito, de mármore, ou de pedra sólida, ou de ladrilho sobre quatro colunas erguidas, se o altar for mor; se for menor ou lateral, com duas colunas ou outros apoios decentes, um pouco salientes da parede interna da igreja, um à direita e outro do lado esquerdo, que sustentam a cobertura, feita com abóbada ou de outra forma, ou de tábuas entalhadas, ou de tela encerada decorosamente pintada. Esta cobertura de madeira ou de tela é sustentada com cadeias de ferro que pendem do teto ou por outra estrutura firme. Mas esta cobertura, independentemente de suas características, deve estar aberta tão largamente em todos os seus lados que o próprio altar e o sacerdote que aí celebra a missa sejam totalmente cobertos, afim de que o sacerdote e o altar estejam bem protegidos contra a poeira e toda a sujeira que possa cair.

Enfim, esta cobertura esteja tão próxima do altar que, por causa do decoro, possa às vezes ser retirada para ser cómoda e facilmente limpada.

Os nichos das galhetas

[22]

Na parede atrás do altar, do lado onde se lê a epístola, se faça um nicho belo, elegante, se possível revestido de mármore ou de pedra sólida. Na altura de dois côvados a partir do chão. Ele tenha uma largura de dezesseis onças, uma altura de vinte e quatro e seja dividido com obra transversal de pedra ou mármore²⁸¹. A parte inferior sirva para jogar a água da ablução das mãos do sacerdote celebrante. E por isso tenha no meio um pequeno furo, por onde essa água possa escorrer numa pequena cisterna escavada embaixo. A parte superior, no entanto, servirá para colocar a bandeja com as galhetas, durante a santa missa.

Mas porque o altar mor às vezes está distante da parede posterior, onde frequentemente o coral se posiciona, e por isso não se pode fazer o nicho no lugar indicado, então pode ser construído na parede, ao lado da epístola, ou do mesmo lado, próximo do altar, ou também se

²⁸⁰ Um sobrecéu. Cf. Cf. SILVA, Jorge Henrique Pais e CALADO, Margarida. *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Presença, p. 335.

²⁸¹ Provavelmente é que ele apresente uma repartição ao meio, como uma espécie de armário.

poderá colocar mais afastado algum vaso de pedra sólida ornado decorosamente no qual aquela água é despejada; isso porém, não traga nem impedimento e nem deformação.

O cravo de ferro para pendurar o barrete

[23]

Um cravo de ferro, ornamentado, sobretudo em metal brilhante, para pendurar o barrete do sacerdote celebrante, seja colocado do mesmo lado da epístola, perto daquele nicho, ou também em outro lugar conveniente do mesmo gênero, mas não mais alto do que dois côvados a partir do pavimento.

A sineta

[24]

Para cada altar, seja fixada na parede lateral, do lado onde se lê o evangelho, uma sineta, pendurada com uma cordinha tão comprida, para que o clérigo ministro possa usá-la, para dar diversos toques quando se eleva o Corpo do Senhor. Mas onde o altar é sem capela, [a sineta] esteja distante do altar e da parede o quanto possível, para que o estirar da cordinha não estorve o altar e nem perturbe o sacerdote.

Mas no que diz respeito ao altar mor, o clérigo ministro usará mais comodamente a campainha portátil que traz da sacristia, em lugar daquela pendurada. E por isso, não há motivo de pendurá-la no altar mor, sobretudo nas igrejas mais amplas.

As grades das capelas e os cancelos dos altares

[25]

Na parte anterior de cada capela, inclusive na da maior, por onde se ingressa, se coloque uma grade de ferro de três côvados de altura, fixada no último degrau da capela; mas também não se proíbem às vezes grades mais altas, sobretudo onde é necessário que [as capelas] sejam mais seguras e mais protegidas com este cercado. Mas todas elas, onde houver os meios

necessários, devem ser adornadas tanto na parte baixa, como no meio e na parte de cima com pequenas pilastras, ou pequenos vasos de alguma maneira decorosamente confeccionados. Mas, se a capela alguma vez for maior, apresentando forma octogonal ou hexagonal, as grades, que devem lhe corresponder na forma, sejam fixadas do mesmo modo em seu degrau mais alto.

Na parte de baixo, numa altura de aproximadamente um côvado, com obra de algum trabalho artístico de ferro, sejam colocadas entre si tão próximas que os cães não possam entrar.

No meio das grades se construa decorosamente uma porta também gradeada, com dois batentes e que se fecha com trinco e ferrolho.

No entanto, onde há menos meios e abundância de ferro com que fundir grades para a construção das capelas; porém, se aí se pode conseguir pedras sólidas ou mármore, poderão ser feitos colunelos de mármore ou pedra sólida, chamados de balaústre [s], um pouco mais baixos do que as grades de ferro, acrescentando uma cornija, e assim se poderá construir a parte anterior das capelas fechadas e adornadas.

Mas naquelas igrejas, capelas ou altares onde, por causa da escassez de meios, não se pode conseguir nem grade de ferro, nem tais colunelos de mármore ou de pedra para cercar e ornar, o bispo pode tomar uma decisão: nesses casos, mediante seu consenso, isso poderá ser feito de madeira polida ou torneada.

Mas os cancelos de madeira deverão ser um pouco mais baixos e igualmente menos elevados do que os cancelos de ferro; em seu topo se coloque uma cornija como ornamento.

Onde as capelas dos altares menores são amplas e podem acolher certo número de fieis durante a celebração da Santa Missa, deverá se colocar em seu interior, perto do altar – embora haja na entrada uma grade – pelo menos ainda uns cancelos de madeira para cercar o altar, de modo que os fieis presentes permaneçam um pouco afastados do sacerdote celebrante e que haja lugar para o clérigo ministrante.

A cornija de madeira do altar

[26]

Para cada escabelo, também do altar mor, seja acrescentada uma cornija de madeira de três dedos de altura, e não mais; assim ele [o altar] será cingido em seus três lados, de tal modo que a extremidade do pálio, na parte da frente, e das toalhas, dos lados, fique sempre ocultada pela obra da mesma cornija, também quando o escabelo do altar existe só na frente dele.

A moldura do altar

[27]

Ao altar se prenda ainda a estrutura que chamam de moldura²⁸², na qual, o pálio²⁸³ estendido e fixado com pequenos ganchos se acomoda ao altar. E ela seja de sarrafos de carvalho ou de nogueira, feita bem polidamente e com uma largura de quatro onças [os sarrafos], de tal modo que a mesa do altar, na parte da frente, e também nos dois lados, seja circundada. As extremidades ou partes mais elevadas desta moldura sejam fixadas ou encaixadas na parede à qual o altar se apoia.

Igualmente, os apoios que sustentam a moldura mesma sejam dois, dos mesmos sarrafos de nogueira ou de carvalho, um à direita e outro à esquerda, no canto anterior do altar. Ambos devem ter uma largura de quatro onças [os sarrafos], mas onde o altar está distante da parede, a moldura circunde todo o altar de todos os lados; e haja dois outros apoios nos cantos posteriores do altar que o sustentam daquele lado.

Também na parte superior que corresponde ao nível da mesa do altar, a moldura tenha na sua superfície algumas pequenas depressões, ligeiramente côncavas; e para cada uma destas depressões, haja pequenos pregos gancheados, aos quais se amarram as cordinhas ou as argolinhas do pálio, e assim se inserem e se encaixam de modo que não superem o nível do próprio altar. Uma destas depressões na moldura deve ser feita necessariamente no meio do altar; mas as outras, podem ser duas ou três ou mais de cada lado, conforme a largura do altar, em intervalos iguais entre si.

O degrau de madeira na parte posterior do altar

²⁸² Literalmente “*telare*”, um tear. Do contexto, trata-se com toda probabilidade de um caixilho de madeira.

²⁸³ O “pálio” nomeado aqui por São Carlos Borromeu é o *antependium* ou frontal do altar, isto é, o manto que normalmente recobria o altar em sua parte frontal. Não deve ser confundido com o pálio, isto é, aquela franja de lã branca usada atualmente pelos arcebispos.

[28]

O degrau²⁸⁴ na superfície do altar menor, na parte detrás, poderá ser somente um, e este feito de madeira. O seu comprimento seja igual ao do altar; a largura de oito onças e a altura também a mesma. No altar mor não se faça tal degrau, a não ser que esteja distante da parede posterior em dois côvados ou menos; e então se poderá fazer um degrau ou também dois, ou mais, bem decentes, mas de modo que não se impeça rodear o altar com esta estrutura.

A mesa do altar mor

[29]

Deve se procurar em qualquer igreja, seja catedral, colegiada ou paroquial, e também menor, que está para ser consagrada, que a mesa do altar mor seja de mármore ou de pedra sólida, e onde for possível, tão comprida e larga quanto o altar. Onde não se pode dispor de uma que seja tão larga, ela também não deve se estender menos de um côvado e meio; na profundidade, no entanto, ela deve necessariamente se adaptar ao próprio altar; a não ser onde, por causa das condições do lugar ou da região, não se pode dispor [de uma folha inteira de mármore ou pedra] que se justapõe na frente [do altar], por trás poderá se suprir aquilo lhe que falta, com obra de cimento ou de ladrilho.

O nicho das sacras relíquias no altar a ser consagrado

[30]

Na frente do altar ou atrás, debaixo da mesa se constrói um nicho de quatorze ou dezesseis onças de amplitude; ou em seu estípite, ou sua mesa, por causa da consagração, conforme a prescrição do livro pontifical que o bispo prefira usar, se faz uma cavidade, a guisa de sepulcro, e na mesma função do nicho, mas muito menor em espaço, onde as sacras relíquias são encerradas quando o altar é consagrado; mas este nicho, na frente, deve ser fechado com uma folha de mármore ou pedra na qual seja esculpida a imagem da cruz, e serão esculpidos ainda os nomes que constam das sacras relíquias que foram encerradas no altar. Mas onde não se faz um nicho, e sim uma cavidade, esta inscrição seja feita com letras incisas ou de um lado do

²⁸⁴ Este degrau deve ser o local, com dito, na parte anterior da mesa altar, que se usava para apoiar as velas.

altar ou na mesa. A cavidade, no entanto, que foi feita na mesa, seja tão firme e acuradamente fechada com uma folha de mármore, que nada, absolutamente nada, sobressaia.

A mesa do altar e a tela encerada

[31]

A mesa de um altar consagrado, ainda que uma parte dela tenha sido feita de ladrilho, se cobre totalmente com uma tela encerada, que, incluída a moldura prescrita, se prenda com cravos.

A superfície de cada altar não consagrado se cobre com um tablado confeccionado de tábuas cortadas e bem polidas, tão amplo que a cubra por inteiro.

Neste tablado se insira convenientemente um altar portátil e, de tal modo que, colocado no meio, entre os dois cantos do tablado, diste da frente dele não mais do que um espaço de oito onças. A longitude de tal altar portátil não deve se estender de um canto do altar para o outro, mas da frente para a parte posterior. Ele esteja inserido de tal modo que dificilmente sobressaia da superfície do tablado um pouquinho, assim que o sacerdote celebrante possa distingui-lo pelo tato.

A pedra dos altares portáteis

[32]

A pedra de um altar portátil, no entanto, tenha na parte superior um corte que chamam de *smussum*²⁸⁵, este corte se estenda transversalmente meio dedo²⁸⁶. A pedra tenha vinte onças de comprimento e uma largura de dezesseis, fora da dimensão da caixa na qual foi inserida.

A sua caixa seja totalmente de tábua de nogueira, com uma espessura de aproximadamente duas onças ou mais, conforme a grossura da pedra. A pedra mesma será encaixada naquela tábua escavada na parte de cima, de todos os lados por dentro, conforme o tamanho e a espessura da pedra, de modo que aquele nível da superfície da tábua escavada seja

²⁸⁵ Até hoje existe o termo italiano “smusso”, com o sentido de desbaste de arestas. Trata-se, portanto, do embotamento ou arredondamento dos cantos vivos da pedra do altar.

²⁸⁶ São Carlos dá a entender que o chanfro arredondado deve ser feito apenas numa face da pedra....

preenchido pelo corte da pedra mesma²⁸⁷. Nessa caixa se faça uma inscrição nítida das sacras relíquias guardadas, cujo nome consta.

Mas quando se deva transferir um altar consagrado, para que não seja necessário consagrá-lo de novo, se poderá usar a seguinte maneira de transferi-lo: primeiro ele todo, fechado adequadamente com caibros e tábuas de madeira, seja cuidadosamente removido de seu lugar, de modo que o estípite, arrancado do solo da igreja, não seja separado nem um pouco da mesa do altar; mas o todo fique unido para que não se perda a consagração.

Os altares, no entanto, que são mais estreitos ou curtos do que a forma prescrita exige, poderão ser feitos mais largos ou longos, com adições de pedras ou ladrilho, ou madeira, decente e adequadamente confeccionadas, se acrescente em seu lado ou na frente, conforme o uso o permita. Mas, se são mais baixos que a medida prescrita, poderão ser feitos mais altos, com a mesa confeccionada polidamente e tão alta que corresponda à altura exigida de altar, e nesta mesa, seja incluída a pedra consagrada na forma prescrita.

CAPÍTULO XVI

OS LUGARES, VASOS OU PEQUENAS CAIXAS EM QUE SE GUARDAM AS SACRAS RELÍQUIAS.

[33]

Depois de ter dado brevemente a instrução sobre as capelas e altares mores e menores, é coerente que indiquemos os lugares, vasos, lóculos e outras coisas deste gênero, que servem para colocar ou guardar as sacras relíquias. Portanto, os corpos dos santos que devem ser guardados na igreja que tem aquela parte subterrânea que se chama *confessio*²⁸⁸, vulgo *scurolo*²⁸⁹, são guardados piedosa e decentemente sobretudo aí, ou nos próprios altares de pedra, ou debaixo deles, segundo a antiga tradição. Por isso convém fazer de mármore, ou pelo menos de pedra sólida, uma arca, finamente polida por dentro, que consta de uma cobertura de duas águas do mesmo material²⁹⁰ e contém os sagrados corpos, bem encerrados, e é colocada firmemente dentro ou debaixo dos altares. Também em outro lugar de destaque na igreja, fora

²⁸⁷ Isto é, belas bordas arredondadas da própria pedra.

²⁸⁸ Cf. GEERTMAN, Herman. Op. cit., p. 99-100.

²⁸⁹ Assim, literalmente. Como já acenado, *scurolo* é forma dialetal do italiano “*scur*”, escuro, e indica a cripta.

²⁹⁰ Assim é o formato, por exemplo, do relicário dos Reis Magos em Colônia na Alemanha.

do altar, podem ser colocados; mas então seja construída uma arca de mármore mais precioso, a qual, por fora, também trabalhada com esculturas, se destaque por ornato pio e religioso. Esta, portanto, seja decentemente colocada, conforme a situação do lugar, sustentada por quatro ou mais colunelos, também de mármore, adequadamente confeccionados, ou, conforme o tamanho do lugar o permita, no centro da igreja, ou numa capela mais insigne, mas não naquela onde se conserva o Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Se for colocada no centro da igreja, por todos os lados fique desunida da parede e de toda outra obra; mas numa capela, poderá ser colocada na parte posterior, ou ao lado do altar; ou estará levantada quatro côvados acima do pavimento da capela do altar encostada à parede, ou um pouco adentrada na sua concavidade suave.

Toda arca, no entanto, colocada em qualquer lugar de destaque, que está elevada do pavimento ou distante da parede, seja adequada e decorosamente protegida com grades de ferro conforme a condição do lugar. Mas se os corpos dos santos não estão guardados nem no altar, nem debaixo dele, mas em outro lugar debaixo do pavimento, imprescindivelmente o lugar deve ser cercado e protegido com grades de ferro, por todos os lados, na parte superior, densamente confeccionadas.

Porém, para que os corpos ou os sagrados ossos dos santos se conservem incorruptos e inviolados, limpos de toda sujeira e pó, e também perpetuamente protegidos contra toda violência e injúria, evidentemente deve ser usada esta precaução: a arca toda, colocada num lugar de destaque ou no altar, ou debaixo dele, seja por fora firmemente compacta entre si e também fechada com braçadeiras de ferro e chumbo de todos os lados, de modo que nem uma fenda apareça; além disso, dentro dela se coloque outra caixa de ouro, ou de prata, ou de estanho, e esta dourada, também solidamente confeccionada, na qual os sagrados corpos são guardados. Mas, quando se guardam nessa caixa, sejam envolvidos e revestidos com pano de seda ou um tecido mais precioso, de cor apropriada ao santo ou à santa cujos sagrados ossos são depositados, conforme a norma da igreja. A caixa, ou teca, ou lóculos, ou vasos, de quaisquer gêneros forem, sejam abençoados antes de as relíquias serem neles colocadas, conforme o rito, pelas preces prescritas no livro pontifical ou ritual.

Se numa arca devem ser colocados diversos corpos de santos, eles devem ser reconhecíveis entre si como diferentes. A arca seja feita de uma maneira que, por obra escultórica conforme o número dos sagrados corpos ou das sacras relíquias, seja bipartida e tripartida, ou dividida decente e adequadamente por pequenas tábuas, mármore, ou de outra maneira, ou pelo menos, subdividida apenas pelas mesmas caixinhas de prata ou estanho. Coloque-se ainda

uma plaquinha de bronze dentro de cada caixinha, na qual letras incisas indicam o nome dos santos. Também se faça a incisão de uma inscrição na arca pela qual se reconheça claramente os nomes dos corpos dos santos, quando foram colocados e de onde foram trasladados e outras coisas deste gênero, se realmente forem certas.

As cabeças, no entanto, dos santos que estão separadas do corpo, que devem em certos dias, por zelo e piedade, serem mostradas ou expostas aos fieis, convenientemente serão colocadas separadamente dos corpos em lugares abaixo prescritos. Sejam colocadas em tecas de ouro, ou de prata, ou, onde isso não é possível, pela pobreza, de latão, as quais exibam a forma e similitude de uma cabeça com pescoço e meio peito.

Porém, se corpos dos santos ainda íntegros e completamente unidos em seus membros, se guardam, ou no altar, ou numa arca distinta, de modo que possam ser vistos de vez em quando, se construa o altar ou a arca assim que na frente haja uma pequena janela decorosamente feita, protegida com grades de ferro ou de bronze, que se fecha com [formas de] pequenos vasos, por onde se possa olhar para dentro, conforme a maneira abaixo prescrita.

Mas nos lugares onde alguns membros insignes de santos e relíquias sacras se conservam, haja um determinado lugar, no qual elas são decente e religiosamente guardadas, que poderá ser preparado à maneira de uma ou outra forma descrita abaixo, em primeiro lugar, seguindo o exemplo das basílicas romanas.

A primeira forma do lugar

[34]

Na nave da igreja que seja ampla, se construa um lugar elevado²⁹¹ no lado do Evangelho e longe das colunas ou pilastras da nave, com uma altura de quatro ou cinco côvados e com uma largura também de aproximadamente cinco côvados. Ele se apoie e se sustente em quatro colunas feitas de mármore, ou pedra sólida, de seis ou oito côvados de altura. Em cima deste lugar elevado, se faça de modo ornado e decoroso um armário de mármore ou de outra pedra onde serão guardadas as sacras relíquias. Por dentro, seja revestido de todos os lados com tabuinhas de nogueira, ou de madeira mais preciosa, e decorado de seda da cor apropriada a

²⁹¹ Literalmente “suggestus”, trata-se de um nome antigo para designar o púlpito, que por sinal, é um lugar elevado para a pregação.

essas relíquias, que aí serão guardadas, conforme o rito da igreja. Além disso, tenha também uma pequena porta que se fecha com folhas por fora revestidas de bronze e por dentro decoradas com seda da mesma cor. Para fechá-la se utilizem pelo menos dois trincos e outras tantas chaves, e cada uma destas fabricada diferentemente.

Na parte superior das colunas, no lugar plano do elevado se faça um pódio de um côvado e meio de profundidade e largura, ao longo do comprimento do elevado. Este pódio tenha na parte anterior um parapeito e este seja ou de bronze fundido, ou de ferro, ou de mármore, ou de outra pedra sólida, ou também de madeira torneada. Não tenha nenhuma escada de caracol, ou de outra forma; mas usem-se escadas de madeira portáteis, tão somente quando se expõem as sacras relíquias, em certas solenidades, ao povo.

A segunda forma do lugar

[35]

Mas se algumas igrejas, que não são bastante amplas, tem relíquias insignes como acima, se construa mais ou menos no meio delas, mas perto do altar mor, ou na parede do fundo da igreja, fora da capela mor, do lado do Evangelho um pódio; encostado à parede, longo e largo na forma acima prescrita. Na parte interior da parede, à qual ele está encostado ou à qual ele adere, se faça de mármore, ou de outra pedra sólida, um armário, no qual essas relíquias são conservadas, revestido internamente com tabuinhas de carvalho, ou de outro gênero, duráveis, e também, de todos os lados decorado com seda da mesma cor que, conforme o rito da igreja, convém para os santos dos quais são essas relíquias. Ele se feche com porta dupla de bronze e dois trincos, e estes, diferentes, como acima. Se for possível, sem impedir o espaço da igreja, se faça na parte posterior do armário uma escada de pedra ou madeira, pela qual se sobe ao pódio; em caso contrário seja usada uma escada portátil, como acima.

A terceira forma do lugar

[36]

A terceira forma do lugar elevado seja esta, e ela deve ser seguida em igrejas que tem sacras relíquias, mas onde não foi construído, ou não se pode construir, nenhum lugar da primeira ou da segunda forma acima prescritas.

Na capela mor, naturalmente dentro de seus cancelos, do lado do Evangelho, seja escavado um armário na parede mesma, voltado, onde é possível, diretamente para o altar mor; tão largo, comprido, alto e profundo quanto exige o número e o tamanho das sacras relíquias que nele devem ser guardadas. A base do armário seja construída a quatro côvados de altura a partir do pavimento da capela. Por dentro, seja revestido por todos os lados com tabuinhas, e ainda decorado em volta com algum pano de seda, da cor que convém para as sacras relíquias. Seja bem protegido e fechado, com porta dupla, por fora guarnecida com bronze; ela seja decente, com sólida fechadura e dúplice chave, cada uma de diferente fabricação. Neste armário, construído assim com elegância, as sacras relíquias se guardam com ordem, fechadas em pequenos vasos ou lóculos.

Vasos e lóculos das relíquias que devem se guardar nos lugares acima prescritos

[37]

Os pequenos vasos para guardar as relíquias sejam de ouro, prata, ou de cristal, ou de algum gênero de metal; elaborados com arte e dourados, na medida em que as relíquias sejam insignes e os meios da igreja onde se conservam o permitem.

Eles sejam tantos quantos são os gêneros das relíquias que se tem; para que sempre uma, ou duas, ou mais, se guardem ordenadamente separadas em pequenos vasos distintos. Haja véus individuais para cobrir estes pequenos vasos, e eles tenham cores distintas, em razão das sacras relíquias aí contidas.

Mas se as sacras relíquias são tais, que por sua pequenez não necessitam de vasos maiores, e sim, lóculos menores, sejam guardadas assim: uma tábua de madeira de nogueira, ou outra madeira, e também de matéria mais preciosa, como marfim ou prata, que trabalhada polidamente por um artesão, seja tão larga e longa que possa ser suficiente para o uso cujo ao qual é preparada. Nela são escavados tantos lóculos, e estes de três onças de medida, quantas são as relíquias que devem ser colocadas ou guardadas. Estes lóculos são de todos os lados na parte de cima, decorados com pequenas cornijas douradas.

Esta tábua construída para estes lóculos, será coberta com vidro, de modo que os diferentes lóculos sejam cobertos pelo vidro transparente, e esta cobertura de vidro é protegida com cornijas de madeira dourada ou por ornamentos de matéria mais preciosa, de todos os lados, para que adira fixo e firme. Além disso, cada relíquia se guarde envolvida em pano duplo de tafetá de seda ou “ormesin”²⁹², ou outra seda mais preciosa, ou entremeada de ouro ou prata, distinta pela cor da seda que convém, segundo o rito da santa Mãe Igreja, aos santos, sejam eles apóstolos, ou mártires, ou virgens, ou confessores, cujas relíquias aí se guardam

As relíquias, das quais consta o nome, não importa o gênero de lóculo, armário ou pequeno vaso onde se guardam, tenham em letras claras a inscrição em pergaminho afixada em cada uma, ou melhor, na seda que as envolve, e assim apareça claramente o nome de cada santo ou santa cujas relíquias aí são guardadas.

Quando consta de certas relíquias, por testemunhos seguros, que são de determinados santos, mas se aparecem entre si de tal modo misturadas que não se pode discernir se são, com certeza, próprias deste ou daquele outro santo, sejam guardadas num mesmo lóculo ou vaso. E neste lóculo ou vaso se inscrevam os diferentes nomes de cada um destes santos cujas relíquias neles são guardadas.

O mesmo se faça acerca da inscrição do vaso ou lóculo no qual as sagradas relíquias que neles são guardadas, embora tenham uma inscrição, estão entre si de tal modo separadas e de vários modos tão misturadas que elas mesmas não ofereçam algum critério para a sua distinção. E finalmente, se existem relíquias cujos nomes não constam, elas são colocadas num lóculo e se acrescente ainda esta inscrição “sacras relíquias, cujos nomes não se conhecem”.

Na parede ao lado do armário onde se guardam e conservam as relíquias, se pinte ainda, religiosa e decorosamente, a imagem dos santos, cujas relíquias mais insignes estão ali guardadas e conservadas.

Sejam feitas duas vergas de madeira ebúrneia (de marfim), ou daquela chamada braxílio ou de outro gênero decente, de três côvados, que na parte de cima constem de lâminas de prata e pequenos ganchos duplos, onde os rosários dos fieis podem se pendurar para tocar as sacras relíquias, ou melhor, os seus vasos.

²⁹² *Ormesino* ou *ermisino*, no italiano, designa o pano de seda finíssimo, oriundo da cidade persiana de Ormuz, donde o nome.

E finalmente, em qualquer igreja na qual existem relíquias ou corpos de santos se coloque nela, num lugar de destaque e ilustre, quer dizer, numa coluna da capela mor, do lado do evangelho, ou noutro lugar insigne, uma placa ou de bronze, ou de mármore, gravada com letras maiúsculas, fixada firmemente na parede ou na coluna, nela se narre breve e sumariamente tudo das relíquias aí guardadas.

CAPÍTULO XVII

AS SACRAS IMAGENS OU PINTURAS

[38]

Ora, a respeito do modo de representar por meio de sacras imagens, o bispo deve velar com máximo cuidado por aquilo que prescreve o Decreto tridentino e as Constituições Provinciais, como também pelas graves penas ou multas que são propostas para os pintores e os escultores, para que em seu trabalho não se afastem das regras prescritas.

Além disto, existe uma sanção a respeito dos Reitores de igrejas, se eles permitirem pintar ou colocar em suas igrejas imagens insólitas e contrárias às disposições prescritas no decreto de Trento

O que se deve evitar e o que se deve observar nas sacras imagens

[39]

Em primeiro lugar, em nenhuma igreja, ou outro lugar, haja uma representação em imagem sagrada que contenha um falso dogma e que seja ocasião de perigoso erro para os rudes (as pessoas simples), ou que contradiga a Sagrada Escritura, ou a tradição da Igreja, mas que seja condizente com a verdade da Escritura, da tradição ou das histórias eclesiásticas, e com os costumes e usos da Madre Igreja.

Além do mais, assim como na pintura ou na escultura das sacras imagens, não se deve expressar nada de falso, nada incerto, ou apócrifo, nada de supersticioso, nada insólito; assim, se evite absolutamente tudo que ostente algo profano, torpe, obsceno, desonesto ou

provocativo; e também tudo que é curioso, que não instrua as pessoas para a piedade, ou pelo qual as mentes e os olhos dos fieis possam ser ofendidos, também seja totalmente evitado.

Mas, assim como se deve expressar, na medida do possível, o retrato do santo, cuja imagem se pretende fazer, assim se evite retratar propositalmente a fisionomia de outra pessoa, viva ou morta.

E ainda, numa igreja, ou em outro lugar sagrado, não se devem fazer imagens de jumentos, cães, peixes, ou de outros seres irracionais, a não ser que uma expressão da história sagrada às vezes requeira de outro modo, conforme o costume da Mãe Igreja.

O decoro das sacras imagens

[40]

Toda a expressão das sacras imagens deve responder de maneira apta e decorosa no vestuário do corpo, na postura e no ornato à dignidade e santidade do protótipo.

As insígnias dos Santos

[41]

Além disso, aquilo [as insígnias] que, por causa do significado das coisas sagradas, se acrescenta pintado acima das imagens dos Santos, seja de tal modo colocado como convém, adequada e decorosamente, às normas da igreja. A saber, a coroa²⁹³, que à semelhança de um escudo redondo, se coloca às cabeças dos santos, palmas nas mãos dos Mártires, mitra e báculo pastoral que são próprios dos bispos e outras coisas deste gênero; e ainda o atributo distintivo e característico de cada Santo. Em tudo isso deve se proceder com diligência para que sejam observadas a verdade histórica, o costume da igreja e a norma prescrita pelos santos padres. Também se deve observar que a coroa do Cristo Senhor se distinga das coroas dos santos pela figura da cruz, e ainda, deve-se cuidar que ninguém receba tal coroa, se não for canonizado pela Igreja.

²⁹³ Trata-se, naturalmente, da auréola.

Os lugares não convenientes para as pinturas sacras

[42]

Uma imagem sacra não seja pintada no chão, nem mesmo na igreja; também não seja pintada em lugares húmidos que, depois de algum tempo, causam a sua corrupção e deformação; e também não debaixo de janelas, onde pingos de chuva possam gotejar, nem num lugar onde, talvez um dia, se deverão pendurar chaves; e, mais uma vez, não no chão ou algum lugar sujo e lamacento. Em tal lugar, não se represente a história de um santo ou uma santa; também não alguma figura dos sagrados mistérios e ainda, nem algum tipo ou símbolo dos mesmos.

O rito de bênção de imagens

[43]

Não se deve considerar somente o lugar, mas também os antigos ritos eclesiásticos. A saber, que quando as imagens dos Santos são pintadas, sejam consagradas por uma solene bênção e com orações estabelecidas e prescritas no Livro Pontifical ou Sacerdotal.

Os nomes dos Santos que às vezes devem ser inscritos

[44]

Mas também não é fora de lugar que na multidão das imagens sacras que nas igrejas são pintadas nas imagens menos conhecidas os nomes dos Santos sejam colocados abaixo da imagem que isso é uso antigo também São Paulino [de Nola] mostra com este verso:

*Martyribus mediam pia nomina signant*²⁹⁴ [Marcam os nomes piedosos entre os mártires]

Os acessórios e os acréscimos para o ornato

[45]

²⁹⁴ Nossa tradução: *Marcam os nomes piedosos entre os mártires*. A citação está incompleta e é tirada da obra de São Paulino de Nola intitulada *S. Felice Natalitium carmen*, X, 10. No original de São Paulino consta: “*Martyribus mediam pictis nomina signant*”.

Os acessórios, que por causa do ornato que os pintores e escultores costumam acrescentar não sejam profanos, nem voluptuosos, nem prazerosos²⁹⁵, e finalmente, nem impróprios para uma pintura sacra, como cabeças humanas deformemente representadas, que vulgo são chamadas “mascaroni”²⁹⁶, nem passarinhos, nem o mar, nem prados verdes, nem outras coisas semelhantes, feitas para o divertimento e em prospectiva de puro prazer e ornato; a não ser que sejam tais que realmente combinem com a história sagrada que aí se exprime; ou tábuas votivas nas quais são pintadas cabeças e outras coisas, como acima, para a sua explicação.

Também os ornamentos ou outras indumentárias que se acrescentam às imagens sacras não tenham nada de inadequado; e, finalmente, nada tenham que, em nada ou pouco, estejam em desacordo com a santidade.

As tábuas votivas

[46]

Enfim, as tábuas votivas, oferendas, imagens fundidas em cera e outras coisas deste gênero que se costumam pendurar nas igrejas, conforme antigo costume e norma para lembrar a saúde recuperada, ou o perigo evitado, ou um benefício divino miraculosamente recebido; já que elas são feitas frequentemente de maneira falsa, sem decoro, de modo feio e supersticioso, deve-se ter o cuidado acima prescrito na produção das mesmas.

CAPÍTULO XVIII

AS LÂMPADAS E O LAMPADÁRIO

[47]

Agora é o lugar de instruir sobre as lâmpadas e o lampadário pênsl ao qual elas são penduradas na frente do Santíssimo Sacramento ou das sacras relíquias ou imagens.

Em primeiro lugar, as lâmpadas, conforme a situação da dignidade das igrejas, podem ser de prata ou de metal brilhante, segundo o costume eclesiástico. Assim observamos também nas

²⁹⁵ No original, literalmente, *deliciosos*.

²⁹⁶ Mascarão, são os rostos disformes ou fantásticos usados nas decorações pelas artes figurativas, ou mesmo na arquitetura.

basílicas maiores lâmpadas confeccionadas de ouro, com acréscimo por dentro de um vasinho de vidro que serve como um candeeiro.

Mas nos lugares alpinos onde reina o frio e no inverno, por causa do gelo os vasos de vidro frequentemente se estalam, é permitido colocar por dentro das lâmpadas vasilhos de metal.

A forma das lâmpadas

[48]

A forma das lâmpadas, já que pode ser múltíplice conforme o decorrer do tempo, nenhuma é proibida se convém aos usos da igreja. Mas aquelas de forma alongada antigamente de uso frequente são fortemente recomendadas, quer dizer aquelas que acima e em baixo são amplas e no meio estreitamente forjadas quase como que fechadas por um nó e são penduradas pela borda de cima com três correntinhas do mesmo metal.

O lampadário e sua forma

[49]

Mas o instrumento lampadário pelo qual lâmpadas pênseis de certo número são sustentadas em forma circular e construído um pouco alto, a guisa de uma torre, pode constar de muitos delfins para sustentar as lâmpadas. Consta que este tipo de lampadário é antigo e se chama *phara cantara*²⁹⁷. O uso deste tipo de lampadário, nas igrejas mais insignes, é adequado sobretudo quando belamente confeccionado em metal brilhante.

Outro lampadário pode ser de uma pequena trave, bem sólida, todo ele artisticamente dourado e ornado decorosamente com cornijas. Poderá também, como era antigamente o costume, ter delfins na parte de cima, de madeira, como uma espécie de ornato. Este, no entanto, seja tão longo quanto exige o número das lâmpadas necessárias para a iluminação.

Existe um terceiro tipo de lampadário que apresenta uma forma triangular; ele pode ser utilizado onde se usam três lâmpadas pênseis. Num lampadário mais longo se colocam três ou cinco

²⁹⁷ É um tipo de lampadário com tripé, que se apoiava no chão e ao qual as lâmpadas eram ou ficavam penduradas.

lâmpadas em igrejas menores, em maiores sete ou treze. E estas, colocadas em linha reta, distem entre si mais ou menos de meio côvado.

O número das lâmpadas

[50]

O lampadário circular, e erguido como uma torre ou coluna, pode ter várias lâmpadas colocadas conforme exige a sua fabricação. Mas em todo lampadário se deve cuidar que as lâmpadas sejam ímpares.

O lugar do lampadário

[51]

Mas todo lampadário, também quando consta de uma lâmpada, seja pendurado, como acima se disse, não do lado, mas em linha reta, na região frontal do altar, ou das sacras relíquias, ou de uma imagem sacra, e à prescrita distância, tendo um cordão [para manobrar] guia [nota: para subir ou descer o lampadário].

Mas esteja pendurado tão longe que diste do supedâneo do altar para que, se por acaso alguma vez estiver gotejando, o sacerdote ou o clérigo não se sujem por uma gota de óleo quando no início da missa ambos estão ao pé do altar; de outro lado, nem se eleve menos de sete côvados do pavimento da igreja para cima; mais, no entanto, em proporção à altura da igreja.

Caso se deva acender só uma das lâmpadas para que ilumine, acenda-se apenas aquela do meio.

CAPÍTULO XIX

O BATISTÉRIO

[52]

Depois de ter exposto tudo isso agora é o momento de passarmos a mostrar as características e as formas do batistério.

O batistério com o sacrário se construa, portanto, de acordo com as características e o tamanho de cada igreja, na forma e de modo abaixo definidos, em cada catedral e também - como foi prescrito em nossos Concílios Provinciais - nas igrejas paroquiais, e em quaisquer outras onde se exerce a cura das almas, ou, onde, por justo motivo, o bispo concedeu a licença.

O lugar e a forma do batistério

[53]

Primeiro: em cada igreja catedral, e arcepresbiteral, prepositural ou com outro nome que seja principal Freguesia²⁹⁸, o lugar e a forma do batistério podem ser as seguintes:

Com o juízo do arquiteto, escolha-se um lugar convenientemente distante da frente (trata-se da entrada da igreja, por nota) da igreja, orientado para o sul; ali se faça com insigne estrutura um sacelo ou uma capela com o nome de São João Batista, que tenha um espaço de aproximadamente trinta e três côvados conforme convém às características dessa igreja.

Deve ser usada uma forma de construção redonda ou octangular, ou sexangular, ou outra forma semelhante que não ultrapasse os limites de um círculo perfeito: mas aquela mais conveniente e decorosa é a que apresenta uma semelhança com um octógono.

O teto deste edifício seja feito em arco ou abobadado, tenha a forma pontiaguda e seja coberta com lâminas de chumbo. E ainda conste na sumidade de uma cúpula, por onde possa entrar a luz de todos os lados.

O pavimento se faça de mármore ou de pedra sólida, e em forma de mosaico ou, onde isso não é possível, seja feito pelo menos de ladrilho; a partir do chão da via pública seja elevado três ou mais degraus, contanto que não seja mais alto do que o pavimento da igreja.

²⁹⁸ Literalmente o Borromeu diz “*quae caput Plebis sit*” – *cabeça de Pieve* – a *Plebs*; no italiano, a *Pieve*, era a principal igreja de uma região onde havia a fonte batismal e afluência do povo. Uma tradução aproximada talvez seria o termo português “freguesia”. Uma breve síntese sobre a origem da *Pieve* na Itália pode ser encontrada em POGGIASPALLA, Ferminio. *La vita comune del clero. Dalle origini alla riforma gregoriana*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1968, p. 55.

A porta, ornada por um pequeno vestíbulo e com a forma acima prescrita para a porta de entrada da igreja, esteja voltada para o ocidente.

Haverá várias janelas, conforme a estrutura do edifício e o juízo do arquiteto perito; por sua vez, a forma das janelas corresponda às características do edifício e seja aprovada pelo arquiteto.

A altura de todo edifício até a sumidade da cúpula será proporcional à largura, conforme o tipo da obra, e isso de acordo com o conselho do arquiteto.

O altar da capela do Batistério

[54]

Nessa capela se deve construir apenas um altar, construído à distância de dois côvados da parede, voltado para o oriente, se o tamanho da capela oferecer tanto espaço. No entanto, seja feito com a forma dos outros altares e também de modo predefinido, seja protegido, cercado, bem ordenado e ornado. E ainda, na parede acima do altar, seja representada a história sagrada de S. João Batista, batizando o Cristo Senhor.

No entanto, se de maneira alguma pode ser construído um altar do tamanho e da maneira predefinida, em seu lugar seja, pelo menos, colocado na parede um ícone ou pintura sagrada, igualmente de S. João Batista.

O lugar do batistério, onde ele não pode ser construído separadamente da igreja.

[55]

Ademais, onde o sacelo de S. João Batista não está construído separadamente da igreja e nem pode ser construído por falta de meios, então, com o consenso do bispo, ele poderá ser feito numa capela da igreja na forma mostrada abaixo.

A diferença do batistério, segundo o costume Romano e o Ambrosiano.

[56]

Segue a descrição da forma do batistério que distinguimos conforme o uso atual de administrar o batismo. O batistério de costume Romano, chamamos àquele, quer dizer àquela forma de batistério adequada ao batismo por efusão da água, já que em quase todas as igrejas de rito Romano hoje este é o modo e o costume mais comum de batizar. Mas a outra forma de batistério, construído para o uso do batismo por imersão, temos chamado de batistério de costume Ambrosiano, visto que este uso de imersão se conserva e se mantém nas igrejas de rito Ambrosiano.

A localização e a forma do batistério segundo o costume Romano

[57]

O batistério deve se localizar no meio da capela; e tenha uma largura de onze côvados e seja tão profundo, que do pavimento da capela se desça pelo menos três degraus; por esta descida e certa profundidade apresente alguma semelhança com um sepulcro.

Mas bem embaixo, aos pés do último degrau da descida haja um espaço vazio de sete côvados e dezesseis onças de diâmetro; no meio deste espaço se coloque a pia do batistério, na qual a água corra; sua largura medida por uma linha reta no meio é de três côvados e dois de altura; a forma seja redonda ou octangular, ou outra que combine com a forma da capela; seja confeccionada, se possível, de uma única pedra sólida de mármore ou de outro gênero, ou de duas ou mais lâminas de mármore ou de outro gênero, ou de duas ou mais chapas de mármore ou pedra, de oito onças de espessura. Estas lâminas sejam sólidas e não porosas, devidamente e, por uma perfeita junção entre si, ligadas e firmemente coladas. Além disso, por dentro sejam aplainadas e bem polidas, por fora piedosamente esculpidas com alguma espécie de ornato decente.

Se o fundo desta pia não for de uma só pedra, ele seja nivelado e consolidado por placas de mármore, ou de pedra dura, cortadas adequadamente, como acima, entre si conexas, e com betume bem firmadas.

Seja ainda de todos os lados convergente e um pouco inclinado e tenha algumas pequenas canaletas pelas quais a água é conduzida a uma abertura escavada no meio debaixo de uma

pequena coluna²⁹⁹. Além disso, debaixo do fundo dessa pia, se fure uma pequena cisterna, como sacrário, num lugar subterrâneo onde é recolhida a água que escorre da cabeça da criança que é batizada.

No meio deste mesmo fundo ou lugar, seja colocada e erguida uma pequena coluna de mármore, com o fuste posto sobre uma base triangular, quadrangular ou sexangular ou, de outra forma à escolha. E a mesma seja elaborada com elegância e ornada com decoro.

Na parte superior desta coluna, se coloque adequada e decorosamente, a própria pia batismal, na qual se guarda durante o ano todo a água do batismo. Esta pia tenha uma forma redonda ou octangular, ou outra semelhante que corresponda à forma da capela e da pia inferior. Ela tenha uma largura de dois côvados, uma profundidade aproximada de doze onças ou um pouco mais ampla, conforme o tamanho da cidade e dos lugares, e segundo o tipo das igrejas. Esta pia superior pode ser colocada dezesseis onças mais alta, quer dizer, medida perpendicularmente da sumidade da borda da pia inferior até a sumidade da borda da pia que está em cima.

A colher de prata

[58]

Seja usada uma colher de prata para despejar a água sobre a cabeça da criança que se batiza. E esta, seja pendurada na pia superior, por um cabo um pouco encurvado em cima.

Ela seja de tal modo: que da boca dela, do lado esquerdo, a borda seja um pouco mais estreita, à semelhança de um pequeno canal, de onde se despeja a água delicadamente sobre cabeça da criança.

A localização e a forma do batistério segundo o costume Ambrosiano

[59]

Depois de ter falado sobre a forma e a localização do batistério segundo o costume Romano, passamos agora à localização e forma, segundo o costume Ambrosiano.

²⁹⁹ Assim está no original. O sentido talvez seja o de escavar a coluna ao meio, de cima a baixo, para que a água possa passar por ela e chegar à cisterna localizada abaixo. De fato, mais a frente, o Borromeu falará de um “colunelo oco”.

Em primeiro lugar, a localização do batistério seja no meio da capela, e de tal modo que se desça a ele por meio de degraus, como para um sepulcro; como demonstramos acima, na forma do batistério romano. A forma, no entanto, da pia batismal deve ser aquela que, conforme os vestígios dos batistérios antigos, sabemos ser assaz vetusta; ela deve ser empregada em igrejas de tipo catedral, paroquial [freguesia], prepositural, ou arcepresbiteral.

A pia seja feita de mármore ou de pedra sólida não porosa; se ela pode ser feita de uma única pedra íntegra de mármore, ela é mais adequada para a construção da fonte batismal a modo de sepulcro. Se não de uma só, então de duas; e se nem mesmo assim, pode ser construída de várias pedras quadradas, adequadamente entre si ligadas e com betume firmemente consolidadas.

Essas pedras, de uma espessura de oito onças, sejam por dentro aplainadas e bem polidas, e por fora, tenham uma piedosa escultura decente. A forma, como se disse acima do uso romano, seja octogonal ou redonda, ou outra, que corresponda à estrutura do edifício. A altura, medida da parte inferior ao topo, deve ser de dois côvados; a largura, medindo o espaço livre, seja de três côvados.

A abertura na parte inferior, que se faz na direção do oriente, tenha três onças, por onde, quando a água do batismo se renova, a velha escorre no sacrário que, como se mostra a seguir, será construído por baixo, a modo de pequena cisterna. Esta abertura, no entanto, seja bem tapada com madeira de carvalho ou freixo, bem seca, coberta num invólucro de estopa, ou de outro modo ainda mais seguro. Quando é feito de uma só pedra, conste de um fundo sólido e íntegro, mas se consta de várias, tenha um fundo acurada e diligentemente feito de obra de ladrilho; e solidamente assim pavimentado que nem uma fissura exista por onde a água possa imperceptivelmente, de alguma maneira, vazar. Além disso, o fundo será todo suavemente inclinado na direção da abertura. No centro da capela ou em outro lugar predefinido se coloque, como acima prescrito, esta pia firmemente estruturada.

A pequena cisterna para a qual a água batismal deve escorrer quando ela é renovada, se escave na parte oriental, como sacrário, sob o pavimento que circunda a pia do batistério. Esta pequena cisterna adjacente à pia batismal deve ter uma pequena porta, de um côvado em todos os lados, e esta se proteja firmemente com trinco e ferrolho nos batentes; e ela se abra somente quando, aberto o furo da pia, a água deve escoar.

Coisas comuns ao Batistério Romano e Ambrosiano.

[60]

No que diz respeito à construção deste batistério ambrosiano e romano, estas coisas podem ser comuns: a cobertura, o cibório, o espaço do local, as dimensões do lugar, o cancelo, o ornato, o teto e o conopeu³⁰⁰; logo abaixo se mostra a forma de cada um.

O cibório

[61]

A cobertura, pois, que chamam de cibório, e pode ser adequada ao uso de um e outro destes batistérios, seja feita de mármore ou de pedra sólida nas igrejas mais insignes; ele deve ter uma firme estrutura apoiada por colunelos e pilastras mais estreitas, de dois côvados de altura, de modo que nos intercolúnios haja bastante espaço apropriado.

Onde o batistério é de rito Romano, esses colunelos ou pilastras, sejam fixados na borda superior da pia de baixo; no Ambrosiano, se apoiem firmemente na borda da própria pia batismal.

Na sumidade destes colunelos se aplique, conforme o conselho do arquiteto, ornato decente de epistilo e zoóforo, e também uma cornija; então toda a obra de cobertura se arremata com um teto de mármore na forma de orbicular³⁰¹ ou piramidal; no topo seja colocada a estátua de São João Batista batizando o Cristo Senhor. Aqueles espaços entre as pilastras se fechem com batentes de bronze, decorados com alguma história piedosa, de modo que, quando for o caso, possam ser removidos.

A mesa

[62]

³⁰⁰ Provavelmente do grego “Κονοπες” (*konops*), isto é, mosquito. Cortinas que tinham, em origem, a função de mosquiteiros e que posteriormente eram usadas para adornar o tabernáculo ou outros elementos da igreja, como se verá aqui.

³⁰¹ Na forma redonda.

Para manter limpa a água batismal, se usará para a pia do batistério, seja Ambrosiano, seja Romano, construído na forma acima prescrita, e também para outros de forma demonstrada mais abaixo, uma mesa de duas tábuas de nogueira unidas entre si no meio com fivelas de ferro e colocada entre o cibório e a própria pia. Ela cobrirá e fechará completamente a abertura desta pia, segundo a sua forma e medida. Esta mesa, onde se batiza por imersão no rito Ambrosiano, tenha lugar somente nos batistérios maiores, para que a imersão da criança não seja impedida; no entanto, em todos [os batistérios] onde o batismo é administrado conforme o rito Romano, ela pode estar.

A disposição de cada um destes batistérios

[63]

A estrutura, no entanto, de cada um destes batistérios deve corresponder à forma da pia batismal e da capela. O chão deste batistério seja sólido, revestido com mosaico de mármore e cingido, a partir de seu degrau superior, com uma colunata.

A colunata

[64]

A forma da colunata esteja de acordo com a construção do batistério. Conste de oito colunas, com ordem de uma em uma, ou de dezesseis, com ordem de duas em duas; se a forma for sexangular, de seis colunas ou doze, correspondendo à razão da forma. Conforme o conselho do arquiteto, seja na parte superior decorada e cingida com um zoóforo e cornijas. Seja coberta com um teto artesoadado, ou abobadado, ou com arcos; com caniços firmemente entrelaçados, e revestidos com reboco, e com estuque cinzelado e ornado com uma espécie de douradura. Esta colunata esteja também ligada por cancelos, conduzidos de uma coluna à outra, e isso exatamente da maneira como se prescreveu acima para os cancelos de ferro das capelas.

O Conopeu

[65]

Faça-se um conopeu para cobrir todo o cibório; ele seja de seda, ou de seda mista, de cor branca, cor que corresponde ao sentido do mistério deste sacramento; também não se proíbe outro tecido decente da mesma cor.

O armário do sacro crisma, etc.

[66]

Por sua vez, de acordo com o conselho do arquiteto, de algum lado da própria capela, na parede ou junto à parede, pode ser feito um armário no qual se guardam os pequenos vasos do sacro crisma e do óleo dos catecúmenos, o livro do ritual dos sacramentos, as toalhas e demais coisas necessárias para a administração do batismo, conforme o uso nos batistérios construídos para o rito Romano ou Ambrosiano.

Ele será bem fechado com batentes, ferrolho e trinco, e ornado com obra de mármore ou escultura elaborada com piedosas imagens; por dentro, porém, dividido e decentemente distinto conforme o sentido e o uso das coisas que aí se devem guardar, e ainda, forrado em todos os lados com tábuas de álamo, ou outras semelhantes, para que seja protegido absolutamente da humidade que sai do muro ou do mármore. Seja ainda forrado, de todos os lados, com seda de cor branca.

O batistério menor

[67]

Onde, no entanto, por causa do espaço estreito, ou pela falta de recursos não pode ser construído um sacelo de São João Batista e um batistério tão amplo e alto, ele seja feito mais estreito, observando-se a forma de ambos, de modo que o batistério, sem a colunata, seja cingido por cancelos de ferro, colocados em volta do único degrau através do qual se desce à pia. Seja coberto somente pelo teto do sacelo, já que outro próprio, pela simplicidade do edifício, não pode haver. Além disso, existe também a possibilidade de fazer em madeira, onde não possa ser feito em mármore, uma cobertura ou um cibório, também em conjunto com o armário, na forma como será abaixo descrita.

[68]

Em toda igreja paroquial, ou outra menor, onde foi concedido construir uma fonte batismal, por dentro da igreja, junto da porta maior, e do lado onde se lê o evangelho, seja construído um sacelo ou uma capela. Ela seja semelhante às outras capelas laterais que se constroem para os altares. Sobre o seu pavimento, limiar, profundidade, largura, altura e tudo o que diz respeito ao espaço - abóbada, cancelos de ferro, e todo o resto - se observem as prescrições dadas para as outras capelas que tem altares.

Naquelas igrejas, no entanto, em que, devido à estreiteza do espaço, não pode ser edificado naquela grandeza como temos indicado, pelo menos seja construído um espaço mínimo onde caiba tudo quanto necessário para um batistério, como foi mostrado acima. E, além disso, haja o espaço necessário para o sacerdote que administra o batismo e os padrinhos. Mas se esta capela não pode ser construída de maneira alguma do lado do evangelho, conforme o prescrito, ela será edificada, com a permissão do bispo, do outro lado, onde pode ser feita com maior facilidade e na forma predefinida, como a seguir se explica.

No entanto, onde pela estreiteza do espaço, a capela não pode ser feita, nem do outro lado, nem em pequeno tamanho, então do lado do evangelho, perto da porta de entrada, a parede seja um pouco escavada, de modo que também por fora sobressaia em forma de hemicírculo, e nesta concavidade todo o batistério, ou uma parte dele, fique adequadamente colocado, e seja cercado com cancelos de ferro por três lados.

E onde nem nesta forma se pode construir, ele seja colocado do mesmo lado, perto da parede, mas observando o critério que ele não possa ser impedido ou ocupado pela localização da porta que se faça por esse lado; e seja também protegido por cancelos, como acima, mas de modo que entre estes e a obra do batistério haja o espaço de um côvado, ou um pouco mais, em proporção ao lugar. Mas esta cautela, de a porta que fica ao lado da entrada maior não ser impedida pelo batistério, deve ser observada acuradamente também para toda forma de batistério, que será mostrada abaixo.

Em todo caso, evite-se, se possível, que o batistério esteja junto à parede quando a igreja, mesmo não tendo naves, é ampla; em tal caso então, entre a porta de entrada e a parede do lado do evangelho, o lugar do batistério, que de uma e outra parede dista dois ou mais côvados

conforme a condição do espaço, seja delimitado por cancelos de ferro em forma quadrada, ou octogonal, ou semelhante, observada a precaução precedente.

No centro deste espaço se coloque o batistério, de qualquer forma ele seja, se for possível, de modo que esteja distante de toda a cerca dos cancelos pelo menos um côvado e meio. Mas se a igreja é construída com naves e intercolúnios não muito distantes entre si, o batistério colocado somente entre os limites do intercolúnio próximo da porta maior da igreja, do lado do evangelho, ou naquele espaço que existe entre o intercolúnio e a porta maior, no espaço prescrito seja cercado por cancelos de ferro de modo que este espaço cercado apresente uma forma quadrada, ou octangular, ou outra similar, que pareça mais indicada e decente conforme a disposição do lugar.

Ora, tudo o que se disse acima sobre a forma e a altura dos cancelos e a localização das capelas, o mesmo deve ser observado para os cancelos do batistério. Se o batistério, com qualquer estrutura ou forma, construído na igreja, por falta de possibilidades não pode ser cercado por cancelos de ferro, nem de mármore, pode ser protegido, se o bispo permitir, por cancelos de madeira, como se prescreve para as capelas.

O lugar do batistério no lado direito

[69]

Onde, por juízo do bispo, o batistério pode ser mais bem construído no lado direito da igreja do que no esquerdo, ele seja colocado conforme a permissão do bispo, observando no demais, a prescrição que será dada logo à seguir.

O hemicíclo, ou a parede do fundo da capela do batistério, seja ornado com a pintura de São João Batista que batiza o Cristo. Em tal capela, ou lugar adequado, será construído o batistério, cujo ao qual se acede descendo um ou mais degraus, e na forma pelo resto também já descrita acima; deve ser adaptado ao costume Romano e Ambrosiano, se for possível em razão dos recursos, do contrário se adotará a forma seguinte, conforme o uso Romano.

A segunda forma do batistério do costume Romano

[70]

Faça-se uma pia redonda ou de outra forma decente que pareça adequada; em mármore ou de pedra sólida, com o diâmetro de dois côvados e meio; tenha uma profundidade de, oito onças ou, no máximo, dez. No fundo seja ligeiramente côncava, com suas canaletas, como acima. Será colocado numa base ou coluna; do pavimento até a borda da pia, não tenha uma altura maior de dois côvados. Em seu meio haja um furo do tamanho de mais ou menos um dedo, que penetre pela coluna e a base até uma pequena cisterna escavada para receber a água batismal que escorre.

A outra pia [batismal]

[71]

Além disso, seja colocada no meio desta pia, outra pia também de mármore de forma semelhante, mas de tamanho menor com a abertura de um diâmetro de um côvado e oito onças, contando com a espessura da pia mesma. Esta pia é sustentada por algum apoio de mármore ou de pedra colocado na pia inferior. Nessa mesma pia menor se conserva a água batismal.

A segunda forma do batistério do costume Ambrosiano

[72]

A segunda forma do batistério Ambrosiano, por sua vez, será a seguinte.

A pia se faça do modo e da forma como logo acima foi definida para o costume Romano: mas no meio não será perfurada, e sim escavada mais profundamente; mas não tenha, como aquele, uma pia superior; no entanto, se a pia mesma não foi feita de pedra sólida, de modo que a água se perde pouco a pouco, nela seja inserida outra pia de estanho ou de bronze estanhado, até que esteja à disposição outra pedra sólida que não tenha rachaduras ou poros.

O sacrário

[73]

O sacrário, no entanto, deste batistério construído conforme o costume Ambrosiano, pode ser de um ou de outro tipo de sacrário, abaixo demonstrado, desde que, batistério e sacrário, estejam dentro dos limites de um único recinto.

Coisas comuns para ambas segundas formas de batistérios

[74]

O pavimento, no entanto, do batistério cuja forma foi descrita, seja para o costume Romano, seja para o Ambrosiano, também na igreja se faça tão profundo que se desça para o batismo, se não por três degraus, pelo menos por um; se bem que a pia batismal, apoiada pela coluna, deve sobressair.

Para o batistério que é colocado, em parte ou no todo, fora da capela ou da concavidade do hemicírculo, esteja ele encostado à parede ou afastado da mesma, se faça uma cobertura, ou com obra de abóbada, que se apoia sobre uma ou várias colunas, distantes um pouco da parede mesma, ou ela se construa com tábuas entalhadas e estas ornadas com pintura sacra, ou se faça de tela pintada. E esta cobertura de madeira ou de tela seja sustentada por correntes de ferro pendentes do teto ou por outra estrutura firme.

O cibório e o armário

[75]

O cibório, por sua vez, e o armário, comuns a ambos [os ritos], se façam deste modo. Este seja construído em forma de pirâmide de tábuas entalhadas de nogueira, polidamente elaboradas, e onde for possível, pintadas e também decorosamente douradas. Estas tábuas, muito bem juntadas e apertadas, devem aderir perfeitamente uma à outra, e as suas juntas devem se cobrir por pequenos e finos sarrafos, ou cornijas, perfeitamente encaixadas, de modo que nem poeira ou alguma outra sujeira penetre no batistério.

Este cibório se apoia e é sustentado na borda da pia inferior do batistério se é de costume Romano, se Ambrosiano, no topo da borda da pia batismal mesma. Na parte superior deste cibório, deve-se construir um pequeno armário que serve para guardar os sacros óleos e outras

coisas necessárias para a administração do batismo. Ele esteja distante da pia superior em cerca de oito onças e por dentro seja bem revestido por uma tela de seda branca

Outra forma do cibório

[76]

Ademais, outra forma de cibório pode ser assim: também feita de madeira, sustentada por colunas ou pilastras de lenho, do mesmo modo como acima foi mostrado para o cibório de mármore.

As portas do cibório

[77]

Qualquer que seja a forma do cibório, suas portas devem estar dirigidas para a parede anterior da igreja, para que também o rosto do sacerdote que batiza, e a cabeça da criança que está sendo batizada, estejam voltados para o oriente. Elas se abram não para dentro, mas para fora, além disso, sejam amplas para que a metade do batistério fique acessível quando estão abertas. Elas se fechem firmemente com chave, ferrolho e trinco.

A terceira forma do batistério, somente de uso Romano

[78]

Há uma terceira forma de batistério que poderá ser permitida somente ao uso Romano, onde o bispo, por causa da grande pobreza, julgue necessário concedê-la.

Disponha-se de uma pedra sólida de mármore com escultura, de forma oval, dois côvados e oito onças de comprimento e um côvado e duas onças de largura. Nesta pedra se escavem bem lisamente com cinzel duas pias, com três onças de distância entre si. Elas sejam redondas e tenham também a mesma profundidade e amplitude. Debaixo da pedra oval se colocará um colunelo no modo e na forma prescritas.

Destas duas pias, uma voltada para o altar mor será aquela na qual a água batismal se conserva, a outra, que estará voltada para a parede oposta ao altar mor e nesta se despejará a água mesma enquanto se batiza. E por isso se faça no fundo desta, um pequeno canal pelo qual a água é conduzida a uma abertura que de um lado se escavará numa parte, e de lá escorre pelo colunelo oco para a pequena cisterna subterrânea.

Também este batistério será coberto com uma cobertura ou cibório de madeira na forma acima prescrita, igualmente com um pequeno armário, construído como acima, e ainda usando-se um conopeu. Isto basta para o batistério, passamos agora a uma pequena instrução sobre o sacrário.

CAPÍTULO XX

O SACRÁRIO

[79]

Em toda igreja catedral, prepositural, arquipresbiteral, paroquial e outra qualquer, na qual às vezes se celebra a missa, seja construído numa ou noutra forma no modo prescrito abaixo - além do sacrário que está junto do batistério - outro sacrário, que sirva para outros usos na igreja. E isso, na Capela mor, se comodamente possa ser feito, se não existir impedimento algum, ou em outro lugar da igreja mais próximo da sacristia e mais adequado para o seu uso, mas, bem longe da vista do povo, ou melhor, na própria sacristia, se ela for ampla, e sobretudo se a igreja é muito frequentada e o seu clero numeroso.

A primeira forma do Sacrário

[80]

A primeira forma do sacrário seja esta, que a pia, evidentemente de mármore ou pedra sólida, seja escavada a semelhança de uma fonte batismal; ele tenha o comprimento de um côvado e a largura de dezesseis onças; a forma seja redonda ou oval, ou quadrada, ou outra, como o espaço o permitir. No meio do fundo côncavo haja uma abertura em forma quadrada que tenha por todos os lados uma medida de mais ou menos cinco onças.

Esteja apoiado por uma pequena coluna quadrada ou outra, de acordo com o estilo da pia; de modo que, do pavimento da igreja até o topo de sua borda tenha uma altura de dois côvados.

Debaixo da abertura tenha um pequeno tubo ou aqueduto cinzelado ou talhado no meio da pequena coluna; que tenha também a forma quadrada e uma largura de cinco onças, pelo qual a água, cinzas ou outras coisas deste tipo que são despejadas ou jogadas escoem de cima. Abaixo deste tubo ou aqueduto, escave-se uma cisterna na qual se recolhem todas as coisas que serão despejadas ou jogadas.

Este sacrário deve se fechar com uma cobertura que seja de tábuas de nogueira e de tal modo que a parte superior, elevando-se ligeiramente, sobressaia quase como uma pirâmide. Por fim, feche-se firmissimamente com ferrolho, trinco e chave.

A segunda forma do Sacrário

[81]

A segunda forma do sacrário será a seguinte. Escave-se uma janelinha côncava na parede, com vinte onças ou um côvado, conforme a sua espessura do muro; sua largura será também de um côvado ou um pouco mais; a altura, por sua vez, de um côvado e meio. Ela se eleva do pavimento da igreja a uma altura aproximada de dois côvados. A superfície inferior côncava da janelinha seja de pedra sólida; nela haja uma abertura como acima. A sua forma seja amplamente quadrada; haja então um aqueduto e por baixo também uma pequena cisterna escavada; feche-se com uma pequena porta, com ferrolho e chave.

CAPÍTULO XXI

A PIA DE ÁGUA SANTA

[82]

Até aqui acerca do sacrário, agora acerca da bacia ou da pia da água santa: ela seja de mármore ou pedra sólida, não porosa, sem fissuras, e sustentada pelo fuste de uma pequena coluna, decentemente elaborado. Seja colocada não fora, mas dentro da igreja, de modo que esteja à vista dos que entram, se possível do lado direito. Uma seja colocada por onde entram

os homens e outra por onde as mulheres. Não apoiada na parede mas dela distante; conforme a condição do espaço, seja sustentada por uma pequena coluna como acima, ou por pilar, ou por uma base, nas quais nada de profano apareça. Haja um aspersório decente pendurado na pia por uma correntinha, que é feito de metal brilhante, ou de marfim, ou de ferro, mas elegantemente trabalhado, ou de outro material que convenha; na ponta não tenha esponja mas cerdas. No entanto, poderá ser de esponja se ela estiver incluída numa cápsula de prata, de metal brilhante ou de estanho, perfurada por todos os lados, com cerdas fixadas por fora.

CAPÍTULO XXII

OS AMBÕES E O PÚLPITO

[83]

Nas igrejas mais insignes e sobretudo nas basílicas catedrais se deve prestar também atenção aos ambões. Eles podem ser vistos, grandes e decorosamente confeccionados e adornados por tábuas de mármore, nas basílicas romanas; e também alhures em bronze, decorados com sacras imagens cinzeladas.

Os dois ambões

[84]

Do mesmo modo, de acordo com a grandeza das igrejas, podem ser construídos dois ambões: um erguido mais alto, do qual se proclama o Evangelho, e outro do qual se lê, nas maiores solenidades, a epístola, ou leitura da Sacra Escritura. E este seja um pouco mais baixo do que aquele de onde se lê o Evangelho.

O ambão único

[85]

Como se observa em muitas igrejas pode haver também um só ambão, que serve tanto para a leitura do Evangelho, quanto da epístola; assim, todavia, que o lugar de onde o Evangelho se

proclama seja um pouco mais elevado; para a leitura da epístola, no entanto, haja um degrau a menos. Igualmente, a parte mais baixa, sob o ambão, ou outro lugar inferior, se reserve como espaço onde os cantores ou clérigos cantam em solenidades e certos dias, os cânticos estabelecidos, conforme o uso antigo da Igreja, sobretudo entre a epístola e o Evangelho.

Onde é possível, se construam no ambão duas ordens de escadas: uma para subir, voltada para o oriente; outra, na direção do ocidente, pela qual se faz a descida.

A localização dos ambões

[86]

Se apenas um só ambão deve ser colocado na igreja, que este seja colocado no lado do evangelho; se forem dois, um, aquele de onde se lê a epístola, naturalmente se coloca do lado da epístola, o outro, no entanto, que é do Evangelho, do lado do Evangelho, de modo que o diácono, lendo daí o Evangelho, esteja voltado para a parte meridional da igreja onde se encontram os homens. E estes devem ser feitos de mármore ou de pedra, e além disso, ser decorados por alguma obra de sacra escultura. Ou podem ser construídos de ladrilho, mas convém decorá-los com lâminas de mármore ou de pedra elaboradas artisticamente, ou de bronze, e estas douradas, como se podem ver hoje.

O púlpito

[87]

Em cada igreja paroquial onde não se possa colocar um ambão, de onde o Evangelho possa ser proclamado e feito o sacro sermão, pelo menos se construa um púlpito de tábuas cortadas, e estas bem firmes, de obra e forma decente, do lado do Evangelho, de onde, tanto a leitura do evangelho e o sacro sermão, se possam fazer.

Disto se deve cuidar: que tanto os ambões quanto o púlpito sejam adequadamente colocados no coração da igreja, num lugar bem visível de onde o pregador, ou leitor, possa ser visto e ouvido por todos; não fiquem demasiadamente distantes do altar mor, como a disposição da igreja o permita fazer decorosamente, para que sejam bem cômodos para o sacerdote, quando, como está prescrito, faz o sermão na celebração da missa.

CAPÍTULO XXIII

O CONFESSIONÁRIO

[88]

Tendo demonstrado a forma do ambão e também do púlpito, de onde se faz a sacra leitura ou o sermão, falta ainda alguma instrução da obra de madeira adequada para ouvir, correta e decentemente, as confissões dos penitentes, e que chamamos de confessionário.

O número dos confessionários

[89]

Em primeiro lugar, portanto, se construa na igreja catedral tantos confessionários quantos sacerdotes confessores pareça oportuno, ou necessário ter, ou empregar, por ocasião da celebração dos jubileus, ou das indulgências, ou por causa de uma solenidade. Do mesmo modo, nas igrejas colegiadas, seculares ou regulares, haja também tantos confessionários, quantos realmente se requerem, conforme o número dos sacerdotes confessores, que normalmente costumam estar ali, na maior afluência do povo.

Além disso, em toda igreja paroquial haja dois confessionários para que os homens - pois se observa frequentemente a irreverência destes para com o lugar e a ação sagrada, o que causa escândalo dos devotos - não confusamente misturados com as mulheres, nem densamente entre si apertados, quando há grande concurso à sagrada confissão, mas assim separados que estes se confessem num confessionário e aquelas em outro, como na maior parte das igrejas desta província, há diferentes lugares separados para eles. Ademais, onde não é ordenada essa distinção por um decreto provincial, um confessionário seja de uso do pároco, e o segundo, de outro sacerdote confessor, se às vezes tiver necessidade, diante de grande número de penitentes, de convidar alguém aprovado pelo bispo e com a permissão do mesmo. Mas na igreja paroquial onde houver vários párocos, porcionários³⁰² ou outros sacerdotes também coadjutores que exercem a tarefa de ouvir confissões, devem se fazer tantos confessionários quantos de fato eles são. O que, no entanto, acima foi estabelecido para a

³⁰² Isto é, aqueles que recebem algum benefício eclesiástico, uma prebenda.

colocação de dois confessionários em cada igreja paroquial, isso também deverá ser observado em cada igreja, mesmo que não seja paroquial, também naquelas que por algum direito estão sujeitas à igreja paroquial, ou anexas, ou adjuntas ou constituídas dentro dos seus limites; ou são deste modo que nelas algum sacerdote que desempenha o mesmo dever de confessor ou, um pároco, por qualquer direito ou por qualquer causa, costuma ou deve residir.

Também nas igrejas não paroquiais, onde se ensina a doutrina cristã, haja pelo menos um confessionário ou, também dois, onde se ensina a doutrina cristã para os dois sexos; ou, também mais, onde, por decreto provincial, há mais sacerdotes confessores durante o tempo da escola cristã.

A forma do confessionário

[90]

A forma prescrita, segundo a qual o confessionário deverá ser construído, é esta [como abaixo exporemos]. Se ela foi observada, se permite colocar, além disso, alguns ornamentos, a saber, na parte da frente, cornijas elaboradas, ou outro tipo decente de ornato.

Em primeiro lugar seja todo de tábuas cortadas, ou de nogueira, ou de qualquer outro tipo de madeira; por elas cercado, de ambos os lados e nos fundos, e na parte superior coberto; na parte da frente totalmente aberto e não fechado de modo algum.

Tenha também, sobretudo nas igrejas mais frequentadas, uma porta de treliça ou cancelos de madeira, entre si distantes cerca de quatro onças, com ferrolho e chave, para que quando o confessor não está dentro, leigos e andarilhos, e homens sujos, não se sentem aí, ou ociosamente durmam, com irreverência do ministério que lá se realiza.

A base

[91]

A base deste confessionário, onde o sacerdote confessor e os penitentes colocam os pés, diste, ao máximo, oito onças acima do pavimento da igreja; tenha dois côvados de largura e se estenda por cerca de quatro de comprimento.

O assento do confessional

[92]

O assento no confessional tenha, a partir da base, uma altura de aproximadamente um côvado e três onças; de largura, da direita até a parte esquerda, um côvado e meio; da frente para trás, somente um côvado.

A altura do confessional

[93]

A altura da estrutura de todo este confessional, calculada da base até o topo, conste de quatro côvados.

A tabuinha em que se apoia o confessor

[94]

Na parte interior da tábua intermédia entre o confessor e o penitente, seja ainda colocada uma tabuinha na qual o próprio confessor, apoiado com o braço, possa se acomodar; ela seja a modo de uma barreira, assim que possa se baixar e, também, conforme o gosto, se levantar.

O escabelo do penitente

[95]

Na parte externa haverá o escabelo do penitente, fixado na base, na parte de baixo com quatorze onças de largura, e levemente em aclave ascendente de baixo para cima, até uma altura um côvado e vinte onças a partir da base. A tábua de cima tenha um leve aclave no qual o penitente possa se apoiar com as mãos em súplica enquanto está ajoelhado na confissão; ela tenha uma largura de doze onças e um comprimento de um côvado e meio.

O degrau do escabelo

[96]

Na parte de baixo, este escabelo tenha um degrau anexado sobre o qual o penitente dobra os joelhos, que sobressai oito onças acima da base; sua largura seja de dezesseis onças, o comprimento, o mesmo como o do escabelo.

A pequena janela intermediária

[97]

Faça-se uma pequena janela no meio da tábua que é colocada entre o confessor e o penitente, cuja parte inferior sobressaia por cima do assento do confessor um côvado e oito onças; ela seja alta dezesseis onças, e larga doze. Esta pequena janela, no entanto, seja dividida em três espaços iguais, deixados na mesma, dois colunelos, ou pequenos sustentáculos da própria tábua³⁰³. Nessa pequena janela, no lado do penitente, se fixem lâminas de ferro cheias de buracos, cada um dos quais seja minuto e pequeno, à semelhança de um grão de bico.

Além disso, se fixe à pequena janela, da parte do confessor, uma tela de sarja fina, ou de *multitia* que chamam de *buratum*³⁰⁴.

A imagem do crucificado

[98]

Do lado do penitente, que é o externo, num lugar acima da pequena janela se coloque a imagem do crucificado representada em papel.

As coisas que devem ser fixadas a certas tábuas do confessionário.

[99]

³⁰³ A ideia é que as duas pequenas colunas seriam recortadas na própria tábua.

³⁰⁴ *Multicia*, em latim é o pano bordado. Quanto ao temo *buratum*, talvez seja corruptela do italiano “boratto”, o pano de gaze ou o tecido com a trama larga usado para peneiras.

Ainda à tábua intermediária entre o confessor e o penitente, seja fixada em sua parte anterior outra tábua, que transversalmente tenha um côvado; de modo que a parte um pouco maior esteja voltada para o penitente e a outra para o confessor.

Na parte desta tábua que está voltada para o confessor, se coloque afixada por dentro alguma imagem de Cristo Senhor ou da Bem-Aventurada Virgem Maria, e abaixo dela, alguma oração preparatória impressa para uso dos sacerdotes confessores quando se aproximam para ouvir as confissões dos penitentes, assim como a fórmula da absolvição.

Também na outra tábua que está do outro lado do confessor, e não tem uma pequena janela, sejam afixadas por dentro a carta do processo *In Coena Domini*, que a cada ano se promulga por Nosso Santíssimo Senhor [o papa]³⁰⁵.

Na outra tábua, a que está nas costas, se coloque a tabela dos cânones penitenciais. Na tábua acima da pequena janela, obviamente do lado do confessor, se coloque a tabela dos casos cuja absolvição o bispo se reserva, e os que por outro direito qualquer, estão reservados, ou a ele, ou ao sumo Romano Pontífice.

Sobre pequenos cofres para esmola que não devem ser colocadas no confessionário

[100]

Nem no próprio confessionário, nem fixado em algum lugar próximo do mesmo, devem-se colocar, sob pretexto algum, pequenos cofres para coletar esmolas.

A localização dos confessionários na igreja

[101]

Os confessionários se coloquem nos lados da igreja, fora do âmbito da capela mor, em lugar aberto e bem visível; em parte do lado meridional e parte do lado setentrional.

³⁰⁵ Referência à bula *In coena Domini*, publicada em 1568 pelo papa Pio V. Esse documento papal foi fonte de várias controvérsias nas relações Igreja e Estado, do momento que o Estado percebeu aí um atentado à sua autonomia em relação, por exemplo, aos impostos.

Também em outros lugares da igreja é permitido às vezes, com a concessão do bispo, colocar os confessionários, em razão da amplitude e da estrutura da igreja, como, em algumas capelas amplamente abertas ou em seu ingresso, ou no limiar, de modo que o confessor esteja dentro dos cancelos de grades, mas o penitente fora; assim se consegue que, pelos cancelos da capela, fiquem afastados aqueles penitentes que desordenadamente concorrem à sacra confissão, próximos demais de alguém que então está confessando os seus pecados, perturbando facilmente, ou o próprio penitente, ou o confessor.

O lugar do confessor, e também do penitente.

[102]

Se o confessionário está na igreja do lado do Evangelho, onde no altar mor é recitado o evangelho, então o escabelo do penitente e a pequena janela fiquem à direita do confessor; do outro lado, à sua esquerda, quando o confessionário está do lado da epístola, de modo que o confessor esteja sempre na parte superior da igreja e o penitente esteja voltado com o rosto para o altar mor ou à cabeceira da igreja.

CAPÍTULO XXIV

O TABUADO PARA DIVIDIR A IGREJA³⁰⁶

[103]

E porque, segundo uma antiga instituição, testemunhada pelo bem-aventurado Crisóstomo e frequentemente vista na maioria dos lugares desta província, na igreja os homens devem ficar separados das mulheres. A forma e o modo de divisão da assembleia podem ser da seguinte maneira: na igreja, sobretudo nas mais insignes, da entrada da capela mor até a porta maior se fixe um tabuado em linha reta pelo meio do centro da igreja, mediante colunelos de madeira sólida, distantes um do outro cinco côvados, e firmemente fixados no pavimento; e se as tábuas cortadas com as quais o tabuado está interligado devem ser alguma vez removidas, em cima o

³⁰⁶ Aqui o Borromeu retoma uma temática, como ele mesmo diz, antiga: a separação dos sexos dentro a assembleia litúrgica, chegando ao exagero de propor uma barreira física de separação. De fato, em muitas igrejas, até meados do início do século XX, havia as mulheres sentavam-se de um lado e os homens de outro. Curiosamente esse costume foi herdado dos judeus, do momento que ainda hoje há sinagogas que o utilizam.

todo estará conexo por meio de pequenos canais escavados em um e outro lado de cada colunelo ou confeccionados de outro modo. Este tabuado será construído com a altura de aproximadamente cinco côvados. Assim, no entanto, que se junte à porta principal de modo que a divide no meio, e assim dividida e distinta, fazem separadamente o ingresso na igreja, de um lado os homens, e do outro, as mulheres.

Haja, porém, no tabuado algumas portas em certos lugares bem visíveis que, fechadas com batentes e ferrolhos, se abrem somente quando a passagem de um lado para o outro se faz necessária. Ao invés, no lado onde se faz a pregação, onde os fieis podem ver mais fácil e comodamente o pregador, o tabuado, já que neste momento deve estar um pouco mais baixo, na parte de cima tenha tábuas concatenadas que, com dobradiças de ferro anexadas e, aqui e acolá por pequenos ferrolhos travadas, possam, quando for necessário, serem baixadas, permanecendo penduradas às próprias dobradiças.

Também é às vezes necessário nas igrejas onde se celebra de um lado uma missa, e do outro lado se participa desta mesma missa, que este sistema de baixar o tabuado possa ser usado. As dobradiças para o uso de baixar o tabuado distem dois côvados do pavimento para que os fieis ajoelhados possam ver de qualquer lado estejam o sacerdote que celebra do lado oposto; se for só para ouvir a pregação distem três côvados.

CAPÍTULO XXV

OS ASSENTOS PARA AS MULHERES, AOS QUAIS CHAMAM DE *BRADELLA*³⁰⁷

[104]

Nas igrejas nas quais o bispo acha por bem permitir o uso de bancos com genuflexório a forma deles seja a seguinte: eles devem ser colocados na igreja do lado das mulheres, às quais servirão tanto para sentar como para ficar ajoelhadas. A parte das mulheres, no entanto, seja no lado setentrional, a não ser naquelas igrejas em que o bispo, por razões da localização, ou por outra causa, determine diferentemente.

Portanto, três vigotas ou pequenas traves de carvalho com a espessura de cinco onças, com o comprimento de três côvados e dezesseis onças, com a altura de oito onças colocadas verticalmente no pavimento da igreja e cada uma delas entre si separadas por uma distância

³⁰⁷ Pelo contexto, aqui se trataria de um banco com genuflexório.

aproximada de três côvados, com igual número de tábuas cortadas de qualquer gênero de madeira que sejam, e cada uma destas com uma largura de oito onças colocadas equidistantes entre si, quer dizer, uma no meio e as outras duas nas extremidades, formem assim *bradellas* baixas e divididas em três, de modo que quando vem a ser usadas, possam ser removidas para que não sejam de impedimento. Sejam, no entanto, mais estreitas onde a situação do lugar não requer que sejam mais largas. E esta seja a forma das *bradellas*: distribuídas ao longo do comprimento da igreja, cada uma distante um côvado da outra, se colocarão tantas quantas o bispo tiver concedido, conforme o tamanho da igreja. Fiquem, no entanto, necessariamente cerca de oito côvados distantes da capela do altar mor, ou mais, conforme o tipo de igreja; ao lado do tabuado intermédio haja uma passagem de quatro côvados de largura, ou mais, conforme o tamanho da igreja, e do outro lado igualmente um caminho da mesma largura, mas as *bradellas* não estejam perto de algum altar, mas um pouco mais afastadas; além disso, haja entre as *bradellas* vias transversais com a mesma largura.

Na parte da igreja, ao invés, que é reservada aos homens, não haja *bradella* alguma para dobrar os joelhos. Se, no entanto, são concedidos alguns assentos, estes também confeccionados de tábuas cortadas, tenham forma comprida e não tenham na parte posterior encostos nos quais os homens se apoiam com os ombros; e de preferência sejam colocados, ou aderentes às paredes, ou em linha reta entre os espaços dos intercolúnios.

E sejam feitos de tal modo que cada um possa ser levado ou removido separadamente, conforme o uso requer, e se disponham assim que não sejam de impedimento na igreja; e igualmente assim que aqueles que estão sentados não deem as costas ao Santíssimo Sacramento e também não fiquem encostados a um altar.

CAPÍTULO XXVI

A TORRE DOS SINOS E OS SINOS

[105]

Temos tratado das disposições que dizem respeito à fábrica ou uso do interior da igreja. Agora seguem outras que tratam dos anexos da igreja. E em primeiro lugar da torre dos sinos, que

chamam de *campanile*³⁰⁸. Onde deve ser construída uma torre para os sinos, poderá observar-se aquilo que logo abaixo será indicado.

A torre dos sinos tenha uma forma quadrada ou outra, de acordo com o tipo da igreja ou do lugar, conforme o parecer do arquiteto. Seja construída a uma altura que ele considere proporcional ao tamanho da igreja.

Os andares

[106]

Haverá tantos andares quantos o arquiteto julgue convenientes. O mais baixo será abobadado e os superiores serão confeccionados de traves firmes, e o último também abobadado.

As janelas

[107]

Em cada andar haja janelas feitas em todos os lados. Elas sejam um pouco alongadas e apresentem uma forma bem elegante conforme o estilo da construção. Aquelas do andar superior, distintas por colunelos ou pilastras, sejam mais amplas para todos os lados, ou de outra forma, segundo o conselho do arquiteto, conforme o estilo do edifício.

As escadas

[108]

Também as escadas, conforme o estilo do edifício, tenham, onde for possível, a forma de caracol ou outra. Sejam de pedra ou madeira; por elas a subida ao campanário seja cômoda e não perigosa.

³⁰⁸ Termo italiano para torre sineira, ou campanário. Ao que parece, o termo “campana” vem da região italiana da “Campânia”, onde, na antiguidade, se fabricavam os sinos.

A cúspide

[109]

A cúspide não seja triangular, mas redonda ou piramidal. Tenha em sua ponta, como exige o significado mistérico, uma figura de galo firmemente afixada para sustentar uma cruz erguida.

A entrada

[110]

A entrada seja bem protegida com firmes batentes, com ferrolhos e chave, para que possa ser sempre fechada, a não ser quando é necessário tocar os sinos.

O lugar da torre

[111]

Esta torre seja construída na cabeceira do átrio ou do pórtico que está mais próximo das portas da igreja; mas onde não há um átrio, à direita de quem entra, e de tal modo separada de toda outra parede que possa ser circundada.

O número dos sinos

[112]

Esta torre, se é da igreja catedral, tenha sete, ou pelo menos, cinco sinos; se colegiada, três, quer dizer, um maior, um médio e um pequeno; se paroquial, o mesmo número, mas pelo menos deve ter dois, e estes afinados com tons distintos, entre si harmonizados conforme o tipo e o significado dos diferentes ofícios divinos que se realizam.

O relógio

[113]

Além disso, convém colocar nesta torre um relógio feito com arte, conforme o estilo do edifício. De modo que o registro de cada hora seja indicado por dentro pelo som de um sino, fora pela imagem de uma estrela que se movimenta em círculo e é colocada num lugar bem visível.

Outra forma da torre dos sinos

[114]

Estas regras acima explicadas sobre a forma da torre e do relógio valem para as igrejas mais insignes. Mas onde a localização e a falta de recursos não permitem a construção de uma torre e de um campanário tão suntuoso, ele pode ser construído no ângulo da igreja, à direita de quem entra, mas sobressaindo para fora, não longe da porta de entrada, na forma aprovada segundo o julgamento do arquiteto; assim no entanto que nela haja uma entrada do lado de dentro da igreja, não construída por fora, protegida por batentes e ferrolhos, como acima.

As pilastras de ladrilho em lugar de campanário

[115]

Onde, no entanto, existe tanta escassez de recursos que nem se pode construir torre alguma para os sinos, podem se fazer, conforme as possibilidades econômicas, pilastras de ladrilho sobre [adossadas] a parte mais alta da parede e estas unidas entre si por arcos onde os sinos serão pendurados. Nisso se deve cuidar que sejam colocadas em lugar conveniente, de tal modo que as cordas para puxar os sinos não fiquem penduradas na capela maior ou em alguma outra ou no meio da entrada da igreja ou em algum lugar deste tipo. As mesmas sejam conduzidas e puxadas por uns tubos de madeira inseridos na abóbada para que a obra da abóbada não se destrua pouco a pouco.

A bênção dos sinos e o que deve ser evitado na sua fundição

[116]

Os sinos, no entanto, não devem ser colocados nem na torre e nem em outro lugar se não foram primeiro consagrados, por meio de um rito solene de bênção e orações, por instituição da

Igreja. Desta consagração, seja feita uma memória em algum lugar da torre ou da igreja. Os sinos não devem ter de modo algum escultura ou inscrição profanas, mas uma imagem do santo padroeiro da igreja, ou outra imagem sacra, ou piedosa inscrição.

CAPÍTULO XXVII

OS SEPULCROS E OS CEMITÉRIOS

[117]

Segue a instrução sobre os sepulcros e os cemitérios que é deste modo:

Em primeiro lugar, já que os cânones autorizaram a sepultura de Bispos, presbíteros e outros eclesiásticos dentro da igreja, assim se deve cuidar das sepulturas deles por meio de algumas instruções.

Portanto, o lugar das sepulturas de bispos na basílica catedral pode ser diante do vestíbulo ou do ingresso do coro. Onde eventualmente não existe um lugar decente, outro seja escolhido que seja conveniente ao religioso e venerável nome episcopal e sua dignidade. Mas não no coro, nem na capela mor, mas fora dos confins dela em outra parte da igreja mais decente e insigne. Seja ela distinta das demais sepulturas, também das canônicas, pelo lugar e ainda alguma insígnia episcopal.

Igualmente haja duas sepulturas canônicas do lado direito da sepultura episcopal, e estas como acima, separadas por algum espaço interposto; nelas serão sepultados cônegos e outros, dotados de dignidade capitular.

Outras tantas sepulturas, haja ainda do lado esquerdo, separadas por certo intervalo. Nelas serão inumados os sacerdotes da basílica catedral, os clérigos e outros ministros eclesiásticos.

Nas igrejas colegiadas haja três sepulturas, igualmente diante do coro ou em outro lugar também mais digno; mas não no coro, nem na capela mor ou em outra: uma localizada no meio, na qual se inumam somente os prepositos ou os arceprestes, ou como se chamam, com outro nome, os seus reitores; na outra os cônegos, e na terceira, os outros sacerdotes clérigos e ministros eclesiásticos.

Além disso, em cada igreja paroquial haja também duas sepulturas no lugar que acima foi indicado. Uma própria dos seus párocos ou reitores, outra dos clérigos paroquiais. Onde, no átrio, ou no pórtico, ou na êxedra, ou no cemitério, não houver lugar conveniente para sepulturas comuns, construam-se por dentro do ingresso da igreja pelo menos quatro com este nome.

Foi decretado que outras sepulturas próprias dos leigos não devem ser feitas sem ser concedido pelo bispo. Se for concedido que elas possam ser feitas ou construídas, não seja perto de altares, como o concílio de Bari chamou a atenção, a não ser a uma distância tal que, entre a boca sepulcral e o escabelo ou supedâneo, haja um espaço de pelo menos três côvados. De modo algum se construam entre os limites do coro e da capela mor; também não dentro dos cancelos das capelas menores pelos quais o sacerdote celebrante está separado do povo. Façam-se em obra de abóbada que de maneira alguma se elevem ou sobressaiam do pavimento, mas a ele estejam plenamente niveladas.

Onde é permitido sejam construídas dos dois lados da igreja, isto é, à direita e à esquerda, de modo que se correspondam entre si.

A dupla cobertura da sepultura

[118]

Os sepulcros se façam, para que nunca cheirem mal, com uma dupla cobertura que seja de uma pedra sólida, de forma quadrada ou outra decente, segundo a condição do lugar. Mas assim que, entre as duas, fique algum espaço; a cobertura de baixo se faça de pedra bruta; aquela de cima, de pedra polida igual ao pavimento da igreja, que tenha de todos os lados perfeitamente o nível da boca do sepulcro.

O anel do sepulcro

[119]

Além disso, no meio da cobertura superior se afixe um anel para levantar a mesma; assim, no entanto, que nada sobressaia, mas somente se escave da cobertura o suficiente para que caiba a espessura do anel. Outra coisa não deve ser desconsiderada para que aquela cobertura

possa ser levantada por dois cravos que tenham uma determinada grossura e que, atravessados em ambos os lados, em nada absolutamente sobressaiam na parte superior da mesma cobertura; na parte de baixo, no entanto, sejam um pouco mais compridos que a espessura da cobertura e cada um tenha um ferro transversal firmemente unido, pelo qual, enquanto se levanta a cobertura usando uma corda em cada cravo, ela pode ser sustentada.

Na parte superior da cobertura não seja esculpida uma cruz e outra sacra imagem ou figura sacra, para que não seja sujada pela imundície de pó ou lodo, ou por cuspo, e não calcada pelos pés dos transeuntes. Mas também não seja feito ornato de escultura, incisão de letras ou inscrição alguma, ou alguma outra coisa em relevo; e não seja inscrito ou esculpido algo, nem em mosaico, ainda que não sobressaia, se não foi antes aprovado pelo bispo.

Os cemitérios

[120]

Às instruções sobre as sepulturas, devem se acrescentar outras sobre os cemitérios. Gostaríamos de restituir para o uso, onde for possível, em base ao decreto do Concílio Provincial, por meio dos bispos de nossa província, a maneira antiga de sepulturar os defuntos tão comprovada pelos padres. Portanto, os cemitérios, como se pode advertir, estão uns na entrada ou no átrio das igrejas, quer dizer na frente; outros atrás, outros do lado norte, outros do lado sul, alguns em todos os seus lados; e não se proibiu até o hoje que sejam estabelecidos também num destes lados ou em todos.

Ora, embora os cemitérios, na frente ou no átrio da igreja, estejam à vista dos homens, para excitar a memória, seja da caridade em relação aos fieis mortos, ou da própria condição humana, todavia, por causa de um caminho ou uma via trilhada, pelos quais se passa através e até a igreja, facilmente estão abertos seja para animais, seja para serventia ou pessoas que passam, ou reuniões e outras ações dos homens indignas do lugar sagrado, de modo que frequentemente, também por outras causas que acontecem no dia a dia dos homens, podem ser violados; por isso não convém construir o cemitério na frente, no átrio ou no pórtico da igreja, se pode ser feito de outro lado. O melhor lugar para eles, no entanto, se escolha do lado

norte da igreja ou do lado em que se possa melhor evitar a passagem quotidiana das casas dos clérigos, a visão das janelas, goteiras e outras coisas semelhantes.

A amplitude dos cemitérios deve corresponder ao tamanho da igreja à qual estão juntos, ou ao espaço do local, e também ao número das pessoas. Sua forma pode ser comprida ou quadrada, conforme o juízo do arquiteto e de acordo com as características do local. Não devem estar sem paredes, mas cercados por elas de todos os lados. Estas paredes se constroem com uma altura aproximada de sete côvados a partir do solo; mas onde as paredes com tal altura, por causa da pobreza do lugar não se podem fazer, sejam construídas pelo menos a uma altura tal que impossibilite o acesso para os animais; e esta altura não seja menor do que três côvados. Onde houver rochas quebradas para fechar o lugar do cemitério, elas poderão servir como muro de cinta.

As paredes, no entanto, feitas à mão sejam rebocadas por fora de branco; em lugares mais insignes será decente se por dentro, de todos os lados, se revistam com pórticos, e se adornem com sacras pinturas ou histórias. Ademais, nestes pórticos podem ser feitas sepulturas separadas equidistantes entre si, em ordem reta, na forma prescrita.

Onde os cemitérios não são revestidos ao seu redor com pórticos, as paredes pelo menos devem ser decoradas com alguma pintura sacra, representada em certos lugares destas.

No meio do cemitério se coloque uma cruz de metal brilhante ou feita de mármore ou outra pedra; ela esteja apoiada numa coluna de mármore ou de pedra, ou numa pilastra construída; ela se cubra com alguma cobertura decente, ou ela seja constituída de madeira, erguida no alto.

Onde for possível, construa-se também uma pequena capela voltada para o oriente, na qual se fazem às vezes orações pelos defuntos. Haja igualmente um vaso de água benta na forma acima mostrada com um aspersório, não dependurado mas que possa ser removido para o uso de aspergir.

O ossuário

[121]

Além disso, haja dentro [do cemitério] um determinado lugar cercado de todos os lados por uma parede e, onde for possível, coberto com um teto e abóbada, e este esteja à vista de todos. Aí se colocam em ordem os ossos dos mortos, alguma vez desenterrados.

As portas do cemitério

[122]

Ora, o cemitério pode ter três portas na frente, a não ser que a localização seja tal que seja necessário fazê-las também ao lado; mas se o cemitério de algum lado é contíguo à igreja, desse lado haja também uma porta, pela qual se dê acesso à igreja por ocasião dos divinos ofícios pelos mortos ou procissões. Na parte superior da porta principal, construída na frente, se coloque por fora a imagem da sacrossanta cruz, que em tem em seu extremo [inferior] afixada, a imagem da cabeça ou do crânio de um homem morto. Estas portas, seja em qual parte se encontrem, estejam protegidas por firmes batentes, fechadas com ferrolhos e chave, para que não estejam abertas, a não ser quando for preciso.

Não se deve ter, e nem pensar, em videiras, árvores, arbustos, plantas de qualquer espécie, não somente frutíferas, mas também as que absolutamente nenhum fruto ou bagas produzem. Mas nem mesmo, haja feno ou ervas verdes, que se dão como pasto [aos animais]. Não haja pilhas de madeira ou traves, nem algum monte de cimento ou pedras; numa palavra: tudo que contradiz à santidade, religião e decoro do lugar.

CAPÍTULO XXVIII

A SACRISTIA

[123]

Além disso, dos edifícios anexos à igreja, a sacristia é também uma edificação de particular importância, da qual daremos aqui uma breve instrução. Portanto, a sacristia, que pelos antigos é chamada às vezes de *camera* ou também *secretarium*, quer dizer, o lugar onde a alfaia sacra se guardava, se construa em toda igreja seja de qual tipo for: ela corresponda ao tamanho da catedral, da igreja colegiada e paroquial, e ao número dos ministros e à quantidade das alfaias sacras, e de modo que seja um pouco mais ampla.

E não se proíbe o uso de duas sacristias nas igrejas mais insignes e mais frequentadas; uma delas para as alfaias do capítulo e do coro; e outra, para os sacerdotes capelães e os outros ministros da igreja e para a outra alfaia.

Esteja tão distante da capela e do altar mor, que o sacerdote que está para celebrar solenemente a missa com aqueles que lhe vão servir, possa daí, em procissão, ordenadamente proceder para o altar, como é de antigo costume, mostrando assim o mistério.

Nas demais igrejas, paroquiais ou outras inferiores, por causa da comodidade, pode ser permitido, a julgamento do bispo, que a sacristia esteja menos longe da capela ou do altar mor, mas então, deve se cuidar que não esteja muito afastada do domicílio do pároco.

A localização da sacristia e das janelas

[124]

No entanto, toda sacristia deve estar voltada, na medida do possível, para o oriente ou para o sul.

Ela seja, no entanto, assim edificada que pela sua construção não obstrua a iluminação da capela mor. Ela tenha duas ou mais janelas e estas, onde possível, uma de frente para a outra, e sobretudo no lado direito e esquerdo para que, tendo por onde sair o ar, o lugar não seja húmido, nem mofado, mas se houver alguma humidade, ela saia daí quando se abrem as janelas. Estas janelas se fecham e se protegem com grades duplas de ferro ou, pelo menos, com outras mais simples, bem densas e firmes, como também por vidro e redes como é mostrado na prescrição para as janelas da igreja.

Coberta seja a sacristia por um teto abobadado ou, pelo menos, artesoadado.

O pavimento da sacristia

[125]

Ela tenha um pavimento não feito de tábuas, mas do seguinte modo: constando por baixo de pequenos arcos, se construa o todo amplamente abobadado, se possível, um pouco mais alto do que o solo, para que os indumentos sacros não apodreçam ou se corrompam por causa da

humidade do lugar ou do ambiente. Para se prevenir disso o mais cuidadosamente possível, remova-se, por fora, para longe a terra amontoada encostada à parede, e se impeça igualmente as goteiras que geram humidade; então cubra-se e consolide-se ainda o solo com pedregulho e cal.

A porta da sacristia

[126]

A porta da sacristia seja desse modo: ela não dê acesso diretamente à capela mor - a não ser nas igrejas menos insígnies, quando o bispo permitir - mas ao lugar dos fieis, quer dizer, ao centro da igreja.

Seja bem fechada com firmíssimos batentes, sólida fechadura, ferrolho e chave igualmente firme.

Aos dois batentes da porta correspondam, por dentro ou por fora, outros batentes mais leves, os quais, por baixo feitos de tábuas cortadas e, em cima, de tela que fecha aos leigos o acesso e o olhar para dentro da sacristia; e tendo se suspenso uma carga pesada, estes batentes se fecham automaticamente por meio de uma lingueta artisticamente trabalhada.

Não é proibido fazer nestes batentes mais leves, na parte superior, uma pequena janela, com grade; ela fica sempre por dentro fechada e não se abre a não ser quando se dá de lá uma resposta aos que pedem algo da sacristia.

O lugar da sacra imagem e do altar na sacristia

[127]

Em cada sacristia, no lugar mais visível, haja uma imagem sacra, como também, se a amplitude da sacristia o permitir, um altar ou uma mesa ou um armário que apresente a forma de altar, no qual haja uma cruz e candelabros, e que esteja coberto por uma toalha, junto ao qual, os sacerdotes que vão celebrar colocam as sacras vestes.

O oratório ou altar na sacristia

[128]

Haja, além disso, um oratório em alguma parte da sacristia, num lugar decente, proeminente ou por dentro da parede. E este a modo de um pequeno cubículo, onde o sacerdote que vai celebrar o sacrifício da Missa pode se retirar, e recolhendo-se, medite e reze um pouco. Haja portanto, um pequeno altar sobre o qual se encontra uma imagem do crucificado, ou outra imagem piedosa, diante da qual o sacerdote reza santamente; e ainda um escabelo onde ele se ajoelha na oração.

No entanto se a sacristia é tão pequena e estreita, que não se pode haver de modo algum tal oratório, de algum lado dela, que seja mais cômodo para a oração, se coloca pelo menos um genuflexório [escabelo] ou banquinho [bradella] coberto, se possível, por um pano onde o sacerdote de joelhos reze diante de uma sacra imagem fixada na parede, como mostrado acima.

A tabela das orações

[129]

Em qualquer oratório haja uma tabela na qual estão escritas as orações preparatórias para o sacrifício da Missa.

O vaso para a água

[130]

Faça-se um vaso para a água que serve para lavar as mãos de pedra sólida; nele se fincam uma, ou se for necessário, várias torneiras; na parte de baixo haja uma bacia côncava para receber a água que daí escorre, igualmente de pedra sólida ou de mármore. Ela tenha um furo de onde a água é desviada através de uma canaleta para uma pequena cisterna subterrânea ou para outro lugar diferente onde é mais fácil desviá-la pra longe da parede da sacristia.

Mas onde os recursos são exíguos, em lugar do vaso para a água, de mármore sólido, como prescrevemos não pode haver, pode ser usado um balde pendurado que tenha uma saída à

semelhança de um bico de galo, onde a água para a ablução escorra devagar, tendo-se colocado por baixo, uma bacia para a água, como foi dito acima.

Mas esta bacia e o vaso para a água devem necessariamente ser colocados total ou parcialmente na concavidade da parede que apresenta a forma de um hemicírculo pequeno construído com decoro; para que não impeça o espaço da sacristia se saísse para fora.

Uma toalha necessariamente branca, para enxugar as mãos, esteja pendurada próximo do vaso com água num suporte torneado.

O armário das vestes sacras

[131]

Além disso, se faça um armário amplo de tábuas de nogueira para nele guardar as vestes sacras. A partir do pavimento da sacristia, seja construído com uma altura de dois côvados e cinco onças. Tenha gavetas móveis, e estas distintas e muito amplas, nas quais se guardem as vestes sacras estendidas e separadas pela variedade das cores e em ordem.

Ademais, em cima deste armário se construirão ainda armarinhos, ou embaixo, ao lado das grandes gavetas, mas separados delas, outros pequenos armários onde se guardem cômoda e ordenadamente os cálices sacros, patenas, corporais, sanguinhos, velas e outras coisas deste gênero, bem limpas. Do outro lado haja igualmente gavetas onde se coloquem as peças que devem ser lavadas.

Feche-se então, tanto o armário quanto os armarinhos, com batentes confeccionados polida e elegantemente, e também com fechadura e chave elegantes.

E haja tantos destes armários quanto a quantidade das alfaías sacras exige.

Os cabideiros para expor as sacras vestes

[132]

Estes cabideiros polidamente confeccionados que neles são pendurados cabos móveis e de polias

Na sacristia deve haver também um cabideiro polidamente feito com cordas móveis e polias, nas quais se expõem ou se estendem a sacras vestes quando for necessário.

O armário para livros

[133]

Façam-se ainda outros armários que correspondam em sua estrutura com os outros acima descritos. A saber, um no qual se guardam adequadamente os livros eclesiásticos que servem para a salmodia e outros usos do coro e da igreja; um segundo, no qual se encontram todos os textos jurídicos, documentos e escrituras que dizem respeito à igreja, e isso onde a igreja não tem um arquivo mais apto e seguro; e ainda um terceiro, se é igreja paroquial, no qual certos livros paroquiais - quer dizer, dos casamentos, dos batizados, das confirmações e de outros dados deste tipo - são guardados; e ainda, num lugar separado, as cartas pontifícias, editos episcopais, cartas pastorais do bispo que se promulgam no dia a dia, e outros escritos que dizem respeito ao regime espiritual da igreja e das almas que estão confiadas ao cuidado da paróquia.

Cada um destes três armários se feche seguramente com chaves distintas. Onde o pequeno número dos códices ou escrituras ou a pequenez da igreja não exigem dois ou três como acima, em seu lugar se poderia construir um só armário, por dentro adequadamente dividido de acordo com os livros ou escrituras.

O guarda-roupa mais insigne

[134]

Nas sacristias mais insignes o guarda-roupa pode ser do mesmo tipo: nele se guardam as vestes mais preciosas. Ele tenha uma longitude proporcional à sacristia e uma altura aproximada de sete côvados e dois de profundidade.

A parte inferior deste guarda-roupa, de dois côvados de altura, conste de gavetas móveis ou compartimentos; mas a superior, atrás mais estreita e na frente ligeiramente um pouco mais larga, não seja dividida por compartimento algum; mas toda ela estando aberta, sem divisão, tem de um lado e de outro, um número de ripas finas, retas correspondente à profundidade do

guarda-roupa, com ganchos móveis; na parte de cima estará firmemente fixada às ripas uma vara, por baixo sustentada com uma escora; nelas se penduram estendidas as sacras vestes.

O armário para as vestes dos cônegos

[135]

Se a igreja é catedral ou colegiada tenha também armários para guardar as sobrepelizes e outras vestes que os cônegos e outros ministros do coro costumam usar no coro; ou no lugar deles, caixas decentes, colocadas ao redor na sacristia, que podem também servir como assentos para o capítulo, quando ele se reúne nesse lugar.

CAPÍTULO XXIX

O LUGAR PARA GUARDAR AS ESSAS E OUTRAS COISAS DESTE GÊNERO

[136]

Além disso, em toda igreja paroquial ou colegiada seja construído outro lugar mais próximo da sacristia ou do cemitério, adequado para guardar as essas, candelabros maiores de ferro, os catafalcos, vasos para o óleo, varapaus, escadas, vassouras, enxadas, pás, sustentáculos para cruzes, instrumentos de limpeza e outras coisas deste gênero, para que a própria igreja e a sacristia fiquem plenamente livres e vazias, tanto de toda coisa indecente, quanto de todo impedimento. Este lugar tenha uma porta bem fechada com batentes, trinco e ferrolho.

CAPÍTULO XXX

O ORATÓRIO ONDE ÀS VEZES O SACRIFÍCIO DA MISSA DEVE SER CELEBRADO

[137]

Depois de ter exposto brevemente as instruções sobre a fábrica eclesiástica e as partes adjuntas, segue uma instrução sobre os oratórios: um deles é aquele onde às vezes se celebra a Missa; outro, o que se constrói ao longo das estradas, onde não se celebra.

Portanto, a igreja simples, ou oratório, seja de tal modo que conste de uma só nave, cuja longitude não seja menor do que doze côvados; a largura, no entanto, de dez e a altura seja adaptada convenientemente ao lugar.

Além disso, tenha em sua cabeceira uma capela, que se for possível, esteja direcionada para o oriente; tenha cerca de oito côvados ou mais de abertura [largura], conforme as medidas do lugar permitem; seu comprimento e altura harmonizem com a largura.

Em sua entrada haja um só degrau, no qual se fixem grades, na forma prescrita. O seu altar, o pavimento, o teto abobadado, as janelas, o nicho para os santos óleos, a sineta pendurada do lado e as demais coisas sejam como foi prescrito para as capelas e altares menores.

A subida ao altar seja de dois degraus dos quais um servirá como escabelo do altar mesmo.

Entre o degrau inferior do escabelo até a grade o espaço mínimo ou intervalo seja de pelo menos dois côvados. Além disso, as janelas do oratório sejam construídas no alto para que aquele que está do lado de fora daí não possa olhar para dentro. Haja uma porta de frente para o altar; seja feita também uma janela de forma redonda, semelhante a um olho, de modo prescrito. Igualmente se instale uma pia de água benta, perto da porta, por dentro, na forma prescrita.

À capela mor haja uma sacristia adjunta que, onde é possível, esteja voltada para o sul; seja ampla conforme o tamanho do oratório, e feita para a alfaia e as outras coisas que se usam como está prescrito.

Do outro lado, que responde à sacristia, pode se fazer uma pequena torre bem diferente da paroquial; mas se não for possível, se construam duas pilastras de pedra em cima da parte mais alta da parede, conforme já foi prescrito, onde um único sino seja pendurado.

Se o oratório vai ser tal, que se devam celebrar várias Missas na mesma hora, podem ser feitas de um e de outro lado capelas, um pouco distantes da [capela] mor, na forma prescrita na fábrica da igreja,

A forma e a proporção das outras partes que podem pertencer ao oratório sejam tomadas daquilo que é prescrito na fábrica da igreja.

CAPÍTULO XXXI

OS ORATÓRIOS ONDE NÃO SE CELEBRA MISSA

[138]

Os oratórios onde não se celebra o sacrifício da missa, que se costumam construir nas estradas, não se construam no meio dos campos, mas na via pública para que os passantes que veem estes lugares piedosamente comovidos parem um pouco para rezar. Também na construção destes seja escolhido um lugar da estrada um pouco elevado e um tanto remoto da passagem dos veículos, onde se proteja melhor da sujeira ou água suja. Sejam decorosamente construídos de forma quadrada ou redonda, ou outra que pareça mais decente conforme a localidade; estejam bem cobertos para que as sacras imagens fiquem protegidas da chuva.

Por fora sejam rebocados, por dentro, caiados com cuidado, sejam decorados com um crucifixo ou uma sacra imagem da Bem-aventurada Virgem Maria, ou de algum santo ou santa, ou um quadro piedosamente trabalhado, pendurado na parede. Não devem ter nenhum altar.

Cada um tenha na parte anterior três janelinhas firmemente gradeadas, de onde, para rezar, se olhe para dentro de joelhos dobrados, duas estejam dos lados da porta e a terceira nos batentes. Se os oratórios são estreitos, nos próprios batentes se pode fazer adequadamente uma só. A entrada esteja protegida por batentes e chave.

Nos oratórios, no entanto, que são tão estreitos que nem sequer cabem batentes da entrada abertos para dentro, não se faça ingresso algum; mas eles podem ser fechados na frente por cancelos de madeira, observando-se as outras razões prescritas de edificação. Mas se não estão fechados nos lados por parede, sejam fechados também nestas partes por cancelos de madeira. Nem seria fora de propósito fechar ao redor com cerca de madeira para que os cavalos ou jumentos, e os outros animais, fiquem afastados.

De sarças, espinhos e semelhantes, que costumam nascer espontaneamente, também árvores, brenhas e outros arbustos deste tipo, os oratórios fiquem afastados, para que galhos que se espalham não cubram os tetos e causem danos para os mesmos.

E porque as sacras imagens, que na parede externa do oratório se costumam expressar, estando assim expostas, podem se manchar com lodo ou sujeira, ou serem tratadas indecentemente ou injuriosamente, não se pintem ou expressem de outro modo nas paredes externas do oratório, a não ser em lugar elevado onde são conservadas íntegras de todo dano.

CAPÍTULO XXXII

A IGREJA DAS MONJAS

[139]

Tendo descrito a forma das outras igrejas, segue uma instrução sobre a igreja das monjas.

Esta por sua vez, pode ser construída constando de uma só nave dirigida para o oriente se, pela localização do mosteiro, isso se pode fazer. Ela seja ampla conforme a medida do lugar; com teto abobadado ou artesoado, e construída nas demais coisas conforme o prescrito.

O altar mor

[140]

Não haja nela nenhuma capela mor, mas se faça uma parede transversal que divida a igreja interior, da exterior, onde o sacerdote celebra. Nesta parede transversal se encosta o altar, erguido no meio da mesma. Ele tenha a altura, largura e profundidade como prescrito acima para o altar mor.

Sejam três os degraus para subir ao altar, junto com aquele que constitui o escabelo; cada um dos degraus tenha a forma e medida acima definidos. O escabelo, no entanto, ou *bradella*, tenha também aquela forma que foi estabelecida acima para a construção do altar mor.

A janela que deve aberta no altar mor

[141]

À vista do altar, na parede transversal, seja feita uma janela pela qual as monjas vejam e ouçam a sacra Missa.

Esta janela seja larga como o altar e tenha uma altura de aproximadamente dois côvados; sua parte baixa seja construída a uma altura de um côvado e, pelo menos, dez onças, a partir do pavimento do altar. Seja protegida por duas grades de ferro semelhantes, distantes entre si em

cerca de doze onças. Os cancelos e cada uma destas grades sejam tão compactos que tenham um intervalo de um para o outro não maior do que três onças; e estejam tão bem entrelaçados, que de nenhuma maneira facilmente possam ser separados ou arrancados um do outro. Por dentro, tenha batentes protegidos com ferrolho e chave que, ou se abrem para os lados, ou se levantam por meio de polia e um cabo.

O altar pode ser coberto com arco engrossando a parede, ou com colunelos duplos ou pilastras erguidas um pouco afastadas da parede, nos quais o arco ou abóbada se apoia. Esses colunelos estejam distantes das duas extremidades do altar dois côvados.

Se não há arco, se cubra com cobertura de madeira ou confeccionada de pano de seda ou de tela, e esta adequadamente ornada, o que se chama de *capocelum* [sobrecéu].

A janela para passar as sacras vestes

[142]

Na parede transversal erguida entre uma e outra igreja, na parte que é mais cômoda para a sacristia das monjas, se faça uma janela adequadamente confeccionada como roda, pela qual se passam as sacras vestes para serem usadas na santa Missa. Essa roda, ou janela, seja construída a uma altura aproximada de três côvados, a partir do pavimento. Esta roda mesma seja de tal modo que quase ela toda esteja contida dentro da espessura da parede, que por isso se faça mais grossa por alguma obra de reboco.

Ela se proteja com batentes de um e de outro lado, que sejam duplos, um por dentro, do lado das monjas, outro por fora; e ambos se fecham adequadamente com chaves. Na construção dessa janela e da roda se observe as outras coisas abaixo que, em geral, se prescreve para construção de rodas.

A janelinha para administrar a sagrada Comunhão

[143]

Do outro lado do altar, na mesma parede transversal, se construa outra janelinha decorada piedosamente por obra de escultura e douração; através desta se administra a sacra

Comunhão às monjas. A parte inferior desta janelinha seja nivelada e do pavimento da igreja construída numa altura de dois côvados e dezesseis onças. Esta janelinha tenha por dentro uma largura de um côvado e doze onças, por fora uma altura também de um côvado e dezoito onças; de modo que à primeira vista, apresente um aspecto mais largo, mas por dentro a aparência de uma forma mais estreita.

Toda ela, no entanto, estará contida na própria grossura da parede que deve ser de um côvado, mas assim que, por dentro, da parte das monjas, a grossura extrema da parede não seja mais larga do que duas ou três onças. Mas por dentro, nesse extremo da parede haja espaço de um côvado, no qual se faça a janelinha com uma altura de oito onças e com largura de seis, por onde se oferece às monjas a sacra Eucaristia.

Na janelinha, haja na parte interior, batentes de ferro ou bronze, polidamente confeccionados e que com ferrolho e chave são fechados; na parte exterior, batentes um pouco maiores pelos quais toda a janelinha é coberta, se acrescentando fechadura chave e ferrolho.

Debaixo da janelinha mesma, no pavimento da igreja se coloque um pequeno escabelo de oito onças de altura sobre o qual se pode estender um tapete; nele está o sacerdote para administrar a Comunhão às monjas.

Este escabelo, no entanto, às vezes mais alto, às vezes mais baixo, poderá ser construído conforme a estatura do sacerdote ministrante.

Na parte interior onde se encontram as monjas, pode ser construído outro escabelo, com não menos de dois côvados em todos os lados, ao qual se sobe por alguns degraus, assim que aí, de joelhos dobrados, as monjas facilmente se aproximam com a boca da janelinha por onde recebem a sagrada Comunhão. No entanto, na parede da janelinha mesma, não se faça por baixo nenhum impedimento de tábuas, para que a monja que comunga o Sacramento, mais perto se aproxime da janelinha.

A janela das sacras relíquias

[144]

Além disso, se faça na igreja exterior, acima daquela janelinha onde se recebe a sacra Eucaristia, outra janela, onde, se houver, são guardadas as sacras relíquias. Esta janela tenha

por dentro dezesseis onças de altura e doze de largura. Fechada, no entanto, com grades de ferro e vidro transparente, sobreposto um pano de seda; e, além disso, com batentes, de modo que as relíquias se podem ver, mas de maneira alguma tocar.

O lado exterior, que olha para a igreja, será feito de modo que se podem colocar adequadamente as caixinhas ou vasilhos das relíquias; tenha batentes firmes, protegidos com três ferrolhos e fechaduras que se fecham com três chaves, feitas com arte, uma diferente da outra.

A janela do sagrado óleo dos enfermos

[145]

Além do mais, na parte superior da janela, onde está colocada a roda, seja construída uma janelinha na forma prescrita, na qual o sagrado óleo dos enfermos é guardado. Esta janelinha, no entanto, pode ser aberta somente pela parte exterior da igreja; terá firmes batentes, ferrolho e chave. No entanto, se não se guardam naquela igreja, fora do altar, nenhuma relíquia, ela se faça na parte superior da janela onde a sacra Comunhão é distribuída.

Os degraus do altar

[146]

A uma distância de seis côvados do último degrau do supedâneo do altar, se façam, sob o conselho do arquiteto, outros três degraus, ou mais, conforme a condição do lugar, pelos quais se desce ao centro da igreja. Este será um pouco mais baixo do que o pavimento onde o altar está construído. No degrau superior, se coloquem grades de ferro segundo o prescrito.

Cada um destes degraus não seja mais alto do que oito onças, nem mais largo do que vinte e quatro; e se estendam de um lado a outro da igreja, ou tanto quanto de espaço a porta oferece entre as grades de ferro.

A sacristia

[147]

Na cabeceira da igreja seja construída uma pequena sacristia cuja porta fique dentro dos limites das grades; ela deve servir para os sacerdotes tirarem as sacras vestes.

Nesta construção se tome cuidado para que algo da obra, janela, roda, ou coisa semelhante, se faça de modo a não ser possível ver ou ouvir algo de dentro do mosteiro das monjas. Isso porque o lavabo que se instala na sacristia exterior para lavar as mãos, não tenha tubo ou canal algum pelo qual receba água da sacristia interior do mosteiro; a água deve ser trazida de outra parte e despejada alhures. E não se faça algo na parte superior do edifício por onde possa de alguma maneira haver acesso para as monjas.

Faça-se também um oratório e um único altar que se usa quando os sacerdotes colocam as vestes sacras, e uma bacia na forma prescrita para lavar as mãos, e esta não interposta na parede entre o mosteiro e a sacristia; se faça também um armário no qual se guardam as sacras vestes; e além disso nada mais.

As capelas

[148]

Na nave da igreja das monjas se façam, na forma prescrita, duas capelas, uma no lado direito e outra à esquerda, se aí, por algum motivo, devem ser celebradas várias Missas ao mesmo tempo.

A janela do altar

[149]

Cuide-se que a janela do altar seja construída com grades, de modo que daí não se possa olhar para a via pública, sobretudo se aí se fazem espetáculos, ou se há passagem frequente de muita gente. Para prevenir a tal coisa, deve se construir um pequeno átrio diante da porta da igreja; a entrada deste átrio seja de algum lado, de modo que não esteja diretamente diante das portas mesmas da igreja, ou se não pode ser outra coisa, o acesso à igreja mesma seja por um lado, e isso a juízo do arquiteto, conforme a condição do lugar.

A igreja interior

[150]

A igreja interior tenha uma só nave sem nenhuma capela. O pavimento seja igual de todos os lados, e em nenhum lugar um pouco mais elevado por degraus. O pavimento, no entanto, seja um côvado e meio mais baixo do que o pavimento onde o altar externo está colocado.

Onde for possível, deve se cuidar que a igreja interior das monjas não seja construída perto de uma via pública; se por causa da localização, alguma vez for necessário construí-la, não se façam janelas na parede do lado da via pública; mas a luz venha do lado do mosteiro; e o contrário se faça na igreja exterior, que tenha as janelas não do lado do mosteiro, mas da via pública.

A torre dos sinos

[151]

A torre dos sinos deve estar anexada à igreja interior das monjas, nela não haja nenhuma porta, nem janela e nem alguma abertura que de alguma parte dê para a igreja exterior. Seja construída com uma altura em proporção à igreja, no entanto, mais modesta e baixa que a forma e o modo da estrutura o exijam.

O primeiro andar tenha uma abóbada bem firme, na qual, ou de algum lado, pode haver uma portinha estreita pela qual, quando for necessário, se tenha acesso para o topo da torre; e não haja acesso em nenhum outro lugar. Haja aberturas exíguas pelas quais somente as cordas para tocar os sinos passem. Mas aquela portinha, seja feita de tal modo que se feche com dois ferrolhos, duas fechaduras, duas chaves fabricadas diferentemente. Os outros andares superiores podem ser de madeira e recebem luz através de pequenas janelinhas, protegidas por grades; no topo, no entanto, haverá janelas como de costume.

CAPÍTULO XXXIII

O MOSTEIRO DAS MONJAS

[152]

À igreja das monjas está anexado o seu mosteiro, e dele nos resta ainda dar brevemente alguma instrução.

Em primeiro lugar será escolhida a localização que, conforme a previsão do cânon Agatense³⁰⁹, esteja convenientemente longe tanto dos mosteiros de monges, de regulares, quanto de edifícios canônicos ou clericais, igrejas colegiadas, das torres, de muros públicos, de fortificações, de trincheiras, de cidadelas e de edifícios muito altos de onde se possa ver para dentro. Portanto, onde for possível, não esteja ligado de nenhum lado a um edifício de leigos, mas distante ou separado com certo intervalo.

Longe também de praças, mercados, todo foro, e finalmente, do caminho por onde frequentemente costumam passar ou ser conduzidos, gado, carros, veículos e outros deste tipo; e também de lugares onde o povo acorre e faz reuniões, conversas e barulho.

E ainda, se tome cuidado para que a localização de tal mosteiro não seja escolhida em lugar ermo, escondido, e longe da frequência dos homens; também não, de modo algum, fora dos muros de uma cidade, de um castelo ou de outro lugar, como o Sacro Sínodo de Trento julgou inadequado para os mosteiros das monjas.

Os locais deste mosteiro acabados em todas as suas partes, de cada uma das quais falaremos particularmente abaixo, são os seguintes, conforme os seus diversos usos. Primeiro os inferiores:

Sala do capítulo

Triclínio, que se chama refeitório

Adega do vinho

Lugar de calefação Cozinha

310

Lugar do lavabo para lavar as mãos

³⁰⁹ CONCILIUM AGATHENSE, *Cap. 28. Can. Monasteria puellarum*. Cf. Mansi *Amplissima Conciliorum Collectio*, T. VIII, col. 319-347. Apud: CASTIGLIONI, Carlo e MARCORA, Carlo. *Arte Sacra*. Milano: Tipografica Sociale, 1952, p. 122.

³¹⁰ Literalmente, “hipocausto”.

Lugar de trabalho

Pórtico

Parlatório interno e externo

Portas

Rodas

Forno

Lugar para lavar [as roupas]

Lugar para cuidar dos cabelos

Lugar da portaria

Despensa

Drogaria

Lugares superiores

[153]

Dormitório ou celas para dormir

O lugar da escola das noviças

Guarda roupa

Celeiro

Lugares separados

[154]

Enfermaria.

Sala para a educação das jovens.

Horto.

Cárcere e lugar de secessão.

Lugar interior e exterior para a Confissão.

Alojamento igualmente exterior dos colonos que chegam.

Alojamento do sacerdote confessor.

A pequena Sala do capítulo

[155]

A pequena sala na qual se faz a reunião capitular das monjas deve ter o tamanho de acordo com o número das monjas, com assentos em todos os lados. Sua forma não seja comprida, mas tampouco apertada mas, enquanto possível, seja antes quadrada, para que quando a superiora faz a sua exortação ou admoestação, seja ouvida comodamente por toda parte. Deve ser antes mais escura do que clara; seja ainda decorada com algumas pinturas que estimulem à piedade, sobretudo na parte onde está colocado o assento da superiora.

O refeitório e a adega do vinho

[156]

O triclinio, que se chama refeitório, seja construído no lugar que é mais cômodo do que as outras partes do mosteiro. Sua estrutura seja ampla de modo que facilmente acomode todas as monjas sentadas ao longo de cada uma das paredes, mas também algumas a mais, que, conforme sua amplitude e seus recursos, verossimilmente no futuro poderão ser recebidas no mosteiro.

Na cabeceira haja o ornato de sacras imagens pia e decorosamente pintadas; de um lado ainda um púlpito, construído no meio da parede de onde a leitura sagrada se possa ouvir comodamente. Igualmente haja de ambos os lados janelas por onde entra a luz. Além disso, uma adega de vinho construída no subsolo que tenha mesmo assim janelas ordenada e retamente distribuídas.

Nos dois lugares, quer dizer no triclínio e na adega do vinho, deve haver um lugar próximo para a responsável pela adega poder colocar bilhas, recipientes de barro e vasos semelhantes para vinho e água, ou, se for possível, um pequeno pátio com poço para a mesma finalidade.

A cozinha

[157]

A cozinha estará localizada, o máximo possível, próxima do triclínio para que de lá, por uma janela, ou através de um pequeno vestíbulo, se passem as bandejas e os pratos para as monjas que servem no triclínio. A cozinha deve ser ampla, com uma lareira que corresponda adequadamente à sua amplitude, com um pequeno forno no qual se cozem os alimentos.

À esta estrutura da cozinha devem estar anexos outros lugares para o mesmo uso: uma saleta onde se divide a comida cozida, uma dispensa onde se guardam fechados os alimentos e as provisões quotidianas; lugar para lavar pratos, panelas ou recipientes de comida; e, além disso, um pátio separado com poço de onde se capta a água em tubos móveis de madeira; podem se usar condutos de chumbo ou madeira, ou de outro material, pelos quais a água é conduzida para os lugares de lavação e para a cozinha.

Outro espaço ainda seja preparado como galinheiro.

O lugar para lavar as mãos

[158]

Não distante do refeitório ou da salinha do capítulo deve se colocar o lugar do vaso ou da bacia de água no qual as monjas, antes de benzer a mesa, costumam se achegar para lavar as mãos; ele deve ter um tamanho que corresponda ao número das monjas.

Nesse lugar, o lavabo, quer dizer, a pia coletiva de água, de mármore ou bronze, ou de outro gênero, apegado à parede, tenha tantas torneiras quantas se precisam em seu comprimento. Além disso, por baixo, seja construído um condutor côncavo em declive, por onde a água, que sai do lavabo através de furos, é derivada para outro lugar.

O Lugar de calefação

[159]

Não longe do refeitório e do lavatório, pode se fazer o lugar de calefação, que se chama hipocausto, evidentemente construído em forma de lareira, onde, no inverno, as monjas se juntam ao redor do fogo aceso para se aquecerem; que haja lugar para o número de todas elas.

Ela esteja amplamente aberta, apegada à parede ou construída no meio, para que de todos os lados haja lugar para se aquecer.

O Lugar de trabalho

[160]

O lugar de trabalho onde as monjas se encontram em determinadas horas para realizar trabalhos manuais, deve ser um lugar iluminado, e em nenhuma parte meio obscuro; para que de todo lado se tenha luz necessária para os trabalhos a serem feitos nas obras de tecelagem, ou de bordadura, ou de costura. Seja também muito amplo e de tal estrutura que o lugar se torne luminoso.

Os pórticos

[161]

Os pórticos sejam simples, quer dizer, de uma ordem simples de colunas ou pilastras, e de estrutura antes bem modesta do que magnífica e suntuosa; de todos os lados levantados, apresentem a forma de quadrado.

Estas, como outras edificações acima apresentadas, podem constar de um teto artesado ou de outra estrutura de madeira; mas para uma longa duração, e também para melhor prevenir o perigo de um incêndio, será melhor fazer em abóbada.

Os parlatórios

[162]

O parlatório, tanto o interior quanto o exterior, deve ser construído em lugar não distante, nem escondido, mas visível e perspícuo, e perto da porta da sala de recepção do mosteiro.

As janelas do parlatório interior recebam a luz do interior do mosteiro; as do parlatório exterior, no entanto, da parte de fora. Mas se tome ainda cuidado, que além de uma ou mais janelas, previstas para a conversação, não haja de modo algum na parede entre um e outro parlatório ainda outra janela.

As janelas para a conversação

[163]

A janela de conversação seja construída bem firme com dupla grade de ferro, com intervalo aproximado de doze onças interposto entre uma e outra. As grades sejam de tal modo, que as barras espessas, firmemente fixadas, distem cada uma da outra não mais do que três onças. Além disso, seja feita uma folha de ferro um pouco mais larga que a janela, por todos lados; fixada à parede na parte de dentro do mosteiro, e com betume colada firmemente adira à grade interior. Mas seja um tanto cheia de furos do tamanho de um grão de bico e estes distantes entre si por um espaço de aproximadamente três onças; tenha também uma janelinha feita no meio e com dezesseis onças de cada lado, que se fecha com ferrolho, trinco e chave.

Tape-se ainda a janela por dentro com uma tela de cor preta, fixada a um instrumento de tear [caixilho] de modo que ele se possa abrir.

Nos mosteiros nos quais isso está determinado pela ordem e pela regra, que a janela do parlatório não dê visão alguma das monjas, neles, esta janela, construída apenas por uma simples grade e coberta com uma folha de ferro, não tenha nenhuma janelinha; e o tear [caixilho] seja de tal modo que não se abre.

Onde, por causa do grande número de monjas, são necessárias duas, ou três, ou mais janelas de conversação, convém que elas sejam construídas em um único lugar ou cela, se isso for cômodo, por dentro se levantem estas de acordo com a disposição prescrita; assim, no entanto, que colocadas em fila ordenada, tenham entre si um espaço de quatro ou cinco côvados.

Elas poderão também se distinguir e separar por uma parede entreposta, desde que nela haja uma janela ou abertura por onde uma monja, conversando na janela de conversação com grade, possa ser diretamente observada pelas outras, que estão falando nas demais janelas.

Mas tampouco seja posta ou colocada em algum lugar do parlatório uma roda giratória, a não ser somente em um, quer dizer, na janela que é mais adequada para a colocação desta roda.

As portas

[164]

Colocar-se-ão somente duas portas no mosteiro, como é lógico: uma, chamada de recepção, necessária para a entrada; a outra, por onde passam os animais de carga, carros ou veículos.

A primeira se faça num lugar não obscuro, nem oculto, mas em lugar conspícuo e conveniente para todas as partes do mosteiro; mas não seja ampla: tenha batentes bem firmes, feitos de dupla prancha, e se feche com duas trancas ou ferrolhos, e chaves de diferente fabricação. Nesses batentes se faça ainda uma pequena portinha e esta com firmíssimos batentes; que tenha ferrolho ou tranca, fechadura e chave dupla e diversa; para que não seja necessário, por coisa mínima, que a porta maior se abra ou fique aberta. Nesses batentes haja uma pequena janelinha orbicular ou quadrangular ou de qualquer outra forma e não seja maior do que cinco ou seis onças. Esteja guarnecida com uma folha de ferro cheia de pequenos furos não maiores do que um grão de painço, além disso, por dentro, esteja coberta por uma tela grossa, ou uma tabuinha fina, que pode ser removida quando se olha para fora. Ora, a localização desta porta deve ser tal que, quando uma vez aberta, não seja possível o olhar de uma monja para a via pública, mas que seja impedido ou obstruído por algum átrio entreposto; ou se faça uma porta de algum lado, onde não se pode olhar diretamente para lá, mas para alguma parede próxima ao vestíbulo. O limiar desta porta seja então de mármore ou de pedra sólida, e de modo que toque nela levemente [para não se olhar por baixo da porta].

As ombreiras também protegem firmemente ambos os lados da porta, e de todos os lados estão unidas bem estreitamente aos batentes.

Além disso, as juntas tanto das portas quanto das portinhas sejam tão bem compactas ou tão bem conexas que não haja nenhum, nem o menor, espreitamento.

Perto desta porta deve haver, ou se construir, uma pequena cela onde as porteiros fazem seu trabalho e de onde estejam à disposição daqueles que batem de fora [à porta] para que respondam; perto se coloque também uma roda que esteja voltada para a cela da portaria ou para um lugar próximo.

Outra porta para carros seja construída num lugar também conspícuo, de tal tamanho que possa servir para passar veículos, carruagens ou carroças. O limiar deve ser de pedra como acima, ou de mármore, para que não se deixe a saída nem sequer de algo exíguo. Mas não tenha absolutamente nenhuma portinha; seja construída com firmeza, com batentes duplos, trancas robustíssimas e duplas chaves, mas diferentes pela fabricação; sólida como as outras. Além disso, se pode aplicar obra de batentes duplos numa parede, quer dizer, uma, por dentro da parte das monjas, e outra, por fora, na via pública.

Esta porta seja construída naquela parte do mosteiro onde seja fácil acesso ao depósito de lenha e do carvão, para o uso da cozinha, e a adega. Mais adiante desta porta, uns quatro ou cinco côvados, dentro do mosteiro, se faça uma grade de ripas de carvalho ou de roble, distantes entre si com um espaço aproximado de três onças ou, de outra matéria firmíssima, no mesmo intervalo; ela seja erguida até a altura da porta com suas trancas, e seja bem fechada com ferrolho e chaves.

As rodas

[165]

A roda, colocada, seja na igreja, seja perto da porta ou em outro lugar conforme o prescrito, seja de bronze, ou de madeira, diligentemente revestida de todo lado com lâminas que chamam de “tolla”³¹¹. Tenha altura de um côvado e oito onças; de largura, também um côvado, mas na embocadura não mais do que dezesseis onças. Toda ela finalmente bem encaixada e adequadamente compacta, para que não haja, ou apareça de algum lado uma fenda sequer, por onde se possa olhar para fora.

³¹¹ Provavelmente corruptela do latim “tabula”, tábua. *Tolla* é palavra usada nas formas dialetais italianas e indicam a “lata” ou a “folha de flandres”.

Por dentro, da parte do mosteiro seja fixado um gancho de ferro, ou uma pequena tranca firmemente fixada, para dar firmeza [para fechá-la], para que de fora não possa ser girada, a não ser que seja desbloqueada pelas monjas que estão dentro.

Também se fecha da parte de dentro com firmes batentes, tranca, ferrolho e chave.

O Forno

[166]

O forno seja construído o mais longe possível, conforme a condição do lugar, do lugar de dormir, que chamam de dormitório, e do vestiário, para não criar assim um perigo de incêndio.

Aí perto se faça o depósito de farinha num lugar, ou superior, ou inferior, ou algum outro mais cômodo. Também outro lugar onde se guardam o crivo, a peneira e os demais instrumentos para trabalhar com a farinha, a não ser que o depósito de farinha seja de tal modo que aí nele caibam comodamente estes. Um terceiro lugar, além disso, será a padaria, onde o pão se faz e se fermenta, e este será bem fechado e apertado. A este lugar de fazer pão, estejam anexos um poço e um pequeno forno com caldeirão.

Na boca do forno haja uma abertura pela qual se jogam os carvões incandescentes e todo borralho numa fossa construída debaixo da [sua] abóbada.

Na parte superior do forno se faça uma pequena estufa de vapor que chamam, “la stufetta”, e que poderá ter um uso múltiplo.

E nem se deve descuidar de providenciar um lugar onde a lenha seca ou outro material comodamente se coloca para alimentar o forno.

O lugar para lavar

[167]

O lugar para lavar esteja próximo do jardim ou dos hortos para que, por causa da comodidade, aquilo que é lavado ou húmido seja aí estendido em lugar aberto e exposto ao sol. Se não há hortos, se faça uma estrutura à qual se sobe por degraus ou escadas, onde em cima haja

alpendres construídos sobre pilastras [pórticos pênseis] divididos por varais ou varas retas e transversais, onde vestidos [vestes], tapetes, roupas de linho e outras coisas lavadas deste gênero, todas elas expostas ao sol, estão penduradas para secar. Ora, esta estrutura esteja em lugar aberto, não demasiadamente alto para que, daí, não se possa olhar para fora do mosteiro. Mas quando o lugar de lavar não pode ser construído no térreo do mosteiro, por causa da falta de espaço, ele seja construído comodamente embaixo.

Ora, o lugar de lavar deve ser bastante amplo, com pavimento também coberto por ladrilhos ou outro material. Tenha um poço, de onde, por uma roldana - um tipo de roda extratora, que chamam de “tromba”³¹² – se tira água; haja também uma bacia de pedra para a água, um pequeno forno ou um forno portátil com caldeirão. Debaxo desse lugar se faça uma fossa ou um buraco profundo e amplamente cavado, no qual desça a água derramada.

Junto a isso haja também um depósito de carvão, do qual se tira o carvão para aquecer as caldeiras.

Lugar para cuidar dos cabelos

[168]

Convém que haja perto do lugar de lavação um *covriceum*³¹³, quer dizer um ambiente para cuidar dos cabelos, onde as monjas lavam as cabeças. Tenha neste ambiente uma lareira, um pequeno forno, com uma caldeira colocada em cima, para confeccionar lixívia, e um recipiente para água suja.

O lugar da portaria

[169]

Como localização da portaria, escolha-se um lugar muito cômodo no mosteiro e bastante iluminado; aí se construa com bom material uma sala, onde as responsáveis das monjas se reúnam para avaliar ou planejar as questões do mosteiro.

³¹² Não nos foi possível aferir o sentido preciso dessa expressão, provavelmente dialetal. Pelo contexto, é evidente que se trata de uma espécie de bomba d’água.

³¹³ Sentido obscuro, não nos foi possível estabelecer um nexo para essa palavra.

Essa sala esteja por todos os lados cercada por uma construção de tábuas e subdividida por grades, armários e estantes. Aí podem se guardar cuidadosamente os livros que se referem às questões do mosteiro e à administração, os volumes de receitas e despesas, as escrituras, os instrumentos e atas públicas que dizem respeito de alguma maneira ao direito do mosteiro; e igualmente os cofres de dinheiro e, além disso, outras coisas deste gênero.

Seja fechada com duplas chaves, dois ferrolhos, também duplas travas e, igualmente, com duplas firmíssimas portas.

A despensa

[170]

Já falamos da despensa apropriada para o uso da comida quotidiana, mas também se deve levar em consideração o depósito, quer dizer, o lugar onde se guardam e de onde depois se retiram, quando necessário, frutos, legumes, óleo e outras coisas que pertencem às provisões do ano.

Esta despensa se construa num lugar próprio; seja rebocada ou estucada de todos os lados tão densamente que não apareça em algum lugar uma fenda sequer, de modo que todo furo esteja totalmente fechado para os ratinhos e ratos.

Haja caixas, cestas, canastras e qualquer tipo de recipiente, separados cada um em seu lugar. Feche-se com duplo ferrolho e chave, com diferente confecção.

A drogaria

[171]

Pode haver, para uso do mosteiro, uma drogaria ou farmácia. Mesmo que não se guarde todo gênero de medicamento, deve nela haver aqueles simples remédios que facilmente se confeccionam e que valem para curar ou aliviar os ataques de alguma enfermidade subitânea.

A localização desta drogaria ou farmácia seja um pouco afastada da igreja e do lugar de trabalhos, enfim, de toda parte do mosteiro que não deve estar exposta a barulhos, porque

destes, ela esta não está livre, por causa da trituração das ervas, da confecção dos medicamentos da múltíplice colocação de almofarizes e da frequente conversação.

Seja construída num lugar não quente, mas um pouco frio.

Por dentro seja dividida por barrotes aglutinados ou infixados à parede, separados entre si por algum determinado espaço, entre os quais se fixam algumas tábuas transversais sustentadas com firmes apoios. Nelas se colocam, como num armário na parede, ordenadamente todos os vasos de especiarias.

A esta oficina esteja anexa uma salinha onde se conservam água destilada e outros vasilhinhos de unguentos ou de medicamentos. Esta salinha, no entanto, deve suprir quando na farmácia ou oficina não cabem estes vasos. Ainda outra salinha ainda mais fria onde as ervas e os vasos para a destilação são guardados e um pouco de carvão. Numa destas salinhas se construa um fogão.

Tenha também um pequeno reservatório para água de onde esta é desviada para uma fossa escavada.

Se, além disso, se pode dar lugar a um pátio com poço, isso traz muita comodidade; se não, a construção desta farmácia se faça perto de um poço.

E isto sobre as partes inferiores do mosteiro; agora vamos passar para as superiores.

As partes superiores do mosteiro, e primeiro o átrio dos cubículos ou dormitório.

[172]

No início, nos lembrávamos das partes superiores do mosteiro, e dentre estas se deve ter a precaução diligente e proporção certa do átrio do cubículo que se chama de dormitório. Assim, pois, se escolha para sua localização um lugar que não sofra as intempéries do clima, mas orientado para aquela parte onde, por razão do clima, o vento não seja adverso, nem carregado, nem pesado.

Em primeiro lugar, pois, que não possa dar ocasião para alguém de fora olhar para dentro ou, que sua iluminação seja prejudicada de fora por outra construção de parede ou edifício; e também não se possa olhar, de lá, para fora.

O átrio dos cubículos, conforme o plano da estrutura inferior exige e o número de monjas pede, será tríplice ou quádruplo, de modo que haja um em toda parte do claustro, e sua largura e longitude corresponda à construção dos lugares inferiores.

Em cada uma das cabeceiras do átrio, a uma altura de seis ou sete côvados do pavimento, se construam grandes janelas por onde entra a luz. Tenham firmes grades e, além disso, vidros transparentes; mas de modo que sua parte superior possa ser aberta para a saída do ar viciado; mas, ao contrário, se for necessária uma pequena janela do lado do átrio, ela se faça somente daquela parte que dá para o claustro.

Cada um dos átrios, dividido em partes, seja separado em pequenas celas. Cada uma delas com cinco ou seis côvados de amplitude, separadas por esteiras densamente tecidas, ou por telas, ou lonas estendidas.

Se não se fazem dormitórios comuns, como parece sugerir um antigo instituto, mas, se constroem separadas e distintas, celas para cubículos individuais, elas devem estar próximas e juntas entre si; e levantadas ordenadamente de um e de outro lado, com um acesso no meio, terminam, se possível, em quadrado. Elas não sejam amplas, mas de todos os lados de um tamanho aproximado de sete côvados, onde caiba um pequeno leito. Tenham uma estrutura simples e humilde, e nenhuma pintura. Cada uma tenha somente uma pequena janela, também uma pequena entrada que não se fecha com fechadura e tranca, mas com trinco, que chamam *alzapiede*³¹⁴, fixado assim aos batentes, de modo que se abra de fora facilmente, por meio de uma cordinha que se puxa; mas absolutamente[dentro da cela] nenhum forno.

Se uma vez essas celas devem ser construídas de maior tamanho, tome-se todo o cuidado que nelas haja o espaço para caber, pelo menos, três leitos ou mais, conforme a opinião da superiora; mas, só dois, de modo algum. Além disso, tome-se cuidado que não se faça nenhuma janela por onde se possa olhar de fora dos limites do mosteiro. Mas, se em alguma cela, ou outro lugar superior, é necessário fazer uma janela pela qual se podem olhar os hortos, ou um lugar próximo, nas antas desta janela se fixem firmissimamente de todos os lados grades de ferro; a estas se sobreponha, à distância de um côvado e meio, grades de mármore ou de chapas de ferro, cheias de furos no tamanho de uma onça e abarcando a janela inteira, de todos os lados seja fixada solidamente à parede. Mas, não deve ser feita janelinha alguma, nem nas partes inferiores, nem nas superiores do mosteiro por onde se possa olhar a via pública.

³¹⁴ Espécie de tramela.

Finalmente, os dormitórios, sejam comunitários, sejam divididos em celas individuais, devem ter uma estrutura que por uma só escada, ou no máximo duas, aí se suba; e assim, quando as portas e os acessos são fechados, não haja nenhum outro caminho pelo qual se possa a eles subir ou ingressar.

As latrinas

[173]

Próximo a esses dormitórios, num lugar separado, construam-se latrinas de modo que tenham certos assentos; estes assentos, divididos entre si por uma divisória, apresentam um pequeno espaço no qual a monja se encerra para que não seja observada pelas demais. No entanto, todo este lugar das latrinas, deve ser não só fechado, mas bem vedado para que não se possa ver, nem saia mau cheiro.

O lugar da escola das noviças

[174]

Em lugar separado dos átrios para os cubículos, e um pouco afastado da frequência das monjas, construa-se um gineceu das noviças, quer dizer, uma escola onde elas moram. Este lugar deve ser amplo, esteja orientado para aquela parte que tem um ar salubre. Bem fechado, tenha suas latrinas e as demais partes apropriadas para o seu funcionamento necessário.

O vestiário

[175]

Num lugar ensolarado, deve se levantar um vestiário comum com janelas de todos os lados, no qual se guardam somente as vestimentas de lã.

Seja rodeado, de todos os lados, de armários de uma altura de cinco ou seis côvados, ordenada e retamente separados; cada um tenha seus compartimentos, compridos, tanto quanto exija o comprimento da vestimenta da monja.

Diante das portas do vestiário, seja traçado e aberto um pórtico comprido onde, por fora, fixados na parede instrumentos de ferro com certos intervalos, e colocados varais ou cabides transversais entre um e outro instrumento, aí são penduradas e sacudidas vestimentas em certos tempos.

A este vestiário deve estar anexa uma sala na qual se guardam vestes de linho e toda alfaia de linho; em caso que o vestiário acima descrito não seja do tamanho que caibam separadamente as caixas e armários das alfaias de linho. Mas, na verdade, onde for possível, será melhor que esta esteja separada do vestiário.

Além disso, uma terceira sala ainda deve ser anexada ao vestiário, do mesmo modo com seus armários de todos os lados, onde distinta e separadamente se guardam cobertores, almofadas e outras coisas deste gênero, e vestimentas de peles. Mas não deve ser construída em lugar ensolarado, é melhor em lugar frio.

Os celeiros

[176]

Construam-se em lugar próximo a porta; as suas escadas estejam num lugar conspícuo; as portas sejam bem firmes, e cada uma se fecha com dupla chave, ferrolho e tranca.

A enfermaria

[177]

Depois deter exposto as partes inferiores e superiores do mosteiro, há também lugares e domicílios que devem estar separados de algum modo destas. E por primeiro tratamos agora da enfermaria.

Ora, a enfermaria, quer dizer, aquele lugar onde se cuidam das monjas que estão enfermas ou afetadas por doença, ou convalescentes, deve ser construído num lugar no interior do mosteiro, mas um pouco remoto, bem perto da entrada da portaria e, sobretudo, num lugar saudável.

Esta estrutura da enfermaria terá também partes, tanto superiores quanto inferiores: um refeitório, amplo cerca de vinte côvados e proporcionalmente largo; uma cozinha, uma

despensa, uma lavanderia, um pátio com um poço, um local para a lenha, um pórtico; duas ou três celas inferiores, de um tamanho modesto, nas quais caibam três leitos; tenham também – cada uma ou de duas em duas - um fogão. Na parte superior, por sua vez, haja quatro ou seis cubículos [quartos] também de amplitude modesta e eles disponham igualmente, como acima, de um fogão e tenham latrina, como descrito, um pouco mais acima.

Onde ainda, além disso, para uso desta enfermaria, houver lugar para um pequeno jardim, isso seria bem aconselhável para esta estrutura desta enfermaria. Todo este recinto, que tem uma só entrada, se fecha com uma única porta.

A sala para a educação das jovens

[178]

Naqueles mosteiros onde é permitido educar jovens entregues para a disciplina das monjas, aí se construam para elas um domicílio, onde elas podem viver separadas das monjas; e tenham tudo separado delas, à exceção da igreja. Este domicílio, na verdade, deve constar das seguintes partes: um pequeno átrio com lareira, uma despensa, um jardim com poço e um pequeno pórtico um lugar para lenha e dois cubículos inferiores; na parte superior um dormitório ou, dormitórios, algo maiores, onde cabem, em cada um, pelo menos três ou quatro - ou mais, mas não menos - camas. O conjunto deste domicílio tenha uma só porta. E onde for possível, também um jardim seria conveniente.

Os hortos ou o vergel do mosteiro

[179]

Por causa dos muitos perigos de violar a clausura, os hortos das monjas não devem ser de vasta amplitude. Já que por causa de sua vastidão não podem ser facilmente cercados com muros, acontece que se possa ter acesso e vista pelo vulgo das partes do mosteiro. Por isso os muros meçam cem côvados ou um pouco mais por todos os lados. De toda a parte se rodeiem com paredes da grossura de um côvado e oito onças; de altura, não menos de dezesseis côvados, e estes contados a partir do chão. Mas também se os hortos podem cômoda e facilmente ser cercados, não é conveniente exceder a medida prescrita de um espaço de cem

côvados, para que não seja necessário introduzir, contra as regras da clausura, trabalhadores braçais do campo e pessoas de fora, quando por causa do tamanho, estes não podem ser cultivados ou semeados pelas monjas e as conversas que moram dentro do mosteiro.

Não se plantem brotos, nem videiras, nem árvores de qualquer gênero, nem por dentro e nem por fora perto das paredes, a não ser distantes com um intervalo de seis côvados pelo menos. Nem no fundo delas se plantarão árvores maiores, mas arbustos mais baixos, e estes bem raros. Nem se façam pilhas de madeira e nem montes de palha ou de feno. Além disso não se construa alguma choupana nem casa qualquer, por menor que seja. Nem sirva para fazer feno ou como prado, mas seja sempre assim que se plantem hortaliças, ervas medicinais ou culinárias, não para o deleite.

Se nos hortos houver uma fossa ou um desvio de água por canais, tenha-se o cuidado que este aqueduto seja feito bem firme com alguma obra de pedra ou cimento, traçado, a partir da boca por onde a água entra, com um comprimento aproximado de seis côvados, medidos tanto por fora como por dentro. A boca, no entanto, por onde a água entra, no início da obra de pedra, e a outra boca por onde ela escorre em seu final devem ser protegidas com grades de ferro em ambas as partes. E o mesmo se faça na extrema parte o horto onde a água irrompe para fora.

Ademais, este aqueduto pode ser feito sem cancelas de grades se ele estiver coberto por inteiro ao longo de todo o espaço de extensão dos hortos pelos quais a água deflui. Se for ainda necessário fazer algum desvio de água, seja para a irrigação dos hortos, seja para lavar, podem se derivar, onde se queira, por pequenas aberturas alguns regatos, que depois serão reconduzidos ao aqueduto.

O cárcere e o lugar da secessão³¹⁵

[180]

Os mosteiros devem ter, como antigamente tiveram, um cárcere sólido no qual se prende, conforme a gravidade da culpa, uma monja que alguma vez se desviou da disciplina e agiu vergonhosamente. Ora, o cárcere ficará longe da via pública e das casas vizinhas, antes, esteja

³¹⁵ Como se dirá um pouco mais abaixo, é o lugar para que as monjas, isoladas da comunidade, pudessem se dedicar às mortificações.

na parte interna superior do mosteiro, que é também mais remota de onde as monjas frequentam e se encontram.

Bem protegido[seja o cárcere], bem construído com madeiramento e bem abobadado, tenha uma janelinha de um côvado, firmemente gradeada, feita bem no alto, pela qual se recebe um pouco de luz; igualmente uma pequena entrada protegida com dois batentes, no interior dos quais, haja uma janelinha muito pequena, fechada com dois ferrolhos e duas trancas. Tenha também grilhões, como foi previsto em antigas regras, e algemas de ferro, com as quais se acorrentam, quando necessário, as que foram jogadas no cárcere. Mas não haja no cárcere um forno, nem alguma abertura, a não ser uma latrina, construída com tubos estreitos.

Não longe do cárcere esteja o lugar de secessão, e este, mais livre [espaçoso] e cômodo que a estrutura do cárcere. Às vezes, neste lugar, monjas afastadas das outras, podem cumprir uma penitência salutar por causa de culpas mais leves.

O lugar de ouvir as sagradas confissões

[181]

Até aqui, [se tratou] das partes do mosteiro; em seguida falaremos dos lugares anexos. Devemos, portanto, por primeiro, tratar do lugar onde as monjas se confessam. A localização deste lugar, um pouco afastado da igreja, deve ter outro ambiente por fora juntado, onde o sacerdote confessor ouça a confissão delas.

No entanto, o lugar interior onde as monjas se confessam fique na parte inferior para que não seja necessário subir uma escada; seja bem pavimentado ou conste, por baixo, de obra abobadada, para que não seja húmido e nem ulgionoso³¹⁶; longe de todo estrépito e de todos os lados assim acomodado que a monja confidente não possa ser ouvida por algum outro a não ser o próprio confessor. Haja finalmente, de todos os lados, um espaço com cerca de seis ou sete côvados.

Também a cela do sacerdote confessor, da mesma medida e forma, seja construída por fora em anexo.

³¹⁶ Isto é, pantanoso, lamacento.

Na parede comum dos dois lugares ou celas, faça-se uma pequena janela, de um côvado, no máximo, de altura; tenha uma largura aproximada de dezesseis onças, em proporção à altura. Esta janelinha, bem protegida com grades de ferro e lâminas de ferro com seus pequenos furos, e além disso, com uma tela negra afixada, de modo algum possa ser aberta.

Na mesma parede poderá haver uma roda giratória, menor pela metade que as outras anteriormente prescritas, e esta roda sirva para expor ao confessor, se ele necessitar de algumas coisas; e a mesma roda, seja solida e bem construída, como foi demonstrado para as outras rodas.

O alojamento do confessor

[182]

Construa-se, além disso, um alojamento no lugar que existe entre a entrada exterior, junto à via pública, e aquela interior que dá acesso aos claustros, constando de dois cômodos, um inferior e outro superior, que o sacerdote confessor pode usar quando é necessário pernoitar, a fim de estar presente para administrar os santíssimos sacramentos a alguma monja perigosamente doente. Este alojamento tenha uma lareira e uma latrina e as outras coisas adequadas para o uso necessário, mas nenhuma roda; e não tenha absolutamente janela alguma de onde se possa olhar ou conversar sob qualquer pretexto. Nem tenha mais cômodos além destes dois, para que seja afastada e excluída toda outra ocasião de conversação ou contato; e finalmente, nenhum outro lugar além destes, por menor que seja. Em todo caso, aja-se de tal modo, que não se deixe nem a menor, e até nenhuma facilidade, ou ocasião, de aí coabitar, a não ser por causa necessária. E esta norma vale também na edificação do alojamento seguinte.

O alojamento exterior dos serventes e os colonos que chegam

[183]

Nesse espaço intermédio construa-se um alojamento para uso dos colonos que chegam e dos serventes das monjas. Ele tenha cômodos duplos para duas ou três pessoas, mas nenhuma roda ou janela para conversar. E nem seria fora de cogitação que ele seja separado do edifício do mosteiro por um pequeno espaço de modo que pelo menos os telhados não se toquem.

O domicílio das conversas

[184]

O domicílio, fora dos limites da clausura, onde as conversas que não tem votos moram, deve ser construído com o critério que se abra e feche de dentro, da parte das monjas. Isto, no entanto, poderá fazer-se pelas orientações abaixo mostradas.

Neste espaço intermédio, fora dos limites da clausura, faça-se o domicílio que ofereça lugar para tantas conversas quantas provavelmente serão necessárias para o serviço do mosteiro. Tenha este domicílio as diferentes partes necessárias: um dormitório, naturalmente comum, uma cozinha, um poço e um lenhal³¹⁷, e também outros lugares oportunos e necessários. Portanto, na construção deste domicílio se tome o cuidado que nas paredes exteriores que dão para a via pública não se faça janela alguma, e nem haja algum furo exíguo ou espreitadeira mínima; que, finalmente, tenha uma só porta de entrada construída perto da parede da clausura do mosteiro, seja ela qual for.

Faça-se nesta parede de clausura, um buraco com uma largura aproximada de seis onças. Por este, se passará uma tranca de madeira da mesma espessura; esta, feita transversalmente, e um pouco enfiada na parede que está em frente, fechará firmemente os batentes daquela porta. Na parte superior desta tranca, do lado das monjas, haja uma chave e um ferrolho de modo que as monjas por dentro facilmente abram, e de novo fechem.

Mas, se com esta solução da tranca transversal não for possível trabalhar para fechar aquela porta, então será fácil que a tranca, não transversal, mas perpendicular à porta que está em frente àquele buraco, em cima apoiada, e colocada nos batentes, feche firmemente.

Neste domicílio, ao lado do mosteiro, deve ser feita uma janelinha exígua não maior que cinco ou seis onças em todos os lados, protegida também por lâminas de ferro e cheias de pequenos furos, de onde a superiora chama as conversas e olha se estão em casa quando a porta está fechada; então, elas, que estão para sair, pedem a bênção e a missão.

Algumas precauções em toda a edificação do mosteiro

³¹⁷ Isto é, o local para se guardar a lenha.

[185]

Em primeiro lugar, em toda a edificação do mosteiro, cuide-se diligentemente da norma da clausura, quer dizer, que o espaço dela, por quão grande seja, de todos os lados se feche com paredes idôneas e bem fabricadas à base de madeira. Além disso, a altura delas seja de pelo menos vinte e quatro côvados, exceto os muros dos hortos, cuja altura mostramos acima, e uma espessura de um côvado, e ainda um pouco mais, mas, certamente, de modo algum menos. E nas paredes externas, não haja uma chaminé escavada, mas, saliente da superfície, e estando por dentro, não se proíbe não é proibido. Além disso, nada de janelas, nem janelinhas, nem espreitadeiras e nem sequer uma fresta de onde também haja a menor visão.

Na construção das diversas partes do mosteiro para uso comum, quer dizer, o refeitório, a sala do capítulo, a enfermaria, o dormitório, o lugar de calefação e da lavagem das mãos, também, dos trabalhos, e outros deste gênero, também, em primeiro lugar na edificação do interior da igreja, não se deve negligenciar, mas tomar muito cuidado que, em tais lugares, aos quais as monjas costumam se reunir frequentemente, sejam de ampla estrutura, e que comodamente deem lugar não somente para todas que já estão, mas também a todas aquelas que provavelmente mais tarde deverão ser aceitas no mesmo mosteiro, de acordo com a quantidade de recursos e de esmolas.

No entanto, a máxima precaução deve ser aquela que em nenhum parlatório externo, nem em algum alojamento do sacerdote confessor, ou dos colonos, ou dos serventes que chegam, nem em alguma outra parte qualquer externa ou construção feita por fora, haja algum lugar superior ao qual as monjas possam aceder; tampouco, nem poderá haver em alguma parte interior do mosteiro, um lugar superior ao qual possa existir acesso ou ingresso algum para outros.

Além do mais se deve tomar caução nisto, que quaisquer acessos que haja para o mosteiro, vestíbulos, acessos estreitos, ou outra coisa deste gênero, que não sejam tenebrosos, nem escuros, mas claros e iluminados.

E finalmente, em todo extremo de um ângulo, de uma entrada, de uma escada, ou, de um átrio do mosteiro, haja alguma sacra imagem, piedosamente pintada.

CAPÍTULO XXXIV

ALGUMAS PRECAUÇÕES SOBRE TODA EDIFICAÇÃO ECLESIASTICA

[186]

Isso escrevemos acima, especificamente em seus lugares, sobre a fábrica exterior e interior da igreja, dos cemitérios, da sacristia e outras partes adjuntas da edificação eclesiástica, da construção de igreja simples e de oratório, e ainda, da estrutura da igreja e do mosteiro das monjas. No entanto, isto diz respeito em geral a toda edificação eclesiástica, à saber: que nem para o uso ou decore da igreja, por fábrica ou ornato, não se faça nada, seja o que for, nem se inscreva, se retrate, ou se expresse algo que seja estranho à piedade e religião cristã, ou que seja profano, disforme, voluptuoso, que seja torpe ou obsceno, ou que, mostrando magnificência popular, ou insígnias de familiares, apresente um tipo de obra pagã. Mas não se proíbe, no entanto, se assim o projeto arquitetônico exige para a firmeza da fábrica, alguma estrutura do gênero dórico, ou jônico, ou coríntio, ou alguma obra deste tipo.

De tudo isso os prefeitos da fábrica ou os arquitetos, antes de começarem a obra se consultarão; em primeiro lugar, é obrigação episcopal verificar que eles nada façam de prejudicial para a obra eclesiástica.

E no fim deste livro, colocamos ainda o seguinte: já que o dote para a igreja, ermida ou altar está disposto pelos cânones do direito, o bispo antes de dar a faculdade para tal edificação eclesiástica ou fundação, cuide diligente e prudentemente de uma boa garantia e dos instrumentos públicos, conforme a prescrição dos mesmos cânones.

Glória a Deus.

Fim do primeiro livro

Livro II

INSTRUÇÕES SOBRE AS ALFAIAS ECLESIAÍSTICAS

[187]

No livro anterior expusemos quais critérios a serem adotados na fábrica das igrejas, seja em seu exterior que interior. Segue agora um outro livro no qual falaremos da sacra alfaia.

Antes de tudo fornecemos um único quadro do conjunto dos objetos necessários para os sacros ministérios e para toda parte da igreja, conforme o número dos ministros oficiantes e a necessidade e majestade da própria igreja.

Em segundo lugar, porque convém que, conforme a solenidade dos Ofícios e das várias eventualidades, as sacras alfaias sejam de variados tipos e aspectos, bem como de diferente preciosidade nas várias jornadas litúrgicas, consideramos oportuno indicar com critérios bem precisos quais das sacras alfaias devam ser duplas, triplas ou quádruplas, ou quádruplas, ou ainda mais numerosas por causa da necessidade de lavá-las e de trocá-las.

Finalmente quisemos dar indicações acerca da forma de todas as alfaias elencadas, de modo que sejam adequadas às exigências das solenidades, às regras dos ritos e às instituições, e em toda igreja o decoro resulte em toda parte o maior possível.

Estabelecemos iniciar com a alfaia da Basílica Catedral, e em seguida, a das outras igrejas: as Colegiadas, Paroquiais e as igrejas simples.

CAPÍTULO I

A ALFAIA DA IGREJA CATEDRAL

[188]

Descreveremos agora a alfaia da igreja Catedral. Embora uma parte dessa possa ser comum a todas as missas solenes, sejam Episcopais ou outras, que se celebram colegialmente, e a outros Ofícios divinos, seria porém certamente mais conveniente, onde possível, que houvesse na igreja Catedral um conjunto de vestes sacras, de ornamentos e de outras alfaias destinados unicamente às Missas, aos Ofícios divinos e aos outros sagrados ministérios que são celebrados pelo Bispo. Portanto, se distinguirá a alfaia da Catedral em duas categorias distintas em primeiro lugar a destinada aos Ofícios Episcopais, e em segundo lugar a que deve ser usada em outros Ofícios divinos.

Alfaia própria das missas, dos Ofícios divinos e dos ministérios Episcopais.

[189]

Em seguida, elencamos a alfaia par auso exclusivo do Bispo. Ela está composta em parte pelo aparato do altar mor; em parte pelas vestes Episcopais para o sacrifício da Missa, para os divinos Ofícios, para a celebração solene e para os usos necessários aos sacros ministérios; em parte consta das indumentárias usadas por aqueles que ajudam o Bispo nas celebrações solenes; o resto da alfaia, de variado gênero, é elencado sob a própria titulação.

Aparato do Altar mor quando celebra o Bispo

[190]

Cruz.

Sete candelabros com três apagadores.

Duas espevitadeiras.

Uma sacra para as orações secretas.

Dois panos, chamados de toalhas, pequenos.

Um pano, ou toalha grande.

Frontal [de altar]

Cobertura do frontispício do altar.

Toalha para se estender sobre o altar.

Tapetes para estender sobre o supedâneo e degraus do altar, e para a parte do pavimento diante e de ambos os lados dele.

Vestes, paramentos e ornamentos episcopais, necessários para as Missas e Ofícios divinos e ministérios solenes.

[191]

Um par de meias.

Um par de sandálias.

Um amito com uma faixa ou friso dourado.

Duas alvas com bandas ou frisos dourados.

Cordão ou cinto para cingir.

Cruz peitoral a ser pendurada ao pescoço.

Estola.

Dalmática.

Um par de luvas.

Planeta [casula]³¹⁸.

Quatro barretes para se colocar sob a mitra.

Duas mitras preciosas.

Anel Episcopal Insigne.

Gremial.

Báculo Pastoral.

Manípulo.

Pluvial.

Peitoral para ligar o pluvial.

Paramentos dos ministros que ajudam o Bispo na celebração dos Ofícios divinos solenes

[192]

Pluvial do sacerdote assistente ao livro.

Duas tunicelas para uso dos dois assistentes em vestes diaconais.

Um amito para uso do Diácono; dois na igreja Metropolitana, com suas faixas ou frisos dourados.

³¹⁸ A etimologia é incerta, mas parece derivar do grego πλανήτης, com o sentido de “girar em volta”.

Igualmente um amito para uso do Subdiácono; dois na igreja Metropolitana, com suas faixas ou frisos dourados.

Também uma alva diaconal; duas na igreja Metropolitana, com bandas ou frisos dourados.

Além disso, uma alva subdiaconal; duas na igreja Metropolitana, com bandas ou frisos dourados.

Um cordão diaconal; na Metropolitana, de novo, dois.

Um cordão subdiaconal; na Metropolitana, dois.

Uma dalmática diaconal; na Metropolitana, duas.

Uma tunicela subdiaconal; na igreja Metropolitana, duas.

Uma estola diaconal; na Metropolitana, duas.

Um véu subdiaconal para uso de levar o cálice e sustentar a patena.

Um pluvial para uso de quem sustenta um livro.

Além disso, um pluvial para uso de quem sustenta a vela acesa.

Um pluvial para uso de quem segura o pastoral.

Um véu para uso do Capelão que segura a mitra.

Igualmente véus ou bandejas para uso daqueles que levam as vestimentas e ornamentos Episcopais quando o Bispo se reveste ou se desveste: são necessários doze.

Outra alfaia para uso na Missa, nos Ofícios Divinos e dos outros ministros episcopais solenes.

[193]

Cálice.

Patena.

Véu do cálice.

Corporal.

Bolsa do corporal.

Sanguinho.

Quatro galhetas.

Bandeja para as galhetas.

Dois Missais.

Livro das Missas Episcopais cantadas, com notas para o canto.

Marcador de páginas para o missal.

Cobertura do Missal.

Almofada do Missal.

Dois Pontificais.

Dois marcadores de páginas para os Pontificais.
Uma cobertura do Pontifical.
Dois sustentáculos para velas com suas espevitadeiras.
Dois turíbulos para uso da incensação.
Duas navetas para uso da incensação.
Duas colheres para uso da incensação.
Cobertura da Sé Episcopal.
Mochos para uso dos assistentes.
Faldistório.
Cobertura do faldistório.
Duas almofadas para o faldistório; uma para se sentar e o outro para o uso de apoiar os joelhos dobrados.
Credência.
Toalha da credência.
Dois candelabros para a credência.
Dois apoios para as Mitras
Três ou mais vasos ou jarros para ornamento da credência.
Uma ou duas galhetas grandes que chamam de “bocale”³¹⁹.
Uma ou duas bandejas grandes.
Quatro toalhas para enxugar as mãos.
Lecionário para uso da Missa solene nas igrejas Metropolitanas.
Cobertura do Lecionário.
Epistolário.
Cobertura do Epistolário.
Evangeliário.
Cobertura do Evangeliário.
Cobertura do ambão ou púlpito.
Cobertura da estante.
Caldeirinha para a água benta.
Dois aspersórios.
Um pano de linho, ou “sabarium”³²⁰ para enxugar a cabeça do batizado para uso nos Batismos solenes.

³¹⁹ Talvez do italiano “boccale”, isto é, a caneca com tampa.

³²⁰ Talvez corrupção do latim, “sudarium”: lenço ou pano para enxugar o suor do rosto.

Âmbula de cristal para bálsamo com colher de prata.

Quatro ou seis pequenas bandejas para vários usos dos ministros Episcopais.

Duas tesouras para uso da sacra Ordenação.

Três vasos grandes para os óleos santos: um para o sacro Crisma, outro para a Extrema Unção e um para o óleo dos Catecúmenos.

Três vasos pequenos para a administração dos sacros óleos.

Um vaso pequeno dividido em três partes, para o óleo dos Catecúmenos, para o Crisma e para o óleo dos Enfermos.

Três véus de seda: um para cobrir o vaso do Crisma, outro para cobrir o vaso do óleo dos Enfermos e outro para vaso do óleo dos Catecúmenos.

Um candelabro.

Galhetas para uso da sacra ordenação dos acólitos.

Livro dos Exorcismos para a sacra ordenação dos exorcistas

Livro das Epístolas para a sacra ordenação dos subdiáconos.

Livro do Evangeliário para a sacra ordenação dos diáconos.

A alfaia para uso das Missas e dos Ofícios Episcopais em relação à variedade das cores deve ser quántupla.

[194]

Haja vista que as sacras vestes e os paramentos do altar do Bispo celebrante e dos ministros devem ser da cor própria do Ofício ou da Missa do dia; e porque a Santa Mãe Igreja prescreve que se deva usar cinco cores, isto é, o branco, o vermelho, o roxo, o verde e o preto; conseqüentemente que o aparato das vestes e dos paramentos sacros, como acima exposto, deverá ser quántupla.

Portanto, as vestes sacras, os paramentos e os ornamentos que em seguida são elencados deverão ser cinco para cada tipo: branco, vermelho, roxo, verde e preto - à exceção de algumas indumentárias para as quais não é usada a cor preta, estes serão quádruplos.

Frontal do altar

Cobertura para ornamento do frontispício do altar.

Meias.

Sandálias.

Estas indumentárias serão somente quádruplas, porque elas não devem ser da cor preta.

Faixa ou friso dourado no amito.

Bandas ou frisos dourados na alva.

Estola.

Túnica.

Dalmática.

Luvras: serão somente quatro pares, pois a cor preta não é utilizado.

Planeta ou casula.

Gremial.

Manípulo.

Pluvial.

Pluvial do sacerdote assistente.

Tunicelas para uso dos assistentes em hábito diaconal.

Um amito diaconal com friso dourado: na igreja Metropolitana, dois para cada cor.

Também um amito subdiaconal com friso dourado: na igreja Metropolitana, dois para cada cor.

Uma alva diaconal com bandas ou frisos dourados: na igreja Metropolitana, duas.

Uma alva subdiaconal com bandas ou frisos dourados: na igreja Metropolitana, duas.

Uma dalmática diaconal: na igreja Metropolitana, duas.

Uma tunicela subdiaconal: na igreja Metropolitana, duas.

Uma estola diaconal: na igreja Metropolitana, duas.

Um manípulo diaconal: na igreja Metropolitana, dois.

Um manípulo subdiaconal: na igreja Metropolitana, dois.

Pluvial para uso de quem sustenta o livro.

Também um pluvial para quem sustenta o báculo Episcopal. Este indumento deve ser quádruplo, pois nos Ofícios dos mortos não se usa o báculo.

Pluvial para uso de quem sustenta a candela acesa.

Véu do cálice.

Bolsa do corporal.

Marcador de página do Missal.

Almofada do Missal.

Marcador de página do Pontifical

Cobertura do Pontifical.

Cobertura da Sé Episcopal.

Cobertura do faldistório.

Cobertura do Lecionário.

Cobertura do Evangeliário.

Cobertura do ambão ou púlpito.

Cobertura da estante.

A alfaia dos indumentos feitos de linho ou bisso, determinada para os ministérios Episcopais e simplesmente elencada logo acima, por causa do asseio e da necessidade de lavar, deve ser múltiplice, como se expõe mais amplamente abaixo sobre a alfaia dos indumentos de linho. Em primeiro lugar, portanto, os indumentos de linho do altar, ou de bisso, são para uso das Missas Episcopais. A sua quantidade será de número logo abaixo indicado.

[195]

Três toalhas grandes.

Seis toalhas pequenas.

Indumentos Episcopais de linho

[196]

Oito amitos.

Oito alvas.

Seis corporais com as suas palas.

Doze sanguinhos.

Doze toalhas para enxugar as mãos

Três toalhas da credência.

Três panos para uso dos Batismos solenes.

Indumentos de linho para uso dos ministros que servem ao bispo

[197]

Oito amitos diaconais: dezesseis na igreja Metropolitana.

Outras oito alvas diaconais: dezesseis, como acima, na igreja Metropolitana

Oito amitos subdiaconais: dezesseis na igreja Metropolitana.

Oito alvas subdiaconais: dezesseis na igreja Metropolitana.

Alfaia para uso dos Cônegos e dos outros ministros da igreja Catedral nas Missas Conventuais e nos Ofícios Divinos.

[198]

As alfaias que foram expostas acima são de uso específico do Bispo; elencamos em seguida a alfaia necessária para os cônegos e para os outros ministros da igreja Catedral para celebrar os

Ofícios Divinos, assim especificada: parte para o aparato do altar mor; parte para uso da Missa Conventual de os Ofícios Divinos; parte para a administração da Sacra Eucaristia e dos outros Sacramentos; parte para os outros ministérios eclesiásticos, em particular para os Ofícios fúnebres; parte, finalmente, para a sacristia.

Esta mesma distinção será conservada também para as outras igrejas, conforme a condição de cada uma.

Aparato do altar mor

[199]

Cruz.

Seis candelabros com dois apagadores.

Duas espevitadeiras.

Sacra.

Duas toalhas pequenas.

Uma toalha grande.

Pálio.

Cobertura para ornar o frontispício do altar.

Toalha para se estender sobre o altar.

Tapete para o supedâneo do altar.

Duas tabelas com a oração ao Santo com cujo nome se chama o altar ou a capela mor; uma a ser afixada à direita e a outra à esquerda dos cancelos do altar ou da capela, do lado de fora.

Igualmente, duas tabelas com as orações ao Santo ou aos Santos cujas relíquias se conservam naquele altar.

Alfaia para uso da Missa Conventual e dos Ofícios Divinos

[200]

Amito sacerdotal com faixa ou friso dourado.

Alva sacerdotal com bandas ou frisos dourados.

Cordão sacerdotal.

Manípulo Sacerdotal.

Estola Sacerdotal.

Planeta.

Pluvial.

Amito diaconal com faixa ou friso dourado.

Amito subdiaconal com faixa ou friso dourado.
Alva diaconal com bandas ou frisos dourados.
Alva subdiaconal com bandas ou frisos dourados.
Cordão diaconal.
Cordão subdiaconal.
Dalmática diaconal.
Tunicela subdiaconal.
Manípulo diaconal.
Estola diaconal.
Manípulo subdiaconal.
Véu subdiaconal para uso de levar o cálice ou sustentar a patena.

Alfaia própria apenas da Missa.

[201]

Cálice

Patena.

Véu do cálice.

Corporal com pala.

Bolsa do corporal.

Sanguinho.

Dois pares de galhetas.

Bandeja das galhetas.

Três Missais.

Cobertura do Missal.

Marcador de páginas do Missal.

Almofada do Missal.

Lecionário apenas para uso da Missa solene na igreja Metropolitana.

Cobertura do Lecionário.

Epistolário.

Cobertura do Epistolário.

Evangeliário.

Cobertura do ambão ou do púlpito.

Oito candelabros com seus apagadores.

Tabela portátil para oferecer a paz.

Lenço para limpar o nariz, se necessário, durante a Missa.

Um cordão com pequenas borlas para pendurar o lenço.

Três pares de sandálias limpas.

Alfaia de uso comum para a Missa conventual, os Divinos Ofícios e as procissões.

[202]

Cruz capitular.

Dois turíbulos para uso da incensação.

Duas navetas [para uso da incensação].

Duas colheres [para uso da incensação].

Tantos pluviais quantos são os Cônegos investidos de dignidade, os Capelães e outros ministros e gênero quando celebra o Bispo.

Tantas planetas quantos são os Cônegos conforme o livro Ceremonial.

Tantas dalmáticas diaconais quantos são os Cônegos ou outros que tem prebendas diaconais.

Tunicelas subdiaconais como acima.

Dois candelabros para uso das procissões.

Um par de candelabros na igreja Metropolitana.

Candelabro do círio pascal.

Lábaro ou estandarte do Santo protetor da cidade para uso das procissões.

Pelo menos três matracas de madeira para tocar ao invés das campainhas durante a semana santa “in Tenebris”³²¹.

Candelabro triangular [Tenebrário] para sustentar as velas durante a semana santa “in Tenebris”, exceto na igreja Metropolitana.

Cobertura da cadeira sobre a qual se senta o sacerdote que celebra a sacra Missa ou os assistentes.

Várias cortinas ou panos para ornar a capela mor, o coro ou Basílica nos dias particularmente solenes.

Duas estantes fixas para o coro.

Pelo menos três estantes pequenas, móveis.

Cobertura das estantes fixas.

Cobertura das estantes móveis.

³²¹ Referência ao Ofício de Trevas, também este celebrado no Brasil, no qual, dramaticamente, iam se apagando as 15 velas do Tenebrário, isto é, do candelabro utilizado especialmente para esse fim, uma a uma. Cf. BERNARDI, Claudio. *La Drammaturgia della Settimana Santa in Italia*. Milano: Vita e Pensiero, 1991, p. 450.

Livros ou volumes para uso dos Ofícios Divinos na igreja Metropolitana de Rito Ambrosiano

[203]

Pelo menos três breviários no formato grande.

Três calendários anuais ou perpétuos.

Pelo menos três saltérios com hinos.

Pelo menos três hinários com notas musicais.

Três antifonários dos domingos.

Três antifonários dos Santos.

Três antifonários feriais.

Três Lecionários matutinos.

Três Homiliários.

Dois Lecionários do livro de Gênesis para os Ofícios da Quaresma depois de Tércia e Nona.

Também dois Lecionários do Êxodo para o Ofício dos Domingos de Quaresma depois da oração primeira.

Também dois dos Provérbios de Salomão.

Também dois Lecionários dos sermões de Santo Ambrósio para o Ofício dos Domingos de Quaresma.

Dois Lecionários das vidas dos Santos para as vigílias estabelecidas.

Três Pontificais.

Três Cerimoniais: um Romano, um Ambrosiano e o terceiro de Páris de Grassis.

Quatro Sacramentais.

Cinco, ou mais, ProceSSIONAIS ou livros das Ladainhas ou das procissões.

Cinco, ou mais, livros para uso dos funerais e os Ofícios dos mortos.

Três livros de canto Ambrosiano com indicações da variedade dos tons para uso das leituras, dos salmos e outros.

Três livros com notas musicais do Hino, do *Gloria in excelsis*, do *Symboli* e do *Sanctus*.

Três livros das cerimônias da Missa.

Dois livros de Cômputo eclesiástico.

Livros ou volumes para uso dos Ofícios Divinos em outras igrejas catedrais.

[204]

Três Breviários de formato grande.

Três Calendários perpétuos.

Três Diurnos ou Saltérios com os hinos.
Três Hinários com notas musicais inscritas.
Três Lecionários matutinos.
Dois Antifonários dos Domingos.
Dois Antifonários dos Santos.
Dois Graduais dos Domingos.
Dois Graduais dos Santos.
Também dois Manuais.
Igualmente dois Martirológios.
Dois livros para o Ofício dos mortos.
Três Rituais.
Três, ou mais, Processionais.
Três Pontificais.
Três Cerimoniais: dois Romanos e o terceiro de Páris de Grassis³²².
Dois Sacerdotais.
Dois Racionais para os Ofícios Divinos.
Também dois livros de Cômputo eclesiástico.
Além disso, três, ou mais livros, aprovados de canto litúrgico ou modulação dos Ofícios Divinos.

Alfaia para uso do culto e da administração da Sagrada Eucaristia e dos outros Sacramentos.

[205]

Conopeu do tabernáculo maior.

Dois pequenos tabernáculos: um mais alto e mais ricamente ornamentado; o outro menor, tanto pela altura como pelo ornamento; ambos para expor sobre o altar a Sagrada Eucaristia ou para levá-la em procissão.

Quatro píxides: uma para conservar a Santíssima Eucaristia; uma para levá-la aos doentes; as outras duas, ou mesmo mais, conforme a quantidade do afluxo dos fiéis à Sacra Comunhão, até maiores, mas ambas do mesmo tamanho. Estas para se usar ou quando ao mesmo tempo se administra a Sagrada Eucaristia separadamente para homens e mulheres, ou quando no mesmo momento é necessário consagrar outras hóstias para a Comunhão da mesma multidão do povo.

³²² Em latim, Paris Crassus [Bononiensis] (1470?-1528) havia sido nomeado pelo papa Júlio II como Mestre de Cerimônias Pontifício, sendo responsável por todo o cerimonial do papa. Através de seu escrito, intitulado *Diarium*, ele nos fornece importantes informações sobre os pontificados de Júlio II e Leão X. Dentre outras coisas, nele traz alguma notícia sobre o trabalho de Miquelângelo na Capela Sistina.

Quatro véus para cobrir convenientemente a Sagrada Eucaristia que se custodia no tabernáculo mor.

Outros dois véus para cobrir a Sagrada Eucaristia quando é levada para os doentes.

Um véu para levá-la nas procissões solenes.

Duas Umbelas, uma para uso quando se leva a Sagrada Eucaristia aos doentes e a outra a ser utilizada em procissão.

Um Cruz com a imagem afixada do Cristo Senhor crucificado, decentemente expressa, a ser levada aos doentes.

Seis Lanternas grandes para uso da Sagrada Eucaristia quando levada aos doentes.

Vinte e quatro candelabros para velas, pequenos, para iluminar quando se leva a Sagrada Eucaristia.

Um tintinábulo portátil para quando se leva a Sagrada Eucaristia.

Toalhas para administrar a Sacra Comunhão na igreja.

Toalhas pequenas para se colocar abaixo da Sacra Eucaristia quando é administrada na igreja ou aos doentes.

Quatro ou seis vasos para a purificação dos fiéis.

Quatro vasos grandes e quatro pequenos para o vinho da purificação.

Seis, ou mais, escabelos alongados para a Comunhão dos fiéis, conforme a afluência destes.

Dois vasos dos santos óleos, isto é, do Crisma e dos Catecúmenos, para uso da cura Paroquial, que se administram na igreja Catedral, com os seus recipientes e saquinhos de custódia. Tais vasos sejam duplos, de modo que o Pároco ou o curador de almas na Páscoa use um, vazio, para aí colocar os óleos santos consagrados recentemente, e utilize o outro para aí conservar aquilo que sobrou do óleo santo velho, de modo a poder fazer uso se houvesse necessidade na cura Paroquial.

Dois vasos do óleo santo dos Enfermos para o mesmo uso da cura Paroquial, com os seus recipientes e saquinhos de custódia. Onde haja mais párocos ou curadores de almas, haja aí outros tantos vasos para o óleo santo.

Um pano de linho, ou “toalha”³²³, para enxugar a cabeça das crianças batizadas.

Alfaia comum a muitos ministérios sacros

[206]

Vaso para abençoar a água no Domingo.

Caldeirinha portátil para água benta.

³²³ No original: “sabarium dicunt”; “lençol, como chamam”.

Aspersório.

Pelo menos uma bacia portátil bastante grande para lavar as mãos.

Uma jarra bastante grande para o mesmo uso.

Uma toalha maior para enxugar as mãos.

Pelo menos dois recipientes para recolher as ofertas.

Sobrepeliz para uso variado pelos ministros sacerdotais.

Sobrepeliz para uso dos ministros clérigos.

Alfaia própria dos Ofícios Fúnebres

[207]

Dois féretros.

Pelo menos dois pálios fúnebres; um para cobrir os cadáveres, quando são transportados, e os catafalcos; ou outro a ser colocado sob os cadáveres.

Um catafalco portátil, que chamam de “tumba”.

Uma base para o catafalco.

Uma cobertura de pano para uso de tal base se esta não estiver decentemente pintada.

Quatro Cruzes a serem colocadas ao redor do catafalco.

Quatro sustentáculos para as Cruzes.

Oito ou doze candelabros de ferro, ou mesmo mais, conforme o uso da Basílica Catedral.

Alfaia da Sacristia da Catedral

[208]

Dois instrumentos de ferro para confeccionar as hóstias.

Um recipiente para conservar as hóstias magnas.

Um recipiente para conservar as hóstias pequenas.

Duas caixas para os corporais

Duas caixas para guardar os sanguinhos.

Bolsa do cálice.

Bolsa da píxide.

Tantos estojos para cálices quantos forem estes.

Uma toalha grande para pendurar onde se lavam as mãos.

Uma toalha para uso do altar da sacristia ou do armário junto ao qual o sacerdote reveste-se com os paramentos.

Pelo menos dois tapetes a serem estendidos onde o sacerdote se veste ou, em substituição, um estrado de madeira.

Três pares de sandálias limpas caso fosse necessário tirar os sapatos sujos de lama.

Tabela para a profissão de fé.

Tabela das sacras Relíquias custodiadas na Basílica Catedral.

Duas Tabelas das Indulgências concedidas “in perpetuo” na mesma igreja.

Duas Tabelas com as orações preparatórias para uso dos sacerdotes que estão para celebrar.

Duas Tabelas das orações que pronunciam os sacerdotes quando se revestem dos sacros paramentos.

Tabela com os horários para a celebração das Missas.

Tabela das Missas, das comemorações, dos funerais e dos outros Ofícios que devem ser celebrados a cada semana em determinados dias por todo o capítulo ou clero da igreja, ou por cada sacerdote capelão em cada altar ou capela por ônus de fundação, instituição, legado, esmola ou por outras obrigações.

Tabela, chamada de “dyptica”, de todos os Bispos que se sucederam na igreja Catedral; é necessário algumas vezes rezar por eles durante a Sacra Missa.

Uma tabela das procissões.

Tabela dos Títulos, Dignidades, Canonicatos, Prebendas e outros Benefícios e Ofícios da igreja.

Tabela das Missas e Ofícios Divinos que, conforme o quarto decreto Provincial ou por costume da igreja, são celebrados solenemente pelo Bispo.

Tabela perpétua dos Ofícios e funções perpétuas do Arcepresbítero, Arcediago e de todos os outros que detêm na igreja Catedral Dignidades, Canonicatos ou outros Benefícios.

Uma ou mais Tabelas dos seguintes Ofícios:

Ofício do Prefeito.

Ofício do Mestre de Cerimônias.

Ofício do Sacristão.

Ofício do Capelão.

Ofício do Mestre de Coro.

Ofícios dos Custódios.

Também uma Tabela Semanal dos horários com tais ofícios.

Tabela das regras de distinção do Ofício solene e não solene na igreja Metropolitana conforme o Rito Ambrosiano, e do Ofício simples, semidúplice e dúplice nas outras igrejas Catedrais, conforme o Rito Romano.

Tabela dos horários dos Ofícios divinos e do som dos sinos.

Tabela das cores, nas quais se indiquem as cores que se usam dia após dia segundo as instituições da Santa Mãe Igreja.

Tabela dos estatutos canônicos e capitulares.

Tabela tríplice das regras em relação às presenças.

Tabela das regras dos Capítulos ou Congregações dos cônegos, dos sacerdotes e dos clérigos.

Tabela das funções das ordens maiores de menores.

Tabela dos clérigos inscritos.

Tabela de tudo aquilo que diz respeito ao culto, ao decoro, e à limpeza da igreja.

Mais Tabelas que contenham todas as regras que forem sancionadas em relação ao Rito ou à disciplina da igreja.

Tabela dos dias estabelecidos nos quais se devem ler os decretos que dizem respeito à disciplina canônica ou clerical conforme a constituição Provincial.

Tabela calendário dos decretos, sanções e constituições escolhidos, tanto Pontifícios, quanto Episcopais, e que devem ser notificados em determinados dias do ano.

Tabela das regras da oração das Quarenta Horas.

Duas ou mais Tabelas das diversas orações, conforme os tempos, para uso dos fiéis que participam de tais orações.

Tabela dos Ofícios Paroquiais.

Tabela dos sacerdotes Confessores.

Duas Tabelas dos dias festivos que se santificam por preceito, por costume ou por voto.

Um Livro de Registro anual dos sacerdotes celebrantes, no qual se anotem e assinem de mão própria quem tenha celebrado a Missa naquela igreja dia após dia.

Um Livro de Registro anual das presenças dos sacerdotes que não celebraram.

Também um Livro de Registro anual das celebrações.

Um Livro de Registro das distribuições dos sacros óleos.

Um Livro de Registro das Constituições Pontifícias várias que foram emitidas ano após ano e que serão futuramente emitidas.

Igualmente um Livro de Registro dos decretos, editos e outras sanções Episcopais do gênero.

Do mesmo modo os livros ou volumes seguintes.

[209]

Um volume da Bíblia Sagrada.

Um do *Corpus* de Direito Canônico.

Um volume [dos atos] do Concílio de Trento.

Um volume [dos atos] de cada Concílio Provincial Milanês.
Um volume [dos atos] de cada Sínodo Diocesano.
Um Livro dos decretos da Visita Apostólica.
Um Livro destas Instruções.
Um Livro sobre a história aprovada das Relíquias sacras custodiadas na igreja.
Um Livro dos Cânones Penitenciais.

Também os Livros Paroquiais na igreja Catedral.

[210]

Livro dos Batismos.
Livro das Confirmações.
Livro dos Matrimônios contraídos.
Livro dos votos e piedosos costumes.
Livro do estado de almas.
Livro da distribuição das esmolas.
Livro dos peregrinos que recebem a Sacra Comunhão na Catedral durante o tempo Pascal.
Livro das fórmulas de anúncio dos dias festivos e todo gênero, pertinente ao múnus do Pároco.
Livro das ordenanças e das instruções Pastorais em relação às várias solenidades, aos tempos sagrados e outros.
As formas ou designações do batistério, do sacrário, do relicário e de todas as outras coisas e obras que foram indicadas nos dois livros das Instruções.

Alfaias a serem conservadas em lugar próximo da sacristia

[211]

Trípodes, com suas bacias ou braseiros em número de três.
Também três tenazes de ferro.
Igualmente três colheres de ferro.
Três grandes vasos para guardar o óleo das lâmpadas.
Vasos pequenos, chamados de *gutti*³²⁴, para o mesmo uso.
Dois funis e dois vasos para decantar o óleo do vaso maior para o outro menor.
Dez vassouras pequenas de palha para limpeza.

³²⁴ No texto original há essa forma italianizada (“gutti”). Com boa probabilidade trata-se de um vaso com gargalo estreito, chamado em latim de “Guttus”. De fato, quase no final do livro II, ao tratar das “outras alfaias instrumentais” o autor usa a palavra latina “guttus”.

Cinco vassouras grandes.

Três escadas portáteis, das quais, uma alta.

Três enxadas.

Igualmente três pás.

Cinco cabideiros.

Cinco, ou mais, varais.

Quatro esponjas grandes.

Duas vangas.

Crítérios acerca da quantidade dos aparatos.

[212]

Porque os Ofícios Divinos são celebrados com maior ou menor solenidade conforme as jornadas, se torna necessário, conforme o uso da Santa Madre Igreja, que seja adequado ao tipo de Ofício também o aparato das sacras vestes, o material com o qual elas são confeccionadas, mais ou menos precioso e adornado, para além da cor, como acima tínhamos especificado ao nos referirmos à alfaia de uso próprio do Bispo.

Portanto, é necessário indicar com precisão a quantidade da mobília que precedentemente havíamos elencado individualmente.

Antes de tudo, estabeleceremos quais objetos, conforme sua matéria e ornamentos, deverão ser duplos ou triplos.

No caso em que alfaia seja dupla, um exemplar deve ser de uso quotidiano, e a outra para os dias solenes; este último será de material mais precioso e ornamentado.

Os objetos que deverão existir em dois exemplares são os seguintes:

Elenco das coisas que devem ser duplicadas

[213]

Cruz.

Seis candelabros.

Duas espevitadeiras.

Sacras

Toalha grande.

Toalhas pequenas.

Toalha para cobrir o altar.

Tapete para o supedâneo do altar.
Cordão sacerdotal.
Cordão diaconal.
Cordão subdiaconal.
Dois pares de galhetas.
Bandejas das galhetas.
Tabela portátil para oferecer a paz.
Dois turíbulos para uso da incensação.
Duas navetas para uso da incensação.
Duas colheres para uso da incensação.
Dois candelabros.
Conopeu do tabernáculo mor.
Umbela processional.
Caldeirinha de água benta.
Aspersório.
Bacia para lavar as mãos.
Jarra grande.

Elenco dos objetos que devem ser tríplexes.

[214]

Todos os objetos nomeados em seguida aqui, deverão ser tríplexes, porque convém que haja exemplares diversos pela sua preciosidade e confecção conforme as diversas ocasiões; em particular os menos preciosos e menos belos serão de uso quotidiano; aqueles mais preciosos, serão usados para o Ofício festivo; os mais preciosos, seja pelo material, elaboração e ornamentos serão usados nas Solenidades maiores.

São estes:

Pálio.

Cobertura para ornar o frontispício do altar.

Amito sacerdotal com faixa.

Túnica sacerdotal com faixa dourada.

Manípulo sacerdotal.

Estola sacerdotal.

Planeta.

Amito diaconal com faixa ou friso dourado.

Túnica diaconal com faixas ou frisos dourados.
Amito subdiaconal com faixa ou friso dourado.
Túnica subdiaconal com faixas ou frisos dourados.
Dalmática diaconal.
Tunicela subdiaconal.
Estola diaconal.
Manípulo diaconal.
Manípulo subdiaconal.
Véu subdiaconal.
Véu do cálice.
Bolsa do corporal.
Cobertura do Lecionário na basílica Metropolitana.
Cobertura do ambão ou púlpito.
Cobertura do Missal.
Almofada do Missal.
Cobertura das estantes móveis e fixas.

*Alfaias das sacras vestes e paramentos acima expostos, das quais o aparato deve ser
quíntuplo.*

[215]

Anteriormente foram elencadas as alfaias que devem constar de três exemplares. Segue agora o elenco dos paramentos e dos ornamentos sacros precedentemente expostos e divididos em preciosos, menos preciosos e de uso quotidiano, cujo aparato deve ser quántuplo conforme a variedade das cores requeridas pelos Ofícios divinos, de modo que haja, por exemplo, para o uso quotidiano um aparato branco, outro vermelho, um terceiro roxo, um quarto verde e um quinto preto.

Analogamente sob tal regra recaem o aparato das festividades e aquele das Solenidades maiores.

Eis os aparatos que devem ser quántuplos

[216]

Pálio.
Cobertura do frontispício do altar.
Friso dourado do amito sacerdotal.

Friso dourado da túnica sacerdotal.

Manípulo sacerdotal.

Estola sacerdotal.

Planeta.

Pluvial.

Friso dourado do amito diaconal.

Também friso dourado do amito subdiaconal.

Bandas com seus frisos dourados da túnica diaconal.

Bandas com seus frisos dourados da túnica subdiaconal.

Dalmática diaconal.

Tunicela subdiaconal.

Estola diaconal.

Manípulo diaconal.

Manípulo subdiaconal.

Véu subdiaconal para uso de levar o cálice ou para sustentar a patena.

Véu do cálice.

Bolsa do corporal.

Marcador de página do Missal.

Cobertura do Missal.

Almofada do Missal.

Cobertura do Lecionário.

Cobertura do Epistolário.

Cobertura do Evangeliário.

Cobertura das estantes fixas.

Cobertura das estantes portáteis.

Cobertura do ambão ou do púlpito.

Tantos pluviais quantos forem os Cônegos dotados de dignidade, Capelães e os outros ministros de tal gênero, mas somente de três cores, isto é, branco, vermelho e roxo.

Tantas planetas também no mesmo número de quantos forem os Cônegos dotados de dignidade, ou de algum outro [ministro] que foi elevado à Dignidade sacerdotal; do mesmo modo como acima, mas apenas de três cores: branco, preto e roxo.

Tantas dalmáticas igualmente, quantos forem os Cônegos e os outros que detém prebendas diaconais, mas de três cores, como acima.

Tunicelas subdiaconais como acima.

Alfaias dos paramentos de linho que devem ser múltíplíces para poder trocá-los quando parte destes é lavada.

[217]

Os paramentos de linho, bisso, de cânhamo confeccionados, usados pelos ministros eclesiásticos devem ser limpos, ordenados, brancos, puros de toda mancha, e íntegros, até pelo seu significado simbólico, conforme a tradição dos Padres, portanto, devem muitas vezes ser limpos e lavados. Para que, enquanto são lavados aqueles que estão sujos, não falem limpos para o uso dos sacros ministérios, é bom que estes sejam em grande número. Elencaremos em seguida estes paramentos junto com seu número total.

Paramentos de linho do altar nas Missas Conventuais

[218]

Seis toalhas grandes.

Doze toalhas pequenas.

Paramentos sacerdotais de linho nas Missas Conventuais

[219]

Vinte amitos.

Vinte túnicas.

Dezoito corporais.

Trinta e seis sanguinhos.

Vinte e quatro toalhas para enxugar as mãos durante a sacra Missa.

Doze toalhas para pendurar na sacristia para o uso de lavar as mãos.

Trinta lenços para limpar o nariz, se necessário, durante a sacra Missa.

Dez cordões para pendurar os lenços, com borlas.

Cinco toalhas para uso do altar ou da mesa onde o sacerdote se reveste com os paramentos.

Duas bolsas de linho para cada cálice.

Paramentos de linho para uso dos ministros assistentes durante a Missa Conventual

[220]

Vinte amitos diaconais.

Vinte túnicas diaconais.

Vinte amitos subdiaconais.

Vinte túnicas subdiaconais.

Paramentos para uso da Sagrada Comunhão a ser distribuídas ao povo na igreja.

[221]

Dez toalhas bem longas serem colocadas sobre a mesa de comunhão conforme o número dos fiéis.

Cinco toalhas mais curtas a serem sustentadas sob a Santíssima Eucaristia enquanto se administra o sacramento.

Paramentos de linho para uso dos vários ministérios.

[222]

Quatro ou seis sobrepelizes para os vários ministérios sacerdotais.

Três ou quatro sobrepelizes para os clérigos ministrantes.

Seis ou mais panos para enxugar a cabeça dos batizados.

Alfaia do altar menor na Basílica Catedral.

[223]

Até aqui expomos distintamente a alfaia e o aparato do altar mor. Segue agora a alfaia do altar menor da Basílica Catedral, dotada de rendas anuais próprias, de posses ou de algum outro emolumento por legado ou de outra fonte para a celebração da sacra Missa. A alfaia de cada um dos altares menores será como se segue abaixo:

Uma cruz.

Dois candelabros com apagadores.

Uma espevitadeira.

Altar portátil quando o próprio altar não for consagrado.

Sacra.

Duas toalhas pequenas.

Toalha grande.

Pálio.

Cobertura para ornar o frontispício do altar.

Toalha para cobrir o altar.

Tabela com as orações ao Santo com cujo nome se chama o altar.

Tabela com as orações ao Santo ou aos Santos, que tem suas insignes Relíquias guardadas naquele altar.

Amito com faixa ou friso dourado.

Túnica com bandas ou frisos dourados.

Cordão.

Manípulo.

Estola.

Planeta.

Cálice.

Patena.

Véu do cálice.

Bolsa do cálice.

Estojo do cálice.

Corporal com pala.

Bolsa do corporal.

Duas caixas para os corporais.

Sanguinho.

Duas caixas para os sanguinhos.

Dois pares de galhetas.

Uma bandeja para as galhetas.

Um Missal.

Cobertura do Missal.

Marcador de páginas do Missal.

Almofada do Missal.

Toalha para enxugar as mãos durante a sacra Missa.

Lenço para limpar o nariz, se necessário, durante a sacra Missa.

Cordão com borla.

Um par de sandálias limpas.

Dois candelabros.

Dois apagadores [para velas].

Tintinábulo portátil, quando não estiver pendurado sobre o altar.

Um armário próprio, ou outro lugar próprio no armário da sacristia, no qual se coloquem cálice, patena, corporais e sanguinhos, e outros objetos do gênero, bem como as vestes sacras e os ornamentos para uso daquele altar.

*Elenco dos objetos dos quais o aparato deve ser dúplice em razão da Solenidade do dia e
quíntuplo em razão da variedade das cores.*

[224]

Na alfaia do altar menor, pertencem somente aqueles objetos que devem ser duplos, isto é, para o uso quotidiano e para os dias festivos. Cada um destes existirá em todas as cinco cores. Os objetos que devem ser duplos, isto é, para uso quotidiano e para um Ofício mais solene, são estes:

Pálio.

Amito com friso dourado ou faixa.

Túnica com friso dourado.

Manípulo.

Estola.

Planeta.

Véu do cálice.

Bolsa do corporal.

Cobertura do Missal.

Almofada do Missal.

O aparato das sacras vestes e dos paramentos, seja aqueles de uso quotidiano, seja aqueles mais preciosos, em uso nos Ofícios mais solenes, deve ser quántuplo: cada indumento deve ser em cinco exemplares, e isto é, branco, vermelho, roxo, verde e preto.

Alfaia de paramentos de linho

[225]

Assim como para o altar mor, também para o altar menor os paramentos de linho devem ser múltiplos. Em seguida são elencadas as quantidades:

Três toalhas grandes.

Seis toalhas pequenas.

Doze amitos.

Doze túnicas.

Cinco corporais.

Dezoito sanguinhos.

Seis toalhas pequenas para enxugar as mãos durante a sacra Missa.

Seis lenços para limpar o nariz.

Três cordões para os lenços, com borlas.

Alfaia do altar menor privado de dote mas igualmente concedido pelo Bispo por causa necessária.

[226]

Se o Bispo tivesse que conceder por necessidade ou por motivos de decoro o uso de um altar menos já construído ou a ser construído, e não houvesse modo de poder guarnecê-lo e orná-lo com todas as alfaia acima elencadas, ou não se pudesse adquirir em breve tempo o necessário; na expectativa de completar o aparato, e afim de que no momento oportuno tal altar possa ser igualmente preparado e ornado, se deverá procurar pelo menos a mínima alfaia abaixo elencada:

Uma cruz.

Dois candelabros.

Cinco pálios de diferentes cores instituídas pela igreja.

Altar portátil, se o próprio altar não for consagrado.

Três toalhas curtas.

Duas toalhas longas.

Tabela da oração ao Santo com cujo nome se chama o altar.

Tabela da oração ao Santo, cujas relíquias insignes estão guardadas no altar.

Alfaia de uso comum aos altares menores

[227]

Na Basílica Catedral muitas vezes ocorre que, tanto os cônegos quanto outros sacerdotes apenas por devoção, e não por ônus de um pio legado ou de dote do altar celebrem as sacra Missa tanto sobre o altar mor como sobre o menor.

Disso deriva o fato que, se não há na sacristia outro aparato de vestes sacras, deverão usar aquelas de uso próprio para a Missa conventual.

Pode, portanto, ocorrer que algum indumento, e em particular a planeta, se torne puído pelo uso reiterado ou se lacere, e fique então estragado em relação a outros paramentos, como a dalmática ou a tunicela.

Por outro lado, ocorre frequentemente, como acima se disse, que um altar concedido na Basílica, mas não dotado, não tenha a alfaia necessária para a Missa; e muitas vezes ocorre igualmente que, por quanto um altar seja dotado, não tenha todos os aparatos prescritos devido à escassez de seus recursos ou por algum outro motivo, ou seja necessário um tempo mais longo para poder encontrá-los todos.

Portanto, para que todos os altares possam estar guarnecidos com o aparato e os ornamentos necessários para a sacra Missa, e para que o enxoval de paramentos para a Missa conventual possa se conservar íntegro e em condições homogêneas, mas ao mesmo tempo possa prover às exigências dos sacerdotes, é muito importante que na Basílica Catedral, além do aparato próprio de cada altar, haja outro inteiro enxoval de vestes sacras que sejam de uso comum. Elas serão usadas seja pelos cônegos e pelos sacerdotes, seja pelo altar não dotado, seja por aquele dotado mas que seja falto de alguma parte do aparato. A alfaia em questão será pelo menos aquela que acima foi prescrita para cada altar menor.

CAPÍTULO II

A ALFAIA DA IGREJA COLEGIADA.

[228]

Até aqui mostramos as alfaias da Basílica Catedral; agora seguem aquelas da igreja Colegiada. Em primeiro lugar indicaremos o aparato para uso do altar mor, cujo qual elencamos abaixo.

Aparato do altar mor

[229]

Cruz.

Seis candelabros com dois apagadores.

Duas espevitadeiras.

Sacra.

Duas toalhas pequenas.

Toalha grande.

Pálio.

Cobertura para ornar o frontispício do altar.

Toalha para cobrir o altar.

Tapete para o supedâneo.

Tabela com a oração ao Santo cujo altar ou capela mor recebem o nome.

Duas tabelas com as orações ao Santo ou aos Santos cujas insígnias Relíquias estão guardadas no altar; uma à direita, a outra à esquerda, fixadas do lado de fora dos cancelos do altar ou da capela.

Alfaia para uso da Missa Conventual e dos Ofícios Divinos.

[230]

Amito sacerdotal com friso dourado ou faixa.
Túnica com friso dourado ou bandas.
Cordão sacerdotal.
Estola sacerdotal.
Planeta.
Amito diaconal com faixa ou friso.
Amito subdiaconal com friso dourado.
Túnica diaconal com friso dourado ou bandas.
Túnica subdiaconal com friso dourado ou bandas.
Cordão diaconal.
Cordão subdiaconal.
Dalmática diaconal.
Tunicela subdiaconal.
Manípulo diaconal.
Estola diaconal.
Manípulo subdiaconal.
Um véu subdiaconal para uso de levar o cálice e sustentar a patena.
Pluvial para usar nas vésperas das solenidades conforme o costume e Rito da igreja.

Alfaia própria apenas da Missa.

[231]

Cálice.
Patena.
Véu do cálice.
Corporal com pala.
Bolsa do corporal.
Sanguinho.
Dois pares de galhetas.
Bandeja das galhetas.
Três Missais.
Cobertura do Missal.
Marcador de página do Missal.
Almofada do Missal.
Leccionário para uso da Missa solene nas igrejas Colegiadas de Rito Ambrosiano.

Cobertura do Lecionário.
Epistolário.
Cobertura do Epistolário.
Evangeliário.
Cobertura do Evangeliário.
Cobertura do ambão ou púlpito.
Seis candelabros com apagadores.
Tabela portátil para oferecer a paz.
Lenço para limpar o nariz em caso de necessidade durante a Missa.
Cordão com seis borlas.
Três pares de sandálias limpas.

Alfaia de uso comum na Missa Conventual, nos Ofícios Divinos e nas procissões.

[232]

Cruz Capitular.
Dois turíbulos para uso da incensação.
Duas navetas [para uso da incensação].
Duas colheres [para uso da incensação].
Dois candelabros para uso da procissão.
Dois apagadores para apagar as velas.
Dois lampadários nas igrejas de Rito Ambrosiano.
Candelabro do Círio pascal,
Estandarte ou lábaro do Santo da igreja Colegiada na qual haja cura de almas.
Matraca de madeira para se tocar no lugar dos sinos durante a semana santa “in Tenebris”.
Candelabro triangular para sustentar as velas durante a semana santa “in Tenebris” nas igrejas de Rito Romano.
Cobertura dos assentos sobre os quais se sentam o sacerdote celebrante da sacra Missa e os ministros assistentes.
Cortinas ou véus para ornar a capela mor, o coro ou a igreja nas principais solenidades, mas somente se a igreja tiver recursos.
Uma ou duas estantes fixas grandes para o coro.
Duas estantes portáteis pequenas.
Coberturas das estantes fixas.
Cobertura das estantes portáteis.

Livros ou volumes para uso dos Ofícios Divinos nas igrejas Colegiadas de Rito Romano.

[233]

Dois Breviários de formato grande.

Dois Calendários perpétuos.

Dois Diurnos ou Saltérios com os hinos.

Dois Hinários com notas musicais inscritas.

Dois Lecionários matutinos.

Dois Homiliários matutinos.

Dois Antifonários dos Domingos.

Dois Antifonários dos Santos.

Dois Graduais dos Domingos.

Dois Graduais dos Santos.

Dois manuais.

Igualmente dois Martirológios.

Dois livros para o Ofício dos mortos.

Dois Rituais.

Dois, ou mais, Processionais.

Dois Pontificais.

Dois Cerimoniais: um Romano, o outro de Páris de Grassis.

Dois Sacerdotais.

Dois Racionais para os Ofícios Divinos.

Também dois livros de Cômputo eclesiástico.

Além disso, livros, aprovados de canto litúrgico ou modulação dos Ofícios Divinos em número de dois ou mais.

Livros ou volumes para uso dos Ofícios Divinos nas igrejas Colegiadas de Rito Ambrosiano.

[234]

Dois breviários de formato grande.

Dois calendários anuais ou perpétuos.

Dois saltérios com hinos.

Dois hinários com notas musicais.

Dois antifonários dos Domingos.

Dois antifonários dos Santos.

Dois antifonários feriais.

Dois lecionários matutinos.

Dois Homiliários.

Dois lecionários das vidas dos Santos para as vésperas solenes em determinadas vigílias.

Dois Pontificais.

Dois sacramentais.

Dois Cerimoniais, um Ambrosiano e outro Romano.

Dois processionais ou livros das ladainhas e procissões.

Dois livros para uso de funerais e dos Ofícios dos mortos.

Dois livros de canto Ambrosiano com indicação da variação dos tons para uso das leituras, dos salmos, e de outro gênero.

Dois livros com distintas notas musicais do Hino, do *Gloria in excelsis*, do *Symboli* e do *Sanctus*.

Dois livros das cerimônias da Missa.

Dois livros de cômputo eclesiástico.

Supellectile para uso do culto, da administração da Sacra Eucaristia e de outros sacramentos
[235]

Conopeu do tabernáculo mor.

Dois tabernáculos menores: um mais alto e mais ricamente ornado; o outro menor, tanto na altura como no ornamento; ambos para expor sobre o altar a Sacra Eucaristia ou para levá-la em procissão³²⁵.

Duas píxides, uma para conservar a Sacra Eucaristia, a outra para distribuí-la na igreja.

Três véus para cobrir decentemente a Sacra Eucaristia guardada no tabernáculo mor.

Um véu mais insigne para levá-la nas procissões solenes.

Uma umbela preciosa a ser usada nas procissões solenes.

Toalhas para a distribuição da Comunhão na igreja.

Uma toalha pequena a ser sustentada sob a Santíssima Eucaristia durante a sua administração.

Quatro ou seis vasos para a purificação do povo.

Quatro vasos grandes e quatro pequenos para o vinho da purificação.

Seis escabelos alongados para a Comunhão do povo.

Além disso, na igreja Colegiada em que haja cura de almas, além da alfaia elencada acima, devem estar também os seguintes objetos descritos abaixo:

Mais píxides, como indicado acima para a Basílica Catedral.

³²⁵ Trata-se de ostensórios.

Outra umbela para levar a Sacra Eucaristia aos doentes.

Nos lugares montanhosos, onde às vezes a Sacra Eucaristia é levada por caminhos e passagens estreitas, haverá aí uma terceira umbela menor, que possa ser sustentada ou levada por um único homem.

Dois véus para cobrir a Sacra Eucaristia quando for levada aos doentes.

Seis lanternas grandes.

Vinte e quatro candelabros curtos para as velas, para iluminar quando se leva a Sacra Eucaristia.

Um tintinábulo portátil para quando se leva a Sacra Eucaristia.

Uma imagem do Cristo Senhor Crucificado decentemente expressa, a ser levada aos doentes.

Dois vasos dos sacros óleos, isto é, dois do Crisma e dois dos catecúmenos com suas caixas e bolsas.

Dois vasos do sacro óleo dos enfermos, com caixas e bolsas; onde houver mais párocos ou curadores de almas, haverá outros tantos vasos para o óleo sacro.

Um vaso para recolher e levar a água batismal da igreja Catedral, ou da paroquial, se a Colegiada não for freguesia.

Lençol ou pano de linho para enxugar a cabeça das crianças batizadas.

Na igreja Colegiada que seja a principal da freguesia, além de quanto previsto, haverá também três vasos para tomar da Catedral os sacros óleos a serem distribuídos nas paróquias da freguesia.

Alfaia comum a muitos ministros sacros

[236]

Um vaso para abençoar a água em dia de Domingo.

Caldeirinha da água benta.

Aspersório.

Pelo menos uma bandeja grande para lavar as mãos.

Uma jarra para o mesmo uso.

Toalha grande para enxugar as mãos.

Pelo menos dois recipientes para as oblações, se a Colegiada tem cura de almas.

Sobrepelizes para uso variado de ministros sacerdotais.

Sobrepelizes para uso variado de ministros clericais.

Alfaia própria dos Ofícios fúnebres.

[237]

Dois féretros.

Pelo menos dois pálios fúnebres; um para cobrir os cadáveres quando são transportados e os catafalcos; o outro para pôr sob os cadáveres.

Um catafalco portátil, chamado de “tumba”.

Uma base para o catafalco.

Uma cobertura para tal base, se ela não está decentemente pintada.

Quatro cruces a serem colocada em torno do catafalco.

Quatro sustentáculos para as Cruzes.

Oito ou doze candelabros de ferro.

Alfaia da sacristia da Colegiada.

[238]

Dois instrumentos de ferro para confeccionar as hóstias.

Um recipiente para conservar as hóstias magnas.

Um recipiente para conservar as hóstias pequenas.

Uma vasilha para lavar os cálices, as patenas, os corporais e os sanguinhos.

Duas caixas para os corporais

Duas caixas para guardar os sanguinhos.

Bolsa de linho dos cálices.

Tantos estojos quantos forem os cálices.

Bolsa da píxide.

Uma toalha grande para pendurar onde se lavam as mãos.

Uma toalha para uso do altar da sacristia ou do armário junto ao qual o sacerdote reveste-se com os paramentos.

Um tapete a serem estendidos onde o sacerdote se veste ou, em substituição, um estrado de madeira.

Três pares de sandálias limpas.

Tabela das sacras Relíquias custodiadas na Colegiada.

Tabela das Indulgências concedidas na igreja.

Duas Tabelas com as orações preparatórias para uso dos sacerdotes que estão para celebrar.

Duas Tabelas das orações que pronunciam os sacerdotes quando se revestem dos sacros paramentos.

Tabela com os horários para a celebração das Missas.

Tabela das Missas, das comemorações, dos funerais e dos outros Ofícios que devem ser celebrados a cada semana em determinados dias por todo o capítulo ou clero da igreja, ou por cada sacerdote capelão em cada altar ou capela por ônus de fundação, instituição, legado, esmola ou por outras obrigações.

Tabela, chamada de “dyptica”, de todos os Bispos que se sucederam na igreja Catedral; é necessário algumas vezes rezar por eles durante a Sacra Missa.

Uma tabela das procissões.

Tabela dos Títulos, Dignidades, Canonicatos, Prebendas e outros Benefícios e Ofícios da igreja. Uma ou mais tabelas perpétuas dos Ofícios e funções do Preposto, do Arcebispo ou Decano, ou outro, que detém o primeiro lugar na igreja Colegiada e de todos os outros que detém na mesma igreja Canonicatos, Dignidades, ou Ofícios.

Uma ou mais Tabelas perpétuas dos seguintes Ofícios:

Ofício da Sacristia.

Ofício dos Custódios ou outros de tal gênero.

Tabela Semanal com o horário de tais ofícios.

Tabela de distinção do Ofício simples e dúplice conforme o Rito Romano, ou solene e não solene conforme o Rito Ambrosiano.

Tabela dos horários dos Ofícios divinos e do som dos sinos.

Tabela das cores, nas quais se indiquem as cores que se usam dia após dia segundo as instituições da Santa Mãe Igreja.

Tabela dos estatutos canônicos e capitulares.

Tabela tríplice das regras em relação às presenças.

Tabela das regras dos Capítulos ou das Congregações dos cônegos, dos sacerdotes e dos clérigos.

Tabela das funções das ordens maiores de menores.

Tabela dos clérigos inscritos.

Tabela de tudo aquilo que diz respeito ao culto, ao decoro, e à limpeza da igreja.

Mais Tabelas que contenham todas as regras que forem sancionadas em relação ao Rito ou à disciplina da igreja.

Tabela dos dias estabelecidos nos quais se devem ler os decretos que dizem respeito à disciplina canônica ou clerical conforme a constituição Provincial.

Tabela calendário dos decretos, sanções e constituições escolhidos, tanto Pontifícios, como Episcopais e que devem ser notificados em determinados dias do ano.

Tabela das regras da oração das Quarenta Horas.

Duas ou mais Tabelas das diversas orações, conforme os tempos, para uso dos fiéis que participam de tais orações.

Um Livro de Registro anual dos sacerdotes celebrantes, no qual eles anotem e assinem de próprio punho quem tenha celebrado a sacra Missa na igreja dia após dia.

Um Livro de Registro anual das presenças dos sacerdotes que não celebraram.

Também um Livro de Registro anual das celebrações que foram feitas.

Um Livro de Registro das Constituições Pontifícias várias que foram emitidas ano após ano e que serão futuramente emitidas.

Igualmente um Livro de Registro dos decretos, editos e outras sanções Episcopais do gênero.

Também os seguintes livros ou volumes

[239]

Um volume da Bíblia Sagrada.

Um *Corpus* do Direito Canônico.

Um volume [dos atos] do Concílio de Trento.

Um volume [dos atos] de cada Concílio Provincial Milanês.

Um volume [dos atos] de cada Sínodo Diocesano.

Um Livro ou exemplar dos decretos da Visita Apostólica.

Um livro destas Instruções.

Um livro da história aprovada das sacras Relíquias custodiadas na igreja.

Um livro dos Cânones Penitenciais.

Além disso, se na Colegiada houver cura de almas, além do que foi acima mostrado, haja aí também o que segue:

Tabela dos Ofícios Paroquiais.

Tabela que contém o elenco dos dias festivos que são celebrados ou por preceito, ou por costume, ou por voto.

Tabela a modo de calendário com uma seleção de decretos, sanções, constituições tanto Pontifícias, quanto Episcopais, que devem ser divulgadas em determinados dias do ano.

Tabela dos sacerdotes confessores.

Duas tabelas das excomunhões, uma em latim e outra expressa em língua vulgar.

Também os Livros Paroquiais

[240]

Livro dos Batismos.

Livro das confirmações.

Livro dos Matrimônios.

Livro dos votos e dos pios costumes da circunscrição Paroquial na qual está a igreja Colegiada.

Livro do estado das almas.

Livro da distribuição das esmolas.

Livro das fórmulas de anúncio dos dias festivos e de todo outro gênero, pertinente ao múnus do Pároco.

Livro ou volume das cartas ou instruções pastorais sobre as solenidades, os tempos sagrados e outros.

Na igreja Colegiada que seja a principal da freguesia, além do que foi elencado acima, haja também:

Um livro da distribuição dos óleos sagrados.

Alfaia dos instrumentos a serem conservados em local próximo à sacristia.

[241]

Dois tripodes com suas bandejas ou braseiros.

Duas tenazes de ferro.

Duas colheres de ferro.

Dois vasos grandes para o óleo das lâmpadas.

Dois vasos menores, chamados de “guttus”, para o mesmo uso.

Dois funis e dois vasos para decantar o óleo do vaso maior para o outro menor.

Seis pequenas vassouras de palha para a limpeza.

Cinco vassouras grandes.

Duas escadas portáteis, uma delas, alta.

Duas enxadas.

Duas pás.

Cinco cabideiros.

Cinco ou mais cabides

Duas esponjas grandes.

Duas vangas.

Alfaias das coisas que devem ser duplas para o uso nos dias solenes.

[242]

Elencado o aparato simples das alfaias, seguem as outras coisas que, pelos mesmos motivos expostos acima sobre a Basílica Catedral, devem ser duplos, de modo que cada exemplar individualmente para uso quotidiano, tenha uma cópia, mais preciosa pelo material e ornamento, a ser usada nas solenidades.

Estes são os aparatos que devem ser em número duplicado:

Cruz.

Seis candelabros.

Duas espevitadeiras.

Sacra.

Toalha grande.

Toalhas pequenas.

Toalha para cobrir o altar.

Cordão sacerdotal.

Cordão diaconal.

Cordão subdiaconal.

Dois pares de galhetas.

Bandeja das galhetas.

Tabela portátil para oferecer a paz.

Dois turíbulos para uso da incensação.

Duas navetas para uso da incensação.

Duas colheres para uso da incensação.

Dois candelabros.

Conopeu para o tabernáculo mor.

Caldeirinha de água benta.

Aspersório.

Bacia para lavar as mãos.

Jarra grande.

Alfaias que devem ser tríplexes.

[243]

Todas as coisas nomeadas abaixo deverão ser tríplexes, pois convém que haja diversos exemplares distintos por preciosidade e confecção conforme as diversas ocasiões; em particular os menos preciosos e menos belos serão de uso quotidiano; os mais preciosos, serão

usados para o Ofício festivo; os mais insignes, pelo material, confecção e ornato, serão para o uso nas maiores Solenidades.

São estes:

Pálio.

Cobertura para ornar o frontispício do altar.

Amito sacerdotal com faixa, e friso dourado.

Túnica sacerdotal com friso dourado e faixa.

Manípulo sacerdotal.

Estola sacerdotal.

Planeta.

Amito diaconal com faixa ou friso dourado.

Túnica diaconal com frisos dourados.

Amito subdiaconal com faixa ou friso dourado.

Túnica subdiaconal com friso dourado ou faixas.

Dalmática diaconal.

Tunicela subdiaconal.

Estola diaconal.

Manípulo diaconal.

Manípulo subdiaconal.

Véu subdiaconal.

Véu do cálice.

Bolsa do corporal.

Cobertura do Missal.

Almofada do Missal.

Cobertura do Lecionário nas igrejas Colegiadas de rito Ambrosiano.

Cobertura do Evangeliário.

Cobertura do Epistolário.

Cobertura das estantes móveis e fixas.

Alfaia das sacras vestes e indumentárias cujo aparato deve ser quántuplo.

[244]

Antes foram elencadas as alfaias que devem estar presentes em três exemplares. Segue agora o elenco que compreende as indumentárias e os ornamentos sacros acima expostos e divididos em preciosos, menos preciosos e de uso quotidiano, cujo aparato deve ser quántuplo conforme

a variedade das cores requeridas pelos Ofícios divinos, de modo que haja, por exemplo, para o uso quotidiano um aparato branco, o outro vermelho, um terceiro, roxo, um quarto, verde e um quinto, preto. Analogamente, sob a mesma regra recaem o aparato dos Ofícios dos dias festivos e das Solenidades maiores.

Eis as indumentárias que devem ser quádruplas.

[245]

Pálio.

Cobertura do frontispício do altar.

Amito sacerdotal com friso dourado.

Túnica sacerdotal com friso dourado.

Manípulo sacerdotal.

Estola sacerdotal.

Planeta.

Amito diaconal com friso dourado.

Amito subdiaconal também com friso dourado.

Túnica diaconal com friso dourado.

Túnica subdiaconal também com friso dourado.

Dalmática diaconal.

Tunicela subdiaconal.

Estola diaconal.

Manípulo diaconal.

Manípulo subdiaconal.

Véu subdiaconal para uso de levar o cálice ou sustentar a patena.

Véu do cálice.

Bolsa do corporal.

Marcador de páginas do Missal.

Cobertura do Missal.

Almofada do missal.

Cobertura do Lecionário.

Cobertura do Epistolário.

Cobertura do Evangeliário.

Cobertura do ambão ou púlpito.

Cobertura das estantes.

Pluviais para serem usados nas celebrações das Vésperas das Solenidades.

Quantidade dos indumentos de linho.

[246]

Pelas mesmas motivações expostas acima em relação à Basílica Catedral, e também na Colegiada, é necessário que os indumentos de linho sejam múltiplos; eles estão aqui elencados com a sua quantidade total.

Indumentos do altar.

[247]

Seis toalhas grandes.

Doze toalhas pequenas.

Indumentos sacerdotais de linho nas missas conventuais.

[248]

Vinte amitos.

Vinte túnicas.

Doze corporais.

Vinte e quatro sanguinhos.

Doze toalhas para enxugar as mãos durante a Missa.

Oito toalhas para lavar as mãos na sacristia.

Doze lenços para limpar o nariz, se necessário, durante a sacra Missa.

Seis cordões para pendurar os lenços, com borlas.

Três toalhas para uso do altar ou da mesa na sacristia, onde o sacerdote se reveste com os paramentos.

Duas bolsas de linho para cada cálice.

Vinte amitos diaconais.

Vinte amitos subdiaconais.

Vinte túnicas diaconais.

Vinte túnicas subdiaconais.

Indumentos de linho dos ministros

[249]

Vinte amitos diaconais.

Vinte amitos subdiaconais.

Vinte túnicas diaconais.

Vinte túnicas subdiaconais.

Indumentos de linho para uso da distribuição da Sagrada Comunhão.

[250]

Seis, ou mais, tolhas longas para as mesas de comunhão.

Três toalhas curtas para se sustentar sob a Santíssima Eucaristia.

Indumentos de linho para uso de vários ministérios.

[251]

Três ou quatro sobrepelizes sacerdotais.

Três ou quatro sobrepelizes para os clérigos.

Quatro panos, ou mais, se a Colegiada tiver cura de almas.

Alfaia dos altares menores da igreja Colegiada.

[252]

Todo altar menor da igreja Colegiada tenha todo o seu aparato elencado acima para os altares menores da Basílica Catedral para próprio uso e ornamento.

Alfaia do altar menor concedido em causa de necessidade.

[253]

Para o altar menor não dotado, mas, todavia, permitido pelo Bispo na Colegiada, por necessidade, procure-se a alfaia que foi elencada acima para a Basílica Catedral.

Alfaia comum

[254]

Na igreja Colegiada deve existir também um aparato comum para a sacra Missa não cantada, tanto para o altar mor quanto para o menor: a qualidade e quantidade de tal aparato é aquela acima elencada e prescrita para a Basílica Catedral, pelas causas expostas precedentemente.

CAPÍTULO III

A ALFAIA DA IGREJA PAROQUIAL

[255]

Depois de ter elencado a alfaia da igreja Colegiada, procederemos a enumerar na mesma ordem, a da igreja Paroquial. A começar pelo altar mor.

Aparato do altar mor.

[256]

Cruz.

Seis candelabros com dois apagadores.

Duas espevitadeiras.

Uma Sacra.

Duas toalhas pequenas.

Uma toalha grande.

Pálio.

Cobertura para ornamento do frontispício do altar.

Toalha para se estender sobre o altar.

Tapetes para o supedâneo do altar.

Tabela com a oração ao Santo com cujo nome se chama o altar ou a capela mor. Igualmente, duas tabelas com as orações ao Santo ou aos Santos cujas relíquias se conservam naquele altar.

Alfaia dos indumentos do Pároco para uso da missa paroquial sem canto.

[257]

Amito com friso dourado ou faixa.

Túnica com friso dourado ou bandas.

Cordão.

Manípulo.

Estola.

Planeta.

Alfaia dos indumentos de uso comum, tanto do Pároco quanto dos outros clérigos que tem a função de ministros não somente na Missa Solene paroquial cantada, mas também em outros Ofícios divinos.

[258]

Amito com friso dourado ou faixa.

Túnica com friso dourado ou bandas.

Cordão.

Manípulo.

Estola.

Planeta.

Pluvial.

Amito diaconal com friso dourado ou faixa.

Amito subdiaconal com friso dourado ou faixa.

Túnica diaconal com friso dourado.

Cordão diaconal.

Cordão subdiaconal.

Dalmática diaconal.

Tunicela subdiaconal.

Manípulo diaconal.

Estola diaconal.

Manípulo subdiaconal.

Véu subdiaconal, para uso de levar o cálice ou sustentar a patena.

Demais alfaias, próprias somente da Missa.

[259]

Cálice.

Patena.

Véu do cálice.

Corporal com pala.

Bolsa do corporal.

Sanguinho.

Dois pares de galhetas.

Bandeja das galhetas

Dois Missais.

Cobertura do Missal.

Marcador de páginas do Missal.

Almofada do Missal.

Lecionário para uso da Missa Solene na igreja Paroquial de Rito Ambrosiano.

Cobertura do Lecionário.

Epistolário.

Cobertura do Epistolário.

Evangeliário.

Cobertura do Evangeliário.

Cobertura do púlpito.

Quatro candelabros.

Quatro apagadores.

Tabela portátil para oferecer a paz.

Lenço para limpar o nariz, se necessário, durante a Missa.

Cordão com borla para pendurar o lenço.

Um par de sandálias limpas, no caso que o sacerdote tenha necessidade de tirar os sapatos enlameados para celebrar.

Tintinábulo portátil, onde não houver pendurado.

Alfaia de uso comum aos Ofícios divinos e às procissões.

[260]

Turíbulo para uso da incensação.

Naveta para uso da incensação.

Colher para uso da incensação.

Dois lampadários [canthari], nas igrejas de Rito Ambrosiano.

Candelabro do Círio pascal.

Estandarte ou lábaro do Santo padroeiro da Paróquia, a ser usado na procissão.

Duas matracas de madeira para se tocar durante a semana santa “in Tenebris”.

Candelabro triangular para sustentar as velas durante a semana santa “in Tenebris” nas igrejas de Rito Romano.

Tapetes ou coberturas para ornar os assentos sobre os quais se sentam o sacerdote celebrante da sacra Missa e os ministros assistentes.

Cortinas ou véus para o uso de ornar a capela, o altar mor ou a igreja nos dias de festas Solenes, caso a igreja tenha recursos.

Uma estante fixa para o coro.

Duas estantes portáteis.

Coberturas da estante fixa.

Cobertura das estantes portáteis.

Livros ou volumes dos Ofícios divinos na igreja Paroquial de Rito Romano.

[261]

Dois breviários, um dos quais de formato grande.

Um calendário perpétuo.

Diurno ou Saltérios com os hinos.

Hinário, de formato grande, com notas musicais inscritas.

Um Homiliário matutino.

Um Antifonário dos Domingos.

Um Antifonário dos Santos.

Um Gradual dos Domingos.

Um Gradual dos Santos.

Um Martirológio.

Um Livro para o Ofício dos mortos.

Um Ritual.

Um Processional.

Um Pontifical.

Um Cerimonial.

Um Sacerdotal.

Um Racional para os Ofícios Divinos.

Um Livro de Cômputo eclesiástico.

Livros ou volumes para uso dos Ofícios divinos na Paróquia de Rito Ambrosiano.

[262]

Dois Breviários, um de formato grande e o outro, pequeno.

Um calendário anual ou perpétuo.

Dois Saltérios com Hinos: um de formato grande.

Um Livro Hinário com notas musicais inscritas.

Um Antifonário dos Domingos.

Um Antifonário dos Santos.

Um Antifonário ferial.

Um Homiliário.

Um Lecionário das vidas dos Santos nas vigílias estabelecidas.

Um Pontifical.

Dois Cerimoniais: um Ambrosiano e o outro Romano.

Dois Sacramentais ou Rituais.

Dois Processionais ou Livros da Litanias e Processionais.

Dois Livros para uso dos funerais e dos Ofícios dos mortos.

Um Livro de Canto com indicações da variedade dos tons, para uso das leituras, salmos e outros do mesmo gênero.

Um Livro de canto do hino *Gloria in excelsis, Symboli e Sanctus*.

Um Livro das Cerimônias da Missa.

Um Livro do Cômputo Eclesiástico.

Alfaia para uso do culto e da administração da Sagrada Eucaristia e de outros Sacramentos.

[263]

Conopeu do tabernáculo mor.

Um tabernáculo pequeno para expor a Sacra Eucaristia sobre o altar e levá-la em procissão.

Duas píxides: uma maior, para distribuir a Sacra Comunhão na igreja; a outra, menor, para uso de levá-la aos enfermos. Onde houver condições financeiras, haja uma terceira píxide para o uso de guardar a Santíssima Eucaristia. Ademais, se na Paróquia houver grande afluxo de fiéis, deve haver mais de três píxides, como narrado acima para a Basílica Catedral.

Dois véus para cobrir dignamente a Sacra Eucaristia que se guarda no tabernáculo mor.

Dois véus grandes para quando se leva a Sacra Eucaristia aos doentes.

Uma umbela para quando se leva a Sacra Eucaristia aos doentes. Onde seja possível, uma segunda, mais preciosa, para se usar nas procissões e nos Ofícios mais solenes. Nas localidades montanhosas, uma terceira, menor, como prescrito para a Colegiada com cura de almas.

Quatro lanternas grandes.

Doze, ou mais, candelabros para iluminar quando se leva a Sagrada Eucaristia.

Um tintinábulo portátil para o mesmo uso.

Uma toalha para administrar a Sagrada Comunhão na igreja.

Toalhas pequenas para se colocar sob a Sacra Eucaristia durante a distribuição.

Quatro vasos para a purificação dos fiéis.

Dois vasos para o vinho da purificação.

Quatro, ou seis, escabelos alongados para a Sagrada Comunhão.

Uma imagem de Cristo Crucificado para levar aos doentes.

Dois vasos dos santos óleos, isto é, do Crisma e do óleo dos Catecúmenos; especificamente dois para cada qualidade com os seus saquinhos de custódia e as caixas, pelos motivos expostos precedentemente em relação à Basílica Catedral.

Dois vasos do óleo santo dos Enfermos com suas caixas e saquinhos de custódia. Onde haja mais párocos ou curadores de almas, haja aí outros tantos vasos para o óleo santo.

Um pano de linho para enxugar a cabeça dos batizandos.

Um vaso para recolher e levar a água batismal da Catedral ou da igreja Paroquial.

Alfaia comum a vários ministérios sacros.

[264]

Um vaso para abençoar a água no dia de Domingo.

Uma caldeirinha para a água benta.

Dois aspersórios, um dos quais, mais ornamentado.

Uma bacia portátil grande para o uso de lavar as mãos.

Uma jarra grande, para o mesmo uso.

Uma toalha grande para enxugar as mãos.

Dois recipientes para o uso das oblações³²⁶.

Sobrepelizes para uso variado dos ministérios sacerdotais.

Sobrepelizes para uso variado dos ministérios clericais.

Alfaia própria dos Ofícios fúnebres.

[265]

Um féretro.

Dois pálios fúnebres; um para cobrir os cadáveres quando são transportados, e os catafalco; o outro para ser colocado sob os cadáveres.

Um catafalco portátil, que chamam de “tumba”.

Uma base para o catafalco.

Uma cobertura da base, se esta não for convenientemente pintada.

Quatro cruces serem colocadas em torno do catafalco.

Sustentáculos das cruces.

Pelo menos oito candelabros de ferro.

³²⁶ Aqui deve se entender como as “ofertas” dos fiéis que se fazem, em geral, na missa.

Alfaia da sacristia Paroquial.

[266]

Um recipiente para conservar as hóstias magnas.

Um recipiente para conservar as hóstias pequenas.

Um recipiente para lavar os cálices, as patenas, os corporais e os sanguinhos.

Duas caixas para os corporais

Duas caixas para guardar os sanguinhos.

Bolsa do cálice.

Tantos estojos para cálices quantos forem estes.

Bolsa da píxide.

Uma toalha grande, para pendurar onde se lavam as mãos.

Uma toalha para uso do altar da sacristia ou do armário junto ao qual o sacerdote reveste-se com os paramentos sacros.

Um tapete a ser estendido onde o sacerdote veste os paramentos ou, pelo menos, um estrado de madeira.

Um par de sandálias limpas.

Tabela das sacras Relíquias custodiadas na igreja.

Tabela das Indulgências perpétuas concedidas à igreja.

Tabela com as orações preparatórias que se dizem, para uso do sacerdote que está para celebrar.

Tabela das orações que pronuncia o sacerdote quando se reveste dos sacros paramentos.

Tabela com os horários para a celebração das Missas, quando se celebram várias.

Tabela das Missas, das comemorações, dos funerais e dos outros Ofícios do gênero que a cada semana, em determinados dias, devem ser celebrados ou pelo Pároco, ou por todo o clero da igreja, ou por cada sacerdote capelão em cada altar ou capelas por ônus de fundação, instituição, legado, esmola ou por outras obrigações.

Tabela, chamada de “dyptica”, de todos os Bispos que se sucederam na igreja Catedral; é necessário algumas vezes rezar por eles durante a Sacra Missa.

Uma tabela das procissões.

Tabela das capelas, títulos e altares da igreja.

Tabela dos Ofícios Paroquiais.

Tabela de distinção do Ofício simples, semidúplice, e dúplice segundo o Rito Romano, ou solene, e não solene, segundo o Rito Ambrosiano.

Tabela dos horários dos Ofícios divinos e do som dos sinos.

Tabela das cores, nas quais se indiquem as cores que se usam dia após dia para os paramentos sacros segundo a instrução da Santa Mãe Igreja.

Tabela das regras acerca das presenças.

Tabela das regras das Congregações sacerdotais e dos clérigos.

Tabela dos clérigos inscritos na igreja.

Tabela de tudo aquilo que diz respeito ao culto, ao decoro, e à limpeza da igreja.

Outras tabelas que contenham todas as regras que forem sancionadas em relação ao Rito ou à disciplina da igreja.

Tabela com o elenco dos dias festivos que se celebram ou por preceito, ou por costume, ou por voto.

Uma tabela a modo de calendário, com uma escolha dos decretos, sanções e constituições, tanto Pontifícios, como Episcopais e que devem ser notificados em determinados dias do ano.

Tabela das regras da oração das Quarenta Horas.

Duas tabelas com as diversas orações, em vários tempos para uso dos fiéis que delas participam.

Tabela dos sacerdotes Confessores.

Duas tabelas das excomunhões, uma em latim e a outra em vulgar.

Tabela dos votos e dos pios institutos do lugar onde está a Paróquia.

Um Livro de Registro anual dos sacerdotes celebrantes, no qual se anotem e assinem de própria mão quem tenha celebrado a Missa naquela igreja dia após dia.

Um Livro de Registro anual das presenças dos sacerdotes que não celebraram.

Também um Livro de Registro anual das celebrações aniversárias.

Um Livro de Registro dos Batismos.

Um Livro de Registro das Confirmações.

Um Livro de Registro dos Matrimônios.

Um Livro de Registro do Estado das almas.

Um Livro de Registro da distribuição anual das esmolas feitas pelo Pároco.

Um Livro de Registro com a descrição dos bens e dos direitos da igreja.

Do mesmo modo os livros ou volumes seguintes.

[267]

Um volume da Bíblia Sagrada.

Um volume [dos atos] do Concílio de Trento.

Um volume [dos atos] de cada Concílio Provincial Milanês.

Um volume [dos atos] de cada Sínodo Diocesano.

Um Livro dos Cânones Penitenciais.

Um Livro sobre a história do Santo patrono da igreja Paroquial.

Um Livro sobre a história aprovada das Relíquias sacras custodiadas na igreja Paroquial.

Um Registro ou Livro das cartas ou instruções pastorais acerca das solenidades, dos tempos sacros e outros do gênero.

Livro das fórmulas de anúncio dos dias festivos e todo gênero, pertinente ao múnus do Pároco.

Livro das várias Constituições pontifícias emitidas ano após ano e que serão emitidas no futuro.

Livro, ou volume, dos Editos, dos Decretos e das outras sanções Episcopais do gênero.

Livro dos Decretos da Visita Apostólica.

Um Livro destas Instruções.

Alfaia dos instrumentos a serem conservados em local próximo à sacristia

[268]

Trípode com bandeja ou braseiro.

Uma tenaz de ferro.

Uma colher de ferro.

Um vaso grande para conservar o óleo das lâmpadas.

Um vaso menor, chamado de “guttus”, para o mesmo uso.

Um funil e um vaso para decantar o óleo do vaso maior para o outro menor.

Quatro pequenas vassouras de palha para a limpeza.

Duas vassouras grandes.

Duas escadas portáteis, uma delas, mais baixa.

Duas enxadas.

Duas pás.

Dois cabideiros.

Dois, ou mais, cabides

Uma esponja grande.

Uma vanga.

Alfaias que devem ser duplas para o uso nos dias solenes.

[269]

Depois de ter elencado o aparato simples das alfaias, segue agora o elenco das outras coisas que devem ser duplos, pois a celebração das solenidades requer que cada objeto

individualmente que se usa em tais ocasiões seja, em relação àqueles de uso quotidiano, mais precioso pelo material e ornamento.

Cruz.

Quatro candelabros com dois apagadores.

Sacra.

Toalhas pequenas.

Toalha grande.

Amito sacerdotal com faixa ou friso dourado.

Túnica sacerdotal com friso dourado ou bandas.

Estola sacerdotal.

Planeta sacerdotal.

Manípulo sacerdotal.

Cordão sacerdotal.

Amito diaconal com faixa ou friso dourado.

Túnica diaconal com friso dourado ou bandas.

Estola diaconal.

Cordão diaconal.

Dalmática diaconal.

Amito subdiaconal com faixa ou friso dourado.

Túnica subdiaconal com friso dourado ou bandas.

Tunicela subdiaconal.

Cordão subdiaconal.

Dois pares de galhetas.

Bandeja das galhetas.

Cálice.

Patena.

Tabela portátil para oferecer a paz.

Dois candelabros para uso da procissão.

Conopeu do tabernáculo mor.

Tabernáculo pequeno para uso do transporte da Sacra Eucaristia nas Solenidades.

Véus para cobrir a Sacra Eucaristia nas procissões solenes.

Umbrela.

Turíbulo.

Naveta.

Colher.

Alfaia das sacras vestes e indumentárias cujo aparato deve ser quántuplo.

[270]

Conforme a variedade das cores nos Ofícios divinos, o aparato das vestes sacras, elencadas em seguida, tanto para o uso quotidiano quanto para as solenidades, deve ser quántuplo para cada tipo: isto é, um de cor branca, o outro vermelho, o terceiro roxo, o quarto verde e o quinto preto.

Pálio.

Cobertura do frontispício do altar.

Friso dourado do amito sacerdotal.

Friso dourado da túnica sacerdotal.

Manípulo sacerdotal.

Estola sacerdotal.

Planeta.

Friso dourado do amito diaconal.

Friso dourado do amito subdiaconal.

Friso dourado da túnica diaconal.

Friso dourado da túnica subdiaconal.

Dalmática diaconal.

Tunicela subdiaconal.

Estola diaconal.

Manípulo diaconal.

Manípulo subdiaconal.

Véu subdiaconal para uso de levar o cálice ou sustentar a patena.

Véu do cálice.

Bolsa do corporal.

Marcador de páginas do Missal.

Cobertura do Missal.

Almofada do missal.

Cobertura do Lecionário nas igrejas de Rito Ambrosiano.

Cobertura do Epistolário.

Cobertura do Evangeliário.

Cobertura do ambão ou púlpito.

Cobertura das estantes.

Nas igrejas Paroquiais onde se celebra mais frequentemente a Missa conventual, é conveniente que o aparato branco, e o vermelho, pela frequência de seu uso, sejam também tríplexes: o terceiro exemplar, menos precioso, será de uso da Missa conventual a ser celebrada durante a semana.

Quantidade dos indumentos de linho.

[271]

Os indumentos de linho que, pelas causas já expostas acima em relação à Basílica Catedral, devem ser múltiplos também na igreja Paroquial; eles estão aqui elencados com a sua quantidade total.

Indumentos do altar mor.

[272]

Quatro toalhas grandes.

Doze toalhas pequenas.

Indumentos sacerdotais de linho para a Missa Paroquial sem canto.

[273]

Doze amitos.

Doze túnicas.

Oito corporais com pala.

Dezoito sanguinhos.

Oito toalhas para enxugar as mãos durante a sacra Missa.

Cinco toalhas na sacristia para lavar as mãos.

Seis lenços para limpar o nariz, se necessário, durante a Missa.

Três cordões para pendurar os lenços, com borlas.

Três toalhas para o altar da sacristia.

Duas bolsas para cada cálice.

Indumentos de linho para as Missas com canto.

[274]

Doze amitos sacerdotais.

Doze túnicas sacerdotais.

Doze amitos diaconais.

Doze túnicas diaconais.

Doze amitos subdiaconais.

Doze túnicas subdiaconais.

Indumentos de linho para a administração da Sacra Comunhão.

[275]

Quatro, ou mais, toalhas longas para as mesas de comunhão.

Três toalhas curtas para se colocar sob a Santíssima Comunhão enquanto é distribuída.

Indumentos de linho para uso de vários ministérios.

[276]

Duas ou três sobrepelizes sacerdotais.

Duas ou três sobrepelizes para os clérigos.

Quatro panos.

Alfaia dos altares menores da igreja Paroquial.

[277]

Todo altar menor das igrejas Paroquiais tenha todo o seu aparato de paramentos e objetos, elencados acima ordenadamente para a Basílica Catedral para seu uso e ornamento.

Alfaia do altar menor concedido em causa de necessidade.

[278]

Para o altar menor não dotado, mas, igualmente permitido pelo Bispo na igreja Paroquial, procure-se a mesma alfaia indicada para a Basílica Catedral.

Alfaia comum

[279]

Ademais, convém que na igreja Paroquial haja um aparato comum para uso da sacra Missa não cantada, celebrada mesmo por mais sacerdotes.

Qual e quanto seja a quantidade de tal aparato se procure a mesma alfaia prescrita para a Basílica Catedral.

CAPÍTULO IV

A ALFAIA DA IGREJA SIMPLES E DA SUA SACRISTIA.

[280]

Nas igrejas simples e nos oratórios onde, às vezes, se celebra a sacra Missa, se procure para cada altar, não apenas mor, mas se há, também menor, a alfaia prescrita acima para o altar menor da Basílica Catedral, e, além disso, os aparatos abaixo elencados.

Um vaso para lavar os cálices, as patenas, os corporais e os sanguinhos.

Quatro toalhas longas, para pendurar próximo à bacia onde se lavam as mãos.

Duas toalhas para o altar ou para o armário da sacristia junto ao qual o sacerdote se reveste dos paramentos sacros.

Um tapete ou um supedâneo de madeira sobre o qual o sacerdote se reveste das sacras vestes.

Tabela das sacras Relíquias custodiadas na igreja.

Tabela das indulgências perpétuas concedidas à igreja.

Tabela das orações preparatórias para o sacerdote que está para celebrar.

Tabela das orações para o sacerdote que se reveste das sacras vestes.

Tabela das Missas, funerais, comemorações e outros Ofícios.

Tabela das cores que se usam no dia a dia para os paramentos sacros.

Livro das Missas, no qual cada sacerdote anote e assine de próprio punho quem tenha celebrado a Missa à cada dia.

Livro das Cerimônias da Missa.

Um Livro destas Instruções.

Um vaso grande para o óleo das lâmpadas.

Um vaso pequeno para decantar o óleo das lâmpadas.

Funil e vaso para decantar o óleo do vaso maior para o vaso pequeno.

Vassouras de palha.

Cabideiros e cabides.

CAPÍTULO V

A HARMONIA DOS INDUMENTOS E DOS ORNAMENTOS

[281]

Até aqui expusemos o aparato da alfaia sacra, seja simples, dupla, tríplice, seja finalmente quántupla ou múltipla.

Os vários paramentos, pertencentes a um aparato devem ser harmônicos não só pela cor, mas também pelo material; outros, ainda que sejam diferentes pelo material, todavia devem ser

harmônicos pela cor; e porque finalmente alguns desses paramentos estejam guarnecidos de ornamentos, é necessário que também estes sejam harmônicos pelo ornato, material, cor e confecção; portanto é bom que se indiquem aqui também quais paramentos devam ser harmônicos pela cor e material, quais só pela cor, e quais seja pelo material que pela cor e confecção, por quanto isso seja possível, conforme a ordem abaixo discriminada.

Sacras vestes e indumentos do mesmo material e cor.

[282]

Pálio.

Planeta.

Estola sacerdotal.

Manípulo sacerdotal.

Pluvial.

Friso dourado ou faixa do amito sacerdotal, diaconal e subdiaconal.

Banda e friso dourado da túnica sacerdotal, diaconal e subdiaconal.

Sandália.

Meias, que segundo a tradição de um tempo atrás eram vermelho escuro.

Gremial.

Dalmática diaconal.

Tunicela subdiaconal.

Estola diaconal.

Manípulo diaconal.

Manípulo subdiaconal.

Friso dourado ou faixa do amito diaconal.

Friso dourado ou faixa do amito subdiaconal.

Bolsa do corporal.

Almofada do Missal.

Cobertura do Missal.

Cobertura dos livros: Evangeliário, Epistolário, Lecionário.

Cobertura das estantes fixas.

Cobertura das estantes móveis.

Cobertura do ambão ou púlpito.

Cobertura do faldistório.

Vestes e indumentos que, mesmo sendo de material diferente daqueles acima elencados, devem ser da mesma cor.

[283]

Dalmática.

Tunicela.

Luvas episcopais.

Véu do cálice.

Cobertura da Sé episcopal.

Véu do frontispício do altar.

Véus subdiaconais.

Indumentos que devem ser o máximo possível harmônicos pelo ornamento, material, cor e confecção.

[284]

Cruzes do frontispício do pátio.

Cruzes da planeta.

Cruzes da estola sacerdotal e diaconal.

Cruzes do manípulo sacerdotal, diaconal e subdiaconal.

Cruzes da faixa do amito.

Friso dourado do pluvial.

Banda e faixa da dalmática diaconal.

Banda e faixa da tunicela subdiaconal.

Ornamento da almofada do Missal.

Ornamento da bolsa do corporal.

Ornamento da cobertura dos livros.

As franjas de cada uma das coberturas e das almofadas devem se harmonizar com as cores do ornamento: ouro com ouro, prata com prata, seda com as cores do ornamento ou do pano.

PARTE SEGUNDA

DO LIVRO II

A forma da alfaia

[285]

Resta finalmente tratar a segunda parte do presente livro: nela descreveremos a forma dos objetos da alfaia eclesiástica acima tratados; algumas vezes se indicará também o material com o qual é oportuno confeccionar cada objeto.

Em primeiro lugar se tratará da Cruz.

A Cruz

[286]

A Cruz, que será colocada acima do altar mor ou acima do tabernáculo da Santíssima Eucaristia, deve ser em forma quadrangular; a parte inferior será prolongada com um tubo, de modo a poder ser facilmente removida da base por ocasião das procissões ou de outros Ofícios, quando isso seja necessário.

Será proporcional ao altar, seja nas dimensões que no decoro.

Na Basílica Catedral e na igreja Colegiada a Cruz do altar mor será laminada em ouro ou (em caso de pouca disponibilidade econômica) de prata, e será usada nas solenidades e nos Ofícios. Uma segunda Cruz, de latão, convenientemente trabalhada e decorada será usada nos outros dias.

Deste material, antes do que de prata, será a Cruz que se colocará sobre o altar mor nas outras igrejas, sobretudo nas Paroquiais. A base sobre a qual se apoia a Cruz sobre o altar será ou de ouro, ou de prata, ou de latão, ou, nas igrejas de poucas possibilidades, quando muito, de madeira dourada. De todo modo, será sólida, confeccionada elegante e decorosamente, bem proporcionada na altura, e feita em modo que nela se possa solidamente inserir a extremidade tubular da Cruz.

A Cruz que é colocada no altar menor, poderá ser de material menos precioso e ter uma base menos trabalhada, mas não deverá ser instável. Poderá ser realizada em latão, se não for possível um metal mais precioso, ou, quando muito, em madeira pintada e dourada.

A Cruz do Capítulo ou aquela que nas procissões, nos funerais e nas outras funções se usa levar, terá uma haste bem sólida e decentemente pintada, sobre a qual se possa firmemente inserir.

Onde, ao invés, (como na igreja Ambrosiana) é tradição levar do Capítulo, ou de um outro Colégio eclesiástico, ou dos Párocos, ou de outros curadores de almas uma Cruz de forma quadrada, esta, alta e larga dois côvados ou um pouco mais, não será colocada sobre uma haste, mas sobre um manúbrio curto de igual metal. Trata-se de um costume muito antigo e sancionado pelo uso, que, portanto, deve ser conservado.

Os candelabros.

[287]

Os candelabros do altar mor (que, como sabemos, no passado eram também de ouro), se não podem ser de ouro por motivos econômicos, sejam, pelo menos, de prata nos Ofícios solenes, de modo a se adequar à Cruz, pelo material e pela confecção.

Os outros exemplares, a serem usados quotidianamente, poderão ser de latão; é conveniente que em toda igreja sejam usados candelabros de tal metal.

Nos altares menores poderão eventualmente se de madeira torneada, se os meios não consentirem o latão ou materiais mais preciosos.

A base do candelabro, chamada de “pé”, será redonda, ou melhor ainda se triangular, e o máximo possível correspondente à base da Cruz.

Será ampla e sólida, de modo a não balançar pelo peso de um grande círio ou pela longitude do candelabro.

O corpo do candelabro, cinzelado com figuras pias e decentemente elaborado, se restringirá ligeiramente em direção ao alto e será de dimensões proporcionais ao altar; na parte superior haverá uma zona plana e circular, na qual será colocada uma ponta afiada na qual se fixa uma pequena bandeja de prata ou latão; nesta pequena bandeja se inserirão as velas.

Posto que ocorre com frequência que os candelabros de ouro ou de prata se tornam instáveis e se vergam, e que as lâminas de metal que os compõem se destacam, será útil que uma barra de metal duro atravesse todo o corpo do candelabro, saindo na parte superior de modo que aí se possa colocar a pequena bandeja na qual se insere a vela.

Na parte inferior, a barra será fixada com um parafuso que a aperte e que solidamente mantenha juntas as várias partes do candelabro.

O candelabro do círio Pascal, que será de laminas de prata ou de latão, ou pelo menos, se a igreja for pobre, de madeira torneada, mas dourada e piedosamente ornada, terá cerca de cinco côvados de altura. Ademais, terá uma base muito sólida, de modo que em determinados dias, como é tradição (e como foi outrora), possa ser colocado no meio da igreja, diante do altar mor. Se o candelabro for pênsil, não terá necessidade de base.

O “cântaro” (que é um tipo de candelabro usado na Igreja Ambrosiana)³²⁷, poderá ser de ouro, prata, bronze ou latão, conforme a igreja a qual ele pertença. Será mais curto e mais leve que os demais candelabros: terá, portanto, um corpo delicado, de modo a ser mais facilmente pendurado pela mão. Terá uma base triangular e será decentemente ornamentado.

³²⁷ É o candelabro de tripé para ser apoiado no chão.

Os candelabros para as procissões serão iguais, no material e na forma, àqueles do altar mor, mas poderão ser um pouco mais curtos e de menor espessura.

A espevitadeira e os apagadores.

[288]

A espevitadeira deve ser do mesmo material dos candelabros e será longa doze onças. O apagador será de lâmina fina, que chamam de lata, e, ademais, de forma decente.

As Sacras³²⁸.

[289]

A sacra não será de carvalho, nem de nogueira, nem de outra madeira escura, mas de abeto ou de outra madeira clara, de modo que a folha a ela colada, não se torne escura. Será um pouco mais larga que alta, e na parte anterior será decorosamente ornada por moldura. Deverá ser sustentada a determinada altura da mesa do altar por meio de um pedestal decorosamente confeccionado, de modo que a página das Orações secretas esteja ao nível dos olhos.

Isto para o que diz respeito à sacra de uso quotidiano. Aquela, ao invés, para as festas solenes deverá ser de maior preciosidade, decorada com molduras douradas ou ricamente pintadas; a página das Orações secretas será impressa com letras maiúsculas e terá letras iniciais grandes, na cor vermelha ou dourada, com imagens em miniaturas.

As toalhas do altar.

[290]

As toalhas (que se diziam véus, velamentos ou sudários) que cobrem a parte superior do altar serão de linho, ou então, onde o linho não seja abundante, de cânhamo.

Todavia, aquelas mais preciosas, destinadas às solenidades ou aos Ofícios Episcopais, serão sempre de linho ou cânhamo, mas bem mais finamente tecidas; as de uso quotidiano serão do mesmo tipo de pano, nem muito espessas, nem muito grosseiras: sejam, de todo modo, bem tecidas, resistentes e confeccionadas com ornamentos.

Não deverão apresentar em alguma parte defeitos como fiapos de fios de algodão³²⁹ azulados ou de outra cor.

³²⁸ Eram as tabelas das orações que ficavam sobre o altar. A mais importante delas continha as palavras da consagração

As toalhas maiores descerão de ambos os lados do altar até cerca de três dedos da plataforma do supedâneo.

Na largura, ao invés, cobrirão toda a mesa do altar, e mesmo o pequeno degrau posterior, a menos que sobre o altar mor, existindo o impedimento do tabernáculo, não seja mais cômodo que tal parte seja coberta separadamente.

Ademais, as toalhas pequenas, a serem usadas nos altares menores, serão íntegras, de uma única peça, e, como se usava outrora, cobrirão toda a parte superior, ou mesa, do altar; entre elas serão muito bem distintas e separadas.

Os pálios [do altar].

[291]

O pálio, ou pala, ou seja, o revestimento que se coloca diante do altar, deverá ser um pouco mais longo e um pouco mais alto que o próprio altar, de modo que a parte inferior resulte escondida, da moldura até a base do altar. Na parte superior, na distância de um palmo, será ornado com, como chamam, franjas de ouro ou de seda, com as cores prescritas pelo Rito da Igreja.

Será revestido de pano de algodão ou de outro tecido fino, e na parte superior exceda em um palmo, de modo que possa ser dobrado sob as toalhas.

Dentro serão inseridos uma série de pequenos anéis de cobre ou de ferro, por meio dos quais será mantido fixo no tear [caixilho] do altar. Na parte externa do pálio, sem seu centro, se aplicará uma Cruz, ou imagem do Santo, ou dos Santos, com cujo nome o altar é chamado, ou outra adequada efígie religiosa.

Trata-se de um uso que também os antigos tinham, pois sabemos que o papa Zacarias³³⁰ levou ao altar do Bem aventurado São Pedro Apóstolo, um pálio entrançado de ouro, ornado com a imagem da Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O pálio precioso, reservado para as solenidades dos Ofícios, será tecido de seda, ouro, prata, isto é, que chamam de brocado, e bordado com agulha. O de uso quotidiano será de seda de

³²⁹ No original “bambacina”, termo que deriva provavelmente do italiano. Trata-se do algodão: “Il dì seguente si camina per la regione *Traconitide* tutta sassosa, ma assai fertile, ove si semina il *Bambace* [grifos meus], pianta che produce tre volte senza rinovarla in tre anni seguiti [...]”. BREMOND, Gabrielle. *Viaggi fatti nell’Egitto superiore et inferiore. Nel monte Sinay, e luoghi più conspicui di quella regione: in Gerusalemme, Giudea, Galilea, Sammaria, Palestina, Fenicia, Monte Libano & altre provincie di Siria: quello della Meka, e del sepolcro de Mahometto com esatte, e curiose osservazioni intorno i costumi, leggi, riti & habiti de’ turchi, degli arabi e nationi convicine*. In Roma, per Paolo moneta, MDCLXXIX. Segue nossa tradução: “No dia seguinte se caminha pela região da Traconítide cheia de seixos, mas deveras fértil, onde se semeia o *Bambace* [algodão], planta que produz, sem ser renovada, três vezes, em três anos seguidos [...]”.

³³⁰ São Zacarias foi papa de 741 a 752.

outro tipo, ou de meia seda. Isto será permitido nas igrejas que não podem ter, por escassez de recursos, um pálio mais precioso.

Caso se possuíssem pálios que são muito curtos em relação à altura do altar, sejam alongados adicionando na parte superior uma faixa do mesmo tecido ou material, bem costurada; a costura será escondida por faixas, chamadas de franjas ou por outro ornamento decente.

Os pálios curtos demais, em relação ao comprimento do altar, poderão ser alongados adicionando-se, no sentido da largura do altar, faixas do mesmo tecido ou de outro tecido ou de seda, decentemente unidas.

O véu ou faixa de ornamento do altar.

[292]

O véu (que se usa durante a sacra Missa como ornamento do frontispício do altar, e se estende sobre o altar mesmo como uma espécie de frontal da parte superior do pálio) se prolongará até as franjas de seda que costumeiramente se usa costurar ao pálio, ou um pouco mais abaixo. O comprimento será igual ao do altar, ou pouca coisa maior. A sua extremidade voltada para a frente do observador será decorosamente ornada com uma franja. Confeccionado em linho precioso, muito fino, será ornado no sentido de sua latitude por faixas bordadas ou de outro modo confeccionadas, dispostas oportunamente com um intervalo entre si.

O exemplar mais precioso, para os dias solenes e seus Ofícios, deverá ser mais insigne, ou seja, entrançado com fios de ouro ou de prata.

A toalha para cobrir o altar

[293]

A toalha para cobrir o altar será larga e longa de modo a cobrir completamente toda parte da mesa, e mesmo um pouco mais ampla. Será ornada em todos os lados por pequenas franjas.

Será de cor verde: a quotidiana de linho ou cânhamo; a usada nas solenidades, de seda ou meia seda.

Coberturas do supedâneo e dos degraus do altar.

[294]

As coberturas do supedâneo e dos degraus do altar e, quando necessário, da parte do pavimento adjacente, serão tapetes ou panos de lã, mais ou menos preciosos, conforme as solenidades e a dignidade da igreja.

Em comprimento, largura e amplitude sejam tais a ponto de cobrir completamente o supedâneo e os degraus do altar, antes, se estendam mais além por, pelo menos, um côvado.

As meias Episcopais.

[295]

As meias Episcopais sejam longas até o joelho, onde serão amarradas com cadarços, como convém ao mistério que significam.

As sandálias

[296]

As sandálias, ou calçados, que faz uso o Bispo durante a sacra Missa solene, terão por baixo uma sola única, e serão decentemente ornadas na parte superior. O papa Inocêncio III demonstrou que a abertura superior não era, no passado, privada de significado mistérico.

O amito

[297]

O amito (que era chamado também, pelo fato que se apoiava sobre os ombros, de “superhumeral”) deverá ser como foi no passado: lhe deverá ser cosida uma faixa que, como um colar, se adapte em volta do pescoço, acima da planeta.

Além disso, convém que orla da faixa seja ornada com três cruces, uma no meio, e as outras em ambas extremidades.

Será longa cerca de um côvado e seis onças, e larga cerca de sete onças.

O amito será de tecido de linho cândido, precioso e fino.

Deverá ser comprido cerca de dois côvados e largo um côvado e meio. Em duas das pontas anteriores serão presos dois cordões que, cruzados diagonalmente sobre o peito, se passarão por trás [em torno dos rins] e depois amarrados na frente, para impedir que o amito se mova.

Caso se use um amito sem faixa, se bordará ou se aplicará de outro modo em seu centro uma cruz de dois côvados, a dois dedos da extremidade superior.

As orlas do amito, exceto na parte que toca o pescoço, serão ornadas modestamente; as outras partes serão ornadas como aquela superior sobre a qual foi cosida a faixa.

A túnica e o friso dourado ou banda.

[298]

A túnica (a veste cândida que chamam também de camisa³³¹, por causa da cor) será de pano branco e fino; a mais preciosa, de pano ainda mais fino. Comprida em quatro côvados, estreitada nos rins por um cordão e plissada em torno dos flancos, descera até os pés. Ademais, na parte inferior terá uma circunferência de quatro côvados ou mais.

As mangas terão um comprimento de um côvado e meio, e largas quase o mesmo tanto dos ombros; desçam até os pulsos estreitando-se progressivamente até meio côvado.

Será bordada com muita simplicidade: somente nas extremidades das mangas e na borda superior apresentara algum bordado um pouco mais elaborado, e na parte inferior terá um orlo. Em tal parte, na frente e atrás, e na extremidade das mangas, serão cosidos horizontalmente pequenos quadrados de seda (chamados de bandas ou frisos dourados) da mesma cor e tecido da planeta, ornados com ricas franjas.

Onde se usam túnicas sem frisos dourados ou bandas, estas medirão na parte inferior dezesseis côvados de circunferência: serão, isto é, um pouco mais largas e longas das outras, de modo que, bem plissadas em torno dos flancos, se ornem com belas dobras.

O cordão.

[299]

O cordão (chamado pelo papa Inocêncio III de “zona”³³²) deve ser de linho branco ou de cânhamo fino, comprido em cerca de sete côvados.

Nas extremidades do cordão se inserirão filamentos do mesmo material, que são chamados de borlas.

O cordão Episcopal, pelo seu significado mistérico, deverá ter do lado esquerdo um cinto duplo, chamado de “succintorio” ou “succingulo”³³³ (com o qual se amarra a estola ao cordão).

A estola

[300]

A estola (chamada por Dâmaso de “orarium”³³⁴ ou “palla linostina”³³⁵) de combinar, na parte externa, com o material e a cor da planeta; na parte interna será revestida de seda fina da mesma cor.

³³¹ No original “camisium”, camisa. Até hoje na Itália, essa peça da indumentária eclesiástica é chamada de “camice”.

³³² “Zona” em latim é uma referência ao cinto que as mulheres usavam; poderia ser também o cinto usado pelos homens, no qual, se diz que servia para pendurar o dinheiro.

³³³ Provavelmente derivado do latim “succingo”, com o sentido de arregaçar, levantar, cingir ou rodear.

Terá o comprimento aproximado de seis côvados, de modo a chegar abaixo dos joelhos, e terá a largura de seis onças. Nas duas extremidades, que serão ornadas com franjas, se alargará progressivamente. Nela se colocarão três cruces: uma no meio, e as outras duas, nas extremidades opostas. Cada uma das cruces seja pequena e de forma quadrada, onde cada lado medirá cerca de três onças.

À estola sacerdotal não se pendure nada: naquela Episcopal e naquela diaconal, se colocarão cordõezinhos de seda da mesma cor da estola, e pequenas borlas ornamentais unam as duas partes no meio.

O manípulo.

[301]

O manípulo seja de seda, da mesma cor da estola ou ainda mais precioso; será largo seis onças e longo cerca de dois côvados, ou um pouco mais amplo; como na estola, terá em ambas extremidades cordõezinhos de seda com anéis, também de seda, para fixá-lo e nele serão colocadas três cruces.

A tunicela

[302]

A túnica Episcopal, que chamam de tunicela, deve ser tecida de fina seda: será um pouco mais estreita e curta do que a dalmática que será abaixo descrita.

A dalmática

[303]

A dalmática terá a forma de uma cruz, de modo tal que as mangas não sejam cortadas, mas sejam compridas, descendo até as mãos.

A Episcopal terá mangas mais largas do que a diaconal, e esta, por sua vez, as terá mais largas que a do Subdiácono. Em todo caso, a tunicela terá as mangas mais estreitas.

A dalmática Episcopal deverá ser do mesmo material da tunicela Episcopal.

Poderá ser longa dois côvados e seis onças de modo que desça para além dos joelhos por cerca de dez onças. Na parte superior, nas costas, tenha a largura de aproximadamente um

³³⁴ O orarium usado pelos gregos, era um pano que se colocava em volta do pescoço e era usado para limpar a boca (*os, oris*), enxugar o suor, e, se necessário, enxugar as lágrimas.

³³⁵ “Palla” em latim pode ser uma referência a uma espécie de manto ou capa; já “linostimus” é o tecido em que se mistura a lã e o linho.

côvado e quatro onças. Na parte inferior tenha a largura aproximada de cinco côvados ou ainda mais. Em todo caso, terá a largura que convém ao seu significado mistérico.

A dalmática diaconal e a tunicela subdiaconal serão ornamentadas, na frente e atrás, por linhas ou pequenas faixas escarlates de uma extremidade a outra.

A dalmática será ornamentada também por um friso dourado, isto é, por pequenos quadrados entrançados de ouro, cosidos entre as linhas escarlates nas extremidades, na frente e atrás.

Todas as bordas da veste, exceto aquela que rodeia o pescoço, serão ornadas com uma franja com poucos filamentos. A parte interna será revestida de pano da mesma cor.

As luvas Episcopais.

[304]

As luvas Episcopais devem ser tecidas de ornadas com um círculo de ouro nas extremidades.

A planeta.

[305]

A casula (chamada também de “phelonium”³³⁶ e, por sua amplitude, planeta) será ampla três côvados ou um pouco mais, de modo que, caindo pelos ombros, possa formar entre estes uma dobra de, pelo menos, um palmo. Terá o mesmo comprimento, ou até mais, de modo que possa descer até quase os tornozelos.

Terá na frente e atrás uma faixa larga, de pelo menos oito onças, cosida ao longo de toda a planeta, e uma segunda faixa transversal, adicionada na frente e atrás na parte superior, formará em ambos os lados uma cruz.

*O sub barrete*³³⁷

[306]

O sub barrete a ser usado sob a mitra, não será de seda, mas de pano de lã. Ademais, será de forma redonda e não quadrada.

A mitra

[307]

³³⁶ Um tipo de manto, variante da *poenula* dos romanos. Cf. PACI, Sara Piccolo. *Storia delle vesti liturgiche*. Milano: Ancora, 2008, p. 308

³³⁷ Embora o termo empregado tenha sido “sub barrete” no original, trata-se aqui do “solidéu”.

A mitra - que no exemplar mais precioso deverá ser de seda tecida de ouro, ornada com pedras preciosas, pérolas e de bordados – é o sinal do esplendor da dignidade Episcopal.

A outra, mais simples, será de pano de linho puríssimo, fino e de uma cor branca cândida.

Será circundada por uma faixa dourada na parte onde se coloca sobre a cabeça; terá duas pontas, uma na frente e outra atrás, ademais, terá duas faixas pendentes sobre as costas, cujas extremidades serão ornadas de franjas.

O anel

[308]

O anel Episcopal, de ouro maciço e de sólida estrutura, terá uma gema preciosa engastada, sobre a qual nada deve ser esculpido.

O gremial

[309]

O gremial terá o comprimento aproximado de dois côvados, a largura de um côvado e doze onças; revestido na parte interna de seda fina da mesma cor da veste; como ornamento, será todo circundado de franjas tecidas de ouro ou prata.

O báculo pastoral

[310]

O báculo pastoral deverá ser pontiagudo embaixo, reto na parte do meio e curvado na parte superior.

Se é Episcopal, não se ornará com um pano ou com uma faixa: com esta insígnia se distingue aquele abacial.

Terá o comprimento, na parte reta, de três côvados e doze onças; na parte curva medirá doze onças ou um pouco mais.

Na extremidade superior da parte reta, terá uma circunferência de aproximadamente sete onças, que, diminuindo paulatinamente na direção da parte baixa, chegará a medir cinco onças na extremidade inferior. Aqui, terminará com uma ponta de ferro, ou de prata, ou de outro metal. A parte reta do báculo será coberta por sólidas lâminas de prata, sem cinzeladura alguma; a parte curva seja revestida de lâminas de prata cinzeladas e douradas, conforme o julgamento do ourives de prata.

A parte curva e aquela reta serão conectadas com uma peça cinzelada em parte dourada, de forma hexagonal, ornada com imagens sacras.

O pluvial³³⁸

[311]

A veste chamada pluvial, terá a forma semicircular, e chegará até os tornozelos por um comprimento de três côvados e seis onças; a sua forma semicircular deverá ser bem evidente.

O seu orlo será ornado de franjas; a parte da frente, toda aberta de cima a baixo, será decorada por frisos dourados e com imagens sacras. Na parte de trás levará uma insígnia, chamada de “caputium”³³⁹, ornada com franjas curtas e com um friso dourado que corresponderá àquele da parte da frente.

Em cima, na parte da frente, será amarrado com uma fíbula sem costura; a parte interna será revestida de seda fina ou de pano de algodão da mesma cor.

O peitoral

[312]

O peitoral (isto é, o ornamento com o qual se fecha o pluvial sobre o peito), guarnecido por baixo de dois ganchos, deverá ser prata dourada, ornado com pedras preciosas engastadas ou sacras imagens.

O véu subdiaconal

[313]

O véu subdiaconal (isto é, com o qual o subdiácono cobre o cálice quando o leva ao altar) será de pano finíssimo, entrançados com ouro ou prata; será ornado aos lados por franjas e nas extremidades com fios de ouro ou de prata, ou mesclados de ouro e prata. Terá o comprimento de seis côvados e largo conforme a medida do tecido.

Os véus dos ministros

[314]

Os véus dos ministros (isto é, as faixas que pendem do pescoço dos ministros que levam ou sustentam a mitra ou outros indumentos Episcopais) terão o comprimento aproximado de seis côvados, e serão largos tanto quanto tiver o pano com o qual são confeccionadas.

³³⁸ Com o nome diz, era em origem a capa que protegia da chuva. É também conhecida como “Capa de asperges”, por ser usada naquelas celebrações em que o padre apenas abençoa os fiéis, “aspergindo” portanto, a água benta.

³³⁹ O capuz, que na época do Borromeu havia deixado de ser um capuz e havia se tornado um adorno.

Deverão ser confeccionados de pano de algodão cândido e muito fino, ornados nas extremidades com franjas de fios de seda branca.

O véu do cálice

[315]

O véu do cálice medirá de cada lado um côvado e doze onças ou um pouco mais; será ornado ao longo de todas as orlas por uma delicada decoração de seda dourada ou prateada.

O exemplar mais precioso será entrançado com ouro ou prata, com franjas, também estas de ouro ou prata.

O cálice

[316]

O cálice será de ouro puro ou, se não for possível por motivos econômicos, de prata pura, dourado tanto no interior quanto no exterior. O pé poderá ser de latão, se não pode ser de ouro ou de prata, pela pobreza da igreja. O pé será amplo, em relação ao resto, de modo que o cálice permaneça bem firme onde se o coloca, e não possa cair; terá a forma octogonal ou hexagonal, ou outra similar. Sobre a superfície haverá decorações que façam referência a algum sacro mistério da Paixão, todavia, sem que impeça a mão; não haverá de modo algum, representações com fins meramente estéticos. O nó no meio, decorosamente ornado, não apresentará alguma saliência que torne incômodo o agarrar, quando este é segurado, ou que ofereça risco de ferir os dedos, sobretudo no momento em que, durante a sacra Missa, o cálice é segurado pelo polegar e o indicador unidos da mão. A copa, bastante estreita no fundo, deverá se alargar gradualmente até a borda superior. Esta, não deverá se dobrar nem para dentro e nem para fora.

O cálice maior e mais precioso, de ouro puro e ornado com imagens sacras cinzeladas, que se usa nas sacras Missa solenes, terá uma circunferência de, pelo menos, dezoito onças; terá ao todo, uma altura de quatorze onças, e será amplo na igreja Catedral, na Colegiada e na Paroquial insigne. O cálice menor, que se usa na sacra Missa não solene, terá a circunferência de quatorze onças e terá a altura de doze onças.

A patena

[317]

A patena deverá ser de ouro ou de prata, conforme for o cálice; se ela for de prata, deverá ser completamente dourada; não será elaborada, nem será incisa com um círculo traçado com o compasso, se não de modo absolutamente superficial.

A borda externa será circular e muito fina, de modo a permitir recolher facilmente os fragmentos da hóstia consagrada.

Terá no centro uma ligeira concavidade, de modo que se adapte bem na copa do cálice.

A patena maior e mais preciosa, que se adapta ao cálice maior, terá uma circunferência de trinta e oito onças ou mais, conforme a amplitude do cálice; a patena menor medirá trinta e duas onças.

A bolsa do cálice

[318]

A bolsa do cálice e da patena será de linho ou de cânhamo, largo e comprido de modo a conter comodamente o cálice. Na parte inferior será fechada por uma estreita dobra e costura no tecido, ou então, será costurado de modo a formar dois cantos, como se costuma fazer; em tal caso o cálice será colocado naquela bolsa transversalmente.

O estojo do cálice

[319]

O estojo de madeira para o cálice, a ser usado junto com a bolsa, será de confecção simples, sem ornamento profano algum, de medida adequada para conter o cálice e a patena e guarnecido com tampa que lhe feche bem. Será revestido por dentro de pano de lã ou de seda que chamamos de veludo, e por fora, de couro. Terá também uma correia ou alça de couro para ser transportado.

O corporal

[320]

O corporal será de pano de linho puro, cândido e simples; não apresentará alguma elaboração e não terá entrançado de seda. Nas bordas terá uma simples margem, bordada por trás.

Terá o comprimento e a largura de, pelo menos, trinta onças; será dobrado em modo tal que não apareçam suas bordas.

Na Catedral e nas Colegiadas, os corporais deverão ser maiores, conforme o tamanho do altar mor.

A bolsa do corporal

[321]

A bolsa do corporal será ornada no centro, na parte da frente por uma cruz ou por outra imagem sacra; na parte posterior será do mesmo material e cor; dentro será forrado com meia seda, ou de pano fino branco; medirá de cada lado cerca de meio côvado ou mais.

Nas bordas serão inseridos pequenos cordões de seda com borlas para apertá-la e fechá-la.

O sanguinho

[322]

O sanguinho deverá ser de pano nem muito espesso e nem muito fino, confeccionado com simples bordado; terá o comprimento e a largura de, no mínimo, cerca de dezoito onças, e não menos do que isso. No centro do sanguinho será bordada uma pequena cruz.

As galhetas

[323]

As galhetas não deverão ser de prata, de estanho, de latão ou de outro metal, mas de cristal transparente, não pintado; serão perfeitamente limpas em todas as suas partes, e guarnecidas de uma pequena tampa de estanho ou de prata que as feche bem; os exemplares mais preciosos terão pequenas tampas de ouro.

A bandeja

[324]

A bandeja das galhetas será de estanho britânico puro; o exemplar precioso será de ouro ou, pelo menos, de prata, e cinzelada com imagens religiosas. A parte interna será ampla e plana, não trabalhada, para sustentar firmemente as galhetas.

O Missal

[325]

O Missal, dignamente e solidamente encadernado, será coberto por lâminas de madeira finas, revestidas de couro. Sobre a superfície do couro não haverá nenhuma figura profana confeccionada com relevo ou impressa, mas apenas uma cruz insigne ou outra santa imagem piedosa. No Missal poderão existir folhas ornadas de dourado.

O Missal mais precioso terá uma cobertura de couro dourado, uma forma mais ampla e será impresso com letras capitulares.

O marcador de páginas do Missal

[326]

O marcador de páginas do Missal terá uma ponta transversal de onde penderão pequenos cordões, entrançados de fio de seda e adequados à grossura do próprio Missal. Os pequenos cordões de seda serão doze, de cores diferentes, em razão dos diversos Ofícios e do uso, e longos de modo a exceder a medida do Missal em cerca de cinco onças.

O marcador de páginas mais precioso terá, ao invés, a ponta transversal de ouro, ou de prata dourada.

A cobertura do Missal

[327]

A cobertura do Missal será tão comprida que na parte debaixo também dobrada, exceda oito onças ou a cobertura de couro do Missal; na parte superior, no entanto, não excederá absolutamente nada. Além disso, seja ampla, para que de ambos os lados possa comodamente ser dobrada para dentro. Será forrada de pano de linho, ou de algodão, exceto na parte inferior, na qual o pano penderá e servirá de ornamento. As extremidades da cobertura que envolvem o Missal, na parte superior, e nos lados, serão ornadas com orlas de seda; as inferiores com franjas de seda.

Uma cobertura mais preciosa terá ornatos nas extremidades, e franjas tecidas com fios de ouro ou prata entremeados.

A almofada do Missal

[328]

A almofada sobre a qual se apoia o Missal não será recheada de plumas, de palha³⁴⁰, ou de fiapos de lã, mas de lã compacta ou de pelos de cervo.

Terá o comprimento de um côvado, ou um pouco mais, e a largura aproximada de dezoito onças; será ornado em cada canto com borlas ou franjas e simplesmente costurado, mas as costuras serão recobertas por um ornamento de material do mesmo gênero e cor.

Sob a almofada não será colocado nada, nem mesmo um apoio, a menos que um sacerdote com vista débil tenha necessidade de elevar um pouco mais o Missal.

Em tal caso, o apoio seja um pouco mais estreito do que a almofada, formado por quatro bastões bem unidos entre si, no meio, por uma fina barra de madeira.

³⁴⁰ No original "tomentum", palavra latina que indica tudo o que serve para estofar: crina, lã, penas, palha, etc.

A palmatória para sustentar a vela nos Ofícios Pontificais

[329]

A palmatória³⁴¹, com a qual o Capelão sustenta a vela nas Missas e nos Ofícios Pontificais, será de prata; a mais preciosa será de ouro ou de prata dourada; o cabo terá o comprimento de quinze onças e terá na parte superior um pequeno disco, que em seu centro terá fixa uma pequena meia lua, sobre a qual será inserida a vela.

O turíbulo, a naveta e a colher

[330]

Turíbulo, naveta e colher serão de latão, artisticamente cinzelados e ornados a juízo de um artífice perito.

Os exemplares mais preciosos serão de prata ou de ouro, se houver condições econômicas.

Onde há o Rito Romano o turíbulo terá uma quádrupla correntinha e uma pequena cobertura do mesmo metal; onde, ao invés, há o Rito Ambrosiano, terá uma tríplice correntinha e não terá a pequena cobertura. As correntinhas terão o comprimento de aproximadamente dois côvados e doze onças.

O revestimento da Sé Episcopal

[331]

A Sé Episcopal, colocada, segundo a tradição dos Padres, num lugar elevado e importante, deve ser revestida de modo digno, conforme as Solenidades. Portanto o seu revestimento seja de pano de cetim de seda, liso, não entrançado com prata ou ouro. Os seus degraus sejam revestidos com tapetes ou panos de lã.

Os mochos dos assistentes do Bispo.

[332]

Os mochos dos ministros que assistem o Bispo sejam de tábuas de madeira de choupo ou de abeto, com a altura de um côvado ou um pouco mais.

Devem apresentar a forma quadrada, para que sejam mais firmes, e devem ser decorosamente pintados.

³⁴¹ No original latino “instrumentum”, instrumento. No Brasil, esse tipo de castiçal era chamado de “palmatória” devido ao seu formato lembrar uma palmatória.

O faldistório.

[333]

O faldistório não deverá ser mais amplo e alto do que a Sé ou a Cátedra Episcopal, mas muito mais baixo; ademais, não deverá apresentar nem atrás e nem dos lados algum sustentáculo sobre o qual o Bispo, sentado, possa se apoiar. Constará de quatro tábuas de madeira de nogueira, quer dizer, duas na frente e duas na parte posterior, douradas, cobertas com lâminas de prata. As quatro extremidades apresentam a forma de cabeças de leões um pouco proeminentes. E terá um assento de couro, decoroso, adequado e firme; recheado, não com plumas, mas com lã, ou crina cortada miúda.

A cobertura do faldistório

[334]

A cobertura do faldistório deve ser forrada de pano de algodão e ser cortada de modo a aderir somente ao assento, caindo pelas outras partes até o pavimento.

As almofadas do faldistório.

[335]

As almofadas do faldistório, uma para se ajoelhar e a outra para se sentar, serão de veludo de seda. Terão o comprimento de um côvado e meio e a largura de um côvado.

O ábaco e as demais coisas.

[336]

O ábaco (isto é, a mesa sobre a qual se dispõem os vasos grandes de ouro e de prata, ornados de modo insigne, necessários aos Offícios divinos, e alguns paramentos, como a mitra e outros objetos do gênero) será bem confeccionado de tábuas de choupo ou de abeto, terá o comprimento de cinco côvados ou um pouco mais, conforme as proporções da igreja e do coro; terá a largura de dois côvados e doze onças, e outro tanto de altura. Terá na parte de trás dois degraus ou mais, conforme o número dos vasos. Seja sustentado por dois ou três tripés de carvalho ou de nogueira, para ter mais firmeza.

A toalha do ábaco, de linho precioso ou de bisso, elegantemente confeccionada, será ampla de modo a chegar, na frente e nos lados, até o chão: atrás, se for possível, cobrirá os degraus do ábaco, d'outro modo será necessário usar outra para cobri-los.

Os vasos expostos sobre os degraus como ornamento do ábaco, terão forma de âmbula, como mais tarde se descreverá na parte dedicada aos vasos dos óleos santos; terão a altura de um

côvado, ou um pouco mais. Aqueles que se colocam ao centro, deverão ser um pouco mais altos. Serão de ouro ou de prata, sem nada de profano cinzelado, mas com motivos pios e religiosos.

As bacias para água, que chamam de fontes, sejam do mesmo metal, e com o mesmo tipo de cinzelado, e mensurem meio côvado de diâmetro.

As ambulas deverão se harmonizar com as bacias seja tanto pelo cinzelado, metal, que pelas proporções.

A toalha de linho para enxugar as mãos

[337]

A toalha de linho que se usa durante a sacra Missa para enxugar as mãos será de linho fino, com o comprimento de dois côvados e a largura de um côvado e meio; será ornada nas duas extremidades com franjas de filamentos do mesmo material, e nos lados será bordada com simplicidade. A que se usa na Missa Episcopal será de linho mais precioso e de dimensões maiores, bem como ornada de modo insigne.

Os livros: Lecionário, Epistolário, Evangeliário e suas coberturas.

[338]

Estes livros, e isto é, o Lecionário, o Epistolário e o Evangeliário, sejam preciosos tanto pelos caracteres insignes quanto pela encadernação, e dotados de cobertura decorosa e robusta para que sejam usados diuturnamente; sejam ornados como foi indicado para o Missal. Ademais, seria coisa bela e piedosa que sacras imagens dos mistérios fossem impressas nesses livros e em determinados pontos fossem ornadas com miniaturas e ouro.

A cobertura destes livros deverá ser como aquela que indicamos para a cobertura do Missal.

A cobertura das estantes e do ambão

[339]

A cobertura da estante fixa se prolongará até o pavimento e será tão larga quanto a estrutura da estante: na parte sobre a qual se apoiam os livros, a estante será revestida de couro. A cobertura da estante móvel será larga tanto quanto o pano e longa até o pavimento. A cobertura do púlpito ou ambão, seja comprida tanto quanto o próprio púlpito e larga de modo a cobrir totalmente o púlpito ou ambão.

A caldeirinha de água benta

[340]

A caldeirinha de água benta para os Ofício Episcopais seja de prata, em algumas partes dourada e cinzelada com alguma figura piedosa.

Do mesmo metal, mas não dourada, ainda que semelhantemente cinzelada com figuras piedosas, deve ser a que se usa nas igrejas Catedrais, Colegiadas, Paroquiais, ou nas outras igrejas que, por algum motivo, são mais insignes. Poderá ser de bronze, ou de latão nas igrejas de modestas possibilidades econômicas.

O pano para enxugar a cabeça do batizando

[341]

O pano, ou “sabarium”, que se usa para enxugar a cabeça do batizando deve ser de pano de bisso, mais precioso, se usado pelo Bispo; de pano de linho para os outros ministros. Deve ser circundado adequadamente por franjas de pano de bisso ou de pano de linho. Tenha o comprimento de três côvados e a largura, tanta quanto for a do pano com que é feito.

Os vasos dos óleos santos

[342]

Os vasos da Catedral, nos quais se guardam os santos óleos, devem ser de prata ou, pelo menos, de estanho britânico puro e precioso.

Tenham a forma de âmbula, e isto é, o ventre amplo e inchado e com o pescoço alto e circular; sem cinzeladura, que se limitará levemente até a boca ampla e aberta; na parte inferior se limitem gradualmente até o pé, fechando-se em forma circular; o pé deve ser estreito na parte superior e largo, de modo a ser muito firme, na inferior.

Sejam guarnecidos de asas gêmeas, cinzeladas especialmente nas partes que estão ligadas aos vasos.

Sejam fechados por uma tampa semiesférica que tenha na parte superior uma pequena cruz, à ela soldada; será unida ao vaso com uma fivela de prata ou de estanho, de modo que possa ser virada completamente para trás: de outro modo, seria de impedimento às mãos do bispo enquanto, durante a consagração dos óleos, traça os sinais de cruz sobre eles.

Na frente, na parte superior do ventre, será soldado um pequeno tubo pelo qual se possa derramar o óleo. Ele será amplo em sua base e gradualmente se estreitará subindo até a mesma altura do vaso, e, finalmente, no seu topo, apresentará uma boca estreita e ligeiramente curvada para fora.

Três vasos na forma prescrita serão arranjados: um para o sacro Crisma, o outro para o óleo da sacra Extrema Unção e o terceiro para o óleo dos Catecúmenos.

Cada vaso seja distinto com a própria inscrição feita com letras maiúsculas douradas.

Os vasos dos óleos serão de tamanho proporcional à necessidade da Basílica Catedral, mas sempre de tal maneira que sejam cômodos para serem transportados e manuseados durante sua consagração.

Os véus dos vasos dos sacros óleos

[343]

Os véus (com os quais sem cobrem os três vasos, aqui acima descritos, pera recolher o óleo sacro da Quinta Feira Santa³⁴²) terão o comprimento aproximado de um côvado e a largura de tanto quanto tiver o tecido; o do vaso do Crisma será de seda branca, ou outros de seda vermelha.

Os pequenos vasos ministradores

[344]

Os pequenos vasos ministradores serão tantos quantos forem os vasos dos óleos sacros, distintos por inscrições, da mesma forma, de estanho ou de prata, mas não de vidro; serão muito pequenos, com capacidade menor de duas libras de óleo com uma única asa na parte de trás.

A tesoura³⁴³ para a sacra ordenação

[345]

As tesouras serão de ferro, douradas em alguns pontos e longas doze onças.

A pequena bandeja para vários ministérios Episcopais.

[346]

A pequena bandeja para uso dos vários ministérios Episcopais será de prata, com uma profunda concavidade, e terá um diâmetro de doze onças.

³⁴² No original “Coena Domini”, isto é, a *Ceia do Senhor*, celebrada na Quinta Feira Santa.

³⁴³ A tesoura servia para fazer a tonsura, isto é, o corte do cabelo, sinal que denotava a consagração do ministro a Deus. Esse corte era feito no alto da cabeça, como uma espécie de coroa, daí o termo na língua portuguesa “coroinha” para indicar os meninos que auxiliavam, fazendo as vezes dos ministros clérigos, os padres durante a Missa.

O Livro dos exorcismos.

[347]

Assim como os outros Livros eclesiásticos, o Livro dos Exorcismos será bem encadernado e encapado como foi prescrito para os outros volumes.

Os castiçais

[348]

Os candelabros, ou castiçais, serão de madeira, torneados artisticamente e decorosamente pintados à ouro ou de outras cores na parte superior, onde se infixa a vela. Serão circundados na parte superior por uma larga coroa de lâmina de ferro ou lata, com a borda revirada para o alto, para recolher as gotas que escorrem da vela.

O outro tipo de castiçal, que chamam de “cancellas”³⁴⁴, tenha a parte inferior de madeira torneada; na superior, seja dividido em quatro partes, adequado para acolher a vela e ornado como os outros.

Os apagadores

[349]

Os apagadores serão de lata fina, de base larga e redonda, terminando numa forma cônica; serão fixos em bastõezinhos, de modo que os ministros possam apagar mesmo as velas colocadas mais ao alto: façam-se alguns maiores e outros menores.

O lábaro ou estandarte

[350]

O estandarte do Santo padroeiro da cidade será mais insigne daquele do Santo protetor da paróquia, seja pela confecção, material e ornamentação, que pelo tamanho maior, e de forma quase quadrada.

O estandarte Paroquial (chamado com o termo eclesiástico de “siparum”³⁴⁵ ou “fanon”³⁴⁶) será de pano entrançado com ouro, ou prata, ou seda, e de sólida confecção. Terá o comprimento de três côvados e meio, e outro tanto de largura, de modo a ter forma quadrada. Desta forma, foi-nos transmitido por antigos testemunhos, era o insigne e augusto estandarte do Imperador Constantino, que os romanos chamavam de lábaro, bordado com uma cruz preciosa, cuja

³⁴⁴ Cancelos, provavelmente em função de sua forma.

³⁴⁵ Provavelmente corruptela do latim “supparum”: vela, bandeirola ou flâmula.

³⁴⁶ Neste caso, talvez a etimologia venha do alemão *Fahne*: tecido quadrado. Cf. PACI, Sara Piccolo. Op. cit., 276.

imagem apareceu no céu³⁴⁷. Portanto, onde as possibilidades da circunscrição Paroquial o permitirem, este será do material mais precioso possível.

A imagem do Santo ou da Santa com cujo nome a igreja Paroquial é chamada, será pintada, bordada ou tecida.

A cor do estandarte será aquela que for mais conveniente às qualidades da imagem do Santo ou da Santa, conforme o Rito da Igreja.

Será todo rodeado por franjas da mesma cor do estandarte, entremeadas com fios de ouro e de prata.

Será pendurado a uma haste de madeira bem sólida, com uma pequena cruz quadrada em seu topo.

A haste será mais comprida do que o estandarte em cerca de dois côvados, e será da mesma cor do próprio estandarte.

O estandarte que levam as mulheres nas rogações públicas como emblema da circunscrição Paroquial, será como aquele acima descrito, pelo material, forma e imagem. Contudo, seja comprido apenas um côvado, e tenha uma haste mais fina e mais curta, em cima da qual, igualmente estará fixa uma pequena cruz.

As matracas de madeira

[351]

As matracas de madeira que se usam “in tenebris” durante a Semana Santa serão de pequenas tábuas de nogueira ou de carvalho, com o comprimento de um côvado e meio e com a largura de um côvado. Terão em seu topo um cabo guarnecido com lâmina de ferro, e de uma e outro lado quatro ou cinco lâminas de bronze ou ferro ou, outras tantas esferas de madeira, penduradas por uma pequena corda, para que ressoem na percussão.

A cobertura do assento do sacerdote

[352]

A cobertura do assento sobre o qual se senta o sacerdote que celebra sacra Missa solene, será de pano de lã, ou, nas Basílicas mais insignes, de cetim de seda. Terá a largura e o

³⁴⁷ Referência ao famoso episódio da visão do Imperador Constantino. Segundo seu biógrafo, Eusébio de Cesareia, Constantino teria visto no céu uma imagem sobrenatural de uma cruz, sinal de sua vitória na batalha contra Maxêncio, às portas de Roma, na ponte Mílvia. O fato passou para a história por meio das famosas palavras *in hoc signo vinces* (por este signo vencerás) que no texto grego original de Eusébio soava *ἐν τούτῳ νικά*. Cf. EUSEBIO DE CESAREA, *Vida de Constantino*. Madrid: Gredos, 1994, p. 171.

comprimento de modo a cobrir também a parte posterior do assento, um pouco acima da cabeça do celebrante e chegará até quase o pavimento.

As cortinas

[353]

As cortinas para ornar a igreja, sejam de couro ou de lã, serão decoradas não com imagens profanas de homens ou animais, mas com figuras piedosas e religiosas que simbolizam os sacros mistérios e, em particular, aqueles referentes à vida de Cristo Senhor ou do Santo, com cujo nome a igreja, ou capela, são chamadas.

As estantes

[354]

Dois são os tipos de estantes: uma terá um colunelo de madeira ou de algum outro tipo de sustentáculo adequado à base, ou mesmo um armário para guardar os livros do coro; sobre tal sustentáculo haverá uma tábua larga e comprida tanto quanto baste para sustentar os livros abertos, em posição oblíqua. Poderá ter também duas faces, e, isto é, duas tábuas unidas na extremidade superior, de modo a oferecer espaço para dois livros; será de madeira de nogueira artisticamente trabalhada, ou de outra madeira, pintada ou dourada.

A outra será portátil e dupla, formada por barrotes longos e estreitos unidos na parte mediana, que se unem quando a estante é levantada e transportada; e se abrem, cruzados, quando é apoiada. Na parte superior serão unidos por um retângulo de couro, fixado em ambos elementos e sobre o qual pousam os livros.

Também esta estante deverá ser ornada e trabalhada artisticamente.

Do mesmo modo serão também as outras estantes, todavia não serão dobráveis, unidas na parte superior com pequenas travessas de madeira.

As coberturas das estantes serão ornamentadas nas duas extremidades com bandas de seda, com franjas longas três onças, mas mais curtas nos outros lados; terão um comprimento tal, a ponto de descer até o chão por ambos os lados, e uma largura pouco maior das próprias estantes.

Os Livros ou Volumes Eclesiásticos

[355]

Os Volumes para uso dos Ofícios divinos, como Breviários, Lecionários e os outros elencados precedentemente, terão os requisitos demonstrados acima para o Missal.

O conopeu

[356]

O conopeu do tabernáculo da Santíssima Eucaristia, nas igrejas de Rito Romano, será de seda tecida com ouro e prata, comumente chamada de brocado, ou de pano de prata ou de ouro, ou, pelo menos, de seda simples de cor branca. Nas igrejas de Rito Ambrosiano será do mesmo material, mas de cor vermelha. As suas medidas serão proporcionais ao tamanho do tabernáculo mor, de modo que resulte frisado na parte superior, e tenha no sentido da largura, franjas retorcidas muito ricas, num conjunto bem decoroso. Terá também, como é costume, nas suas extremidades um ornamento de franjas tecidas decorosamente.

O conopeu do batistério será de seda branca, ou, pelo menos (nas igrejas de modestas possibilidades) de linho fino, amplo e ornado como acima. Será pendurado e amarrado no topo do cibório, debaixo da cruz.

O pequeno tabernáculo³⁴⁸ da Santíssima Eucaristia

[357]

O pequeno tabernáculo para a Santíssima Eucaristia será de ouro ou de prata pura, dourado em algumas partes, ou pelo menos de latão perfeitamente dourado.

Terá a forma redonda, a altura aproximada de um côvado, ou maior, ou menor, em relação ao tabernáculo mor; com um tamanho tal a ponto de conter comodamente uma hóstia.

Deverá trazer em torno, pequenas colunas distanciadas igualmente entre si; estas bem ornadas, não deverão ser em número ímpar (para não impedir a visão da hóstia santa no lado ímpar), mas pares, isto é, quatro, ou seis, ou oito; se são oito, sejam colocadas aos pares.

Na parte superior das pequenas colunas, deverá ser colocado um ornato formado por um zoóforo coríntio (que chamam de friso) e por cornijas, de modo que sobre este se apoie o arremate do tabernáculo, semiesférico ou piramidal, com, na sua parte inferior duas fivelas ou ganchos com a função de prender o arremate com o zoóforo, e na parte superior uma pequena cruz quadrada ou a imagem de Cristo Senhor, crucificado ou ressurgindo.

O pé sobre o qual se apoia o pequeno tabernáculo, um pouco mais largo na circunferência em relação a este último, será hexagonal ou octogonal, de modo a resultar mais firme e decente.

Terá na sua parte mediana um nó decorosamente ornado, muito pouco saliente, para não causar incômodo ou ferir os dedos quando é manuseado.

³⁴⁸ Trata-se, como já acenado, com toda probabilidade do ostensório.

Na parte inferior do ostensório haverá uma lâmina redonda toda de prata dourada, de tamanho proporcional, ligeiramente elevada nas bordas, que constitua o fundo do próprio pequeno tabernáculo, e seja feita de modo a ser retirada se necessário.

Na parte superior de tal fundo, no meio, se fixará uma pequena luneta de ouro, ou pelo menos de prata dourada, dupla, a qual, segurada por um breve e fino sustentáculo, se eleve um pouco do fundo; as suas duas partes se distanciarão entre si tanto quanto a espessura de uma sacra hóstia, e serão feitas de modo que, mesmo sendo inseridas firmemente uma na outra no sustentáculo, possam ser separadas, de modo que se possam recolher eventuais fragmentos da sacra hóstia que tenham ficado nesse pequeno espaço intermediário.

Na parte inferior da lâmina do fundo, haverá um fino tubo transversal, através do qual se fará passar uma fina haste de prata com a função de conectar firmemente a lâmina ao pequeno tabernáculo.

Assim construído o tabernáculo, será necessário procurar um recipiente de forma cilíndrica, bem proporcional às medidas do próprio ostensório, fechado e de material resistente na parte superior; de cristal ou de vidro precioso transparente na parte inferior, a ser inserido entre as pequenas colunas do tabernáculo; nele se poderão ver as sacras hóstias.

A píxide

[358]

A píxide, que se usa para custodiar a Santíssima Eucaristia, deverá ser de ouro ou de prata pura dourada.

Se é de prata, e não dourada exteriormente, deverá ser dourada, pelo menos, no interior.

O seu pé, para poder ser facilmente e firmemente manuseado, terá a altura de seis onças.

Terá no meio um nó decorosamente ornado, mas não saliente, para evitar um segurar incômodo, ou que se firam os dedos, sobretudo quando, durante a sacra Missa, se distribui ao povo a Santíssima Eucaristia, e a píxide se segura na mão, com o índice e o polegar unidos. O recipiente, ou a copa, será de forma redonda ou oval, decentemente profunda, proporcional ao tamanho e, no fundo, no centro, terá uma ligeira saliência redonda.

Na parte superior da píxide haverá um orlo fino, ligeiramente proeminente em relação à borda, para apoiar por cima a tampa.

A tampa da píxide será, também esta, de forma redonda ou oval, e se elevará no meio em forma de pirâmide.

Nos dois lados tenha como que dois pequenos ganchos que se inserirão perfeitamente no círculo inferior.

Sobre a parte superior será fixada uma pequena cruz ou imagem de Cristo crucificado ou ressurgindo.

Onde não seja possível mais, por falta de meios, a juízo do Bispo, píxide e tampa poderão ser de latão ou de estanho dourado.

A bolsa da píxide

[359]

A bolsa em que é guardada a píxide quando a sacra Eucaristia é levada por lugares montanhosos, despenhadeiros ou por estradas difíceis será de veludo de seda de boa confecção; branca, se for de Rito Romano e vermelha, se for de Rito Ambrosiano; revestida internamente de pano de algodão da mesma cor. Será um pouco mais alta do que a píxide que ela contém.

Terá o fundo cosido solidamente, bem pregueado, não quadrado, mas redondo, à semelhança de uma rosa.

Na parte superior terá cordões de seda muito sólidos, inseridos em alguns furos de modo que, puxando-os, a abertura da bolsa se feche bem estreitamente. Os cordões serão longos de tal modo que, quando necessário, a bolsa da píxide possa ser pendurada ao pescoço.

Os véus da píxide

[360]

Os véus a serem usados para a píxide ou para o tabernáculo menor serão entrançados com ouro ou com prata, ou ainda mais louvável, totalmente de ouro ou de prata, circundados com franjas do mesmo material. As suas medidas serão aquelas prescritas acima para os cálices, ou mesmo maiores, conforme o tamanho da píxide.

Os véus maiores para transportar a Santíssima Eucaristia serão analogamente entrançados de ouro ou de prata, ou, se se quiser, todos de ouro ou de prata, largos tanto quanto o tecido e com o comprimento de seis côvados.

As umbelas

[361]

As umbelas, uma para cobrir a Sacra Eucaristia, a outra para uso das procissões mais solenes, serão de seda ou de tecido entrançado de ouro ou de prata. A umbela menos preciosa será de meia seda, ou pelo menos de “zambelloto”³⁴⁹.

Na parte superior serão recobertas de tela de algodão, e terão em redor um ornamento constituído por uma dupla faixa pendente, com cerca de doze onças de comprimento: a esta faixa serão costuradas de todo lado franjas com filamentos longos. Entre uma e outra faixa, será inserida uma haste, que, bem unida ao tecido estique bem os lados da umbela.

Nos cantos e nos lados da umbela serão dispostas hastes pintadas, com uma distância regular, em número de quatro ou mais, conforme o tamanho da umbela, para poder elevá-la e transportá-la.

As umbelas serão de cor vermelha para o Rito Ambrosiano e branca para o Rito Romano.

Uma terceira umbela, que se usa quando se transporta a Santíssima Eucaristia por trilhas e passagens estreitas, será de forma redonda, com um pequeno arremate, e com o diâmetro de aproximadamente três côvados; será rodeada por uma pequena faixa do mesmo material, com uma franja de fios pendurada em todo o seu redor.

Será sustentada por uma haste de cuja ponta superior, como um centro, partam raios de madeira que sustentem a umbela em toda parte.

Tal haste será flexionada no meio, de modo que, quando é sustentada por aquele que segue o sacerdote, se estenda amplamente sobre a cabeça deste último.

As lanternas

[362]

As lanternas para o transporte do Santíssimo Sacramento deverão ser quatro, de madeira dourada ou pintada, ou pelo menos de lâmina de ferro muito fina; haverá nelas janelinhas adequadamente dispostas, fechadas com uma lâmina de chifre transparente; por dentro haverá uma ponta de ferro para inserir as velas.

Para que sejam levadas ao alto, as lanternas serão fixadas em hastes do comprimento de quatro côvados.

Os candelabros mais curtos

[363]

³⁴⁹ Zambelloto, zambellotto, zambeloto: palavra italiana que designa o tecido grosso de seda ou de lã usado para confeccionar mantos. Parece que o nome derive de “cambellotto ou cammellotto”, originariamente um tecido grosseiro feito com pelos de camelo ou de cabra.

Os candelabros mais curtos, que podem ser usados para acompanhar a Sacra Eucaristia, deverão ser da mesma forma prescrita para aqueles mais compridos, mas terão dimensões menores, de modo a poderem ser levados à mão com as velas inseridas, se for necessário. Serão de cor vermelha ou branca, conforme se a igreja for de Rito Ambrosiano ou Romano.

As toalhas para a Sacra Comunhão

[364]

As toalhas com que se recobrem na igreja os escabelos alongados para a distribuição da Sacra Comunhão terão a largura de não menos de dois côvados, e o mesmo comprimento dos escabelos.

As tolhas menores e mais curtas que se usam com a mesma finalidade quando se administra a sacra Eucaristia na igreja ou aos doentes, serão de tecido puro e fino; terão o comprimento de três côvados e a largura de aproximadamente dois côvados; não terão franjas, mas um simples ornamento nas pontas externas, que convém serem ornadas.

Os escabelos alongados

[365]

Os escabelos que os fiéis usam na igreja para a Sacra Comunhão terão a altura aproximada de dois côvados e a largura de dezesseis onças, convenientemente trabalhados.

Os vasos para a purificação³⁵⁰

[366]

Os vasos para uso da purificação, se de prata ou de ouro, não deverão ter a forma de cálice; serão pelo menos de cristal, mas não deverão ser similares às taças de vinho.

Procurem-se jarros de estanho, bastante amplos para conter o vinho da purificação, e algumas jarras menores.

A cruz para se levar aos doentes

[367]

A cruz que se leva aos doentes será de ouro, ou de prata, ou de latão ou de madeira pintada e dourada. A imagem de Cristo Senhor, deverá ser representada sobre ela, de modo a excitar a piedade.

³⁵⁰ Eram taças com vinho não consagrado e que eram servidas aos fiéis logo após a comunhão, como uma forma respeitosa de purificar suas bocas após o contato com a hóstia divina.

*A tabela portátil da paz*³⁵¹

[368]

A tabela portátil da paz do tipo mais precioso, será de ouro ou de prata; aquela menos preciosa será de latão. Será embelezada por algum ornamento cinzelado, com motivos piedosos de decorosa e bela confecção. Terá a largura de oito onças, o comprimento aproximado de cerca doze onças e terá na parte de trás um cabo do mesmo metal.

A sobrepeliz

[369]

A sobrepeliz será de linho ou de cânhamo puro, não rústica, mas cândida; não grosseira, mas fina.

Terá mangas tão longas a ponto de, bem pregueadas, atingir a ponta dos dedos, isto é, terá cerca de dois côvados; elas terão uma amplitude, calculando a sua circunferência, aproximadamente de quatro côvados.

A abertura do pescoço será preferivelmente de forma redonda, do que quadrada, ampla tanto quanto a cabeça.

A parte da frente, no peito, não deverá apresentar cortes ou costuras.

A sobrepeliz será longa até abaixo os joelhos, ou melhor, até a metade da barriga da perna.

Na extremidade inferior, seja ampla aproximadamente em treze côvados, e na altura dos ombros, aproximadamente em oito côvados, de modo a aparecer decorosamente pregueada e bem confeccionada conforme a medida dos ombros e das proporções do corpo. Não terá em nenhuma parte ornamentos excessivos ou de afetada elegância, e sobretudo não levará ornamentos vistosos na altura dos ombros.

Os vasos que se guardam na sacristia

[370]

O vaso para uso de abençoar a água, não seja de argila, nem de terracota, mas de bronze, estanhado por dentro, com duas asas, uma boca larga e o fundo um pouco mais estreito do que a boca, mas não tanto a ponto de comprometer a estabilidade.

A bacia³⁵², e isto é, o vaso para lavar as mãos do sacerdote, e aquele menor para derramar a água quando se desenvolvem certos ministérios sacros que não sejam a sacra Missa, serão

³⁵¹ Uma imagem dessas tabelas de *pax*, pode ser encontrada em HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010, p. 67.

decentes na forma e de tamanho proporcional; serão de prata ou, pelo menos, de estanho precioso, com algum ornamento piedoso cinzelado ou adornado com baixo relevos.

As toalhas grandes (além daquelas que são penduradas na sacristia para enxugar as mãos fora do uso do altar) serão de tecido não grosseiro, e em toda parte, decorosamente ornadas, com franjas de fios nas extremidades. Terão o comprimento de três côvados e a largura do tecido.

*Os vasos dos Sacros Óleos na igreja Paroquial*³⁵³

[371]

Os vasos para os sacros óleos em uso na igreja *Paroquial*, serão de um tamanho proporcional ao número das igrejas cujos óleos são distribuídos.

Serão de prata ou, pelo menos, de estanho precioso, distintos entre si com inscrições, como se dirá abaixo, para distinguir cada óleo sacro.

Terão a forma de frasco³⁵⁴, com dupla tampa: uma a ser inserida na abertura do vaso e a outra para cobrir todo o pescoço do vaso; uma e outra se poderão rosquear obliquamente, de modo a impedir o derramamento do sacro óleo.

Haverá uma caixa para guardar e transportar tais vasos quando são levados à igreja Catedral para pegar o sacro óleo no tempo da Páscoa.

Esta será de madeira, dividida em três compartimentos, afim de que em cada um destes se insira um vaso com o seu chumaço de algodão.

Todavia, será decentemente revestida de couro, e por dentro será forrada de seda vermelha.

A sua tampa na parte superior não será plana, mas ligeiramente convexa.

Será fechada com uma chave e com uma fechadura de modo tal que, quando é transportada, aberta, para pegar os sacros óleos, o ministro da igreja Catedral, depois de ter entregue os óleos, possa fechá-la com uma pequena pressão do dedo sobre a parte superior; ademais, não poderá ser aberta por outra chave que não seja aquela guardada pelo pároco.

Os vasos dos sacros óleos na igreja Paroquial.

[372]

Os vasos, com os quais se guardam os sacros óleos na igreja Paroquial, se não podem ser de prata pela pobreza da igreja, serão de estanho puro e de qualidade preciosa, sempre perfeitamente limpos.

³⁵² No original latino “polubrum”, talvez de “pelluvium” (de *pelvis*, bacia), com significado de bacia para lavar as mãos.

³⁵³ Aqui é a *Pieve*, a igreja principal de uma região.

³⁵⁴ No original latino “phiala”, copo pouco fundo e largo, feito de metal.

Haverá três, de forma redonda, absolutamente iguais e feitos de modo que quando encostados entre si e unidos exibam a figura de um triângulo.

Existirá apenas uma cobertura, bem sólida, adequada a cobrir todos os três vasos contemporaneamente, e feita de modo que segure em toda parte uma pequena porção dos vasos, de modo que quando eles forem abertos, não se destaque, mas permaneça fixa numa parte, deixando aberta toda a caixa dos vasos.

Esta tampa, mesmo sendo uma peça única, será distinta em três divisões circulares, cada uma côncava por dentro de ligeiramente convexa do lado de fora (a concavidade serve para colocar o chumaço de algodão com o qual se cobre o óleo santo, quando este deve ser usado nos Sacramentos); por dentro e por fora de cada divisão haverá uma inscrição para distinguir um do outro, os vasos dos sacros óleos.

No primeiro vaso se conservará o sacro Crisma; no outro o óleo dos catecúmenos.

A tampa do vaso do sacro Crisma se esculpirão as letras: CHR; no outro caso do óleo dos catecúmenos, se esculpa: CATH.

No terceiro vaso se inserirá outro vasilho, menor, de prata, de estanho ou de salgueiro, com uma tampa. Nele se guardará o sal, e quando for necessário renovar o sal, se esvaziará o vasilho, evitando o perigo de derramar o sacro óleo ou de misturar a ele o sal.

Ademais, haverá uma caixa que chamam de “cotyla”³⁵⁵, de nogueira ou de outro material sólido, toda recoberta de couro, cuja tampa, também revestida de couro, será ornada por alguma decoração impressa e dourada.

Tanto a caixa quanto a tampa, serão forradas internamente com seda branca.

Ela será feita de modo a ser um pouco mais baixa que o vasilho, para poder ser aberta mais facilmente e sem que seja necessário colocá-lo de ponta cabeça.

A bolsa para guardar será confeccionada de seda branca: ela servirá nas localidades de montanha, onde seja dada pelo Bispo a faculdade de administrar o Batismo numa igreja diferente da Paroquial, por causa da excessiva distância.

O vasilho da Extrema Unção

[373]

O vasilho de sacro óleo da Extrema Unção, será de prata ou de estanho precioso e será mantido separado dos outros sacros óleos.

A sua tampa, ligeiramente côncava no centro, será fixada ao vaso de modo a não se destacar quando ele é aberto.

³⁵⁵ Provavelmente trata-se da “cotyla”, um recipiente usado antigamente como medida para líquidos.

A sua inscrição será: EXTR. UNC.

Também para guardar este vasilho se fará uma caixa como acima.

Haverá também uma bolsa de seda roxa, da mesma forma prescrita para o vaso do Crisma e do óleo dos catecúmenos.

Ela terá o fundo não de forma quadrada, mas redonda, como uma pequena rosa, e cordões, tão longos que o Pároco ou o sacerdote curador de almas a possam pendurar ao pescoço.

O vaso para transportar a Água Batismal

[374]

Haverá um vaso para transportar a água batismal, no Sábado Santo e na Vigília de Pentecostes, da igreja Catedral para cada Paróquia na cidade; da igreja Prepositural da freguesia àquelas paroquiais na Diocese.

Cada Pároco se procure um pequeno frasco de prata ou de estanho precioso, de boa confecção, e não o utilizem para nenhum outro fim.

Este frasco, com capacidade de duas ou três onças de água, terá uma tampa, presa com uma correntinha, que se possa afixar ao recipiente. Uma segunda correntinha, três onças mais alta mais alta do que a própria tampa, servirá para o transporte; será adicionada a esta correntinha um cordão de seda, para pendurar o conjunto ao pescoço do sacerdote durante o transporte.

O vaso no qual se guardam as sacras hóstias

[375]

O vaso preparado para guardar as sacras hóstias, guarnecido com tampa, será redondo e de prata, ou pelo menos, de madeira polida, bem torneada, ou de outro material decoroso, bem ornado e de boa confecção; por dentro será revestido de seda.

Terá a largura de quatro onças ou mais, de modo que as hóstias possam ser extraídas com comodidade.

Haverá outro vasilho menor para guardar as hóstias menores, do mesmo material e igualmente trabalhado e decorado; este terá um diâmetro de seis ou mais onças, de modo a poder conter mais ou menos uma quantidade de hóstias conforme a necessidade do lugar.

O vaso para o uso de lavar os cálices de os corporais

[376]

Haja um vaso equivalente a uma bacia, de latão ou de bronze, com dois cabos na medida de um côvado e oito onças ou mais, conforme a quantidade da alfaia da igreja, amplo e com um

bico alto; por este, como um canal, se derramará aos poucos a água no sacrário. O vaso deverá ser usado somente para lavar os cálices e os corporais.

As caixas dos corporais e dos sanguinhos

[377]

As caixas dos corporais serão de madeira preciosa e decorosamente ornada, revestidas por dentro de seda ou de linho fino; serão de forma quadrada. Igualmente devem ser as caixas dos sanguinhos, também estas polidas e forradas.

O tapete para uso do sacerdote que se reveste com as sacras vestes

[378]

Haja um tapete decente para cobrir o lugar da sacristia onde se reveste o sacerdote que está para celebrar.

Onde isto não seja possível, pela pobreza da igreja, haja um tabuado feito com uma altura de seis onças, a partir do pavimento; ele apresentará pequenas aberturas quadradas, com a largura de apenas três onças, para não machucar os pés do sacerdote.

As toalhas para enxugar as mãos

[379]

As toalhas em uso na sacristia para enxugar as mãos, feitas de pano adamascado, como dizem, serão tão largas quanto o pano e longas oito côvados, mais ou menos, conforme a altura onde são penduradas.

As toalhas serão estendidas num apoio de madeira torneada, colocado no alto, e que possa girar sobre si, num eixo de ferro que lhe passa por dentro.

As extremidades das toalhas chegarão à altura de um homem em pé e serão amarradas entre si por cordões, de modo que possam escorrer em volta do apoio de madeira torneada.

As tabelas que se penduram na sacristia

[380]

As variadas e múltiplas tabelas, acima prescritas, que se penduram na sacristia, não serão de carvalho ou de nogueira, ou de outra madeira escura, mas de abeto ou de outra madeira clara, para não obscurecer as folhas escritas que sobre estes se colarão, pois assim, graças à cor clara da madeira, serão mais claras.

Tais tabelas serão ornadas em volta por cornijas bem polidas ou habilmente pintadas, ou mesmo douradas, conforme a importância das folhas que serão fixadas nas tabelas.

A alfaia dos Ofícios Fúnebres

[381]

Os catafalcos, chamados de tumbas, que se usam nos Ofícios dos mortos, podem ser arqueados ou na forma de ponta.

O tapete do catafalco, isto é, aquele que se estende por baixo, para cobrir a base, será, pelo menos, de pano de lã de cor preta.

Também a base se pintará de preto, com cruzes e cabeças brancas de mortos³⁵⁶.

Haja uma cobertura para o cadáver ou o catafalco; a do catafalco será sem cruz, a do cadáver terá no meio uma cruz branca. Ambas coberturas serão negras e, a menos que se prefiram mais preciosas, serão de veludo de seda, ou, pelo menos, de pano de lã.

As cruzes do catafalco

[382]

As cruzes do catafalco serão, pelo menos, de latão, ou de madeira bem pintada.

Para mantê-las retas, serão inseridas em bases de mármore, ou, pelo menos, de madeira, com um furo no centro, no qual se introduz a haste da Cruz.

Elas, no braço transversal, terão a largura de dois côvados, o mesmo comprimento [na parte superior], excetuando-se a parte inferior do cabo.

Os candelabros do catafalco

[383]

Os candelabros do catafalco serão de ferro, com dois côvados e meio de altura, e colocados sobre uma base bem firme, com forma de trípode, ou de outro tipo ainda mais firme, para que não caiam por causa da altura ou do peso das velas.

Na parte superior terão uma coroa de lâmina férrea, com a borda virada para cima, para recolher a cera que escorre.

Acima desta coroa, haverá uma ponta de ferro saliente, infixa na parte central, sobre a qual se inserirá um pequeno recipiente onde se colocará a vela.

As outras alfaias instrumentais

³⁵⁶ Literalmente, conforme o original. O autor entende dizer aqui “crânios” humanos.

[384]

O trípode para queimar o incenso durante a Missa e as Vésperas Solenes, será formado por um prato ou por um braseiro, no qual se mantém o fogo aceso ou as brasas; será de ferro ou de latão.

Junto ao trípode se unirá uma colher com o cabo curvado e um par de tenazes para pegar as brasas.

Os vasos nos quais se guardam os óleos para a lâmpadas serão de pedra ou, pelo menos, de madeira de carvalho, com tampas bem adequadas.

O vaso ou “guttus” do óleo, no qual se derrama o óleo dos vasos, será de estanho, ou pelo menos de uma fina folha de ferro, com a boca bastante larga, em cuja parte haverá um bico, através do qual, ao curvar um pouco o recipiente, o óleo se derrame nas lâmpadas.

Haverá um funil para derramar o óleo dos vasos de pedra ou de carvalho no “guttus”; terá um cabo recurvado de modo que possa ser pendurado.

CAPÍTULO QUE SE REFERE AOS DOIS LIVROS DESTAS INSTRUÇÕES [CONCLUSÃO]

[385]

Compusemos e publicamos estes dois livros sobre a fábrica interna e externa da igreja e sobre os critérios e forma da alfaia eclesiástica em uso na Nossa Província.

Como foi sancionado pelos decretos Provinciais, porém, na construção, reconstrução ou restauro de toda igreja, capela, altar ou outro edifício eclesiástico, em todo ornamento eclesiástico, em todo aparato, critério e forma da alfaia, demonstrados e definidos por estas Instruções, se buscará da parte daqueles a quem interessa o parecer, o conselho e o consenso do seu Bispo, para que, pelo seu julgamento seja dirigidas todas as questões pertinentes ao culto divino; o Bispo todavia cuide para que, por quanto estiver em seu poder, as questões contempladas nestes dois livros se conformem às prescrições destas Nossas Instruções.

Porque as várias prescrições contidas neste e no precedente livro não poderão ser talvez atuadas por causa dos gastos ou por outras dificuldades, em cada igreja, todas, imediata e contemporaneamente, o próprio Bispo, conforme seu discernimento, escolha e estabeleça quais sejam as mais necessárias, e aquelas a serem atuadas em primeiro lugar e as outras a serem colocadas em segundo lugar, e, finalmente, quais que devem ser colocadas em último lugar, conforme as exigências das igrejas e das oportunidades, seja as que digam respeito à fábrica, à forma e ao uso da alfaia, de modo que, ao final, por quanto seja possível, toda igreja, capela, altar e também cada uma de suas partes sejam construídas, reconstruídas, instituídas, ornadas segundo as prescrições destas Instruções.

ANEXO II

CAROLUS BORROMEUS INSTRUCTIONES FABRICAE ET SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE

LIBRI II

CAROLUS S. R. E. CARDINALIS TITULI S. PRAXEDIS, ARCHIEPISCOPUS S.
ECCLESIAE MEDIOLANENSIS, CLERO POPULOQUE PROVINCIAE NOSTRAE
SALUTEM IN DOMINO.

Ex decreto, in concilio provinciali III per Nos edito, has et fabricae et supellectilis ecclesiasticae Instructiones in lucem damus; in quibus sane cum de sacris aedibus, cappellis, altaribus, oratoriis, baptisteriis, sacrariis, ceterisque id generis extruendis, tum de vestibus etiam sacris, ornamentis, vasibus, alioque ecclesiastico apparatu conficiendo, ea potissimum praescripsimus, quae provinciae nostrae ecclesiarum frequentiori usui et ornatui opportuna atque accommodata vidimus. Illas autem tum multiplices ecclesiasticae aedificationes formas, tum eius item partes atque ornamentorum species varias, quae praesertim in Nostra hac Provincia vel raro fortasse in usum cadent, vel certe architectonicae artis professorum iudicium consiliumve necessario requirent, tum immensum praeterea illum pretiosae supellectilis apparatus, consulto praetermisimus. Cum enim in Provinciali illa Synodo de Coepiscoporum Nostrorum consilio opus hoc Nostra cura conficiendum statuerimus: illud tantum spectavimus, ut et aedificii et ornatus et apparatus ecclesiastici norma et forma certa, cum rationibusque Patrum convenienti, per Nos commonstrata, Provinciales Nostra eo

de genere Constitutiones ac decreta in executionis usum induci sedulo curaremus; et ecclesiarum simul omnium, praecipueque Parochialium, splendori et cultui in posterum prospiceremus. Atque sicut quidem opus hoc porrum necessarium arbitrati sumus, ita multis partibus illud implicitum et difficile a Nobis desiderare perspeximus tum diuturniorem diligentiam, tum otium plurimum; quo si alias caruimus, occupationibus Archiepiscopalibus varie distenti, certe his temporibus máxime: quibus, pro eo sane quod debemus, necesse habuimus, Nostri gregis, pestiferae contagionis morbo laborantis, saluti perpetuo invigilare succurrereque omni paternae sollicitudinis officio. Erat igitur cur, si omnia complecti voluissemus, Instructionum harum Nostrarum editionem in aliud tempus longiusque differremus; sed cum superiores causae, tum in primis debitum studium executionis et Provincialium Nostrarum Constitutionum et Apostolicae Visitationis Nos eo plane impulerunt, ut ne rem, illarum Constitutionum decretorumque executioni necessariam, diutius prorogaremus; cum scilicet et altarium et baptisterii et aliarum ecclesiae partium exaedificationes, et supellectilis apparatus, illis ipsis decretis fieri praestare oporteat pro ratione formae his Nostris Instructionibus demonstratae. Quamobrem eas in lucem edimus: in quibus complexi sumus, ut mox narravimus, quae Provinciae Nostrae usui potiora ac frequentiora animadvertimus. Ad cetera vero, multa illa quidem, quae ab architectonicae artis scriptoribus sapienter, copiose utiliterque tractata, ad augustissimam eam sacrarum Basilicarum et ad ecclesiasticae omnis aedificationis splendorem pertinent, ut peritorum architectorum consilium adhiberi oportere censemus, sic in iis ipsis antiquam illam, ab Apostolicis usque temporibus excitatam, fidelium pietatem ac religionem, quae in iis aedium sacrarum extructionibus, in admirandoque sacrae supellectilis apparatu praeclare eluxit, imitandam proponimus. Porro ingens olim extitit ecclesiarum et structura et multitudo, ut vestigia indicant, quae his temporibus cernuntur; ingens praeterea pretiosaque admodum sacrarum indumentorum et vasorum copia. Calices, candelabra et cetera eius generis permulta, usui ecclesiastico dicata, aurea atque argentea, tum vestimenta, vel inaurata, vel auro, argento intacta omnemque denique ecclesiasticam supellectilem, non modo Romae, Hierosolymis, Constantinopoli; sed, quod ad nostram pietatem inflammandam plurimum roboris habere debet, Mediolani tanti fuisse accepimus, ut inde pater patronusque noster, sanctissimus Ambrosius, satis habuerit, quo aliquando in

summa urgentique necessitate vel captivos redimeret, vel pauperes aleret. Libros item, codicesque sacros inauratos et purpura byssoque vestitos, et auro, argento caelatos, ac nonnullos aureis, argenteis litteris, iisque uncialibus, scriptos olim fuisse, ab sancto Hieronymo memoriae proditum est. Antiquae igitur huius pietatis religiosaeque liberalitatis, omni perpetua imitatione dignae, exemplis non solum externis, verum domesticis vos excitati, quaecumque Nostris his Instructionibus de fabrica supellectilique ecclesiastica praefinivimus, quo plura olim longeque maiora eo ipso de genere praestita esse cernitis, eo libentius promptiusque suscipite; atque usque adeo exequimini, ut et Nos vestrum istud pietatis studium in Domino commendemus, et a Deo, bonorum omnium remuneratore, vos uberrimum et sempiternum inde praemium capiatis. Valete.

INSTRUCTIONUM LIBER I

CAPUT I.

DE SITU ECCLESIAE

[1]

Ecclesia cum aedificanda est, primum Episcopi iudicio et de architecti, quem his adhibuerit probavit, consilio locus huic aedificationi accommodatior eligi debet. Qua in re valde spectetur, ut, ubicumque illa extruatur, loco editiori aliquanto fiat. Si vero, ubi extruenda est, loci positura plana omnino tota sit, deligatur saltem in ea situs, qui ita extet, ut, exstructa ecclesia, tribus aut ad summum quinque gradibus ad eam ascendatur. Sin autem ne hoc quidem loci natura patiatur, cum partem nullam sic extantem pauloque eminentiorem habeat; id subsidii comparetur structura basium ecclesiae: quae, in altum ductae, naturalem illam loci planitiem ita superent, ut ad ecclesiae pavementum illis tribus vel quinque gradibus ascendatur. In situ praeterea deligendo ea etiam cautio adhibenda est; ut, et quo maiori in veneratione ecclesia habeatur, et, quoad eius fieri potest, ab omni strepitu, unde divinorum Officiorum interturbatio existit, longius absit; illius positura loco sit, qui ab omni luto, coeno, spurcitia, ab omni sordium genere, a stabulis, caulis, cauponis, officinis ferrariis, emporiis, atque ab omni foro venalitia procul distet; ac ne e regione quique istiusmodi prope sit. Cautio item sit, ut situs eiusmodi quaeratur, ubi ecclesia exaedificari queat,

insulae instar; nempe ab aliarum aedium parietibus intervallo aliquot passuum, ut infra loco de platea demonstratur, disiuncta ac separata, quemadmodum antiqui instituti est, ratioque certe postulat. Id vero, cum ubique, tum in pagis locisque, ubi aedificia crebra non sunt, commodius agi poterit.

De vicinitate et coniunctione aedium ecclesiasticarum cum situ ecclesiae

[2]

At illud tamen ab ecclesiasticae aedificationis ratione alienum non est, ut ab aliquo latere domicilia ministrorum ecclesiae, praesertim vero Episcopalia Canonicalia et Parochialia sint; non illa quidem habitationis aedificio parietibus ecclesiae inhaerentia, sed muris per illud areae distantiaeve spacium ductis coniuncta, sacrarumque aedium situi vicina, ut Concilii Carthaginensis canone ob cautum est. Ministrorum autem qui custodes sacristaeve dicuntur, habitatio, ut res ecclesiasticae, eorum fidei commissae, ab omni sacrilegii furti incendiive periculo tutiores sint, ecclesiae aut sacristiae adiuncta, locove eiusdem sacristiae superiori, ut in nonnullis ecclesiis est, extrui potest. Qua in extructionem haec videnda sunt. Primo, ut huius habitationis structura ne ecclesiae prospectus impediatur aut offendatur, neve ecclesiae fenestris luminibusve obstruatur, aut impedimentum afferatur. Deinde ut ne eiusdem habitationis prospectus ullus aut fenestra fiat, unde in ecclesiam introspectetur. Praeterea ianua ne sit, qua iter aditusve per ecclesiam patefiat ad quotidianum privatumque rerum domesticarum importandarum exportandarumve usum; sed qua tantum ad divina Officia, et munera sua obeunda ab illis in ecclesiam conveniatur.

De area ecclesiae

[3]

Ponenda praeterae cura est ut ne loco humido uliginosove area ecclesiae deligatur; nec vero prope colles aut declivia loca, quo aut torrens, aut alia aquae vis forte defluens, detrimentum aedificio afferre possit. Si quando tamen in clivio aedificari necesse est, ibi hominum opera planities fiat, quae respondeat magnitudini futurae ecclesiae: a cuius tergo latereve spacium itidem planum cubitorum duodecim et amplius, pro aedificii ratione, intersit ad excisam praeruptamve rupem; haecque etiam firmo pariete muniatur,

effossis praeterea hinc inde canalibus, per quos aqua, interdum confluens, alio derivetur.

De amplitudine situs ecclesiae

[4]

Situs praeterea ecclesiae amplitudo ita patens esse debet, ut non solum multitudinem populi locum incolentis, ubi ecclesiae, vel parochialis, vel collegiatae, vel cathedralis, aedificatio futura est, sed frequentiam etiam hominum, interdum ad solemnitates confluentium, capere queat. Qua in re ratio illa negligenda non est, ut unicuique homini tantum spatii esse possit, quanta est ab omni parte mensura unius cubiti et unciae octo; idque praeter spatium quod columnae pilae ac parietes capiunt.

CAPUT II.

DE ECCLESIAE FORMA

[5]

Atque haec quidem breviter de ecclesiae situ: sequitur illius exaedificandae forma. Quae cum multiplex esse possit, ad eam sane deligendam, pro situs ratione proque aedificationis amplitudine, architecti periti consilium Episcopus adhibere debebit. At vero illa huius aedificii ratio, iam inde ab apostolicis fere usque temporibus ducta, potior est quae crucis formam exhibet, ut plane ex sacris basilicis Romanis maioribus, ad eum modum extructis, perspicitur. Illa porro aedificii rotundi species olim idolorum templis in usu fuit, sed minus usitata in populo christiano. Ecclesia igitur omnis, ac illa praesertim, quae insignem structurae speciem requirit, ita exaedificanda potius erit, ut crucis instar sit: quae cum multiplex, tum oblonga esse potest; haec in frequentiori usu, reliquae minus usitatae sunt. Ea igitur, quae crucis oblongae similitudinem prae se fert, aedificatio, ubi potest, in omni ecclesia, vel cathedrali, vel collegiata, vel parochiali, quae extruenda est, servetur. Ubi vero situs, de consilio architecti, aliam potius quam longam aedificii formam postulat, ad illius praescriptum modum, Episcopi iudicio comprobatum, eiusmodi structura ecclesiae fieri poterit.

De modo ecclesiae aedificandae instar crucis.

[6]

Haecque ipsa ecclesia, sive unam tantum, sive tres, sive quinque, ut dicunt, naves habitura est, crucis instar, cum alia multiplici ratione et modo, tum hoc uno constare potest, extructis scilicet extra cappellae maioris ingressum duabus ab utroque latere cappellis; quae ad brachiorum similitudinem productae, a toto ecclesiae aedificio pro amplitudine extent, ac foris aliquantulum, pro architecturae ratione, promineant.

CAPUT III.

DE PARIETIBUS EXTERIORIBUS ET FRONTISPICIO

[7]

Reliqua autem, quae ad structurae genus, ad parietes bene materiatis eorumque firmitudinem, incrustationem, tectoriumve opus, aliaque id generis attinent, pro ecclesiae exaedificandae modo proque regionis locive conditione, iudicio Episcopi ac de architecti consilio diligentius statuentur. Illa tamen ratio in parietibus extrinsecus habeatur, ut qui a latere et a tergo sunt, in iis nulla imago exprimatur; qui a fronte, eo decentiorem augustioremque aspectum prae se ferent, quo sacris imaginibus picturisve sacram historiam exprimentibus ornatiores erunt. In frontispicii igitur pio ornatu, pro structurae ecclesiasticae ratione proque aedificii magnitudine, architectus videat, ut cum nihil prophani appareat, tum rursus splendide pro facultatibus exprimatur, quod loci sanctitati conveniat. Illud vero praeter caetera adhibeatur, ut in uniuscuiusque ecclesiae, praesertim parochialis, frontispicio, a superiori scilicet parte ostii maioris, extrinsecus pingatur aut sculpatur decore religioseque imago beatissimae Mariae Virginis, Iesum filium in complexu habentis; a cuius latere dextero exprimatur effigies sancti sanctaeve, cuius nomine illa ecclesia nuncupatur; a sinistro alia item sancti vel sanctae, cui prae caeteris parochiae illius populus venerationem tribuit, aut saltem, si totum id triplicis imaginis opus fieri non potest, sancti sanctaeve solius tantum figura fiat, cuius nomine ipsa ecclesia appellatur. Quod si vel annunciationis, vel assumptionis, vel nativitatis Sanctae Mariae titulum diemve festum ea ecclesia habet, beatissimae Virginis effigies exprimatur, quae mysterii rationi conveniat. Ut vero a pluvia ei temporis iniuria perpetuo defendatur, id structurae opere solerter prospicere architecti erit. Caetera porro, quae aut sculpturae, aut picturae opere, aliisque gravibus ac modestis ornamentis, frontispicii

ecclesiae maiestatem augustam religiosamque reddunt, Episcopus, architecto etiam, si opus est, adhibito, viderit, prout ecclesiasticae aedificationis, quae struetur, ratio poscet.

CAPUT IIII.

DE ATRIO, PORTICU ET VESTIBULO

[8]

Atrium praeterea in fronte sacrae aedis pro areae ratione proque aedificii ecclesiastici structura fiet, de architecti consilio, intus ab omni parte porticibus cinctum alioque decenti architecturae opere ornatum. Si vero prae situs angustia, aut prae tenui censu, id exaedificari non potest, porticus saltem a fronte itidem extruenda curetur. Quae porticus, columnis marmoreis, aut pilis lapideis latericiisve erecta, longitudine omnino ecclesiae latitudinem adaequet. Lata autem, atque alta ita esse debet, ut longitudinis suae rationi recte convenienterque respondeat. Hac forma in unaquaque ecclesia parochiali porticum extare conveniens erit. Si per inopiam ne id quidem praestari potest, hoc saltem prorsus curetur, ut ante ianuam maiorem vestibulum eiusmodi extruatur, quod duabus tantum columnis vel pilis, aliquantulum ab ea distantibus, exaedificatum forma quadrata sit; tantumque spacii habeat, ut paulo latius, quam ecclesiae ianua, pateat.

CAPUT V.

DE TECTO

[9]

Et quoniam tecti magna est habenda ratio, propterea quod omne aedificium tueatur, si quidem, eo sublato aut male confecto, putrescit materies, labascunt parietes omnisque sensim dissolvitur structura; certe in ecclesia tegenda, quae sacris imaginibus omnique pio ornatu et religioso apparatu ad perpetuitatem extruitur, diligens ac singularis industria requiritur architecti. Qui, quamcumque tecti, vel displuviati, vel testudinati, vel laqueati, formam pro aedificii ratione delegerit, videat in primis, ut et materia lignea fabrilis, nempe tigna, canterii, templa, asseres et alia id generis, ex quibus illud constat, et contignatio omnis bene firma sit. Tegendi aulem tecti ratio, cum et pro regionum usu et pro aedificiorum modo diversa sit, ipse viderit, quae ecclesiae extructioni sit

accommodatior. In ecclesiarum autem, quae insigni structura exaedificantur et ampio censu sunt, tectis operiendis tegulas, si minus aereas, ut olim, at saltem plumbeas adhiberi conveniet. Laqueata tecta in ecclesiis construi, cum basilicarum quarundam Romanarum usus docet, tum mysterii significatio suadet; fornicata tamen fieri non alienum erit pro locorum consuetudine, quo tutiora ab incendio aedificia sint, qualia sane fornicato opere tecta in basilicis urbis et provinciae Mediolanensis insignibus atque antiquis cernuntur. Cautio vero in eo adhibenda erit, ut tecti proiectura eiusmodi fiat, qua stillicidia ab imis parietibus arceantur, proculve sint; idque apte ac decenter, prout certo structurae opere potest, fieri architecti cura erit. Ne item suggrundiis ob stillationem diuturnam detrimentum parietes aliquando capiant, eorum fundamenta, ubi primum e terra extare incipiunt, pavimentis lithostratis, bene consolidatis, suggrunda latius aliquando productis, sternantur; tum vero terra congesta inde procul perpetuo amota sit. Ne praeterea iidem possint per pluviam stillicidiis penetrari, si fortasse aliquando tegulae imbricesve corrupti fuerint, in illorum summitate, quae tecti trabibus subiacebit, structura loricave testacea cum coronis prominentibus adhibeatur, quae tecti etiam proiecturam adiuvabit.

CAPUT VI.

DE PAVIMENTO

[10]

Atque hactenus quidem de tecto; nunc sequitur pavimentum, quod in ecclesia non spicatum, non e laterculis coctilibus, non alio latericio opere, nisi vitriato sit, sed in insigni saltem ecclesia cappellisque maioribus, et aliis praeclarae structurae, marmore aliove solido lapide stratum sit, opere item tessellato, aut scutulato, polite confecto, aut musivo item. In aliis vero ecclesiis et cappellis, ubi hoc non potest, silicibus expolitis vel opere testaceo confectum. In pavimento, qualequale illud sit, neque pictura neque sculptura crux exprimatur; nec vero praeterea alia sacra imago historiave, ac ne alia item, quae sacri mysterii typum gerat.

CAPUT VII.

DE OSTIS

[11]

De ostiis et antepagmentis sacrarum aedium multa a sapientibus architectis praescripta sunt, quae pro ecclesiae aedificandae ratione proque structurae modo servari accuratius debent. Illud vero caveatur, ut a superiori parte ne illa arcuata sint, cum a portis urbium dissimilia esse debeant, sed quadrangula, qualia in basilicis antiquioribus conspiciuntur. Nec vero humili structura depressiora sint, sed duplo altiora, ut architecturae ratio fert, quam latitudo patet. Superiori parti coronix decenti opere adiungi potest, e qua rotundum, instar hemicycli et scaphae, emineat; ubi sacrae imagines, ut supra praescriptum est, sculpantur aut pingantur, ut in antiquis iisque insignioribus basilicis Mediolanensibus perspicitur. A fronte ecclesiae ostia extruantur; imparia vero sint, ac plane totidem, quot naves, e quibus ecclesia constat. Media autem navis, si e pluribus navibus ecclesia constet, tria ostia, ubi prae amplitudine potest, a fronte habeat; si vero ex una tantum, haec omnino ostia tria a fronte habeat; nam pluribus ostiis, cum ob alia multa, tum ob virorum mulierumque distinctionem, ad ecclesias ingressum patefieri debere indicant basilicae Romanae. Ostium medium a caeteris et laxamento et ornatu praecipue distingui debet, praesertim in basilica cathedrali; ubi illud sculptura leonum exornari decet exemplo templi Salomonis, qui in basibus illos sculpi iussit, ut praesulum indicaret vigilantiam; idipsumque in complurium huius Mediolanensis provinciae basilicarum cathedralium ianuis ita extructis praeclare cernitur. Ostiorum ecclesiae valvae eiusmodi esse debent, quae non tam ornatum, quam firmitudinem ostentent. Porro e cypresso aut cedro fieri conveniens esset; si minus, e nuce, ubi potest, fiant, opere fabрили ornatae, quod non picturae tenuitatem imitetur, sed sculptura pie expressum aliquantisper emineat; laminis autem aeneis illas, quae insignioris ecclesiae sunt, vestiri, opereque sacrarum imaginum caelato ornari convenientius erit, cum basilicarum Romanarum valvas non modo aeneas, sed argenteas argentove illitas aliquando extitisse, memoriae proditum sit. Hae ostiales valvae et pessulis et seris et clavibus grandiusculis a parte interiori firmiter munitae sint; ab exteriori autem parte nullo modo. Ubi vero id aliquando fieri necesse sit, in unius tantum ianuae, quae a latere maioris ianuae est, valvis ostiolum parvulum extrui liceat, iisdem instrumentis extrinsecus munitum firmiterque compactum. A tergo autem, nec vero praeterea a

lateribus ullum ecclesiae ostium extruatur, nisi quo ingressum fieri necesse est, vel ad sacristiam, vel ad campanile, vel ad coemiterium, vel ad ministrorum ecclesiae domicilia. Neque item prope altare ullum, vel e regione eius laterali, aliove eiusmodi loco, qui illud recta spectet, indeque sacris altaris ministeriis aut impedimenti, aut irreverentiae perturbationisve periculum aliquando existere possit.

CAPUT VIII.

DE FENESTRIS

[12]

Haec de ostiis satis sint, cum alia multa architecti periti iudicio relinquantur. Superest de fenestris, quae pro ratione architecturae, proque modo et magnitudine aedificii in ecclesiis et in cappellis struentur. Neque est, cur de earum longitudine ac latitudine quicquam, aut de forma hoc loco multa tradantur, cum potius ab architectonica arte huius generis praeceptio sumenda sit. Ea autem in sacrarum aedium fenestris forma vel plurimum servata est, ut a parte superiori paululum rotundae, a lateribus aliquanto intrinsecus latiores appareant quam extrinsecus, prout etiam mysterii ratio, a patribus demonstrata, suadet. In media ecclesiae navi, ubi per tecti eminentioris altitudinem potest, tum in navibus etiam inferioribus, laterales fenestrae fient, eaeque impares ab utroque latere, atque in uniuscuiusque intercolumnii medio ita ordine extructae, ut recta sibi respondeant, neque a zophoro epistyliove tecti valde distent. Unde vero lumen praecipue ecclesia et cappella maior excipiat, fenestra orbicularis, ampia pro modo ecclesiae, instar oculi, a fronte supra ostium maius exaedificetur, atque extrinsecus ornetur pro structurae modo. In aliis navibus a frontispicio item fiant forma oblonga, architecti iudicio. Verum, lumen etiam excipi potest, ad cappellae et ecclesiae usum, e tholo, ex umbilico scilicet fastigiatae fornicis, lanternis undique factis. In cappella maiori, ac praeterea in singulis minoribus, pro earum magnitudine, ac modo ab utroque latere, eae item fiant, ut utrinque lux praebeatur. Si vero a lateribus lumen excipi nullo modo potest, neque satis est quod ab orbiculari aliisve frontispicii fenestris imbibitur, quodve aliunde excipitur, e pariete, qui a tergo cappellae est, recipiatur. Cautio autem adhibeatur, ut, nullam altaris cuiusvis partem, ne minimam quidem, fenestrae posterioris parietis occupent; tum maxime, ne altare, quod eidem parieti prope sit, recta spectent,

aut ullo sane modo supra altare sint. Ceterum si aliunde lumen commode et decenter sumi non potest, tunc fenestra, quae necessario supra altare extruenda est, ab ima parte paulo acclivius foras prominens, opere testaceo aut tabula solida marmorea aereave strata, eiusmodi sit, ut aqua foras omnino defluat; intro vero ne gutta quidem penetret. Cautio item sit, ut, si montoso aliove loco, ubi ventorum vis maxima esse soleat, ecclesiam exaedificari contigerit, ita fenestrae undique, a septemtrione praesertim, architecturae rationibus fiant, ut a nulla parte ecclesiae detrimentum, neque periculum sacris ministeriis, neque incommodum fidelibus orantibus existat. Fenestrae omnino alte, atque ita extruantur, ut inde, qui foris stat, introspicere non possit. Ubi autem necessario fenestra minus alta, quam praescribitur, aliquando extruatur necesse esset, quod facile usu veniet in veteribus ecclesiis resarciendis, ea muniatur vitreis valvis, quae nullo modo aperiri possint, ne introspectetur. Fenestrae autem omnes, qualesquales sint, clatris ferreis, ubi potest, muniantur, adiuncto etiam opere vitreo et pellucido, neque ulla ex parte picto, nisi imagine tantum sancti, cuius nomine ecclesia cappellave nuncupatur, ut lumen illustrius, ad illius cappellae ecclesiaeve usum, excipiat. Sint item extrinsecus filis aereis instar retis undique septae. Quae operis vitrei saepimentive exstructio ornatiores esse potest, pro aedificii modo. In ecclesiis autem, quibus ob inopiam vitreo opere confici non possunt, sint opere saltem telae instructae. At e quocunque genere opereve sint, eiusmodi tamen esse debent, ut aperiri aut amoveri aliquando possint ad omnis vaporis, in ecclesiae cappellaeve ambitu conclusi, exhalationes.

CAPUT IX.

DE ECCLESIAE SCALA ET GRADIBUS

[13]

Iam vero est, ut de ecclesiae scala et gradibus aliqua instructio fiat, cura ad illam, editiori loco exaedificatam, ascendi necesse sit. Si igitur loci situs, ubi ecclesia extruenda est, ita e planitie eminet, ut scala, quae pluribus gradibus constet, opus sit, tunc illa, pro ecclesiae modo late patens, e marmore aut e solido saltem lapide struatur, gradibus totidem, quot ad ascendendi usum commoditatemque necessarii sunt. Qua in re videndum est, ut illi et numero impares existant, et quinto tertiove quoque gradu planum

fiat, quod pro ascensus ratione cubitis circiter tribus congruenter pateat. Si vero prae ascensus altitudine ordines graduum plures statui oporteat, haec etiam ratio habenda est, ut illi quoque numero impares extent. Gradus autem singuli altitudine sint unciarum octo, latitudine circiter cubitali, aut paulo ampliori pro structurae genere.

CAPUT X.

DE CAPPELLA MAIORI

[14]

Nunc vero, quoniam quae exposita sunt omnia fere ad exteriorem ecclesiae fabricam pertinent, sequitur, ut de interiori dicatur. Ac primo quidem loco de cappella et altari maiori. Situs igitur huius cappellae in capite ecclesiae, loco eminentiori, e cuius regione ianua primaria sit, deligi debet; eius pars posterior in orientem versus recta spectet, etiam si a tergo illius domicilia populi sint. Nec vero ad solstitialem, sed ad aequinoctialem orientem omnino vergat. Si vero positio eiusmodi esse nullo modo potest, episcopi iudicio, facultateque ab eo impetrata, ad aliam partem illius exaedificatio verti poterit; tuncque id saltem curetur, ut ne ad septemtrionem, sed ad meridiem versus, si fieri potest, plane spectet. Porro ad occidentem versus illa extruenda erit, ubi pro ritu ecclesiae a sacerdote, versa ad populum facie, Missae sacrum in altari maiori fieri solet. Cappella haec fornicata sit; musivo praeterea opere, aut alia illustri picturae structuraeve specie, pro ecclesiae, quae aedificatur, ratione ac dignitate, decore ornata. Eius pavementum extruatur, ecclesiae solo altius pro situ loci proque ratione item ecclesiae: quae si parochialis est, altius unciis octo ad minimum, aut cubito uno ad summum; si collegiata vel cathedralis, aut certe parochialis insignis, haec altitudo ne minor sit cubito, nec vero maior cubito itidem, et unciis praeterea sexdecim. Ubi vero in cappella maiori locus subest, quae *confessio* dicitur, ad illius loci altitudinem, huius pavimenti, altius extruendi, ratio apte et decenter referatur. Gradus ad cappellae maioris ascensum e marmore lapideve solido, aut e lateritio opere, ubi nulla copia lapidis marmorisve est, confecti sint, iique numero impares, unus scilicet, tres, aut quinque pluresve, pro altitudinis ratione. Quorum singulorum graduum altitudo ne maior sit unciis octo; latitudo autem ne minor sexdecim, nec vero maior cubito. Si pavimenti cappellae altitudo paulo minor sit cubito, ad ascensum tres gradus aedificentur, pari altitudine. Si

vero ea altitudo cubitum aliquanto excedit, gradus quinque; sin autem illa ob confessionis locum longe maior est, totidem fiant, at impares numero, quot ad ascendendi usum necessarii sunt: iique singuli aequalem itidem altitudinem habeant pro ratione unciarum, quibus altum est eiusdem cappellae pavementum; sed numquam tamen maiorem illis octo unciis.

CAPUT XI.

DE ALTARI MAIORI

[15]

Altare maius cappellae suae loco ita constitui potest, ut ab ipsius altaris gradu infimo usque ad cancellos, quibus illa saepta saepiendave est, spacium intersit cubitorum octo, atque, ubi potest ecclesiaeque amplitudo pro decori ratione postulat, etiam plurium; ut id spacii comodo usuque sit clero frequenti, ad Missae sollemnis sacrum, divinorumque officiorum celebritatem aliquando convenienti. Idque propterea, ubi opus sit, si a tergo cappellae extrinsecus situs est, ubi illius spatium produci possit, usque adeo producat, ut tantum spatii cappellae detur, quantum supra praemonstratum est; si hoc non potest, atque prae loci exiguitate angustiaque illius altaris cappella non tantum spatii in ecclesiis parochialibus collegiatisve habet, tunc ille inter altaris imum gradum et cancellos situs interiectus spatio esse debet cubitorum ad minimum quattuor: ut saltem in Missae sollemnis sacro, pro caeremoniarum, quae obeundae sunt, ratione, spatii locus congruus detur et sacerdoti celebranti, et diacono et subdiacono, aliisque clericis in eo ministrantibus. Cui angustae brevique cappellae ut ab anteriori parte illud, saltem cubitorum quattuor, spatium intervallumve detur; ea, si opus sit, iniri potest ratio, ut illius planum gradusque eiusmodi sint reconcinrenturve, qui e cappella ipsa extantes, forisque aliquantulum decore prominentes, octanguli aut sexanguli formam praebeant. Sin autem extra illius fines intercolumnia sunt, sique id ecclesiae amplitudo postulat, illud ipsum spatium parari capive poterit, eiusdem cappellae pariete usque ad prima illa intercolumnia producto. Ubi denique prae angusti situs locique finibus exiguum aut nullum fere spatium esse potest, id saltem omnino praestandum est, ut altare parieti, qui ab illius tergo est, propius admoveatur; et a clatris, si illud quattuor cubitorum spatium habere nequit, distet saltem, pro situs ratione, quam maxime potest, ita tamen, ut ab

ipso etiam pariete procul sit cubito uno et dimidio. Sit autem altare maius a scabelli solo altitudine cubitorum duorum et unciarum octo, et ad summum decem; longitudine cubitorum quinque ac plurium, pro ecclesiae cappellaeve magnitudinis ratione; latitudine vero cubitorum duorum et unciarum duodecim, ac plurium item pro longitudinis et situs modo.

De gradibus altaris maioris.

[16]

Praeterea, si a lateribus et a fronte spatii satis datur, gradus tres adhibeantur, unus scilicet, quem per se bradella facit, tum alii duo, ipsa bradella inferiores: qui duo e marmore solidove lapide fieri debent, aut, si id non potest, e lateritio opere; lateque pateant unciis ad minimum sexdecim, viginti vero, si potest, ac plus item, ubi decore pro spatii ratione fieri possit. Gradus vero tertius, qui ex ipsa bradella existit, e sectilibus tabulis esse debet. Bradella autem a fronte altaris cubitos duos, et a lateribus etiam producta, uncias sexdecim late pateat, ita ut a tribus partibus illud complectatur. Altitudo item singulorum graduum sit unciis octo. Ubi vero, pro ecclesiae altarisque maioris amplitudine, gradus plures esse possunt, ibi quinque extrui poterunt latitudine et altitudine mox praescripta.

De situ imaginis crucifixi.

[17]

Sub ipso autem cappellae maioris fornicato arcu, in omni ecclesia, praesertim parochiali, crucis et Christi Domini in ea affixi imago, igno aliove genere, pie decoreque expressa, proponatur apteque collocetur. Quo loco, si minus recte pro humili arcus fornicisve depressione collocari potest, parieti, qui tunc supra ipsum arcum est, extrinsecus inhaerens affigatur sub tecto laqueato, aut certe super ianua clathrati cancelli cappellae omnino ponatur.

CAPUT XII.

DE CHORO

[18]

Chori praeterea locus, a populi statione, ut vetus structura et disciplinae ratio ostendit, seclusus cancellisque saeptus, cum ad altare maius esse debeat, sive ab anteriori parte, ut antiqui instituti est, illud circumdet, sive a posteriori sit, quia vel ecclesiae situs, vel altaris positio, vel regionis consuetudo sic postulat, usque adeo late longeque, ubi pro situs spatio potest, patere, etiam in hemicycli vel in alterius formae, pro ratione cappellae ecclesiaeve, modum architecti iudicio debet, ut et amplitudine et ornatu tem decenti ecclesiae dignitati clerique multitudini apte respondeat.

CAPUT XIII.

DE TABERNACULO SANCTISSIMAE EUCHARISTIAE

[19]

Quoniam vero ex decreto provinciali tabernaculum sanctissimae Eucharistiae in altari maiori collocari oportet, de eo instructionem aliquam hoc loco fieri convenit. Primo illud in ecclesiis insignioribus, ubi potest, e laminis argenteis aut aeneis, iisdemque inauratis, aut e marmore pretiosiori, fieri decens est. Quod tabernaculi opus, polite elaboratum et apte beneque inter se compactum, piis item mysteriorum passionis Christi Domini imaginibus exculptum, et inaurato artificio certis locis, periti viri iudicio, decoratum, religiosi et venerandi ornatus formam exhibeat. Intrinsecus autem tabulis populeis circumamictum esse debet, vel aliis eiusmodi, ut ab humiditate, quae ex metalli marmorisve genere existit, sanctissima Eucharistia illo amictu omnino defendatur. Ubi tabernaculum eiusmodi non fiat, tunc e tabulis non nuceis, vel aliis, quae humiditatem gignunt, sed populeis aut similibus polite elaboratis, et religiosarum, ut supra, imaginum sculptura ornatis iisdemque inauratis, extruatur. Amplum pro dignitate et magnitudine ratione ecclesiae, in cuius altari maiori collocandum est. Forma, vel octangula, vel rotunda, prout decentius et religiosius accommodata videbitur ad ecclesiae formam. In summo tabernaculo sit imago Christi, gloriose resurgentis vel sacra vulnera exhibentis; vel, si in altari exiguae alicuius ecclesiae per tabernaculi occupationem congruus locus cruci, quae alias super eo collocaretur, esse non potest, ea pro alia sacra imagine in tabernaculi summitate vel perpetuo affigatur, vel processionum causa aliquando amovenda decore constituatur, affixa Christi crucifixi sacra effigie.

Bene praeterea idem tabernaculum, super altari basis ornata firmitudine suffultum, aut firmis altaris gradibus, decore confectis, aut angelorum statu is aliisve suffulcimentis, religiosum ornaturam exhibentibus, sustentatum, firmiter fixum haereat; tum bene etiam clave munitum sit. A summo fronte altaris procul collocatum extet, non minus cubito uno et unciis sexdecim, ita ut corporale late expandi, et pixis, cum aliquando usu venit, commode in altari poni possit; neque rursus a fronte sic distet, ut ad sacram Eucharistiam depromendam, sacerdoti gradu etiam lígneo opus sit; nisi situs et illius structurae ratio aliud necessario postulet. In insignioribus porro ecclesiis, ubi praesertim a tergo altaris chorus est, proque illarum structurae ratione eius altaris latitudo ampla admodum est, remotius esse potest: quoniam ab illa chori parte posteriori commode et decenler ipsa sacra Eucharistia e tabernaculo sumi potest; tuncque ab eadem chori parte ostiolum alterum praescripta forma fiat. Atque sub tabernaculo armariolum nullum sit; ac ne asservandis quidem libris suppellectilive ecclesiae locus sit. Ubi in altari ita, ut supra, collocari suffulcive prae illius angustia tabernaculum totum non potest, a tergo suppositis basibus aut aliis suffulcimentis, bene firmis, illud, aut totum aut pars, nitatur, ea tamen forma et ratione, ut neque spatium inter altare et parietem interiectum, quando exiguum est, impediatur quominus altare circui ri possit. Panno serico rubri coloris, si Ambrosiani ritus ecclesia sit, aut albi, si Romani, intus ab omni parte vestitum atque ornatum sit. Ostiolum habeat ab anteriori parte ita patens, ut parvulum alterum tabernaculum, quod intus in eo includitur, facile commodeque introducatur et expromatur; ita praeterea ad aperiendum accommodatum, ut totum in frontispicio a latere plane haerens, sacerdotis, inde sacram Eucharistiam depromentis, brachium manumve non impediat. Sit vero ornatum sacra Christi Domini crucifixi, aut resurgentis, aut vulneratum pectus exhibentis, imagine, aut alia pia effigie.

CAPUT XIII.

DE CAPPELLIS ET ALTARIBUS MINORIBUS

[20]

Haec breviter de altari et cappella maiori deque adiunctis dicta sint. Restat separatim alia instructio de cappellis et altaribus minoribus, praeter ea quae, suo loco

demonstrata, maioribus et minoribus cappellis altaribusve communiter conveniunt. Primum igitur, cum altaria plura exaedificari oportet, et ecclesia, instar crucis extructa, abside constans, duo quasi brachia habet: tunc a capite unius et alterius brachii locus apte conveniens erit,

ubi altaria duo aedificentur, unum a dextero, alterum a sinistro, si modo spatium sit pro modo latitudinis, infra praefinitae. Is locus, si cappella cum altari ibi extruenda est, late patere debet cubitos ad minimum novem et uncias octo. Si vero ad hemicycli formam parietis concavitas facienda est, cui altari inhaereat, eius loci latitudinem esse oportet cubitorum saltem sex et unciarum sexdecim. Quaecumque etiam ecclesia, sive tribus navibus, sive una tantum constat, extra suae cappellae maioris situm, ab utriusque lateris capite locum habet, sicut supra mox praefinivimus, ita patentem, ubi in uno et altero item latere, pro modo formaque praescripta, cappella et altare decore apteque exaedificari possit, aut ad hemicycli saltem speciem parietis concavitas fieri queat, cui altari innixum haereat. Cum in eiusmodi ecclesia praeter illas duas, quae a brachiis sunt, aliae etiam cappellae cum altaribus extruendae sunt, in utriusque illius lateris capite exaedificari poterunt, nisi illis, quae in capitibus brachiorum sunt, vicinae nimium sint, contra ac infra praescriptum est. Quarum cappellarum unaquaeque, sive in dextero, sive in sinistro latere, ita extruatur, ut, ubi plures naves sunt, in medio navis sit, in cuius capite est. Ubi vero ex una solum navi ecclesia constat, in medio parietis spatio struatur, quod inter cappellam maiorem et angulum ecclesiae interiectum est, ita tamen, ut haec a maiori cappella saltem distet cubitis duobus: si modo aedificii ratio pro oneris, quod sustinet, gravitate, structuraeque forma spatium maius non postulet. Si vero ad hemicycli formam in parietis concavitate altare collocandum est, id etiam in medio illo, vel navis, vel spatii, ut supra, interiecti fieri debet, sic tamen, ut altari maiori non valde prope extruatur; quo minus sacerdos in uno celebrans, ab alio, qui sacrum in altero facit, impediri perturbarive queat. Id igitur omne, quod de cappellis altaribusque, in uno et altero item latere a capite ecclesiae extruendis, mox praescriptum est, in ecclesiis locum habere potest, ubi cappella maior extructa, et altare ibi situm, ita existit, ut intus sit spatium cubitorum saltem quattuor. Quibus vero in ecclesiis prae situs angustia altare maius cappellani non habet; aut si habet, usque adeo illa exigua est, ut altare in ea extructum foras in ecclesiam versus promineat, indique altaria, quae a lateribus sunt, facile

prospiciantur: tunc ab iis partibus lateribusve, quae ab illarum capite sunt, etiam si spatium, pro aedificationis ratione supra praescriptum, apte ampleque interiectum esset, altaria tamen fieri non debebunt, tum quia minus decenter extarent, tum quia, dum in uno altari sacerdos sacrum faceret, ob propinquitatem alterum sacerdotem, in alio celebrantem, impediret aut interturbaret. Ubi item altaribus compluribus opus est, illorum aedificationi locus tertius propterea aptus erit, nempe ecclesiae latus utrumque, unum scilicet, quod ad meridiem, alterum quod ad septentriones vergit. Quo in utroque latere cappellae cum altaribus extrui poterunt, quae ab ecclesiae corpore extent forisque promineant, sed in illis extruendis eae, infra praescriptae, rationes servari debebunt: ut cappellae aequae inter se distantes exaedificentur, tamque lato spatio inter unam et alteram interiecto, ut ab uniuscuiusque cappellae utroque latere fenestrae extrui possint, unde lumen apte aperteque excipiat. Si vero ita inter se distantes extrui non possunt, coniunctae tamen ita fiant, ut semicirculi aut semioctanguli forma prominenti spatium in extrema parte inter se praebeant, unde lux a lateribus recipiatur. Ut in ecclesia, quae navibus pluribus constat, e conspectu intercolumnii omnino recte sint, ne ipsis columnis pilisve earum prospectus impediatur. In ecclesia autem, quae unam tantum navim habeat, medium plane respiciant, quod inter unum et alterum arcum tignumve est, quo tectum opere fornicato aut laqueato suffulcitur sustinetur; aut si cappellae latitudo superet latitudinem eiusmodi spatii neque illud fieri queat, summitate arcus cappellae ad perpendicularum tignum sustineatur. Cappellae minores omnes una eademque latitudine, longitudine et altitudine constent; ac demum omni ex parte, quoad eius fieri potest, sibi invicem convenient. Quae vero tamen sunt in capite brachiorum ecclesiae crucis formam exhibentis, eae pro ratione situs, ut ceteris aliquanto ampliores, sic forma illustriori etiam esse poterunt; modo inter se illae, una alteri, omni alia ex parte respondeant. Ne subter suggestum, unde vel organo sonatur, vel evangelium epistolave pronunciatur, aut concio habetur, undeve canitur, ullo modo cappellae minores altariave exaedificentur. Ne inter pilam structilem columnamve, aut arcum tignumve, quo tectum suffulcitur, in ingressu ecclesiae primo loco situm, et parietem, qui ab anteriore ecclesiae parte est, cappella ulla extruatur; nisi illa tantum, quae in ecclesiis, ubi animarum cura geritur, baptisterii collocandi causa nomineve sine altari exaedificanda est. Altaria cappellaeve a pariete, qui in frontispicio ecclesiae e regione altaris maioris est, nullo

modo exaedificentur, neque item alio, in quo sacerdos celebrans terga vertat cappellae maiori. Cappellae minoris latitudo patens esse poterit cubitis novem, aut undecim et amplius, prout est ecclesiae situs amplitudo; nec vero minor cubitis septem. Longitudo autem ab ingressu usque ad parietem, cui altare adhaeret, ducta minor cubitis septem esse non debere videtur, ut et ministrante clerico spatii satis sit, et ne quicquam de ecclesiae parte, aut navi, cancellis occupetur. Neque maior item, ut ne populus, qui in Missae sacro praesens adest, cappellarum lateribus impediatur, quominus ab omni fere ecclesiae parte sacerdotem celebrantem conspiciat. Si vero tantum spatii cappellis minoribus dari non potest, ferri poterit etiam longitudo minor, quinque videlicet cubitorum et unciarum octo. Quae ratio cum locum plane non habeat in illis cappellis, quae in capite ecclesiae a latere cappellae maioris sunt, ideo illae longitudine aliquanto maiores permitti poterunt, quam aliae. Si prae situs angustia quibusdam in ecclesiis cappellae, quae praefinito modo formaque foris omnino emineant, extrui non queunt, extrui poterunt saltem, ut maxime, pro eiusdem situs ratione, foris extare prominere possunt. Sin autem loci situs is est, ut aedificari non queant, quae foris, ut praescriptum est, emineant atque extent, ab ecclesiae uno et altero item latere necessaria tantum altaria fieri poterunt, exstructis, parietis concavitate, hemicyclis scaphisve, pro situs locique ratione, foras decore prominentibus. Si vero ne ad hemicycli quidem formam extrui ullo modo possunt, tunc altaria, parieti haerentia, ob causam necessariam tantum fieri poterunt, aut erectis columnis duabus, aut aliis fulcimentis decentibus, intus ab ecclesiae pariete paululum extantibus, uno a dextero, altero a sinistro latere. Quae ambae columnae inter se a superiori parte opere fornicato, vel eiusmodi, coniunctae sint, aut hemicyclis pictura saltem ad ornatus speciem decore expressis. Quaecumque denique altaria, ob causas supra expositas, iis in locis extruuntur exstructave sunt, ubi prae situs angustia cappellae magnitudine praefinita aedificari non possunt, ita ut cancellos clathrave a recto pariete extare forisque prominere necesse sit: ea singula in arctum sic redigi poterunt, ut cubitum unum et uncias sexdecim non excedant; nec vero super iis gradus ullus adhibeatur, ut et illa et cancelli, quam minime possunt, foris promineant. Eorundem tamen altarium cancelli a scabello, seu bradella, cubiti unius et unciarum saltem octo spatio interiecto figantur, ut id spatii clerico, in Missae sacro ministranti, omnino detur. Denique si ecclesiae amplitudo, late patens, id fert, angustior

fieri poterit exstructis ab utroque latere cappellis longitudine et altitudine ac forma supra praescripta; cum prae amplitudine valde patenti, locus earum instructioni, supra praefinitae, intus eiusmodi esse possit, ut ecclesiae altitudinis spatium, inter illas interiectum, congruenter etiam pateat. Cappellarum minorum pavimentum altius quam ecclesiae solum octo unciis strui debet, amplius vero aliquando, ut infra, permitti poterit. Uniuscuiusque cappellae minoris limen, ubi per facultates fieri potest, e marmore lapideve solido esse debet, ac sexdecim et ad summum viginti uncias late pateat; tum eiusmodi sit, ut et ingressus gradum faciat, et ipsum cappellae solum aequet: isque unus tantum gradus ad cappellae ascensum extruatur. At praeter illum liminis gradum, duos alios inferiores pro loci situsve ratione et cappellae amplitudine, ubi maior pluribus gradibus exstructa sit, fieri permissum erit; iique si minus e marmore, at saltem e solido lapide, aut demum e lateribus fiant. Eorum latitudo eadem sit, quae supra demonstrata est de liminis gradu; de altitudine idem servetur, quod dictum est de gradibus cappellae maioris. Unaquaeque cappella, sicut de maiori dictum est, fornicato opere extruatur. Altaria in fronte media uniuscuiusque cappellae construuntur, non a lateribus. Ea singula minora a scabelli, quam *bradellam* vocant, solo superficieve in altitudinem erecta sint cubitis duobus et unciis octo. Longe pateant cubitis quattuor et dimidio, nec vero minus quattuor saltem cubitis. Lata sint cubitis duobus. Scabellum, seu bradella altaris, tabulis asseribusve ligneis conficitur; latitudineque sit cubitorum duorum, altitudine unciarum octo. Longius praeterea quam altare ita pateat, ut unumquodque eius latus excedat unciis sexdecim, neque vero plus cubito, rursusque ab utroque latere illud cingat, si modo prae angustia cappellae haec latitudo lateralis non impediat clericum ministrantem; tunc enim non excedat, sed tantum adaequet altare.

CAPUT XV.

COMMUNIA CAPPELLARUM ALTARIUMVE MAIORUM ET MINORUM

[21]

De minoribus cappellis et altaribus brevi hac instructione explicata, sequuntur communia cappellarum altariumve maiorum et minorum, quae in extruptione servanda sunt. Altaria non ex opere ligneo, sed ex lapidibus lateribusve extrui debebunt; atque ita undique obstrui, ut fenestella foramenve nulla ex parte in ipsis relinquatur, ubi quicquam

asservari recondi possit. Nec vero ideo prohibentur altaria, quae quattuor pluribusve lapideis columellis aut pilastratis angularibus suffulcuntur, qualia in provinciae Mediolanensis usu cernuntur; quin etiam altaria, quamvis muro obstructa, eiusmodi pilastratis ab angulis suffulciri congruum est, ne pars illa, chrismate inuncta, si latericia sit, facile decrustata collabatur. Neque praeterea sub iis quicquam omnino reponatur. Altaria singula, quae non tota cum sacerdote item celebrante opere fornicato, sed tecto laqueato teguntur, aut fornice ita alte extructa, ut ea fornix commode saepiusque purgari non queat, integumento etiam, quod *capocielo* dicunt, operiantur. Idque vel ex marmore solidove lapide, aut etiam lateritio opere, erectis columnis quattuor, si altare maius est, si minus lateraleve, duabus aut aliis decentibus fulcimentis, intus ab ecclesiae pariete paululum distantibus, uno a dextero, altero a sinistro latere, quae operimentum sustineant, opere fornicato aliave ratione confectum, vel ex tabulis sectilibus, aut e tela cerulea decenter depicta fieri poterit. Quod e ligno aut tela integumentum cathenis ferreis e tecto vel e pariete pendentibus, aut alia firma structura sustineatur. Hoc autem operimentum, cuiusmodi sit, undique ita late patere debet, ut altare ipsum et sacerdos, ibi Missae sacrum faciens, omnino contegatur; quo diligentius et ille et altare a pulvere omniique labenti sorde defendatur. Sit vero hoc integumentum usque adeo altari proximum, ut ab eo aliquantisper pro decori ratione elatum, commode tamen et facile purgari queat.

De fenestella urceolorum.

[22]

Fenestella in pariete, qui a tergo altaris est, a latere ubi epistola legitur, ornate politeque fiat, eaque ex marmore solidove lapide, ubi potest. A solo alte extruatur cubitis duobus. Eius vero latitudo sit unciis sexdecim, altitudo viginti quattuor, sitque distincta marmoreo lapideove opere transverso. Pars inferior usui sit ad proiciendam aquam ablutionis manuum sacerdotis sacrum facientis. Ideoque in medio foramen exiguum habeat, unde illa defluat in cisternulam suffossam. Superior vero pars usui erit, ad pelvim cum urceolis, dum Missae sacrum fit, reponendam. Quoniam vero altare maius aliquando longe distat a pariete posteriori, cui saepe adhaeret chorus, idque propterea si loco constituto fenestella ea collocari nequeat, tunc in pariete a latere epistolae, vel eius loco

prope altare construi, vel etiam remotius vas aliquod e solido lapide decoro ornatu poni poterit, in quod ea aqua infundatur; ita tamen, ut neque impedimentum, neque deformitatem afferat.

De clavo ferreo appendendi birreti.

[23]

Clavus ferreus, quo birretum sacerdotis celebrantis appendatur, aliquo ornamento, praesertim ex aurichalco, affigatur ab eodem latere epistolae, prope eam fenestellam, aut etiam alio cōgruo eiusmodi loco, non altius a pavimento cubitis duobus.

De tintinnabulo.

[24]

Tintinnabulum parvum unicuique altari, a parte unde evangelium legitur, parieti lateral affixum haereat, appenso funiculo tam longo, quo clericus minister, cum Corpus Domini elevatur, uti possit, ad illud certis distinctis ictibus pulsandum. Ubi vero altare sine cappella est, ita ab altari distet et e pariete, quantum potest, emineat, ut funiculo ducto altare non impediatur, neque sacerdos interturbetur. Quod vero attinet ad maius altare, commodius minister clericus tintinabulo gestatorio, e sacristia allato, quam appenso utetur. Nihilque propterea est, cur eo loci illud appendatur, praesertim in amplioribus ecclesiis.

De clathratis cappellarum et altarium cancellis.

[25]

Ab anteriori uniuscuiusque cappellae, etiam maioris, parte, unde ingressus fit, clathra ferrea, cubitis tribus alta, in summo gradu cappellae figantur: nec vero tamen aliquando altiora prohibentur, ubi praesertim hoc saepto tutiora et munitiora esse oportet. Eaque omnia, ubi per facultates potest, parvuus pilis aut vasculis ad aliquam speciem decere confectis, in parte tum ima, tum media, tum summa exornari debebunt. Si vero cappella, ut aliquanto maior sit, octanguli sexangulive formam exhibet, clathra itidem in eius summo gradu figantur, quae ei; formae respondeant. Ab ima vero parte, per altitudinem circiter cubiti, opere aliquo artificioso ferreo illa inter se dense instructa sint, ut canibus

ingressus nullus sit. In clathrorum medio ianua, clathrali etiam opere, decenter constituatur, quae valvis utrinque et pessulo ac sera claudatur. Ubi vero vis et copia ferri, quo ad cappellarum instruendarum usum clathra conflentur, haberi minus potest, si ibi lapides solidi marmorave apparari queant, e marmore aliove solido lapide colonellae opere quod vocant *balustrio*, addita coronice, fieri poterunt, aliquanto clathris ferreis humiliores, quibus cappellarum pars anterior saepta ornetur atque instruatur.

Quibus autem in ecclesiis, cappellis altaribusve, prae tenuitate facultatum, nec clathra ferrea, neque marmoreas lapideasve eiusmodi columellas ad saepiendi ornandique usum comparari posse Episcopus iudicaret: in iis id opere ligneo polito ac tornatili praestari, eiusdem concessu, poterit. Cancelli autem lignei depressiores itidem ac humiliores quam clathra ferrea aliquanto esse debebunt, in quorum summa parte ad ornatum coronix apponatur. Ubi cappellae altarium minorum amplae sunt, quae aliquam populi multitudinem, dum Missae sacrum fit, capiant, quamvis clathra in ingressu habeant, in earum tamen parte interiori, quae prope altare est, cancelli item lignei saltem figi debebunt; quibus illud ita saepiatur, ut et praesentis Populi frequentia, paululum a sacerdote sacrum faciente seclusa, distare compellatur, et locus sit clerico ministranti.

De coronice lignea altaris.

[26]

Unicuique scabello, etiam maioris altaris, coronix lignea tribus digitis, nec vero amplius, alta adiungatur; qua a tribus item partibus illud cingatur, ita ut a parte anteriori pallii, et a lateribus mantilium tobalearumve extremitas eiusdem coronicis opere usque occultetur, etiam ubi altares scabellum a fronte tantum extat.

De instrumento telari altari

[27]

Ad altare etiam instrumentum adhibeatur, quod *telare* dicunt, in quo pallium expansum parvulisque uncis affixum ipsi altari accommodetur; idque e querneis nuceisve asseribus sit, tum perpolite confectum, tum etiam unciis quattuor latum, atque eiusmodi quo altaris mensa ab anterior parte, rursusque ab utroque latere circundetur. Cuius telaris capita summitatesve parieti affigantur innectanturve, cui altari inhaeret. Fulcimenta item, quibus

telare ipsum sustentatur, ex iis nuceis seu querneis asseribus duo sint, unum a dextero, alterum a sinistro altaris cornu anteriori; et alterutrum unciis quattuor latitudine esse debet. Ubi vero altare a pariete remotius est, telare totum altare undique cingat, adsintque duo alia fulcimenta in cornibus posterioribus altaris, quibus ab ea parte sustineatur. A parte etiam superiori, quae altaris mensam aequat, idem telare in ipsa superficie aliquota exiguas fossulas, tenuiter concavas, habeat; iisque singulis fossulis singuli tenues clavi uncinuli, quibus pallii cordulae minutive annuli annectantur, et ita inserantur atque infigantur, ut ipsius altares solum non superent. E quibus fossulis una omnino fieri debet, quae in telari ad medium altare sit; reliquae autem hinc inde binae ternaeve, vel plures pro amplitudine altaris, aequali intervallo esse possunt.

De gradu ligneo a parte posteriori altaris.

[28]

Gradus in altaris minoris superficie a parte posteriori unus tantum, isque ligneus adhiberi poterit. Ea longitudine sit, quae altare aequet; latitudine unciarum octo; altitudine etiam totidem. In altari maiori ne fiant, nisi cum cubitis tantum duobus minusve a pariete posteriori illud distat; tuncque eiusmodi gradus unus, pluresve decenter adhiberi poterunt, illa tamen ut circuitus altaris sub ea structura non impediatur.

De mensa altaris maioris.

[29]

Altaris maioris, in quacunque vel cathedrali, vel collegiata, vel parochiali ecclesia, tum etiam minoris, quod consecrandum sit, mensa marmorea aut e solido lapide curari debet; et, ubi potest, ita longe lateque sicut altare pateat. Ubi apparari non potest quae sit tantae latitudinis, non tamen late minus patere debet cubito uno et dimidio. Longitudine vero ipsum altare omnino adaequet; nisi, ubi pro loci regionisve situ ne eiusmodi quidem adhiberi possit, cui a fronte agglutinetur, a tergo, qua parte deest, suppleri poterit caementario latericioque opere.

De fenestella reliquiarum sacrarum in altari consecrando.

[30]

In altaris fronte tergove sub ipsa mensa fenestella, quattuordecim vel sexdecim unciis ampla, aut in stipite mensave illius, pro ratione consecrationis, qua, libro pontificali praescripta, Episcopus uti maluerit, fossa instar sepulcri, eodem quo fenestella, sed multo minori spatio, extruenda est; ubi, cum illud consecratur, sacrae reliquiae reconduntur. Ea vero fenestella ab ostio occludi debet tabella marmorea lapideave, in qua sculpta sit crucis imago; tum nomina, quae constant, sacrarum reliquiarum, in altari reconditarum, insculpentur. Ubi vero non fenestella, sed fossa adhibebitur, inscriptio haec aut ab aliquo altares latere, aut in mensa fiat, litteris incisis. Fossa vero, quae in mensa est, tabella item marmorea ita firmiter et accurate occludatur, ut nihil omnino superemineat.

De mensa altaris et tela cerata.

[31]

Altaris consecrati mensa, etiam si eius pars e lateribus facta sit, tota tegatur cerata tela, quae, telati praescripto inclusa, clavis configatur. Uniuscuiusque altaris, non consecrati, solum pavementumve mensa, ex tabulis sectilibus polite confecta, atque ad illud contegendum undique ampia, consternatur. Huic mensae altare portatile apte inseratur, atque ita ut inter utrumque mensae cornu, in medio collocatum, ab ipsius fronte non longius distet spatio unciarum octo. Cuius portatilis altares longitudo non ab uno ad alterum cornu, sed a fronte in posteriorem partem spectet. Sic vero illud insertum sit, ut e mensae superficie vix paululum aliquid extet, quo sacerdotis celebrantis tactu dignosci possit.

De lapide altarium portatili.

[32]

Lapis autem altaris portatilis a parte superiori secturam in planum ductam, quam *smussum* dicunt, undique habeat. Quae sectura late pateat medio transverso digito. Lapis longe uncias viginti, late sexdecim pateat, praeter capsae dimensionem, cui insertus est. Capsa eius e nucea omnino tabula sit, crassitudine unciarum circiter duarum aut plurium pro lapidis crassitudine. Tabulae vero illi, in omni latere intus a

summa parte pro lapidis longitudine et crassitudine concavatae, ipse lapis inseratur, ita ut, illa concavatae tabulae linea prominente, eiusdem lapidis sectura operiatur. In qua capsula sacrarum reliquiarum reconditarum, quarum nomen constat, inscriptio plane fiat. Cum vero altare consecratum transferri contigerit, quod ut ne iterum consecrari opus sit, ea transferendi rado adhiberi poterit, ut primo illud totum asseribus tabulisque ligneis recte apteque conclusum e loco ita amoveatur accurate, ut stipes a solo ecclesiae convulsus, ne minimum quidem ab altaris mensa disiungatur; sed totus affixus ei inhaereat, ne consecratio violetur. Altaria autem, quae angustiora aut breviora sunt quam forma praescripta postulat, latiora longiorave fieri poterunt vel lapideis vel latericiis vel ligneis additamentis, decenter apteque confectis, ab eorum lateribus fronteve, prout usus tulerit, appositis. Sin autem humiliora sunt praefinito modo, altiora fieri poterunt, mensa polite atque adeo alte confecta, ut praefinitae altares altitudini respondeat; in eaque mensa lapis consecratus includatur praescripta forma.

CAPUT XVI.

DE LOCIS, VASIS LOCULISVE, QUIBUS SACRAE RELIQUIAE RECONDUNTUR

[33]

Exposita brevi cappellarum et altarium maiorum minorumque instructione, consequens est ut loca, vasa, loculos aliaque eiusmodi commonstremus, quibus sacrae reliquiae reconduntur aut asservantur. Sanctorum igitur corpora, quae-cumque recondenda sint in ecclesia partem illam subterraneam habente, quae *confessio*, vulgo *scurolum* dicitur, in ea praesertim, et in altaribus ipsis lapideis, aut subter ea, ut antiqui instituti est, pie decenterque reconduntur. Quam ob causam e marmore, vel saltem e solido lapide arcam, levigato opere intus expolitam, fieri conveniet, quae ex operculo eiusdem generis fastigiato constans, sacraque corpora, bene inclusa, continens, intus subtusve in illis firmiter collocetur. Alio etiam, praeter altaria, ecclesiae loco conspicuo reponi poterunt, tuncque arca e mármore pretiosiori extruatur, quae, extrinsecus etiam opere sculptorio elaborata, pio religiosoque ornatu emineat. Haec, igitur, quattuor pluribusve, si pro situs ratione commode potest, columellis itidem marmoreis apte confectis sustentata, aut in gremio ecclesiae, prout loci amplitudo fert, aut in cappella insigniori, praeterquam in ea, ubi sanctissimae Eucharistiae sacramentum asservatur, decentius collocabitur. Si in

gremio ecclesiae ponetur, a pariete omnique alio opere undique disiuncta extet; si vero in aliqua cappella, a posteriori eius parte vel a latere altaris collocari poterit; aut parieti inhaerens, aut in illius decenti concavitate paululum inclusa, a pavimentoque cappellae altaris cubitis quattuor extructa, extabit. Arca vero omnis, quocunque loco conspicuo posita, sive e pavimento, sive e pariete emineat, clathris ferreis, pro situs ratione, apte decoreque muniri debet. Sin autem non in altari, neque subter, sed alio loco sub pavimento iam recondita sunt sanctorum corpora, sternatur tamen omnino locus ac muniatur clathris ferreis ab omni latere, tum a parte superiori dense confectis. Ut autem sanctorum corpora sacrae ossa, incorrupta atque inviolata, ab omnique sorde et pulvere pura, tum ab omni vi ac iniuria perpetuo tuta conserventur, haec sane cautio adhibeatur, ut cura arca omnis, vel conspicuo loco, vel in altari subtusve posita, ita extrinsecus inter se solide compacta, et fibulis etiam ferreis plumboque ab omni latere conglutinata sit, ut ne rimula quidem appareat, tum praeterea in eam alia capsula, vel aurea, vel argentea staminea, eaque inaurata, firmiter quoque confecta, includatur, in qua sacra corpora recondantur. Sint autem, cum in capsula reconduntur, involuta et vestita panno serico aut pretiosiori velamine coloris, ad sanctum sanctamve, cuius sacra ossa reponuntur, ex ecclesiae instituto rite accommodati. Capsula autem, vel theca, vel loculi, vel vascula, cuiusmodi sint, stata prece, in libro pontificali ritualive praescripta, rite prius benedicantur quam reliquiae sacrae in illis includantur. Qua vero in arca diversa sanctorum corpora reponenda sunt, ut inter se distincta internoscantur. Arca eiusmodi fiat, quae opere sculptorio, pro sacrorum corporum sacrarumve reliquiarum numero, bipartita et tripartita sit, aut tabulatis, marmore aliave ratione decenter apteque divisa, aut saltem ipsis solum capsulis argenteis stamineisve distincta. Tabella itera aenea singulis capsulis includatur, in qua incisae litterae nomina sanctorum indicent. Inscriptio praeterea in arcae lapide incidatur, ex qua sanctorum nomina et corpora, quo tempore recondita rursusque unde translata, et alia id generis, si modo certa sint, perspicue cognoscantur.

Sanctorum autem capita, quae a corporibus disiuncta sunt, ut aliquando statis diebus pro pietatis studio fidelibus ostendantur exponanturve, separatim a corporibus, locis infra praescriptis, reponi conveniens erit: inclusa scilicet in theca aurea aut argentea, vel, ubi prae inopia non potest, aenea inaurata, quae capitis cum collo dimidiatoque

pectore formam similitudinemque exhibeant. Si quae vero corpora sanctorum, adhuc integra membrisque suis omnino coniuncta, vel in altari, vel in arca conspicua reconduntur, ut cerni aliquando possint, ita altare arcave struatur, ut a fronte fenestellulam clathris ferreis aeneisve munitam, quae firmis vasculis ad praescriptam infra rationem claudatur, ornate confectam habeat, unde inspici queant. Quibus vero locis sacra aliqua sanctorum membra insignesque sacrae reliquiae asservantur, ibi certus locus, in quo illae decenter religioseque recondantur, ad unius aut alterius formae, infra primo loco descriptae, modum, sacrarum basilicarum Romanarum exemplo, extrui poterit.

De prima forma loci.

[34]

In ecclesiae navi, quae ampla sit, a latere evangelii longeque a columnis pilisve navalibus quattuor aut quinque cubitis suggestus struatur, magnitudine cubitorum item circiter quinque: isque quattuor columnis e marmore, aut e solido lapide confectis, altitudine sex aut octo cubitorum suffulciatur et sustentetur. Super suggesti extrucone armarium, ubi sacrae reliquiae reponantur, e marmore aliove lapide ornate et decore fiat, quod intrinsecus tabellis nuceis pretiosioribusve undique vestiatur, sericoque ornetur coloris, ex ritu ecclesiae sacris illis reliquiis, quae recondendae sunt, accommodati; tum praeterea ostiolo constet, quod valvis, extrinsecus aere intectis, et sérice eiusdem coloris intrinsecus ornatis, claudatur. Ad quod etiam claudendum pessuli duo, serae duae saltem, claves totidem, eaeque singulae diverso fabрили opere, adhibeantur. A summa columnarum parte, loco suggesti plano podium etiam extruatur cubito uno et dimidio latum, tamque longum prout est eiusdem suggesti longitudo. Quod podium a parte anterior repagulum habeat, idque vel ex aere fusili, vel e ferro, vel e marmore aliove solido lapide, vel e ligno, tornatili opere, sit. Scalas nullas cochlides, aliave forma habeat; sed eae lignae gestatoriae tunc solum adhibeantur, cum sacrae reliquiae certis solemnibus diebus populo ostenduntur.

De altera forma loci.

[35]

Si quae vero ecclesiae, non satis ampla magnitudine, reliquias insignes, ut supra, habent, in earum fere ipso medio, propius tamen altari maiori, vel apud parietem, qui in capite ecclesiae extra cappellam maiorem a latere evangelii est, podium extruatur: quod parieti affixum longe lateque pateat, ad formae superioris praescriptum. In intima parte parietis, cui illud affixum agglutinatumve est, armarium, in quo illae asserventur, e marmore aliove solido lapide fiat, tabulis querneis aut alterius generis, ad diuturnitatem accommodatis, intrinsecus circumvestitum, ac serico item eius coloris, qui ex instituto ecclesiae cum sanctis, quorum illae reliquiae sunt, conveniat, undique ornatum; quod valvis aeratis, et seris duabus, iisque diversis, ut supra, claudatur. Huic scala lapidea ligneave, qua podium ascendatur, accommodari potest, si modo a posteriori parte armarii fieri commodum sit, ut ecclesiae spatium non impediatur; alioqui scala gestatoria, ut supra, adhibeatur.

De tertia loci forma.

[36]

Forma loci tertia haec sit, eaque in ecclesiis, reliquias sacras habentibus, ubi nullus locus ad primae aut secundae formae supra praescriptae modum exstructus est, aut extrui potest. In cappella maiori, intra eius scilicet saepta, a parte evangelii, armarium, quod ad altare maius versus, ubi potest, recta spectet, ita late, longe, alte profundeque in ipso pariete concavetur, prout sacrarum reliquiarum, quae in eo asservandae sunt, multitudo ac magnitudo postulat. Alte a pavimento cappellae ad solum suum usque exstructum sit cubitis quattuor; intus tabulis undique saepiatur; tum aliquo panno serico eius coloris, qui sacris reliquiis conveniat, circumornetur. Bene muniatur et claudatur valvis, aere extrinsecus munitis, iisque decentibus, sera solida, duplicique clave, et unaquaque fabрили opere diversa. Quo in armario, ita ornate instructo, sacrae reliquiae, vasculis loculisve inclusae, ordine recondantur.

De vasis et loculis reliquiarum, quae locis supra praescriptis reponendae sunt.

[37]

Vascula, quibus recondantur, ex auro, argento, aut e crystallo, aut ex aliquo metalli genere sint, eaque artificio elaborata, atque inaurata, prout illae insignes sunt, et

ecclesiae, ubi asservantur, facultates ferunt. Ea totidem sint, quot sane illarum genera, quae habentur, ut singulae, binaeve, aut plures singulis vasculis distincto ordine separatim asservantur; singula vela sint, quibus illa vasa integantur, eaque colore distincta pro sacrarum reliquiarum, quae in vasculis asservantur, ratione. Si vero sacrae reliquiae eiusmodi sunt, quae tenues non vascula maiora, sed loculos minores requirunt, ita recondantur. Tabula sectilis, e nuclea ligneave alia, et pretiosiori etiam materia, utpote eburnea argenteave, deligatur, quae, fabri opere polite elaborata, tam late longeque pateat, ut ad usum, cuius causa paratur, satis esse queat. In ea totidem capsulae, seu loculi, iique singuli trium unciarum mensura concaventur, quot sacrae reliquiae recondendae asservandae sunt. Ii loculi undique a parte summa parvulis coronicibus inauratis ornentur. Haec tabula, bis loculis extracta, opere vitreo operiatur ita, ut singuli loculi vitro pelúcido contegantur. Quod vitreum integumentum, coronicis ligneae inauratae, vel pretiosioris etiam materiae ornatu undique muniatur, ut fixum firmumque haereat. Singulae praeterea sacrae reliquiae serico taffetano duplici ormesinove, aut aliquo serico pretiosiori, auro argentove intexto, involutae recondantur, eo distincto serici colore, qui pro sanctae matris ecclesiae ritu sanctis, vel apostolis, vel martyribus, vel virginibus, vel confessoribus, quorum reliquiae ibi reconduntur, conveniat. Eae in quocumque loculi, armarii, vasculive genere reconditae sint, singulae, quarum nomina constant, inscriptionem, in charta pergamena, patentibus litterulis expressam, earumque unicuique, vel potius serico, in quo illae singulae involutae sunt, affixam habeant; quae uniuscuiusque sancti sanctaeve reliquiae, quae in iis reconduntur, plane significantur. Si quae vero ex certis monumentis constat, quorum potissimum sanctorum sint, ita tamen inter se permixtae apparent, ut diiudicari non queat, quae praecipue propriae huius aut illius sancti sint; eae in uno eodemque loculo vasculove recondantur: cui loculo vasculove singula eorum omnium sanctorum nomina inscribantur, quorum reliquiae in eo asservantur. Idem de inscriptione vasculi loculive, in quo sacrae reliquiae, quae in eo asservantur, inscriptiones quidem habent, at ab illis seiunctas varieque ita permixtas, ut iis ipsis adhibitis nulla distinctionis ratio iniri possit. Rursus, si quae sunt, quarum nomina non constant, in loculo uno recondantur, inscriptione etiam hac adiuncta: *Reliquiae sacrae, quarum nomina ignorantur.*

In armarii item, ubi sacrae reliquiae reconduntur, pariete etiam adiuncto, sanctorum pictura religiose decoreque exprimatur, quorum insigniores praesertim reliquiae in eo reconditae asservantur. Fiant virgae duae e ligno eburneo, aut quod vocant *braxilio*, aliove genere decenti, ac tricubitales sint, quae a summa parte lamina argentea exquisque uncis binis constent: unde fidelium coronae precariae appendantur ad sacras reliquias, vel potius eorum vasa tangenda. Quacumque denique in ecclesia sanctorum reliquiae corporave sunt, in ea loco conspicuo atque illustri, utpote in columna cappellae maioris a latere evangelii, aliove insigni loco, tabula, vel aenea, vel marmorea, litteris grandiusculis incisa, firmiter parieti columnaeve agglutinata, collocetur: in qua res tota de reliquiis ibi reconditis breviter summatimque narretur.

CAPUT XVII.

DE SACRIS IMAGINIBUS PICTURISVE

[38]

Iam vero de sacris imaginibus pie religioseque exprimendis, cum maxime ex decreto Tridentino, constitutionibusque provincialibus Episcopus cavere debet, tum etiam pictoribus et sculptoribus gravis poena mulctave proposita est, ut ne iis exprimendis a praescriptis regulis discedant. Sancitum praeterea est de rectoribus ecclesiarum, si in suis ecclesiis imaginem effingi ponive permiserint, insolitam et Tridentini decreti praescriptis rationibus repugnantem.

Quae in imaginibus sacris cavenda, quae rursus servanda sunt.

[39]

Primo igitur in ecclesia aliove loco ne imago sacra exprimatur, quae falsum dogma contineat, quaeque periculosi erroris rudibus occasionem praebeat, quaeve sacrae scripturae vel traditioni Ecclesiae repugnet: sed quae veritati scripturarum, traditionum, ecclesiasticarumve historiarum, matrisque Ecclesiae consuetudini et usui conveniat. Praeterea sacris imaginibus pingendis sculpendisque, sicut nihil falsum, nihil incertum apocryphumve, nihil superstitiosum, nihil insolitum adhiberi debet, ita quicquid prophanum, turpe vel obscaenum, inhonestum procacitatemve ostentans, omnino

caveatur; et quicquid item curiosum, quodque non ad pietatem homines informet, aut quo fidelium mentes oculique offendi possint, prorsus vitetur item. In illis autem sicut sancti, cuius imago exprimenda est, similitudo, quoad eius fieri potest, referenda est ita cautio sit, ut ne alterius hominis viventis vel mortui effigies de industria repraesentetur. Effigies praelerea iumentorum, canum, piscium aliorumve brutorum animantium in ecclesia aliove sacro loco fieri non debent, nisi historiae sacrae expressio, ex matris Ecclesiae consuetudine, aliter quandoque fieri postulat.

De decora sacrarum imaginum.

[40]

Sacrarum imaginum expressio tota prototypi dignitati et sanctitati, apte ac decore, corporis habitu, statu et ornatu respondeat.

De insignibus sanctorum.

[41]

Quae praeterea, ob significationem rei sacrae, imaginibus sanctorum appinguntur, eiusmodi apponantur, quae ex Ecclesiae instituto apte decoreque conveniant, ut corona, quae scuti rotundi instar sanctorum capitibus apponitur; palmae in manibus martyrum; mitra et baculus pastoralis, quae Episcopis dantur, et alia id generis; tumque quod proprium est ac praecipuum insigne cuiusque sancti. In quibus omnibus diligentia adhibenda est, ut ex historiae veritate, Ecclesiae usu vel patrum praescripta ratione exprimantur. Videndumque est, ut Christi Domini corona a coronis sanctorum distinguatur, crucis figura. Hocque cavendum est item, ut eiusmodi corona nemini apponatur, nisi quos Ecclesia canonizavit.

De locis picturae sacrae non convenientibus.

[42]

Nec vero sacra imago, etiam in ecclesia, humi exprimatur; neque locis item uliginosis, quae picturae corruptionem ac deformitatem aliquo temporis spatio gignunt, effingatur; neque sub fenestris, unde aliqua pluviae gutta stillare possit; neque eo loci, ubi clavi aliquando figendi sunt; neque rursus numi, sordidoque lutulentove ullo loco. Quo loco ne

historia quidem sancti sanctaeve exprimatur; nec vero ulla sacrorum mysteriorum figura; neque praeterea ullus eorundem typus significatiove.

De ritu benedictionis imaginum.

[43]

Nec vero loci solum habenda ratio est, sed antiqui ecclesiasticique ritus; ut cum scilicet expressae sunt sanctorum imagines, solemnibus benedictione statisque precibus, Pontificali Sacerdotalive Libro praescriptis, consecrentur.

De nominibus sanctorum aliquando inscribendis.

[44]

Nec vero alienum illud est, ut in multitudine sacrarum imaginum, quae in ecclesiis exprimuntur, imaginibus minus notis nomina sanctorum subscribantur; quod et veteris consuetudinis est, et sanctus Paulinus illo versu ostendit:

Martyribus mediam pia nomina signant.

De parergis et additamentis ornatus causa.

[45]

Parerga, utpote quae ornatus causa imaginibus pictores sculptoresve addere solent, ne prophana sint, ne voluptaria, ne deliciosa, ne denique a sacra pictura abhorrentia, ut deformiter efficta capita humana, quae *mascaroni* vulgo nominant, non aviculae, non mare, non prata virentia, non alia id generis, quae ad oblectationem deliciosumque prospectum atque ornatura effinguntur; nisi eiusmodi sint, quae cum historia sacra, quae exprimitur, vere conveniant, aut tabulae votorum, in quibus et capita et alia, ut supra, ad eorum explicationem pinguntur. Ornamenta item, indumentave alia, quae sacris imaginibus appinguntur, nihil ineptum, nihil denique habeant, quod nihil parumve cum sanctitate conveniat.

De tabulis votorum

[46]

Votorum item tabulae, donaria, ex cera fusiles imagines, et eiusmodi aliae, quae ad memoriam vel recuperatae valetudinis, vel periculi depulsi, vel beneficii divinitus

mirabiliterque accepti in ecclesiis ex antiquo more institutoque suspendi solent, cum saepe falso, indecore, turpiter, superstitioseque effingantur; in iis ipsis exprimendis cautio sit supra praescripta.

CAPUT XVIII.

DE LAMPADIBUS LAMPADARIOVE

[47]

De lampadibus vero et lampadario pensili, quo illae appensae in conspectu sanctissimi Sacramenti et sacrarum reliquiarum vel imaginum sustinentur, instructionis locus hic erit. Primo lampades, pro ecclesiarum ratione et dignitate, ex argento aut aurichalco, prout est ecclesiasticae consuetudinis, esse possunt; sicut etiam ex auro etiam confectas in basilicis maioribus adhibitas esse animadvertimus, adiuncto et collocato intus vasculo ilio vitreo, ad lychni usura. At in locis alpinis, frigore rigentibus, ubi in hyeme ob gelu vasa vitrea saepe confringuntur, vascula aeraria intus in lampadibus collocata adhiberi licebit.

De forma lampadum.

[48]

Lampadum forma, cum multiplex esse possit, prout temporum cursus tulit, nulla quidem improbatur, modo cum Ecclesiae consuetudine conveniat. At illae tamen forma oblonga, olim usu frequentatae, valde probantur; quae scilicet a summa imaue parte ampie patent, in medioque anguste conflatae quasi nodo quodam concluduntur, et a summo labro tribus catenulis eiusdem metalli appenduntur.

De lampadario eiusque forma.

[49]

Lampadarium autem instrumentum, quo lampades pensiles certo numero sustinentur, in orbem ductum, et alte paululum exstructum instar turris, multis delphinis ad lampadum sustentationem constans esse potest. Cuius generis lampadaria antiqua fuisse constat, quae *phara canthara* nominantur. Idque lampadarii genus in ecclesiis insignioribus adhiberi decens erit, praesertim ex aurichalco ornate confectum. Alterum lampadarium,

e parvula trabe, bene firma, esse potest, totum artificiose inauratum et coronicibus decenter ornatum; delphinos etiam, ut veteris olim usus fuit, ligneos in summa parte ad ornati speciem habere poterit. Id autem tanta longitudine sit, quantam lampadum numerus acquirit, quae ad luminis usum adhibentur. Tertia lampadarii species adhibetur, quae trianguli formam exhibet. Haecque in usu esse potest, ubi tres lampades pensiles adhibentur. Lampadario in longitudinem ducto, tres vel quinque lampades in minoribus ecclesiis affigantur, in maioribus septem vel tresdecim. Haeque, ordine recte collocatae, dimidio fere cubito inter se distent.

De numero lampadum.

[50]

Lampadario in orbem ducto et instar turris columnaeve erecto plures lampades, pro illius fabricae ratione, affigi possunt. At in omni lampadario cautio sit, ut lampades impares sint.

De loco lampadarii.

[51]

Omne vero lampadarium, ex una etiam lampade constans, non a latere, sed e regione conspectu altaris, aut sacrarum reliquiarum, aut sacrae imaginis, ut supra, appensum, et ad praescriptum distans, recta constituatur, ductorio funiculo adiuncto. Tam longe autem appensum, ab altaris scabello distet, ut, si forte aliquando stillans est, non inquinetur oleistilla sacerdos aut clericus, dum initio Missae uterque in imo scabelli gradu est; rursusque a pavimento ecclesiae in altum non minus septem cubitis ducatur, amplius vero pro ratione ecclesiae. E lampadibus, cum una solum, quae colluceat, accendenda est, illa in medio collocata tantum accendatur.

CAPUT XIX.

DE BAPTISTERIO

[52]

His omnibus expositis, nunc locus est, ut ad baptisterii rationem formasque commonstrandam transeamus. Baptisterium igitur cum sacrario in singulis cathedralibus,

et item, ut in conciliis nostris provincialibus praescriptum est, parochialibus, atque in aliis etiam quibusvis ecclesiis, ubi vel animarum cura geritur, vel facultate ab Episcopo ob causam data illud constitui concessum est, forma et modo infra praefinito, pro uniuscuiusque ecclesiae ratione amplitudineve extruatur.

De loco et forma cappellae baptisterii

[53]

Primo, in unaquaque ecclesia cathedrali et archipresbyterali, praepositali aliove nomine, quae caput plebis sit, baptisterii locus et forma haec esse potest. Locus a fronte ecclesiae, prout situs fert, distans, ad meridiemque vergens, architecti iudicio deligatur: quo in loco sancti Ioannis Baptistae nomine sacellum cappellave, cuius vacuum sit triginta tribus circiter cubitis, exaedificetur insigni structurae opere, pro illius ecclesiae ratione. Forma exaedificationis rotunda, aut octangula, aut sexangula, aliave eiusmodi, quae perfecti circuli fines non egrediatur, adhibenda est: illa vero accommodatior et decentior, quae octanguli similitudinem exhibet. Tectum aedificii huius fornicato, concameratove opere sit, ac pro modo formae eminentius fastigiato, laminisque plumbeis operto; tum in ipso summo fastigio e tholo constet, unde lux ab omni parte excipiat.

Pavimentum e marmore lapideve solido, et opere tessellato, aut, ubi id non potest, testaceo

saltem fiat, a soloque viae publicae extet altius gradibus tribus pluribusve; modo ne solo ecclesiae altius sit. Ianua ad occidentem versus spectet, parvo vestibulo ornata, formaque, ut supra, in ostio ecclesiae demonstrata. Fenestrae plures, pro aedificii modo et architecti periti iudicio; singulae autem forma eidem architecto probata pro ratione aedificii. Aedificii totius altitudo, usque ad summum fastigium ducta, latitudini respondeat, pro operis ratione; idque de consilio item architecti.

De altari cappellae baptisterii.

[54]

Altare unum tantum in hoc sacello exaedificandum est, cubitis duobus a pariete ad orientem versus extructo distans, si modo amplitudo sacelli tantum spatii ferat; forma autem reliquorum altarium et modo praefinito fiat, muniatur, saepiatur, instruatur atque ornetur. Super quo item altari in pariete expressa sit sacra historia sancti Ioannis Baptistae, Christum Dominum baptizantis. Si vero ne altare quidem praefinita amplitudine et ratione extrui ullo modo potest, illius saltem loco sit icona, aut pictura sacra, in pariete expressa, sancti Ioannis item Baptistae.

De loco baptisterii, ubi separatim ab ecclesia extrui non potest.

[55]

Ubi praeterea sacellum sancti Ioannis Baptistae ab ecclesia separatum non est, neque item prae facultatibus exaedificari potest, tunc in sacello ecclesiae baptisterium forma infra suo loco demonstrata fieri poterit, concessu Episcopi.

De distinctione baptisterii, more Romano et Ambrosiano.

[56]

Sequitur, ut baptisterii formam demonstramus, quam ita distinximus, prout baptismi ministrandi nunc usus est. More Romano baptisterium illud diximus, illam scilicet baptisterii formam accommodatam ad baptizandum aquae effusione, cum in ecclesiis fere omnibus, ritu Romano utentibus, ita baptizari moris et consuetudinis frequentioris hodie sit. Alteram porro formam, extructam ad usum baptizandi immersione, appellavimus baptisterium Ambrosiano more, utpote cum hic immersionis usus in ecclesiis ritus Ambrosiani servetur ac retineatur.

De situ et forma baptisterii more Romano.

[57]

Situs baptisterii in media cappella esse debet; isque cura late patens cubitos undecim, tum ita profundus, ut a cappellae pavimento descendatur iribus saltem gradibus; hocque descensu, et aliquantula profunditate, aliquam sepulcri similitudinem exhibeat. In imo aulem graduum descenso spatium vacuum sit, quod per diametrum ample pateat cubitos septem et uncias sexdecim. In eo spatio medio vas baptisterii, in quod aqua

defluet, ponatur: cuius latitudo vacua per mediam rectam lineam sit cubitis tribus, altitudo duobus. Forma autem sit vel rotunda, vel octangula, vel alia, quae cum forma cappellae conveniat. Conficiatur vero ex uno, si potest, lapide solido marmoreo, vel alterius generis; aut e duabus pluribusve laminis marmoreis lapideisve, crassitudine unciarum octo. Eaeque laminae solidae nec spongiosae sint, recte atque apta commissura inter se compactae, ac firmiter conglutinatae; intrinsecus praeterea opere levigato expolitae; extrinsecus decenter ornatos specie pie exculptae. Huius vasis fundus sternatur, ac solidetur, si ex uno tantum lapide non constat, sectilibus crustis marmoreis siliceisve, apte, ut supra, inter se connexis bitumineque bene firmatis. Undique item divexus ac paululo acclivior sit, exiguos aliquot canaliculos habens, quibus ad foramen, medio situ sub basi colonellae suffossum, aqua derivetur. Sub fundo praeterea huius vasis cisterna parvula, pro sacrario, loco subterraneo effodiatur, in quam aqua, ex infantis qui baptizatur capite dilapsa, confluat. In eiusdem fundi locive medio columella marmorea figatur erigaturve, supposita eius scapo basi triangula aut quadrangula sexangulave, aut alia, quae videbitur, forma: eaque polite et ornato opere decenter elaborata. In colonellae huius summa parte vas ipsum baptismale, in quo per totum annum baptismalis aqua servabitur, apte decenterque collocetur. Quod vas forma rotunda vel octangula sit, aliave eiusmodi, quae respondeat formae cappellae vasisque inferioris; late autem pateat cubitos duos, profunde autem uncias circiter duodecim, aut paulo amplius, pro urbis locorumve amplitudine proque ecclesiarum ratione. Hoc vas, altius collocatum, illo inferiori esse poterit unciis circiter sexdecim: altitudine scilicet, ab inferioris summo labro ad huius, quod superius est, vasis labri summitatem, perpendiculari ducta.

De cochlieari argenteo.

[58]

Cochleare argenteum, ad aquam infantis, qui baptizatur, capiti infundendam, adhibeatur; idque e superiori vase manubrio, a summa parte paululum adunco, appendatur. Eiusmodi sit, ut ab illius ore, e parte sinistra, labrum paulo contractius, instar parvuli canalis, existat, unde in infantis caput aqua tenuiter effundatur.

De situ et forma baptisterii more Ambrosiano.

[59]

Atque haec quidem de forma et situ baptisterii more Romano; nunc sequitur situs et forma more Ambrosiano. Primo, situs baptisterii in media cappella, atque eiusmodi, ut gradibus eo cum descendatur ad instar sepulcri sit; quemadmodum supra in forma baptisterii Romani demonstratum est. Vasis autem baptismalis forma, quam ex antiquis baptisteriorum vestigiis perveterem esse animadvertimus, haec ipsis baptisteriis extruendis praefinita in eiusmodi ecclesiis, cathedralibus, plebanis, praepositorialibus, archipresbyteralibusve adhibenda erit. Vas e marmore lapideve solido, non spongioso fiat: quod si ex uno tantum integro lapide marmoreo fieri potest, ad baptismalis fontis, instar sepulchri, extruendi usum accommodatius erit; si minus ex uno solo, e duobus; ac si ne ex his quidem, e pluribus lapidibus quadratis, apte inter se compactis bitumineque firmiter consolidatis extrui potest. Qui lapides crassitudine unciarum octo ab interiori parte levigato opere expolito, ab exteriori decenter pia sculptura elaborati esse debent. Forma, ut illud superius more Romano, octangula aut rotunda, aut alia cum aedificii ratione convenienti. Altitudine ab ima ad summam partem ducta esse debet cubitorum duorum. Latitudine, per vacuum ducta, tricubitali. Foramine ab ima parte, quae ad orientem versus statuatur, triunciali sit: unde, cum aqua baptismalis renovatur, vetus in sacrarium, quod subtus, ut infra demonstratur, instar parvulae cisternae extruetur, defluat. Id vero foramen ligno querneum vel fraxineum, eoque arido, stuppae involucris obducto, aut alia firmiori ratione, bene obstruatur. Fundo solido integroque constet, si ex uno tantum lapide factum est; si vero a pluribus, fundum habeat accurato diligentique testaceo opere confectum, et solide ita pavimentatum, ut ne rimula quidem sit, unde aqua sensim effluere ullo modo possit. Eiusmodi praeterea fundus sit, ut totus accliviter pendeat ad foramen versus. In umbilico cappellae situsve praefiniti, eiusmodi vas, firmiter communitum, statuatur, ut supra. Cisternula, in quam aqua baptismalis, cum renovatur, effluet, a parte orientali pro sacrario suffodiatur in plano, quod circum baptisterii vas est. Quae cisternula, prope baptismali vasi adhaerens, ex ostiolo undique cubitali constet; hocque valvulis sera ac pessulo firmiter muniatur; tantumque pateat, cum per illud, aperto vasis foramine, aquam effundi opus est.

Communia baptisterii Romani et Ambrosiani.

[60]

Huius baptisterii Ambrosiani et Romani, quod ad extructionem attinet, haec communia esse possunt: operimentum, seu ciborium, situs spatium, saepimentum, ornatus, tectum et conopoeum, ut mox infra uniuscuiusque forma demonstratur.

De ciborio.

[61]

Operimentum igitur, quod ciborium dicunt et utriusque baptisterii usui accommodatum esse potest, e marmore lapideve solido in ecclesiis insignioribus fiat; et colunellis pilastrisque angustioribus, ut in intercolumniis satis commodi spatii detur, altitudine duorum cubitorum suffultum, firma structura nitatur. Quae columellae pilastrataeve, ubi ritu Romano baptisterium est, vasis inferioris labro summo fixae collocentur; ubi Ambrosiano, in vasis ipsius baptismalis labro consolidatae haereant. In earum columellarum summitate epistylia et zophori ornatus decens, coronique de architecti consilio adhibeatur, tum totum opus operimenti contegatur tecto marmoreo, forma orbiculari aut pyramidalis: in cuius summa parte statua collocetur sancti Ioannis Baptistae, Christum Dominum baptizantis. Spatia autem illa, inter pilastratas interiecta, valvulis aeneis, aliqua pia historia conflatis, ita occludantur, ut, cum usu venerit, amoveri queant.

De mensa

[62]

Vasi baptisterii, sive Romano sive Ambrosiano more, forma supra praescripta extructi, et ceteris item, alia forma infra demonstratis, ad baptismalis aquae asservandae mundiciem, mensa e duabus tabulis nuceis constans, fibulisque ferreis media inter se iuncta, et inter ciborium vasque ipsum collocata adhibeatur; qua eiusdem vasis ostium pro illius vasis forma et modo plane tegatur et claudatur. Quae mensa, ubi ritu Ambrosiano mergendo baptizatur, in baptisteriis solum amplioribus locum habeat, ne infantis immersio impediatur; in omnibus autem, ubi ritu Romano baptismus infusione ministratur, esse potest.

De situ utriusque baptisterii.

[63]

Situs vero utriusque baptisterii forma eadem sit, qua vas baptistmale et cappella. Huius situs planum solidetur tessellato opere marmoreo, cingatur columnario opere a summo gradu.

De columnario.

[64]

Forma columnarii sit pro baptisterii aedificationis modo. Constet columnis octo, ordine singulis; aut sexdecim, ordine binis: si sexangula forma, ex columnis sex aut duodecim, pro formae ratione. Ornetur et cingatur a summa parte zophoro et coronicibus de architecti consilio. Operiatur tecto laqueato, aut fornice, aut opere concamerato, arundinibus firmiter contexto, tectoriique incrustatione, et albarii operis caelati inauratique specie exornato. Intersaeptum sit etiam hoc columnarium clathrato opere, ab una ad alteram columnam ducto; atque ita omnino, ut de clathratis ferreis cappellarum supra praescriptum est.

De conopoeo.

[65]

Conopoeum ad ciborium totum contegendum adhibeatur: idque e serico, aut subserico, coloris albi sit, qui color mysterii huius sacramenti rationibus respondet; non tamen e tela decenti eiusdem coloris vetatur.

De armario sacri chrismatis etc.

[66]

Armarium autem, in quo sacri chrismatis et olei cathecumenorum vasculum, liber ritualis sacramentorum, mantilia, et reliqua, ad baptismi ministrationem necessaria, reponuntur, ad baptisterii Romano Ambrosianove more extructi usura in ipsa cappella ab aliquo latere in pariete, aut parieti adhaerens, de consilio architecti fieri poterit; valvis sera et pessulo bene clausum, marmoreoque opere sculpturave piis imaginibus elaborata

ornatum; intrinsecus autem partitum ac decenter distinctum, pro ratione et usu rerum, quae ibi asservandae sunt, tum vero tabulis populeis circumamictum, aut aliis eiusmodi, ut ab humiditate, quae ex muro aut marmore existit, omnino defendatur. Panno autem serico albi coloris undique circum vestitum sit.

De baptisterio angustiori.

[67]

Ubi vero prae situs angustia, aut prae tenuitate facultatum, sancti Ioannis Baptistae sacellum et baptisterium ita amplum atque altum extrui non potest; eadem tamen utriusque servata forma, angustius fiat, ita ut baptisterium, remoto columnario opere, clathris solum ferreis gradui, quem unum tantum in descensu habeat, affixis cingatur, et tecto sacelli solo operiatur, cum alterum proprium prae aedificii humilitate habere non queat. Facultas praeterea operimenti ciboriive, etiam cum armario coniuncti, ex ligno, forma ut infra demonstrata, construendi erit, ubi marmoreum illud fieri non poterit.

De altera sacelli situsve forma, ad utriusque baptisterii, et Romani et Ambrosiani, usum.

[68]

In omni ecclesia parochiali, aliave inferiori, ubi fontem baptismalem constitui concessum sit, intus ad ostium maius, et a latere, ubi evangelium legitur, sacellum cappellave extruatur; quae instar aliarum cappellarum lateralium sit, quae pro altaribus exaedificantur. De illius pavimento, limine, longitudine, latitudine, altitudine, loto denique spacio, fornice, clathris ferreis, aliisque et ceteris serventur quaecumque in aliis cappellis, quae cum altaribus sunt, praescribuntur. Quibus vero in ecclesiis, prae situs angustia, extrui non potest quae tantae magnitudinis sit, quantam praefinivimus, ea tamen omnino exaedificetur, quae situs sui spacio baptisterii saltem opus totum supra demonstratum capiat; tum praeterea aliquantulum loci sit sacerdoti baptismum ministranti et compatribus. Si vero ab evangelii parte ad praescriptum cappella haec extrui nullo modo potest, ab altera parte, ubi praefinita forma et commodius possit, ea exaedificetur arbitrio Episcopi, ut infra exponitur. Ubi autem per loci angustias, ne ab altera parte, neque hac exigua quidem magnitudine, fieri cappella potest, tunc ab evangelii latere ad ostium paries aliquantulum ita concavetur, ut foris etiam ad hemicycli formam promineat;

in qua concavitate baptisterium totum aut pars apte cohaereat; et clathris ferreis a tribus partibus saepiatur. Ubi praeterea neque hac forma extrui potest, ab eo ipso latere prope parietem illud collocetur, ea tamen adhibita ratione, ut ne vel impediri, vel occupari a situ ianuae possit, quae ab eo latere fiet; et clathris item, ut supra, muniatur, ita tamen ut inter haec et ipsum baptisterii opus spacii tantum intersit, quantus est cubitus, aut paulo amplius pro situs ratione. Illa autem cautio, ne baptisterii situ ianua, quae a latere maioris ostii est, impediatur, adhibenda est etiam accurate in omni, infra demonstrata, baptisterii forma. Verum quo maxime, si potest, caveatur, ne baptisterium parieti proximum adhaereat, cum ecclesia, nullis etiam navibus constans, ampia tamen est; tunc ad illius ostium, ab eodem evangelii latere, situs, qui ab uno et altero pariete cubitis duobus vel pluribus pro spacii modo, servata illa, ut mox supra, ratione aequae distet, clathris ferreis, forma quadrata aut octangula vel eiusmodi praefiniatur. In cuius situs medio baptisterium, cuiusmodi forma sit, ita collocetur, ut ab omni clathrorum saepimento, cubiti unius et dimidii saltem, si potest, spatio absit. Si vero navibus et intercolumniis, non valde inter se distantibus, ecclesia extructa est, intra illius tantum intercolumnii, ecclesiae ostio maiori proximi, fines, ab eo ipso evangelii latere, aut in eo spatio, quod intercolumnio et ianua maiori continetur, baptisterium, praescripto spatio, clathris ferreis concludatur; atque ita, ut is situs conclusus formam quadratam, aut octangulam, aliamve, quae pro loci ratione commodior decentiorque videatur, exhibeat. Quaecumque vero de forma clathrorum et altitudine, loco de cappellis, supra dicta sunt, eadem in clathris pro baptisterio servanda erunt. Baptisterium quocumque situ vel forma in ecclesia constructum, si Episcopi iudicio prae tenuitate facultatum cancellis ferreis saepiri non potest, nec marmoreis item, ligneis saltem muniatur, ut de cappellis praescriptum est.

De loco baptisterii a dextero latere.

[69]

Ubi Episcopi iudicio a dextero potius quam a sinistro ecclesiae latere commodius, praescripta ratione, baptisterium constitui queat, ab eo, eiusdem facultate data, ponetur, servata in ceteris proxime praescripta ratione. Baptisterii cappella, seu hemicyclus, seu paries, proxima pictura sancti Ioannis Baptistae ornetur, Christum Dominum baptizantis.

In eiusmodi cappella aut loco situve baptisterium, ad quod uno pluribusve gradibus descensus fiat, et forma, in caeteris etiam superius demonstrata, ecclesiaeque vel Romanae vel Ambrosianae usui accommodata extruatur, si pro facultatum ratione potest; si minus, forma sequens formanda est, more Romano.

Forma secunda baptisterii more Romano.

[70]

Vas rotundum, aut alia decenti forma, quae videbitur, e marmore aliove solido lapide, per diametrum late cubitis duobus et dimidio patens fiat; profundum unciis octo aut decem ad summum; et in fundo sensim concavum, cum suis, ut supra, canaliculis. In base columnave collocabitur, a pavimento autem usque ad labrum vasis non altius cubitis duobus. In eius medio foramen, digito circiter patens sit, quod per columellam basemque usque ad parvulam cisternam, effusae aquae baptismalis excipiendae causa suffossam, penetret.

De altero vase.

[71]

Praeterea in eiusdem vasis medio, alterum etiam vas, marmoreum itidem, forma simili at amplitudine minori, ita ut per diametrum cubito uno et unciis octo, cum ipsius vasis crassitudine, late patens, statuatur. Idque vas sustentetur aliquo marmoreo lapideove fulcimento, quod in vase inferiori nitatur. Hocque ipso in vase minori baptismalis aqua asservetur.

Forma secunda baptisterii more Ambrosiano.

[72]

Forma autem baptisterii Ambrosiani secunda haec erit. Vas modo ac forma, ut mox supra more Romano praefinita, fiat: at in medio non perforatum, sed profundius excavatum; nec vero superiori vase, ut illud, constet. Sin autem vas ipsum non ex solido lapide factum sit, ita ut aqua sensim disperdatur, in eo inseratur aliud vas stamneum aereumve stamnatum, donec aliud lapideum solidum, nec rimosum spongiosumve paretur.

De sacrario.

[73]

Sacrarium autem ad baptisterii huius, more Ambrosiano extructi, usum fieri potest uno aut altero modo, infra demonstrato de sacrariis; ita tamen, ut et baptisterium et sacrarium intra unius saepti fines concludantur.

Communia utrique secundae baptisterii formae.

[74]

Pavimentum autem baptisterii, cuiusmodi forma, sive Romano sive Ambrosiano usu, demonstrata sit, etiam in ecclesia ita profunde sternatur, ut si minus tribus gradibus, uno saltem ad baptismum descendatur; quamvis baptisterii vas columella suffultum emineat. Baptisterio, quod extra cappellam hemicyclive concavitatem totum vel ex parte positum est, sive parieti inhaereat, sive ab eo distet, fiat tegumentum, aut opere fornicato, quod duabus pluribusve columnis, ab ipso pariete paululum extantibus, suffulciatur; aut struatur tabulis sectilibus, iisque pictura pie ornatis; aut e tela picta fiat. Quod e ligno aut e tela integumentum cathenis ferreis e tecto pendentibus, aut alia firma structura sustineatur.

De ciborio et armario.

[75]

Ciborium vero et armarium utriusque commune eiusmodi fiet. Pyramidis forma illud extruetur ex tabulis sectilibus nuceis, polite elaboratis, et, ubi potest, pictis etiam atque decore inauratis. Quae tabulae, inter se apte commissae et compactae, omni coaxatione cohaereant, earumque commissurae parvulis tenuibusque assulis coronicibusve recte annexis ita contegi debent, ut nec pulvis, neque ullae aliae sordes in baptisterium penetrent. Id ciborium labro vasis inferioris baptisterii, si Romani moris est, si Ambrosiani, summitate labri ipsius vasis baptismalis, nitatur atque suffulciatur. A cuius ciborii parte superiori armarium parvulum, asservandis sacris oleis aliisque rebus ad baptismi ministrationem necessariis accommodatum, extrui debet, quod a summo vase distet unciis circiter octo; intrinsecus autem tela serica coloris albi bene circumvestiatur.

De ciborii altera forma.

[76]

Ciborii praeterea forma altera esse potest: quae e ligno etiam, ut altera, confecta, columellis et pilastratis ligneis suffulta, eodem modo fiat, quo supra demonstrata est forma ciborii marmorei.

De valvis ciborii.

[77]

Ciborii valvae, quacumque forma illud sit, anteriorem parielem ecclesiae spectare debent; ut et baptizantis sacerdotis facies, et infantis qui baptizatur caput ad orientem versus respiciat. Nec vero intrinsecus, sed extrinsecus illae aperiantur: et amplae praeterea sint, ut iis apertis totius baptisterii dimidia pars pateat. Clave autem, sera pessuloque firmissime claudantur.

De baptisterii forma tertia ex usu Romano tantum.

[78]

Alia tertia sequitur baptisterii forma, quae usui Romano tantum accommodata permitti poterit, ubi Episcopus prae magna inopia necessario illam concedendam censuerit. Lapis marmoreus solidus, opere sculptili, eiusmodi appareatur: qui forma ovata sit, ac longe cubitos duos et uncias octo pateat, late cubitum unum et uncias duodecim. In quo lapide vasa duo, eaque unciarum trium intervallo inter se disiuncta, scalpro polite concaventur; quae et forma rotunda sint, et eadem altitudine amplitudineque item. Tum columella etiam, ad formae praescriptae modum, sub ovato lapide statuatur. E duobus bis vasibus unum erit, ad altare maius vergens, in quo aqua baptismalis asservabitur; alterum, in quo dum baptizatur aqua eadem effundetur, idque spectans ad parietem altari maiori oppositum. Ideoque in huius fundo parvulus canalis fiat, per quem ad foramen, quod a latere in una parte fodietur, aqua ducatur, indeque per columellam intus vacuum penetrans, ad subterraneam parvulam cisternam defluat. Hoc item baptisterium operimento ciboriove ligneo, ex praescripta supra forma, contegatur, armariolo item, ut supra, extructo, et conopoeo item adhibito. Haec de baptisterio; sequitur de sacrario brevis instructio.

CAPUT XX.

DE SACRARIO

[79]

Sacrarium igitur praeter illud quod cum baptisterio iunctum est, alterum etiam, quod aliis usibus in ecclesia esse debet, in omni cathedrali, praepositali, archipresbyterali, parochiali et alia quavis ecclesia, in qua Missa aliquando celebratur, extruatur ad unius vel alterius formae, quae sequitur, praescriptae modum. Idque in cappella maiori, si commode potest, neque ullum impedimentum praebet, vel alio ecclesiae loco, qui sacristiae propior sit, eiusque usui accommodatior, a populi autem conspectu remotior; vel in ipsa potius sacristia, si haec ampia sit, ac praesertim si ecclesia frequentior eiusque clerus multus.

Sacrarii prima forma.

[80]

Sacrarii prima forma haec sit, ut vas scilicet e marmore lapideve solido fiat, instarque fontis baptismalis concavetur. Longe patens sit cubitum unum, late uncias sexdecim; forma rotunda, vel ovata, vel quadrata, aliave, quae minus situm impediatur. In medio fundo concavo foramen habeat forma quadrata, quod large ab omni parte pateat uncias circiter quinque. Suffulciatur columella quadrata aliave pro ratione vasis, supposita parvula basi, ita ut ab ecclesiae pavimento usque ad summum eius labrum alte exstructum sit cubitis duobus. Habeat sub foramine parvulum tubulum aquaeductumve, in media columella effossum sculptumve: qui, quadrata etiam forma, ampie itidem pateat uncias quinque, ut per eum aquae, cineres, aliaque id generis, quae effundentur aut proiciantur, deorsum effluent. Infra hunc tubulum aquaeductumve cisterna suffodiatur, in quam quaecumque effusa proiectave erunt, recipiantur. Id sacrarium integumento operiatur, quod ex tabulis nuceis sit, atque eiusmodi, ut a parte superiori sensim leni acclivitate, quasi pyramidis instar, emineat. Claudatur autem firmissime pessulo, sera et clave.

Sacrarii forma secunda.

[81]

Altera praeterea sacrarii forma haec erit. Fenestella in pariete, unciis viginti vel cubito, prout illius crassitudo est, concava extruatur; quae cubito etiam uno ac paulo amplius late pateat: alta vero sit cubito item uno et dimidio. Ab ecclesiae pavimento in altitudinem extruatur cubitis circiter duobus. Cuius fenestellae solum e solido lapide eoque concavo sit, in quo foramen insit, ut supra. Forma ampie quadrata: tum aquaeductus et subtus item suffossa cisternula: valvulis suis, sera et clave occludatur.

CAPUT XXI.

DE VASE AQUAE SANCTAE

[82]

Hactenus de sacrario, nunc de aquae sanctae labro vaseve: quod e marmore lapideve solido, non spongioso, ac sine rimis sit, columellaeque scapo, decenter elaborato, suffulciatur. Collocetur non foris, sed intus in ecclesia, ita ut e conspectu ingredientium sit, a latere dextro, ubi potest. Alterumque collocetur qua ingrediuntur viri, alterum qua mulieres. Parieti non inhaerens, sed ab eo distans pro situs spatio, columella, ut supra, aut pila baseve sustentetur, in qua nihil prophanum appareat. Aspergillum decens habeat, e labro catenula appensum, quod vel ex aurichalco, vel ex ebore, vel ex ferro, polite tamen elaborato, vel ex alio genere quod conveniat, conficiatur; a summa parte none spongia constet, sed e setis. E spongia autem esse potest, si in pilula ex argento, aurichalco aut stamno undique perforata illa includatur, praefixis extrinsecus setis.

CAPUT XXII.

DE AMBONIBUS ET SUGGESTU

[83]

Habenda est quoque in ecclesiis insignioribus ac praesertim in basilicis cathedralibus ratio ambonum; quos et magnos, et ornate confectos, et tabulis marmoreis ornatos extitisse, in basilicis Romanis perspicui licet, et alibi etiam aeneis, caelato sacrarum imaginum opere expressis.

De duobus ambonibus.

[84]

Item duo pro ecclesiarum magnitudine constitui possunt: unus altius exstructus, de quo evangelium, alter de quo epistola lectione sacrae scripturae in maioribus solemnitatibus pronuncietur. Hicque paulo depressior sit quarti ille unde evangelium legitur.

De uno ambone.

[85]

Unus etiam tantum ambo, ut in multis ecclesiis cernitur, esse potest, qui et evangelii et epistolae simul lectioni usui sit: ita tamen ut in eo locus, unde evangelium recitatur, aliquanto eminentior sit; pars vero, unde epistola, aliquo gradu inferior sit. Infima item pars sub ambone vel alius locus inferior detur, ubi cantoribus clericisque spatium sit, unde in solemnitatibus certisque diebus de antiquo Ecclesiae more stata cantica, praesertim inter epistolam et evangelium, canant. In ambone, ubi potest, constituentur duo graduum ordines: unus, quo fit ascensus ad orientem versus; alter occidentem spectans, quo fiat descensus.

De situ ambonum.

[86]

Si unus tantum ambo in ecclesia constituendus sit, is a latere evangelii statuatur. Si duo, unus, unde scilicet epistola legitur, a latere epistolae; alter vero, qui est evangelii, ab evangelii latere constituatur, ita ut diaconus, inde evangelium legens, ad meridiionalem ecclesiae partem vertatur, ad quam viri convenient. Atque ii quidem e marmore lapideve alio confici debebunt, et ornari praeterea aliquo piaae sculpturae opere. Aut e latericio lapide exaedificari possunt, exornari tamen eos decet laminis marmoreis lapideisque ornate elaboratis, aut aeneis iisque inauratis: quales hodie etiam visuntur.

De suggestu.

[87]

In unaquaque autem ecclesia parochiali, ubi ambo constitui non possit, unde et evangelium pronuntiari et sacra concio haberi possit suggestus omnino, ex tabulis

sectilibus iisque firmioribus, decenti opere et forma, ab eodem evangelii latere extruatur; unde et evangelii lectio et concio sacra haberi queat. Illud denique caveatur, ut cum ambones, tum suggestus in gremio ecclesiae, loco conspicuo, unde vel concionator vel lector ab omnibus et conspici et audiri possit, apte collocati, ab altari maiori, ut pro ecclesiae ratione fieri decore potest, non longe admodum sint: quo sacerdoti, ut decretum est, intra Missarum solennia concionanti, commodiori usui esse queant.

CAPUT XXIII.

DE CONFSSIONALI

[88]

Demonstrata ambonis ac suggesti item forma, unde sacra vel lectio vel concio habetur, restat aliqua etiam instructio operis lignei, ad poenitentium confessiones audiendas recte decenterque accommodati, quod *confessionale* appellamus.

De confessionalium numero.

[89]

Primo igitur in ecclesia cathedrali confessionalia totidem construantur, quot pro iubilei indulgentiarumve celebritate, aut solemnitatum ratione, sacerdotes confessarios constitui adhiberive opportunum necessariumve videbitur. In singulis item ecclesiis collegiatis, saecularibus, regularibusve totidem etiam, quot sane requiruntur, pro confessoriorum sacerdotum ratione, qui in frequentiori populi concursu esse adhiberive ibi plerumque solent. In unaquaque praeterea parochiali ecclesia statuatur confessionalia duo, ut viri, quod saepe non sine irreverentia loci sacraeque illius actionis et offensione piorum cernitur, cum mulieribus ne confuse permixti, neve etiam dense inter se compressi sint, cum ad sacram confessionem frequens concursus est, sed ita distincti, ut hi in uno, illae in altero confiteantur, quemadmodum in plerisque huius provinciae ecclesiis certus iis ipsis et distinctus est locus; tum praeterea, ubi illud non ex provinciali decreto distingui iussum est, ut unum parochi, alterum confessari alii sacerdoti usui sit, si quem ab Episcopo probatum ille aliquando, eiusdem concessu, in frequenti confitentium multitudine adhibere necesse habeat. In qua vero parochiali ecclesia plures parochi, portionarii, aliive sacerdotes, etiam coadiutores sunt, qui

confessionis audiendae munus exercent; totidem item confessionalia fieri debebunt, quot sane illi sunt. Quod vero de duobus confessionalibus, in unaquaque parochiali ecclesia statuendis, supra animadversum est, id etiam praestandum erit in singulis ecclesiis, quae licet parochiales non sint, tamen iis ipsis, aut parochiali quovis iure subiectae, aut annexae, aut adiunctae, aut intra earum fines constitutae sunt; aut eiusmodi sunt, in quibus aut sacerdos quispiam residere, qui idem confessarii munus obeat, aut parochus, quovis iure, vel quavis causa debeat soleatve. In ecclesiis item non parochialibus, ubi doctrinae christianae scholae exercentur, confessionale adhibeatur, unum saltem; vel duo item, si utriusque sexus schola christiana ibi exerceatur; vel demum plura etiam, ubi plures confessarii sacerdotes, tempore scholae christianae, adhibentur ex decreto provinciali.

Forma confessionalis.

[90]

Forma, ad cuius praescriptum confessionale extruendum erit, haec est, qua servata, licebit aliqua praeterea ornamenta adhibere, utpote in anteriori parte coronices elaboratas aliudve ornati genus decens. Primo, ex tabulis sectilibus, vel nuceis, vel certe alterius cuiusvis generis, totum sit; saeptum scilicet iis, et a latere utroque, et a tergo, et a parte superiori eisdem intectum: a parte anterior apertum omnino, neque ullo modo occludatur. Habeat tamen, praesertim in frequentioribus ecclesiis, ostium ex crate cancellisve ligneis, inter se unciarum circiter quattuor spatio distantibus, cum sera clavique, ut cum confessarius in eo non est, ne ibi, cum irreverentia ministerii quod ibi agitur, laici vagique et sordidi homines sedeant otioseve dormitent.

De basi.

[91]

Basis huius confessionalis, ubi sacerdotis confessarii et poenitentis pedes innixi haerent, ab ecclesiae pavimento alta extet, unciis ad summum octo; late cubitis duobus, longe cubitis circiter quattuor pateat.

De sede confessarii.

[92]

Sedes confessarii in eo sit: quae a basi alta sit cubito et unciis circiter tribus; lata a dextera ad sinistram partem cubito item et dimidio, a fronte ad tergum uno tantum cubito.

De confessionalis altitudine.

[93]

Totius huius confessionalis structurae altitudo, a basi usque ad summum ducta, cubitis quattuor constet.

De assula, in qua confessarius nitatur.

[94]

In parte interiori tabulae intermediae inter confessarium et poenitentem assula item collocetur, in qua ipse confessarius, brachio nixus, haerere possit; eaque instar repaguli sit, ita ut et deprimi, et rursus, pro libito, extolli queat.

De scabello poenitentis.

[95]

A parte exteriori, poenitentis scabellum, ab ima parte latum unciis quattuordecim, basi innixum, et tabulae intermediae haerens, accliniterque ab imo ad summum ascendens, altum a basi extet cubito et unciis viginti. Cuius summitatis tabella leniter acclivis sit, in qua poenitens manibus supplicibus niti possit, dum in confessione genibus flexis est; eademque lata unciis duodecim, longa cubito uno et dimidio.

De gradu scabelli.

[96]

In ima parte habeat hoc scabellum gradum annexum, super quo poenitens genua flectat, quod supra basim emineat uncias octo; late pateat uncias sexdecim, ea longitudine qua scabellum.

De fenestella intermedia.

[97]

Fenestella in medio tabulae, quae inter confessarium et poenitentem interiecta est, fiat, cuius pars ima emineat supra sedem confessarii cubitum et uncias octo: quae unciis sexdecim alta, duodecim vero lata sit. Haec vero fenestella divisa sit in spatia paria tria, relictis in ipsa duabus columellis, seu parvis fulcimentis eiusdem tabulae. Cui fenestellae, a parte poenitentis, affigatur lamina ferrea, piena foraminum: quae singula instar ciceris minuta parvaque sint. Fenestellae praeter, a parte confessarii, configatur tela tenuis saia, aut multitia, quem *buratum* dicunt.

De imagine crucifixi.

[98]

A parte poenitentis, quae exterior est, loco supra fenestellam, crucifixi imago, in charta religiose expressa, apponatur.

De iis, quae affigenda sunt certis confessionalis tabulis.

[99]

Tabulae item inter confessarium et poenitentem interiectae affigatur, ab illius anteriori parte, alia tabula quae transverse pateat cubitum unum: ita ut pars paulo maior ad poenitentem versus, altera ad confessarium versus spectet. In huius tabulae parte, quae ad confessarium spectat, intus fixa collocetur et imago aliqua Christi Domini, aut beatae Mariae Virginia, et sub ea tum oratio illa praeparatoria, impressa ad usum confessorum sacerdotum, cum ad poenitentium confessionem audiendam accedunt, tum forma absolutionis. Alteri etiam tabulae, quae a confessarii altero latere est, neque fenestellam habet, intus affixae sint litterae processus In Coena Domini, prout quotannis a Sanctissimo Domino Nostro promulgatae erunt.

In alia tabula, quae a tergo est, canonum poenitentialium tabella collocetur.

Tabulae supra fenestellam, a parte scilicet confessarii, apponatur tabella casuum, quorum absolutionem sibi Episcopus reservavit, quique alio quovis iure, vel eidem, vel summo Romano Pontifici reservati sunt.

De capsulis eleemosynariis in confessionali non struendis.

[100]

Nec in eo confessionali capsulae loculive ulli omnino colligendae eleemosynae causa struantur quovis praetextu, aut eidem prope affigantur.

Confessionalia, quo loco ecclesiae constituenda.

[101]

A latere ecclesiae, extra cappellae maioris ambitum, loco aperto patentique confessionalia constituentur: partim a meridionali regione, partim a septentrionali. In aliis etiam ecclesiae locis, pro ratione amplitudinis et situs ecclesiae, Episcopi concessum aliquando collocare licebit, ut in cappellis quibusdam, ampie patentibus, aut in earum aditu vel limine, ita ut confessarius intra clathri saepta, poenitens vero extra sit; quo fiat ut clathris cappellae arceantur qui, inordinate concurrentes ad sacram confessionem, nimisque prope alium, qui tunc peccata sua confitetur, vel ipsum poenitentem, vel confessarium facile interturbant.

De loco confessarii, et poenitentis item.

[102]

Confessionale in ecclesia si ab evangelii, quod in altari maiori recitatur, latere collocabitur, tunc poenitentis scabellum et fenestella a dextera confessarii sit; rursusque ab illius sinistra, cum a latere epistolae illud erit: ut et confessarius a parte superiori ecclesiae semper sit, et poenitens aspectu sit ad maius altare caputve ecclesiae versus.

CAPUT XXIII.

DE TABULATO AD USUM ECCLESIAE DISTINGUENDAE

[103]

Et quoniam, ex instituta antiqua, a beatoque Chrysostomo testificata consuetudine, et in plerisque huius provinciae locis olim visitata, in ecclesia separatim a foeminis viri esse debent, forma et modus distinctionis ecclesiae eiusmodi esse potest. In ecclesia igitur, insigniori praesertim, a cappellae maioris ingressu usque ad ianuam maiorem, tabulatum, per medium ecclesiae gremium recta ductum, columellis ligneis solidis, quinque cubitorum spatio singulis inter se distantibus, in pavimentoque firmiter

agglutinatis, affigitur; ac si tabulae sectiles, ex quibus compactum est, aliquando amovendae sunt, canalibus parvulis in unaquaque columella ab uno et altero item latere excavatis aliove modo confectis, totum alte committitur. Cuius tabulati altitudo cubitis circiter quinque extruitur. Ita vero in ianua maiori committatur, ut illam mediam dividat, sicque divisa ac distincta, partim viris, partim mulieribus ad ecclesiam aditum divisim distincteque faciat. Sint autem in tabulato ianuae quaedam certis locis perspicuis: quae valvis et pessulis clausae, tunc solum aperiantur, cum ab una ad alteram partem transitum necessario fieri opus est. A qua parte autem concio habetur, quo facilius commodiusque fideles concionatorem conspiciant, tabulatum, cum eo tempore demissius aliquanto extare debeat, a summa parte tabulis committatur, quae fibulis ferreis annexae, et hinc inde parvulis pessulis clausae, cum opus est, aperiri et demitti possint, eisdem fibulis appensae. Quibus etiam in ecclesiis aliquando necesse est ut, cum ab una parte Missa celebratur, qui ab altera sunt eidem Missae sacro intersint; eadem ratio tabulati demittendi adhiberi poterit. Fibulae autem ad tabulati demittendi usum, ut genibus flexis fideles, a qua parte sunt, sacerdotem in altera celebrantem prospiciant, a pavimento distent cubitis duobus; si ad concionis audiendae usum tantum sint, cubitis tribus.

CAPUT XXV.

DE SEDILIBUS MULIEBRIBUS, QUAS BRADELLAS DICUNT

[104]

Quibus in ecclesiis Episcopus aliquem bradellarum usum perennitendum censuerit, earum forma sequens constituetur; quae in ecclesia a parte mulierum collocatae, cum ad sedendum, tum ad genua flectenda illis usui erunt. Pars vero mulierum septemtrionalis sit, nisi quibus in ecclesiis, pro ratione situs aliave causa, Episcopus aliter statuerit. Asseres igitur, seu trabes parvulae querneae tres, crassitudine unciarum quinque, longitudine cubitorum trium et unciarum sexdecim, altitudine unciarum octo, in ecclesiae solo rectae suppositae, tribusque circiter cubitis singulae inter se disiunctae, tabulis sectilibus totidem, cuiusmodi generis sint, iisque singulis latitudine unciarum octo, aequali inter se spatio distantibus constratae, una scilicet in medio, reliquae duae in extremitatibus, bradellas humiles easque tripartitas ita constituent, ut inde, cum usu

venerit, ne impedimento sint, amoveri queant. Angustiores vero sint, ubi eas latiores loci situs non requirit. Atque haec quidem forma bradellarum; quae ab ea parte per ecclesiae longitudinem ductae, singulae cubito inter se distantes, totidem collocabuntur, quot pro ecclesiae amplitudine Episcopus concesserit. Sint autem procul omnino a cappella altaris maioris octo circiter cubitis, vel amplius pro ecclesiae ratione; a tabulato intermedio, spatio viae latae quattuor cubitis, pluribusve pro magnitudine ecclesiae; ab altero latere, via etiam tantidem spatii. Nec vero prope ulla aitarla sint, sed paulo remotiora. In medio autem bradellarum situ via praeterea transversalis sit, quae tantumdem pateat.

A parte autem ecclesiae quae virorum est nullae bradellae sint, quibus genua flectantur. Si quae vero sedilia conceduntur, ea, e tabulis item sectilibus confecta, forma oblonga sint, neque a tergo habeant longuria, quibus homines ab humeris nitantur; et vel parietibus haerentia, vel intra intercolumnii spatia recta potissimum collocentur. Et eiusmodi sint, quae geri amoverive singula possint, prout usu venerit; atque ita disponantur, ut ecclesiae impedimento non sint; atque ita etiam ut qui sedent a sanctissimo Sacramento aversi non sint; neque rursus altaribus haereant.

CAPUT XXVI.

DE TURRI CAMPANILI ET CAMPANIS

[105]

Atque haec quidem sunt, quae ad interiorem ecclesiae fabricam usumve pertinent. Nunc aliqua sequuntur, quae adiuncta ecclesiae sunt. Ac primo loco de turri campanarum, quam *campanilem* dicunt. Ubi campanarum causa turris exaedificanda est, haec mox infra demonstrata servari poterunt. Sit turris campanarum quadrata forma aut alia, ut pro ratione ecclesiae locive architecto videbitur. In altum extruatur, illius iudicio, prò amplitudine item ecclesiae.

De tabulatis.

[106]

Habeat tabulata, quot idem iudicarit; imum autem fornicatum, reliqua superiora ex assulis firmis confecta, et summum opere item fornicato.

De fenestris.

[107]

Fenestras in singulis tabulatis habeat: quae ab omni parte extructae, longiusculae sint elegantioremque formam pro structurae modo exhibeant. Quae autem in summo tabulato, columellis aut pilastratis distinctae, ab omni latere patentiores sint; aut alia forma, de architecti consilio, pro aedificii ratione.

De scalis.

[108]

Scalas pro aedificationis item modo, ubi potest, cochlidas aut alia forma; easque vel lapideas, vel ligneas: quibus ad campanarum locum ascensus commodus sit, neque periculosus.

De fastigio.

[109]

Fastigium non triangulum, sed circulatum et pyramidale: in cuius summo, ut mysterii rado postulat, galli effigies, firmissime affixa, crucem erectam sustinere poterit.

De ostio.

[110]

Ostium valvis firmis, pessulis et clave bene munitum, ut perpetuo clausura esse possit, nisi cum opus est campanis pulsari.

De loco campanilis.

[111]

Extruatur autem haec turris in capite atrii porticusve, quae foribus ecclesiae proxima est; ubi vero atrium non est, a manu dextera ingredientis, atque ita ab omni alio pariete disiunctam, ut circuii possit.

De numero campanarum.

[112]

Haec turris, si ecclesiae cathedralis est, septem aut quinque ad minimum campanas; si collegiatae tres, grandiore scilicet, mediani et minimam; si parochialis totidem, aut duas saltem habere debet: easque distincto quodam soni concentu, inter se recte consentientes, pro varia divinorum officiorum, quae fiunt, ratione ac significatione.

De horologio.

[113]

In qua turri praeterea horologium, pro aedificii forma artificioso opere confectum, collocari convenit: ita ut horae cuiusque ratio, intus campanae sono, foris stellae effigie, quae in orbem ducatur, perspicuo loco constituta, significetur.

De altera forma campanilis.

[114]

Hae, supra demonstratae, regulae de turris forma deque horologio locum habeant in ecclesiis insignioribus. Ubi vero loci situs et facultatum tenuitas turrim campanilem tanti sumptus fieri non patiatur, in ecclesiae angulo, a dextera ingredientis, extra tamen ecclesiam prominens, non longe a ianua extrui potest; forma, quae de architecti consilio probabitur; ita tamen, ut in ea ostium insit, intus ab ecclesiae parte, non foris extructum, et valvis seraque, ut supra, munitum.

De pilis lateritiis pro campanili.

[115]

Ubi autem ea est facultatum angustia, ut campanarum turris nulla quidem extrui queat, interim, dura facultas sit, pilae lateritiae in summo pariete haerentes eaeque arcuatae fieri possunt, unde campanae appendantur. Qua in re videndum est ut apto loco constituentur, atque ita ut funes earum tractorii ne in cappella maiori ullave alia, aut in medio ecclesiae ostio, aut alio eiusmodi loco pendeant; iidemque per tubum ligneum, in fornice insertum, ducti tractive, fornicatum opus ne sensim diruant.

De campanarum benedictione, et quae iis conflandis vitanda sunt.

[116]

Campanae vero neque in turri neque alio loco collocandae sunt, nisi primum solemnibus benedictionis precumque ritu ex Ecclesiae instituto consecratae: cuius consecrationis monimentum aliquo loco turris vel ecclesiae consignetur. Illae praeterea ne rem ullam prophanam insculptam inscriptamve ullo modo habeant; sed sancti patroni ecclesiae aliamve sacram imaginem, piamque inscriptionem.

CAPUT XXVII.

DE SEPULCRIS ET COEMITERIIS

[117]

Sequitur de sepulcris et coemiteriis instructio, quae eiusmodi est.

Ac primo quidem, sicut Episcopos, presbyteros aliosque ecclesiasticos homines intus in ecclesia sepeliri canones sanxerunt, ita de eorum sepulturis aliqua instructio cavendum est. Episcopalis igitur sepulturae locus in basilica cathedrali pro chori foribus ingressu esse potest; ubi si locus decens aliquando non datur, alius deligatur, qui religioso venerabilique episcopali nomini ac dignitati convenientior sit: non in choro tamen, neque in cappella maiori, sed extra illius fines, in alia ecclesiae parte decentiori atque insigniori. Sit ea a ceteris, etiam canonicalibus sepulcris, loco et insigni praeterea aliquo episcopali distincta. Sepulcra item sint canonicalia duo, a dextero latere sepulturae episcopalis, eaque, ut supra, aliquo interiecto spatio separata: in quibus et canonici et capitulari dignitate praediti sepeliantur. Totidem praeterea a sinistro latere, certo etiam intervallo disiuncta: in quibus ceteri basilicae cathedralis sacerdotes, clerici, alique ecclesiastici ministri humentur. In ecclesiis collegiatis sepulcra tria sint, ante etiam chorum, aut alio loco, etiam digniori, non in choro tamen, nec vero in cappella maiori aliave: unum, in medio situm, in quo praepositi, vel archipresbyteri, vel alio nomine rectores earum solum humentur; alterum, in quo canonici; tertium, in quo ceteri sacerdotes, clerici, ministrique earum ecclesiastici.

Praeterea in singulis ecclesiis parochialibus etiam duae sepulturae sint, loco, ut supra, demonstrato: una propria parochorum rectorumve earum; altera clericorum parochialium. Ubi vel in atrio, vel in porticu, vel in exedris, vel in coemiterio locus nullus dari potest sepulturis communibus, intus in ecclesiae ingressu saltem quattuor eo

nomine struantur. Alia vero sepulcra, laicorum propria, in ecclesia, sine Episcopi concessu, fieri non debere decretum est. Quae si fieri extruere concessum erit, ne prope altana, ut Varensi concilio cautum est, struantur fiantve, nisi tam longe distent, ut sepulcrale os ab eorum scabello bradellave procul absit spatio saltem cubitorum trium. Nullo sane modo intra chori et cappellae maioris fines, neque rursus intra cappellarum minorum cancellos extruantur, quibus a populo sacerdos celebrans separatur. Fornicato autem opere fiant, quaeque e solo ecclesiae nullo modo extent emineantve, sed illud plane adaequent. Ab utroque ecclesiae latere, ubi fieri permissum erit, dextero scilicet ac sinistro, eo ordine disposita extruantur, ut e regione sibi singula respondeant.

De duplici integumento sepulturae.

[118]

Operiantur sepulcra, ne ullo unquam tempore foeteant, duplici integumento, quod, quadrata vel alia decenti forma, pro loci ratione e lapide solido sit: ita tamen, ut inter utrumque aliquid spatii relinquatur; et inferius integumentum e rudi, illud superius e polito lapide struatur, ecclesiae pavimento acquale, quod sepulcrali ori undique apte cohaerescat.

De anulo sepulcri.

[119]

Anulus praeterea in medio integumento superiori affigatur, ad illius elevandi usum: ita tamen ut nihil emineat, sed tantumdem integumenti excavetur, quantum anuli crassitudo capiat. Rursus alia etiam ratio praetermittenda non est, ut illud integumentum sustollatur per clavos duos, qui aliqua crassitudine sint, quique ab eiusdem integumenti superiori parte, in utroque latere traiectioni, nihil plane extent, ab inferiori autem, paulo oblongiores quam integumenti crassitudo est, singuli ferrum transversale, firmiter haerens, habeant: quo, dum, fune unicuique clavo adhibita, integumentum elevatur, sustineri queat. In superiori porro integumento ne crux sacraque alia imago effigiesve sculpatur aut alio modo exprimatur, ut ne pulveris lutive sordibus et sputo inquinetur, ac transeuntium pedibus conculcetur. Neque vero etiam sculpturae ornatus, litterarum incisio aut inscriptio ulla, aliudve quicquam fiat, quod emineat; neque rursus quicquam etiam

tessellato opere, etiam si non superemineat, inscribatur sculpaturve, quod Episcopo ante probatum non sit.

De coemiteriis.

[120]

Cum sepulcris coniuncta instructio esse debet de coemiteriis: in quibus mortuos sepeliendi morem antiquum, tantopere a patribus comprobatum, in usum, ex decreto concilii provincialis, per Episcopos nostrae provinciae, ubi potest, restitui cupimus. Coemiteria igitur, ut animadverti licet, alia in porticu atriove ecclesiarum, a fronte scilicet; alia a tergo, alia a latere septemtrionali, alia a meridionali; quaedam ab omni illarum parte sunt: nec vero vetitum est, quin adhuc etiam ab eisdem singulis omnibusve partibus constitui possint. Porro, quae a fronte in atriove ecclesiae extructa sunt, quamvis ad excitandam vel charitatis erga mortuos fideles, vel conditionis humanae memoriam in ipso prospectu hominum sint, tamen, quoniam ob iter ac tritam viam, qua transitus per et ad ecclesiam hac atque illac fit, facilius patent, vel animalibus, vel servitutibus, vel deambulationibus, congressibus et aliis hominum actionibus, eo sacro loco indignis, quamobrem etiam saepe ob alia, quae quotidie humanitus incidunt, violari contingit; ideo a fronte in atriiis porticibusve ecclesiae, cura ab alio latere fieri possunt, non extrui expedit. A septemtrionali autem ecclesiae parte illorum situs potior deligatur, aut ab eo latere, in quo maxime aedium clericalium transitus quotidianus, fenestrarum prospectus, stillicidiorum etiam proiectura aliaeve eiusmodi servitutes vitari possunt. Ampla autem coemiteria esse debent pro ecclesiae, cui adhaerent, situsve spatio, proque hominum item multitudine. Forma esse possunt oblonga aut quadrata, architecti iudicio, ac pro situs modo. A parietibus nuda esse non debent, sed undique iis saepta. Qui parietes a terrae solo alte exaedificentur, cubitis circiter septem. Ubi vero tanta parietes altitudine prae loci inopia extrui non possunt, ita saltem alte exaedificentur, ut animalibus aditus praecludatur: haecque altitudo non minor sit cubitis tribus. Ubi vero praecisae rupes erunt, quibus coemiterii situs concluditur, eae pro saepimento parietum esse poterunt. Parietes autem manu facti extrinsecus albario opere incrustentur; in locis vero insignioribus decens erit, si intrinsecus ab omni parte porticibus vestiantur, sacrisque picturis historiisve ornentur. In iis porro porticibus sepulturae, aequali spatio

inter se distinctae, recto ordine, ad praescriptae formae rationem, fieri possunt. Ubi porticibus coemiteria non circumvestiantur, parietes saltem exornari debent aliqua sacra pictura, certis eorum locis expressa. In medio eorum situ crux ex aurichalco, aut marmore aliove lapide confecta collocetur: quae in columna marmorea lapideave, seu in pila structili suffulta, aliquo decenti integumento operiatur, aut e ligno alte erecta confetituatur. Cappella item parvula, eaque in orientem versus, ubi potest, extruatur, in qua preces pro mortuis aliquando fiunt. Habeat item vas aquae sanctae, forma supra demonstrata, cum aspersorio, non tamen appenso, sed quod amoveri possit, ad aspergendi usum.

De loco ossario.

[121]

Certus praeterea locus intus sit, pariete undique saeptus, et tecto ac fornice, ubi potest, opertus, isque in omnium conspectu sit: ubi mortuorum ossa, aliquando effossa, ordine struantur.

De ostiis coemiterii.

[122]

Coemiterii porro tria ostia a fronte esse possunt, nisi situs ratio eiusmodi est, ut a latere etiam illa fieri necessario postulet. Si vero coemiterium ecclesiae ab aliqua parte continens est, ab ea parte ianuam item habeat, qua ad ecclesiam aditus sit, cum vel divinorum officiorum pro mortuis, vel processionum causa usu venerit. Ab ostii autem maioris, a fronte extructi, summa parte, quae extrinsecus est, sacrosanctae crucis imago exprimatur, in extremo crucis affixa imagine capitis aut cranii hominis mortui. Quae ostia, a quacumque parte sint, firmis valvis, pessulis et clave munita et clausa, ne pateant, nisi cum usus venerit. Nullae vites, arbores, arbusta, stirpes cuiusvis generis, non modo frugiferae, sed quae etiam nullum omnino fructum baccasve gignunt, in iis esse aut censi debent. Immo vero, ne foenum quidem herbave virescens, quae pabulo detur, sit. Absit strues lignorum ac tignorum, tum omnis acervus caementorum lapidumve: omnis denique res loci sanctitati, religioni et decoro repugnans.

CAPUT XXVIII.

DE SACRISTIA

[123]

De aedificiis praeterea ecclesiae adiunctis, sacristiae aedificatio una ac praecipua etiam est: de qua instructionem hoc loco breviter contexemus. Porro sacristia, quae ab antiquis *camera* aliquando et *secretarium* item dicitur, locus scilicet, ubi sacra supellex recondebatur, in omni cuiusvis generis ecclesia extruatur: quae pro cathedralis, collegiatae et parochialis ecclesiae magnitudine, et pro numero ministrorum, proque copia sacrae suppellectilis, ampla sit, atque eiusmodi, ut paulo longius pateat. Nec vero improbatur usus duarum sacristiarum in insignioribus et frequentioribus ecclesiis: quarum una capitulo et chori suppellectili; altera sacerdotibus cappellanis et reliquis ecclesiae ministris, ac reliquae suppellectili usui sit. Ab cappella altarive maiori tantum intersit, ut sacerdos, Missae sacrum solemniter factururus, cum illis, qui ei ministraturi sunt, inde processionaliter ad altare ordine progredi possit, ut antiqui moris est, cum mysterii significatione. In caeteris parochialibus et aliis inferioribus ecclesiis, commodi causa, permitti poterit Episcopi iudicio, ut sacristia a cappella altarive maiori minus absit; tum vero curandum erit, ut a domicilio parochi non valde distet.

De situ sacristiae et fenestris.

[124]

Omnis autem sacristia ad orientem et ad meridiem versus, quoad eius fieri potest, omnino spectet. Ita vero construatur, ut illius substructione luminibus eiusdem cappellae maioris non obstruatur. Fenestras duas pluresve habeat, easque, ubi potest, e regione sibi respondentes, ac praesertim a dextero et a sinistro latere; ut, cum habeat unde aer exeat, eius locus non humidus sit, neque uliginosus, sed, si quae uligo est, inde, aliquando patefactis fenestris, foras se det. Quae fenestrae duplicibus clathris ferreis, vel simplicibus saltem densioribus et firmioribus, saepiantur et muniantur, tum etiam opere vitreo et reti, ut in praescripto fenestrarum ecclesiae demonstratum est. Contecta vero sit opere fornicato aut saltem laqueato.

De pavimento sacristiae.

[125]

Pavimentum habeat, non tabulis constructum, sed eiusmodi, quod subtus parvulis fornicibus constans, totum ampie fornicatum, ab humo altius aliquanto, ubi potest, prae humiditate extruatur, ne indumenta sacra ob loci situsve uliginem putrescant aut corrumpantur. Cui rei quo cautius provideatur, extrinsecus etiam terra congesta, parieti adhaerens, ac stillicidia item, quae humiditatem gignunt, inde procul amoveantur; tum solum praeterea exterius statuminetur, rudibusque et calce solidetur.

De ostio sacristiae.

[126]

Ostium sacristiae huiusmodi sit, cuius aditus non in cappellani maiorem, nisi in ecclesiis minus insignibus secus permittendum Episcopus duxerit, sed in locum publicum, nempe in gremium ecclesiae recta pateat. Bene autem saeptum sit firmissimis valvis, pessulo solido, sera et clave itidem firma. Ostii valvis e regione aliae valvae tenuiores, extrinsecus aut intrinsecus, respondeant, quae a parte inferiori tabulis sectilibus, a superiori tela confectae, laicis aditum et aspectum in sacristiam praecludant; eaeque, pondere gravi appenso, per se pessulo, artificiose confecto, claudantur.

Quibus in valvis tenuioribus a parte superiori parvulam fenestellam, eamque clathratam, extrui non vetatur: quae, perpetuo intrinsecus clausa, non aperiatur, nisi cum, aliquid e sacristia petentibus, inde responsum datur.

De loco sacrae imaginis et altaris in sacristia.

[127]

In omni sacristia, loco magis conspicuo sit sacra icona, tum edam, si amplitudo sacristiae patiat, altare, vel mensa armariumve, quod formam altaris praebeat, instructum cruce, candelabris mappaque constratum; apud quod sacerdotes celebraturi sacris vestibus induantur.

De oratorio aut altari in sacristia.

[128]

Sit praeterea oratorium ab aliqua sacristiae parte, sive foris prominens sive intus, decenti loco, idque instar parvuli cubiculi, quo sacerdos Missae sacrum facturus se recipiat, ibique sese colligens, paulisper meditetur et oret. Proinde tum altare parvum sit, in quo proposita crucifixi effigie, aut alia pia imagine, sancte precetur; tum scabellum, ubi orando genua flectat. Si vero sacristia ita exigua et angusta est, ut eiusmodi oratorium habere nullo modo possit, ab aliquo eius latere, quod orationi commodius sit, scabellum saliera, seu bradella, apte loco, tela saltem vel panno obducto, collocetur, ubi sacerdos genua flectens oret, affixa in pariete aliqua, ut supra, imagine sacra.

De tabella orationum.

[129]

In oratorio quocumque sit tabella, in qua orationes ad Missae sacrum praeparatoriae descriptae sint.

De vase aquario.

[130]

Vas praeterea aquarium, quod manibus abluendis usui sit, e solido lapide fiat: cui papilla una, aut, prout opus erit, plures infigantur. Ab inferiori parte sinus aquarius concavus ad excipiendam aquam, quae inde effluui, e lapide item marmoreve solido sit; foramenque habeat, unde per fistulam aqua in parvulam cisternam subterraneam vel alio derivetur, ubi commodius sit illam ab sacristiae pariete procul deducere. Ubi vero redditus exiguus est, pro eo vase aquario, quod e solido marmore praescripsimus, situla adhiberi poterit appensa, cui papilla affixa instar gallinacei haereat, unde aqua ad ablutionis usura sensim effluat, subiecto, ut supra, sinu aquario. Sinus autem et vas aquarium omnino aut aliqua ex parte in parietis concavitate, quae hemicycli exigui formam praebeat, ornate exstructum, intus inhaereat; ne, si foris extaret, sacristiae situm impediat. Ad abstergendas manus linteum, vasi aquario proximum, ab opere instrumentove tornatili pendeat; idque candidum sit.

De armario sacrorum indumentorum.

[131]

Armarium praeterea amplum, in quo sacra indumenta asserventur, ex tabulis nuceis conficiatur. A pavimento sacristiae alte exstructura sit cubitis duobus et unciiis quinque. Capsulas ductiles habeat, easque distinctas ac longe patentes, in quibus et pro colorum varietate indumenta sacra expansa dispartitaque et ordine asserventur. Super eo praeterea armariola item, aut sub eo loculi ab illarum capsularum latere sint, separatim etiam extructi, ubi sacri calices, patenae, corporalia, purificatoria, vela et alia id generis munda recte atque accommodate recondantur. Ab altero latere loculi item, in quibus illa, quae abluenda sunt, reponantur. Claudatur hoc tum armarium, tum armariola valvulis polite ac distincte confectis, seris et clavibus item distinctis. Atque eiusmodi armaria totidem sint, quot multitudo sacrae suppellectilis poscit.

De longuriis ad usum exponendi sacras vestes

[132]

Longuria etiam, polite confecta, funibus ductilibus et trochleis appensa in sacristia sint: quibus sacra indumenta, prout usu venerit, exponantur extendantur.

De armario librario.

[133]

Alia praeterea armaria, structura, quae ceteris supra praescriptis respondeat, fiant: unum scilicet, in quo libri ecclesiastici, ad psalmodiam et alium chori et ecclesiae usum pertinentes, apte conserventur; alterum, in quo iura, instrumenta et scripturae omnes sint, ad ipsam ecclesiam spectantes: idque ubi aptius tutiusque archivium ecclesia non habeat; tertium item, si ecclesia parochialis sit, in quo certi libri parochiales, scilicet matrimoniorum et baptizatorum, confirmatorum, et alia eiusmodi serventur, tum etiam, separato loco, litterae pontificiae, edicta episcopalia, litterae Episcopi pastorales, quae in dies promulgantur, tum alia scripta, ad ecclesiae vel animarum, parochiali curae commissarum, regimen spirituale spectantia. Haec tria armaria singula singulis clavibus tuto claudantur. Eorum autem loco, unum solum armarium, locis tamen pro librorum scripturarumve ratione intrinsecus apte distinctum, extrui possit, ubi vel codicum scripturarumve paucitas, vel ecclesiae exiguitas non duo aut tria, ut supra, requirit.

De vestiario insigniori.

[134]

Vestiarium in sacristiis insignioribus ex eodem genere esse potest: in quo pretiosiora indumenta reconduntur. Longitudine sit pro sacristiae ratione, altitudine cubitorum circiter septem, profunditate duorum. Pars huius vestiarii inferior, duobus cubitis alta, capsulis ductilibus loculisve constet; superior vero a tergo angustius, a fronte aliquanto latius sensim patens, nullis loculis distincta sit, sed tota sine distinctione longe patens, habeat ab uno et altero latere totidem pro vestiarii profunditate tenues asseres erectos fibulisque ductilibus annexos, quibus singulis a superiori parte singula longuria, inferiori suffixo fulcimento sustentata, firmiter haereant: unde sacra indumenta expansa pendeant.

De armario indumentorum canonicalium.

[135]

Si cathedralis vel collegiata ecclesia sit, habeat praeterea armaria pro asservandis superpelliceis ceterisque indumentis, quae canonici et alii chori ministri in choro adhibere solent; vel eorum loco capsas decentes, circum sacristiam sitas: quae usui etiam sint ad sedendum capitulo, cum illud eo loci habetur.

CAPUT XXIX.

DE LOCO UBI FERETRA ET CETERA ID GENERIS ASSERVENTUR

[136]

Locus praeterea alius sacristiae aut coemiterio saltem propior in omni ecclesia parochiali et collegiata apte extruatur, in quo feretra, candelabra ferrea grandiora, coenotaphia, vasa olearia, perticae, scalae, scopae, ligones, badila, sustentacula crucum, instrumenta ad abstergendi usura accommodata, ceteraque id generis reponantur; ut ecclesia ipsa et sacristia tum ab omni re indecenti, tum ab omni impedimento plane libera vacuaque sit. Isque locus ostium habeat, valvis, pessulo seraque bene saeptum.

CAPUT XXX.

DE ORATORIO, UBI MISSAE SACRUM ALIQUANDO FIERI DEBET

[137]

Conscriptis breviter instructionibus et fabricae ecclesiasticae et partium adiunctarum, consequens est instructio de oratoriis: quorum unum est, ubi Missae sacrum aliquando fit; alterum, quod in viis extruitur, ubi non celebratur. Simplex igitur ecclesia, seu oratorium, eiusmodi sit, ut una tantum navi constet, cuius longitudo sit non minor cubitis duodecimi, latitudo vero decem, et altitudo situs rationi apte conveniat. Habeat praeterea in capite cappellani, quae, si fieri potest, in orientem vergat, cubitis circiter octo ampliusve, prout situs ratio fert, late patentem; ea vero longitudine et altitudine, quae cum latitudine conveniat. Ad eius ingressum gradus unus tantum sit, cui ex praescripta forma clathra infigantur. Cuius altare, pavementum, tectum fornicatum, fenestrae, fenestrella urceolorum, campanula a latere appensa, et reliqua ita sint, ut de cappellis altaribusve minoribus praescriptum est. Ad altare vero ascensus fiat duorum graduum, quorum unus sit is, quem ipsius altares scabellum facit. A gradu autem inferiori scabelli usque ad clathra ima spacium intervallumve sit saltem cubitorum duorum. Fenestrae praeterea oratorii in altura ita extructae sint, ut, qui foris stat, inde introspicere non possit. Ianua e regione altaris; fenestra item, quae in orbem ducta, instar oculi, ex praescripto modo fiat. Labrum item aquae benedictae, forma constituta, prope ianuam intus statuatur.

Cappellae maiori adiunctam sacristiam habeat, quae, ubi potest, ad meridiem spectet; ampleque sit pro oratorii magnitudine, et instructa suppellectili ac ceteris rebus quae usui sint, ad praescriptum. Ab altera parte, quae sacristiae respondeat, parvula turricula, a parochiali omnino dissimilis, fieri potest; sin minus duae pilae lapideae in pariete summo, iam praescripta ratione, struantur, ubi campana una tantum suffulciatur. Si oratorium eiusmodi futurum est, ubi plures Missas, eadem pene hora, celebrari oporteat, ab uno et altero item latere cappellae singulae, paulum a maiori distantes, forma in ecclesiae fabrica praescripta, fieri possunt. Reliquarum etiam partium forma et ratio, quae ad oratorium pertinere possunt, sumenda ex iis, quae praescripta sunt in ecclesiae fabrica.

CAPUT XXXI.

DE ORATORIIS IN QUIBUS MISSA NON CELEBRATUR

[138]

Oratoria porro, ubi Missae sacrum non fit, quae in viis extrui solent, extruantur non in campis, sed in via publica, ut iter facientes, eorum locorum prospectu pie commoti, paululum precando consistant. In quibus etiam exaedificandis viae locus deligatur paulo editior, et a vehiculorum actu aliquanto remotior, quo melius a luto aquave lutulenta defendatur. Forma quadrata, vel rotunda, vel alia, quae pro loci ratione decentior videatur, ornate exaedificentur, beneque tecta sint, ut sacrae imagines a pluvia integrae conserventur. Opere tectorio foris incrustentur; intus vero polite dealbata, crucifixi, aut beatae Mariae Virginis, aut sancti sanctaeve alicuius imagine sacra, aut tabula pie expressa, quae parieti haereat, exornentur. Altare nullum omnino habeant. Singula fenestellulas tres, firmiter clathratas, unde precandi causa introrsum genibus flexis inspiciatur, in parte anteriori habeant, duas hinc inde ab ostio, et in valvis tertiam. Si oratoria angusta sunt, in ipsis valvis una solum fieri apte potest. Valvis et clave ab ostio muniantur. Quae vero oratoria ita angusta fiunt, ut ne ostii quidem valvas, intus patentes, capiant, iis nullus ingressus detur, sed cancellis ligneis ab ostii parte saepiri possunt, reliqua aedificationis ratione ad praescriptum servata. Si vero pariete a lateribus non saepiantur, cancellis etiam ligneis ab illis partibus claudantur. Neque alienum esset longuriis circum saepire, ut equi iumentave atque bestiae procul sint. A rubis et spinis aliisque id generis, quae adnasci solent, ab arboribus itera, stirpibus aliisque eiusmodi arbustis remota sint; ut ne rami diffusi tecta operiant, unde detrimentum ipsis tectis existat. Et quoniam sacrae imagines, quae in exteriori pariete oratorii exprimi solent, cum ita expositae sint, luto sordeve inquinari, vel indecentius iniuriosiusve tractari possunt, ne extrinsecus in ipsis oratorii parietibus pingantur aut alio modo exprimantur, nisi edito loco fiat, ubi ab omni labe integrae conserventur.

CAPUT XXXII.

DE ECCLESIA MONIALIUM

[139]

Demonstrata forma aliarum ecclesiarum, sequitur instructio ecclesiae monialium. Haec igitur extrui potest, quae una tantum navi constet; in orientemque versus, si pro

monasterii situ fieri potest, spectet. Ampla sit pro situs ratione; tecto fornicato aut laqueato, ceterisque rebus instructa ad praescriptum.

De altari maiori.

[140]

Cappella maior nulla in ea insit, sed paries in transverso fiat, quo interior ecclesia ab exteriori, ubi sacerdos sacrum facit, dividatur. Parieti illi, in transversum ducto, altare innitatur, in eius médio exaedificatum, quod altitudine, longitudine et latitudine sit altari maiori supra praescripta. Gradus in ascensu altaris tres sint, una cum eo, quem scabellum constituit: singuli autem gradus forma et modo supra praefinito. Scabellum vero seu bradella eiusmodi item, supra in altares maioris extructione constituta.

De fenestra in altari maiori construenda.

[141]

E conspectu altaris in transverso eo pariete fenestra fiat, unde moniales Missae sacrum spectent et audiant. Quae fenestra ita, sicut altare, late patens sit, alte ducta, cubitis circiter duobus; cuius ima pars a superficie altaris pariete alte extructa sit cubito uno et unciis saltem decem. Munita sit opere clathrato ferreo, eoque duplici ac simili, et inter se unciis circiter duodecim distant. Uniuscuiusque autem clathrati operis cancelli ita tamen compacti sint, ut unius ab altero intervallum sit non amplius unciis tribus; atque ita bene saepti, ut unus ab altero divelli disiungive nullo modo facile queat. Intrinsicus autem valvas habeat, pessulo et clave munitas quae aut a lateribus operiantur, aut trochlea funiculoque tractili sursum ducantur. Altare concamerato opere contegi poterit, pariete crassiori facto, aut columellis binis pilisve paululum ab ipso pariete distantibus erectis, quibus opus fornicatum cameratumve nitatur. Quae columellae ab altaris utroque cornu distent cubitis duobus. Si fornix non fit, integumento ligneo, vel ex panno serico telavo confecto, eoque apte ornato, quod capocelum vocant, operiatur.

De fenestra ad usura exponendi vestes sacras.

[142]

In pariete transverso inter unam et alteram ecclesiam interiecto, a parte quae monialium sacristiae commodior sit, fenestra fiat, rota apte constituta, unde sacrae vestes ad Missae sacri usum exponantur. Quae rota fenestrate a solo pavimenti alte extructa sit tribus circiter cubitis. Haec ipsa rota eiusmodi sit, ut tota pene sita inhaereat in crassitudine parietis, qui aliquo incrustationis opere crassior propterea fiat. Muniatur valvis ab uno et altero latere, quae binae sint, unae ab interiori monialium parte, alterae extrinsecus; et ambae apte claudantur clavibus. In huius fenestrae et rotae structura servantur cetera infra communiter praescripta rolis conficiendis.

De fenestellula ad usum ministrandae sacrae Communionis.

[143]

Ab altera parte altaris, in eodem transverso pariete, fenestellula alia, sculptorio inauratoque opere pie ornata, extruatur: unde monialibus sacra Communio ministretur. Cuius fenestellulae planum acquale sit, et a pavimento ecclesiae alte exaedificatum cubitis duobus, unciis sexdecim. Haec fenestellula late pateat extrinsecus cubitum unum et uncias duodecim, alte extructa cubitum itidem unum et uncias decem et octo, ita ut in primo aspectu latioris, intrinsecus autem angustioris formae speciem prae se ferat. Tota autem in ipsa parietis crassitudine inerit, quae cubitalis sit, ita lamen ut intrinsecus a parte monialium extremi parietis crassitudo ne latior sit unciis duabus aut tribus. Intus vero in eo extremo pariete spatium insit cubito uno: in quo spatio fenestellula, altitudine unciarum octo, latitudine sex, fiat; unde monialibus sacra Eucharistia praebeatur. In fenestellula a parte interiori valvulae ferreae aut aeneae sint, polite confectae, quae pessulo et clave obserentur; a parte exteriori valvulae paulo maiores, quibus tota fenestellula saepiatur, adiunctis sera, clave et pessulo. Sub ipsa fenestellula in pavimento ecclesiae parvulum scabellum collocetur, altitudine unciarum octo, quod tapeto sterni possit: ubi stans sacerdos sacram Communionem monialibus ministret. Hoc autem scabellum modo altius, modo humiliter extrui poterit pro statura sacerdotis ministrantis. A parte vero interiori, ubi moniales sunt, scabellum alterum non minus duobus cubitis ab omni parte patens, ad quod aliquot gradibus ascendatur, extrui poterit, ita ut ibi genibus flexis illae facile fenestellulam, unde sacram Communionem sumunt,

ore attingant. In ipsius autem fenestellulae pariete nihil impedimenti subtus ex assibus extruetur, quo propius monialis, sacramentum sumens, ipsi fenestellulae haereat.

De fenestra sacrarum reliquiarum.

[144]

Fenestra praeterea alia fiat, quae a parte superiori fenestellulae, unde sacra Eucharistia sumitur, in ecclesia exteriori sit: ubi sacrae reliquiae, si quae sunt, recte atque ordine recondantur. Quae fenestra ab interiori parte altitudinis sit unciarum sexdecim, latitudinis duodecim: munita vero clathris ferreis, adiuncto opere vitreo pellucido, pannoque serico obducto, et valvis praeterea clausis, ita ut sacras reliquias inspicere, nec vero tangere ullo modo queant. A parte vero exteriori, quae in ecclesiam spectat, eiusmodi sit, ubi loculi vasculave reliquiarum apte collocentur; valvasque habeat bene firmas, seris et pessulis tribus munitas, quae tribus etiam clavibus et unaquaeque fabрили opere diverso distincta claudantur.

De fenestra sacri olei infirmorum.

[145]

In superiori praeterea parte fenestrae, ubi rota collocata est, fenestellula pro praescriptae formulae ratione extruatur, in qua sacrum oleum infirmorum asservetur. Haec vero fenestellula a parte tantum exterioris ecclesiae patefieri queat, adhibitis firmis valvulis, sera et clave. Sin autem nullae in ea ecclesia reliquiae extra altare asservandae sunt, haec in superiori parte fenestrae fiat, linde sacra Communio ministratur.

De gradibus altaris.

[146]

A gradu ultimo scabelli altaris, distantes sex cubitis, tres alii gradus, aut plures pro situs ratione, de architecti consilio fiant, per quos ad gremium ecclesiae descendatur. Quod aliquanto humiliter pavimento erit, ubi altare exaedificatum est. In summo gradu clathra ferrea ad praescriptum suffigantur. Gradus ii singuli ne altiores sint unciis octo, ne

latiores viginti quattuor, in transversumque ecclesiae ducti; aut tam longe patentes, quantum spatii ostium in clathris ferreis capit.

De sacristia.

[147]

In capite ecclesiae parvula sacristia, cuius ianua intra clathrorum fines sit, apte extruatur, quae sacerdotibus sacras vestes exuentibus usui sit. Qua in aedificatione illud caveatur, ne quicquam operis, sive fenestra sit, sive rota, aliudve eiusmodi fiat, unde in monasterium monialium prospectus aut auditus sit. Idque propterea, labrum aquarium, quod in sacristia exteriori ad usum lavationis manuum extruetur, nullum omnino tubulum canalemve habeat, per quem ex interiori monasterii sacristia aquam excipiat, quae eo aliunde importetur aut infundatur. Neve quicquam aedificii in superiori parte fiat, quo ipsis monialibus aditus ullo modo esse possit. Fiat in ea et oratorium et altare unum, quod usui sit, cum sacerdotes sacris se vestibus induunt, et vasculum praescripta forma ad abluendas manus, idque ne in pariete inter monasterium et sacristiam interiecto; et armarium item, in quo sacra indumenta asserventur; et aliud praeterea nihil.

De cappellis.

[148]

In monialium ecclesia cappellae duae, una a dextero, altera a sinistro latere fiant, forma praescripta, eaeque in gremio ecclesiae, si ibi ob aliquam causam plures Missas eodem tempore aliquando celebrari necesse est.

De fenestra altaris.

[149]

Cautio sit, ut fenestra altaris clathrata ita constituatur, ne inde in viam publicam, praesertim ubi spectacula aguntur, aut multitudinis frequens transitus est, prospici possit. Cui rei ut occurratur, atrium parvulum pro foribus ecclesiae extruendum est, cuius atrii ianua ab aliquo latere sit, quod ipsis foribus ecclesiae recta non respondeat; aut certe, si aliud fieri non possit, ipsius ecclesiae aditus e latere sit: idque architecti iudicio prae situs ratione.

De ecclesia interiori.

[150]

Ecclesia interior una tantum navi constet, sine ullis cappellis. Pavimento undique aequali sit, neque ab ulla parte gradibus paulo altior. Illud vero pavementum cubito uno, aut uno et dimidio humilior sit quam pavementum, ubi altare extrinsecus collocatum est. Illud, ubi maxime potest, cavendum est, ne monialium ecclesia interior prope vias publicas extruatur; quae si pro situs ratione exaedificetur aliquando necesse est, ne a pariete, qui ad vias publicas vergit, fenestrae fiant, sed lumen excipiat a parte quae monasterium attingit; contraque fiat in ecclesia exteriori, cuius fenestrae non a monasterio, sed a via publica sint.

De turri campanili.

[151]

Turris campanilis ecclesiae interiori monialium coniuncta esse debet: cuius neque ostium, neque fenestra, ac ne rima quidem ulla, in ecclesiam exteriorem aliqua ex parte spectet. Alte extruatur pro ecclesiae ratione, ita tamen, ut humilior ac depressior existat, quam structurae forma modusque postulet. Primum eius tabulatum fornice bene firma constet: in qua, vel ab aliquo latere inesse potest ostiolum angustum, per quod, cum necesse erit, ad summam turrim ascensus detur, neque aliunde aditus pateat. At foramina exigua sint, per quae tractorii campanarum funes tantum ducant. Ostiolum vero illud ita compactum sit, ut claudatur pessulis binis, seris binis, clavibus binis, opere fabrilis diverso. Reliqua superiora tabulata ex materia lignea esse poterunt: lumen excipient ex fenestriculis exiguis, iisdemque clathratis: summum vero fenestras, ut moris est, habebit.

CAPUT XXXIII.

DE MONASTERIO MONIALIUM

[152]

Ecclesiae monialium adiunctum est illarum monasterium: de quo demum restat, ut instructionem aliquam brevi conscribamus. Primo, monasterii huius situs deligatur, qui ex canonis Agathensis cautione procul, ut par est, absit cum a monachorum

regulariumve monasteriis, tum etiam a canonicalibus, clericalibusve aedibus, ecclesiis collegiatis, a turribus, a moeniis publicis, propugnaculis, vallo, arce et a praealtis aedificiis, unde etiam prospectus intro esse possit. Laicali porro aedificio coniunctum, ubi fieri potest, nulla parte sit, sed aliquo intervallo disiunctum ac separatum. Longe itera a plateis, emporiis, omni foro viaque denique, qua iumenta, currus, vehicula, aliaque id generis crebrius agi ducive solent, et a locis item, ubi multitudinis vel concursatio, vel conventus, vel strepitus fit. Rursus cautio etiam sit, ne eius monasterii positio eligatur in loco abdito, occulto, valdeque admodum remoto ab hominum frequentia; ne praeterea, quod sacra Tridentina synodus a monasterii monialium ratione alienum censuit, extra urbis, oppidi, alteriusve loci moenia ullo sane modo. Loca huius monasterii, omnibus partibus absoluti, de quibus infra singillatim dicemus, haec sunt, pro vario usu distincta.

Ac primo quidem inferiora.

Atrium capituli.

Triclinium, quod refectorium dicunt.

Cella vinaria.

Coquina.

Locus calefactionis.

Locus vasis aquarii ad manus abluendas.

Locus laborum.

Porticus.

Cella interior et exterior ad colloquutionis usum.

Ianuae.

Rotae.

Furnus.

Locus lavationis.

Tonstrina.

Locus cancellariae.

Promptuarium.

Officina aromataria.

Loca superiora.

[153]

Locus dormitionis, aut cellae dormitoriae.

Locus scholae novitiarum.

Locus vestiarius.

Horreum.

Loca distincta.

[154]

Valetudinarium.

Locus educationis puellarum

Viridarium.

Carcer et locus secessionis.

Locus interior et exterior confessionis.

Diversorium item exterius colonorum advenientium.

Diversorium confessarii sacerdotis.

De atriolo capituli.

[155]

Atrium, in quo capitularis monialium conventus habetur, magnum esse debet pro monialium numero, constitutis ab omni parte sedilibus. Forma sit non oblonga, nec vero angusta, sed, quoad eius fieri potest, quadrata specie potius, ut, quando a praefecta cohortatio monitiove fit, undique commodius exaudiatur. Subobscurum potius esse debet, quam illustre; tum praeterea picturais aliquot, pietatem excitantibus, ornatura, ab ea praesertim parte, in qua praefectae sedile collocatum est.

De refectorio et cella vinaria.

[156]

Triclinium, quod refectorium vocant, loco extruatur, qui ceteris monasterii partibus commodior sit. Structura ampia fiat, quae commode capiat non modo moniales omnes, ab omni parte parietum sedentes, sed aliquanto etiam plures, quas deinceps in monasterium pro illius amplitudine facultatumque ratione recipi posse verisimile est.

Habeat a capite ornatum sacrarum imaginum, pie decoreque pictarum; ab uno etiam latere suggestum, in medio pariete exstructum, unde sacra lectio commodè in omni parte audiatur. Fenestras item ab utroque latere, unde lux hauriatur. Cellam praeterea vinariam, subtus exaedicatam, quae fenestras itidem habeat, ordine recteque partitas. Utrique loco, triclinio scilicet et cellae vinariae, locus alius prope esse debet, isque usui praefectae cellae vinariae ad lagenas, crateras testaceas, vasaque eiusmodi vinaria et aquaria reponenda; aut, si fieri potest, ob eum ipsum usum chors parvula cum puteo.

De coquina.

[157]

Coquinae positio, ut maxime potest, triclinio prope sit, ut inde per fenestram, aut parvulo vestibulo interiecto, fercula lancesve exponantur monialibus in triclinio ministrantibus. Eius situs ampie patere debet, camino, qui illius magnitudini pro ratione respondeat, exstructo, clibano item parvo, in quo esculenta coquantur. Huic coquinariae structurae loca haec ad eiusdem usum adiuncta esse debent: cella, ubi cocti cibi dimensio fit; cella promptuaria penariae esculenti obsoniae quotidiani; locus ad lances, ollas vasave escaria lavanda; et chors praeterea ab aliis separata cum puteo: unde si aqua tubulis ligneis ductilibus hauritur, adhiberi accommodarive poterunt canales plumbei aut lignei, alteriusve generis, per quos, prout opus erit, aqua in locum lavationis et in coquinam ducatur. Alia item chors extruetur ad gallinarii usum.

De loco lavationis manuum.

[158]

Locus vasis labrive aquarii, ad quem moniales, antequam mensae benedicant, manus abluturae conveniunt, a triclinio et ab atriolo capituli non longe extrui debet, ea porro magnitudine, quae monialium numero respondeat. Quo loco malluvium, vas scilicet aquarium, vel marmoreum, vel aeneum alteriusve generis, in pariete agglutinatum, totidem papillas habeat, quot eius longitudo requirit; subtus exaedicato praeterea sinu aquario concavo et acclivi, unde per foramina aqua, e malluvio effluens, alio derivetur.

De loco calefactionis.

[159]

Locus calefactionis, quem hypocaustum dicunt, caminata scilicet structura, ubi, igne succenso, moniales per hiemem ad calefaciendum conveniunt, exaedificari potest, non longe a triclinio et loco lavationis manuum; isque tantae magnitudinis esse debet, quanta numerum earum capiat. Caminum structilem quaquaversum late patentem habeat, aut parieti haerentem, aut in médio exstructum, ut ab omni parte locus sit ad calescendum.

De loco laborum.

[160]

Loci laborum, quo ad opera manibus elaboranda moniales certis horis conveniunt, situs illustris esse debet, nec ab ulla parte subobscurus; ut undique lumen hauriatur, quod in laboribus conficiendis et in operibus vel contexendis, vel acu pingendis elaborandisve necessario requiritur. Sit item peramplus, et structura eiusmodi, qua locus luminosus reddatur.

De porticibus.

[161]

Porticus simplices sint, nempe e simplici columnarum aut pilastrarum ordine constructae, atque adeo structura omni humili potius quam magnifica et sumptuosa; ab omni parte ductae, quadri formam praebeant. Hae, ut aliae supra expositae aedificationes, tecto laqueato aliove ligneo opere constare possunt; at ob perpetuitatem, tum etiam ut periculum incendii cautius evitetur, opere fornicato potius fieri debent.

De cellis collocutionis.

[162]

Cella collocutionis, et interior et exterior, loco non semoto neque abdito, sed publico perspicuoque extrui debet, ac prope monasterii ostium auditorii. Interioris cellae fenestrae lumen a monasterio intrinsecus excipiant; exterioris vero a parte quae extrinsecus est. Porro illa cautio adhibeatur, ut praeter unam pluresve fenestras, ad

collocutionem accommodatas, in pariete inter utramque cellam interiecto nulla omnino alia insit.

De fenestris collocutionis.

[163]

Fenestra collocutionis bene munita sit opere clathrato ferreo duplici, unciarum circiter duodecim intervallo inter unum et alterum interiecto. Opus vero clathratum eiusmodi sit, ut spissi clathri, firmiter infixi, inter se singuli non amplius distent unciis tribus. Instruatur praeterea lamina ferrea, quae latius paulo quam fenestra, undique patens, a parte monasterii intus parieti infixae firmoque bitumine agglutinata, clathrato operi interiori adhaerescat. Sit vero plena aliquot foraminibus magnitudine ciceris, iisdemque inter se distantibus spatio unciarum circiter trium. Habeat item fenestellulam in medio exstructam, uncias sexdecim undique patentem; quae sera, vecte et clave claudatur. Obducatur item fenestra intrinsecus tela nigri coloris, affixa instrumento telari, quod aperiri queat.

Quibus porro in monasteriis illud ordinis regulaeque institutum est, ut e fenestra collocutionis nullus monialium conspectus detur, in iis illa fenestra simplici tantum opere clathrato instructa et lamina ferrea obducta sit, quae nullam fenestellulam habeat, et telare eiusmodi, quod non aperiatur. Ubi ob monialium multitudinem duabus tribusve aut pluribus ad collocutionem fenestris opus est, eas uno in loco cellave, si commodum est, intus extrui expedit ad rationem praescriptam: ita tamen, ut recta ordineque longe ductae, spatium inter se habeant quattuor vel quinque cubitorum. Distingui tamen ac separari illae poterunt pariete interiecto, si modo in eo fenestra aperturave sit, unde monialis, ad clathratam collocutionis fenestram colloquens, ab aliis, quae in ceteris deinceps fenestris colloquuntur, recte conspiciatur. Nec vero rota ductilis in ullo collocutionis loco imponatur constituaturve, nisi in uno tantum, nempe in fenestra ad eam rotae collocationem potissimum accommodata.

De ianuis.

[164]

Ianuae duae tantum, ut par est, in monasterio struantur: una, quae auditorii dicitur, usui ad ingressus necessarios, altera ad iumenta, currus vehiculave agenda. Illa prior loco

non obscuro neque occulto, sed conspicuo omnibusque monasterii partibus comodo, fiat; nec vero ampie pateat; valvis bene firmis, duplici assere confectis, et vectibus pessulisve binis et clavibus, fabrili opere inter se differentibus, claudatur. In iis porro valvis ostiolum praeterea construatur, idemque firmissimis valvis, sera aut vecte, pessulo claveque duplici ac diversa munitum; ut ne ob rem minimam ianua grandior aperiatur patefiatve necesse sit. In his valvis insit exigua fenestricula, vel orbicularis, vel quadrangula, vel alia quavis forma, nec amplius undique pateat quinque aut sex unciiis. Muniatur lamina ferrea, minutis foratibus, grano millii non maioribus, plena; intrinsecus praeterea obtegatur crassa tela aut tenui tabella, quae revolvi possit, cum foras prospectatur. Situs autem ianuae huius is esse debet, ut inde, cum fores aliquando aperiuntur, nullus monialibus prospectus in viam publicam esse possit, sed impediatur obstruaturve atrio aliquo interiecto; aut ianua a latere aliquo fiat, unde non recta eo spectetur, sed in aliquem vestibuli parietem proximum. Ianuae porro limen e marmore lapideve solido sit, atque eiusmodi, quod strictim illam attingat. Antepagmenta item utrumque ianuae latus firmiter muniant, ab omnique parte valvis arctissime cohaerescant. Rimae praeterea tum ianuae, tum ostioli ita bene compactae commissaeve esse debent, ut nullum, ne tenuissimum quidem, conspicium insit. Huic ianuae proxima esse struive debet parvula cella, ubi ianitrices opus faciant indeque fores pulsantibus praesto sint, ut respondeant. Proxime item rota constituetur, quae ad eam ianitricum cellam aut ad locum proximum spectet. Ianua altera vehicularis loco item conspicuo extruatur, tanta sane magnitudine, quanta usui esse potest ad vehicula, cisia, plaustrave agenda. Limine lapideo, ut supra, marmoratove constare debet, ut ne exiguae quidem rei exitus relinquatur. Nullum vero ostiolum plane habeat. Valvis duplicibus, vectibus firmissimis, claviumque duplicium, at opere fabrili distinctarum, firmitudine, ut altera, instructa sit. Praeterea opus valvarum duplicatura in uno pariete adhiberi potest, unum scilicet intrinsecus a parte monialium, alterum forinsecus a via publica, ianua haec ad eam monasterii partem struatur, ubi et lignile et cella carbonaria ad coquinae usura, et apotheca vinaria commode esse possit. Procul ab hac ianua quattuor aut quinque cubitis, intus in monasterio transenna ex asseribus querneis roboreisve, iis singulis spatio unciarum circiter trium inter se distantibus, aut ex alia

firmissima materia, eodem intervallo, conficiatur: quae, usque ad ianuae culmen alte ducta, vectibus suis, sera et clavibus bene claudatur.

De rotis.

[165]

Rota, vel in ecclesia, vel prope ianuam, vel alio loco ad praescriptum constituta, aut aenea sit, aut lignea, ab omni parte laminis, quas de tola dicunt, diligenter vestita. Alte pateat cubitum et uncias octo; late cubitum item; at ab ore ne latius unciis sexdecim. Tota denique recte commissa apteque compacta sit, ut ne rimula quidem ab ulla omnino parte sit appareatve, unde foras spectetur. Intrinsicus a parte monasterii unum ferreum aut vectem parvulum firmiter infixum habeat, quo obfirmetur; ne forinsecus circumagi possit, nisi a monialibus, quae intus sunt, relaxetur. Claudatur etiam ab interiori parte, firmis valvis, vecte, sera et clave.

De furno.

[166]

Furnus a loco cubiculari, quem dormitorium vocant, et vestiario, ut longissime pro situs ratione potest, extruatur, ne ullum incendii periculum inde creetur. Huic prope struatur farinarium, loco vel superiori, vel inferiori, vel alio quovis commodiori; alter item locus, ubi incernicula, cribra, ceteraque instrumenta farinaria reponuntur, nisi farinarium eiusmodi sit, quod haec etiam commode capiat; tertius praeterea locus erit panifica, ubi panis scilicet fit et fermentatur: isque undique bene conclusus et constipatus. Huic panificii loco et puteus et parvulus furnus cum ahenis coniuncti sint.

In praefurnio foramen cubitale insit, per quod carbones candentes omnisve pruna fumaria in fossam subtus fornice substructam demittatur. A parte superiore fumi parvulum vaporarium, vulgo *la stufetta*, extruatur, quod multiplici usui esse poterit. Nec vero in exaedificatione fumi negligenda ratio est loci, ubi ligna arida aliaque materia commode esse possit, ad fumi calefaciendi usum.

De loco lavationis.

[167]

Locus lavationis viridario hortisque proximus esse debet ob id commodi, ut, quae lota madidave sunt, in iis loco aprico expandantur, solique exponantur. Si horti desunt, structura fiat, ad quam gradibus scalisque ascendatur, ubi a summo porticus pensiles sint, longuriis perticisque rectis ac transversalibus distinctae: unde vestes, stragula, linteamina et alia lota id generis, quaecumque soli exposita, pendeant ut assiccescant. Haec porro structura loco aprico sit, non sublimis admodum, ut ne inde aliorum extra monasterii fines prospectus fiat. Si quando vero is lavationis locus, prae situs angustiis, extrui in plano monasterii non potest, subtus commode extruatur. Porro lavationis locus ampie satis patere debet, pavimento etiam latericio aliave materia constratus; habeat puteum, unde tympano, quod rotae haustoriae genus la tromba dicunt, aqua hauriatur; habeat item labra aquaria lapidea, furnulos clibanosve cum ahenis. Huic loco substernatur fossa lacunave, profunde ampleque effossa, in quam aqua diffusa descendat. Huic etiam coniuncta sit cella carbonaria, e qua carbones promantur ad athena calefacienda.

De tonstrina.

[168]

Lavacri loco prope esse convenit covriceum, nempe tonstrinam, ubi moniales capita lavent. Sit in tonstrina caminus, furnus exiguus, ahenum fumo impositum, ad lixivii conficiendi usum, et receptaculum aquae sordidae.

De loco cancellariae.

[169]

Cancellariae situs deligatur loco monasterii commodissimo et luminoso admodum: quo loco bene materiata cella exaedificetur, ubi praefectae monialium conveniant ad putandas subducendasve monasterii rationes. Sit haec cella tabularum constructione undique cincta, sittybis, armariis ac forulis distincta: in quibus codices rationum monasterii, adversaria, volumina accepti et expensi, scripta, instrumenta actave publica, ad monasterii ius quovis modo pertinentia, accurate asservari possint; et arcae item nummariae aliaque praeterea id generis. Binis clavibus, seris totidem, vectibus etiam binis, duplicibus quoque firmissimis foribus claudatur.

De promptuario.

[170]

De cella penaria, ad esculenti quotidiani usum accommodata, diximus; sed habenda etiam ratio est promptuarii, loci scilicet, ubi frugum, leguminum, olei et aliarum rerum, quae ad annonaria cibaria pertinent, annona reconditur, indeque rursus, prout usu venit, promitur. Promptuarium hoc extruatur loco semoto; opere tectorio gypsatoque undique dense ita incrustetur, ut ne rima quidem usquam appareat, quo cautius rauribus soricibusque omnis foratus penitus praecclusus sit. Habeat capsas, cistas, fiscinas et vasa quaeque repositoria, suis locis distincta. Claudatur duplici sera claveque diverso opere confecta.

De officina aromataria.

[171]

Monasterii usui officina aromataria medicamentaria esse potest: in qua etsi non omne medicinae genus asservatur, ea tamen simplicia medicamenta, quae facile conficiuntur, quaeque ad subitanei morbi accessiones depellendas aut mitigandas valent, inesse debent. Huius officinae medicamentariae situs procul sit aliquantulum ab ecclesia, a loco laborum, ab omni denique monasterii parte, quae strepitibus exposita esse non debet; cum haec ob herbarum contusionem, medicamentorum confectionem, multiplicem mortarii situm, frequentemque conversationem, ab illis vacua non sit. Loco extruatur non aestuoso, sed subalgido potius. Distincta sit intus asseribus, parieti agglutinatis infixisque, certo aliquo spatio singulis inter se disiunctis, inter quos transversales tabulae aliquot, firmis fulcimentis subnixae, infigantur: in quibus tamquam certis repositoriis vasa quaeque aromataria ordine collocentur. Huic officinae prope adiuncta sit parvula cella, ubi aquae distillatae et reliqua vascula unguentaria medicamentaria asserventur. Haec vero cella suppleat, si quando officina tabernave vasa haec non capit. Altera praeterea subfrigida itidem, ubi herbae vasaque ad distillandi usum reponuntur et carbonum aliquantulum. In una ex his cellis caminus struatur. Aquariolum item sit, unde aqua in suffossam lacunam deducatur. Si praeterea cohortis cum puteo locus dari posset, multum afferret commoditatis; si minus, haec

aromatariae officinae structura prope puteum fiat. Atque haec quidem de inferioribus monasterii partibus; nunc ad superiores transeamus.

De superioribus monasterii partibus, ac primum de atrio cubiculari, sive loco dormitionis.
[172]

Superiores monasterii partes initio commemoravimus: in iis potissimum cautio diligens certaue ratio habenda est atrii cubicularis, quod dormitorium dicunt. Primo igitur eius situs loco deligatur, qui non patiatu r caeli gravitatem, sed ad eam partem vergat, ubi pro climatis ratione aer non adversus sit, non crassus, non concretus. Sit vero in primis nulli servituti expositus, ut aliunde introrsum prospectus detur, aut eius luminibus extrinsecus alia parietis aedificiive substructione officiatu r; neque rursus inde aliorsum prospiciatur. Atrium cubiculare, prout structurae inferioris ratio fert monialiumque numerus postulat, triplex aut quadruplex erit, ita ut in omni claustru parte unum sit: idque tanta latitudine et longitudine, quanta est aedificatio locorum inferiorum. Ab unoquoque atrii capite fenestrae grandiores, unde lux hauriatur, struantur, a pavimento praealtae sex aut septem cubitis. Firmiter vero clathratae sint, et opere praeterea vitreo pelucido obductae opertaeve: ita tamen ut superior earum pars ad aeris conclusi evaporationem aperiri aliquando possit. Sin autem ab atrii latere aliqua fenestricula etiam opus est, fiat ab ea parte tantum, quae in claustrum vergit. Atrium unumquodque, in partes divisum, exiguis cellis distinguetur: quae singulae, quinque aut sex cubitis amplae, storeis dense contextis, aut telis tentoriolisve expansis separabuntur. Quod si atria dormitionis communia, sicut ita fieri debere instituti antiqui ratio suadet, non fient, sed propriae cubiculares cellae separatim distincteque extruentur, eae inter se proximae coniunctaeque esse debebunt, et ordine ab utroque latere ductae, aditu medio interiecto, in quadrum, si fieri potest, desinent. Hae ne amplae sint, sed ab omni parte, cubitorum circiter septem magnitudine, parvulum lectulum capiant. Simplici humilique structura sint nullaue pictura. Fenestriculam unam tantum habeant singulae; ostiolum item, quod non sera aut vecte claudatur, sed pessulo, quod alzapiede dicunt, valvis ita affixo, ut forinsecus funiculo attracto facile aperiatur; caminum vero nullum omnino. Si quando maiori aliquanto amplitudine eae cellae struendae erunt, cautio omnino adhibeatur, ut in iis spatium detur, quod lectulos tres saltem capiat, vel plures arbitrato

superioris; duos autem dumtaxat nullo modo. Cautio praeterea sit, ut fenestra nulla struatur, unde extra monasterii fines spectetur. Si quae vero aut in ulla cella, aut alio loco superiori fiat necesse est, e qua vel in hortos, vel in loca próxima prospectus sit, huius fenestrae antis clathra ferrea undique infigantur firmissime: quibus forinsecus spatium cubiti unius et dimidii opponatur transenna, e marmore aut e laminis ferreis confecta, foraminibusque uncialibus plena, et totam fenestram ab omni parte complectens, parieti suffixa cohaerescat. Nulla porro, ne exigua quidem fenestricula, neque in inferioribus, nec in superioribus monasterii partibus extruatur, unde in viam publicam prospectetur. Atria denique dormitionis, sive communia, sive cellis propriis distincta, eam structuram habere debent, ut una scala tantum, aut duabus ad summum, eo ascendatur; sicque, illarum foribus aditibusque clausis, nullus alius praeterea aditus insit, per quem ad ipsa atria ingressus ascensusve fiat.

De latrinis.

[173]

His dormitionis locis, situ semoto, latrinae proximae ita construantur, ut certa sedilia habeant: quae singula, intermedio aliquo interiecto distincta, secessum exiguum praebeant, in quem monialis se coniiciat, ne a ceteris conspiciatur. Totus vero is latrinarum locus, non modo conclusus, sed bene constipatus esse debet, ut neque conspectus existat, neque teter odor.

De loco scholae novitiarum.

[174]

Situ ab atriis cubicularibus separato et a monialium frequentia paululum semoto gyneceum novitiarum construatur; locus scilicet scholae, ubi illae degant. Qui locus ampie patere debet, tura ad eam partem vergat, quae caeli salubritatem habeat; bene vero conclusus, latrinas suas habeat, et ceteras partes usui necessario accommodatae.

De vestiario.

[175]

Loco aprico extrui debet vestiarius commune, ab utroque latere fenestratum; in quo vestiário lanea vestimenta tantum servantur. Undique cinctum sit armariis altitudine quinque aut sex eubitorum, ordine praeterea recteque distinctis: quae singula torulos suos habeant tantae longitudinis, quanta stata longitudo est vestitus monialis. Pro vestiarii foribus porticus longe ducta et aperta sit: ubi forinsecus instrumentis ferreis parieti certo intervallo suffixis, collocatisque inter unum alterumque instrumentum longuriis perticisve transversalibus, vestimenta certo tempore inde pendeant atque excutiantur. Huic vestiario cella item vestiaria iuncta esse debet, in qua vestes lineae omnisque lintea suppellex recondantur; si modo vestiarius supra demonstratum ea magnitudine non sit, quae capsas armariae suppellectilis lineae distincte capiat. At vero, ubi potest, potius esse debet ut haec a vestiario distincta sit. Tertia praeterea cella vestiaria adiungi debet, suis itidem armariis undique instructa: ubi lodices, culcitrae, ceteraque id generis obstragula, ac vestes pelliceae, distincte distributeque reponantur. At cella haec non situ aprico, sed algido potius struenda est.

De granariis.

[176]

Granaria struantur loco ianuae proximo; eorum scalae situ conspicuo sint; fores bene firmae, duplici clave, sera et vecte singulae claudantur.

De valetudinario.

[177]

Expositis inferioribus et superioribus monasterii partibus, reliqua etiam loca et domicilia sunt, quae ab illis seiuncta aliquo modo esse debent. Ac primum quidem de valetudinario dicimus. Porro valetudinarium, locus is scilicet, in quo valetudinariae aegritudineque affectae, vel convalescentes moniales curantur, extrui debet in situ non interiori monasterii, sed paululo remotiori, quam proxime ianuae auditorii, at loco in primis salubri. Haec valetudinarii structura partes item habebit tum superiores, tum inferiores, triclinium videlicet longe patens cubitis circiter viginti, late pro ratione longitudinis; coquinam unam, cellam promptuariam unam, cellam lavationis unam, chortem cum suo puteo unam, lignile unum, porticum unam, cellas binas ternasve

inferiores, quae mediocri magnitudine singulae tres lectos capiant, et caminum praeterea habeant, aut singulae aut binae. A superiori autem parte cellae cubiculares sint quattuor aut sex, moderata etiam amplitudine: eaeque item, ut supra, camino instructae sint, habeantque secessum latrinarum, paulo supra descriptum. Ubi praeterea ad valetudinarii huius usum locus parvulo viridario dari potest, bene consultum esset valetudinariae huic structurae; cuius totus ambitus, ostio tantum constans, foribus unis claudatur.

De loco educationis puellarum.

[178]

Quibus in monasterii puellas, in monialium disciplinam traditas, educari permissum est, ibi certum iis domicilium construatur, ubi distincte a monialibus alantur; omniaque ab illis, praeter ecclesiam, separata habeant. Id sane domicilium partibus his constet: atrio exiguuo cum suo camino, cella penaria, chorte cum puteo et parva porticu, lignili et cubiculis inferioribus binis; a superiori parte, atrio dormitionis aut aliquot grandioribus, quae singula lectulos tres saltem quattuorve, aut plures, nec pauciores, capiant. Huius domicilii circuitus tantum foribus contineatur. Viridarii etiam locus, ubi esse potest, commodo erit.

De hortis viridariove monasterii.

[179]

Horti monialium ob multa violandae clausurae pericula non esse debent vasta amplitudine. Cum enim prae vastitate non facile possint parietibus cingi, id fit, ut in monasterii partes vulgo pateat et aditus et prospectus. Sint igitur spatio centum cubitorum aut paulo amplius ab omni parte. Undique parietibus cingantur crassitudine cubiti unius et unciarum octo; altitudine non minori sexdecim cubitis, eaque a superficie terrae ducta. Nec vero, etiam si horti circumcingi commode facileque possint, praescriptum cubitorum centum spatium eos excedere conveniens est, ut ne, cum prae magnitudine a monialibus conversisve, quae intra monasterii claustra degunt, coli conserive non queant, necesse sit, contra clausurae regulas, rusticos exterosque operarios ad eorum culturam consitionemve introduci. Ne taleae, ne plantae aliae, ne

vites, ne arbores cuiusvis generis, prope parietes conserantur intrinsecus, neque vero extrinsecus, nisi intervallo distantes cubitorum ad minimum sex. Neque in eorum fundo arbores grandiores serantur; sed arbusta humiliora eaque rariora. Nec lignorum strues in iis fiat, non paleae, non foeni acervus. Non praeterea tugurium ullum, non casa quaevis, vel humillima, struatur. Nec foenisecio pratove fundus eorum destinetur: sed perpetuo eiusmodi sit, in quo olera, herbae medicae et coquinariae, non voluptariae, serantur. Si per hortos fossa canalibusve aquae deductio sit, cautio sit, ut ille aquaeductus firmissime operiatur aliquo lapideo caementitiove opere, ducto ab ore, quo aqua influit, longe cubitos circiter sex, et foris et intus dimensos. Os vero, per quod ab initio illius lapidei operis confluit aqua, et alterum, unde in illius fines effluit, cancellis ferreis utrinque muniatur. Itidemque fiat in extrema ea hortorum parte, unde foras erumpit. Rursus idem aquaeductus sine ullis clathratis cancellis fieri poterit, si totus tanto spatio tegatur, quantus hortorum fundus est, per quem aqua fluit. Si quam autem deductionem inde fieri opus est, vel ad hortorum irrigationem vel ad lavationis usura, rivuli aliquot derivari per minuta foramina poterunt quo volunt, rursusque ad aquaeductum reduci.

De carcere et loco secessionis.

[180]

Monasteria, ut olim etiam habuerunt, carcerem firmum habere debent, in quem si quae monialis, aliquando a disciplina aberrans, flagitiose egerit, pro culpae gravitate detrudatur. Porro carcer a via publica et ab aedibus item viciniae procul erit, sed intima superioris monasterii parte, quae a monialium etiam frequentia et concursu remotior sit. Bene munitus, bene materiatus, beneque fornicatus, fenestriculam cubitalem firmiter clathratam, alte a solo exstructam habeat, unde parum luminis excipiat; ostiolum item, binis munitum valvis, in quibus interioribus fenestellula minima insit, binisque seris ac binis vectibus clausum. Compedes etiam, ut in antiquis etiam regulis cautum est, habeat, et manicas ferreas, quibus vinciantur, cum opus est, in carcerem coniectae. Nec vero in carcere caminus neque foramen aliud insit, nisi latrina, angustis tubulis substructa. Non longe a carcere locus secessionis sit, isque et liberior et commodior quam structura carceris. Quo in loco moniales, a ceteris semotae, aliquando salutarem poenitentiam ob leviores culpas peragant.

De loco audiendae sacrae confessionis.

[181]

Atque hactenus quidem de monasterii partibus: nunc sequitur, ut dicamus de locis adiunctis. Est igitur primum habenda ratio loci, in quo moniales confitentur. Cuius loci situs paululo ab ecclesia remotior, cellam alteram, forinsecus iunctam, habere debet, ubi confessarius sacerdos earum confessiones audiat. Locus porro interior, ubi moniales confitentur, a parte inferiori sit, ne scalae ascensu opus habeant, bene vero pavimentatus sit, aut opere fornicato subtus constet, ne humidus uliginosusve sit; ab omni item strepitu valde admodum semotus, atque adeo undique accommodatus, ut ne monialis confitendo audiri a quoquam alio, quam a confessario, possit. Ab omni denique parte spatium habeat cubitorum circiter sex aut septem. Confessarii sacerdotis item cella, eodem modo et forma, extrinsecus iuncta struatur. In pariete utriusque loci cellaeve communi fiat ad confessionis usura fenestricula altitudine cubitali ad summum; latitudine unciarum circiter sexdecim pro altitudinis ratione. Quae fenestricula et clathratis ferreis et lamina ferrea cum suis minutis foraminibus, et tela praeterea nigra affixa, bene munita, nullo modo aperiri possit. Eodem in pariete rota inesse poterit, dimidio minuscula quam aliae praefinitae; haecque rota ad usura exponendi confessario, si quas res necessarias habet. Eademque rota firmiter beneque instructa extet, ut de aliis rotis demonstratum est.

De diversorio confessarii.

[182]

Exaedificetur praeterea diversorium, in situ intra ianuam exteriorem, viae publicae iunctam, et illam interiorem, qua ad claustra aditus fit, interiecto, cellis duabus, una inferiori, altera superiori, constans: quibus confessarius sacerdos uti possit, cum pernoctare necesse habet, ut moniali cuiquam, periculose aegrotanti, praesto sit sanctissimorum sacramentorum ministratio. Hoc diversorium et caminum et latrinam, et alia usui necessario accommodata habeat, at rotam nullam; nullamque fenestram omnino, unde vel aspectus, vel collocutio quovis unquam praetextu esse possit. Nec vero plures habeat cellas, praeter illas duas, ut omnis alia conversationis aut commercii

occasio ab eo remota exclusave sit; neque denique ullum praeterea locum, vel exiguum. Ita enim omnino fiet, ut minor, aut nulla commoditas occasiove relinquatur in eo commorandi, nisi necessaria de causa. Quae ratio locum etiam habeat in diversorii sequentis aedificatione.

De diversorio exteriori famulorum et colonorum adventantium.

[183]

Diversorium in eodem intermedio situ, quod adventantibus colonis famulisve monialium usui sit, construatur. Quod diversorium cubacula bina trinave habeat, at nullam nec rotae neque collocutionis fenestram. Neque ab re esset, ut id a monasterii aedificio disiunctum aliquo exíguo spacio sit, ut ne saltem tectis coniungatur.

De domicilio conversarum.

[184]

Domicilii, extra clausurae fines positi, in quo conversae non professae habitent, ea ratio in illius aedificatione haberi debet, ut scilicet intrinsecus a parte monialium claudatur aperiaturve. Id vero praestari poterit ratione infra demonstrata. In illo ipso intermedio situ, extra clausurae fines, domicilium fiat, quod conversas tot capiat, quot ad monasterii usum opus esse verisimile est. Habeat haec domicilii habitatio singulas partes necessarias, locum dormitionis scilicet communem, coquinam, puteum, lignile, et alia item loca, usui necessario opportuna. Porro in huius domicilii extruptione haec cautio sit, ut ne in parietibus exterioribus, ad viam publicam spectantibus, fenestra ulla, ac ne foratus quidem exiguus conspiciuntve minimum fiat; ut deinde una tantum ianua constet, quae prope clausurae monasterii parietem, quicumque ille sit, extruatur. Fiat in eo clausurae pariete foratus amplitudine unciarum circiter sex: per quem vectis ligneus eadem crassitudine tramissus, idemque in transversum actus, ac paululum in parietem, qui e regione est, iniectus, firmiter illius ianuae valvas occludat. In cuius vectis summa parte, quae a monialibus est, clavis seraque ita apte accommodata sit, ut intrinsecus moniales facile aperiant, rursusque claudant. Si vero ea transversarii vectis ratione confieri non potest, ut ianua illa occludatur, hoc etiam fieri facile erit, ut vectis, non

transversus, sed recta ad ianuam, quae e foratus regione est, ductus, a summa parte valvis innixus atque oppositus, firme occludat. In hoc domicilio a latere monasterii fenestricula exigua, quae non amplius undique pateat quinque aut sex unciiis, munita etiam lamina ferrea, plenaque minutis foraminibus, extruenda est, unde praefecta conservas evocet, ac spectet an domi sint cum ianua clausa est; tum illae, foras discessurae, benedictionem missionemque inde ab ea petant.

Cautiones quaedam in tota monasterii aedificatione.

[185]

Primo, in tota monasterii aedificatione diligens clausurae ratio habeatur, ut scilicet illius situs, quantuscumque est, omni ex parte idoneis beneque materiatis parietibus concludatur: quorum praeterea altitudo sit cubitorum ad minimum viginti quattuor, exceptis hortorum muris, quorum altitudinem supra demonstravimus; crassitudo cubitalis, ac paulo etiam maior, at minor certe nullo modo. Porro a parietibus exterioribus nullus insit caminus, in iis effossus: at eminens e superficieque intrinsecus extans non vetatur; nulla praeterea fenestra, non fenestricula, non conspicium, ac ne rimula quidem, unde etiam minutus prospectus sit. In singulis monasterii partibus, ad communem usum extruendis, utpote refectorio, capituli atrio, valetudinario, dormitorio, calefactionis, lavationisque manuum, et laborum item loco, atque aliis id generis, tum in primis in ecclesiae interioris aedificatione, non negligenda, sed adhibenda ea cautio est, ut singula eiusmodi loca, ad quae moniales frequentes convenire solent, ampia structura sint, quae commode capiant non modo omnes, quae iam sunt, sed aliquanto plures, quas etiam deinceps in idem monasterium accipi pro facultatum eleemosynarumque ratione et accessione posse verisimile est. Illa porro etiam cautio vel maxima sit, ut ne in ulla colloquii exteriori cella, nec in ullo vel confessarii sacerdotis, vel colonorum famulorumve advenientium diversorio, neque in ulla alia quavis monasterii parte exteriori aedificationeve extrinsecus facta, locus superior quisquam sit, ad quem monialibus aditus detur; nec rursus in ulla monasterii parte interiori locus item superior, quo aliis accessus ingressusve esse ullo modo possit. Est illud praeterea cavendum, ut quicumque in monasterio sunt aditus, vestibula, angiportus, aliaque id generis, ne

tenebricosa, ne subobscura sint, sed dilucida et illustria. In omni denique, vel anguli, vel aditus, vel scalae, vel atrii monasterii capite, sacra aliqua imago, pie expressa, extet.

CAPUT XXXIII.

CAUTIONES QUAEDAM DE OMNI ECCLESIASTICA AEDIFICATIONE

[186]

Haec de fabrica exteriori et interiori ecclesiae, de coemiteriis, de sacristia aliisque partibus aedificationi ecclesiasticae adiunctis, de ecclesiae simplicis et oratorii extruptione, ac rursus de ecclesiae monasteriique monialium structura, speciatim supra locis suis scripsimus. Illud vero generatim ad omnem ecclesiasticam aedificationem attinet, ut scilicet neque in ecclesiae, cappellae, altaris, partisve cuiusvis alterius, quae ipsius ecclesiae usum decoremve attingat, fabrica ornatuque nihil operis, qualequale sit, statuatur, fiat, inscribatur, effingatur exprimaturve, quod a christiana pietate et religione remotum, aut quod profanum, quod deforme, quod voluptarium, quod turpe vel obscenum sit; quodve popularem magnificentiam aut familiarum insignia ostentans, gentilicii operis speciem praebeat. Non vetatur tamen pro fabricae firmitudine, si ita architectonica ratio aliquando postulat, aliqua structura generis vel dorici, vel ionici, vel corinthii, vel alterius huiusmodi operis. Id omne cum fabricae praefecti architecte, antequam aedificationis initium fiat, consulto caveant, tum in primis curae episcopalis est videre, ne quid tale ab iis in opere ecclesiastico committatur. Id denique in huiusce etiam libri conclusione ponimus, ut cum de dote vel ecclesiae, vel sacello, vel altari certa constituenda iure canonum cautum sit, Episcopus priusquam eiusmodi ecclesiasticae aedificationis aut foundationis facultatem det, eo de genere diligenter consultoque idonea sponsione publicisque tabulis caveat, ex eorundem canonum praescripto. Laus Deo.

FINIS LIBRI PRIORIS

INSTRUCTIONUM SUPELLECTILIS ECCLESIASTICAE LIBER II

[187]

Superiori libro modum formamque exposuimus fabricae ecclesiasticae exterius atque interioris: nunc sane consequens est alter liber, in quo de ecclesiastica suppellectile dicemus. Ac primo quidem simplicem illius apparatus, sacris ministeriis, atque uniuscujusque Ecclesiae partibus, et pro ministrorum numero, et pro Ecclesiarum etiam ipsarum ratione ac dignitate congruentem uno in conspectu constituimus. Deinde, quoniam pro officiorum item solemnitate, et pro varia ratione, sacram illam suppellectilem, cum multiplicem, variam, coloribusque distinctam, tum quibusdam statis diebus pretiosorem esse convenit, operae pretium fuit certis regulis constitutis ostendere etiam, quae ecclesiastica ea supellex, rursus quae duplex, quae item triplex, quae quadruplex, quae quintuplex, qua denique multiplex, pro necessario commutationis usu lavandi

causa esse debeat. Postremo aliquam omnis enumerate supellectis formam commonstrare volumus, ut apparatus omnis, et cum solerantatum rationibus, rituumque regulis atque institutis conveniat, et in omni Ecclesia, ubi per facilitates potest, quo decentior omni ex parte existat. Iam vero in toto hoc genere initium a basilicae cathedralis supellectile instituimus: tum reliquarum deinceps Ecclesiarum, nempe collegiatarum, parochialium, ac simplicium apparatus ordine prosequimur.

CAPUT I.

DE SUPELLECTILE ECCLESIA CATHEDRALIS.

[188]

Basilicae igitur cathedralis erit ut infra demonstrator, supellex: cujus etsi certe aliqua pars communis esse potest solemniarum missarum, tum episcopaliarum, tum aliarum quae collegiatim celebrantur, et aliorum praeterea divinarum officiorum: est illud tamen cum omni ratione convenientius, ut ubi per facultates potest, in Ecclesia cathedrali apparatus sit sacrarum vestium, ornamentorum, et reliquae supellectilis, usui solum, proprieque addictus missis, divinis officiis, caeterisque sacris ministeriis, quae ab Episcopo peraguntur namque, cathedralis haec supellex distincte exponetur; ac primo sane loco haec episcopaliarum officiorum, deinde illa quae usui est, cum divina officia per alios peraguntur.

Supellex missarum, divinarum officiorum, ministeriorumque Episcopaliarum propria.

[189]

Supellex episcopali usui solum addicta haec erit: quae infra commonstrata partim ad altaris maioris apparatus attinet; partim praecipua ac propria est vestium episcopaliarum, ad missae sacrificii, et divinarum officiorum ministeriorumque sacrarum solemnem celebritatem usumque necessarium; partim ex indumentis est, quibus utuntur, quicumque Ecclesiae ministri Episcopo solemniter celebranti ministrant; partim vero (quae reliqua supellex est) ex multiplici genere constat, quod infra exponitur titulo suo.

Apparatus altaris maioris Episcopo celebrante.

[190]

Crux.

Candelabra septem cum operculis terms exstinctoriis.

Emunctoria duo.

Tabella secretorum una.

Mappae, quas tobaleas dicunt, minores duae.

Mappa, seu tobalea maior, una.

Pallium.

Tela.

Velamentum stragula ad altares ornatum frontispicii altaris.

Tapetia, seu stragula bradellae, et graduum altaris, et plani item, quod a fronte, et ab utroque eius latere est.

Vestes, indumenta, ornamentave episcopalia, missarum, divinorum officiorum, ac ministeriorum solemniium usui necessaria.

[191]

Caligarum par.

Sandaliorum par.

Amictus unus cum fascia seu auriphrygio

Albae cum suis grammatis, seu auriphrygiis.

Cingulum, seu zona suo succinctorio.

Crux pectoralis ad collum appendenda

Stola.

Tunica, quam tunicellam etiam dicunt.

Dalmatica.

Chyrothecarum par.

Planeta.

Subbirreta mitralia quatuor.

Mitrae pretiosae binae.

Mitrae simplices binae

Anulus episcopalis insignior.

Gremiale.

Baculus pastoralis.

Manipulus.

Pluviale.

Pectorale ad pluvialis connectendi usum.

*Indumenta Ecclesiae ministrorum Episcopo solemniter divina officia celebranti
inservientium.*

[192]

Pluviale sacerdotis assistentis ad librum.

Tunicellae duae usui duorum assistentium diaconali vestitu.

Amictus usui diaconi unus; in Ecclesia metropoli tana duo cum suis fasciis, seu auriphrygiis.

Amictus item usui subdiaconi unus, in metropoli tana duo cum suis fasciis seu auriphrygiis.

Alba diaconalis una item; at in metropolitana duae, cum suis grammatis seu auriphrygiis.

Alba subdiaconalis una etiam; duae vero in metropolitana cum suis grammatis seu auriphrygiis. Cingulum diaconale unum; item metropolitana duo.

Cingulum subdiaconale, unum; in metropolitana duo.

Dalmatica diaconalis una; in metropolitana duae.

Tunicella subdiaconalis una; at in Ecclesia metropolitana duae.

Stola diaconalis una; at in metropolitana duae.

Velum subdiaconale ad usum ferendi calicis patenaeve sustinendae.

Pluviale usui sustinentis librum.

Pluviale praeterea usui sustinentis candelam accensam.

Pluviale usui ferentis baculum.

Velum usui cappellani sustinentis mitram.

Vela item, seu continentiae, usui ministeriove portantium indumenta ornamentave episcopalia, cum Episcopus scilicet illis vel induitur vel exuitur: eaque duodecim.

*Reliqua suppellex Missae, divinorum officiorum, aliorumque ministeriorum episcopalium
solemnium usui.*

[193]

Calix.

Patena.

Velum calicis.

Corporale.

Sacculus corporalis.

Purificatorium.

Hamulae, seu urceoli quatuor.

Pelvis urceolorum.

Missalia duo.

Liber missarum episcopalium cantus modulatione notatarum.

Signaculum missalis.

Integumentum missalis.

Pulvinar missalis.

Pontificalia duo.

Signacula pontificalium bina.

Integumentum pontificalis unum.

Instrumenta duo usui candele sustinendae cum suis emunctoriis.

Thuribula binae.

Acerrae binae.

Cochlearia bina.

Vestitus sedis episcopalis.

Scabella picta usui assistentium Episcopo.

Faldistorium.

Integumentum faldistorii.

Pulvinaria faldistorii duo, unum ad sedendi, alterum ad genua flectendi usum.

Abacus.

Mappa abaci.

Sutentacula mitrarum bina.

Vasa, seu hydriae ad ornatum abaci, tria, aut plura.
Urceus magnus, quod bocale dicunt, unus, aut duo.
Pelvis magna una, aut duae.
Mantilia ad usum abstergendi manus quatuor.
Lectionarium ad usum missae sollemnis in Ecclesia metropolitana.
Integumentum lectionarii.
Epistolarium.
Integumentum epistolarii.
Evangelistarium.
Integumentum evangelistarii.
Integumentum ambonis.
Vas gestatorium aquae benedictae.
Aspergilla duo.
Pannus lineus, seu sabarium ad abstergendum caput baptizati usui in baptismis sollemnibus.
Ampulla crystallina balsami cum cochleari argenteo.
Pelliculae item ad usum multiplicis ministerii episcopalis quatuor, sex ve.
Forfices ad usum sacrae ordinationis bini.
Vasa tria usui sacris oleis conficiendis; unum scilicet, in quo sacri chrismatis; alterum in quo sacrae extremae-unctionis; tertium in quo catechumenorum oleum consecratur.
Vascula praeterea sacrorum oleorum ministratoria totidem.
Vasculum item unum tripliciter inter se distinctum, usui sacri olei; catechumenorum scilicet, chrismatis, et infirmorum, in varis ministeriis episcopalibus.
Vela tria serica, unum ad usum contegendi vas chrismatis, alia duo ad integenda vasa, unum olei infirmorum, alterum catechumenorum.
Candelabrum unum
Urceoli etiam usui sacrae ordinationis acolythorum.
Liber exorcismorum usui sacrae ordinationis exorcistarum.
Liber epistolaris usui sacrae ordinationis subdiaconorum.
Liber evangelistaris usui sacrae ordinationis diaconorum.

Supellex, quae missarum, et officiorum episcopalium usui proprie ut supra addicta, pro varietate colarum quintuplex esse debet.

[194]

Cum porro sacrae vestes indumentave, et altaris, et Episcopi celebrantis, et ministrorum, esse debeant coloris convenientis officio, et missae diei, ex instituto sanctae matris Ecclesiae, quae coloribus quinque uti consuevit; albo scilicet, rubro, violaceo, viridi, atque nigro; sit, ut pro hac colorum varietate in divinis officiis instituta, quintuplex sit sacrarum vestium et indumentorum apparatus supra nominatim expositus. Vestes igitur sacrae, indumenta, ornamentave, quae ordine intra numerantur, quinque singula esse debent, colore scilicet diverso; utpote albo, rubro, violaceo, viridi, et nigro; exceptis quibusdam indumentis nominatim infra commonstratis, quae; quiadruplicia tantum sunt, quoniam nigro colore non adhibentur.

Pallium altaris.

Velamentum frontispicii altaris

Caligae.

Sandalia.

Haec indumenta quadruplicia tantum erunt, quia nigro colore esse non debent.

Auriphrygium, seu fascia amictus.

Grammata, seu auriphrygium albae.

Stola.

Tunica.

Dalmatica.

(Chyrothecae) quarum scilicet paria quatuor tantum erunt, quia nigro colore non adhibentur.

Planeta, seu casula.

Gremiale

Manipulus.

Pluviale

Pluviale assistentis sacerdotis.

Tunicellae usui assistentium diaconali vestitu.

Auriphrygium amictus diaconalis unum; in metropolitana duo singulorum colorum.

Auriphrygium item amictus subdiaconalis unum; in metropolitana duo singulorum colorum.

Grammata, seu auriphrygium albae diaconalis unum; in metropolitana duo.

Grammata, seu auriphrygium albae subdiaconalis unum; in metropolitana duo.

Tunicella subdiaconalis una; in metropolitana duae.

Stola diaconalis una; in metropolitana duae.

Manipulus diaconalis unus; in metropolitana duo.

Pluviale usui sustinentis librum.

Pluviale item usui sustinentis baculum episcopalem

Hoc vero indumentum quadruplex tantum esse debet, quoniam in officiis pro mortuis non adhibetur baculus.

Pluviale praeterea usui sustinentis candelam accensam.

Velum calicis.

Sacculus corporalis.

Signaculum missalis.

Pulvinar missalis.

Signaculum pontificalis.

Integumentum pontificalis.

Vestitus sedis episcopalis.

Indumentum faldistorii.

Pulvinaria faldistorii.

Integumentum Lectionarii.

Integumentum Epistolarii.

Integumentum Evangelistarii.

Integumentum ambonis, vel suggesti.

Integumentum lectorilis.

Supellex indumentorum, quae e lino, byssove confecta, ministeriisque episcopalibus addicta, et in simplici numeratione supra mox posita, ob munditiam, necessariumque lavationis usum multiplicia esse oportet, ut infra uberius exponitur de supellectile

indumentorum lineorum. Primo igitur altaris indumenta linea, byssinave, usui missis episcopalibus sunt, quorum tota summa erit numero infra mox notato.

[195]

Mappae maiores tres.

Mappae minores sex.

Indumenta linea episcopalia

[196]

Amictus octo.

Albae totidem.

Corporalia sex cum suis pallis.

Purificatoria duodecim.

Mantilia ad usum abstergendi manus numero duodecim.

Mappae abaci tres.

Sabaria ad usum baptismorum solemnum tria.

Indumenta linea usui ministrorum Episcopo inservientium

[197]

Amictus diaconales octo; in Ecclesia metropolitana sexdecim.

Albae diaconales totidem; in metropolitana ut supra sexdecim.

Amictus subdiaconales octo; in metropolitana etiam sexdecim.

Albae subdiaconales octo; in metropolitana etiam sexdecim.

De suppellectile, quae canonicis, caeterisque ecclesiae cathedralis ministris in missis conventualibus divinisque officiis usui est.

[198]

Exposita suppellectile, quae episcopali usui proprie addicta est, sequitur ut dicatur de suppellectile, quae canonicis caeterisque Ecclesiae cathedralis ministris in peragendis divinis officiis necessaria est.

Haec porro ordine distincta, partim ad altaris maioris apparatus; partim ad missae conventualis, et divinorum officiorum usum; partim ad cultum et administrationem sacrae

Eucharistiae, aliorumque sacramentorum; partim ad alia ecclesiastica ministeria, et alia item speciatim ad funeralia officia; alia denique ad sacristiam pertinet.

Hic sane distinctionis modus, in reliquarum etiam Ecclesiarum, prout earum uniuscujusque ratio tulerit, supellectile commonsfranda praefiniendaque servabitur.

Primo autem loco supellectilis apparatus simplex exponetur.

Apparatus altaris maioris

[199]

Crux.

Candelabra sex cum suis operculis exstinctoriis binis.

Emunctoria duo.

Tabella Secretorum.

Mappae minores duae.

Mappa maior una.

Pallium.

Velamentum ad ornatum frontispicii altaris.

Tela stragula altaris.

Tapetum bradellae altaris.

Tabellae orationis de sancto, cujus nomine altare cappellave maior nuncupatur, duae; una a dextro, altera a sinistro latere clathrorum altaris cappellave extrinsecus affigenda.

Tabellae item duae orationum de sancto sanctisve, quorum insignes reliquiae in eo altari reconditae sunt.

Supellex ad usum sacrificii missae conventualis, et divinorum officiorum

[200]

Amictus sacerdotalis cum suo auriphrygio, seu fascia.

Alba sacerdotalis cum suis auriphrygiis, seu grammatis.

Cingulum sacerdotale.

Manipulus sacerdotalis.

Stola sacerdotalis.

Planeta.

Pluviale.

Amictus diaconalis cum auriphrygio, seu fascia.

Amictus subdiaconalis cum fascia, seu auriphrygio.

Alba subdiaconalis cum suis grammatis, seu auriphrygiis.

Cingulum diaconale.

Cingulum subdiaconale.

Dalmatica diaconalis.

Tunicella subdiaconalis.

Manipulus diaconalis.

Stola diaconalis.

Manipulus subdiaconalis.

Velum subdiaconale, ad usum ferendi calicis, patenaeve sustinendae

Supellex quae sequitur, propria missae tantum

[201]

Calix.

Patena.

Velum calicis.

Corporale cum palla.

Sacculus corporalis.

Purificatorium

Hamularum, seu urcelorum paria duo.

Pelvicula urceolorum.

Missalia tria.

Integumentum missalis.

Signaculum missalis.

Pulvinar missalis.

Lectionarum ad usum missae sollemnis in Ecclesia metropolitana tantum.

Integumentum lectionarii.

Epistolarium.

Integumentum epistolarii.

Evangelistarium.

Integumentum evangelistarii.

Integumentum ambonis, vel suggesti.

Cereostata octo cum suis operculis exstinctoriis.

Tabella gestatoria pacis offerendae.

Sudariolum ad nares expurgandas, cum opus est in missae sacro.

Funiculus cum globulo, unde sudariolum pendeat.

Crepidarum mundarum paria terna.

*Supellex, quae missae conventualis, divinorum officiorum, processionumque usui
communis est.*

[202]

Crux capituli.

Thuribula duo.

Acerrae binae.

Cochlearia bina.

ad thurificationis usum.

Pluvialia tot, quot sane quidem sunt Ecclesiae canonici, et dignitate praediti, et mansionarii, aliique id generis ministri Episcopo celebrante. Planetae etiam totidem, quot canonici aliive sunt, qui sacerdotales praebendas habent, certis statis diebus adhibendae ex libro caeremoniarum.

Dalmaticae diaconales, quot canonici, aliive, qui diaconales praebendas obtinent.

Tunicelae subdiaconales itidem, ut proxime supra.

Cereostata bina ad usum processionum.

Canthari item in ecclesia metropolitana bini.

Candelabrum cerei paschalis.

Labarum, seu vexillum sancti patroni civitatis ad usum processionum.

Crotala, seu crepitacula lignea tria saltem, ad usum pulsandi loco campanarum in tenebris hebdomadae sanctae.

Candelabrum triangulare ad usum sustinendi candelas in tenebris hebdomadae sanctae, praeterquam in metropolitana.

Stragulum sedilis, in quo sacerdos missae sacrum faciens, et ministri aliquando assident.

Aulaea, pannive plures, ad usum ornandae cappellae maioris, et chori, aut basilicae, solemnioribus diebus.

Lectorilia stataria chori duo.

Lectorilia minora gestatoria tria saltem.

Integumenta lectorilium statariorum.

Integumenta lectorilium gestatoriorum.

*Libri, seu, volumina ad usum divinorum officiorum in Ecclesia Metropolitana pro ritus
Ambrosiani ratione*

[203]

Breviaria forma grandiori tria saltem.

Calendaria anniversaria, seu perpetua tria item.

Psalteria praeterea cum hymnis tria saltem.

Libri de hymnis musica modulatione notatis tres saltem.

Anthiphonaria de dominicis tria.

Anthiphonaria de sanctis tria.

Anthiphonaria ferialia tria.

Lectionaria matutinalia tria.

Homiliaria tria.

Lectionaria ex libro Genesis ad officia Quadragesima post horam Tertiam et Nonam duo.

Lectionaria item de Exodo ad officium dominicarum Quadragesimae post primam missae orationem

Ex Proverbiis Salomonis duo item.

Lectionaria item ex sermonibus S. Ambrosii ad officia dominicalia Quadragesimae duo.

Lectionaria item de vitis sanctorum in statis quibusdam vigiliis duo.

Pontificalia tria.

Caeremonialia tria: unum, quod dicitur Romanum, alterum Ambrosianum, tertium Paridis de Grassis.

Sacramentalia quatuor.

Processionalia, seu libri litaniarum processionumve, quinque, pluresve.

Libri ad usum funerum et officii mortuorum quinque pluresve item.

Libri cantus Ambrosiani varietate tonorum distincti, ad usum lectionum psalmorum, et id generis aliorum, numero tres.

Libri, in quibus hymnus Gloria in excelsis, Symbolum, et Sanctus, musicis notis descripta sunt, numero tres.

Libri de caeremoniis missae tres item.

Libri de computo ecclesiastico duo.

Libri seu volumina ad usum divinorum officiorum in aliis Ecclesiis cathedralibus.

[204]

Breviaria forma ampla tria.

Calendaria perpetua tria.

Diurna aut psalteria cum hymnis tria.

Hymnaria musico cantu exscripta tria.

Lectionaria tria matutinalia.

Homiliaria tria.

Antiphonaria de dominicis duo.

Antiphonaria de sanctis duo.

Gradualia de dominicis duo.

Gradualia de sanctis duo.

Manualia duo item.

Martyrologia itidem duo.

Libri de officio mortuorum duo etiam.

Ritualia tria.

Processionalia tria, plurave.

Pontificalia tria.

Caeremonialia totidem; duo scilicet Romana, tertium Paridis de Grassis.

Sacerdotalia duo.

Rationalia divinorum officiorum duo item.

Libri de computo ecclesiastico duo quoque.

Libri praeterea iique probati, de musico cantu, modulationeque divinorum officiorum, numero tres, pluresve.

Supellex, quae ad cultum et administrationem sacrae Eucharistiae, aliorumque sacramentorum usui est.

[205]

Conopoeum tabernaculi maioris.

Tabernacula parvula duo: alterum altius, atque ornatius; alterum minori et altitudine et ornatu;

Amboque ad usum exponendae in altari sacrae Eucharistiae, et in processionibus ferendae.

Pixides quatuor: una usui ad conservandam sanctissimam Eucharistiam; altera ad illam aegris ferendam, reliquat duae, ac plures etiam pro ratione frequentis populi ad sacram communionem convenientis, eaeque grandiores; et ad eum usum, cum scilicet aliquando eodem tempore viris separatim a foeminis sacra Eucharistia ministratur; eodemque item tempore aliae hostiae ad eiusdem populi communionem consecrandae sunt.

Vela quatuor, ad usum sacrae Eucharistiae quae in tabernaculo maiori asservatur, decenter contegendae.

Vela praeterea duo, ad sacra Eucharistiae contegendae usum, cum ad aegrotos scilicet illa fertur.

Velum unum ad illam in processionibus solemnibus ferendam.

Umbellae duae, una usui cum ad aegrotos sacra Eucharistia defertur, altera in processionibus adhibenda.

Crux, in qua Christi Domini imago affixa pendeat, eaque decenter expressa, ad aegrotos saepe ferenda.

Laternae grandiores sex usui sacrae Eucharistiae ad aegrotos ferendae.

Cereoferaria breviora viginti quatuor, deferendis luminibus usui, cum sacra Eucharistia fertur.

Tintinnabulum gestatorium unum, cum sacra Eucharistia fertur.

Mappae ad apparatus communionis in Ecclesia ministrandae.

Mappulae praeterea breviores subter sanctissimam Eucharistiam sustinendae, dum in Ecclesia, aut aegrotis ministratur.

Vasa pro purificatione populi quatuor, sexve.

Vasa pro vino purificationis maiora quatuor, ac minora totidem.

Scamna item oblonga ad apparatus communionis populi, sex, plurave, prout est eius frequentia.

Vasa duo sacrorum oleorum, chrismatis, et catechumenorum; eaque ad usum parochialis curae, quae in Ecclesia cathedrali geritur, cum suis cotylis, et sacculis.

Haec vero duplicia sint: ut in Pascha illis vacuis parochus animarumve curator ad olea sacra recens consecrata suscipienda utatur; aliaque rursus retineat ad asservandum quod reliquum est sacrum oleum vetus, quo uti possit, si in parochiali cura opus esset, dum alia vasa parantur ad recens oleum sacrum recipiendum.

Vasa item duo olei sacri infirmorum ob eiusdem parochialis curae usum, cum suis cotylis, et sacculis.

Ubi vero plures parochi animarumve curatores sunt, totidem etiam vasa sint instructa olei sacri.

Pannus lineus, quod sabarium dicitur, ad usum abstergendi caput infantum baptizatorum.

Supellex quae multis ministeriis sacris communis est.

[206]

Vas unum usui aquae dominicis diebus benedicendae.

Vasculum gestatorium aquae benedictae.

Aspergillum.

Pelvis grandiuscula gestatoria una saltem ad usum lavationis manuum.

Urceolus ob eundem usum grandiusculus unus item.

Mantile grandius ad manus abstergendas.

Vasa usui excipiendi oblationes duo saltem.

Superpellicea ad usum varium ministeriorum sacerdotalium.

Superpellicea usui clericalium ministeriorum.

Supellex officiorum funeralium propria.

[207]

Feretra duo.

Pallia feretralia duo saltem: unum quo cadavera contegantur, cum efferuntur, et coenotaphia item; alterum, quo eadem cadavera substernantur.

Coenotaphium gestatorium, quae tomba dicitur, unum.

Basis coenotaphii una item.

Pannus stragulus eiusdem basis unus etiam, aut basis saltem decenter picta.

Cruces quae circa coenotaphium collocantur, quatuor.

Scabella, sustentaculave crucum quatuor item.

Candelabra fœrrea octo, aut duodecim, plurave ex usu Basilicae Cathedralis.

Supellex sacristiae cathedralis.

[208]

Instrumenta ferrea bina ad usum conficiendi hostias.

Vasculum unum pro asservandis hostiis magnis

Capsulae corporalium binae.

Capsulae binae item ubi purificatoria reponuntur.

Sacculus calicis.

Sacculus pixidis.

Thecae calicum numero tot, quot sunt calices.

Mantile grandius loco appendendum, ubi manus lavantur.

Mappa ad usum altaris sacristiae seu armarii, apud quod sacerdos vestes sacras induit.

Tapetia duo saltem, vicissim loco sternenda, ubi sacerdos se induit: aut eorum loco clathra lignea.

Crepidarum mundarum paria tria, si quando opus est calceos luto inquinatos deponi.

Tabella de professione fidei.

Tabella de sacris reliquiis in basilica cathedrali reconditis.

Tabella indulgentiarum eidem Ecclesiae perpetuo concessarum.

Tabellae binae de orationibus praeparatoriis, ad usum sacerdotum qui celebraturi sunt.

Tabellae item binae orationum, quas pronunciant sacerdotes dum sacras vestes induunt.

Tabella distributionis horarum pro missis celebrandis.

Tabella praeterea de missis, commemorationibus, funeralibus, et aliis eiusmodi officiis: quae in singulas hebdomadas certis statis diebus, vel ab universo capitulo, clerove Ecclesiae, vel ab unoquoque sacerdote cappellano, in singulis altaribus cappellisve, ex fundatione, institutione, aut legati eleemosynaeve nomine, aut aliqua alia obligatione praestari debent.

Tabella, quae dyptica dicitur, de singulis Episcopis qui in Ecclesia cathedrali ordine praecesserunt.

Pro quibus Episcopis in missae sacro aliquando precandum est.

Tabella processionum una.

Tabella itidem de titulis, dignitatibus, canonicatibus, praebendis, et reliquis beneficiis, officiisve Ecclesiae.

Tabella de missis, officiisque divinis, quae ab Episcopo ex decreto provinciali quarto, atque ex consuetudine Ecclesiae solemniter peraguntur.

Tabella rursus perpetua de officiis functionibusve item perpetuis archipresbyteri, archidiaconi, et reliquorum singulorum, dignitates, canonicatus, aut alia beneficia in Ecclesia cathedrali obtinentium.

Tabella una pluresve perpetuae item de his officiis, utpote:

De officio praefecti;

De officio magistri caeremoniarum;

De officio sacristae;

De officio mansionariorum;

De officio magistri chori;

De officio custodum.

Tabella item hebdomadaria horariae eiusmodi officiorum.

Tabella praeterea de regulis distinctionis officii solemnitis et non solemnitis in Ecclesia metropolitana pro Ambrosiani instituti ratione; officii item simplicis, semiduplicis, et duplicis, in aliis Ecclesiis cathedralibus pro Romani ritus usu.

Tabella item de certis statis horis divinorum officiorum, et pulsationis campanarum.

Tabella colorum: in quo scilicet colores demonstrantur, qui singulis diebus ex sanctae matris Ecclesiae instituto adhibentur.

Tabella de statutis canonicalibus, capitularibusve.

Tabella triplex regularum de punctationibus.

Tabella de regulis capitulorum congregationumve canonicalium, sacerdotalium, et clericalium.

Tabella item de functionibus maiorum et minorum ordinum.

Tabella clericorum qui adscripti sunt.

Tabella de iis, quaecumque ad Ecclesiae cultum, decorem, ac nitorem pertinent.

Tabellae denique aliae numero plures, quaecumque de ritu disciplinave ecclesiastica edentur.

Tabella statutorum dierum, quibus decreta, vel de canonicali, vel clericali disciplina, ex constitutione provinciali legenda sunt.

Tabella item instar calendarii, selectorum decretorum, sanctionum, constitutionumque tam pontificalium quam episcopalium, quae certis anni diebus evulgari debent.

Tabella etiam regularum de oratione quadraginta horarum.

Tabellae duae, pluresve de diversis orationibus, pro varietate temporum, usui fidelium ad eam orationem convenientium.

Tabella etiam de officiis parochialibus.

Tabella itidem una de confessariis.

Tabellae duae excommunicationum; una latino, altera vulgari sermone explicata.

Tabella una festorum dierum, quae ex praecepto, vel ex consuetudine, votive coluntur.

Liber praeterea anniversarius, isque unus, de sacerdotibus celebrantibus, in quo scilicet libro sua manu notent subscribantve sacerdotes, qui singulis diebus in ea Ecclesia missae sacrum fecerint.

Liber rursus unus idemque anniversarius, de punctationibus sacerdotum qui non celebrarint.

Liber item anniversariorum, quae quotannis celebrata sunt.

Liber unus de distributione sacrorum oleorum.

Liber, sive volumen unum constitutionum variarum pontificalium, quae in singulos annos editae sunt, atque edentur in posterum.

Liber item unus, seu volumen decretorum, edictorum, et aliarum id generis sanctionum episcopalium.

Libri quoque scu volumina sequentia, utpote:

[209]

Bibliorum sacrorum volumen unum.

Juris canonici corpus unum.

Concilii Tridentini volumen unum.

Concilii Provincialis uniuscujusque Mediolanensis volumen unum.

Synodi uniuscujusque dicecesani volumen unum.

Liber, seu exemplum unum decretorum visitationis Apostolicae.

Liber etiam unus harum instructionum.

Liber historiae probatae de reliquis sacris in Ecclesia reconditis.

Liber canonum poenitentialium.

Libri item parochiales in Ecclesia cathedrali, hi scilicet

[210]

Liber de baptizatis.

Liber de confirmatis.

Liber de matrimonio junctis.

Liber de votis, et piis consuetudinibus.

Liber de statu animarum.

Liber de distributione eleemosynarum.

Liber de peregrinis Paschae tempore in Ecclesia cathedrali sacram communionem sumentibus.

Liber formularum de denuntiationibus dierum festorum, et omnis cujuscumque generis ad parochi munus pertinentis.

Liber, seu volumen litterarum et instructionum pastoralium, de solemnitatibus, de sacris temporibus, et aliis.

Formae etiam, seu designationes baptisterii, sacrarii, reliquiarii, et aliarum omnium singularumque rerum operumve, quae bis duobus instructionum libris commonstrata sunt.

Supellex Instrumentalis, quae certo loco sacristiae proximo asservatur.

[211]

Tripodes cum suis patellis vasibusve focariis numero duo.

Forcipes ferreis tres item.

Cochlearia ferrea totidem.

Vasa olearia maiora tria ad usum olei lampadum recondendi.

Vasa minora, qui gutti dicuntur, totidem ad illum ipsum usum.

Infundibula et vasa duo, ad olei e vase maiúsculo depromendi, rursusque in alterum minusculum indundendi usum.

Scopulae parvulae ex cannulis palustribus ad detersionis usum numero decem.

Scopae maiores numero quinque.

Scalae gestatoriae numero duae, quarum una altior.

Ligones tres.

Battila totidem.

Hastilia seu perticae quinque.

Longuria totidem, plurave.

Spongiae grandiusculae quatuor.

Rutra duo.

De ratione multiplicis apparatus.

[212]

Quoniam vero pro ratione officii divini, quod modo solemnius, modo minus solemniter fit, prout diei vel celebritas, vel commemoratio, vel solemnitas quae agitur, requirit; illud plane convenit, ut sicut ei diei aut solemnitati officium omni ex parte consentit; ita ex sanctae matris Ecclesiae usu apparatus respondeat sacrarum vestium, et materia e qua

confecta sint, pretiosiori, et ornatu insigniori, et colore item, qui ut supra in supellectile usui episcopali proprie addicta enucleatius praescripsimus, convenire debet cum officio quod agitur.

Quare iam commonstrato simplicis supellectilis apparatu, regulae tradendae sunt supellectilis, quae pro officii usu multiplicanda est.

Ac primo quidem de ea, quae si materia et ornatos spectatur, alia duplex, alia triplex apparanda est.

Quae porro supellex duplex esse debet, illius ratio haec est, ut una sit usui quotidiano, altera usui solemniorum dierum; eaque et pretiosiori materia, et ornatu insigniori.

Res igitur quae sub hanc duplicis supellectilis regulam cadunt, hae sunt, utpote.

Enumeratio rerum quae duplicantur

[213]

Crux.

Candelabra sex.

Emunctoria duo.

Tabella secretorum.

Mappa maior.

Mappae minores.

Tela stragula altaris.

Tapetum bradellae altaris.

Cingulum sacerdotale.

Cingulum diaconale.

Cingulum subdiaconale.

Hamularum paria duo.

Pelvicula urceolorum.

Tabella gestatoria pacis offerendae.

Thuribula duo.

Acerrae binae.

Cochlearia bina.

Cereostata bina.

Conopoeum tabernaculi maioris.

Umbella processionalis.

Vasculum gestatorium aquae benedictae

Aspergillum

Pelvis ad usum lavationis manuum.

Urceolus grandiusculus.

Supellex rerum quae triplices esse debent.

[214]

Quaecumque autem res infra demonstrate sunt, hac regula comprehenduntur, ut triplices esse debeant, cum singulas singulis diebus pretiosiori et materia et ornatu respondere conveniens sit; ita scilicet, ut quae minus pretiosae minusve insignes existant, usui quotidiano sint; quae autem aliquanto pretiosiores, in festorum dierum officio; quae denique longe insigniores et materia, et opere, et ornatu, in solemnitatibus maioribus sicuti par est, adhibeantur. Atque hae quidem sunt.

Pallium.

Velamentum ad ornatum frontispicii altaris.

Amictus sacerdotalis cum fascia, et auriphrygio.

Alba sacerdotalis cum auriphrygio, et grammatis.

Manipulus sacerdotalis.

Stola sacerdotalis.

Planeta.

Amictus sacerdotalis cum fascia, seu auriphrygio.

Alba diaconalis cum auriphrygiis.

Amictus subdiaconalis cum fascia, seu auriphrygio.

Alba subdiaconalis cum auriphrygio, seu grammatis.

Dalmatica diaconalis.

Tunicella subdiaconalis.

Stola diaconalis.

Manipulus diaconalis.

Manipulus subdiaconalis.

Velum subdiaconale.

Velum calicis.

Sacculus corporalis.

Integumentum lectionarii in basilica metropolitana.

Integumentum ambonis, vel suggesti.

Integumentum missalis.

Pulvinar missalis.

Integumentum lectorilium gestatoriorum, et statariorum.

Supellex sacrarum vestium indumentorumve, supra nominatim expositorum, quorum apparatus quintuplex esse debet.

[215]

Atque hae quidem res sigillatim supra enumerate sub rationem triplicis supellectilis cadunt: nunc sequitur regula, qua comprehenduntur indumenta ornamentave sacra, quorum supra expositorum unusquisque apparatus, tum qui pretiosior, tum rursus qui minus pretiosus, tum item qui quotidianus est, quintuples requiritur, pro instituta in divinis officiis colorum varietate; ita scilicet, ut quotidiani usus apparatus sit, unus albo colore, alter rubro, tertius violaceo, quartus viridi, et quintus nigro. Haecque item regula est de apparatu solemnum dierum, vel officiorum, tum solemnitatum etiam maiorum.

Indumenta vero quintuplicis huius apparatus sunt scilicet:

[216]

Pallium

Velamentum frontispicii altaris.

Auriphrygium amictus sacerdotalis.

Auriphrygium albae sacerdotalis.

Manipulus sacerdotalis.

Stola sacerdotalis.

Planeta.

Pluviale.

Auriphrygium amictus diaconalis.

Auriphrygium item amictus subdiaconalis.
Grammata, seu auriphrygium albae diaconalis.
Grammata, seu auriphrygium item albae subdiaconalis
Dalmatica diaconalis.
Tunicella subdiaconalis.
Stola diaconalis.
Manipulus diaconalis.
Manipulus subdiaconalis.
Velum subdiaconale ad usum ferendi calicis, patenaeve sustinendae.
Velum calicis.
Sacculus corporalis.
Signaculum missalis.
Integumentum missalis.
Pulvinar missalis
Integumentum lectionarii.
Integumentum epistolarii.
Integumentum evangelistarii.
Integumentum lectorilium statariorum.
Integumentum lectorilium gestatoriorum.
Integumentum ambonis, vel suggesti.
Pluvialia tot, quot canonici, et dignitate pradi, mansionarii, alique id generis ministri.
Sed haec triplici tantum colore, scilicet albo, rubro, et violaceo.
Planetae etiam totidem, quot canonici, dignitate praediti, aliive sunt qui sacerdotales dignitates obtinent: sed triplici tantum ut supra colore, albo, rubro, et violaceo.
Dalmaticae item, quot canonici, aliive diaconales praebendas obtinentes, triplici etiam colore ut supra.
Tunicellae subdiaconales itidem ut supra.

*Supellex indumentorum lineorum, quae multiplicia esse debent ob commutationis usum,
dum partim ea lavantur.*

[217]

Indumenta e lino, bysso, cannabive confecta, quae ministeriis ecclesiasticis addicta sunt, cum munda in primis, nitida, candida, ab omnique labe pura atque integra non sine mysterii etiam significatione ex patrum traditione esse debeant; ac proinde crebro purgari, lavarique opus sit, ut dum lavantur quae sordida sunt, alia nitida non desint ad usum sacrorum ministeriorum; multiplicia ac plura ob mundiciem retinendam sane quidem illa esse oportet. Ponemus igitur mox infra singula eiusmodi indumenta, eorumque enumera torum totam summam.

Indumenta linea altaris in missis conventualibus.

[218]

Mappae maiores sex.

Mappae minores duodecim.

Indumenta linea sacerdotalia in missis conventualibus.

[219]

Amictus viginti.

Albae viginti.

Corporalia decem et octo.

Purificatoria triginta sex.

Mantilia ad usum abstergendi manus in missae sacro viginti quatuor.

Mantilia in sacristia appendenda ad usum lavationis manuum duodecim.

Sudariola ad usum purgandi nares cum opus est in missae sacro, triginta.

Funiculi sudariolorum cum globulis decem.

Mappae quinque usui altaris mensaeve, ubi sacerdos sacris vestibus induitur.

Sacculi linci usui uniuscujusque calicis bini.

Indumenta linea usui ministrorum in mista conventual inservientium.

[220]

Amictus diaconales viginti item.

Albae diaconales totidem.

Amictus subdiaconales viginti item.

Albae subdiaconales totidem.

Indumenta linea usui sacrae communionis populo in Ecclesia ministrandae.

[221]

Mappae longiores ad substernenda scamna, numero decem, plures paucioresve pro populi ratione.

Mappae breviores subter sanctissimam Eucharistiam sustinendae, dum sacramentum ministratur, quinque.

Indumenta linea usui variis ministeriis.

[222]

Superpellicea quatuor sexve ad varia sacerdotalia ministeria.

Superpellicea tria plurave usui clericalium ministeriorum

Sabaria ad usum abstergendi caput infantum baptizatorum sex, plurave

De supellectile altaris minoris in basilica cathedrali.

[223]

Atque haec quidem de supellectile altaris maioris, et reliquo omni apparatu mox suis titulis supra distincte exposito; nunc vero sequitur supellex altaris minoris in cathedrali basilica positi, proprios annuos redditus, aut censura, aliudve eraolumentum ex legato aut aliunde habentis, ut ibi missae sacrum fiat.

Quae porro supellex uniuscujusque scilicet altaris minoris apparabitur haec ut infra.

Crux una.

Candelabra duo cum suis operculis extingtoriiis

Emunctorium unum.

Altare portatile, cum scilicet altare ipsum consecratum non est.

Tabella secretorum.

Mappae minores duae.

Mappa maior.

Pallium.

Velamentum frontispicii altaris.

Tela stragula altares.

Tabella orationis de sancto, cujus nomine altare vocatur.

Tabella orationum de sancto sanctisque, quorum insignes reliquiae in eo altari reconduntur.

Amictus cum fascia, seu auriphrygio.

Alba cum suis grammatis, seu auriphrygio.

Cingulum.

Manipulus.

Stola.

Planeta.

Calix.

Patena.

Velum calicis.

Sacculus calicis.

Theca calicis.

Corporale cum palla.

Sacculus corporalis.

Capsulae binae usui corporalium.

Purificatorium

Capsulae binae usui purificatoriorum.

Urceolorum paria duo.

Pelvicula urceolorum una.

Missale unum.

Integumentum missalis.

Signaculum missalis.

Pulvinar missalis.

Mantile ad manus abstergendas in missae sacro.

Sudariolum ad nares expurgandas, cum opus est in missae sacro.

Funiculus cum globulo.

Crepidarium mundarum par.

Cereostata bina.

Opercula eorum restinctoria totidem.

Tintinnabulum gestatorium, si quando ut supra altari appensum non est.

Armarium proprium, aut locus proprius armarii proprii in sacristia: in quo calix, patena, corporalia, et purificatoria, et caetera id generis, tum praeterea in quo sacrae vestes ornamentave ad hujus altaris usum reponantur.

Enumeratio rerum, quarum apparatus pro diei ratione duplex, et pro colorum varietate idem quintuplex est.

[224]

In hac altaris minoris supellectile ratio habenda est rerum tantum, quae pro usu quotidiano, festorumque dierum celebritate duplices esse debent, et pro colorum distinctione, singulae praeterea quintuplices.

Quae igitur res duplicantur, ut scilicet ad quotidianum et solemnius officium adhibeantur, hae sunt:

Pallium.

Auriphrygium, seu fascia amictus.

Auriphrygium albae.

Manipulus.

Stola.

Planeta.

Velum calicis.

Sacculus corporalis.

Integumentum missalis.

Pulvinar missalis.

Harum sacrarum vestium et indumentorum apparatus uterque, linus scilicet usus quotidiani, et alter pretiosior solemniorum officiorum, quintuplex esse debet: ita ut uniuscujusque apparatus indumenta singula sint numero quinque, nempe unum colore albo, alterum rubro, tertium violaceo, quartum viridi, quintum nigro.

Lineorum indumentorum supellex.

[225]

Linthea praterea indumenta, quae ob causas supra in altari maiori expositas plura etiam in minore esse oportet, haec sunt nomina, singulaque supputata:

Mappae maiores tres.

Mappae minores sex.

Amictus duodecim.

Albae totidem

Corporalia quinque.

Purificatoria decem et octo.

Mantilia minora ad manus abstergendas in missae sacro sex.

Sudariola ad nares expurgandas sex.

Funiculi sudariolorum cum globulis tres.

*Supellex altaris minoris nullo modo dotata, ab Episcopo tamen ob necessariam causam
permissi*

[226]

Si quod vero altare minus Episcopus ob necessarium usum ornatumve, aut construendum, aut quod constructum est, permittendum censuerit, neo ulla tamen ratio sit, qua ad illud instruendum atque ornandum omnis illa supellex mox supra in altari minori demonstrata parari possit; aut brevi temporis spatio id omne genus praestari non queat: ut tamen interea dum reliqua supellex apparabitur, opportuno tempore illud apparatus ornatumve esse possit, supellex saltem exigua infra notata comparanda erit.

Crux una.

Candelabra duo.

Pallia saltem quinque ex diversis coloribus pro instituto Ecclesiae.

Altare portatile, si altare ipsum consecratum non sit.

Mappae breviores très.

Mappae longiores duae.

Tabella orationis de sancto, cujus nomine altare nuncupatur.

Tabella item orationis de sancto, cujus reliquae insignes in eo altari reconduntur.

Supellex usui communi altarium minorum.

[227]

In basilica cathedrali saepe contingit, et canonicos, et alios sacerdotes solo devotionis studio, non ex aliquo vel pii legati, vel dotis altaris, titulive onere, in altari maiori aut minori missae sacrum facere: quo fit, ut nisi alia sacrarum vestium supellex in sacristia sit necesse habeant uti sacro vestitu, qui proprie missae conventualis cultui addictus est; indeque eveniat, ut illius vestitus pars, planeta praesertim, frequenti usu conteratur, attrituque laceretur, et corrumpatur: sicque cum reliquis missae conventualis indumentis, cum dalmatica scilicet et tunicella quae attritae non sunt, minus decore conveniat.

Rursus altare indotatum in eadem basilica ut supra aliquando permissum, ut plerumque fit, supellectilem non habet necessariam ad missae sacrum faciendum: saepeque etiam hoc accidit, ut quod altare dotatum est, tota illa praescripta supellectile ob censos tenuitatem aliamve causam instrui non potest, aut saltem ad eam comparandam longius temporis spatium requirit.

Ideo ut hujus et illius altaris ornatui atque apparatus ad missae sacrum necessario subveniatur; utque vestitus missae conventualis usui addictus integer totus et inter se congruens conservetur, simulque eorum sacerdotum usui provideatur: est sane conveniens in eadem basilica cathedrali praeter proprium uniuscujusque altaris apparatus aliam etiam sacrarum vestium supellectilem comparari, quae usui communi sit et illorum canonicorum sacerdotumve, et altaris indotati et dotati etiam, aliqua tamen apparatus parte egentis.

Haec porro supellex tanta sit saltem, quanta unicuique altario minori supra praescribitur.

CAPUT II.

DE SUPELLECTILE ECCLESIAE COLLEGIATAE

[228]

Iam vero commonstravimus supellectilem basilicae cathedralis: consequens est Ecclesiae collegiatae supellex: quae primo quidem ad altaris maioris usum apparabitur haec infra nominatim posita.

Apparatus altaris maioris.

[229]

Crux.

Candelabra sex cum operculis exstinctoriis binis.

Emunctoria duo.

Tabella secretorum.

Mappae minores duae.

Mappa maior.

Pallium.

Velamentum ad ornatum frontispicii altaris.

Tela stragula altaris.

Tapelum bradellae altaris.

Tabella orationis de sancto, cujus nomine altare cappellave maior nuncupatur.

Tabellae item duae orationum de sancto sanctisve, quorum insignes reliquiae same in eo altari reconditae sunt; una a dextro, altera a sinistro latere clathrorum altaris, cappellaeve, extrinsecus affigenda.

Supellex ad usum sacrificii missae conventualis, et divinorum officiorum.

[230]

Amictus sacerdotalis cum auriphrygio, seu fascia.

Alba cum auriphrygiis, seu grammatis.

Cingulum sacerdotale.

Manipulus sacerdotalis.

Stola sacerdotalis.

Planeta.

Amictus diaconalis cum fascia, seu auriphrygio.

Amictus subdiaconalis cum auriphrygio item.

Alba diaconalis cum auriphrygio seu grammatis.

Alba subdiaconalis cum auriphrygio, seu grammatis.

Cingulum diaconale.

Cingulum subdiaconale.

Dalmatica diaconalis.

Tunicella subdiaconalis.

Manipulus diaconalis.

Stola diaconalis.

Manipulus subdiaconalis.

Velum subdiaconale, ad usum ferendi calicis, patenaeve sustinendae.

Pluvialia usui in vesperis solemniorum celebritatum pro ecclesiarum more ac ritu.

Supellex quae sequitur, propria missae tantum.

[231]

Calix.

Patena.

Velum calicis.

Corporate cum palla.

Sacculus corporalis.

Purificatorium.

Hamularum, seu urceolorum paria duo.

Pelvicula urceolorum.

Missalia tria.

Integumentum missalis.

Signaculum missalis.

Pulvinar missalis.

Lectionarium ad usum missae solemnis in Ecclesiis collegiatis ritus Ambrosiani.

Integumentum lectionarii.

Epistolarium.

Integumentum epistolarii.

Evangelistarium.

Integumentum evangelistarii.

Integumentum ambonis, vel suggesti.

Cereostata sex cum suis operculis extinctoriis.

Tabella gestatoria pacis offerendae.

Sudariolum ad nares expurgandas cum opus est in missae sacro.

Funiculus cum suis globulus.

Crepidarum mundarum paria tria.

Supellex, quae missae conventualis, divinorum officiorum, processionumque usui communis est.

[232]

Crux capituli.

Thuribula bina.

Acerrae binae.

Cochlearia bida ad thurificationis usum.

Cereostata bina ad processionis usum.

Opercula totidem ad restinguendos cereos.

Canthari bini in Ecclesiis ritus Ambrosiani.

Candelabrum cerei Paschalis.

Vexillum, seu labarum sancti Ecclesiae collegiatae, in qua scilicet animarum cura geritur.

Crotala, seu crepitacula lignea duo ad usum pulsandi loco campanarum in tenebris hebdomadae sanctae.

Candelabrum triangulare usui sustinendi candelas in tenebris hebdomadae sanctae in Ecclesiis ritus Romani.

Stragulum sedilis, in quo sacerdos missae sacrum faciens, et ministri aliquando assident.

Aulae, pannive ad usum ornandae cappellae maioris, chori, aut ecclesiae, solemnioribus festis diebus; si modo per ecclesiae facultates potest.

Lectorile statarium chori grandius unum, aut duo.

Lectorilia minora gestatoria duo item.

Integumenta lectorilium statariorum.

Integumenta lectorilium gestatoriorum.

Libri, seu volumina ad usum divinorum officiorum in Ecclesiis collegiatis ritus Romani.

[233]

Breviaria forma ampla duo.

Calendaria perpetua duo.
 Diurna, aut psalteria cum hymnis duo.
 Hymnaria musico cantu exscripta duo.
 Lectionaria duo matutinalia.
 Homiliaria duo matutinalia.
 Antiphonaria de Dominicis duo.
 Antiphonaria de Sanctis duo.
 Gradualia de Dominicis duo.
 Gradualia de Sanctis duo.
 Manualia duo item.
 Martyrologia itidem duo.
 Libri de officio mortuorum duo etiam.
 Ritualia duo.
 Processionalia duo, plurave.
 Pontificalia duo.
 Caeremonialia totidem; unum scilicet Romanum, alteram Paridis de Grassis.
 Sacerdotalia duo.
 Rationalia divinorum officiorum duo item.
 Libri de computo ecclesiastico duo quoque.
 Libri praeterea hique probati, de musico cantu modulationeque divinorum officiorum,
 numero duo, pluresve.

Libri seu volumina ad usum divinorum officiorum in Ecclesiis collegiatis ritus Ambrosiani.

[234]

Breviaria duo forma grandiori.
 Calendaria anniversaria, seu perpetua duo.
 Psalteria cum hymnis duo.
 Libri duo hymnorum musica modulatione notatorum.
 Antiphonaria de Dominicis duo.
 Antiphonaria de Sanctis duo.
 Lectionaria matutinalia duo.

Homiliaria duo.

Lectinaria duo de vitis Sanctorum, de quibus in statis quibusdam vigiliis Vesperae solemnes fiunt.

Pontificalia duo.

Sacramentalia duo.

Caeremonialia duo, unum Ambrosianum, alterum Romanum.

Processionalia, seu libri litaniarum, et processionum duo.

Libri ad usum funerum, et officii mortuorum duo.

Libri duo cantus Ambrosiani, varietateque tonorum distincti, ad usum lectionum, psalmorum, et ide generis aliorum.

Libri duo, in quibus hymnus *Gloria in excelsis*, *Symbolum*, et *Sanctus*, musicis distincta sunt.

Libri caeremoniarum missae duo.

Libri de computo ecclesiastico duo item.

Supellex, quae ad cultum et administrationem sacrae Eucharistiae, aliorumque sacramentorum usui est.

[235]

Conopoeum tabernaculi maioris.

Tabernacula parvula duo: alteram altius, atque ornatius; alterum minori et altitudine, et ornatu. Amboque ad usum exponendae in altari sacrae Eucharistiae, et in processionibus ferendae.

Pixides duae, una usui ad conservandam sanctissimam Eucharistiam; altera ad illam in Ecclesia ministrandam.

Vela tria ad usum sacrae Eucharistiae quae in tabernaculo maiori asservatur, decenter contegendae.

Velum unum, idque insignius, ad illam in processionibus solemnibus ferendam.

Umbella una pretiosior scilicet in solemnioribus processionibus adhibenda.

Mappae ad apparatus communionis in Ecclesia ministrandae.

Mappula praterea brevior subter sanctissimam Eucharistiam sustinenda, dum illa ministratur.

Vasa pro purificatione populi quatuor, sexve.

Vasa pro vino purificationis maiora quatuor, ac minora totidem.

Scamna item oblonga ad apparatus communionis populi sex.

Porro in Ecclesia collegiata ubi animarum cura geritur, prater supellectilem proxime commonstratam, haec etiam sit, ut infra notatur.

Pixides plures, ut in basilica cathedrali supra narratum est.

Umbella altera, qua sacra Eucharistia contegatur, cum ad aegrotos defertur.

In locis autem montuosis, ubi per semitas angustosque tramites sanctissima Eucharistia aliquando fertur, umbella tertia angustior sit, atque eiusmodi, quae ab uno tantum homine sustineri portarive queat.

Vela praterea duo ad sacra Eucharistie contegendae usum, cum ad aegrotos scilicet illa fertur.

Laternae grandiores sex.

Cereoferaria breviora vigintiquatuor ferendis luminibus usui cum sacra Eucharistia fertur.

Tintinnabulum gestatorium unum, cum sacra item Eucharistia defertur.

Imago Christi Domini Crucifixi una eaque decenter expressa ad infirmos deferenda.

Vasa sacrorum oleorum, chrismatis, et catechumenorum duo, eaque duplicata, cum suis cotylis, et sacculis.

Vasa olei sacri infirmorum duo item cum suis cotylis et sacculis: ubi vero plures parochi animarumve curatores sunt, totidem etiam vasa olei sacri.

Vas praeterea unum pro suscipienda deferendaque aqua baptismali ab Ecclesia cathedrali, vel plebana; si quando ea Ecclesia collegiata foranea caput plebis non est.

Sabarium, seu pannus lineus, ad usum scilicet abstergendi caput infantum baptizatorum.

In Ecclesia autem collegiata quae eaput plebis est, praeter caetera singula quae mox numerata sunt, vasa etiam tria sint, usui ad sacra olea ab Ecclesia cathedrali sumenda, tum plebis suae Ecclesiis parochialibus distribuenda.

Supellex quae multis ministeriis sacris communis est

[236]

Vas unum usui aquae dominicis diebus benedicendae.

Vasculum gestatorium aquae benedictae.

Aspergillum.

Pelvis grandiuscula gestatoria una saltem ad usum lavationis manuum.

Urceolus ob eundem usum grandiusculus unus item.

Mantile grandius ad manus abstergendas.

Vasa usui excipiendi oblationes duo saltem, si collegiata curata est.

Superpellicea usui vario sacerdotalium ministeriorum.

Superpellicea usui clericalium ministeriorum.

Supellex officiorum funeralium propria.

[237]

Feretra duo.

Pallia feretralia duo saltem: unum quo cadavera contegantur, cum efferuntur, et coenotaphia item; alterum, quo eadem cadavera substernantur.

Coenotaphium gestatorium, quae tumba dicitur, unum.

Basis coenotaphii una item.

Pannus stragulus eiusdem basis unus etiam, aut basis saltem decenter picta.

Cruces quae circa coenotaphium collocantur, quatuor.

Scabella sustentaculave crucum quatuor item.

Candelabra ferrea octo, duodecimve.

Supellex sacristiae collegiatae

[238]

Instrumentum ferreum ad usum conficiendi hostias.

Vasculum unum pro asservandis hostiis magnis.

Vasculum item unum pro hostiis parvis.

Vas usui abstergendi calices, patenas, et lavandi corporalia ac purificatoria.

Capsulae corporalium duae.

Capsulae item duae, ubi purificatoria reponuntur.

Sacculus lineus calicis.

Thecae calicum numero tot, quot sunt calices.

Sacculus pixidis.

Mantile grandius loco appendendum ubi manus lavantur.

Mappa ad usum altaris sacristiae seu armarii, apud quod sacerdos vestes sacras induit.

Tapetum unum, loco sternendum ubi sacerdos se induit: aut eius loco clathra lignea.

Crepidarum mundarum paria tria.

Tabella de sacris reliquiis in ea Ecclesia collegiata reconditis.

Tabella indulgentiarum eidem Ecclesiae perpetuo concessarum.

Tabellae binae de orationibus praeparatoriis, ad usum sacerdotum qui celebraturi sunt.

Tabellae item binae orationum, quas pronuntiant sacerdotes dum sacras vestes induunt.

Tabella distributions horarum pro missis celebrandis.

Tabella praeterea de missis, commemorationibus, funeralibus, et aliis eiusmodi officiis: quae in singulas hebdomadas certis statis diebus, vel ab universo capitulo clerove Ecclesiae, vel ab unoquoque sacerdote cappellano, in singulis altaribus cappellisve, ex fundatione, aut legati eleemosynaeve nomine, aut aliqua alia obligatione praestari debent.

Tabella, quae dyptica dicitur, de singulis Episcopis, quae in Ecclesia cathedrali ordine praecesserunt. Pro quibus Episcopis in missae sacro aliquando precandum est.

Tabella processionum una.

Tabella itidem de titulis, dignitatibus, canonicatibus, praebendis, et reliquis beneficiis, officiisve Ecclesiae.

Tabella una pluresve perpetuae, de muneribus functionibusve praepositi, aut archipresbyteri, aut decani, aut alterius qui in Ecclesia collegiata primum locum tenet; et reliquorum etiam singulorum canonicatus, dignitates, officia in eadem Ecclesia obtinentium.

Tabella item una pluresve perpetuae item de his officiis, utpote:

De officio sacristae.

De officio custodum, aliorumve id generis.

Tabella item hebdomadaria, horariae eiusmodi officiorum.

Tabella una de distinctione officii simplicis et duplicis pro Romani ritus usu: aut solemnibus et non solemnibus pro Ambrosiani instituti ratione.

Tabella de certis statis horis divinorum officiorum, et pulsationis campanarum.

Tabella colorum: in quo scilicet colores demonstrantur, qui singulis diebus ex sanctae matris Ecclesiae instituto adhibentur.

Tabella de statutis canonicalibus, capitularibusve.

Tabella triplex regularum de punctationibus.

Tabella de regulis capitulorum congregationumve canonicalium, sacerdotalium, et clericalium.

Tabella item de functionibus maiorum et minorum ordinum.

Tabella clericorum, qui adscripti sunt.

Tabella de iis, quaecumque ad Ecclesiae cultum, decorem, ac nitorem pertinent.

Tabellae denique aliae numero plures, quaecumque de ritu disciplinave ecclesiastica edentur.

Tabella statutorum dierum, quibus decreta, vel de canonicali, vel clericali disciplina, ex constitutione provinciali legenda sunt.

Tabella etiam regularum de oratione quadraginta horarum.

Tabellae duae, pluresve de diversis orationibus, pro varietate temporum, usui fidelium ad eam orationem convenientium.

Liber praeterea anniversarius isque unus de sacerdotibus celebrantibus; in quo scilicet libro sua manu notent subscribantve sacerdotes, qui singulis diebus in ea Ecclesia missae sacrum fecerint.

Liber rursus unus idemque anniversarius, de punctationibus sacerdotum qui non celebrarint.

Liber item anniversariorum, quae quotannis celebrata sunt.

Liber, seu volumen unum constitutionum variarum pontificalium, quae in singulos annos editae sunt, atque edentur in posterum.

Liber item unus, seu volumen decretorum, edictorum, et aliarum id generis sanctionum episcopalium.

Libri quoque seu volumina sequentia, utpote

[239]

Bibliorum sacrorum volumen unum.

Juris canonici corpus unum.

Concilii Tridentini volumen unum.

Concilii Provincialis uniuscujusque Mediolanensis volumen unum.

Synodi uniuscujusque dioecesani volumen unum.

Liber, seu exemplum unum decretorum visitationis Apostolicae.

Liber etiam unus harum instructionum.

Liber historiae probatae de reliquis sacris in Ecclesia reconditis.

Liber canonum poenitentialium.

Porro si Ecclesia collegiata est ubi animarum cura geritur, in ea praeter numerum universae suppellectilis mox supra commonstratae, sit etiam haec ut infra:

Tabella officiorum parochialium.

Tabella festorum dierum ordine notatorum, qui vel ex praecepto, vel ex consuetudine votove coluntur.

Tabella instar calendarii selectorum decretorum, sanctionum constitutionumque tam pontificalium quam episcopalium, quae certis anni diebus evulgari debent.

Tabella sacerdotum confessoriorum.

Tabellae binae excommunicationum; una latino, altera vulgari sermone explicata.

Libri praeterea parochiales, utpote hi

[240]

Liber de baptizatis.

Liber de confirmatis.

Liber de matrimonio junctis.

Liber de votis, et piis consuetudinibus in parochiali vicinia collegiatae Ecclesiae.

Liber de statu animarum.

Liber de distributione eleemosynarum

Liber formularum de denuntiationibus dierum festorum, et omnis cujuscumque generis ad parochi munus pertinentis.

Liber, seu volumen litterarum et instructionum pastoralium, de solemnitatibus, de sacris temporibus, et aliis.

In Ecclesia porro collegiata, quae caput plebis est, praeter libros, et caeteros uniuscujusque suppellectilis apparatus proxime enumeratos, sit etiam.

Liber unus de distributione sacrorum oleorum

Supellex Instrumentalis, quae certo loco sacristiae proximo asservatur.

[241]

Tripodes cum suis patellis vasibusve focariis numero duo.

Forcipes ferrei duo item.

Cochlearia ferrea totidem.

Vasa olearia maiora duo ad usum olei lampadarum recondendi.

Vasa minora, qui gutti dicuntur, totidem ad illum ipsum usum.

Infundibula et vasa duo, ad olei e vase majusculae depromendi, rursusque in alterum minusculum infundendi usum.

Scopulae parvulae ex cannulis palustribus ad deterisionis usum numero sex.

Scopae maiores numero quinque.

Scalae gestatoriae numero duae, quarum una altior.

Ligones duo.

Batilla totidem.

Hastilia seu perticae quinque.

Longuria totidem, plurave.

Spongiae grandiusculae duae.

Rutra duo.

De supellectile rerum, quae pro solemniorum dierum ratione usque duplicantur.

[242]

Commonstrato simplicis supellectilis apparatu, sequitur alius, rerum, quae pro ratione supra in supellectile basilicae cathedralis explicata, duplices esse debent; ita scilicet, ut singularum numerus supra demonstrate duplicetur necesse sit; cum singulae quae ad quotidianum usum adhibentur, eaedem et matéria et ornatu insigniores esse debeant in solemniorum dierum celebritatibus.

Sunt igitur hae, quae numero duplici apparandae sunt:

Crux.

Candelabra sex.

Emunctoria duo.
Tabella secretorum.
Mappa maior.
Mappae minores.
Tela stragula altaris.
Cingulum sacerdotale.
Cingulum diaconale.
Cingulum subdiaconale.
Hamularum paria duo.
Pelvicula urceolorum.
Tabella gestatória pacis offerendae.
Thuribula duo.
Acerrae binae.
Cochlearia bina.
Cereostata bina.
Conopoeum tabernaculi maioris.
Umbella processionalis.
Vasculum gestatorium aquae benedictae.
Aspergillum.
Pelvis ad usum lavationis manuum.
Urceolus grandiusculus.

Supellex rerum quae triplices esse debent.

[243]

Quaecumque autem res infra demonstratae sunt, hac regula comprehenduntur, ut triplices esse debeant: cum singulas singulis diebus pretiosiori et materia et ornatu respondere conveniens sit; ita scilicet, ut quae minus pretiosae minusve insignes existant, usui quotidiano sint; quae autem aliquanto pretiosiores, in festorum dierum officio; quae denique longe insigniores et materia, et opere, et ornatu, in solemnitatibus maioribus sicuti par est, adhibeantur.

Atque hae quidem sunt:

Pallium.

Velamentum ad ornatum frontispicii altaris.

Amictus sacerdotalis cum fascia, et auriphrygio.

Alba sacerdotalis cum auriphrygio, et grammatis.

Manipulus sacerdotalis.

Stola sacerdotalis.

Planeta.

Amictus diaconalis cum fascia, seu auriphrygio.

Alba diaconalis cum auriphrygio.

Amictus subdiaconalis cum fascia, seu auriphrygio.

Alba subdiaconalis cum auriphrygio, seu grammatis.

Dalmatica diaconalis.

Tunicella subdiaconalis.

Stola diaconalis.

Manipulus diaconalis.

Manipulus subdiaconalis.

Velum subdiaconale.

Velum calicis.

Sacculus corporalis.

Integumentum missalis.

Pulvinar missalis.

Integumentum lectionarii in Ecclesiis collegiatis ritus Ambrosiani.

Integumentum evangelistarii.

Integumentum epistolarii.

Integumentum lectorilium gestatoriorum, et statariorum.

Supellex sacrarum vestium indumentorumve, quorum apparatus quintuplex esse debet.

[244]

Atque equidem res sigillatim supra enumeratae sub rationem triplicis supellectilis cadunt: nunc sequitur regula, qua comprehenduntur indumenta ornamentave sacra, quorum supra expositorum unusquisque apparatus, et qui pretiosior, et rursus qui minus

pretiosus, et item qui quotidianus est, quintuplex requiritur, pro instituta in divinis officiis colorum varietate; ita scilicet, ut quotidiani usus apparatus sit, unus albo colore, alter rubro, tertius violaceo, quartus viridi, et quintus nigro.

Haecque item regula est de apparatu solemnum dierum, vel officiorum, tum solemnitatum etiam maiorum.

Indumenta vero quintuplicis hujus apparatus sunt scilicet.

[245]

Pallium.

Velamentum frontispicii altaris.

Auriphrygium amictus sacerdotalis.

Auriphrygium albae sacerdotalis.

Manipulus sacerdotalis.

Stola sacerdotalis.

Planeta.

Auriphrygium amictus diaconalis.

Auriphrygium item amictus subdiaconalis.

Auriphrygium albae diaconalis.

Auriphrygium item albae subdiaconalis.

Dalmatica diaconalis.

Tunicella subdiaconalis.

Stola diaconalis.

Manipulus diaconalis.

Manipulus subdiaconalis.

Velum subdiaconale ad usum ferendi calicis, patenaeve sustinendae.

Velum calicis.

Sacculus corporalis.

Signacula missalis.

Integumentum missalis.

Pulvinar missalis.

Integumentum lectionarii.

Integumentum epistolarii.

Integumentum evangelistarii.

Integumentum ambonis, vel suggesti.

Integumentum lectorilium.

Pluvialia usui in vesperis solemniorum celebritatum.

Numerus linteorum indumentorum

[246]

Linteae praeterea indumenta, quae ob causas supra in basilica cathedrali expositas plura etiam in collegiata Ecclesia esse oportet, haec sunt, quae omnia supputata infra numero notantur.

Indumenta altaris

[247]

Mappae maiores sex.

Mappae minores duodecim.

Indumenta linea sacerdotalia in missis conventualibus.

[248]

Amictus viginti.

Albae viginti.

Corporalia duodecim.

Purificatoria viginti quatuor.

Mantilia ad usum abstergendi manus in missae sacro duodecim.

Mantilia in sacristia ad usum lavationis manuum octo.

Sudariola ad nares expurgandas cum opus est in missae sacro, duodecim.

Funiculi sudariolorum cum globulis sex.

Mappae tres ad usum altaris seu mensae in sacristia, ubi sacris vestibus sacerdos induitur.

Sacculi singulorum calicum bini.

Indumenta linea ministrorum.

[249]

Amictus diaconales viginti

Amictus subdiaconales totidem.

Albae diaconales viginti.

Albae subdiaconales viginti.

Indumenta linea ad usum sacrae communionis ministrandae.

[250]

Mappae longiores scamnorum sex, pluresve.

Mappae breviores subter sanctissimam Eucharistiam sustinendae tres.

Indumenta linea usui variis ministeriis.

[251]

Superpellicea sacerdotalia tria, quatuorve.

Superpellicea clericalia tria, quatuorve.

Sudaria quatuor, plurave, si collegiata curata est.

De supellectile altarium minorum collegiatae Ecclesiae.

[252]

Singula praeterea Ecclesiae collegiatae altaria minora, omnes singulosque apparatus unicuique altari minori supra in basilica cathedrali ordine nominatim positos atque enumeratos habeant ad usum atque ornatum suum.

Supellex altaris minoris ob necessariam causam permissi.

[253]

Altari praeterea minori quamvis indotato, ob necessariam tamen causam ab Episcopo in Ecclesia collegiata permissa, supellex apparetur, ut supra demonstrata est in basilica cathedrali.

Supellex communis.

[254]

In Ecclesia collegiata apparatus praeterea communis esse debet usui missae sacri sine cantu faciendi, in altari tam maiori quam minori: prout et hic ipse apparatus, et quantus esse debeat, supra demonstratur et praescribitur in basilica cathedrali, ob causas eo loci expositas.

CAPUT III.

DE SUPELLECTILE ECCLESIA PAROCHIALIS.

[255]

Collegiatae Ecclesiae supellectilem proxime exposuimus: nunc sane locus est eodem ordine dicendi de supellectile Ecclesiae parochialis.

Atque primo quidein de apparatu altaris maioris.

Apparatus altaris maioris.

[256]

Crux.

Candelabra sex cum operculis exstinctoriis binis.

Emunctoria duo.

Tabella secretorum.

Mappae minores binae.

Mappa maior.

Pallium.

Velamentum ad ornatum frontispicii altaris.

Tela stragula altaris.

Tapetum bradellae altaris.

Tabella orationis de sancto, cujus nomine altare cappellave maior nuncupatur.

Tabella orationum de sancto sanctisque, quorum insignes reliquiae in eo altari reconditae sunt.

Supellex indumentorum parochi ad usum missae parochialis sine cantu.

[257]

Amictus cum auriphrygio, seu fascia.
Alba cum auriphrygio, seu grammatis.
Cingulum.
Manipulus.
Stola.
Planeta.

Supellex indumentorum, quae communia sunt usui parochi, et reliquorum clericorum, non solum in solemni missae parochialis sacro cum cantu, sed etiam in aliis divinis officiis ministrantium.

[258]

Amictus cum auriphrygio, seu fascia.
Alba cum auriphrygio, seu grammatis.
Cingulum.
Manipulus.
Stola.
Planeta.
Pluviale.
Amictus diaconalis cum auriphrygio, seu fascia.
Amictus subdiaconalis cum auriphrygio, seu fascia.
Alba diaconalis cum auriphrygio.
Cingulum diaconale.
Cingulum subdiaconale.
Dalmatica diaconalis.
Tunicella subdiaconalis.
Manipulus diaconalis.
Stola diaconalis.
Manipulus subdiaconalis
Velum subdiaconale, ad usum ferendi calicis, patenaeve sustinendae.

Supellex reliqua propria missae tantum.

[259]

Calix.

Patena.

Velum calicis.

Corporale cum palla.

Sacculus corporalis.

Purificatorium.

Hamularum, seu urceolorum paria duo.

Pelvicula urceolorum.

Missalia duo.

Integumentum missalis.

Signaculum missalis.

Pulvinar missalis.

Lectionarium ad usum missae solemnis in Ecclesiis parochialibus ritus Ambrosiani.

Integumentum lectionarii.

Epistolarium.

Integumentum epistolarii.

Evangelistarium.

Integumentum evangelistarii.

Integumentum suggesti.

Cereostata quatuor.

Opercula eorum restinctoria totidem.

Tabella gestatoria pacis offerendae.

Sudariolum ad nares expurgandas cum opus est in missae sacro.

Funiculus cum globulo unde sudariolum pendeat.

Crepidarum mundarum par unum, si quando opus est sacerdotem celebraturum calceos luto inquinatos deponere.

Tintinnabulum gestatorium, ubi appensum non est.

Supellex quae divinorum officiorum processionumque usui communis est.

[260]

Thuribulum.

Acerra.

Cochlear.

ad thurificationis usum.

Canthari bini in Ecclesiis ritus Ambrosiani.

Candelabrum cerei Paschalis unum.

Vexillum, seu labarum sancti patroni parochiae in processionibus oblationibusque adhibendum.

Crepitacula lignea bina ad usura pulsandi in tenebris hebdomadae sanctae.

Candelabrum triangulare ad usum sustinendi candelas in tenebris hebdomadae sanctae in Ecclesiis ritus Romani.

Tapetia, aut stragula ad ornatum sedilis, in quo sacerdos missae sacrum solemniter faciens, et ministri aliquando assident.

Autea, pannive plures ad usum ornandae cappellae altarisve maioris, aut Ecclesiae, solemnioribus festis diebus; si modo per Ecclesiae facultates possit.

Lectorile statarium chori unum.

Lectorilia gestatoria duo.

Integumenta lectorilis statarii.

Integumenta lectorilium gestatoriorum.

Libri, seu volumina ad usum divinorum officiorum in Ecclesia parochiali ritus Romani.

[261]

Breviaria duo, quorum alterum ampla forma.

Calendarium perpetuum unum.

Diurna aut psalteria cum hymnis.

Hymnarium musico cantu exscriptum unum forma ampla.

Homiliarium unum matutinale.

Antiphonarium de Dominicis unum.

Antiphonarium de Sanctis unum.

Graduale de Dominicis unum.

Graduale de Sanctis unum.

Martyrologium unum.
Liber de officio mortuorum unus.
Rituale unum.
Processionale unum.
Pontificale unum.
Caeremoniale unum.
Sacerdotale unum.
Rationale divinorum officiorum unum.
Liber de computo ecclesiastico unus.

Libri seu volumina ad usum divinorum officiorum in Ecclesia parochiali ritus Ambrosiani.

[262]

Breviaria duo; quorum alterum forma ampla sit, alterum parva.
Calendarium anniversarium vel perpetuum unum.
Psalteria cum hymnis duo, unum forma grandiori.
Liber hymnorum musica modulatione notatorum unus.
Antiphonarium de Dominicis unum.
Antiphonarium de Sanctis unum.
Antiphonarium feriale unum.
Homiliarium unum.
Lectionarium de vitis Sanctorum in statis quibusdam vigiliis unum.
Pontificale unum.
Caeremonialia duo; unum Ambrosianum, alterum Romanum.
Sacramentaba seu ritualia duo.
Processionalia, seu libri litaniarum et processionum duo.
Libri ad usum funerum et officii mortuorum duo.
Liber cantas varietate tonorum distincti ad usum lectionum, psalmorum, et id generis aliorum, unus.
Liber unus de cantu hymni, *Gloria in excelsis*, *Symboli*, et *Sanctus*.
Liber unus de caeremoniis missae.
Liber unus de computo ecclesiastico.

Supellex, quae ad cultum et administrationem sacrae Eucharistiae, aliorum sacramentorum usui est.

[263]

Conopoeum tabernaculi maioris.

Tabernaculum parvum ad sacrae Eucharistiae in altari exponendae usum, et in processionibus ferendae.

Pixides duae; una maior ad sacrae communionis in Ecclesia populo ministrando usum; altera minor, quae ad illam aegrotis ferendam adhibetur.

Ubi vero pro facultatibus potest, tertia praeterea pixis sit, conscrvandae sanctissimae Eucharistiae usui.

Verum si Ecclesiae parochialis frequentia Populi magna est, non modo tres pixides, sed plures etiam esse debent, ut supra in basilica cathedrali narratum est.

Vela duo ad usum sacrae Eucharistiae, quae in tabernaculo maiori asservatur, decenter contegendae.

Vela item maiora duo, ad sacrae Eucharistiae usum, cum ad aegrotos scilicet illa defertur.

Umbella, cum sacra Eucharistia ad aegrotos fertur.

Altera item pretiosior, ubi pro facultatibus potest, in solemnioribus processionibus atque officiis adhibenda.

In locis autem montuosis tertia angustior, ut in Ecclesia collegiata curata expositum est.

Laternae grandiores quatuor.

Cereoferaria breviora duodecim, plurave, deferendis luminibus usui, cum sacra Eucharistia defertur.

Tintinnabulum gestatorium unum ad eundem usum.

Mappa ad apparatus communionis in Ecclesia ministrando.

Mappulae praeterea breviores subter sanctissimam Eucharistiam sustinendae, dum illa ministratur.

Vasa ad usum purificationis populi quatuor.

Vasa vinaria pro vino purificationis duo.

Scamna item oblonga ad apparatus communionis quatuor, sexve.

Imago Christi Domini crucifixi gestatoria ad usum aegrotorum una.

Vasa duo sacrorum oleorum, chrismatis et catechumenorum; eaque duplicia, cum suis sacculis et cotylis, ob causam supra enarratam in supellectili basilicae cathedralis.

Vasa duo sacri olei infirmorum cum suis cotylis et sacculis.

Ubi vero plures parochi animarumve curatores sunt, totidem etiam vasa instructa sint olei sacri.

Sabarum, seu pannus lineus pro baptizatorum capite abstergendo.

Vas unum usui suseipiendae et ferendae aquae baptismalis ab Ecclesia cathedrali, vel plebana.

Supellex quae multis ministeriis sacris communis est.

[264]

Vas unum usui aquae benedicendae diebus dominicis.

Vasculum item unum gestatorium aquae benedictae.

Aspergilla bina, e quibus unum ornatius.

Pelvis grandiuscula gestatoria una ad usum lavationis manuum.

Urceolus ob eundem usum grandiusculus unus item.

Mantile grandius ad manus abstergendas.

Vasa usui excipiendi oblationes duo.

Superpellicea usui vario sacerdotalium ministeriorum.

Superpellicea usui ministeriis clericalibus.

Supellex quae officiorum funeralium propria est.

[265]

Feretrum unum.

Pallia feretralia duo: unum quo cadavera contegantur, cum efferuntur, et coenotaphia item; alterum, quo eadem substernantur.

Coenotaphium gestatorium, quae tumba dicitur, unum.

Basis coenotaphii una item.

Pannus stragulus eiusdem basis unus etiam, aut basis saltem decenter picta.

Cruces, quae circa coenotaphium collocantur, quatuor.

Scabella sustentaculave crucum quatuor item.

Candelabra ferrea octo saltem.

Supellex sacristiae parochialis.

[266]

Vasculum unum pro asservandis hostiis magnis.

Vasculum item unum pro hostis parvis.

Vas item unum usui abstergendi cálices, patenas, et lavandi corporalia, ac purificatoria.

Capsulae corporalium duae.

Capsulae item duae, ubi purificatoria reponuntur.

Thecae calicum, numero tot, quot sane sunt calices.

Sacculus pixidis.

Mantile grandius loco appendendum ubi lavantur manus.

Mappa ab usum altaris sacristiae, seu armarii, apud quod sacerdos vestes sacras induit.

Tapetum unum loco sternendum ubi se sacerdos celebraturus induit, aut eius loco clathra lignea.

Crepidarum mundarum par.

Tabella de sacris reliquiis in ea Ecclesia reconditis.

Tabella de indulgentiis perpetuo concessis eidem Ecclesiae.

Tabella de orationibus quae praeparatoriae dicuntur, ad usum sacerdotis celebraturi.

Tabella orationum, quas pronuntiat sacerdos dum sacras induit vestes.

Tabella item una distributionis horarum pro missis celebrandis, ubi plures illae fiunt.

Tabella praeterea una de missis, commemorationibus, funeralibus, et aliis eiusmodi officiis, quae in singulas hebdomadas certis statis diebus, vel a parocho, vel ab universo clero Ecclesiae, vel ab unoquoque sacerdote cappellano, in singulis altaribus cappellisve, ex fundatione, institutione, aut legati, eleemosynaeve nomine, aut aliqua alia obligatione praestari debent.

Tabella, quae dyptica dicitur, singulorum Episcoporum qui ordine in Ecclesia cathedrali praecesserunt, pro quibus quandoque in missae sacro precandum est.

Tabella de processionibus.

Tabella de cappellis, titulis, altaribusve eiusdem Ecclesiae.

Tabella officiorum parochialium.

Tabella de distinctione officii simplicis, semiduplicis et duplicis pro Romani ritus usu; aut solemnis et non solemnis pro Ambrosiani instituti ratione.

Tabella de certis stasis horis divinorum officiorum, et pulsationis campanarum.

Tabella colorum: in qua scilicet demonstrantur colores, qui singulis diebus ex sanctae matris Ecclesiae instituto pro officii ratione in sacris indumentis adhibentur.

Tabella regularum de punctationibus.

Tabella una de regulis congregationum sacerdotalium, et clericalium.

Tabella clericorum qui adscripti sunt eidem ecclesiae.

Tabella de iis quae ad Ecclesiae cultum, nitorem, decoremve pertinent.

Tabellae aliae, quaecumque de ritu disciplinae ecclesiasticae edentur in posterum.

Tabella festorum dierum ordine notatorum, qui vel ex praecepto, vel ex consuetudine, votove coluntur.

Tabella una instar calendarum selectorum decretorum, sanctionum, constitutionumque tam pontificalium quam episcopalium, quae certis anni diebus evulgari debent.

Tabella regularum de oratione quadraginta horarum.

Tabellae binae de diversis orationibus pro varietate temporum usui fidelium ad eam orationem convenientium.

Tabella sacerdotum confessoriorum.

Tabellae duae excommunicationum; una latino, altera vulgari sermone explicata.

Tabella de votis, piisque institutis loci, oppidive parochialis.

Liber praeterea unus isque anniversarius de sacerdotibus celebrantibus: in quo scilicet libro sua manu notent subscribantque sacerdotes, qui singulis diebus in ea Ecclesia missae sacrum fecerint.

Liber de punctationibus sacerdotum qui non celebrarint.

Liber anniversariorum quae quotannis celebrata sunt.

Liber unus de baptizatis.

Liber de confirmatis.

Liber de matrimonio junctis.

Liber de statu animarum.

Liber distributionis eleemosynarum factae quotannis, adhibito paracho.

Liber descriptionis bonorum, et iurium ecclesiae.

Libri praeterea sequentes, seu volumina, utpote

[267]

Bibliorum sacrorum volumen unum.

Concilii Tridentini volumen unum.

Concilii Provincialis uniuscujusque Mediolanensis volumen unum.

Synodi uniuscujusque dioecesanae volumen unum.

Liber canonum poenitentialium.

Liber de vita sancti patroni parochialis Ecclesiae.

Liber historiae probatae de reliquiis sacris in Ecclesia parochiali reconditis.

Liber, seu volumen litterarum et instructionum pastoralium, de solemnitatibus, de sacris temporibus, et aliis item.

Liber formularum de denuntiationibus festorum dierum, et omnis uniuscujusque generis ad parochi munus pertinentis.

Liber constitutionum variarum pontificalium, quae in singulos annos editae sunt, atque edentur in posterum.

Liber, seu volumen edictorum, decretorum, et aliarum id generis sanctionum episcopalium.

Liber, sive exemplum visitationis Apostolicae.

Liber harum instructionum.

Supellex instrumentalis, quae certo loco sacristiae proximo asservatur.

[268]

Tripus cum patella, vaseve focario.

Forceps ferreus unus.

Cochlear ferreum unum.

Vas olearium grandius unum etiam ad usum olei lampadum asservandi.

Guttus, seu vas olearium minusculum unum item eidem usui.

Infundibulum unum, et vas ad usum olei e vase majusculo depromendi, rursusque in alterum minusculum infundendi.

Scopulae parvulae ex cannulis palustribus ad deterisionis usum numero quatuor.

Scopae maiores numero duae.

Scalae gestatoriae duae; quarum una humilior.

Ligones duo.

Batilla totidem.

Perticae, seu hastilia duo.

Longuria totidem, plurave.

Spongia grandiuscula una.

Rutrum unum.

De suppellectile rerum, quae ad solemniorum dierum rationem usumque pretiosiores cum adhibendae sint, duplices esse debent.

[269]

Commonstrato simplicis suppellectilis apparatu, est praterea alius ei iis rebus constans, quae duplicentur necesse est; cum singulas quae usui quotidiano sunt, easdem et materia et ornatu insigniores adhiberi solemnum dierum celebritas pro officii solemnitate postulet.

Sunt igitur hae, quae duplici numero apparari debent:

Crux.

Candelabra quatuor cum suis operculis duobus restinctoriis.

Tabella secretorum.

Mappae minores.

Mappa maior.

Amictus sacerdotalis cum fascia, seu auriphrygio.

Alba sacerdotalis cum auriphrygio, seu grammatis.

Stola sacerdotalis.

Planeta sacerdotalis.

Manipulus sacerdotalis.

Cingulum sacerdotale.

Amictus diaconalis cum fascia, seu auriphrygio.

Alba diaconalis cum auriphrygio, seu grammatis.

Stola diaconalis.
Cingulum diaconale.
Dalmatica diaconalis.
Amictus subdiaconalis cum fascia, seu auriphrygio.
Alba subdiaconalis cum auriphrygio, seu grammatis.
Tunicella subdiaconalis.
Cingulum subdiaconale.
Hamularum paria duo.
Pelvicula urceolorum, seu hamularum.
Calix.
Patena.
Tabella gestatoria pacis offerendae.
Cereostata bina ad usum processionum.
Conopoeum tabernaculi maioris.
Tabernaculum parvum ad usum sacrae Eucharistiae in solemnioribus diebus ferendo.
Vela ad usum sacrae Eucharistiae contegendae in solemnioribus processionibus.
Umbella.
Thuribulum.
Acerra.
Cochlear.

*Supellex sacrarum vestium indumentorumve supra nominatorum, quorum apparatus
quintuplex esse debet.*

[270]

Pro instituta in divinis officiis colorum varietate, apparatus singulorum indumentorum, tam ad usum quotidianum, quam ad solemnioris officii celebritatem supra expositorum, quae infra nominatim ponuntur, quintuplex esse debet; nempe unus colore albo, alter rubro, tertius violaceo, quartus viridi, quintus nigro.

Quae sane indumenta haec sunt:

Pallium.

Velamentum frontispicii altaris.

Auriphrygium amictus sacerdotalis.

Auriphrygium albae sacerdotalis.

Manipulus sacerdotalis.

Stola sacerdotalis.

Planeta.

Pluviale.

Auriphrygium amictus diaconalis.

Auriphrygium amictus subdiaconalis.

Auriphrygium albae diaconalis.

Auriphrygium albae subdiaconalis.

Dalmatica diaconalis.

Tunicella subdiaconalis.

Stola diaconalis.

Manipulus diaconalis.

Manipulus subdiaconalis.

Velum subdiaconale ad usum ferendi calicis, sustinendaeve patenae.

Velum calicis.

Sacculus corporalis.

Signaculum missalis.

Integumentum missalis.

Pulvinar missalis.

Integumentum lectionarii in ecclesiis ritus ambrosiani.

Integumentum epistolarii.

Integumentum evangelistarii.

Integumentum ambonis, vel suggesti.

Integumentum lectorilis.

In parochialibus Ecclesiis ubi frequentius missae conventualis sacrum fit, rationi conveniens est, apparatus albi et rubri coloris non modo pro officiorum ratione celebritateque duplicem, sed etiam triplicem esse, ut tertia eorum indumentorum supellex sit minus pretiosa usui missae conventualis per hebdomadam aliquando celebrandae.

Numerus indumentorum lineorum.

[271]

Linea item indumenta, quae ob causas supra in basilica cathedrali expositas plura etiam in parochiali Ecclesia esse oportet, haec sunt, quae omnia supputata infra numero notantur.

Indumenta altaris maioris.

[272]

Mappae maiores quatuor.

Mappae minores duodecim.

Indumenta linea sacerdotalia in missa parochiali sine cantu.

[273]

Amictus duodecim.

Albae duodecim.

Corporalia octo cum pallis.

Purificatoria decem cum pallis.

Mantilia ad usum abstergendi manus in missae sacro octo.

Mantilia in sacristia ad usum lavationis manuum quinque.

Sudariola ad nares expurgandas, cum opus est in missae sacro, sex.

Funiculi sudariolorum cum globulis tres.

Sacculi singulorum calicum bini.

Indumenta linea in missis cum cantu.

[274]

Amictus sacerdotales duodecim.

Albae sacerdotales totidem.

Amictus diaconales duodecim.

Alba; diaconales totidem.

Amictus subdiaconales duodecim.

Albae subdiaconales totidem.

Indumenta linea ad usum sacrae communions ministrandae.

[275]

Mappae longiores scamnorum quatuor, plurave.

Mappae breviores subter sanctissimam communionem dum ministratur sustinendae, tres.

Indumenta linea usui variis ministeriis.

[276]

Superpellicea sacerdotalia duo, triave.

Superpellicea clericalia duo item, triave.

Sabaria quatuor.

De supellectile altarium minorum parochialis Ecclesiae.

[277]

Singula praeterea Ecclesiae collegiatae altaria minora, omnes singulosque apparatus unicuique altari minori supra in basilica cathedrali ordine nominatim positos atque enumeratos habeant ad usum atque ornatum suum.

Supellex altaris minoris ob necessariam causam permissi.

[278]

Altari praeterea minori quamvis indotato, ob necessariam tamen causam ab Episcopo in Ecclesia parochiali permissa, supellex apparetur, ut supra demonstrata est in basilica cathedrali.

Apparatus communis.

[279]

Apparatum praeterea communem in Ecclesia parochiali esse conveniens est, usui missae sacri etiam ab aliis sacerdotibus sine cantu faciendi: prout et hic ipse apparatus,

et quantus item esse debeat, supra demonstratur, atque praescribitur in basilica cathedrali, ob causas eo in loco expositas.

CAPUT IV.

DE SUPELLECTILE ECCLESIAE SIMPLICIS, EIUSQUE SACRISTIAE.

[280]

In Ecclesiis simplicibus, et oratoriis, ubi missae sacrum aliquando fit, unicuique altari non solum maiori verum etiam minori, si quod in iis est, appareatur, atque sit supellex supra praescripta usui altaris minoris in basilica cathedrali, tum praeterea haec quae ordine infra notata est.

Vas usui abstersionis calicum, patenarum, et lavationis corporalium, ac purificatoriorum.

Mantilia longiora quatuor apud labrum lavationis manuum appendenda.

Mappae duae ad usum altaris sacristiae seu armarii apud quod sacerdos sacras vestes induit.

Tapetum, seu clathra lignea, ubi sacerdos sacras vestes induit.

Tabella sacrarum reliquiarum in ea Ecclesia reconditarum.

Tabella item de indulgentiis eidem Ecclesiae perpetuo concessis.

Tabella orationum, quibus praeparatoriis utitur sacerdos celebraturus.

Tabella orationum ad usum sacerdotis sacras vestes induentis.

Tabella de missis funeralibus, commemorationibus, et aliis officiis.

Tabella colorum, qui in sacris indumentis pro ritu officii singulis diebus adhibentur.

Liber missarum, in quo scilicet unusquisque sacerdos sua manu notet et scribat, qui in singulos dies missae sacrum fecerit.

Liber de caeremoniis missae.

Liber harum instructionum.

Vas olearium majus pro oleo lampadis.

Vas minus itidem ad usum infundendi olei in lampadem.

Infundibulum, et vas, ad olei e vase majusculo excipiendi, rursusque in alterum minusculum infundendi usum.

Scopulae parvulae ex cannulis palustribus.

Perticae, hastiliave

CAPUT V.

DE CONVENIENTIA INDUMENTORUM ET ORNAMENTORUM.

[281]

Exponimus apparatus omnem sacrae suppellectilis, tum simplicem, tum duplicem, tum triplicem, tum denique quintuplicem, multiplicemve.

Cujus universi apparatus vestes atque indumenta, quoniam quaedam non colore solum, sed materia e qua confecta sunt, convenire inter se debent; ac rursus alia, quamvis panno materiave ab illis differant, tamen eodem colore ut illa sint, oportet; tum praeterea quaedam illorum indumentorum ornamenta sunt, quae ratio postulat, ut ornatu, materia, colore, et opere, artificiove, ut plurimum inter se singula respondeant; bene est, ut exposito tam multipli apparatus, commonstremus etiam, quae sacra indumenta colore, et materia; ac quae item colore solum cum illis convenientia esse debeant; et quae denique ornamenta, materia, colore, et opere, inter se ut maxime fieri potest, congruere debeant.

Atque apparatus quidem, qui eadem materia, eodemque colore simul constare debet, est sacrarum vestium atque indumentorum, quae ordine infra nominatini notantur.

Sacrae vestes et indumenta eiusdem materiae et coloris.

[282]

Pallium.

Planeta.

Stola sacerdotalis.

Manipulus sacerdotalis.

Pluviale.

Auriphrygium, seu fascia amictus sacerdotalis, diaconalis, et subdiaconalis.

Grammata, seu auriphrygium albae sacerdotalis, diaconalis, et subdiaconalis.

Sandalia.

Caligae, quas olim hyacinthino colore fuisse proditum est.

Gremiale.

Dalmaticae diaconales.

Tunicellae subdiaconales.
Stolae diaconales.
Manipulus diaconalis.
Manipulus subdiaconalis.
Auriphrygium, seu fascia amictus diaconalis.
Auriphrygium item amictus subdiaconalis.
Sacculus corporalium.
Pulvinar missalis.
Integumentum missalis.
Integumenta librorum, evangelistarii, epistolarii, lectionarii.
Integumentum lectorilium statariorum.
Integumentum lectorilium gestatoriorum.
Integumentum ambonis, suggestive.
Integumentum faldistorii.

Vestes atque indumenta eiusdem coloris, quo sunt vestes supra enumeratae, licet e materia diversa constet.

[283]

Dalmatica.
Tunicella
Chyrotecae episcopales.
Velum calicis.
Integumentum sedis episcopalis.
Velum frontispicii altaris.
Vela, seu continentiae subdiaconales.

Indumentorum ornamenta, materia, colore, opere, artificiove, inter se, ut maxime potest, convenientia.

[284]

Cruces frontispicii pallii.
Cruces planetae.

Cruces stolae sacerdotalis, et diaconalis.

Cruces manipuli sacerdotalis, diaconalis, et subdiaconalis.

Cruces fasciae amictus.

Auriphrygium pluvialis.

Grammatae, et fascia dalmaticae diaconalis.

Grammatae, et fascia tunicellae subdiaconalis.

Ornamentum pulvinaris missalis.

Ornamentum sacculi corporalium.

Ornamentum integumenti codicum.

Laciniae singulorum integumentorum et pulvinarium convenire etiam debent cum coloribus ornatus; ita scilicet, ut aurum cum auro, aut argentum cum argento, et sericum cum colore ornatus pannive conveniat.

PARS SECUNDA

LIBRI II.

De forma supellectilis.

[285]

Iam denique restat altera hujus libri pars: in qua supellectilis omnis mox supra enumerate, reique ad usum ecclesiasticum pertinentis, forma a nobis exponenda est; ac ita quidem, ut aliquando etiam materia simul ostendatur, e qua res unaquaeque pro praestantiae ratione conficiatur.

Primo igitur loco erit crux.

De cruce.

[286]

Crucis porro, quae vel super altari maiori, vel super tabernaculo sanctissimae Eucharistiae collocabitur, forma pene quadrangula erit: cujus tamen pars inferior paululum oblonga in tubulum desinet; ut cum ad usum processionum, aliarumque ecclesiasticarum actionum opus erit, a suo possit fulcimento commode eximi.

Ea autem magnitudine crux erit, quae cum altarii amplitudine apte decoreque conveniat.

Ex aureis, aut (si minus per facilitates possit) argenteis laminis crux altarii maioris erit in basilica cathedrali, Ecclesiisque collegiatis: haecque usui solemniorum dierum, atque officiorum: altera autem ex aurichalco inaurato condecenter caelata elaboratave, aliis diebus adhibenda.

Ex hac item materia, vel ex argento illa etiam erit, quae in aliis Ecclesiis praesertim parochialibus super altari maiori collocabitur.

Fulcimentum, quo apte crux in altario sustineatur, ex auro, aut argento, aut saltem ex aurichalco, aut denique ex ligno inaurato, in Ecclesiis scilicet quarum census tenuis est, eleganter decoraque forma confectum, ad congruentem altitudinem surgens, arcte, atque apte tubulo infigatur.

Crucis item quae in altario minori ponetur, cum fulcimentum, tum forma eadem, aliquantoque minor esse poterit, sed exemptilis esse non debet.

Materia si minus aliquando ex aurichalco, pretiosiorive metallo, at ex ligno esse poterit picto decenterque inaurato.

Crux porro capituli, vel illa quae in processionibus, in mortuorum exequiis, aliisque sacris et ecclesiasticis actionibus de more praefertur, hastile habeat bene firmum, idemque decenter pictum, cui apte inseratur.

Ubi vero (ut in Ecclesia Ambrosiana) moris est a capitulo, alioque ecclesiastico collegio, vel a parochis aliisque animarum curatoribus, crucem forma quadrata, quae duobus cubitis paulove amplius alte lateque pateat, in illis ecclesiasticis actionibus sine hastili, sed brevi manubrio, eiusdem metalli proferri, is quidem mos sane quam vetus usuque probatus, plane retinendus est.

De candelabris.

[287]

Candelabra altarii maioris (quae etiam aurea olim fuisse animadvertimus) si ex auro per facultates fieri non possunt, saltem ex argento conticiantur ad usum solemniorum officiorum, ita ut et metalli genere, et opere cum cruce congruant.

Alia vero quae usui quotidiano sunt, ex aurichalco constare poterunt, e quo metallo in omni Ecclesia adhiberi conveniens est.

Ex ligno autem opere tornatili confecta in reliquis altariis minoribus aliquando permittuntur, si ex aurichalco, pretiosiorive materia per facultates fieri non possunt.

Candelabri basis, quem pedem dicunt, rotunda, vel triangularis potius existat, atque ut maxime fieri potest, cum illa congruens quae cruci subjacet.

Sic vero undique pateat, firmaque sit, ut prae cerei crassioris qui imponetur pondere delabrum non ullo modo corruat.

Eiusdem scapus opere caelato recte, pie, decenterque elaboratus, sensim angustius ascendat in altitudinem, quam altarii, Ecclesiaeque ratio requirit. Rursusque in summitatem circularem decore patulam desinat. In qua summitate candelabri acumen teres exstet, cui vasculum itidem ex argento vel aurichalco infigi possit; in quo vasculo cerei inserantur.

Et quoniam usu venit, ut quae candelabra ex auro argentove sunt, facile vacillent, atque inclinentur; ac fere etiam particular, ex quibus simul conglutinatis illa fabricata sunt, dissolvantur; utile erit virgam ferream per totum candelabri scapum transire, quae virga in superiorem partem exiens, locum vasculo praescripto, candelaeve infigendae praebeat.

In parte autem inferiori ita claudatur lamina ferrea in orbem versatili, ut particulas omnes quae candelabri scapum constituunt, apte constringat, junctasque simul, ac rectas plane teneat.

Candelabrum cerei paschalis ex laminis argenteis, aut ex aurichalco, aut saltem ob Ecclesiae inopiam e solido ligno, opere tornatili, totumque inauratum ac pie ornatum, altitudine constet cubitorum fere quinque.

Basi praeterea firmissima suffulciatur; ut ubi moris est (quemadmodum olim fuit) statis illis diebus in media Ecclesia ante altare majus collocetur. Si vero pensile adhibetur, nulla basi opus est.

Cantharus (quod candelabri genus est in Ecclesia Ambrosiana) ex auro, vel ex argento, vel aere fusili, aurichalcove esse potest, prout Ecclesiae in qua adhibetur, ratio postulat. Brevior quam eaetera candelabra, ac levior item: scapo praeterea subtiliori constet, quo facilius manu appendatur.

Base triangulari, et reliquo ornatu sit, qui decentem speciem exhibeat.

Candelabra ad usum processionum, et metallo, et forma existant, ut illa quae usui sunt altaris maioris; sed longitudine aliquanto breviori, et crassitudine minori item esse poterunt.

De emunctorio et operculo.

[288]

Emunctorium, ex eodem metallo e quo sunt candelabra, longitudine unciarum duodecim.

Operculum ad usum restinguendi cereos e tenui lamina, quam tolam vocant, constet: forma praeterea decenti.

De tabella secretorum.

[289]

Tabella secretorum, non querneae, non nucis, neque denique e ligno subobscuri sit; sed ex abiete, aliave id generis arbore albicanti, ne pagina agglutinata obsceurescat.

Late aliquanto amplius pateat, quam longe: a parte anteriori coronibus undique decore ornetur.

A mensa altaris aliquanto altius sustineri debet aliquo fulcimento decore confecto, ut secretorum pagina propius ad oculorum conspectum accedat.

Atque haec quidem usus quotidiani.

Illa vero solemniorum dierum speciosior esse debet, ita ut et coronices auratas, aut praeclare pictas, et paginam secretorum majusculis litteris impressam, et eius imagines litterasque illas grandiores, minio, auroque splendentes habeat.

De mappis tobaleisve altaris.

[290]

Mappae (quae vela, velaminave, aut sindones alias dicebantur) supernam altaris partem contegentes, e lino, aut ubi lini copia non est, e cannabi sint.

At illae pretiosiores usui solemnium dierum, episcopaliūque officiorum, e tela linea item, vel cannabina, sed longe tenuiori contextae: reliquae usus quotidiani e tela

eiusdem generis, non crassa nimis, nec vero rudi; sed eiusmodi, quae opere textili bene, firmiter, ornateque confectae sint.

Verum nullae porro mappae altaris ab ulla parte bambacio caerulei alteriusve coloris elaboratae sint.

Grandiores porro mappae ea sint longitudine, ut ab utroque altaris latere profundius circiter tribus digitis quam planum bradellae demissae sint.

Latitudine vero totam altaris mensam contegant, ac gradum item qui super altari est: si modo, in altari praesertim maiori ob tabernaculi impedimentum, separatim operiri obtegive commodius non sit.

Eae praterea mappae, quae minores adhibentur, integrae, atque ut olim eiusmodi existant, quibus tota integraque illa superior altaris pars seu mensa consternatur; eaeque inter se distinctae sint ac sane separatae omnino.

De palliis.

[291]

Pallium, seu palla, vestimentum scilicet, quod ante altare tenditur suspensum, paulo longius quam altare patere debet; eoque altius, ut ab ima parte paululum sub coronice scabelli eiusdem altaris occultetur.

A superiori parte palmum a summo distante, laciniis, quas frangias dicunt, auro sericove elaboratis, pro colorum ratione ex Ecclesiae ritu praescripta ornetur.

Intrinsecus tela bambacina, aut alia tenui materia vestiatur; quae a superiori parte palmo uno excedat, ut sub mappis reflecti possit.

Instruatur etiam a summo intrinsecus parvulis minutisque anulis aereis, ferreisve, quibus suspendatur affixum telari altaris. Cui pallio ab exteriori parte, crux aut imago sancti, sanctorumve quorum nomine altare dicatum est, aut alia sacra effigies apte recteque in medio assuatur. Id quod antiqui instituti esse ex eo etiam accepimus, quod Zacharias Pontifex pallam auro intextam Nativitatis Domini nostri Jesu Christi imagine ornatam Beati Petri Apostoli altario obtulit.

Pallium pretiosius, utpote usui solemniorum officiorum ac dierum, sit e serico, auro argentove intexto, nempe opere attalico, quod brocatum dicunt, vel acu decore picto.

Illud vero quotidianum ex alio serici genere, aut subserico. Idque etiam in Ecclesiis permittitur, quarum tenuis census ferre non potest illum pretiosioris pallii sumptum.

Pallia autem quae humilia aut depressiora iam exstant, quam altaris altitudo requirit, altiora fiant, in summa parte additamento eiusdem panni materiae facta, apteque conexo, quod laciniae quam frangiam vocant, aut alterius rei ornatu decenti obtegatur.

Quae vero pallia breviora sunt, quoniam altaria longius ducta sunt, ea apte reconcinnari poterunt, aut produci aliis pro longitudinis altarium ratione additis, decenterque annexis, eiusdem alteriusve panni sericive aut materiae fasciis.

De velamento seu fascia ad ornatum altaris.

[292]

Velamentum (quod ad ornatum frontispicii altaris in missae sacro adhibetur, superiorique parti pallii in ipso altari tanquam frontale quoddam obtenditur) eiusmodi sit, ut demissum, usque ad serica filamenta quae pallio assui solent, vel paulo infra perveniat. Longe praeerea pateat, ut adaequet altare, aut paulo amplius. Eius extremitas quae in hominum conspectu est, fimbria decore exornetur. E pretiosa tela linea, eaque tenui admodum confectum, per latitudinem lineis ac aliave ratione elaboratis, apteque certo intervallo dispositis, distincte ornatum appareat.

Pretiosius porro, quod solemnioribus diebus officiisque usui erit, insignius esse debet, auro scilicet argentoque contextum.

De tela stragula altaris.

[293]

Tela stragula altaris, longitudine ac latitudine sit, quae totam illius mensam undique contegat, et paulo

amplius item: laciniis brevioribus ab omni parte decore cincta.

Colore viridi sit: quotidiana e lino, cannabive, illa vero usui solemnitatum e serico, aut e subserico.

De stragulis bradellae et graduum altaris.

[294]

Stragula bradellae et graduum altaris, plani item cum opus est, tapetia sint, aut panni lanei, iique pretiosiores pro solemnitate ratione, proque Ecclesiarum dignitate.

Late, longe, et ample ita pateant, ut et bradella, et altaris gradus eorum operimento consternantur omnino, atque adeo amplius saltem cubito uno.

De caligis episcopalibus.

[295]

Caligae episcopales italongae esse debent, ut usque ad genua protensae, ligulis in ea parte adstringantur; quemadmodum cum mysterii significatione conveniens est.

De sandaliis.

[296]

Sandalia, calcei scilicet quibus Episcopus ad missae sacrum solemniter faciendum utitur, e solea integra subtus constent, a parte autem superiori decenter ornata: quae fenestrata etiam superne olim fuisse non sine mysterii ratione Innocentius III. Pont, ostendit.

De amictu.

[297]

Amictus (qui quoniam humeris imponitur, superhumerales etiam appellabatur) eiusmodi ut olim fuit, esse debet; cui fascia assuatur, quae tanquam collare quoddam circa collum super casulam aptetur.

Fimbria porro fasciae condecenter exornata sit, cui praeterea tres cruces annectantur, una in medio, et in utroque capite duae.

Longa sit fascia haec cubitum circiter unum et uncias sex, lata uncias circiter septem.

Porro amictus e tenui candidaque tela linea sit: pretiosior e subtiliori.

Longitudine esse debet cubitorum circiter duorum; latitudine autem sesquicubitali. In duobus eius angulis anterioribus assuuntur funiculi, qui crucis instar supra pectus transversi, indique in tergum ducti, moxque revocati, connectuntur, ut ne suo loco amictus moveatur.

Si vero amictus sine fascia adhibetur; in eius medio crux unciarum duarum longe ab extremitate digitis duobus, superne acu aliave ratione affigetur. Extremitates autem amictus, praeterquam ex ea parte quae collum ambit, aliquo modesto opere exornabuntur: caeterae eius partes, ut illae superioris amictus fasciam habentis.

De alba, et auriphrygio, seu grammatis.

[298]

Alba (quam candidam vestem camisium etiam a colore vocant) e tela tenui candidaque sit; illa pretiosior e tenuiori. Longe autem quatuor cubitos producta et succincta, cum a lumbis undique redundet, tum ad pedes usque pertingat. Late praeterea cubitos quatuor ac paulo amplius circumquaque pateat.

Manicas habeat longitudine sesquicubitali, latitudine ab humeris pene cubitali, quae usque ad manus sensim angustius ducantur.

Consuta autem sit non artificioso sed simplici acus opere: in extremis vero manicis, et in summa veste aliquid dumtaxat sit acu paululum ac tenuiter elaboratum. Et ab ima parte aliquantulum reflexum. In ima parte albae a fronte, et a tergo, et itidem in extremis eius manicis quadrae particulae (quas grammata, seu auriphrygium appellant) panni serici, qui coloris, et panni eiusdem ut casula sit, recte assuantur. Quae grammatae circumquaque fimbriis densis exornate sint.

Ubi vero albae sine auriphrygio seu grammatis adhibentur, ample et ab ima parte circumquaque pateant cubitos sexdecim: sicque paulo et latiores et longiores sint, quam aliae grammatis ornatae, ut circumplicatae ac succinctae, crispaeve ad lumbosque reflexae, rugarum decorem exhibeant.

De cingulo.

[299]

Cingulum (quae zona ab Innocentio III Pont, appellator) ex candido lino, vel cannabi tenui sit confectum; longitudine cubitorum circiter septem.

Cujus cinguli capita globulis eiusdem materiae inserantur, filamentorum manipulis appensis, quos fioccos dicunt.

Cingulum vero episcopale, a sinistro latere duplex ut vocant succinctorium seu succingulum (quo scilicet stola cum cingulo connectitur) habere debet pro ratione mysterii.

De stola.

[300]

Stola (quae item orarium, et palla linostina a Damaso vocatur) extrinsecus materiae colore cum planeta congruat: intrinsecus autem tenui serico vestitur eiusdem coloris item.

Longe cubitis circiter sex, ita ut infra genua producat, late autem pateat unciis sex; ab utraque autem extrema parte sensim latiuscule patens laciniis seu frangiis ornatur, quae longitudine sint unciarum trium: cui praeterea cruces tres annectantur, una in medio, reliquae duae in eius partibus extremis. Unaquaeque vero crux parvula sit forma quadrata: quae ab omni parte unciis circiter tribus constet.

Stolae sacerdotali nihil appendatur: episcopali vero, et diaconali ab utraque media eius parte funiculi serici eodemque colore, et fiocculis laciniatis ornati annectantur, iique ad illius recte connectendae usum.

De manipulo

[301]

Manipulus sericeus, aut certe pretiosior eodem quo stola colore, et materia item sit, qui unciis item sex late parteat, longe vero cubitis duobus, vel Paulo amplius: anexos habeat ab utraque parte funiculos sericeos item, quibus adiuncta fibua etiam sericea apte subnectatur, intextis etiam tribus crucibus, ut stolae.

De tunicella.

[302]

Tunica episcopalis, quam tunicellam dicunt, e serico tenuiter contexta esse debet: paululo angustior et brevior quam dalmatica infra descripta.

De dalmatica.

[303]

Dalmatica crucis formam praebere debet, ita ut non recisis manicis, sed ad manum usque protensis, iisdemque late patentibus conficiatur.

Episcopalis amplioribus manicis quam diaconalis, haec latioribus quam subdiaconalis; quae tunicella vocitata, illas angustiores habere debet.

Ex eadem materia episcopalis constet, qua tunicella episcopalis.

Longa esse potest cubitis duobus et unciis sexdecim, atque eiusmodi quae infra genua protendatur unciis circiter decem; lata vero a summo, seu ab humeris, cubito uno et unciis circiter quatuor, ab extremis oris undique patens cubitis circiter quinque, vel amplius, ut eius latitudo cum mysterii significatione conveniat.

Diaconalis vero, et tunicella subdiaconalis, lineis, seu fasciis coccineis ornatur, a fronte et a tergo hinc inde a summo usque ad imum ductis.

Auriphrygio praeterea insignitur, nempe quadris particulis auriphrygio contextis, inter lineas coccineas illas in extremitate a tergo et a fronte assutis.

Extremitates hujus vestis omnes, praeter eam quae circa collum est, fimbria cum modicis filamentis exornantur. Interior autem pars tela eiusdem

De chirothecis episcopalibus.

[304]

Chirothecae episcopales contextae esse debent, et circulo aureo insigniter in extrema parte ornatae.

De planeta.

[305]

Casula (quam alii phelonium, et planetam etiam ab ampla latitudine dicunt) cubitos tres, et paulo amplius late patens sit; ita ut ab humeris projecta, complicationem unius saltem palmi infra utrumque humerum recipere possit. Longe autem cubitos totidem, aut aliquanto longius demissa sit, ut pene ad talos usque pertineat.

Fasciam item latam unciis octo ad minimum quae assuta sit, ab anteriori et posteriori parte usque ad extremum dependentem habeat, cui altera fascia transversalis in summa prope parte et a fronte et a tergo adjuncta, crucem utrinque exprimat.

De subbirreto.

[306]

Subbirretum mitrale non e serico sed panno laneo sit: idemque forma rotunda non quadrata.

De mitra.

[307]

Mitra quae pretiosior est, e serico auro intexto, gemmis, et margaritis, acusque opere ornata, episcopalis dignitatis splendorem praesefert.

Altera simplex, e tela lini purissimi, eaque tenui et candida conficitur, colore autem albo.

Circulo aureo circumamicta a parte qua induitur caput; cornua item duo a summo prae se ferens, unum a fronte, alterum a tergo; duas etiam líneas in humeris pendulas habet; quarum extremitates seu fimbriae laciniis constant.

De anulo.

[308]

Anulus episcopalis ex auro puro puto solide conflatus, palam habet cum gemma pretiosiori, in qua nihil sculpti esse debet.

De gremiali.

[309]

Gremiale longe constet cubitis circiter duobus, late cubito uno tantum, et unciis item circiter duodecim; intrinsecus tenui serico eiusdem coloris vestitum; undique vero cinctum laciniarum auro argentove intextarum ornatu.

De baculo pastoralis.

[310]

Baculus pastoralis, a parte ima praeacutus, a media totus rectus, a summa retortus esse debet:

Orario, aut sudário non ornatur, si episcopalis est; quo insigni abbatialis ab illo distinguitur.

Longitudine recta est cubitorum trium et unciarum duodecim; pars vero illius retorta, totidem unciis, aut paulo altius eminet.

A summa rectitudinis parte, est crassitudine orbiculari unciarum circiter septem, quae prope ad imam partem descendens paulatim diminutam, unciis quinque constat, in ipsa vero plane ima parte ferro, vel argento, aliove metalli genere praeacuitur.

Pars recta baculi integitur laminis solidis argenteis nulla caelatura ornatis: retorta, laminis item argenteis caelatura elaboratis, et fabri argentarii iudicio inauratis.

Connectitur autem cum illa parte recta aliquo caelati argenti opere certis locis inaurato; quod sexanguli formam exhibens, sacris imaginibus ornatur.

De pluviali.

[311]

Vestis, quae pluvialis vocatur, semicircularemque formam exhibet, ad mos usque talos protenditur, longitudine scilicet cubitorum et unciarum circiter sex constans; et pro semicirculi ratione late patens.

A fimbriis ornatum laciniarum habet a parte solum anteriori tota ab summo ad extremum usque aperta, hinc et inde auriphrygio sacris etiam imaginibus intexto decoratur: a posteriori parte insigne quod caputium dicunt, brevibus admodum laciniis, ornatu vero auriphrygiato qui anteriori respondeat.

A summa vero parte anteriori tantum fibula inconsuta connectitur; intrinsecus autem serico tenui, aut panno bambacino eiusdem coloris circumvestitur.

De pectorali.

[312]

Pectorale (ornamentum scilicet illud, quo ante pectus pluviale connectitur) duobus uncinis subjectis, ex argento inaurato conflatum esse debet; cui lapis aliquis pretiosus inseratur, aut sacra imago.

De velo subdiaconali.

[313]

Velum subdiaconale (fascia scilicet illa, quae subdiacono usui est ad contegendum calicem, cum illum instructum in altare defert) ex velo sit: auro, aut argento intextum; a lateribus ornatus fimbriis, a capitibus etiam filamentis aureis, aut argenteis, aut certe auro et argento admixto. Longe sit cubitos sex; late vero patens, quanta est veli propria latitudo.

De velis ministerialibus.

[314]

Vela ministerialia (nempe fasciae illae, quae a collopendent ministrorum, mitram, aliave indumenta episcopalia ferentium, vel sustinentium) longitudine tam ampla, quanta est tela e qua confecta sunt.

Confecta autem esse debent e velo candido bambacino, eoque tenui admodum, a capitibus filamentis sericis albis ornata.

De velo calicis.

[315]

Velum calicis ab omni parte cubito et unciis duodecim, ac paulo amplius late patens sit: ab oris undique opere serico, auro argentove tenuiter ornatum.

Pretiosius autem auro et argento contextum sit, fimbriis itidem aureis aut argenteis adbibitis.

De calice.

[316]

Calix ex auro puro, aut si prae facultatum tenuitate non potest, ex argento puro puto itidem conficiatur, eoque inaurato ab omni parte anteriori: cujus pes ex aurichalco inaurato permitti potest, si prae inopia ex auro argentove fieri non potest. Qui pes ample pro illius magnitudine ita pateat, ut firmissime ubi collocatur haerens, cadere non queat; forma autem, aut octangula, aut sexangula, aut alia eiusmodi sit. In cujus pedis superficie imagines appareant, quae tamen manum non impediant, aliqua sacra passionis mysteria significantes: nulla expressa sint signa ad ornatum inanem

spectantia. Nodus in medio decore recteque ornatus, nihil vel minimum eminens habeat, quo dum calix capitur, incommode capiatur, aut digiti quidquam laedantur, praesertim quo tempore in missae sacro ille indice et pollice conjunctis manu teneatur. Cupa aliquantulum in fundo angusta, sensim usque ad summum labrum latior fiat. Labrum eiusmodi sit, ut neque extrinsecus neque intrinsecus ullo modo reflectate.

Calix maior, pretiosior scilicet, ex auro puro puto, et piarum imaginum cailatura insigniori, qui ad missae sacrum solemniter faciendum adhibeantur, ample in orbem pateat uncias saltem octodecim: ab imo autem usque ad summum altitudine sit unciarum quatuordecim; ampliori vero etiam in Ecclesia cathedrali, collegiata, ac parochiali insigni.

Calix minor, qui in missae non sollemnis sacro usui est, amplitudine in orbem ducta unciarum quatuordecim, altitudine duodecim.

De patena.

[317]

Patena eodem auri aut argenti genere, quo calix est: quae si argentea est, inaurata undique esse debet, nihil artificiose elaboratum, ac ne circulum quidem circino profundiuscule ductum ullo modo habeat.

Labrum extremum circulare, ita tenue admodum, ut adjumentum inde sit ad sacra hostiae fragmenta recte facileque colligenda.

Illam mediam tenuem concavitatem habeat, quae amplitudinem labri calicis fere adaequet.

Patena maior et pretiosior quae calici grandiori conveniat, ample in orbem pateat uncias triginta octo, vel amplius pro amplitudine calicis; minor vero triginta duas.

De sacculo calicis

[318]

Sacculus calicis et patenae e lino sit, vel ex cannabi; late tam patens, longaque productus, ut minime arcte calicem capiat. Ab altera parte clausus erit, et tota tela quantum lata est, crispata, et in orbiculum consuta et connexa: aut etiam ita consutus

erit, ut duo anguli fiant, sicut communiter fit; tunc enim transversus calix in ipsum saeculum constringendus est.

De theca calicis.

[319]

Theca lignea ad calicem itidem una cum sacco condendum comparata, simplici opere, nulloque profano ornatu ita conficiatur, ut ad calicem cum patena capiendum appositae sit: operculo etiam adhibito, quo compresse claudatur: intrinsecus laneo panno, aut holoserico quem villutum dicimus, extrinsecus corio circumvestiatur. Cui etiam linea, sive cingulum ex corio ad eam gestandam insertum adhibeatur.

De corporali.

[320]

Corporale e tela linea pura et candida sit, ac simplex item; nihilque elaboratum, et nihil sericum intextum habeat; ab oris autem acus opere simplici punctum solum retortum sit. Longe autem uncias triginta ad minus pateat, late totidem: ita vero complicatum, ut nulla eius extremitas appareat.

In cathedrali, et collegiatis aliqua corporalia esse debebunt ampliora pro altaris maioris amplitudine.

De sacco corporalis.

[321]

Sacculus corporalis a fronte sit cruce vel alia sacra imagine in medio intexta; a tergo etiam ex eadem materia et colore, intrinsecus vero subserico, aut tela tenui candida circumvestitus: late vero undique pateat circiter dimidio cubito, vel paulo amplius. Ab oris vero inserantur funiculi serici cum globulo, quo adstrictus claudatur.

De purificatorio.

[322]

Purificatorium e tela non crassa admodum, neque tenui nimis, et simplici acus opere confectum, latitudine sit unciarum circiter octodecim ad minimum, longitudine totidem, nec vero minus. Cui purificatorio crux parvula in medio acu appingatur.

De hamulis.

[323]

Hamulae, non ex argento, stanno, aurichalco aliove metalli genere, sed e crystallo pellucido non picto; et denique ab omni parte sordibus purae, et suo quaeque operculo stanneo argenteove apte contectae: pretiosiores autem aureo.

De pelvicula.

[324]

Pelvicula hamularum e stanno britannico puriori sit; pretiosior auro, aut argento saltem: opere autem caelato piam speciem exprimente: fundo intrinsecus constet lato ac plano, neque elaborato, quo firmitus hamulae impositae haereant.

De missali.

[325]

Missale, opere librario bene firmiterque compactum et conglutinatum, tenuioribus tabellis sectilibus corio intectis operiatur. In quo corio nihil profani elaboratum impressumve exstet, sed cruris insigne, aliave sancti pia imago. Ad missalis autem ornatum folia inaurata existant.

Pretiosius porro, et operimento praeterea coriaceo inaurato, et forma ampliori constet, tum litteris etiam insignioribus impressum.

De signaculo missalis.

[326]

Signaculum missalis, cornu transversale unde funiculi pendent, habeat e sericis filamentis confectum, atque ita latum, ut eiusdem missalis crassitudinem adaequet. Funiculos vero sericos duodenos, colore diverso distinctos pro officii ratione atque usu: ac longe ita ductos, ut missalis longitudinem vix quinque unciis excedant.

Pretiosius vero signaculum e cornu transversal constet, quod solidum aurum, aut argentum sit, idque inauratum.

De integumento missalis.

[327]

Integumentum missalis ita longe deductum sit, ut ab ima parte etiam reflexum, octo unciis superet coriaceum missalis operimentum: a summa vero nihil omnino extet. Late praeterea patens, ut ab utroque latere intrinsecus reflecti commode queat. Subvestiatur tela linea aut bombycina praeter partem, quae infra pendens, eodem panno reflexo ornatur. Hujus integumenti extremitates, quae missale a lateribus, et a capite circumdant, lineae sericae opere textili, quae vero ab ima parte, laciniis sericis ornantur. Pretiosius autem integumentum habeat extremitatum ornatum, et linea et laciniis, auro argentove intextis insigniorem.

De pulvinari missalis.

[328]

Pulvinar, quod missali libro supponitur, plenum sit non pluma, non tomento lanave concisa, sed lana solida, pilisve cervinis.

Longe patens cubito, et paulo amplius; late unciis circiter decem et octo; ornatum ab unoquoque ângulo laciniatis fibulis, consutum simplici opere: sed partes extremae consutae integantur ornamento eiusdem generis et coloris.

Cui pulvinari nihil aliud, ac ne scabellum quidem subjiciatur; nisi cum sacerdoti oculorum aspectu laboranti opus est ad missale altius tollendum.

Porro scabellum pulvinari aliquanto angustius, utrinque quatuor baculis transversaliter inter se exigua linea lignea in medio connexis firmatur.

De instrumento candelaе sustinendae ad officiorum pontificalium usum.

[329]

Instrumentum quod usui est sustinendae per cappellanum candelaе in missis officiisque pontificalibus, ex argento; pretiosius ex auro aut argento inaurato fiat:

manubrio longitudinis unciarum quindecim, et a summa parte orbiculo constet, cui media intus lunula infixata inhaereat ad candelae imponendae usum.

De thuribulo, acerra, et cochleari.

[330]

Thuribulum, acerra, et cochleare, ex aurichalco singula sint artificiose caelata atque ornata periti artificis iudicio.

Pretiosiora autem ex argento, aut ex auro, ubi per facultates fieri possunt.

Quod sane thuribulum, cum quadruplici catenula, et opercule eiusdem metalli, ubi ritu Romano sit; at Ambrosiano more, cum catenula triplici, sineque operculo adhibetur. Longitudine porro catenularum sit cubitorum duorum et unciarum circiter duodecim.

De vestitu sedis episcopalis.

[331]

Sedes episcopalis, ut ex patrum instituto, collocatur loco conspicuo atque illustri; ita vestitu decenti pro solemnitatibus ratione ornari debet.

Porro vestitus eius sit e pannis sericis rasis, non villosis, nec auro argentove intextis.

Illius gradus tapetibus pannisque lineis sternuntur.

De scabellis assistentium Episcopo.

[332]

Scabella ministrorum Episcopo assistentium, e tabellis sectilibus populeis, abiegnisque constant; cubito aut paulo amplius alte constructa; tum forma quadrata, quo firmitus haereant; decore praeterea picta.

De faldistorio.

[333]

Faldistorium, non amplum, neque alte exstructum, ut sedes cathedraque episcopalis, sed longe depressius esse debet: nec praeterea a tergo, neque a lateribus quidquam habeat, quo sedens Episcopus nitatur.

E quaternis lignis nuceis binis scilicet ab anteriori, totidemque a posteriori parte inauratis, laminarum argentearum tegmine ornatis, iisque singulis ab omni laterali angulo formam capitis leonini paululum prominentis in summo exhibentibus, decore, apte, firmiterque constans, sedile coriaceum habeat solidum; idemque non pluma, sed tomento pilisve minutim concisis plenum.

De integumento faldistorii.

[334]

Integumentum faldistorii subvestitum esse debet tela bombycina.

Ita vero dissectum, ut sedili tantum inhaerens, a reliquis partibus usque in pavimentum defluat.

De pulvinaribus faldistorii.

[335]

Pulvinaria faldistorii, unum genuflexionis, alterum sessionis usui, e serico villosa constant. Eorum longitudo sesquicubitalis erit, latitudo porro cubitalis.

De abaco, et caeteris.

[336]

Abacus (mensa scilicet illa, in qua vasa magna ex auro argentove conflata, ad ornatum insignia, et rei divinae necessaria, ac vestimenta quaedam, mitraeque, atque alia id generis exponuntur) e tabulis sectilibus populeis, abiegnisve polite confecta, longe pateat cubitis quinque, paulove amplius pro Ecclesiae magnitudine, chorive ratione; late cubitis duobus et unciis duodecim: alteque item extruatur cubitis et unciis totidem. A tergo autem gradibus duobus pluribusve constet pro vasorum ratione.

Suffulciatur porro binis ternisve tripodibus querneis aut nuceis, ad sustentationis firmitudinem.

Abaci mappa e lino pretiosiori bissove eleganter contexta, ita undique pateat, ut a fronte et a lateribus ad pavimentum usque pertingat: tum a tergo si fieri potest, abaci gradus apte contegat. Si minus, altera eiusdem generis adhibenda est, qua gradus sternantur.

Vasa item ad abaci ornatum in gradibus exposita, ampullari forma sint, prout in vasis sacrorum oleorum confectioni dicatis demonstrator infra suo loco; altitudine cubitali, aut paulo maiori constant. Quae vero in medio collocantur, aliquanto altiora esse debent. Ex auro praeterea, aut ex argento conflentur, in quibus profana caelatura nulla exstet, sed pia ac religiosa.

Pelves aquariae, seu bacilia, quos fontes appellant, ex eodem etiam metallo, eademque caelatura tum amplitudine sesquicubitali per diametrum ducta.

Urcei eiusdem item caelaturae, metalli, ac magnitudinis praeterea cum pelvibus aquariis convenientis decore.

De linteo ad usum abstergendi manus.

[337]

Linteum quod manibus abstergendis in missae sacro usui est, ex lino tenui contextum, longitudine bicubitali, latitudine vero sesquicubitali constet: tum praeterea uno et altero capite ornatum laciniis et filamentis eiusdem materiae, et ab extremitatibus lateralibus acus opere simplici punctim retortum sit. At illud quod missae episcopalis usui erit, cum e lino pretiosiori, tum amplitudine maiori, atque ornatu insigniori existere debet.

De libris, lectionario, epistolario, et evangelistario, eorumque integumentis.

[338]

Hi libri, nempe lectionarius, epistolarius, et evangelistarius, et characteribus litterarum insigniores, et opere librario bene compacti conglutinative, et decore, firmiterque operti sint ad diuturnitatis usum, tum ita ornati, ut de missali demonstratum est.

Adornatum praeterea illud pie accommodatum esset, si sacrae mysteriorum imagines in iis libris certo loco impressae, minio et auro expolirentur.

Integumentum porro eorum librorum tale esse debet, quale integumentum missalis demonstravimus.

De integumento lectorilium, et ambonis.

[339]

Integumentum lectorilis statarii longe protenditur fere usque ad pavimentum: late patet ut lectorilis structura: a parte in qua libri apposi haerent, corio vestitur. Integumentum lectorilis gestatorii, latum ut est pannus quo vestitur; longum ad pavimentum usque. Suggesti ambonisve integumentum, longitudine esse debet, qua est ipsius suggesti opus; latitudine, quae undique illud totum complectatur.

De vase gestatorio aquae benedictae.

[340]

Vas gestatorium aquae benedictae, usui officiorum episcopalium accommodatum, ex argento, eoque certis partibus inaurato confectum; pie etiam alicujus caelaturae speciem praebeat.

Ex eodem item metallo, non inaurato tamen, eodemque pie opere caelatum adhibeatur in Ecclesiis cathedralibus, collegiatis, et parochialibus item, caeterisque aliqua ratione insignibus: at ex aere, aut aurichalco conflatum, in Ecclesiis census tenuitate laborantibus permittitur.

De panno ad abstergendum caput baptizati

[341]

Pannus, seu sabarium, quod ad baptizati caput abstergendum adhibetur, e tela byssina, quod pretiosius usui ministerii episcopalis est, constare debet; e tela vero linea, quod ab aliis adhibebitur.

Erit vero circumquaque apte decoreque fimbriatum e tela vel byssina, vel linea.

Longitudine erit cubitorum trium; latitudine vero tanta, quanta est tela; e qua constat latitudo.

De vasis sacrorum oleorum.

[342]

Vasa basilicae cathedralis, in quibus sacra olea conficiuntur, ex argento, aut saltem e stanno britannico, eoque puro puto et pretiosiori conflentur.

Forma ampullari sint: quae ventre amplo et turgido confecta, a summo usque ad collum sensim orbicular acclivitate sine ullo caelaturae opere ascendunt, ore hianti patuloque

exstent, ab extremo in angustum paulatim usque ad pedem deducta, opere sphaerali concludantur, cui pes a summa parte anguste, ab imo latius patens firmissime haereat. Geminis ansis constent: quae caelaturae speciem in ea parte exhibeant, in qua cum vasis annectuntur.

Operimento integantur semisphaerali, quod in fastigio parvulam crucem affixam habeat, ita autem annexum, ut a fibula argentea stanneave qua annectitur, totum a tergo pendeat; ut ne eo elato, Episcopi consecrantis manus in crucibus super oleis conficiendis impediatur.

A fronte apte ac firmiter in superiori prope ventris parte parvulus tubus agglutinatus haereat, unde oleum defluat. Isque eiusmodi sit, qui ab imo patulus, sensim anguste ascendens, pari cum vasis altitudine, et a summo paululum incurvus ore angustiori exstet.

Vasa tria praescripta forma conficiantur: unum in quo sacri chrismatis, alterum in quo sacrae extremaeunctionis, tertium in quo catechumenorum oleum consecratur.

Singula vasa distincta sint inscriptione, litteris grandiusculis inauratis expressa.

Singula autem vasa olei, magnitudine sint, quae cum basilicae cathedralis ratione conveniat: sed eiusmodi tamen, quae in consecrationis ministerio commode et gestari et tractari possint.

De velis vasorum sacri olei.

[343]

Vela (quae superiora tria vasa triplicis sacri olei contegant, cum illud die coenae Domini conficitur) longittudine circiter cubitali sint; latitudine quanta est veli; illudque vasis chrismatis e serico albo, reliqua duo ex rubro.

De vasculis ministratoriis.

[344]

Vascula ministratoria totidem sint, quot vasa sacrorum oleorum, inscriptionibus etiam distincta, eadem forma, e stanno aut argento itidem, nec vero e vitro confecta: eaque longe angustiora; quae olei pondo, minora duo tantum capiant; a tergo solum ansata.

De forfice ad usum sacrae ordinalionis.

[345]

Forfex ex ferro, at certis locis inaurato conflatus, unciarum duodecim longitudine constet.

De pelvicula ad varia ministeria episcopalia.

[346]

Pelvicula usui variorum episcopalium ministeriorum, ex argento conflata, profunda concavitate constet, tum amplitudine sit unciarum duodecim per diametrum ducta.

De libro exorcismorum

[347]

Hic liber exorcismorum, ut caeteri libri ecclesiastici, opere librarlo decenter confectus, operimento tegatur, quod supra aliis voluminibus praescriptum est.

De cereostatis.

[348]

Cereostata seu cereoferaria artificiose tornata sint, auro, aut coloribus decore obducta in superiori parte qua cereus infigitur. Eorum orbis, ex charta ferrea, id est tola congruenter pateat, extremitate sursum reflexa, ad guttas capiendas quae ex cereo defluunt.

Alterius vero generis cereoferaria, quas cancellas appellant, infra ex ligno tornatili sint, supra vero quadrifariam secto, et ad cereos excipiendos apto; ornata vero ut alia.

De operculis.

[349]

Opercula ex tenui charta ferrea fiant, quae infra patulo circuitu sint, supra in acumen desinant: bacillis apte inserantur, ut per eos cerei quamvis alte positi exstingui a ministris possint; haec aliqua maiora ad usum maiorum, aliqua vero minora ad minorum usum conficiantur.

De labaro, seu vexillo.

[350]

Vexillum sancti patroni urbis, et opere, et materia; et ornatu insignius sit quam parochiale, tum amplitudine praterea maiori, quae formam fere quadratam exhibeat.

Vexillum vero parochiale (quod fiparum aut fanon ecclesiastico nomine vocatur) e tela auro argentove intexta, vel e serico firmiter contexto sit. Longe pateat cubitis tribus et dimidio, lateque totidem ita ut formae quadratae speciem praebeat. Qua forma insigne illud augustissimumque Constantini imperatoris vexillum, quod Romani labarum dicunt, cruce pretiosa, cujus imago caelitus apparuit, intextum fuisse ex antiquis monumentis constat. Porro e materia longe pretiosiori fiat, ubi prae parochialis viciniae facultatibus potest.

Imaginem effigie sancti aut sanctae, cujus nomine Ecclesia parochialis nuncupatur, depictum, ornatum, aut contextum sit.

Colore praterea, quem sancti sanctaeque cujus vexillum praefertur, imago pro Ecclesiae ritu deposcit.

Undique cinctum ornatu laciniarum eiusdem coloris cujus vexillum est permixtis etiam filis argento aurove intextis.

Appensum praeferatur ex hastili ligneo, eoque solido: cui a summa parte crux parvula quadrata praefigatur. Hastile autem vexillo longius sit cubitis circiter duobus: colore item quo vexillum.

Vexillum vero, quod dum foeminae in supplicationibus publicis procedunt, pro parochialis viciniae distinctione praeferunt, et materia, et colore, et imagine, et ornatu sit ut illud supra descriptum: at late longeque constans uno tantum cubito, et hastili brevi ac leni: cui item crux parvula in summo affigatur.

De crotalis ligneis.

[351]

Crotala lignea, quae ex usu Ecclesiae in hebdomadae sanctae tenebris adhibentur, ex tabula sectili nucis, quernaeve fiant: longitudine vero sesquicubitali, et latitudine cubitali constant. A summo habeant foramen per quod manus infertur, lamina ferrea munitum; tum praeterea laminas quatuor quinqueve ab utraque parte affixas ex aere seu ferro, vel totidem pilas ex ligno rotundas fune appensas, sonum ex percussione reddentes.

De stragulo sedilis sacerdotis.

[352]

Stragulam sedilis, in quo sacerdos missae sacrum solemniter faciens considet, e panno laneo, aut serico ruso in basilicis insignioribus. Ita vero late longeque pateat, ut a tergo etiam sedile contegens, capite celebrantis paulo altius exstet, et infra ad pavementum usque prope pertineat.

De aulaeis

[353]

Aulaea in ornanda Ecclesia, sive ex corio, sive ex lana constent, ne profanis imaginibus humanis, aut belluarum picturis; sed religiosis piisque figuris mysterii sacri historiam significantibus contexta sint: et iis potissimum, quae Christi Domini, vel sancti cujus nomine Ecclesia cappellave nuncupatur, res gestas exprimunt.

De lectorilibus.

[354]

Lectorilium genera duo, alteram fit, posita columella lignea, aut aliquo alio apto fulcimento cum basi congruente et decora, aut etiam armario exstructo, pro recondendis libris ad usum chori; supra quod fulcimentum tabula lata et longa, quantum satis sit ad capiendum apertos libros, declivi positura collocatur. Aut vero fit tanquam duplicis faciei, ut ab utraque tabulae, quae superne in culmen coeant, duobus libris imponendis locum praebeant: e nuceo ligno erit artificiose exculto, et alio etiam praesertim picto aut inaurato.

Alterum gestatorium magis est, et duplex, cujus partes sunt ex longis et angustis asserculis confectae: per clavum in utraque media parte fixum quo conjunguntur, in unum coeunt cum tollitur et gestatur: et cum ponitur ad lectionem, supra et infra deducuntur, supra vero corio utrinque affixo tenentur ad libros capiendos apte composito.

Hujus quoque ligna ornatum et artificium desiderant.

Hac eadem forma alia etiam lectorilia fiunt, nisi quod plicatilia, ut ila dicam, non sunt, et loco corii ligneis tenentur in superion parte.

Lectorilium integumentis circumsuantur sericae lineae cum filamentis suis; ab utroque quidem capite per uncias tres prolixis; ab aliis autem partibus, brevioribus et modicis, telaque subter tecta sint: ita longa vero, ut utrinque ad terrain usque demi ttan tur: lata paulo magis quam ipsa lectorilia.

De libris, seu voluminibus ecclesiasticis.

[355]

Volumina divinorum officiorum usui addicta, utpote breviaria, lectionaria, et alia id generis in priori hujus libri parte enumerata, plane eiusmodi sint quale missale paulo ante demonstravimus.

De conopoeo.

[356]

Conopoeum tabernaculi sanctissimae Eucharistie, in Ecclesiis ritu Romano, e serico auro argentove intexto, vulgo brocato, vel e tela argentea aureave, aut saltem e serico simplici coloris albi. In Ecclesiis ritu Ambrosiano utentibus, ex eadem materia, at rubri coloris. Ample undique pateat pro tabernaculi maioris amplitudine: ita ut a summa briis etiam non anguste, sed longe latius decenter respondeat. Habeat vero, ut moris est, ab extremis partibus ornatum laciniarum decore contextarum.

Conopoeum vero baptisterii e serico albo sit, vel saltem (in Ecclesiis scilicet, quarum census tenuis est) e tela linea tenui; amplitudine autem, et ornatu ut supra. Appendatur et annectatur in ciborii summitate cruci subjecta.

De tabernaculo parvulo sanctissimae Eucharistiae.

[357]

Tabernaculum parvulum sanctissimae Eucharistiae, sit e auro, aut argento puro puto, eoque certis locis inaurato; aut saltem ex aurichalco constare debet, quod auri puri specie bene integatur.

Forma rotunda sit, et altitudine cubitali, aut maiori minorive pro tabernaculi magni ratione; amplitudine, quae hostiam amplam commode capiat.

Distingui debet certis spatiis intra columellas interjectis: quae columellae ornate fabrefactae, non impares (ne sacrae hostiae prospectum a latere impari impedian) sed pares, nempe quatuor, aut sex, aut octo esse possunt: quae si octo, bince collocentur.

A summa parte columellarum existere debet ornatos e zophoro corinthio (quod opus fregio vocant) et coronicibus constans: ita ut in eo tabernaculi fastigium semisphaerale aut pyramidale nitatur, adjunctis in una parte fastigii duabus fibulis, sive uncis, quibus fastigium cum zophoro connectatur, affixa in summo parvula cruce quadrata, aut imagine Christi Domini crucifixi, vel resurgentis.

Pes, quo tabernaculum hujusmodi sustentatur, in orbem latiuscule ductus, forma sexangula vel octangula sit, quo firmius et decentius haereat. Nodus in medio decore recteque ornatus, nihil vel minimum eminens habens, quo dum capitur incommode capiatur, aut digiti quidquam laedantur. A parte inferiori tabernaculi lamina orbicularis omnino argentea atque inaurata pro illius magnitudine esse debet: quae sensim a lateribus indeque circum in labiis eminens, fundum constituat; atque eiusmodi, ut cum usu venerit, amoveri queat.

In cujus laminae, fundive superiori parte, media affigi debet parva lunula aurea, vel saltem argentea inaurata duplex; quae brevi tenuique suffulcimento sustentata, a fundo paululum exstet; tantulo praterea spatio divisa, quantulum sacra hostiae crassitudo capit: eo item fabрили opere confecta, ut una alteri in sustentaculo firmiter apteque inserta, aliquando disjungi possit: quo accuratius, si quae fragmenta hostiae sacrae in parvulo illius medio spatio remanserint, colligantur.

A parte autem inferiori lamina haec parvulo tenuique tubo transversali constet; per quem spinula argentea ducta, eam laminam firmiter cum tabernaculo plane connectat.

Tabernaculo ita constructo, vas forma orbicular illius magnitudini apte conveniens, a summa parte clausum et solidum, ab ima vero apertum, e crystallo aut e vitro pellucido pretiosiori apparari debet: quod intra ipsas tabernaculi columellas inseratur: unde sacra hostiae prospectus esse possit.

De pixide.

[358]

Pixis, quae ad sanctissimam Eucharistiam recte pieque custodiendam adhibetur, ex auro, aut ex argento puro saltem, eoque inaurato fieri debet.

Quae pixis cum ex argento fit, si minus ab interior et exteriori parte auro non illinitur, saltem ab interiori parte illiniatur.

Cujus pes, ut manu facile firmiterque capi queat altitudine sit sex unciarum.

Nodus in medio decore recteque ornatus, nihil vel minimum eminens habeat, quo dum pixis capitur, incommode capiatur, aut digiti quidquam laedantur; praesertim quo tempore inter misse sacrum populo sanctissima Eucharistia ministratur, et illa indice et pollice conjunctis manu tenetur.

Vas seu cuppa, forma rotunda aut ovata profunda sit, et decenter pro profunditatis ratione ampla, infundoque medio paululum aliquid habeat, quod in orbem tenuiter emineat.

In summa pixide circulus tenuis a labro minimum distans insit, cui in orbem prominenti operculum innitatur.

Pixidis operculum forma itidem rotunda sit vel ovata, quae respondeat formae pixidis, quod in medio instar fere pyramidis exstet: ab uno et altero item latere parvulos tenuesque uncinos habeat, quibus in circulo apte includatur.

In eius summo crux parvula, aut imago Christi crucifixi vel resurgentis infixata haereat.

Ubi prae inopia aliud non potest, Episcopi iudicio, operculum, et pixis ex aurichalco aut stanno inaurato esse poterit.

De sacculo pixidis.

[359]

Sacculus in quem pixis includatur, cum sacra Eucharistia per loca montuosa, praeruptosque colles via difficili defertur, e serico villosa, beneque contexta sit, colore autem albo ritu Romano, sed rubro more Ambrosiano.

Intrinsecus circumvestitus tela bambacina, eiusdem coloris ut est sacculus. Altior paulo sit pixide quae includitur.

Fundum habeat firmiter consutum, bene crispatum, non quadratum, sed rotundum instar rosae.

A summa parte funiculos sericos, eosque sólidos certis foraminibus ita insertos habeat, ut cum ducuntur, sacculi os adstrictum bene cohaereat.

Qui funiculi ita oblongi sint, ut cum usu venerit, illis eolio appositis pixis inde pendeat.

De velis pixidis.

[360]

Vela pixidi aut tabernaculo minori adhibenda, auro, aut argento sint contexta; vel quod magis laudabile esset, aurea, aut argentea, fimbriis circumquaque ex eadem materia adhibitis. Eiusdem vero mensurae cum iis velis erunt, quae calicibus adhibenda praescripsimus, vel maiora pro pixidis magnitudine.

Vela maiora ad sanctissimae Eucharistiae deferendae usum auro pariter aut argento intexta, aut si quis velit, etiam aurea aut argentea, lata sint ut veli tela, longa cubitis sex.

De umbellis.

[361]

Umbellae, una scilicet ad sacra Eucharistiae contegendae, altera ad insigniorum processionum officium usui, e serico aut panno, auro argentove intexto sint. Umbella autem minus pretiosa e panno subserico, vel saltem e zambelloto confici poterit.

A superiori parte contectae sint tela bambacina, undique vero ornatum habeant duplicium fasciarum, quae duodecim circiter unciis longe pendeant, iisque fasciis consutae sint ab omni parte fimbriae filamentis satis prolixis. Porro inter utramque fasciam hastile inseratur, quod panno adaptatum et annexum, recte extendat latera umbellae. Cujus umbellae lateribus singulis, hastilia picta paribus inter se spatiis disposita, quibus illa tolli et gestari possit, quatuor plurave pro eiusdem umbellae magnitudine supponantur.

Sint vero umbellae rubri coloris, ubi ritus Ambrosianus est, at ubi Romanus, albi.

Tertia umbella, quae adhibenda est, ubi saepe per semitas et angustos tramites sanctissima Eucharistia fertur, eiusmodi sit, quae in orbem dueta, ac nonnihil fastigiata, late per diametrum pateat cubitis circiter tribus: fasciola praeterea circumdetur, quae ex eadem materia constans, filamentis appensis circulatim pendeat.

Sustentetur vero hastili uno, a cuius summo capite, tanquam a centro quodam, radii quidam lignei exeuntes umbellam undique fulciant. Sit porro hoc hastile in media parte ita flexum, ut cum ab eo qui post sacerdotem incedit sustineatur, in ipsius tamen sacerdotis caput ample diffundatur.

De laternis.

[362]

Laternae ad sanctissimi Sacramenti ferendi usum comparentur quatuor: quae ex ligno inaurato pictove, aut ex tenuissima saltem lamina ferrea constent; in iisque fenestellae apte dispositae cornu pellucido clausae existant; ferrumque praeterea intrinsecus promineat, cereis inserendis infigendisve accommodatum. Ut autem alte praeferantur, hastilibus longitudine quatuor cubitorum firmiter infixae haereant.

De cereostatis brevioribus.

[363]

Cereostata breviora, quae usui esse possint sacrae Eucharistiae associandae, ea forma apparari debent, quae cereoferariis longioribus praescripta est: at haec breviora esse debent, ut cum usu venerit, cereis insertis possint manibus gestari.

Colore vel rubro vel albo, prout Ecclesia more ulitur Romano, aut Ambrosiano.

De mappis ad usum sacrae communionis.

[364]

Mappae, quibus scabella oblonga ad sacrae communionis in Ecclesia ministrandae usum parata sternuntur, latae sint non minus cubitis duobus, longae vero, ut est scabellorum longitudo.

Mappulae autem breviores, quae ad eum usum parantur, cum in Ecclesia, vel aegrotis sacra Eucharistia ministratur, confectae sint puro et tenui texturae opere: longe pateant cubitos tres, late circiter duos, ac ne extremilates quidem fimbriatas habeant, praeter capita, quae certe exornari convenit.

De scabellis oblongis.

[365]

Scabella oblonga, quae usui sacrae communionis fidelibus in Ecclesia praebendae sunt, altitudine constent cubitorum circiter duorum, latitudine unciarum sexdecim: sintque condecenter dolata.

De vasis purificationis.

[366]

Vasa ad purificationis usum parata, caveatur, ne si aurea aut argentea sint, calicis formam exhibeant; neque vero similia item cyathis vinariis, e crystallo saltem conficiantur.

OEnophora e stanno parentur, ita ampla, quae purificationis vinum contineant: urcei item minores.

De cruce ad aegrotos ferenda.

[367]

Crux quae ad aegrotos fertur, ex auro, argentove, aut aurichalco, e ligno picto inauratoque praeclare confecta, eiusmodi sit, in qua Christi Domini imago decore expressa pietatem excitet.

De tabella gestatoria pacis.

[368]

Tabella gestatoria pacis, quae pretiosior est, ex auro, vel argento; minus pretiosa, ex aurichalco conflata,

aliquoque piaae caelaturae ornatu insignis, imaginem pietatis condecenter egregieque expressam exhibeat:

latitudine constet unciarum octo, longitudine duodecim circiter; a tergo manubrium habeat eiusdem metalli.

De superpelliceo.

[369]

Superpelliceum e tela lini, aut cannabi puri sit, eaque non rudi sed candida, non crassiori sed tenui potius.

Manicis ita oblongis, ut crispatae usque ad digitos summos pertingant; quae esse possunt cubitis circiter duobus vel circa; late autem patentibus in orbem cubitos circiter quatuor.

In ipso ore forma rotunda potius quam quadrata, latum pro capitis crassitudine.

A pectore nullo modo scissum, aut dissectum.

Longe ductum infra genua, atque adeo fere usque ad crura media.

Late pateat ab extremis oris in ambitum cubitis circiter tredecim vel circa, ab humeris cubitis octo circiter, ita ut apte consutum et crispatum decenter appareat, pro humerorum latitudine, corporisve crassitudine.

A nulla parte neque nimis, neque affectata artificiosi operis elegantia elaboratum, ab humeris praesertim non specioso artificii ornatu.

De vasis instrumentis quae in sacristia reconduntur.

[370]

Vas ad usum aquae benedicendae paretur, quod non luteum, non testaceum fictileve sit; sed aereum, stannoque intrinsecus illutum; binis ansis, et ore patenti ampleque constans, fundo item paulo quam os angustiori; ita tamen, ut firmiter vas haerere possit.

Polubrum, vas scilicet lavandis manibus sacerdotis, et vasculum item aquae infundendae aptum, cum is extra missae sacrum aliqua sacra ministeria obit, condecenti congruentique inter se opere sint, ac magnitudine: ex argento autem conflentur, aut saltem e stanno pretiosiori; tum piaie alicujus caelaturae, aut incrustationis ornatu constant.

Mantilia grandiora (quae, praeter ea quae in sacristia appendenda sunt ad abstergendas manus extra altaris usum parari debent) filo non crasso nimis intexta, et ab omni parte condecenter cxornata sint, tum ab utroque etiam capite filamentis adjunctis. Longe pateant cubitis tribos, late vero, quanta sane est telae latitudo.

De vasculi sacrorum oleorum in plebana Ecclesia.

[371]

Vascula sacrorum oleorum ubi plebanae Ecclesiae, grandia sint pro Ecclesiarum quibus distribuenda sunt numero.

Quae vascula argentea sint, aut saltem e stanno pretiosiori, litteris ut infra inter se distincta: quibus singula sacra olea internoscantur.

Instar phialae sint, operculoque duplici integantur; uno quod in os vasis inseratur, altero quo vasis collum extrinsecus tegatur: quod utrumque in gyrum oblique torqueatur: ut iis ita firmiter opertis, oleum sacrum effundi nequeat.

Capsulam habeat, quae servandis portandisque sacrorum oleorum vasculis usui sit, cum ad ea ab Ecclesia cathedrali accipienda stato Paschae tempore mittetur.

Ea capsula e ligno sit, in tresque partes distincta; ut in singulis partibus unumquodque sacri olei vasculum cum bambacio apte collocetur.

Corio decenti undique pro integumento muniatur, ornatuque serico rubro intrinsecus circumvestiatur.

Operculum habeat ejusmodi, quod extrinsecus planum non sit, sed forma paulo eminentiori.

Clave et sera ita claudatur, ut cum ad accipienda sacra olea portatur aperta tradita, possit a cathedralis Ecclesiae ministro, postquam is olea tradiderit, claudi digito paululum a superiori eius parte presso: nec aperiri subinde alia clave queat, quam illa ipsa, quae apud praepositum asservatur.

De vasis sacrorum oleorum in parochiali Ecclesia.

[372]

Vascula parochialis Ecclesiae ad usum sacra olea servandi, ubi prae inopia ex argento fieri non possunt, e stanno puro, eoque nobiliori fient: tum perpolita mundaque omnino sint.

Tria autem parentur, forma rotunda, atque ejusmodi, quae inter se nulla plane dissimilitudine sint: atque sic quidem apte coagmentata conjunctave, ut trianguli figuram exhibeant.

lis omnibus vasculis simul contegendis operculum unum solidum adhibeatur, ita confectum, ut et paululum vasculorum contegendo undique capiat, et cum illa

operiuntur, hoc non disjungatur; sed in una parte fixum haereat; totumque vasculorum opus aperiatur.

Id operculum, etsi totum solidum unumque est; triplici tamen circulo distinctum, triplicique concavitate ab interiori parte constans, rursus ab exteriori paululum eminens (quae concavitas usui sit ad reponendum bambacium, quo sacrum oleum opertum est, cum illud postea ad ministerium adhibetur) et intrinsecus et extrinsecus in unoquoque circulo litteras aperte expressas habeat, quibus uniuseujusque sacri olei vasculum distincte internoscatur.

In primo vasculo sacrum oleum chrismatis asservetur.

In altero oleum catechumenorum.

Operculum vasculi sacri chrismatis insculpitur his litteris: CHR.

Alterum quo vasculum olei catechumenorum insculpitur: CATH.

In tertio vase, alteram vasculum quod minusculum sit, ex argento, aut stanno, aut e salice inseratur, opercule contectum. In hoc ipso vasculo sal asservetur, ut cum sal renovari opus est, hoc exiguum vasculum inde tuto depromatur, ac periculum evitetur sacri olei effundendi, aut sale permiscendi.

Cotyla praeterea, quam scatulam dicunt, e nuce aliave materia solida opere tornatili cum operculo fiat, totaque corio contegatur; cujus operculum corio item intectum, ornatu aliquo impresso atque inaurato coretur.

Tum scatula et operculum a parte interiori aliquo ornamento serico albo vestiatur.

Quae ita confecta sit, ut paulo depressior sit quam vasculi altitudo, quo facilius aperiatur, neque necesse sit inde depromi.

Sacculus e serico confectus sit albo colore: si quando usu venerit in locis montuosis facultate ab Episcopo data baptismum ministrari in alia Ecclesia, quam in parochiali quae remotior sit.

De vasculo extremae unctionis.

[373]

Vasculum sacri olei extremae unctionis ex argento aut stanno pretiosiori sit, idque a reliquis sacrorum oleorum vasculis separatum.

Cui operculum in medio paulisper concavum affixum ita sit, ut, cum vasculum aperietur, non disjungatur.

Eius inscriptio haec sit, EXT. UNC.

Ad hoc vasculum asservandum scatula item ut supra adhibeatur.

Sacculus item sericus coloris violacei, cujus forma sit eadem, quae sacculo praescripto vasis chrismatis, et sacri olei catechumenorum constituta est.

Fundum habeat forma non quadrata, sed rotunda instar parvulae rosae; cordulas item sic oblongas, ut parodio animarumve curatori usui esse possint ad vasculum collo appendendum.

De vase ad aquam baptismalem ferendam accommodato.

[374]

Ut certum vasculum sit, quo et in urbe e cathedrali, et in dioecesi e praepositurali plebana Ecclesia in sabbato sancto vigiliaque Pentecostes ad unamquamque parochialem Ecclesiam aqua baptismalis afferatur, parochi singuli phialam parvulam ex argento aut e stanno pretiosiori dedita opera confectam sibi comparent, quae huic solum, neque alii praeterea usui sit.

Haec porro phiala eiusmodi sit, quas duas tresve uncias aquae capiat: habeat praeterea tum operculum catenula minuta affixum, quo in orbem ubique versatili integatur; tum alteram item catenulam operculo unciis tribus altiore, quae illi deferendae usui esse possit; adjuncta huic catenulae cordula serica, quae dum affertur, a collo sacerdotis ferentis pendeat.

De vasculo in quo sacrae hostiae asservantur.

[375]

Vasculum quod sacris hostiis asservandis paratur, ex operculo constans, forma rotunda sit, ex argento, aut saltem ex polito ligno tornatili aliave decenti materia, decoroque item ornatu et opere confectum: intrinsecus vero serico panno vestitum.

Late pateat uncias quatuor pluresve, ut hostiae inde promi commode possint.

Alterum item vasculum minoribus hostiis asservandis paretur, quod ex eadem materia, eodem opere, eodemque ornatu constet; at amplitudine maiore, nempe sex, pluriumve unciarum per diametrum ducta, ut pro ratione loci plures hostias capere queat.

De vase ad usum abstergendi calices, et lavandi corporalia.

[376]

Vas ex aurichalco confectum aut aeneum paretur instar pelvis, binis manubriis constans, atque ab uno labro ad aliud cubito uno et unciis octo pluribusve, pro ratione ecclesiae; supellectilis, undique amplum, oreque eminenti, per quod quasi per canalem aqua inde paulatim in sacrarium effundi possit. Quod vas usui solum sit abstergendi calices, et lavandi corporalia.

De capsulis corporalium, et purificatoriorum.

[377]

Capsulae corporalium, e specioso ligneo, aut certe condecenter ornato sint: intus vero serico, aut tenui panno lineo circumvestitae; forma vero quadrata.

Capsulae item purificatoriorum itidem vestita; atque expolitae

De tapeto usui sacerdotis sacras vestes induentis.

[378]

Tapetum decens paretur, quo is sacristiae locus sternatur, ubi sacerdos sacrum facturus se induit.

Ubi vero prae inopia non potest, loco tapeti tabulatum instar clathrati operis sit, a pavimento alte exstructum unciis sex; ita tamen exiguis foraminibus quadratis, trium scilicet unciarum tantum, plenum sit, ut stantis sacerdotis pedes non offendat.

De mantilibus usui abstergendarum manuum.

[379]

Mantilia quae abstergendis manibus usui in sacristia parantur, eo opere quod Damascenum dicunt confecta sint; tanta latitudine constant, quanta est propria telae latitudo; longitudine vero cubitorum octo, aut plurium pauciorumve, pro loci altitudine,

depressione. Haec porro mantilia tornatili ligno, quod alte collocatum, beneficio ferri quo trajicitur, circumvolvatur, extensa imponentur.

Quorum mantilium capita eatenus demissa sint, ut hominis stantis usui esse possint; funiculis vero insertis hinc inde colligentur, ut per tornatile lignum circumduci queant.

De tabellis quae in sacristia affiguntur.

[380]

Tabellae, quae multiplices variaeque mox supra praescriptae in sacristia affiguntur, non querneae, non nuceae, neque denique e ligno subobscurum sint; sed ex abiete, aliave id generis arbore albicante: ut ne litterarum paginae quae illis agglutinabuntur, reddantur obscuriores, sed illustres potius, ex albedine ligni cui affiguntur.

Ad quarum tabellarum ornatum coronices ab omni parte adhibeantur; eaeque expolitae, aut praeclare pictae, aut etiam inauratae, pro ratione paginarum quae ipsis tabellis affiguntur.

De suppellectile officiorum funeralium.

[381]

Coenotaphia, quas tumbas dicunt, in divinorum officiorum pro mortuis celebritate adhibenda, aut in arcum, aut in acumen ducta esse possunt.

Stragulum coenotaphii, ad basim scilicet sternendam, quae coenotaphio subjici solet, e panno saltem laneo coloris nigri paretur.

Aut vero basis nigro colore pingatur, crucibus etiam, mortuorumque capitibus albis appictis.

Pallium vel tegendi cadaveris, vel coenotaphii sternendi usui paretur; hoc coenotaphii sine cruce; illud vero cadaveris crucem albam in medio habeat.

Utrumque porro sit colore nigro, ac, nisi pretiosius quis malit, e panno serico villosa, quem villutum dicunt, aut saltem laneo contextum.

De crucibus coenotaphii.

[382]

Cruces coenotaphii, ex aurichalco saltem, aut ex ligno etiam decore picto conficiantur.

Quae cruces ut recte stent, bases marmoreae, aut saltem ligneae, ad eas apte sustentandas parentur, in quarum medio foramen rectum insit, quod earum hastile capiat.

Sint vero a parte transversa latitudinis cubitorum duorum; a recta longitudinis tolidem praeter manubrium.

De candelabris coenotaphii.

[383]

Candelabra coenotaphii ex ferro conflentur; altitudine constent cubitorum duorum et dimidii; suffulcianter firma base, quae instar tripodis, aut alterius firmioris generis sit, ne forte prae pondere et longitudine cereorum facile corruant: orbem praeterea e lamina ferrea conflatum a superiori parte habeant; cujus orbiculi extremitas sursum revocata, ceram defluentem contineat.

Super hoc item orbiculo apex ferreus infixus exstet; cui vasculum inseratur, ad cereos excipiendos apte accommodatum.

De alia supellectile instrumentali.

[384]

Tripus ad thuris adolendi usum, cum missae, et vesperae solemniter fiunt, e patella, aut vase focario constet; in quo ignis prunave accensa teneatur: e ferro autem, aut ex aurichalco sit.

Cui tripodi adjungatur etiam cochleare cum manubrio adunco et forcipe ad prunam excipiendam.

Vasa in quibus oleum ad usum lampadum recondetur, e lapide sint, aut e querno saltem ligno; operculis item constent apte compositis.

Guttus olearius, in quem scilicet e vasibus oleum infunditur, e stanno, aut saltem ex ferrea lamina tenui confectus, ore satis patulo sit; e quo oscillum excitetur rostri instar, per quod tenui fluxione oleum in lampades transeat.

Infundibulum eiusmodi sit, quo oleum ex vasibus lapideis querneisve haustum in guttum effundatur: cujus infundibuli manubrium extremum reflexum sit, ut appendi possit.

CAPUT

AD DUOS HARUM INSTRUCTIONUM LIBROS PERTINENS.

[385]

Haec de Ecclesiae fabrica, tum interiori tum exteriori, ac de suppellectilis praeerea ecclesiasticae ratione formaque, duobus harum instructionum libris nos complexi, edimus ad provinciae nostrae usum.

In omni autem (ut decretis provincialibus sancitum est) Ecclesiae, cappellae, altaris, aedificiique alterius ecclesiastici exstrukione facienda, instauranda, resarciendave in omni ecclesiastico ornatu, et sacrae suppellectilis apparatu, ratione ac forma etiam his instructionibus quocumque modo demonstrata praefinitave, ab iis quorum interest, Episcopi sui iudicium, et consilium, assensusque adhibeatur; ut cum omnia ad divinum cultum pertinentia illius iudicio dirigantur; tum ipse etiam accurate videat, ut omnia et singula, quae his duobus libris comprehensa aut demonstrata sunt, quoad eius fieri potest, recte conformentur harum nostrarum instructionum praescriptis.

Quoniam vero quae hoc et illo superiore libro praescripta sunt, prae sumptibus, aliave difficultate, in unaquaque Ecclesia non omnia singulave statim et uno eodemque tempore praestari fartasse poterunt: idem Episcopus pro sua prudentia dispiciet ac statuet, quae primum, quae deinde magis necessario paranda conficiendave, quae post item, et quae ultimo loco pro ecclesiarum ratione, proque opportunitate praestanda ordine sint, sive ad fabricam, sive ad suppellectilis modum usumque pertineant: ita ut demum quantum fieri potest, singulae Ecclesiae, cappellae, altaria, et partes etiam singulae aedificatae, restitutae, instauratae, instructae, exornataeque sint ad harum instructionum praescriptum.

ANEXO III

Algumas datas importantes:

12.10.1534 a 10.11.1549	Pontificado do papa Paulo III
02.10.1538	Nascimento de Carlos Borromeu na cidade de Arona.
13.12.1545	Sessão inaugural do Concílio de Trento.
18.02.1546	Morte de Lutero
13.10.1547	Carlos Borromeu recebe o hábito clerical e a tonsura.
29.11.1549 a 29.03.1555	Pontificado do papa Júlio III
1552	Ingresso de Carlos Borromeu na Universidade de Pavia.
09.04.1555 a 01.05.1555	Pontificado do papa Marcelo II
23.05.1555 a 18.08.1559	Pontificado do papa Paulo IV.
1559	Carlos Borromeu recebe o diploma <i>in utroque iure</i> .
26.12.1559 a 09.12.1565	Pontificado do papa Pio IV.
31.01.1560	O tio de Carlos, o papa Pio IV o chama até Roma. É nomeado cardeal.
21.12.1560	Ordenação diaconal de Carlos Borromeu.
07.12.1560	Nomeação de administrador da arquidiocese de Milão.
19.11.1562	Morte do irmão Frederico.
17.07.1563	Carlos é ordenado presbítero.

04.12.1563	Fechamento da última Sessão do Concílio de Trento.
07.12.1563	Ordenação episcopal de Carlos Borromeu.
12.05.1564	Nomeação de Carlos como arcebispo de Milão.
23.09.1565	Ingresso solene na cidade de Milão.
15.10.1565 a 03.11.1565	I Concílio Provincial.
09.12.1565	Retorno a Roma. Morte do papa Pio IV.
07.01.1566 a 01.05.1572	Pontificado do papa Pio V.
1566	Pellegrino Tibaldi se estabelece em Milão.
08.1568	II Sínodo Diocesano.
1569	II Concílio Provincial.
26.10.1569	Tentativa de assassinato de Carlos Borromeu por parte de Gerolamo Donato (o “Farina”).
13.05.1572 a 10.04.1585	Pontificado do papa Gregório XIII.
1573	III Concílio Provincial.
12.1574	Ida para Roma de Carlos Borromeu: aí participa do Jubileu.
02.1575	Jubileu em Milão.
1576	IV Concílio Provincial
08.1576 a 01.1578	Peste em Milão.
1577	Publicação das “Instruções” de Carlos Borromeu sobre a Fábrica da igreja e as alaias Eclesiásticas.

20.10.1577	Consagração do Duomo por Carlos Borromeu.
1578	Fundação dos oblatos de Santo Ambrósio.
1579	V Concílio Provincial.
12.1580	Carlos confere a tonsura ao seu primo Frederico, futuro cardeal e Arcebispo de Milão.
1582	VI Concílio Provincial.
03.1584	Lançamento da Pedra fundamental do santuário de Rho (Progeto de Pellegrino Tibaldi).
1584	Fundação da Fraternidade do Rosário.
01.11.1584	Última celebração em Arona.
03.11.1584	Morre, à noite, em Milão.
02.1601	Apresentação, por parte dos Oblatos, dos atos relativos aos milagres de Carlos Borromeu.
1604	Embaixada em Roma para promover o processo de canonização.
01.11.1610	Canonização de São Carlos Borromeu. Dia da memória: 04 de novembro.